A OPOSIÇÃO SINDICAL NO EXÍLIO
(ensaio sobre fontes da autogestão no Brasil)

Cláudio Nascimento

Índice:

1.Introdução: pelas “encruzilhadas da vida” .

- capitulo 1=

2. FGM-CFDT :” sindicalismo:autonomia e autogestão”.

- capitulo 2=

3.Contextos : os ciclos de lutas autogestionarias :

.Europa, Leste europeu, África :
(França,Bélgica,Portugal, Espanha, Itália. Polônia,Thecoslovaquia, Yugoslavia e Argélia)

.América Latina :
(Bolívia,Peru,Chile,Argentina , Brasil)

.sindicalismo mundial, o ‘não-alinhamento’.

.o sindicalismo de ‘tipo sovietico’.

- capitulo 3=

4.O GAOS (programa, ações e documentos)

- capitulo 4=

5.”Rencontre Internationale” (Bruxelas)=

. palestras:

Roland Frati : “ A Historia da Classe Operaria no Brasil”.
Luiz Cardoso: A Solidariedade Internacional.
Helio Bombardi: as Oposições Sindicais e as greves de 1978
Zé Pedro: as greves de 1978
Manuel da Conceição: as lutas no Campo.

- capitulo 5=

6.Rencontre de Paris (documento –relatorio)

7.Anistia e retorno= formação política, autogestão

- capitulo 6=

-CEDAC(documentos, cartas,cursos)

-"Experiencias Comunitarias de Produção" (anos 80)

-PT: socialismo autogestionario (RJ e SC)

-Ensaio para Revista "Autogestion et Socialisme"

- capitulo 7=

8.Anexos:

-Rolando Frati: O Movimento Operário Brasileiro.

-Manuel da Conceição: Princípios da Oposição Sindical.

-Documento da "Tendência Leninista da ALN".

-Jose Ibrahin e Barreto: " Balanço da Greve de Osasco".

-Documento "Contribuição para um Programa de Ação Sindical" (CEDAC).

---

1. Introdução

A OPOSIÇÃO SINDICAL NO EXILIO

(sindicalismo ,autonomia e autogestão)

Em memória de :
Rolando Fratti,José Ibrahim, Afonso Delelis, Roberto de las Casas, Ironi Cardoso, Jose D.Cardoso{Ferreirinha].

Em homenagem a: Luis Cardoso (Luisão),Piragibe Castro Alves e Roque Aparecido.

-Introdução:

Pelas "encruzilhadas da vida".

Em novembro de 1970 cheguei ao Rio de Janeiro , no "pinote" como falou o "doutor" no DOI-CODI ,na rua Barão de Mesquita.Vinha do interior de Pernambuco, de cidade conhecida como a "princesinha do agreste",ou, Caruaru,da famosa feira cantada por Luiz Gonzaga.

No final dos anos 60, tinha sido 'aliciado' por um amigo para o PCBR*.Incorporado ao chamado "Esquema Rural" que visava implantar a guerrilha rural nos territorios da Zona da Mata e no Agreste pernambucano.

Em novembro de 70,quando das eleições ,varias organizações de esquerda que estavam na luta armada,desenvolviam a campanha de "Voto Nulo",com o slogan de "Eleição é tapeação, luta armada é a solução".Estavam aglutinadas na "FREPE" (Frente Revolucionaria Popular).

Antes das eleições de novembro, a repressão fez um verdadeiro "arrastão" em todo o pais: prendeu toda e qualquer pessoa suspeita de 'subversão'. Em um primeiro momento, escapei do "arrastão" , que pegou mais de 40 pessoas em Caruaru,o que era muita gente para a conjuntura daquele momento de refluxo e terror. Mas, em seguida, fui avisado que meu nome estava numa lista e com suspeição de militar em alguma organização (na época tinha caído um 'volante' pras bandas de Palmares que falou algo sobre alguém em Caruaru, mas não sabia o nome).

Marquei um 'ponto' com meu responsável numa praça da cidade.Lá chegando encontrei Luiz Alves Neto e sua esposa Anatalia Alves.As alternativas que tinha no momento: ir para clandestinidade (e ,Luiz dizia que isto duraria uns 6 meses até 'cair") ou fugir pro Sul,onde poderia retomar contato com o BR. Escolhi a segunda opção!

Assim, cheguei ao Rio com Leonor,minha esposa.Era novembro de 1970.No dia 15 desse mês, justifiquei meu voto na cidade de Itaguaí,na zona rural do RJ,perto de Mangaratiba,também conhecida através de uma bela musica de Luiz Gonzaga.

Esta etapa de minha vida, inicada em 1965 no Movimento estudantil,foi encerrada em abril de 1973,quando fomos 'sequestrados' pelos agentes do DOI-CODI do I Exercito-RJ, em nosso apartamento ,alugado na Rua Hermenegildo de Barros,na subida para Santa Tereza,em seguida à Rua Candido Mendes,no bairro da Glória.

Libertado,para responder em 'liberdade' o processo militar ,fui ,em 1975 ,trabalhar na Documentação do CEDI,no Cosme Velho.No CEDI,encontrei militantes de varias origens.Através do Padre Agostinho Preto,entrei em contato com a Pastoral Operaria Nacional.Iniciamos um trabalho de 'formação politica' pelo Brasil afora,com oposições sindicais ,pastorais,movimento popular,etc.

No final de 1978,após as greves no ABCD paulista, vários militantes fundaram em Assembléia no bairro da 'Posse",na Diocese de Nova Iguaçu, o CEDAC. Vínhamos discutindo sua Plataforma em varias atividades no pais.Era um outro momento: trabalho 'organico' com o movimento operário,popular e sindical;formação de base,articulação e organização.

Deste trabalho, foi criado um programa de "Formação Sindical",sobretudo,com Oposições Sindicais,em vários Estados.

Militantes que trabalhavam no CEDAC,oriundos de organizações da Igreja Católica, tinham contatos com exilados na Europa.Alguns tiveram papel determinante na experiência da Oposição Sindical no Exílio,no Grupo de Apoio a Oposição Sindical (GAOS).

Façamos um breve parênteses para começarmos a situar o GAOS (grupo apoio a oposição sindical) em relação à CUT.

CFDT e CUT

O numero 71 de "La Revue de la CFDT" (maio-junho de 2005) foi dedicado as relações entre as duas Centrais Sindicais. O editorial afirma que , " Um aspecto dos mais desconhecidos da historia da CUT reside nos vínculos que se estabeleceram com a CFDT, já desde o inicio e mesmo antes da existência formal da central brasileira (...)Os primeiros vinculos foram estabelecidos entre os sindicalistas franceses e os militantes brasileiros refugiados na França e na Europa . A Federação francesa da metalurgia deu seu apoio nomeadamente à oposição sindical brasileira ao hospedar no seu prédio um escritório desta oposição e ao financiar seu boletim".

Para preencher esta lacuna, a CFDT promoveu um debate entre militantes franceses e brasileiros,que resultou na publicação do Dossiê intitulado "CFDT-CUT,uma solidariedade sindical em ato", traduzido e publicado pela CUT. Especialmente o depoimento de Maria Silvia Portella de Castro, quando faz referencia a dois fatos fundamentais nesta relação entre as duas Centrais:

1) “Lembremos que os primeiros contatos entre brasileiros e franceses.Eles se estabeleceram graças às redes cristãs,por intermédio da FNT e das redes da JOC”.

2) “Em 1979,dentro do objetivo de reforçar a dinamica criada pelas greves gerais de 1978, UMA DELEGAÇÃO de militantes sindicais da Oposição sindical viaja para Europa(...) A delegação era composta de três metalúrgicos,dentre os quais José Cardoso, o “Ferreirinha”, assim como meu irmão Antonio Portella de Castro,militante do setor bancário”.

Nosso ensaio busca ,de forma sistemática, as origens a evolução e o desdobramento desta relação da CFDT com a Oposição Sindical , cujo grupo na Europa se intitulava de GAOS.O centro do nosso trabalho é mostrar como se deram as’afinidades’ entre os militantes dos dois paises e ,com destaque,para o Encontro de 1979 , realizado em Bruxelas.

Desta forma, visamos reconstruir a experiência do GAOS [GRUPO DE APOIO A OPOSIÇÃO SINDICAL],incorporando-a à memória social dos trabalhadores brasileiros, buscando os laços da vocação internacional do movimento sindical/operário cutista.

Por outro lado, com o ‘renascimento’ dos debates sobre a autogestão no Brasil, a partir das ascensão do movimento da Economia Popular e Solidária, na segunda metade dos anos 90, este ensaio pode ser tomado como contribuição para estudo das fontes da autogestão em nosso pais.Os debates recentes mostram a necessidade de buscar as raízes das diversas matrizes que circulam no campo da Economia Popular e Solidária, movimento social que porta em seus princípios fundamentais elementos da autogestão.

Dois dos militantes da experiência do exílio, foram particularmente importante na minha formação política e humana: ROLANDO FRATI e FERREIRINHA, vindos de origens e gerações distintas.

O “velho” Frati (Rolando Frati), nascido em SP,entrou no PCB em novembro de 1937,em plena ditadura do Estado Novo getulista ,após 10 anos de militância no movimento operário.Foi vice-presidente e secretario do Sindicato dos Trabalhadores da Industria de Produtos para Construção Civil,da capital de SP.Em 1937,era o presidente deste Sindicato.Participou de todas as lutas do movimento operário :desde a insurreição cívico-militar de 1930, na organização de Comissões intersindicais de empresa, nas discussões que anteciparam a fundação da “União Sindical” de SP.,nas lutas contra o Integralismo iniciadas em 1933,na Campanha pela Constituinte de 1934,nas ações da “Aliança Nacional Libertadora”,desde sua fundação até seu fechamento em 1935,na campanha eleitoral de 1937 e depois do golpe de 37 (Estado Novo),nas lutas contra o fascismo,pela Anistia,por uma Assembléia Constituinte.
Como gostava de lembrar: “participei de todas as lutas da classe operaria eté o momento de minha 12ª prisão em maio de 1969”.Esta se deu devido a militancia na ALN,a qual ajudou a fundar. O rompimento de Frati com o PCB, foi pelo Agrupamento Comunista de São Paulo, em 1967, quando junto com Camâra Toledo , Carlos Marighella, Rafael Martinelli,e outros ,participou da fundação da Aliança de Libertação Nacional (com codinome “Ramon”, codinome do Che na Bolivia). Preso em 1969 e, em seguida, banido do pais quando do sequestro do embaixador norte-americano.Na Europa, foi da coordenação do grupo do GAOS na Italia, em Emilia Romagnia.

Pelo seu modo de ser irreverente e radical ,em certos momentos,tensionou o grupo,sobretudo,quando participavam dirigentes sindicais do 'Partidão",como Afonso Delelis, ou os membros exilados do 'comite sindical do Comitê Central',Hercules Correia,Tenorinho,Gregório Bezerra,Lindolfo Silva.Perguntava-lhes antes do inicio das reuniões, se ainda eram 'pelegos'!

Ferreirinha (José Domingos Cardoso),nascido em SC, operario do setor téxtil ,militante da JOC desde os anos 50 , militante da Oposição Sindical metalurgica exilou-se em 1973 ,fugindo da repressão.Sua esposa,ironi Cardoso ficou presa e grávida no RJ. Neste periodo,Ferreira foi indicado para compor a equipe internacional da JOC ,passando a residir em Bruxelas e depois, em Paris. Foi da coordenação do grupo do GAOS de Paris.

Pelo seu modo de ser alegre e sorridente,foi peça fundamental para compor a diversidade que era o GAOS.

Retomemos nosso relato inicial,com o objetivo de esclarecer nosso contato com a experiência do GAOS.

Retomando o 'fio da meada': na segunda metade da década de 70, iniciamos, pelo CEDAC,uma assessoria `a Oposição Sindical Metalurgica de Volta Redonda. Todas as semanas tinhamos uma atividade formativa com os trabalhadores. Era um grupo formado por ativistas da ACO e de organizações de esquerda. Participavam, entre tantos outros, a famila de Emidio , sua esposa Jandira ,e seu filho Wagner. Na direção do sindicato, a figura de Juarez, então , tido como pelego pela oposição sindical metalurgica.

Em 1979, extraimos de um jornal["Em Tempo"] uma noticia plantada: tratava-se do Encontro da Oposição Sindical, em Bruxelas. A materia foi discutida e distribuida com os metalurgicos da oposição em Volta Redonda. Surtiu um grande efeito: a OS não era um fato isolado! Já tinha conhecimento da brochura "Sindicalismo Brasileiro", editada pela BASE-FUT de Portugal. Era a tradução da brochura editada pela Montholon/CFDT, "Sindicalisme Bresilien". Trabalho feito pelo GAOS, redigido por Alfred Herve com ajuda de Ferreirinha.

Neste mesmo ano, voltando de uma das atividades em Volta Redonda, conheci na casa do padre Agostinho Pretto, em São Cristovão, um militante que vinha do exilio e que fazia parte do GAOS: era Ferreirinha, que Agostinho me apresentou como sempre o chamou, de "José". Seu nome: José Domingos Cardoso. Falamos do trabalho com a OS em Volta Redonda; queria saber o que discutiamos e como o faziamos. Preocupava-lhe tanto o conteudo, que nos diferenciasse de outras concepções sindicais, quanto a metodologia, pois vinha da JOC de Cardjin, da metodologia do "ver , julgar e agir".

Nesta mesma semana, Ferreirinha estava na organização da greve dos metalurgicos do Rio; em Nova Iguaçu, na Assembleia local, houve muita tensão e mesmo cadeiradas entre os militantes."José", me parece, se espantou um pouco , pois na Europa era diferente , não se chegava as vias de fato ,entre companheiros! Depois, se acostumaria, pois a oposição metalurgica do Rio enfrentaria Pimental, que mobilizaria à seu serviço , alguns "marginais" do morro próximo ao Sindicato; sem falar no MR8, que passaria para uma postura agressiva em relação as oposições sindicais.

A partir desta data, no CEDAC, Ferreinha iniciou o trabalho de articulação, a nivel nacional, pela construção de uma Central Sindical. Mesmo a militancia na fundação do PT, não nos afastou deste objetivo.Participamos juntos do núcleo de base do PT,que funcionava no prédio do Largo do machado,sede do CEDAC,agregando militantes do bairro Catete,Gloria e Laranjeiras.Juntos fomos delegados para o Encontro de fundação do PT no Estado do Rio, no Palácio Tiradentes,perto da praça xv.Ferreira foi para fundação nacional do PT,no encontro em São Paulo. A concepção de autogestão nos levava a postura de minimizar a função do partido.

Em 1980, em reunião promovida pelo grupo do MOSM-SP ,em São Paulo, Ferreirnha, Ibrahim e outros militantes defenderam a proposta de um ENTOES, apesar da ideia dos metalurgicos do MOSM-SP de um ENOS (articulando apenas as oposições sindicais do Brasil).O ENTOES significava, ao contrario, a articulação entre "Sindicalistas Autenticos" e as oposições Sindicais. Apesar do fracasso politico do Encontro Nacional,em Nova Iguaçu, muitos ENTOES foram realizados nos Estados, mobilizando e conscientizando milhares de trabalhadores do campo e da cidade para o processo de construção da CUT. Foi um ponto de inflexão e, um salto de qualidade na luta.

Prosseguindo nosso relato ,em 1980, no contexto da onda de terrorismo que assolou o Brasil,e que,no RJ , culminou com o famoso atentado terrorista do RIO CENTRO ,tivemos nosso apartamento,na Gloria, bairro da cidade do Rio de Janeiro, invadido. Há seis meses que era constantemente seguido por alguém do DEOPS.Estava em intensa ação na construção da Central Sindical. Tinha feito um giro imenso pelo interior do Parana [Pato Branco, Francisco Beltrão, Medianeira, Apucarana],em um Volks dirigido pelo saudoso Claudino Verenose da ASSESSOAR, para contatos com militantes das oposições sindicais, campo e cidade, que pudessem participar do ENTOES. Na volta deste trabalho, adoeci [constantemente tinha problemas de saude em consequencia da prisao em 1973) e fui para casa de meus pais, em Recife, para me refazer. Lá soube da invasão no apartamento.Voltei e, com Lisaneas Maciel e Modesto da Silveira, além de Dom Celso (da CNBB) e um companheiro da Pastoral do Trabalhador , Ari, fomos ao apartamento: paredes pichadas com suasticas, livros marxistas rasgados e pichados de vermelho, além do roubo de eletrodomesticos.
Uma conjuntura "oculta" fazia parte deste cenário: o processo movido pela OAB contra os assassinos do dirigente do PCBR Mario Alves,em 1970 no DOI-CODI do RJ. Essa ação da OAB levou a que grupos de extrema-direita,civis e militares,perseguissem ex-militantes do BR.

Nos livros "Combate nas Trevas",de Jacob Gorender fundador e dirigente do PCBR e no "Dossiê Ditadura,mortos e desaparecidos políticos no Brasil-1964-1985",publicao em 2009 pelo IEVE e a "Imprensa Oficial" do Governo de SP,achei dados que explicam essa perseguição aos militantes do PCBR,ainda no inicio dos anos 80:

"O assassinato de Mario Alves teve duas sequelas trágicas.A primeira(...) resultou na morte de Salatiel Teixeira Rolim, justiçadoo por um comando do PCBR.A segunda ocorreu em agosto de 1980, quando duas cartas-bomba explodiram simultaneamente : uma na sede da OAB no Rio de Janeiro; a outra no gabinete do vereador carioca Antonio Carlos de Carvalho.A bomba enviada à OAB matou a secretaria Lyda Monteiro da Silva.No gabinete do vereador,um funcionário ficou feridoo e mutilado.A autoria dos atentados não pode ser esclarecida:ainda vivíamos sob a ditadura militar.Mas,em 196,o presidnete do Conselho Federal da OAB,Francisco Fernando Uchoa,deyterminou nova investigaçãoo do caso,entregue a detetives particulares. O relatório conclusivo da investigação apontou COMO RESPONSAVEIS PELOS DOIS ATENTADOS UM GRUPO LIGADO AO DOI-CODI DO I EXERCITO (grifo nosso),constituido por nove militares e três civis (incluindoo coronéis e um tenete-coronel). A motivação dos crimes residiu no intento de matar e intimidar o então presidente da OAB,Eduardo SEABRA Fagundes,e o vereador Antonio Carlos de Carvalho,que conduziam investigações sobre a morte de Mário Alves e pretendiam revelar os nomes dos responsáveis".

Foi neste contexto de terrorismo militar-civil,e , com a saude debilitada e as incertezas da conjuntura, que varios companheiros (um "coletivo sindical" com nomes da vários dirigentes assinaram um documento para CFDT) conseguiram que fossemos para França, para um estagio de formação sindical na Europa, com base na CFDT. Só voltei quando do congresso da CUT (agosto de 1983).

Assim, o destino me levou ao palco em que os militantes sindicais desenvolveram o trabalho do GAOS. Ainda participei da última etapa do Boletim Bresil des Travailleurs e de experiencias de intercambio latino-americano do CEDAL*. Quando voltei, trouxe a fita das gravações do ENCONTRO na Belgica. São duas fitas, tipo rolos de filme; cerca de 11 horas de gravação. Uma copia {12 cassetes] deixei em Verona, no Centro de Documentação sobre Movimentos Sociais do Brasil, com Sandro Spinelli. Uma outra copia veio com Luiz Cardoso (Luisao),mas que lhe foi roubada pela policia quando invadiu sua casa em Osasco. Trouxe alguns Boletins (Unite Syndicale e Bresil des Travailleurs; estes doei a Documentação da FASE Nacional ,no Rio).

Estas fitas foram guardadas ,por razões de segurança, no ILDES –SP, por Roque Aparecido. Quando esta Instituição mudou de local, as fitas se extraviaram. Roque iria encontrá-las alguns anos após.Deste modo, o trabalho sofreu um atraso.

Contudo, a dificuldade inicial foi de degravar as fitas,pois exigiem uma tecnologia especial.Tentei na UNESP,mas não foi possível.Com a mudança de moradia para Florianópolis,em 1998,consegui a degravação na UFSC,com o apoio de Mauricio Sarda e sua companheira Cristiane,que trabalhava com comunicação.A partir deste ponto,pudemos avançar o trabalho .Mauricio degravou varias fitas,além de outros trabalhos como,por exemplo, scannear as fotos.Assim,ficamos com o material em condições de ser analisado.

Duplicatas deste material,incluindo o conjunto das fitas, doamos para o "CENTRO Documentação do Exílio", da UNESP, e também para o "ARQUIVO de Lutas contra a Ditadura",do RS, criado pelo Governo gaúcho de Olivio Dutra .

A parte das fitas que envolve material sobre Rolando Frati,também,cedemos para o diretor de cinema Silvio Drin ,para uso no filme "Herculés 256".

Parte do material, fotos, jornais, documentos vários, encontram-se ainda com algumas pessoas que participaram da experiência,sobretudo,companheiros dos paises da Europa que apoiaram o GAOS. Por exemplo,Fernando Abreu,em Portugal, Henrique Del Rio, na Espanha, e,nos arquivos pessoais de Henryane Chaponai,no CEDAL. Nos Arquivos Confederais, da CFDT há muitos documentos. E, na BDIC, de Nanterre, há vários documentos sobre as esquerdas brasileiras durante o exílio,inclusive o Bulletin "Unité Syndicale".

No Brasil, há documentos com Ibrahim, Luisão,e com Mila Frati.

Tive ocasião de consultar os Arquivos da CFDT,e os de Henryane Chaponai.

Após muitas tentativas, durante varios anos, resolvemos publicar parte deste material, pois,o total do Projeto demandava muito tempo. Pensamos algumas entrevistas. Contudo, o tempo corria e sempre deixamos para depois. Em 1991,morria o 'velho'Fratti e, assim, perdiamos grande parte da memoria desta experiencia. Em seguida morriam Delelis, e Ferrerinha ,em 2001. Ferreira era peça central na experiência.Apostamos no tempo e perdemos, pois não fizemos nenhuma entrevista sobre o GAOS com estes saudosos companheiros.Com Luisão, foi possivel recuperar material e memoria, que estavam arquivados no CAPPS.Com Zé Ibrahim, Manuel da Conceição, algumas conversas,em Brasília,em 2003,quando fui trabalhar na SENAES.

A morte de Ferreira, me despertou para agilizar o projeto sobre o GAOS. Assim, em Junho de 2001,com as minhas atividades no Programa de Socio-Economia Solidaria, da Aliança por um Mundo Responsavel e Solidario, estive num Encontro em Findhorn/Escocia e, na volta, pude passar na CFDT para pesquisar material da Documentação ,e pela primeira vez, conversar com dirigentes cefedetistas sobre a experiencia do GAOS, como Denis Jacquot[na epoca responsavel pelo Brasil] e Jean Limonet[na epoca dirigente da FGM].

Em dezembro, foi a vez da Assembleia Mundial Cidadãos, tambem da Aliança, realizada em Lille. Outra vez, na volta fui a CFDT e ,pude entrevistar Alfred Hervé ,que foi uma especie de relações diplomaticas da Oposição Sindical no exilio.Com Alfred, pude conhecer detalhes da experiencia.

Todavia, não foi possível entrevistar René Salanne, pois não se encontrava em Paris, já aposentado e vivendo na 'province'.Mas, com ajuda de companheiros da CFDT,Salane me respondeu uma carta que lhe enviei.

Em 2002, não houve tempo para este trabalho:a saída da escola Sul da CUT, me levou a trabalhar na SEDAI ,Programa de Economia Popular e Solidária , do Governo Olívio Dutra.As viagens semanais de Floripa para Porto Alegre,não me deixavam tempo para avançar o trabalho.

Em 2003, o inicio do trabalho,primeiramente na DQP-SPPE ,com a elaboração do PNQ e, em seguida,na SENAES, foi de experimentação de uma nova secretaria e muitas viagens.Pouco tempo,mais uma vez,sobrou para o GAOS.

Em abril 2004, precisei substituir o secretario Paul Singer em um seminário do CRIDA ,em Paris.Assim,fui direto ao encontro dos sucessores do CICRA,como Daniel Mothé,Laville.Muitas conversas sobre a experiência da autogestão na França e coleta de muitos documentos da revista "Autogestions".
Daniel Mothé foi militante de "Socialisme et Barbárie",com Castoriadis e Lefort.Portanto,tem uma imensa bagagem vivida nas lutas de autogestão desde o pos-guerra.

Em junho, D.Mothé viria ao Brasil,por nós convidado para conhecer as experiências de economia solidária.Mais uma vez,durante os 10 dias que ficou em SP (durante a URBIS) , pudemos trocar mais idéias.Esta viagemm onde ocorreu o contato com o CRIDA ,foi como um fecho do processo.Agora,tratava-se de finalizar o trabalho sobre o GAOS.

Mas, infelizmente tive que esperar mais 5 meses para recomeçar o trabalho: um câncer que vitimou minha esposa,Gladis Gassen, me levou por mais de 4 meses a acompanha-la no Hospital da PUC , em Porto Alegre.Assim, apenas no segundo semestre de 2006 pude reiniciar o trabalho.

---

1. A Experiencia do GAOS.

Da 'volta às fabricas" ao exílio !

Nos anos de chumbo da decada de 70,o exilio e o banimento afastaram milhares de cidadaos brasileiros de seu pais.A historia do exilio tem dado enfase aqueles que participavam das organizações revolucionarias da epoca.Mas, entre os exilados encontram-se operarios que participavam das oposicoes sindicais e que fundaram o Grupo de Apoio a Oposicao Sindical (no exterior),com sede em Paris.Esse grupo teve apoio fundamental da CFDT.Alguns destes operarios das oposicoes sindicais se exilaram em 1973,quando a repressao prendeu centenas deles em todo o Brasil.Faziam parte de um movimento em varios Estados de articulação das oposições sindicais. Já era um trabalho em cima da avaliação do caminho da luta armada.Um tipo de " volta às fábricas"!

È correta a afirmação de Denise Rollemberg,sobre o exilio brasileiro,quando diz que "O exílio não chegou a ser um fenômeno de 'massas' como,por exemplo,no Chile.A maior parte dos atingidos era da classe média,escolarizada e intelectualizda,embora,evidentemente,também tenha havido camponeses,operários e pessoas com nível de instrução baixo".

A palestra realizada por ROLANDO FRATI ,com seu estilo irreverente muito próprio,na abertura do Encontro Internacional,em Bruxelas,nos refaz esse contexto:

"Bem, o que faz a classe operaria , com a esquerda esfacelada em conseqüência do golpe, dividida em 50 pedações ? Que,além da derrota oriunda do golpe, já estava em crise, numa crise muito profunda,decorrente da divisão entre a China e a Rússia ?

Só quem estava no movimento sindical pode saber e calcular o quanto esta divisão foi nefasta para o movimento sindical.O quanto de prejuízo deu e está dando até hoje.Do que sobrou,do que não estava foragido, na cadeia ou no exílio,principalmente aqueles operários de vanguarda ?
Mas o que se passa? Se volta novamente para as empresas.Os sindicatos estão ocupados,você não pode fazer nada.Os sindicatos mais conseqüentes tiveram uma intervenção de não não sei quantos anos.Na cúpula sindical não se podia fazer mais nada.Vamos fazer o que, então ? Vamos nos organizar nas empresas.Trabalho de paciência,devagar,porque o inimigo está atento.
Então, este trabalho leva a Osasco 68.A greve de Osasco em 68.Um desafio a ditadura em ascenso,foi aquela greve.Não era uma ditadura em crise,como hoje,era uma ditadura em ascenso.Que estava ainda muito empenhada para destruir as forças de esquerda.Então,surge essa greve.
A greve foi uma grande lição.Dela se extraiu grandes ensinamentos.principalmente,aquele de que se pode lutar,se pode levar a classe operaria à luta,mesmo que os sindicatos estejam ocupados pelas forças inimigas.O principal é que se enraíza o trabalho sindical dentro da empresa,o resto é conseqüência.(...)
Depois que os grupos armados foram destroçados,a repressão se volta para o movimento operário,nas fabricas.Ela tinha visto Osasco e tinha aprendido: Ah! O negocio é ali na fabrica; ah! Então,vamos acertar as contas com vocês.
Então,de 73 a 74, passaram pelo DEOPS,só da grande São Paulo (capital,Osasco,Guarulhos e ABC), 11 mil operários para serem ouvidos e interrogados.Alguns foram torturados.Outros tiveram condenação.A maioria foi solta.Depois de serem identificados,ficaram sem emprego.Enfim,passaram 11 mil !
Mas isso não destruiu o embrião.A coisa prosseguiu.Prosseguiu pela linha de organizar comissões dentro das empresas,etc,e prosseguiu com um salto de qualidade.Já se começa a discutir com a classe operaria a necessidade da autonomia,independência,de um novo sindicato,isto é, de um sindicalismo democrático.”

Esta fala de Frati adquire maior conotação quando, em 2005, o jornal “O Globo” publicou um texto do jornalista José Casado, intitulado “Repressão no pátio da fábrica”.
“Foi uma terça-feira atípica aquele 4 de novembro de 1969: o Corinthians batia O Santos por 2 x 0 e acenava com uma segunda vitória depois de 11 anos de absoluto jejum contra o time de Pelé.O corinthiano Luiz Ignácio Lula da Silva,então diretor-suplente do Sindicato dos Metalúrgicos de São bernardo,estava preocupado com a bola no gramado.Continuou assim quando, no intervalo,os alto-falantes anunciaram que a policia matara o terrorista Carlos Marighella, líder da Aliança Libertadora nacional.Começava um novo ciclo na ditadura militar,com escalada repressiva e crescimento recorde na economia(9,5%).
Na manhã da terça-feira seguinte (11 de novembro), representante de Volkswagen,general Motors,Chrysler,Firestone,Philips e Constanta se reuniram com o chefe do Departamento de Ordem e política Social(Dops) no ABC paulista,Israel Alves dos santos Sobrinho, o major Vicente de Albuquerque,do IV Regimento de Infantaria do Exercito.Na delegacia estiveram Evaldo Herbert Sirin, da General Motors; Mario de Souza Campos,da Chrysler; A.J.Vieira,da Firestone;coronel Evaldo Pedreschi,da Philips;major Adhemar Rudge,da Volkswagen;e Sinésio de Oliveira,da Constanta.
Chefes das seções de segurança interna dessas industrias queriam acelerar o funcionamento do Grupo de Trabalho (depois chamado Centro Comunitário) que serviria de cobertura à colaboração entre empresas privadas do ABC paulista, o Dops e o Exercito.Segundo a ata da reunião,debateram ‘problemas’ nas fabricas,decidiram a compra de ‘mapas do Grande ABC e outros artigos”, e estabeleceram um Centro de Coordenação no Dops.

- Estávamos defendendo nossas empresas dos terroristas, da subversão- conta Synesio de Oliveira,o representante da Constanta (empresa incorporada ao grupo Philips em 1998).E O esquema era: se houvesse um caso suspeito,comunicávamos à comunidade (de informações).

Cooperação intensa e sempre discreta

A cooperação entre empresas e ditadura militar foi permanente,intensa e quase sempre discreta,revelam documentos inéditos guardados nos arquivos do extinto Dops áulista.Uma parte foi descoberta e entregue ao GLOBO pelo historiador Antonio Luigi Negro,autor de um excelente livro sobre a emergência do sindicalismo brasileiro depois da segunda Guerra ("Linhas de Montagem",editora Boitempo,2004).

Outros papeis foram localizados em arquivos públicos e particulares de São Paulo,Buenos Aires e Washington.

O conjunto é eloqüente na demonstração de um colaboracionismo muito além dos milionários donativos empresariais recolhidos pelo banqueiro Gastão Vidigal,o industrial Henning Albert Boilese e o advogado Paulo Sawaia para custear a criação de um corpo de policia dentro do exercito (a Operação bandeirantes).O intercambio entre empresas e orgãos de segurança ultrapassou o fornecimento rotineiro de Fuscas da Volkswagen,de galaxies blindados da Ford, de caminhões da Ultragás,de refeições congeladas Supergel e de 'gratificações' às equipes dos porões do regime.

Grandes empresas recrutaram pessoal nas Forças Armadas e na policia, mantiveram aparatos de espionagem dos empregados dentro das fabricas e nos sindicatos.A Volks e a Chrysler,por exemplo,repassaram listas de funcionários aos órgãos de segurança,às vezes com as respectivas fichas funcionais.Na semana passada,ambas negaram o envolvimento.A Volks ressalvou ter sido 'sempre apolitica'.A DaimlerChrysler alegou total desconhecimento, 'portanto não temos comentarios". (...).O Dops paulista acompanhou casos como o do metalúrgico Waldemar Rossi.Aos 37 anos contava com oito meses de emprego na linha de montagem da Volks-Ipiranga quando foi a uma assembléia sindical.Ali propôs uma 'operação-tartaruga".Não teve êxito,mas antes da jornada terminar estava demitido.No mesmo dia (11 de novembro 1970),o Dops protocolou um relato da empresa,com a ficha funcional de Rossi".

No Encontro em Bruxelas,Helio Bombardi,então militante da OSM-SP,afirma que : "Sempre então tiveram, em todos os estados brasileiros, ou pelo menos naqueles industriais, trabalhadores que, por não terem atuado naquele momento,porque o sindicato estava ocupado,ou pelas condições das fabricas terem piorado bastante, esses trabalhadores começaram a se organizar em pequenos grupos dentro das fabricas.

Marco disso, é a greve no pior período do regime brasileiro,pouco divulgada,porque não se podia dizer antes,foi no final de 1973, quando na VILLARES (uma compainha num bairro de São Paulo,chamado Santo Amaro), os trabalhadores param,fazem greve.Todos os operários que participaram da greve foram mandados embora,pelo menos a liderança sindical foi mandada embora, a liderança dentro da fabrica .(...) Agora, a partir de 74 começa a se avançar na idéia da organização dentro das fabricas.Essa organização que nos teremos mais condiçoes de falar amanhã,com alguns exemplos mais concretos de como se organizou,faz com que o movimento operário passe a ganhar uma expressão dentro das fabricas e dentro dos movimentos populares".

2. A origem do GAOS

Um dos principais livro sobre o exilio," Entre Raizes e Radares",de Denise Rollemberg, cita nas fontes utilizadas o Boletim UNITE SYNDICALE, uma das poucas marcas visiveis que o GAOS deixou na Europa. Entretanto, esta marca é apenas um dos produtos de uma teia de relações que estes operarios exilados construiram

fora do Brasil. Só com as entrevistas que deveriam ter sido feitas com eles, poderiamos ter uma ideia da dimensão que alcançou suas atividades. Este é um objetivo que deveria ter sido cumprido, não fosse o descaso em nosso meio com a memória social.

Aos operários da OS, juntaram-se a outros militantes que tinham sido banidos e/ou exilados por participacao na resistencia à ditadura militar.Por exemplo, Rolando Fratti,Manuel da Conceicao,Jose Ibrahim,Roque Aparecido ,Piragibe Castro Alves, Jose Cardoso(Ferreirinha),Luiz Cardoso(Luisao),Antonio Flores ,Jose Barbosa.

Com apoio de franceses que tinham vivido e lutado no Brasil, expulsos pelos militares, montou-se todo um trabalho de comunicacao atraves da Associacao "Bresil des Travailleurs", sob coordenacao de Paulette Ripert (trabalhou na area rural de Crateus, fundando sindicatos antes do golpe militar, na Diocese de Dom Fragoso);e,Carlos Minayo, ligado ao sindicalismo espanhol. Publicavam Boletins chamados " Bresil Information" e "L'Unité Syndicale" (em frances e espanhol).Com ajuda de Alfred Herve'(ex-padre com atuacao contra a ditadura na Bahia, expulso do pais) ,contataram quase todo o movimento sindical europeu e, inclusive, Africa e Leste europeu. O contato com o sindicalismo do Leste europeu se dava atraves de Roberto Morena (vivia exilado em Praga, onde trabalhava na FSM); No inicio,também participavam os membros do Comite Sindical do PCB no exilio: Luiz Tenorio (Tenorinho),Afonso Delelis, Gregorio Bezerra, Hercules Correa.Com a morte de Morena, estas articulacoes fracassaram.

O GAOS realizou varios encontros na Europa. Destaque para o Encontro Internacional da Oposicao Sindical Basileira, realizado em Bruxelas(1979),logo antes do retorno ao Brasil.

Para este encontro, foram 4 militantes que estavam no Brasil("oposição no interior"):

-Ze'Pedro (metalurgicos de Osasco),
-Helio Bombardi (metalurgicos de SP),
-Ademir B. de Oliveira(metalurgicos de Contagem) e,
-Antonio Portella (bancarios de SP).

O tema central foram as greves que ocorreram no Brasil em 1978.Participaram as principais Centrais da Europa(Vide lista).inclusive,a data do Encontro foi alterada para coincidir com um grande Encontro Sindical Internacional que agrupava sindicalistas de todo o mundo.Assim,foi possível contar acom a participação de muitas Centrais Sindicais.

Antes do retorno, houve um Encontro promovido pelo Gaos em Paris. Muitos temas foram debatidos nesta reunião: como se daria a inserção no Brasil, a questão da autonomia, o récem movimento pró-PT , como continuar o trabalho do GAOS na Europa.

Este trabalho do GAOS foi fundamental para , posteriormente, implantar a CUT (fundada em agosto 1983) no exterior. Assim, em 1981,quatro sindicalistas foram á Europa para iniciar os contatos em nome da CUT: Ferreirinha, Ibrahim, Jorge Bittar(engenheiros do Rio) e Jaco Bittar(petroleiros de Campinas).Jaco Bittar seria o primeiro Secretario de Relacoes Internacionais da CUT.Ibrahim e Jacó seguiram para o Norte europeu e, Ferreira com Jorge para o sul do velho continente: tinham por objetivo fazer contatos pensando na futura Central Sindical do Brasil.

Podemos afirmar que todo o trabalho com a CFDT deveu-se a contatos ainda nos anos 60,feitos por Roberto de las Casas, que estudava na Ecolé de Hautes Etudes em Paris. Muitos de seus contatos com Gerard L'Sprit, Rene Salane, Edmond Maire foram fundamentais para estes dirigenes cefedetistas entenderem o sindicalismo

vigente no Brasil. O que iria facilitar enormemente o apoio da Central francesa na epoca do exilio.

Entre Bruxelas e Paris

Zé Ibrahim exilado na Bélgica recebeu a visita de Adalberto Nauchausan,militante do MOSMSP.Alguns dias após,recebeu de Adalberto,ja no Brasil,um recado: ir a Paris para encontrar Ferreirinha e Delelis para discutir trabalho político.Ibrahim já conhecia Ferreira,ambos viviam na Bélgica (Ibrahim na 'Casa de Solidariedade America Latina" e Ferreira na "JOC Internacional"),de algumas reuniões,mas sem terem aprofundado questões políticas.

Afonso Delelis (então "Pedro") teve papel fundamental neste encontro,pois Ibrahim já o conhecia como antigo militante operário e metalúrgico ligado ao PCB.Com base nestes dados,foi para Paris.

Na capital francesa,Ibrahim já conhecia o militante metalúrgico Luis Cardoso ,o Luisão, (tal qual Ibrahim, tinha sido militante da VPR ; depois,no exílio chileno,do MR8) desde a época de Osasco.Após o encontro com Ferreira e Delelis, Ibrahim ficou de contatar Manuel da Conceição,que vivia em Genebra e,Rolando Frati,que vivia na Itália.Manuel estava exilado e Frati tinha sido banido no mesmo grupo com Ibrahim.Ambos passaram por Cuba antes de irem para Europa.

Mas,antes destes encontros, talvez,tudo tenha começado a partir de uma reunião entre Alfred Herve ("Aníbal") e Rene Salanne. Alfred foi falar sobre a situação de um militante jocista do Brasil, cuja esposa (Ironi Cardoso) estava gravida e ,na prisão. Alfred solicitava apoio financeiro a Salanne, pois aquele militante sindical estava em dificuldades e clandestino. Salanne achou que podia ajudar. Estes personagens têm pontos em comum: são jocistas , sindicalistas. Rene Salanne era responsavel de relações internacionais da CFDT. Alfred tinha sido expulso do Brasil pela ditadura militar. O militante em questão era Ferreirinha.

Contudo,através de Alfred, Salanne soube que o militante brasileiro iria chegar em Bruxelas, pois tinha sido indicado para coordenação internacional da JOC. Pediu a Alfred para que o levasse a CFDT, logo que viesse a Paris.
Na proxima reunião, estavam os tres. Salanne convenceu José Cardoso de que os sindicalistas exilados deveriam fazer um trabalho estritamente numa logica sindical; percebia a fragmentação e divisão dos grupos de esquerda brasileiros no exilio. Não via saida por este caminho. Salanne trazia toda uma bagagem de militante da metalurgia francesa e, um sentimento muito forte de autonomia sindical. Foi decisivo no sentido de varios sindicalistas brasileiros exilados construírem um acordo para o trabalho comum. A diversidade de opções politicas ficava em segundo plano em relação a atividade sindical. Cada um fazia seu trabalho como militante partidariamente organizado, mas, na Oposição Sindical, as divergencias ficavam entre parenteses.

Por isto, numa proxima reunião, Ferreira trouxe José Ibrahim (banido) e Manuel da Conceição (exilado), militantes de grupos da luta armada no Brasil. Ibrahim residia em Bruxelas e Conceição em Genebra. Da Italia, veio Fratti. Luisão vivia em Paris. Depois, Ferreira veio para Paris. Assim, se formou o núcleo do GAOS.

Nos "Archives Confederales CFDT", encontramos uma carta de René Salanne enviada a André Soulat, datada de 3 mai 1973:

" Cher André,

Aprés avoir discute avec Jean BOURHIS, je voudrais te confier la réception prochainement de nos amis brésiliens. Cette récption se fait à l"occasion du passage de deux camarades. Il est entendu d"avance que ce doit être discret.
Nous avons convenu du programme suivant:
Journée de travail collective avec eux, nous (département intenational) et les federations habituelles, le 19 mai de 9 H 30 à 17 H 30 par exemple.

Ensuite, au début de la semaine suivante, entre lê lundi et lê mercredi: une demi-journée départament international, demi-journée metallurgie et demi-jouenée formation.
Tu m"em reparles car il faudra veiller, y compris pour lês réunions, à quelques problémes de sécurité.
Bien amicalement,
René SALANNE".

Como já falamos, Salanne e Ferreirinha tinham pontos em comum: ambos eram da metalurgia e jocistas. Não foi mera coincidencia, pois o fato de terem contatado membros da FGM-CFDT, e ex-jocistas, teve grande influencia nesta experiencia. Os jocistas tiveram papel fundamental na metalurgia e a FGM teve papel de vanguarda nas definições das estrategias cefedetistas: autonomia sindical, sindicalismo de base e de massa, democracia, autogestão, socialismo, internacionalismo.
Portanto, um capitulo deste trabalho trata da evolução da FGM, desde a CFTC até a CFDT.
O ano de 1964, é um marco no cruzamento destes exilados e da Central francesa: no Brasil tivemos um Golpe Militar; na França, em um Congresso historico, a CFTC tornava-se CFDT. Estes dois fatos num mesmo ano foram importantes para nossa historia. Os caminhos do militante da Oposição Sindical e jocista, Ferreirinha, iriam se cruzar com os dos metalurgicos/jocistas da CFDT.
Em Paris, ocorreria outro encontro fundamental destes companheiros : com Henryane Chaponay. Sua residencia no 15,Quai de Bourbon, se tornaria um "Forum Mundial de Solidariedade ",avant lettre. Henriane acumulava uma grande experiencia, sobretudo,na area rural: desde sua militancia no Marrocos,onde atuou pela independencia deste pais; sua passagem com J.Choncol por Cuba; acompanhamento pelo CCFD de paises da Asia,como Vietnam .No inicio dos anos 60,esteve com Chonchol no Brasil, a pedido do Governador Migual Arraes para um programa na área rural do Nordeste.
Henryanne foi importante para o trabalho no exilio: além de apoiar militantes de vários paises e proporcionar intercambio entre eles, fundou o CEDAL (Centre Etudes Developpement Amerique Latine) em Paris, onde realizou até a decada de 80,um trabalho de formacao baseado no que podemos chamar de "Pedagogia do Intercambio". Atividades de formação politica eram feitas na sede do CEDAL, rue Reully-Diderot, no 12eme.Também, trabalhava com militantes que iam do Brasil para uma permanencia de 3 meses na Europa, juntos com militantes de outros paises da America Latina,quase todos ao anos.
Na Segunda metade dos anos 1980, o trabalho com rurais assumiu um carater dominante no CEDAL, sob coordenacao do exilado chileno Sebastien Cox. Nesta epoca,apoiou a realização de 4 Encontros regionais e um Nacional, no Instituto CAJAMAR, em conjunto com o Departamento Rural da CUT, coordenado por Avelino Ganzer.
Inclusive um livro,"Multinationales et Travailleurs dans le Brésil",foi publicado pela MASPERO com CEDETIM (1977), sob o nome de "Coletivo Paulo Freire". Esta obra foi resultado de uma pesquisa para fundamentar o trabalho da O .S.
O setor de divulgação do GAOS desenvolveu um trabalho imenso: a partir de 1976, com apoio da CFDT , varios documentos aparecem:

- Brochura "le brésil dês travailleurs".CFDT/information.1976. Esta brochura foi traduzida para Portugal pela edições BASE-FUT (maio 1980).
- Boletim "Brésil dês Travailleurs", mensal.Foi editado até 1985. "Brasil dos Trabalhadores" se tornou uma marca ,sendo adotada pelas publicações do CEDAC , a partir de 1979 : "Perspectivas do Novo sindicalismo",apresentação de José Ibrahim.Tornou-se uma Coleção da editora Loyola,onde o CEDAC publicava seus trabalhos.

Com este mesmo nome,"Coleção Brasil dos Trabalhadores",circulou no meio sindical,antes da Anistia, um pequeno livro intitulado "O Sindicalismo no Brasil",s/d.

UNITÉ SYNDICALE BRESILIENNE

Um Dossier assinalando as relações CFDT-0.S. Brasileira, remarca :
" Criação de uma tendência, 'A Unidade Sindical' , com um jornal em francês e em português, publicado pela CFDT na França e no Brasil".
Trata-se do Bulletin do GAOS , "Unité syndicale brésilienne'.O numero 0 (zero) saiu em março de 1978.
No seu interior, traz um Encarte com o programa da OSM-SP,cuja "chapa3" estava encabeçada por : Anísio,Santo Conte,Fernando do Ô, Ubiraci,marcelino,Helio Bombardi e Santo Dias,militantes da 0.S.

O último número, o 4,com capa colorida, saiu em agosto-setembro de 1979.Em seu interior traz um Editorial cuja matéria é sobre o Encontro Internacional em Bruxelas:

" De 31 março a 1° abril 1979 ocorreu em Bruxelas o primeiro encontro internacional convocado pela Oposição sindical Brasileira.Este encontro foi organizado pelos representantes da Oposição Sindical no exterior; todavia, uma delegação de quatro sindicalistas da Oposição Sindical veio do Brasil especialmente para participar deste acontecimento.Mais de vinte organizações sindicais da Europa e das Américas,mais duas internacionais sindicais,enviaram representantes,mostrando assim sua solidariedade com as lutas que dirigem atualmente os trabalhadores brasileiros e reconhecendo publicamente a importancoa do trabalho da Oposição Sindical tanto no interior do Brasil quanto no plano internacional.As intervenções na tribuna destes nuemrosos delegados estrangeiros foram um dos momentos mais intensos desta manifestação de internacionalismo sindical.

Entre o publico presente, que acompanhou as exposições e participou ativamente dos debates,estavam varias personalidades políticas brasileiras da oposição.

As exposições trataram de retraçar as principais etapas da historia do movimento operário brasileiro, descrever a situação dos trabalhadores rurais e urbanos após 15 anos de ditadura,e suas lutas atuais e,enfim,apresentar as grandes linhas da política da Oposição Sindical e seu papel no que concerne o tipo de sindicalismo que ela tem por objetivo promover e, seu modo de conceber o desenvolvimento de suas relações no plano internacional.Assim, se reafirmou com força a vontade da Oposição Sindical de constuir no Brasil um sindicalismo independente de todo controle do Ministério do trabalho, verdadeiramente autônomo frente aos partidos políticos,democrático quanto a seu funcionamento interno e não-alinhado no plano internacional.

Os debates permitiram por em relevo o caráter unitário que a Oposição Sindical quer marcar o conjunto de suas propostas.isto ficou evidente no momento do debate sobre as relações da Oposição Sindical com os dirigentes sindicais chamados "autênticos" como Lula,os metalúrgicos de São Bernardo, e muitos outros.De fato, não interessa aos trabalhadores brasileiros se envolver em falsos debates que não têm nada a ver com a realidade.Nosso interesse,ao contrario,é de reunir as diferentes forças do movimento operário brasileiro para reforçar sua unidade a partir do confronto democrático das diversas praticas sindicais.Somos nuito conscientes que os períodos de transição entre um regime ditatorial e um regime mais democrático são particularmente perigosos para a pratica unitária.razão a mais para sermos igilantes e de não aceitar que as interferências estranhas ao movimento sindical não tragam prejuízo à construção de um novo sindicalismo brasileiro.

O encontro internacional realizado em março em Bruxelas,manifestou deste modo a vontade da Oposição sindical de conferir as lutas dos trabalhadores sua

dimensão internacional. Ao passo que o Brasil tornou-se, sob o regime militar,um paraíso para as empresas m
ultinacionais, é normal que os trabalhadores brasileiros mantenham relações com os trabalhadores de todos os outros paises em suas lutas contra a exploração capitalista.O encontro de Bruxelas fez aparecer na ordem-do-dia , a diversidade e a qualidade destas relações internacionais.Para nós, militantes sindicais brasileiros,mais que um encorajamento,é um apelo para desenvolver,o mais concretamente possível,nossa colaboração com os trabalhadores rurais e urbanos do mundo inteiro,no respeito recip´roco das praticas sindicais de cada organização e isto privilegiando,sem nenhuma duvida,o reforço de nossas relações com os camaradas do continente latino-americano"

Em seguida, a lista das Organizações sindicais presentes ao encontro de Bruxelas.

Este numero de "Unité Syndicale", traz outras matérias importantes:

- a posse da direção do Sindicato dos bancários de São Paulo,que tinha acabado de vencer as eleições no 12 de março 1979 e que tem como presidente Antonio Augusto Campos. Ao lado desta matéria, anuncia o "Primeiro Encontro nacional das Oposições sindicais dos bancários",de 13 a 14 de abril de 1979,em São Paulo,com a presença de 70 delegados de todo o pais.
- Matérias sobre as greves dos professores em diversos Estados.
- Matéria sobre o 1° de Maio unitário de São Paulo,em Vila Euclides,com mais de 100.000 trabalhadores.Notas sobre o 10 de Maio em outros estados;
- Sob o titulo de "Movimentos Sociais", matéria sobre a greve dos metalúrgicos do Estado de SP: em 13 de março 1979,mais de 200.000 metalurgicos inicaram uma greve que durou 15 dias.
- Matéria sobre a greve dos trabalhadores da Souza Cruz, em MG;
- Matéria sobre o "1° Congresso da Oposição Sindical dos metalúrgicos de SP".Esta matéria termina com uma nota :

"a- O Congresso aprouvou uma convocação de todas as oposições Sindicais para um encontro nacional que tem por objetivo a articulação das comissões sindicais e das direções combativas".

-materia sobre o "3° Congresso Nacional dos Trabalhadores na Agricultura",realizado de 21 a 25 maio 1979.Seguido de varias matérias sobre a situação do campo no Brasil.

- matéria sobre a 'exploração dos trabalhadores brasileiros: o caso da FIAT".

Enfim,na capa de trás, uma matéria sobre a chegada de Ibrahim em São Paulo, que traça o perfil deste militante da O.S.:

" A pressão do movimento brasileiro pelas liberdades democráticas obriga a ditadura a aceitar o retorno dos sindicalistas exilados e dos brasileiros perseguidos por motivos políticos.

No dia 26 de maio ultimo (1979), Ibrahim voltou ao Brasil após 10 anos de exílio.Filho de um imigrante libanês, o último de dez crianças, ele trabalhou desde a infância para pagar seus estudos.Aos 14 anos,tornou-se operário na metalurgia,e continuou seus estudos a noite após sua jornada de trabalho.Em 1967,com 21 anos,foi eleito presidente da Comissão de fabrica da Cobrasma,onde trabalhava,e,sem eguida,presidente do sindicato dos metalúrgicos de Osasco no Estado de São Paulo,a região mais industrial mais importante da América Latina.

Em 1968, Ibrahim foi um dos dirigentes dos movimentos sociais que agitaram o pais,principalmente em São Paulo e Minas gerais,para lutar contra a baixa vertiginosa do poder de compra dos trabalhadores brasileiros.Em Osasco, este movimento culminou na ocupação de numerosas fabricas e terminou pela intervenção da Policia Militar e na prisão de todos os dirigentes do movimento.

Em setembro de 1969, Ibrahim foi trocado junto com 14 prisioneiros políticos pelo embaixador americano,Mr. Elbrick.Saído da prisão para o exílio,sucessivamente no México, Cuba e no Chile de Allende.Após o golpe de estado no Chile sem etembro 1973,Ele se exilou na Bélgica onde continuou a luta pelas liberdades políticas e sindicais dos trabalhadores brasileiros.Em Bruxelas, Ele exerceu a gunção de presidente do SEUL (Service European dês Universitaires latino-Americans) organismo ligado à ONU.Durante sua presidência,o SEUL se definiu como um organismo pluralista,democrático,para defender a identidade cultural e a independência política dos paises latino-americanos e para defender os direitos do Homem (políticos e econômicos) em todo o continente.

Na Europa, Ibrahim foi um dos animadores do Movimento da oposição Sindical que visa a criação de um novo sindicalismo no Brasil e que organizou o Encontro de Bruxelas em março passado, no curso do qual foi consolidado o contato com 27 centrais sindicais européias e latino-americanas e um representante do sindicalismo americano.O Movimento das Oposições sindicais se integra na luta mais ampla do povo brasileiro contra a ditadura militar, por uma anistia geral de todos os prisioneiros banidos e exilados políticos; ele se integra,enfim,na luta dos trabalhadores brasileiros contra a exploração capitalista.Nós sabemos que a experiência adquirida por Ibrahim no exílio será um fator positivo para a luta dos trabalhadores brasileiros. Suas próprias palavras firmam que seu retorno significa sua reintegração direta em uma luta que nunca deixou de participar e que é a mesma desde a sua entrada no movimento sindical: renovação do sindicalismo brasileiro,organizado pela base a partir das comissões de fabricas, independente do Estado e autônomo em relação aos partidos políticos.Todavia, Ele se integra em uma luta que tem um caracter cada vez mais claramente internacional,o que, mais do que nunca,deixou de ser para Ele , um principio abstrato para se transformar em experiencia vivida".

Do "Unité Syndicale", dois números foram publicados em espanhol.Editado por "Correspondência: U.S. Brasil".c.Villlalar 3,Madrid-1.
Um numero inicial,s/d., intitula-se "Oposicion Sindical. Unidad sindical brasilena";com o sub-titulo "es hora de oposicion".
O Numero 1 está com a data de Enero 1979,e,com desenhos do Jornal "Peão".Tem o sub-titulo; "A luta não parou nesses dez anos".

Em 1986, " Bresil des Travailleurs" publicou uma brochure intitulada " Le Nouveau Syndicalisme Bresilien". Traz uma introdução de José Cardoso. A brochure foi impressa por " Montholon-Services", da CFDT.
Na Introdução a esta brochure, Ferreirinha afirma:

" Porque esta brochura ?
Pais "em via de desenvolvimento",integrado ao CAPITALISMO INTERNACIONAL, o Brasil apresenta todas as aparências de um pais industrializado,mas os trabalhadores vivem em condições de sub-desenvolvimento.A economia brasileira chegou a um tal grau de integração na economia mundial,que os trabalhadores se enfrentam aos mesmos problemas de outros paises,mas com um problema a mais,as condições de trabalho e de vida deploráveis.O salário médio na industria é inferior ao de Portugal.
Os trabalhadores brasileiros têm o maior interesse em tornar conhecido, amplamente,seu movimento sindical,pois no Brasil a política internacional do capital controlada pelo FMI repercute fortemente na vida cotidiana dos trabalhadores.

O sindicato oficial foi criado para permitir que as empresas tenham toda liberdade para explorar os trabalhadores: não é um instrumento de defesa dos trabalhadores,mas um instrumento à serviço da burguesia industrial e do governo.Hoje,este sindicato ainda existe, é importante que desapareça.
A ditadura impôs um sindicato burocrático, dirigido pelo PELEGOS e que se resume a um serviço social paternalista,sem nenhuma concepção de classe ,de democracia nem de organização de massa.
A ditadura aproveita de intercâmbios internacionais utilisando a estrutura sindical para servir seus interesses.Só os 'pelegos' participam das reuniões da OIT.Foi um período de grande concentração do capital e sua internacionalização,com todas suas conseqüências na vida do trabalhador.O isolamento dos trabalhadores do Brasil foi terrível.A pratica sindical impediu que os trabalhadores do mundo saibam o que se passava no Brasil,excepto pelos contatos dos exilados membros da Oposição Sindical que transmitiram informações a partir de 1968 com a preocupação de forjar relações internacionais com um mínimo de informações.Quando a OS surgiu em 68,foi uma novidade.Ela rompia com a velha estrutura.Sua proposta é a de um Sindicalismo de Massa.Ela Poe a questão da Democracia que depende da partcipação política dos trabalhadores.Desde o inicio,sabíamos que esta proposta iria desembocar na criação de uma Central porque era uma proposta de classe.
Quando explodiram as greves de 79 no ABC, já se apresentaram como um Movimento Sindical de Massa e Democrático.Todas as decisões são tomadas em Assembléia geral na presença de todos os trabalhadores,o que revoluciona a pratica sidnical dos 'pelegos'.
A partir de 79,o movimento se desenvolveu, foi exitoso em fazer a ligação entre OS e Autenticos,etapa muito importante na criação do Novo Sindicalismo.O encontro dos Autênticos e da OS só podia levar a unidade,pois a proposta da OS era uma proposta de massa assumida pelos trabalhadores.Também,as resistências de certos grupos mais firmes da OS eram uma incoerência.
A partir de então,os sindicatos foram conquistados por este movimento que desembocou na criação da CUT em 83.Depois, os trabalhadores,pela CUT,tiveram condições de tornar sua situação conhecida no exterior,rompendo assim com o sindicalismo tradicional.Quando dos Congressos de 1981 e de 1983,as Confederações Sindicais estrangeiras foram convidadas e ocorreu a abertura internacional.
Uma das primeiras Centrais sindicais a ter confiança no Novo sindicalismo e a lhe demonstrar sua Solidariedade foi a CFDT.Foi a primeira Central a reconhecer oficialmente a CUT desde sua fundação em agosto de 83.
A CUT,ao passar do tempo,aparece como a pricipal central do Brasil,sua força vem da importância dos sindicatos que a compõem e não de seu numero,pois se o Brasil tem 5.000 sindicatos,eles tem importância muito desigual.
Os Sindicatos dos bancários de SP, Rio e POA são da CUT e representam 60% dos empregados de banco do Brasil.
Nas telecomunicações, 70% dos sindicalizados pertencem à CUT.Na Metalurgia,nas ultimas eleições sindicais,com duas chapas disputando, a CUT obteve 47% dos votos em SP, 43% no Rio e 48% em POA.A CUT,atualmente, representa 15 milhões de trabalhadores.
A Nova republica nada mudou para os trabalhadores.O Ministério do trabalho conservou seu papel de controle e intervenção.A CLT impede que a CUT tenha relações normais como central sindical.Até este momento, o governo não reconheceu Oficialmente a CUT.Entretanto, a CUT existe,ela é uma realidade,o governo sidcute com ela porque é uma força social,mas não reconhece oficialmente a organização que os trabalhadores criaram.
A CUT propõe a extinção do latifúndio e da classe dos latifundiários.A CUT sabe que a implantação de novas tecnologias é irreversível, mas os trabalhadores,que não são consultados,devem poder participar nas decisões.A CUT luta para que os direitos dos trabalhadores sejam incluídos na Nova Constituição,porque sem estes

direitos,não pode haver verdadeira democracia.A CUT afirma que a legislação do trabalho deve mudar totalmente e que as relações trabalhadores-empresas devem ser reguladas por convenções e não por autoritarismo.A CUT reivindica sua representação na OIT.A CUT luta pela aplicação da Convenção 87.
Em outros paises, os patrões das grandes empresas multinacionais ou nacionais privadas e publicas,dialogam com os trabalhadores,reconhecem as organizações sindicais dentro e fora da empresa.Mas, qual é o comportamento dos dirigentes das empresas multinacionais no Brasil ? Eles são mais reacionários que os patrões privados.Mantem exceentes relações com as Federações patronais, e não reconhecem a Cut e continuam a negociar com os 'pelegos".não podemos mais permitir que os patrões no Brasil ignorem a Cut,as Comissões de fabrica,que eles aceitam em seus paises.
É importante que os trabalhadores no mundo escutem este grito e manifestem sua solidariedade ativa".

José CARDOSO
Março de 1986.

Na contra-capa lemos:

" O " Bresil des Travailleurs" nasceu de uma demanda de sindicalistas brasileiros. Durante os duros e longos anos de exilio e de ditadura feroz, varios boletins de informação foram publicados. No inicio " Bresil Information", durante o periodo mais duro da repressão. Em seguida, " Unite Syndicale" foi a expressão da oposição sindical."

Com a volta do exilio estes militantes se incorporaram em diversas atividades de articulacao para fundar a CUT ,o PT e , em Centros de Educacao Popular. Por exemplo, Ferreirinha, Castro Alves, Luisao, Ibrahim, Roque Aparecido, Fratti, Manuel da Conceicao e Ze Pedro(estes dois apenas no inicio) participaram do CEDAC . Em SP, Ibrahim, Luisão,Roque,Frati,fundaram o CAPPS (em seguida,Frati fundou o CEPASE).Em varias regioes surgiram Entidades com afinidades com o CEDAC; contudo, apenas algumas com laços organicos:

SP CAPPS -Ibrahim, Roque, Luisao, Fratti, Jorge Tavares, Urban
PR CENFURIA -Gilberto Carvalho,Maria do Carmo Carvalho,
PE ECOS -Raimundo Ananias, Joao Paulo(Janjao),Jõao Francisco,Nena,
CA CETRA -Antonio Pinheiro , Margarida Pinheiro,Jõao Alfredo,Juarez,Hilario
SC CEDAC(filial em Joinville)-Luiz e Joao Fachinni, Eurides Mescolloto
MG CEDAC(flial)- Joao Paulo Pires Vasconcelos,Antonio Farias,Tcho (Geraldo Francisco),
PB CEDAC(filial) -Agamenon,Edivan
RS Oficina FRANZOI- Jairo Carneiro,Franklin Volcano,Chico,

O contato com experiencias , como a propria CFDT apos maio de 1968, a revolução argelina, a revolução dos cravos em Portugal, o "outono caldo" dos trabalhadores italianos, as lutas dos trabalhadores nos paises do Leste europeu, levaram estes companheiros, uns mais outros menos, a uma compreensão muito rica do projeto da autogestão socialista. Este era um eixo comum as experiencias desenvolvidas na volta ao Brasil, junto com os que por aqui ficaram, reconstruindo no dia-a-dia o movimento operario-sindical e popular.
Este ensaio apresenta parte do material que dispomos. Concentra-se nas falas ocorridas no ENCONTRO realizado em Bruxelas, em março/abril de 1979.E,os documentos políticos do GAOS.
A fala de apresentação de José Ibrahim ,que como diretor do Centro America Latina na Belgica, coordenou o Encontro e recebeu os participantes.

Em seguida, o "velho" Fratti fala sobre a historia do movimento operario no Brasil; importante destacar que, a partir de 1935, Frati fala de sua propria experiencia no meio operario e no PCB.
A fala de Luiz Cardoso (Luisão) aborda a questão do capital multinacional e os desafios para os trabalhadores.
Helio Bombardi refaz a dinamica fundamental do surgimento das comissões de fabrica em São Paulo e ,o trabalho de bairro;
A exposição de Zé Pedro, reconstroi as greves de massa daqueles anos.Antonio Portela fala dos bancários de SP;
Manuel da Conceição fala sobre a situação dos trabalhadores rurais.

---

3. Contexto francês

FGM – CFDT
autonomia , sindicalismo de massa e autogestão

1. Um “petit rendez-vous” pleno de futuro.

De certa forma, podemos afirmar que a aventura dos brasileiros ,ativistas das comissões de fabrica, que chegaram ao exílio nos anos 70, fugindo à repressão no seu pais, começou com um ‘rendez-vous’ entre René Salane e Ferreirinha {José Domingos Cardoso] : ambos da metalurgia, ambos jocistas, ambos com uma trajetória de lutas já longa. De certa forma, ambos simbolizam valores e princípios do sindicalismo de seus respectivos paises. Contudo, o companheiro francês levava alguns anos de vantagem em relação ao brasileiro.

Salane representava um movimento sindical com toda uma tradição , originada nos anos 20 do século XX, com a CFTC.Como relações internacionais da Central, esteve em contato com a luta de libertação na Argélia ,e,com E.Maire participou do Congresso sobre Autogestão Industrial,em Argel.

Ferreira, por sua vez, representava um jovem movimento sindical que tentava sua reconstrução em novas bases e princípios, a partir do golpe militar de 1964.Quando designado para JOC Internacional, esteve responsável da relação com os paises africanos. Cerca de meio século de diferença separavam as duas experiências sindicais.

Em maio de 2004, chegava-me a resposta da carta que tinha enviado para René Salanne. Quando estive na CFDT,em 2001, tinha obtido o endereço de Salanne com Denis jacquot e Jean Limonet.Como não foi possível encontra-lo em Paris ,resolvi lhe escrever uma carta com algumas questões sobre as relações da CFDT com a Oposição Sindical brasileira,sobretudo,sobre as origens desta relação.
A carta de Salanne nos ajudará na reconstrução das origens do GAOS.

“ Relações entre a CFDT e o Movimento Sindical Brasileiro
- origens.

A origem , os primeiros contatos entre a CFDT e os militantes sindicalistas brasileiros no exílio, na França e na Europa, são importantes pois eles são apartida de uma importante cooperação que se desenvolveu sem eguida entre a CFDT e a CUT.
Pouca coisa foi escrita sobre sobre este período. Assim, temos que nos socrrer na memória e buscar resumir o essencial.

O primeiro contato direto foi ,pelo que sei, em 1971 entre Roberto de las Casas* ,acompanhado de um camarada brasileiro,do qual esqueci o nome, e Edmond MAIRE*, recém eleito Secretario geral da CFDT.Edmond me fez vir a este encontro,pois Eu era o responsável do setor internacional da CFDT.
Este primeiro encontro foi interessante e caloroso; uma convergência profunda se desenvolveu das discussões , a decisão foi tomada no sentido de continuar os contatos em busca de uma ajuda concreta à oposição sindical brasileira.
Rapidamente, uma segunda reunião entre Roberto de lãs Casas , Alfred Hervé (dito "Anibal") comigo , permitiu o inicio de uma cooperação concreta e continua.
Podemos resumir este período que vai até 1979 , em 2 atapas:

1ª etapa=

Organização de uma equipe de oposição formada de brasileiros no exílio.
Já existia um grupo formado ,principalmente, de intelectuais brasileiros,do qual Roberto fazia parte. As orientações políticas dos membros deste grupo eram muito diversas desde a origem no Brasil: movimentos de esquerda , JOC , luta armada...

Este grupo se enriquece ao passo que chegavam os militantes operários , como José Cardoso

As reflexões do grupo, discretamente coordenadas por Alfred Hervé que era o seu tesoureiro, foram determinantes. Alimentado por suas próprias experiências de um lado, e de outro, pelas reflexões, pela ação, pela organização, a concepção do sindicalismo que se extraia da CFDT, o grupo ,de inicio, encontrou sua unidade e produziu 2 coisas importantes:

1= a descoberta, pelos intelectuais brasileiros, do movimento operário,notadamente do papel preponderante do sindicalismo, construído e dirigido pelos militantes saídos da classe operaria (ou camponesa) em uma sociedade democrática (ou em luta para obte-la);

2= a necessidade de conduz a uma ação sindical de oposição, no Brasil da época,na legalidade: penetrar nos sindicatos oficiais com apoio paralelo e formação dos militantes...

2a etapa=

Coordenação de um apoio direto à oposição sindical no Brasil.
Esta etapa , onde encontramos os militantes como José Cardoso e Ibrahim José (são os que me ficaram na memória), se organiza mais diretamente com a Federação da Metalurgia –FGM , que fornece um local a oposição sindical brasileira até a anistia no Brasil.
Esta cooperação direta se desenvolve também com a Federação dos Químicos.
Foi neste período, parece-me, que o grupo produziu um livro destinado a "imigração brasileira": "Brésil dês Travailleurs" que teve uma grande divulgação.
Quando a anistia foi decretada no Brasil, o apoio da CFDT tomou uma nova forma sob a responsabilidade do setor internacional.Eu já não estava mais neste setor.
Durante este período de 1971 a 1979, a organização e o funcionamento da oposição sindical brasileira foram , no essencial, financiada por fundos de solidariedade da CFDT".

Le 12 mai 2004
RENE SALANNE.

A Federação Geral da Metalurgia -FGM

Nesta parte do trabalho, tentaremos reconstruir a historia dos metalúrgicos franceses da CFDT, com o objetivo de conhecermos a origem e evolução de seus princípios estratégicos, que tanto peso tiveram ,junto com o setor Químico (Chimie),e a Hacuitex (Borracha,Couro,Textil), na concepção sindical da CFDT.

Tomamos como fonte básica deste mergulho na historia, a obra ' SOUFFLONS NOUS-MEMES NOTRE FORGE. Une histoire de la Metallurgie CFTC - CFDT ,1920-1974".Obra que nos foi recomendada e presenteada por Jean Limonet.

Essa obra cobre o periodo historico que nos interessa analizar. Pois, se encerra no ano em que a maioria dos militantes sindicalistas brasileiros chegou em Paris [1974].

Contudo,utilizamos inúmeros documentos da CFDT encontrados em seu Arquivo Confederal ,em Paris.muitos Documentos publicados e outros tantos apenas arquivados.

FGM: Sindicalismo de massa e autonomia.

O principio motor da ação da FGM é a autonomia. Sua identidade: " Autonomia do operário no trabalho, autonomia progressiva frente à Igreja, frente a todas filosofias, ideologias e dogmas ,mesmos aqueles de uma "vanguarda" contraria à nossa concepção de um sindicalismo de massa, autonomia frente ao patronato...mas autonomia construtiva e positiva também em relação à Confederação , contudo sendo, ao longo de seus 70 anos, a sustentação e a coluna vertebral da CFTC ,depois da CFDT".

A construção desta visão necessitou um longo percurso : do "catolicismo social" ao "socialismo autogestionario". Os versos do lema da metalurgia ["Soufflons nous meme notre forge"), vem da memória social das lutas dos operários franceses, e dos versos da "Internacional", de Eugene Poittier , e corresponde a utopia da autogestão socialista.

" A CFDT atual...Sua identidade é impenetrável sem um retorno ao desafio engajado, no período do fim da primeira guerra mundial, por uma fração de militantes determinados: transformar um sindicato defensivo e confessional em uma central subversiva e laica, isto é, autônoma".

As origens : a CFTC

Em 17 março de 1886, realiza-se em Lyon, uma assembléia geral de fundação da Corporação dos empregados do setor comercio de tecidos, agrupando exclusivamente empregados católicos. Um artigo do Estatuto precisa que ela é "cristã em seu espírito". Seus objetivos: estudar e defender os interesses dos trabalhadores deste setor , buscar o entendimento com os patrões cristãos agrupados na "União Cristã dos fabricantes". A "Corporação" é o primeiro sindicato cristão fundado na França.

Em Paris, foi fundado o "Sindicato dos Empregados do Comercio e da Industria"[SECI], em setembro de 1887,agrupando operários católicos. A partir de 1892, e sobretudo de 1901, ele torna-se um verdadeiro sindicato de assalariados para defender os interesses de seus membros, e propor reformas legislativas. Recruta seus filiados no interior das organizações católicas. O numero de filiados cresce rapidamente: 250 aderentes em 1890, 2000 em 1901, 6000 em 1910, 10.000 em 1914.

Uma das originalidades é a criação de sindicatos puramente femininos em algumas regiões da França, como Lyon , Grenoble e Paris.

Enfim, com o fim da guerra, constitui-se a Confederação. O congresso de fundação foi em Paris, novembro de 1919. O termo "cristão" prevaleceu em relação ao termo "católico". Nascia a CFTC – Confederação Francesa dos Trabalhadores Cristãos. O artigo primeiro dos Estatutos indica que a CFTC se inspira em sua

ação na doutrina definida em 1891 da Encíclica “Rerum Novarum” do papa Leão XIII. O recrutamento continua a ser feito nas organizações católicas. Um Comitê teológico assessora a direção da Central.

Quanto à sua composição, 50% é da federação dos empregados .Nas fabricas estes empregados não são agrupados junto com os operários. Até 1930, a CFTC tem 210.000 filiados; além dos empregados, há mineiros, caminhoeiros, operários e operarias do setor têxtil e alguns metalúrgicos.

E, duas federações distintas de sindicatos femininos.

A Central participa em varias greves: nos bancos, no setor têxtil, na metalurgia; mesmo que sua opção é no sentido de buscar a resolução pacifica dos conflitos, através da conciliação e arbitragem.[cf. Branciard] Combate a luta de classes e trabalha pela paz social.

A Frente Popular de 1936

A CFTC viu com desconfiança a vitória eleitoral dos partidos da Frente Popular. Será a própria classe operaria que, a partir de 11 de maio, entrará em greve. No 26 maio, a greve se amplia a toda metalurgia parisiense; em junho, todos os setores estavam em greve no pais: mais de 1.800.000 grevistas. A quase totalidade da França está paralisada e, com uma caracteristica nova e original: A OCUPAÇÃO DAS FABRICAS.

A CFTC rejeita a ocupação dos locais de trabalho, pois viola a propriedade privada. Após muitos debates, surge uma posição: os militantes cristãos podem entrar nos comitês de greve , mas devem tomar cuidado com as ocupações de fabricas. Contudo, a CFTC não participou dos Acordos Governo-CGT, no Hotel Matigon, que levou a muitas conquistas: contrato coletivo, liberdade sindical, aumento salarial, delegado sindical, férias pagas e 40 horas de jornada.

Se a CFTC desaconselhava a participação nas ocupações de fabrica, a base metalúrgica participava diretamente nas greves. A nível de base, dominava o espírito de unidade de ação .Um ano antes da Frente Popular, em 1935 , os sindicatos cristãos, sobretudo os metalúrgicos se engajaram em muitas greves. Neste mesmo ano, surgiu o jornal mensal “ l”Ouvrier metallurgiste”, que difunde massivamente as greves. A greve das “Forges et Acieries” da Marinha, de Saint-Chamond na Loire, greve combativa e com unidade de ação com outras forças atraves do comitê de greve , anunciava as grandes lutas de 1936.

No Congresso da Federação Metalúrca, de maio 1936, a federação Metalúrgica tem 52 sindicatos filiados e 6.181 aderentes. Apesar de ser um numero baixo em relação a população metalúrgica, havia uma progressão: a Metalurgia era a 3a. federação da CFTC.

Algumas greves tiveram enorme impacto na cultura sindical cristão.Por exemplo: a grande greve da Manufatura francesa d’ Armes e de Cycles [‘Mimard”] começou em 3 agosto 1937: 100 dias de conflito , e 45 dias de ocupação. Os sindicados cristãos são apenas 70, contra 12000 da CGT; entre os 37 do comitê de greve, há 7 cristãos. A greve ainda tinha o ” espírito 36”: aspectos lúdicos e culturais,como, jogo de cartas,teatro,musicas,danças, nos locais ocupados.

A duração e as caracteristicas [sindicalismo ofensivo, de massa e unidade de ação] desta greve metalúrgica , impactaram a direção nacional da CFTC ,que tinha desconfiança e restrições ,mas que, terminou apoiando os grevistas.

O período da Frente Popular foi de avanços para Federação metalúrgica. Dos 12.232 membros em Junho 1936 , salta para 24.676 em dezembro 1938. O progresso da FP se traduz por uma duplicação de membros no mês de junho, uma multiplicação por três no segundo semestre de 1936 , e por quatro de maio 1936 a dezembro de 1938.

Tanto para CFTC,em seu conjunto, quanto em particular para metalurgia, 4 fatores foram fundamentais neste crescimento :

1] A mobilização de religiosos, sobretudo no Norte, para o recrutamento da CFTC;
2] A ação e a combatividade dos jocistas;
3] O caráter "profisisional" ("apolítico") do sindicalismo cristão, mais próximo das preocupações concretas dos operários, e menos ideológico; a este aspecto, junta-se a rejeição à CGT;
4] A presença ativa dos militantes cristãos nas fabricas ocupadas e a participação nas negociações das "convenções coletivas"

As transformações são também qualitativas e significam mutações em profundidade. A multiplicação de sindicatos modifica a implantação tradicional dos sindicatos da metalurgia.
O recrutamento em junho de 36 w depois passou a ser feito no terreno da empresa e não mais nas organizações católicas. Sobretudo, em Paris , chegam novos sindicalizados não católicos ; na região parisiense, os filiados passam de 2.000 em 1937, para 4.500 em 1938. Os que assumem responsabilidades sindicais, na maioria são da JOC, que trabalha onde está implantada ,antes de 1936,no recrutamento de filiados; fornece jovens quadros operários bem formados ,com uma fé ardente e um grande conhecimento dos problemas e aspirações operarias.A partir de 36, estes militantes se multiplicam.A JOC torna-se um celeiro de militantes metalúrgicos, depois responsáveis sindicais,animados de um espírito autenticamente operário.

As novas condições de recrutamento nos locais de trabalho, colocam a questão da organização sindical a nível de seção sindical de empresa.Antes a organização se fazia a nível das "seções locais", local de residência e não no local de trabalho. A seção de empresa é um prolongamento do sindicato nas empresas.,articula o trabalho de unidade de ação,quando possível,com as seções da CGT. A União regional se amplia,desde que as seções sindicais articulam a ação entre varias empresas de uma mesma região.

Ocorre,então,uma revolução nas estruturas sindicais.A forma antiga já não respondia as necessidades da conjuntura pós 1936. As federações femininas e de empregados sofreram mudanças importantes. A federação de Industria substitui a antiga Federação de Empregados, em que estes são separados dos operários. A realidade das seções de empresa , onde se organizam todos os trabalhadores, inclusive homens e mulheres juntos, se projeta a nível das federações
O Sindicato feminino da Metalurgia de Paris se filia à federação metalúrgica. Depois, há constituição de "comissões feminas" em cada sindicato. Assim, nas seções sindicais estam juntos homens e mulheres, ao contrario do principio "cristão" de não "mistura" das organizações.
Entretanto, a mudança principal é a passagem para o sindicalismo de massa .

Em 1937, é fundado o SGEN {Syndicat Gnerale Education National },por professores do ensino publico e que se filia à CFTC.É o canal por onde penetra a laicite republicana na Central.

PAUL VIGNAUX , um dos fundadores, declara o interesse pela educação operaria ,uma herança da esquerda universitária."Nosso projeto consistia em laicisar a formação dada aos militantes".
P.Vignaux, estudante na Ecole Pratique des Autes Etudes , colabora com a formação confederal. Sua chegada vai modificar a formação dada nas "Escolas normais Operarias"[ENO] da CFTC. Temas como historia do movimento operário, direito social, pasam a ocupar espaços onde existia apenas a doutrina social católica.É o inicio da articulação entre o pensamento acadêmico e um pólo operario, a metalurgia.

3. A Resistência e o Sindicalismo

Com a ocupação alemã [1939], a França fica dividida em duas partes: uma parte 'livre' no Sul e, outra sob ocupação alemã.O novo regime dissolve por decreto as

confederações sindicais operarias e patronais,e lança uma 'Carta do Trabalho". Os sindicalistas se encontram e lançam o "Manifesto dos doze", defendendo a liberdade sindical.É o primeiro ato de resistência.

Neste contexto de acupação, a historia do sindicalismo se confunde com a historia da resistência O movimento sindical se estrutura clandestinamente no Norte e no Sul.Em 1943, a nível nacional, a CFTC constrói estruturas clandestinas.Em Londres, os sindicatos cristãos entram em contato com os dos EUA.Paul Vignaux, exila-se nos EUA em 1941. Neste pais, os sindicalistas " podem ver o funcionamento de perto, através da CIO, um sindicalismo forte, combativo e organizado na base da industria, notadamente no automobilístico e na siderurgia."Os sindicatos norte-americanos apóiam a resistencia.

Com o fim da Guerra, mudaram os antigos dirigentes da Central.Então,os militantes jocistas, amadurecidos na luta da resistência, assumem postos importantes no sindicalismo. A metade doss ecretariosdas regiões e nas federações têm entre 25 e 30 anos. É um sindicalismo em efervescência. Busca-se uma cultura sindical autentica :" nem a sacristia da Igreja nem a célula do PC" ; muitos mergulham na literatura anarco-sindicalista. Surge uma nova força político-partidaria: o MRP, que nas eleições para Constituinte tem cerca de 40 deputados vindos da CFTC. Portanto, coloca-se o risco da Central se tornar um anexo da Democracia Cristã.

No plano ideológico, o Manifesto dos Doze e,sobretudo, o Programa do Conselho Nacional da Resistencia – que expressa as arspirações da Libertação – reflete a sensibilidade anticapitalista e socialista das novas gerações de militantes.Os metalúrgicos iriam contribuir para dar forma as novas orientações.
A luta pela autonomia sindical , na qual um dos pontos é o principio do "não acumulo decargos" nas direções sindicais e partidárias. No primeiro Congresso após a Libertação, que ocorreu em 1945, esta luta será conduzida sobretudo pelos metalurgicos ,e, dará origem a uma "oposição interna".

Grupo "Reconstrução" : A disputa de hegemonia (o papel da formação sindical)

Em dezembro de 1944, ocorreu a primeira reunião do Conselho federal, em Paris. É toda uma nova geração que deve aprender a reconstruir o sindicalismo. Uma das primeiras questões polemicas era a da Unidade Sindical com a forte CGT. O clima pos Libertação era de unidade. A CGT propõe a unidade orgânica ,o que complica a relação entre as duas Centrais.Em 1947-48, surge a Força Operaria, uma cisão da CGT.

Na CFTC, adota-se o principio do não acumulo de cargos. O outro ponto de pressão da "oposição interna",chamada de "Minoria", era o sindicalismo de massa: para superar o caráter "confessional" da CFTC.O 3o ponto, referia-se ao tipo de estrutura sindical: a federação de Industria, ponto defendido pelos metalúrgicos, para superar o sindicalismo de corporações.

Ao lado da hegemonia militante da "Minoria", se desenvolve uma hegemonia intelectual: a oposição precisa defender sua visão. Surge,então, em janeiro 1946, "Reconstrução",um Boletim .Contudo, há uma diferença entre reconstrução, grupo de militantes que por vontade própria se reúne para aprofundar questões comuns e, a "Minoria",coletivo de dirigentes som mandato que se encontram antes das reuniões da Central para articular estratégias.

Na verdade,"Reconstrução" é um "Biro de Estudos". É uma "Escola de Quadros" `a serviço da "Minoria". O grupo publica os "Cadernos de Reconstrução" e funciona como uma "Associação de Pesquisa e de Educação Popular".

Os anos 50 serão marcados por grandes lutas. Os metalúrgicos defendem as lutas em torno da Convenção Coletiva Nacional. Os salários estavam sobre controle estatal. Em fevereiro de 50, ocorreu a greve na região parisiense:

400.000 grevistas na Metalurgia;em março, é a vez das greves na Siderurgia da Lorraine. A CFTC se engaja nas greves em toda a França: era o sindicalismo de massa, a unidade de ação, a solidariedade ampla, o caráter profissional e o espírito de classe.

Em agosto 1953, surgiram novas greves, sobretudo no setor publico.Contudo, a direção da CFTC conclui acordo com o Governo ,finalizando o movimento grevista em diversoss etores e refletindo uma dependência frente ao MRP.

No Congresso de Belfort,em 54, a minoria critica a postura da Central e decide-se, a partir dos metalugicos, pela necessidade de uma "política sindical" e pela noção de "socialismo democratico".

No caderno de "Reconstrução", já em dezembro de 1948, podemos encontrar uma definição sobre o socialismo:
Paul Vignaux critica o capitalismo privado e, o socialismo estatal dos PCs, e diz que ambos são contrários ao "controle operário". Portanto, vinte anos antes do maio 1968, o vento do "socialismo autogestonario" já soprava no campo da CFTC.

Os anos 50, são marcados pela combatividade dos trabalhadores, e,refletindo esta conjuntura, "Reconstrução" avança no debate sobre o conteúdo do socialismo.Assim, em 1952, no Congresso da Química, fala-se de "socialismo democrático".

E,varios estudos de "Reconstrução" abordam o tema.Em maio 53, o caderno vem com o titulo "socialismo democrático". A opção socialista de Reconstrução é afirmada publicamente quando da Conferencia Operaria da SFIO,a Puteaux em maio 1953:

" democrático evidentemente, e antitotalitaria; uma mudança das estruturas econômicas seria em vão a nossos olhos, se elas não forem acompanhadas do respeito e das liberdades política ,sindical , e espiritual, historicamente solidárias"[Charles Savouillan,séc.geral dos metalurgicos] ; " É para um socialismo democratico que devemos dirigir nossas energias desde já , reforçar as organizações de base, as únicas vapazes de evitar o desvio totalitário".

No Congresso de 1955,a expressão "socialismo democrático" é pronunciada a,a partir de um texto dos metalúrgicos :" Nossa ação política, como o sindicalismo, deve se declarar anticapitalista, mas este termo deve significar a pesquisa de um socialismo democrático porque nossa vontade e nossa ação são na linha de estruturas e políticas não totalitárias".

O terceiro conflito dos anos 50,explode em 55. Os operários da Construção naval de "Saint-Nazare" fazem greve contra mudanças tecnológicas na produção. Em Nantes, os metalúrgicos entram em greve;ocorem conflitos violentos com a Policia ;morre um operário;são 50 dias de greve.A CFTC cresce: passa de 1.000 a 2.000 filiados na metalurgia em Nantes. A "Minoria" afirma que á CFTC não é "assintente social do regime capitalista",mas "um instrumento de luta operaria". As greves e ampliam por vários canteiros navais.O patronato começa a fazer acordos por empresa, conduzindo o sindicalismo aos locais de trabalho; e, a modificação da estrutura salarial leva a discussão sobre o poder.

Os anos 60

Um balanço das lutas metalúrgicas do período pos-Guerra, mostra que a FGM é o exemplo perfeito da potencia operaria que mudou a CFTC no período. De 1954 a 1961 , os filiados dobraram.A FGM representava , no inicio dos anos 50 , 8 ou 9 % dos efetivos da Central. Em 1961, representa 15%.
Este crescimento da FGM só foi possível devido ao dinamismo militante, nas empresas e nos sindicatos.
Em 1954 , Eugen DESCAMPS é eleito secretario-geral da FGM. Nascido em 1922 à Lomme, na periferia operaria de Lille, marcado pelo movimento socialista que impregnou sua infância e pela descoberta da JOC do Norte, Ele exerceu diversas

profissões.Permanente jocista desde 1942, entra na clandestinidade com a ocupação alemã. Na Libertação, foi responsável regional na Alsacia-Lorena;em 1948-50, séc-geral da JOC nacional. Inicia sua vida sindical como séc- regional permanente da CFTC responsável do ramo siderúrgico na Lorena.
O sindicalismo opera com dificuldades extremas,exigindo muito dos militantes. A ética miliotante da época presupõe a abnegação dos interesses pessoais,e também da esposa .Estas eram cgamadas de "viúvas do sindicalismo"; em geral vinham da JOC feminina e partilhavam das idéias dos maridos para aceitar os sacrifícios.

À energia dos militantes, havia a eficácia da organização. No verão de 62, a FGM contava uma quinzena de Uniões Metalúrgicas [união de sindicatos metalúrgicos] organizadas em base regional, cobrindo um total de 34 departamentos onde trabalhavam 1.500.000 de metalúrgicos num total de 2.000.000 no pais.

Graças a contribuições dos militantes, a FGM mudou da rue Montholon para se instalar em um espaço bem maior na rue Mairan.Uma revolução cultural para época.

No interior da "Minoria", os metalúrgicos têm um papel determinante. Em 52, no Congresso dos Metalurgia , apresentam um documento em que as referencias sindicais vão muito além do catolicismo social: Tolain, Varlin,Pelloutier.

No Congresso da CFTC, em 55, a Tese alternativa da "Minoria" está centrada na noção de "Socialismo democrático".

Em 56, o Congresso da Metalurgia confirma sua orientação socialista.
E.Descamps elabora um documento: "O socialismo democrático, proposta de conteudo":
" Radicalmente anticapitalista, o socialismo deve em definitivo substituir o regime vigente , que só busca o lucro, e não apenas o reformar. A planificação necessária da economia, apoiada em um gestão publica dos investimentos e um setor publico atuante, evita os perigos que devem ser eliminados por uma 'democracia real em todos os niveis', da nação à empresa; as novas responsabilidades do sindicalismo, o controle operário, tem como razão de ser 'a representação dos trabalhadores".

Em 57, a FGM inicia o debate sobre a filiação internacional à FIOM. Seguem-se muitos contatos bilaterais com Alemanha, Inglaterra,Suécia,USA,etc.Mas, a crise interna adia a filiação, que somente ocorrerá dez anos depois.

No Congresso Metalúrgico de 57, em Asniéres, a eleição para o Conselho da FGM termina mal. A "Minoria" se retira da sala cantando o hino dos "Canuts".Foi o ultimo ato da guerra interna. Contudo, a "Minoria" obtem 4 cadeiras sobre 15 no Bureau nacional da CFTC. Descamps,séc-geral da metalurgia, torna-se responsável do "Setor Social" [ação reivindicativa,negociação]. Em 61, Descamps , 39 anos, é eleito séc-geral da CFTC,sendo o primeiro oriundo da metalurgia a ocupar este cargo.

Assim, com menos de 15 anos de disputa a oposição "Minoria" chega ao mais alto cargo. E, é umm metalúrgico que substitui um empregado do comercio. Esta vitória " sanciona a penetração progresiva de suas idéias,de sua cultura,no tecido sindical.Ela sanciona sobretudo a progressão das equipes sindicais na base,nas empresas,nos conflitos sociais freqüentemente violentos,amadurecidos por uma reflexão que provou na e pela ação sua validade".
Os minoritários estavam melhor organizados, tinham uma estratégia precisa."Foi nas fabricasque se deu a batalha entre maioria e minoria"{Albert Mercier] Os minoritários tomaram o poder nas greves;tomaram o poder no aparelho;mas, principalmente,suas idéias chegaram ao poder.

A CFDT : sindicalismo autogestionario

A Guerra da Argélia teve grande impacto no sindicalismo cristão CFTC. Esta sempre abordou a "Questão Colonial" [África]. Em 55, a situação na Argélia se agravou com as ações da FLN e a repressão militar. Em 61, ocorreu em Paris,

massacres de manifestantes pela policia ,em Vincennes..Em 62, outra manifestação sofre repressão: nove mortos { metro Charonne}.
Na metalurgia, havia operários argelinos e sindicalistas ligados à FLN.A CFTC tem laços com a UGTA. Com o fim da guerra, a FGM ajuda a reconstrução do movimento sindical argelino.Um militante metalúrgico, de origem argelina e vivendo na França,torna-se Ministro do Trabalho do Governo Ben Bela. Em 64, uma delegação da CFTC visita as "experiências de autogestão" da Argélia independente.

Em 1961, E.Descamps é substituído na séc-geral da FGM por Jean Marie.

Em 64, ocorre o Congresso extraordinário em que a CFTC se torna CFDT.

Em 65, a Federação Metalúrgica adota o nome de FGM-CFDT. No quadro do 'neocapitalismo', o 'modelo' da metalurgia tradicional perde a hegemonia e a 'nova classe operaria' ocupa espaço na FGM.

Qual a estratégia para combater o "neocapitalismo" ? A obra de Gorz ["estratégia operaria e neocapitalismo"] torna-se referencia.A CFDT busca uma estratégia.Em 66, conclui um acordo de unidade de ação com a CGT para se contrapor ao patronato.A CFDT se engaja em dois debates:

1] sobre as modalidades de ação;
2] sobre a estratégia.

Dois grupos ocupam o espaço: um,defendendo uma "estratégia comum",isto é, um contrato publico entre Governo e esquerda. Outro, defendendo uma estratégia de autonomia, baseada na ação de massa.

CFDT,o "espirito' da Autogestão e 1968

"As idéias de autogestão e de propriedade social foram valorizadas pelo nosso Congresso de 1970".

(Eugene Descamps)

Em 66, eclodem vários movimentos grevistas,com conflitos e violência policial;greve dos metalurgicos em Nantes, durante 60 dias.Uma antecipação do 68!

É fundamental ver que muito antes de 1968,a idéia ,o espírito da autogestão era tema de debates em algumas Federações da CFDT,por exemplo,a Hacuitex, a Chimie. A proposta de estratégia da "minoria" propunha a "expropriação dos capitalistas e a organização do poder dos trabalhadores como dois aspectos indissociáveis da luta".

O principal dirigente da Hacuitex, Fredo Krumnow,já em 1956 , falava sobre a autogestão; " Os operários e operarias se reconhecem em seu produto de trabalho; é o produto de suas mãos,de seu suor,de seu cansaço, é seu produto, e a fabrica é a 'sua' fabrica"

P.Salies aborda um documento encontrado nos Arquivos da CFDT,datado de 1963,com as indicações de "não publicar","confidencial", "reprodução proibida"intitulado "Experiências de Autogestão na França e na Yugoslavia". Seu objetivo; assinalar os pontos comuns das associações de p´rodução na França (de 1830 à 1848), das comunidades de trabalho após 1945 e das experiências yugoslavas ou israelianas".

Fredo Krumnow,em 1964 , num relatório da Federação Hacuitex, afirma que: " para contestar o capitalismo ,devemos atacar a noção do capital e do lucro .Por em questão o direito de propriedade e autoridade de gestão do capital sobre os meios de produção e sobre a economia,isto é, defender a socialização dos meios de produção".

No Congresso da Hacuitex,em 1964, refletindo sobre o comunismo russo e o capitalismo, os militantes se questionam: "Existe exemplo da sociedade que queremos?".Alguns respondem que " O objetivo devbe estar passo a passo com o respeito pela dignidade humana, o que significa que um dia os trabalhadores tenham a gestão de suas fabricas e de seu pais; este é o objetivo essencial".

No Congresso Hacuitex de 1966, F.Krumnov define a orientação estratégica: "No programa da CFDT,não pode haver justificativa ao direito de propriedade privada sobre os meios de produção,nem ao poder de gestão decorrente...Os bens de produção representam um patrimônio comum que pertence à todos...A propriedade dos meios de produção deve tornar-se social,ela deve fazer parte e constituir o tronco comum do que chamamos de bem comum.Quanto à gestão, ele deve pertencer aos trabalhadores".

Este Projeto de Sociedade se traduzia em demandas sindicais concretas: "Liberdades sindicais: todo trabalhador deve ter a possibilidade pratica de se organizar no local de trabalho; no campo salarial: obter um verdadeiro poder de controle; na ação de massa: " É nas manifestações públicas por ocasião das greves amplamente desenvolvidas que a classe operária deve criar seu direito à autogestão nas empresas e na economia...".

Por sua vez, a Federação da Chimie,retoma suas idéias do Congresso de 1964: " Deve-se instituir a apropriação social do autofinanciamento,isto é, o retorno à coletividade de acumulação das riquezas...". Edmonde Maire, define,então,dois pontos estratégicos de uma dupla ruptura: social (abolição da propriedade privada dos meios de produção) e política (uma maioria governamental originada do mundo do trabalho).A definição da Chimie apresenta três etapas da passagem da empresa capitalista para empresa de autogestãoe, portanto, porta uma "novidade": um socialismo autogestionario que pode existir antes da abolição da propriedade privada, uma autogestão não que presupõe a apropriação coletiva dos meios de produção.

Na Região da Loire-Atlantica, o Congresso da Chimie adota em 1961 uma postura anticapitalista: " Que se chame socialismo,ou socialização, significa a construção de uma civilização do trabalho,em que o paritismo não tem lugar, pois só o trabalho humano produz riquezas.Os meios de produção,meios ao serviço do bem público, devem estar à serviço dos que produzem: operários,camponeses e técnicos". A grande questão, é a da socialização dos meios de produção.

A Questão Internacional

Abramos um pequeno parênteses para falarmos sobre as relações internacionais.A ação internacional se tornou um eixo estratégico com a fundação da FGM.Os Congressos de 1965 e 1968 aprofundaram este aspecto: " Os sindicatos têm dever de solidariedade com todos os trabalhadores do mundo".a ajuda aos sindicatos do "Terceiro Mundo" é uma preocupação constante da FGM. Em 1968, a FGM se filia a FIOM e a FEM,membro da CESL.Foi a primeira federação da CFDT a se filiar a um SPI.

No plano da CFDT, desde a época da CFTC, Gerard Esperét,operário metalúrgico oriundo da Manche e militante da JOC, no após Guerra se dedica a educação popular e encontra muitos militantes africanos.Nomeado secretario-geral adjunto da CFTC,percorre a África em 1949,defendendo a criação de sindicatos independentes ,sobretudo na Argélia.
G. Esperét será o primeiro responsável pela política internacional da CFDT.

O ano 68 dos metalúrgicos

Em 13 de Maio houve uma greve geral, com grandes manifestações em Paris.Estudantes e operários desfilaram juntos.A manifestação foi dissolvida.A continuidade da relação com os estudantes foi retomada pelos metalúrgicos. "as empresas da metalurgia mostram o caminho:
No 14, a fabrica Sud-Aviation em Bouguenais perto de Nantes é ocupada e seu diretor seqüestrado. No 15, as fabricas Renault em Cléon são ocupadas.
No 16, o movimento se generaliza na Renault na região parisiense, ganha outras fabricas em Saint-Nazaire, no Havre,etc.

A direção CFDT encouraja o movimento, aconselha as ocupações". Lança a palavra-de-ordem de "democratização": "À monarquia industrial e administrativa, deve ser substituída por estruturas democráticas com base na autogestão".

Estas lutas de Maio 68, levaram a uma grande afiliação de trabalhadores à FGM: 15.000 a 20.000 novos sindicalizados; 250 a 300 novas Seções Sindicais de Empresa. Assim,Maio 68 foi um ponto de aceleração. Muitos acordos foram realizados com fabricas ocupadas.Caminhando para as Convenções Coletivas Nacionais na Metalurgia;redução da jornada de trabalho;política de emprego com papel de destaque para as Seções Sindicais e o Comitê de Empresa . E, a maior conquista sindical de Maio-Junho 68: o direito sindical de organização nas empresas.

Os três eixos do Socialismo

No congresso de Dijon (1971), ocorreu uma mudança na direção da FGM: entre 1971 e 1974 chegaram novos secretários nacionais,entre eles ROGER BRIESCH *,vindo da Lorraine. E, o novo secretario geral,em 1971, é JACQUES CHEREQUE *. Os acontecimentos de 68, levaram a uma radicalização do discurso da FGM ,com impregnação de conceitos marxistas e condenação radical do capitalismo. Este discurso anti-capitalista tem três eixos,que fundamental o Programa da CFDT após 1970:

1.Autogestão;
2.Propriedade Social dos meios de Produção;
3.Planificação Democrática.

O Secretario Geral FGM,Jean Marie,no Congresso de orientação, define uma "estratégia ofensiva" que permita a instauração de uma sociedade socialista.

Pós 68, serão os anos de luta de categorias especificas: mulheres,trabalhadores não-qualificados,imigrantes...

A FGM preconiza uma política unitária com o objetivo de chegar a unidade orgânica com a FTM-CGT.Em 1971, a FTM-CGT participa do Congresso da FGM.Há uma grande influencia dos metalúrgicos italianos: a unidade orgânica entre a CGIL (FIOM), a CISL (FIM) e a UIL (UILM). Forma-se,então, o "Comitê dos Cinco",isto é, as três Federações italianas mais CFDT e FGM, visando uma ação conjunta internacional na metalurgia da Europa.

A CFDT organizou alguns Colóquios sobre autogestão:

- em 16 e 17 de fevereiro de 1974,com a participação de organizações de esquerda(PSU, AMR,PSF). O tema deste primeiro Colóquio foi "autogestão e empresa".Três relatórios foram discutidos:
  1) "autogestão e organização do trabalho";
  2) "autogestão e modelo de desenvolvimento";
  3) "autogestão, poder e autoridade".

- em 8 e 9 de junho 1974,estava previsto um segundo Colóquio sobre o tema "Autogestão e vida social".Entretanto,a campanha presidencial não permitiu sua realização.Um dos relatórios tratava do tema "autogestão e informação".

Por sua vez, o PSF em seu Congresso de 31/1 a 2/2 de 1975 ,decidiu realizar uma Conferencia nacional sobre a Autogestão,para junho 1975,após uma grande campanha nacional de informação e debates sobre a autogestão.

==========

LIP, 1973 *
"É possível: produzir, vender e pagar salários"!

1973 ainda foi um ano de lutas operarias. A principal ocorre em BESANÇON*, com os trabalhadores da empresa LIP. Todo o pais acompanha a luta.LIP foi a

transição entre o pós 68, de uma CFDT radical e revolucionaria, para (com a crise econômica iniciada em 1974) uma CFDT realista e propositiva.

Na LIP, os trabalhadores ocupam a empresa e passam a produzir e vender eles mesmos os relógios produzidos. Chamam esta luta de "Autodefesa",mais que de "autogestão".Contudo, a experiencia foi vista,na França e no exterior,como uma luta autogestionaria.O seu lema: "É possível: fabricar, vender e pagar os salários"!

A pratica da democracia de base na LIP, foi outra expressão da pratica da autogestão,herdada das lutas de 68: um Comitê de Ação, com não-sindicalizados, ao lado da Seção Sindical da CFDT e da CGT; assembléias gerais, trabalhos em grupos,divulgação de Informações.O impulso maior a luta veio da SSE CFDT,em que se dastaca a liderança de CHARLES PIAGET*,militante da ACO e do PSU.

A luta durou 9 meses! O Congresso dos metalúrgicos,em 1974, faria referencia a luta da Lip.

Os 3 pilares da Autogestão

Em 1973, a CFDT chegava a uma sistematização da sua visão do socialismo autogestionario.
No caderno n.22/23, da Revista "Autogestion et Socialisme",datado de jan-março 1973, A CFDT apresentou um texto favorável à autogestão.Encontramos uma parte referida ao tema "Autogestão e Transição ao Socialismo",em que a Central apresenta suas posições.

Na verdade, este documento retoma as definições publicadas em um numero de "Syndicalisme Magazine"de novembro 1972,que por sua vez, parte da Resolução do Congresso da CFDT realizado em 1970, que definiu o 'socialismo democrático fundado em três pilares:
-A autogestão;
-A propriedade social dos meios de produção e de troca e,
-A planificação democrática".

O texto de "Syndicalisme Magazine" intitula-se " A CFDT responde a 13 Questões sobre a Autogestão". Vejamos alguns pontos do ensaio , publicados na Revista "Autogestion et Socialisme":

" Para CFDT, a autogestão não é somente um objetivo do socialismo democrático, uma visão longe que não passaria de um ideal.

Para CFDT,perspectiva e estratégia estão ligadas: não há de um lado o socialismo democrático que queremos para o futuro e,do outro lado,a ação sindical que conduzimos no presente.

Agimos hoje em função da perspectiva socialista que traçamos.

A estratégia da CFDT se apóia em dois pólos:

- fazer a relação entre a ação do sindicato hoje e a perspectiva do socialismo autogerido;
- conceber a transição ao socialismo como um processo global de transformações políticas,sociais,econômicas,ideológicas,na qual certos saltos qualitativos (como a tomada do poder do Estado) se inserem.

A perspectiva de autogestão da CFDT tem um sentido atual ao nível das formas e dos conteúdos das lutas:
-ao nível das Formas de Luta, a CFDT fala de autogestão das lutas para significar que são os trabalhadores e suas organizações que têm o papel dominante. A ação descentralizada –que não exclui as lutas de conjunto- e a democracia sindical,desenvolvem a capacidade dos trabalhadores à tomar em mãos seus destinos.A postura da CFDT e de seus militantes visa ,assim, a ser coerente com o objetivo da constituição do Socialismo autogerido que ela defende;

-ao nível do Conteúdo das reivindicações, a CFDT Poe o acento no conjunto dos aspectos da condição salarial atual.

As reivindicações defendidas pelos militantes CFDT abordam também:

-a exploração capitalista:salários,condições de trabalho;

-a dominação: questionamento das relações hierárquicas, luta contra o arbítrio patronal;

-a alienação:contestação do modelo de desenvolvimento capitalista.

CONCLUSÃO

A autogestão não é,portanto, uma utopia distante, nem uma volta ao passado, nem um modelo anárquico de organização,ela é a única forma realista e satisfatória de conceber hoje um socialismo que integre liberdade e responsabilidade.

Esta autogestão, que define o socialismo,é hoje possível e necessária.

A autogestão do socialismo é,assim,triplamente revolucionaria:

- Ela é revolucionaria porque, necessitando da propriedade social,ela poe em causa o fundamento econômico do capitalismo;
- Ela é revolucionaria,pois ela modifica as relações sociais de dominação capitalista no conjunto da sociedade,sem se limitar à empresa,
- Ela é revolucionaria,pois ela é a única resposta viável aos problemas postos hoje pela gestão de uma economia complexa.

A autogestão é revolucionaria,pois ela não se limita a mudança das estruturas da sociedade: ela tem por objetivo a mudança da vida cotidiana em todos os seus aspectos".

Assinam este documento:

CFDT e

Pierre ROSANVALLON

Em 1974, a morte de G.Pompideau jogou a CFDT na cena política.A FGM tem a eleição presidencial como um elemento fundamental,para criar as "condições de transformação social" pela "União das Forças Populares", apoiando a candidatura François Mitterrand: união entre a esquerda do "Programa Comum" e a "Corrente Autogestionaria"; mais que uma aliança eleitoral,uma estrategia de mobilização.

Em 11 de junho, 150 militantes lançam um "Manifesto": "As bases nacionais do Socialismo"; entre os assinantes,100 eram metalúrgicos. Assim, a CFDT representava em peso a "corrente da autogestão".

O Congresso de Grenoble, em abril de 1974, traçava a meta de 200.000 filiados,para desenvolver o sindicalismo de massa e unitário: " a via unitária permite construir na França, uma organização única para todos os metalúrgicos, na base de um funcionamento democrático e independente frente aos partidos políticos".Pensava-se em um "grande partido socialista autogestionario e de massas".

O Documento do Congresso de Grenoble , "Uma estratégia de ação para os metalúrgicos",no que se refere "A convergência entre as forças autogestionarias" afirma que :" Conjuntamente, a CFDT se pronuncia pela busca de uma maior convergência entre as forças autogestionarias.A credibilidade de uma alternativa democrática e socialista,duravelmente pluralista e equilibrada,implica que,sem renunciar em nada a sua autonomia e a sua especificidade,as diferentes organizações da corrente autogestionaria dialoguem ,se enriqueçam na ação e na reflexão comuns para intervir sobre as orientações convergentes".

Quais os meios para realizar a autogestão? O Congresso tenta responder a essa questão:" O conjunto das organizações conderais deve aprofundar os objetivos de transformação que conduzem ao socialismo autogestionario para:

- fazer da autogestão uma perspectiva de massa;

- melhor mobilizar os trabalhadores para os objetivos socialistas e crescer sua capacidade de controle hoje e amanhã;
- enriquecer as confrontações e os debates com as outras forças autogestionarias e o conjunto das forças populares".

Uma parte do Documento está dedicada a "LIP: o direito dos trabalhadores sobre suas empresas:
'A fabrica está onde estão seus trabalhadores'.Este é sem duvidas uma tema central deste conflito de dez meses.A empresa Lip estava em falência, a Direção tinha se 'evaporado',os trabalhadorestinham,sobre sua empresa,um direito que recebeu em julho-agosto 1973 sua legitimidade de opinião publica.Era um eixo reivindicativo 'o direito dos trabalhadores sobre o patrimonio', que foi desenvolvido no documento confederal:"garantia de emprego e de recursos",numero especial de "SYNDICALISME",março 1972:
"esta forma de reivindicação e de ação se apresenta sobretudo em caso de falência...Em certos casos, a ação coletiva dos trabalhadores marca de uma forma concreta sua pretensão sobre o patrimônio.Na Martinot em Fougéres,ameaçaram se apropriar do material (maquinas do bureau,etc...) para se pagarem.Na Chaumont,em Mulhouse,o pessoal proclamou sua determinação de vender a produção para conseguir dinheiro.Mesma atitude na Biarritz-Shoes.Nestas condições, é normal afirmar o direito dos trabalhadores sobre o patrimônio da empresa.PRECISAMOS QUE NÃO SE TRATA DE UMA FORMA DE AUTOGESTÃO,mas de uma vontade de recuperar o que o patrão se apropriou.Isto pôe também o problema da modificação da legislação em matéria de super-privilegio em caso de falência...".
Prossegue o Documento do congresso metalúrgico: " E aí,este texto rapidamente foi concretizado.Um ano depois,os trabalhadores de Lip passaram da intenção aos atos: venderam SEUS relógios e é,efetivamente, a legislação que é posta em causa.Desde o 27 de setembro, a propósito do acontecimento Lip,numa conferencia de mídia, o Presidente da republica afirmou a necessidade de 'rever o problema da legislação no caso de falencias'.E foi a lei do 27 dezembro 1973, que obrigou o empregador à assegurar seus salários contra o não-pagamento dos credores resultante do contrato de trabalho.Da ilegalidade à uma nova legalidade.Apenas se trata de uma das primeiras recaídas jurídicas do acontecimento Lip".

A crise iniciada em 1973-74, levaria o desenvolvimento do sindicalismo para outros caminhos.

Patrick Viveret , em seu prefacio à obra de André Chazalette,sobre a Historia do Socialismo na França,(2000),analisa as razões da desaparição de debates sobre a autogestão na França:
Para Viveret a corrente autogestinaria começou a desaparecer quando se identificou com a corrente 'rocardiana'."O fenômeno foi acentuado pela recentragem sindical operada a mesma época pela CFDT e Edmond Maire.O projeto autogestionario foi para CFDT após 1968,não apenas um elemento de identidade forte,mas também, um conceito estratégico que levou a central sindical a recusar a clássica divisão do trabalho entre sindicalismo e política dominante na esquerda após o fracasso da corrente anarco-sindicalista.Após as Bases do Socialismo (1974) e mais ainda após a vitória de François Miterrand (1981), a central sindical voltou a uma concepção mais clássica de seu papel e o tema da 'recentrage sindical' foi seguido de uma afirmação menos forte do projeto autogestionario".

O CONGRESSO DE STRASBOURG (1988)
"adaptação do Sindicalismo"

Pra Michel Branciard ,autor de uma "Historia da CFDT,70 anos de ação sindical"(1990), o "Congresso de Strasbourg,em novembro de 1988, definiu a nova pratica da CFDT".

Neste sentido, o 41° Congresso da CFDT,,realizado de 22 a 26 de novembro 1988,na cidade de Strasbourg, foi um elemento marcante,um divisor de águas.Fechou cerca de 10 anos de debate sindical sobre 'a adaptação do sindicalismo' às mutações em curso no mundo do trabalho.A adaptação do sindicalism cefedetista foi evocada no Congresso de 1982;uma parte da Resolução "Ação" chamava-se " O mundo muda,mudemos nosso sindicalismo".
E.Maire,desde abril de 1984,lançou as bases de uma 'revisão'.Em 1986, a 'adaptação' foi definida como : "Tudo o que necessita de uma reelaboração relativa as orientações,os objetivos,as praticas e os meios".Esta proposição gerou muitos debates na Central.
O Congresso foi marcado pela sucessão do líder histórico Edmond Maire e pelos debates sobre o novo papel do sindicalismo na sociedade. Nesta perspectiva, as concepções sobre autogestão, aderentes ,empresa,foram dominantes.

A palestra de abertura do Congresso, feita pelo secretario-geral Edmond Maire pôe claramente o principal desafio para CFDT:
"Meus camaradas,temos em nossas mãos e em nosso cérebros – nas nossas praticas, nos debates e nas orientações – os elementos para fazer de Strasbourg uma etapa marcante na adaptação de nosso sindicalismo.Vamos em conjunto revificar os valores fundamentais do movimento operário,concretizando-os em um projeto sindical capaz de superar o desafio da dessindicalização, de dinamizar nossa ação coletiva, de por a modernização à serviço das necessidades sociais e do desenvolvimento pessoal de cada um.
Há vários anos que lançamos o grande desafio da necessária mutação do sindicalismo(...)".
Na parte intitulada "A adaptação de nossas Orientações", E.Maire afirma : " O segundo grande tema adaptação diz respeito à atualização de nossas analises, de nossas orientações e de nosso projeto sindical.(..) Se adaptar significará um sindicalismo de baixo horizonte a reboque da evolução social ? Assim, o que ficaria de nossa identidade ? Ou, trata-se de se atualizar para revificar as motivações sindicais e ajustar nossos objetivos para termos peso nas perspectivas de uma sociedade em movimento ? É esta segunda opção que forma a trama de nossos trabalhos.
A AUTOGESTÃO (grifo nosso) funda ao mesmo tempo nosso projeto e nossa estratégia(...) .este termo nos parece preferível ao de socialismo,pois ele torna nossa identidade mais clara e traduz melhor nossa vontade de autonomia sindical e nossa recusa de quaisquer confusão entre sindicalismo e política.
Precisamos,assim,o que fundamenta hoje nosso anti-capitalismo(...)Nos falamos o necessário sobre o papel necessário do mercado,que recusamos de tornar um valor absoluto.
Isto nos torna mais fortes para contestar o liberalismo econômico(...).A CFDT permanece associada à planificação democrática(...)".

O texto da Resolução de orientação do Congresso foi adotado por 13.393 votos,contra 7.473, com 1.503 abstenções.O parágrafo 301 aborda a questão: "O sentido da Autogestão":

301-"O projeto sindical da CFDT está fundado na autogestão.Ele é fiel aos valores que nós juntamos no termo de socialismo democrático e que traduzimos hoje pelo termo autogestão.Este termo define melhor nossa identidade, nossa tradição de autonomia sindical,recusando quaisquer confus~çoes entre sindicalismo e política.
A autogestão é uma perspectiva e uma estratégia que visam à organizar o trabalho e a vida coletiva a partir do desenvolvimento permanente da capacidade de autodeterminação dos indivíduos e dos grupos.A autogestão não é um modelo de

sociedade ideal,mas uma dinâmica de transformação das relações sociais nas quais se inspira a opção da CFTD.Ela é um principio que orienta a CFDT em suas opções de reivindicações,de métodos de ação e de formas de organização.Ela implica a adesão e a participação do maior numero possível à ação da CFDT.

Diversas emendas foram feitas.Entre elas,destacamos a emenda sobre "Autogestão",apresentada por 6 sindicatos da metalurgia de Paris, e que diz respeito ao artigo 301, que define o 'projeto sindical da CFDT como fundado sobre a autogestão e não sobre o socialismo autogestionario".

A emenda afirma que, " devemos impedir a CFDT de virar as costas à sua historia.Evitando a referencia ao socialismo,evita-se toda idéia de projeto.As liberdades, a autonomia, a responsabilidade,a solidariedade são valores importantes,mas elas não constituem um projeto.ora, a CFDT tem necessidade de um projeto.A ausência de projeto nos leva a considerar que nossas perspectivas de transformação podem se inscrever no quadro do sistema econômico atual.Na realidade, autogestão e socialismo são indissociáveis: o socialismo poe o acento sobre as transformações,a autogestão sobre a participação de todos."

Esta Emenda foi rejeitada por 9.604 votos,contra 11.745 e 961 abstenções.(ou seja:43,04% pró ; 52,64% contra; 4,3% abstenções).

E.Maire combate esta emenda: " Que queiramos ou não, a palavra 'socialismo' significa atualmente, para opinião publica francesa,o socialismo político,o OS,e não o projeto sindical da CFDT...Passa a imagem de um sistema global portador de uma solução global e dando prioridade a mudança política para transformação social".

Uma representande da federação dos Serviços combate a emenda nestes termos:"Juntar a palavra socialismo à autogestão é por si mesmo uma contradição"...dar uma conotação política à nosso projeto,é caminhar contra uma estratégia puramente sindical".

No conjunto, os debates congressuais foram orientados por 3 Teses abordando os desafios do momento:

1) " Um sindicalismo que porta um projeto para o futuro", defendida por Jean-François Troglic;
2) "Um sindicalismo ator para mudar o trabalho e a empresa", defendida por Jean Kaspar (que seria eleito o novo secretario-geral em substituição a Edmond Maire);
3) "Um sindicalismo de aderentes que agrega os assalariados", apresentado por Jean-Paul Jacquier.

A primeira Tese,é a que foi mais a fundo nos debates sobre o projeto sindical e a autogestão.Numa primeira parte,o texto define " O que permanece, o que muda no projeto CFDT":

" Frente aos desafios , o sindicalismo e as referencias dos aderentes e militantes da CFDT, devem mudar ?

Os valores aos quais nos referimos permanecem os mesmos e sempre atuais: emancipação,solidariedade,respeito aos direitos do homem e defesa das liberdades, autonomia e responsabilidade dos indivíduos e grupos, recusa das desigualdades no respeito as diferenças.O que conta não são os valores definidos abstratamente, mas o fato que elas inspiram uma analise critica das realidades e uma ação para transforma-las.

Devemos fazer frente ao desafio da crise das idéias que inspiraram o movimento operário. Mais amplamente, esta crise atinge todas as grandes ideologias de mudança do mundo, as que propõem um modelo a priori de construção da sociedade.

A experiência nos ensina que é na pratica sindical que devemos buscar os elementos de nossa adaptação e de nosso projeto.Nossas perspectivas de transformação não podem ser reduzidas à um contra modelo.também, devemos

evitar uma superavaliação das possibilidades de transformação através de uma mudança política.tudo isto, nos conduz a superar uma caracterização de nosso projeto que se resume a uma referencia ao socialismo como uma alternativa global e uma assimilação pelo opinião do sindicato e do partido.mesmo se permane em nosso projeto uma referencia aos valores que partilhamos com o socialismo: solidariedade,concepção mais igualitária da sociedade,definição renovada do papel dosindividuos e dos grupos. A vontade de transformar a sociedade a partir de uma analise critica é um dos elementos permanentes da estratégia CFDT"(...)Não há necessidade de um sistema de explicação global da sociedade para fazermos uma analise a mais rigorosa possível das realidades sociais, nem de um modelo alternativo completo para nos engajarmos em suas transformação".
Em uma parte intitulada "A autogestão sempre atual",define o conceito de autogestão:
O que ela é:
- nossa perspectiva: cada individuo, cada grupo deve poder gerir suas condições de existência e suas transformações;
-nossa estratégia:cada decisão deve ser tomada em nível dos indivíduos e dos grupos relacionados diretamente.Não há transformação social possível sem implicação dos interessados;
-nossa forma de organização interna: todo associado tem direito à informação, à participação no debate e nas decisões.O sentido do federalismo é que cada organização deve gerir suas próprias decisões;
O que ela não é:
- um modo de designação dos dirigentes de empresa por eleição;
-um modo de tomada de decisões que faça sempre apelo à assembléia geral;
-um modo de organização da empresa e da sociedade sob forma de uma pirâmide de conselhos;
-um modelo a priori de organização social.

-Autogestão e democracia

As eleições para escolha dos governantes, por indispensáveis que sejam, não são suficientes para democracia.É importante ampliar a participação dos cidadãos na sociedade,dos assalariados nas empresas.Tal é para nós o sentido da autogestão.
Sua realização passa na sociedade pela descentralização dos poderes,pela difusão da informação e do saber,oelo respeito das minorias,pelo desenvolvimento da vida associativa.
Nas empresas ela supõe o direito de expressão dos assalariados e dos grupos,a informação eocnomica, os modelos de gestão autenticamente participativos,a difusão das responsabilidades".

A "CORRENTE AUTOGESTIONARIA" na França

Os acontecimentos do ano 1968 aceleraram as maturações teóricas e praticas e fizeram da autogestão uma palavra de ordem e um slogan mobilisador.
Portanto, " A referencia aos acontecimentos de 1968 se impõe para situar e compreender os sucessos as vezes equivocados desta 'velha idéia nova' [Edmond Maire e Claude Perrignon :" Demain l'Autogestion". Paris, Seghers , 1976].

Além do forte movimento social,sobretudo sindical,do pós-Guerra,antes do 68, alguns grupos militantes e intelectuais de obediência muito diversa se interessaram à autogestão: anarquistas, conselhistas , marxistas antiestalinistas ,socialistas,trotskistas,etc; esta referencia comum é fundada numa serie de recusas: do burocratismo como modo de gestão do socialismo, do modelo bolchevique da revolução soviética, das experiências social-democratas de mudança social.

A perspectiva autogestionaria se alimentou de uma certa idealização das experiências algeriana e yugoslava e um espaço de reflexão foi criado passo a passo em que confluíam estas diferentes correntes de pensamento, cada uma delas conservando ,todavia, uma concepção especifica do referencial comum. Esta situação permitiu que vários debates fundamentais que atravessavam tradicionalmente o movimento operário – por exemplo, a polemica entre marxistas e proudhonianos – fossem retomadas e enriquecidas de experiências e de conceitualizações teóricas novas . [cf. Yvon Bourdet ,Pour l'autogestion, Paris, Anthropos, reedição 1977].

O trabalho de reflexão engajado por estes grupos e divulgados por revistas como Arguments, Socialisme ou Barbárie ,ou , Internationale Situationiste, contribuíram para reatualizar a questão da autogestão operaria, a desenhar os contornos e à explorar as condições de uma autogestão econômica que poderia permitir a construção de um socialismo democrático.

Alain Guillerm sistematizou este processo , ao indicar as fontes principais da corrente autogestionaria na França, antes de 1968, destacando o movimento social:

" 1. A mais importante, é o novo MOVIMENTO SOCIAL .Desde 1967 surgiram na França novos tipos de greve, não greves selvagens, mas greves caracterizadas por uma grande espontaneidade operaria e por uma grande violência.São as greves da SAVIEM em Caen, com rebeliões operarias e barricadas comparáveis as do Quartier Latin meses mais tarde.Causou um grande medo na burguesia local.O líder é um homem que os operários escolheram espontaneamente, um militante CFDT fora de toda a hierarquia burocrática. A mesma época, ocorreu uma greve deste tipo na Berliet, região Rhône-Alpes, em que os dois sindicatos tiveram um papel importante..Também houveram rebeliões em Loire-Atlantique e em Redon, com enfrentamento violentos com a policia e os técnicos (cadres). Trata-se de movimentos espontâneos, independentes da influencia dos partidos e que pegaram os sindicatos totalmente desprevenidos.Qualquer observador perspicaz perceberia que iria haver uma explosão na França.

2. O segundo elemento que teve um papel decisivo na emergência das idéias de autogestão na França, foi o dos INTELECTUAIS 'criticos' , que foram os precursores.Citamos algumas personalidades e grupos que desenvolveram as teses da autogestão com mais precisão:

- As Revistas "Socialisme ou Barbárie" e "A Internationale Situationiste" , que representam uma primeira corrente a qual podemos ajuntar "Informations Correspondance Ouvriéres"(ICO);

- A segunda corrente intelectual foram os marxistas em ruptura com o PCF, como Henri Lefebvre, Serge Mallet, Lucien Goldmann,etc;

- A terceira corrente é formada por anarquistas, de uma parte Daniel Guérin, de outra parte os pequenos grupos anarquistas próximos dele, que foram mais ativos antes do maio 68 que atualmente.

- A quarta e última corrente compreende os que se chamam de "pablistas", do nome de Michel Pablo, velho militante trotskista e conselheiro de Bem Bella na Argélia, e que foi um dos redatores dos decretos sobre a autogestão argeliana.Sua influencia deve-se ao fato que muitos quadros políticos franceses de extrema-esquerda apoiaram a FLN.

- Por fim, citemos um sindicato de inspiração cristã: a CFDT , que evoluiu desde antes do 68: proclamou-se socialista, expressando que seu socialismo nada tinha a ver com o socialismo da URSS, daí o nome de 'socialismo democratico' por oposição ao de 'socialismo de Estado'.
  Se a CFDT teve o grande mérito de avançar a idéia da autogestão no momento certo, não foi ela que lançou a ideia, nem intelectualmente nem na pratica: foi o movimento espontâneo das massas que conduziu a Central a esta posição.

  O papel dos ' intelectuais criticos' foi muito importante; podemos afirmar que precedeu o movimento social na França, trazendo ao conhecimento as experiências estrangeiras [USA, paises do Leste,notadamente] .dentro

deste grupo, “Socialisme et Barbárie” foi sem duvidas o mais radical e sobretudo o mais organizado coletivamente.

A Revista “Autogestion et Socialisme”

“ Foi no contexto da dissolução de Socialisme ou Barbárie, no momento em que suas idéias começavam a serem retomadas após duas décadas de ignorância, que eu soube por meio de Daniel Guerin da criação da revista ‘Autogestion”. Georges Gurvitch, de quem eu acompanhava à época o curso na Sorbonne, principalmente as questões que ele apontava sobre o debate Marx-Proudhon, decidiu ser o ‘patrono’ da fundação de uma revista autogestionaria. Infelizmente, Gurvitch morreu antes de ver o seu projeto se concretizar.Em Junho de 1967, ocorreu a dissolução da revista ‘Socialisme ou Barbárie”; os que se opuseram a esta dissolução se encontraram no Colóquio sobre o Centenário do ‘Capital”,em Julho 1967, sobretudo, Serge Jones,o diretor da revista”. (depõe JEAN DUVIGNOUD ??)

Não foi por acaso que, ‘Socialisme ou Barbárie” foi dissolvida um mês antes do maio 68, e não foi também por acaso que , ‘Autogestion” nasceu 18 meses antes do maio 68.

SERGE JONES , que foi o diretor da revista também se reporta à Gurvitch: O projeto de uma revista consagrada as pesquisas sobre a autogestão nasceu no decorrer de 1965.G.Gurvitch falava sobre este projeto em seu seminário na Ecole Pratique dês Hautes Études, ao qual participai desde 1955. Quanto a adesão de G.Gurvitch a um socialismo autogestionario, remonta Á Revolução de Outubro.Ele me falou varias vezes de sua participação no desenvolvimento dos conselhos operários nas fabricas de Leningrado,assim como de seus trabalhos teóricos sobre á autogestão, notadamente de seu livro publicado durante a Guerra Mundial, sobre os princípios fundamentais da livre asssociação de trabalhadores, intitulado: ‘A Defesa dos Direitos Sociais”.

Ele segui atentivamente a experiencia Yugoslava e esperava que na URSS, a desestalinização realizada por Krouchtchev levaria á introdução da autogestão e ao declínio do sistema burocrático.Sua esperança,infelizmente,foi desfeita.Sobre o plano teórico,seu sonho era realizar uma síntese entre Marx e Proudhon.

De minha parte, me interessava igualmente o que ocorria na Yugoslavia, mas também Fourier e os problemas da vida comunitária em uma perspectiva autogestionaria e socialista ,como acontecia nos Kibboutzim israelianos onde tinha feito minhas pesquisas com um grupo de Paul Maucorps ,que participou também dos seminarios de Gurvitch.

Quando em 1965, falei com Gurvitch da minha idéia de fundar as Edições ‘Anthropos” e a revista “L’Homme et la Société” – cujo objetivo principal era de favorecer o uso do método marxiano nos diversos domínios das ciências humanas e a contribuição destas à critica e a teoria marxistas – Gurvitch propôs que me ocupasse igualmente de uma revista de pesquisas sobre a autogestão, o que aceitei e dediquei meu tempo ,contribuindo com os meios matérias para sua existência.

Desde o inicio , a revista agrupou representantes de varias correntes de pensamento.Certos membros fundadores provinham da revista “Socialisme ou Barbárie”,como Yvon Bourdet e René Lourau; outros da revista ‘Arguments”,como Henri Lefebrev, Jean Duvignaud e mais tarde Lapassade. Daniel Guerin representava a corrente anarquista.Outros como Pierre Naville, Michel Raptis, Jean Sanvoisin, Catherine Levy vinham do movimento trotskista.Outros pertenciam a corrente do Collège Cooperatif de Henry Desroches,como Alberto Meister e Joseph Fisera, ou a corrente proudhoniana como Jean Bancal que,junto com Gurvitch e Daniel Guérin estiveram na origem do projeto.Enfim, uma parte da equipe de “L’homme et la Societe”: Jean Pronteau e eu mesmo,Henri Lefebvre e Pierre Naville, já citados e mais tarde Jean Dru, Lucien Goldmann, Serge Mallet.

Durante os primeiros anos, entrei em contato com o grupo Práxis da Escola de verão de Korcula, na Yugoslavia, da qual participei ate a sua supressão em 1974;com Pietro Bellasi que dirigia um centro de estudos sobre autogestão em Bolonha; com vários protagonistas da Primavera de Praga; com Menachem Rosner que dirige um centro de estudos sobre os Kibboutzim.Todos estes contatos permitiram enriquecer a revista com numerosas contribuições estrangeiras”.

MICHEL RAPTIS , por sua vez, depõe: “ Penso que tive um papel no nascimento da revista ‘Autogestion” nas seguintes circunstancias: após ter saído da Argélia,nas vésperas do golpe de Estado de Junho 1965, fui morar em Genebra,e depois em Paris. Nesta cidade,tive a oportunidade de discutir com Daniel Guerin sobre o projeto de uma publicação sobre o tema da autogestão, que me parecia a principal conquista da revolução Argelina,apesar de suas grandes limitações.

D.Guerin,que conhecia bem esta experiência sobre a qual escreveu belas páginas, propôs que discutíssemos o projeto com Georges Gurvitch e Serge Jonas.A idéia da revista saiu destes encontros em 1966".

Vejamos o testemunho de JEAN BACAL : " A idéia precisa da revista "Autogestion" nasceu durante o Colóquio Proudhon organizado em Bruxelas em 25-26 novembro 1965 pelo Instituto de Sociologia. Foi no decorrer deste Congresso que G.Gurvitch, D.Guerin e eu mesmo apresentamos as comunicações de onde sairiam,sob diferentes aportes, a importância fundamental da teoria pratica da autogestão e o aporte decisivo de Proudhon nesta matéria. Numa discussão que ocorreu em um bar, entre estes 3 participantes,a idéia de uma revista sobre 'autogestão' tomou forma, e G.Gurvitch teve um papel determinante.Uma segunda etapa decisiva ocorreu pouco tempo depois em Paris: o contato feito com Serge Jonas, que fundou as edições Anthropos e se ofereceu para editar a revista e de animar a redação com Yvon Bourdet. Estes dois tinham a vontade de 'desdogmatizar' o marxismo oficial e de insistir sobre os elementos autogestionarios incluídos no pensamento de Marx.

O primeiro comitê de redação para preparação dos primeiros números e de uma declaração sobre os objetivos da revista, ocorreu no laboratório de G.Gurvitch e, exatamente, na véspera mesmo de sua morte.estiveram presentes, além dos 5 fundadores já citados, G.Gurvitch, Ager Deleon, André Decouflé ,Henry Desroche , Henri Lefebrev, Jean Duvignaud, Cayherine Levy, Albert Meister, Pierre Naville, Michel Raptis e Yves Sartan. Foi em dezembro de 1966 que saiu o primeiro numero.Em homenagem ao fundador morto,uma parte deste numero 1 foi consagrada à obra e as concepções autogestionarias de G.Gurvitch."

É importante registrar algumas palavras de YVON BOURDET : "Eu participei nas reuniões do comitê de redação a partir de fevereiro 1966, mas não tinha nenhum papel na decisão de fundar a revista. Vou apenas acrescer que ,se a iniciativa de algumas pessoas foi determinante [em particular que um projeto de Gurvitch tenha encontrado a disponibilidade de um editor, Serge Jonas], é importante sublinhar que 'um espaço' tinha sido previamente aberto; em primeiro lugar,pela condenação do stalinismo que dava enfim razão à critica principal da extrema-esquerda contra os regimes comunistas, iniciada em conseqüência da ditadura bolchebique na Rússia e continuada,na França,após a segunda guerra mundial pelos grupos de tendência marxista, como "Socialisme ou Barbárie", ou de inspiração libertaria,como "Noir et Rouge"; em segundo lugar, pelo interesse suscitado pela experiência yugoslava e, em menor grau, pelos tímidos ensaios de autogestão na Argélia,após a partida da armada e dos colonos franceses.Neste sentido, a revista nasceu de um encontro entre uma conjuntura e a ação de algumas pessoas".

Dos Arquivos de Daniel Guerin ,sobretudo os relatórios das reuniões do comitê de redação, nota-se que o Numero 8 da revista 'Autogestion" seria dedicado as experiências de autogestão na América latina: México,Brasil,Cuba. De outra reunião do comitê de redação, anota-se uma mudança: Caderno 10, a autogestão na América do Sul e em Cuba ,por Carlos Mas, Guerro Ramos, René Dumont,etc. Claro que trata-se,para o Brasil, de Guerrero Ramos, então exilado , e que tinha participado do ISEB.

Enfim, o testemunho de REMI HESS nos fornece elementos sobre a composição política da revista:
" Em 1970, a revista me parecia trabalhada por 3 grupos,e não por 3 organizações ou 3 ideologias. De uma parte, algumas personalidades como Raptis, Lefebrev, Guerin...cujo peso foi considerável no momento de partida,Se considerarmos os 'institucionalistas' como um segundo grupo, um terceiro grupo, no inicio é representado por Yvon Bourdet, J. Pluet, Fontaine, Corpet...A tendência sócio-historica deste grupo,dirgido por Bourdet tornou-se hegemônica a partir do numero 20.

O grupo das personalidades ao qual deve-se o Numero 3 [Raptis],ou o Numero 18-19 sobre os anarquistas [Guérin] teve durante muito tempó uma autoridade negativa., isto é, não existiu realmente como um grupo; um ou outro de seus membros conseguiam passar um tema,obtendo responsabilidade sobre um numero inteiro, o que foi sucesso comercial: o numero confiado à D.Guerin foi o primeiro a ser esgotado rapidamente,beneficiando-se de uma ampla difusão militante.
Alguns Números foram frutos de compromisso.
Os Institucionalistas se encontraram reunidos na ocasião do Numero 13."

A revista Autogestion define que o seu eixo principal é o aprofundamento da 'idéia força de uma construção socialista da sociedade fundada na democracia operaria'.

Devido a inspiração de Gurvitch , os primeiros Encontros/Seminários/Conferencias internacionais sobre autogestão , serão iniciativas de sociólogos.Por exemplo, a I Conferencia Internacional dos sociólogos sobre a Autogestão e a

Participação, ocorreu na cidade de Dubrovinik na Yugoslavia, entre 13 e 17 de dezembro 1972,com a presença de sociólogos de 30 paises e de vários continentes.

Dos vários Encontros Internacionais,dos debates e reflexões,surgiria o CICRA [Centro Internacional de Coordenação de Pesquisas sobre a Autogestão],com sede na Escola Pratica de Altos Estudos,em Paris.

Em 1986 (após 20 anos de existência) a revista deixaria de ser publicada.O Numero especial para comemorar a data , ainda hoje está arquivado no CRIDA ,entidade que viria a substituir o CICRA, sob coordenação de Jean-Louis Laville e Daniel Mothé (Jacques Gautrat),remanescentes do periodo anterior.

==========

AS LUTAS OPERÁRIAS PELA AUTOGESTÃO NA EUROPA *

A experiência da 'corrente autogestionaria francesa' mostra claramente que tudo nasce da conjugação de uma conjuntura especifica e de algumas idéias que estavam em debate há alguns anos.

- A contextualização do período em que os militantes da OS brasileira estiveram na Europa e outros continentes exige uma visão mais larga em relação as lutas operarias e sindicais que ocorreram em vários paises. Na verdade, todo um 'ciclo de longa duração'.
- Assim,por exemplo, as lutas dos operários italianos ; a revolução argelina; as lutas dos trabalhadores na Revolução dos Cravos,em Portugal;a luta das CCOO,na Espanha e, as revoltas dos trabalhadores em alguns paises do Leste europeu,sobretudo,na Polônia. A 'comuna' em Shangai,na época da famosa 'revolução cultural',na China.
- Na própria França, a luta dos trabalhadores de Besançon,em 1973,com ocupação da empresa LIP;
- As experiências de construção das "Áreas de Propriedade Social" na América Latina, também, são elementos importantes do "espírito da época",para compreensão da vigência da autogestão.
- A situação do sindicalismo mundial , na época, que é importante para entender a postura de 'não-alinhamento' adotada pela OS e depois, também, pela CUT.E,também,o quadro do sindicalismo de 'tipo sovietico',para clarificar algumas tensões e divisões no campo sindical .

Os Ciclos de lutas autônomas e autogestionarias

João Bernardo em sua obra "Economia dos Conflitos Sociais" (escrita nos anos 1987-89 e publicada em 1991) ,elaborou uma cronologia na qual podemos situar o 'arco temporal' que marcou a experiência da OS no exílio e todas as lutas em vários continentes .

Bernardo nos fala de "Ciclos longos da mais-valia relativa" em contraposição aos "ciclos curtos de mais-valia relativa".Estes últimos se caracterizam pela quotidiana assimilação das reivindicações e pressões dos trabalhadores ;e, a degenerescência das formas de organização da luta autônoma.Já os ciclos longos se caracterizam pela ascensão de formas autônomas de luta dos trabalhadores.

Bernardo caracteriza : "a fase de ascensão de formas autônomas de luta marca o inicio de um ciclo longo de mais-valia relativa.os repetidos colapsos constituem,por si mesmos,o quadro em que essas formas degeneram-se e são assimiladas pelo capitalismo,criando-se progressivamente mecanismos que permitem a assimilação cada vez mais fácil e rápida das lutas do mesmo tipo que venham a desencadear-se.É esta a segunda fase.Quanto mais solidamente a fase de assimilação parece estar implantada,mais começam,porem,a difundir-se novos tipos de luta autônoma,cuja recuperação é inviável no interior dos mecanismos já constituídos.A generalização destes novos tipos de luta marca o inicio da primeira fase do ciclo seguinte". Bernardo acrescenta: " Em termos muito genéricos,a fase que considero de ascensão de um dado tipo de luta autônoma corresponde as fases de recessão e depressão,sobrepondo-se a fase de assimilação plena às fases de recuperação e prosperidade".

" Na cronologia que proponho, deixo numa data incerta a abertura do primeiro ciclo, começando a fase de assimilação em torno do ano de 1848, para se esgotar nos meados da década de 1860, quando se passou ao segundo ciclo longo.Neste, a ascensão de novos tipos de luta autônoma processou-se até o principio da década de 1870,iniciando-se a sua assimilação desde os meados dessa década até 1916 ou 1917.De 1917 até meados da década de 30, teve lugar um surto ascensional de lutas autônomas,que foi plenamente assimilado desde então até os anos iniciais da década de 60.Com o começo dessa década inaugurou-se o quarto dos ciclos longos,cuja fase de ascensão das formas autônomas de luta julgo ter em geral ocorrido até meados da década de 70,por vezes mesmo tocando os anos iniciais da década de 80,parecendo-me que entrou já na fase de assimilação plena". Portanto, resumidamente :

Abertura primeiro ciclo= possivelmente 1830
Fase de assimilação = 1848 até 1864

Abertura segundo ciclo= 1870
Fase de assimilação= 1875 até 1916-1917

Abertura terceiro ciclo= 1917
Fase de Assimilação = 1930 até 1960

Abertura quarto ciclo= 1960 até 1975 e, mesmo 1980-81
Fase de assimilação= 1982 até ...

Bernardo caracteriza o movimento dos trabalhadores na Polônia,dentro deste contexto:
" desde meados de 1980 até o final de 1981 agitou a totalidade da classe trabalhadora na Polônia e que coroou esta fase de ascensão a fase de ascensão da autonomia,ao mesmo tempo que parece ter constituído por agora (1989), o seu ultimo período".
Bernardo especifica os ciclos e caracteriza as lutas exatamente do período que cobre os anos 60 e 70.
Segundo Bernardo, "Cada segunda fase de um ciclo longo,pelas mesmas razões por que constitui a assimilação das formas autônomas ocorridas na fase anterior, inaugura um novo quadro de conflitos".
Assim: "A partir dos inícios da década de 60, generalizaram-se greves sugestivamente apelidadas de selvagens,quer dizer,exteriores aos sindicatos oficiais, alheias aos mecanismos instituídos de recuperação dos conflitos. Com este movimento,inaugurou-se a primeira fase do quarto ciclo longo.Já na década de 50, vinham realizando-se greves,tanto na esfera norte-americana como na soviética,em que as burocracias sindicais eram completamente ultyrapassadas,mas foi apenas a partir dos primeiros anos da década seguinte (60) que assumiram dimensões tais e uma tão ampla difusão que permitem defini-las como integrando um novo ciclo...Este movimento obedeceu a um crescendo até conhecer, na FRANÇA, em princípios de 1967,uma etapa nova,com a ocupação de uma empresa por mais de dez mil trabalhadores.Pouco mais de um ano depois,cerca de dez milhões de grevistas paralisavam o capitalismo na FRANÇA,muito para além de quaisquer palavras de ordem das centrais sindicais,e cerca de cem empresas foram então ocupadas...A partir do final de 1968,porem, esboçaram-se na ITALIA ocupações que incluíam formas de organização da produção e a partir de 1973 este tipo de movimento atingiu um estagio superior,com celebres experiências na FRANÇA e,mais generalizadamente,em PORTUGAL de 1974 a 1975".

Entretanto, antes de entrarmos nestas lutas, vejamos como ERNST MANDEL ,em um ensaio intitulado "A explicação marxista dos ciclos 1971-1975 e 1976-1982" , pode nos acrescentar mais elementos.
(vide: " Dinamiche Della Crisi Mondiale".Editori Riuniti .1988).

Para Mandel, "Se desejamos aplicar a teoria geral da crise a explicação dos ciclos 1971-1975 e 1976-1982, e mais precisamente as origens da recessão generalizada do 1974-1975 e do 1980-1982e os períodos imediatamente sucessivos,devemos ter conta de elementos particulares que derivam da situação e da contradição especifica da economia capitalista internacional nos inícios dos anos 70.Esta recessão, e em conjunto, a retomada que lhe seguiu e que dão ao período 1974-1982 um caráter de clara depressão,devem ser vista como o ponto de convergência de 5 crises de tipo diverso. Destacamos o ponto 4 ,pois , traz mais elementos em relação a França e, de outros paises da Europa, explicitando mais claramente so ciclos de lutas autônomas dos trabalhadores.Assim:

1) Uma crise clássica de superprodução...;
2) A combinação da crise clássica de superprodução com o renascimento da 'onda longa' que, do fim dos anos 60,parou de funcionar em sentido expansivo...;
3) Uma nova fase da crise do sistema imperialista...;
4) Uma crise social e política agravada nos paises imperialistas, que nasce de um lado da conjuntura entre a depressão econômica e um 'CICLO ASCENDENTE DA LUTA OPERARIA' , da combatividade e da participação dos trabalhadores em toda uma serie de paises imperialistas e da reação provocada pela tentativa da burguesia imperialista para impor aos trabalhadores o fardo da crise e da redistribuição mundial da 'mais-valia'(tabela 1).
5) A combinação destas 4 crises com a crise estrutural da sociedade burguesa que atua em profundidade por mais de um decênio e acentua a 'crise de todas as relações sociais burguesas' e,em particular,'a crise das relações de produção capitalistas'....

Tabela 1 Evolução das ações de greves (media anual)

A- numero de grevistas (em milhares)

	USA	Japão	RFA	Inglaterra	França	Italia
1951-55	2.468		205	658	1.415	2.343
1956-60	1.710		68	771	1.414	1.685
1961-65	1.362		186	1.512	2.102	2.971
1966-70	2.563		111	1.393	3.755	4.044
1971	3.280	1.896	536	1.171	3.235	3.981
1972	1.714	1.544	23	1.722	2.721	4.405
1973	2.251	2.232	185	1.513	2.342	8.081
1974	2.700	8.500	250	1.601		8.464

B .Dias de greves (em milhares)

1951-55	32.220		1.193	2.382	3.894	4.974
1956-60	32.320		707	4.446	1.980	5.581
1961-65	27.300		486	2.562	2.794	13.017
1966-70	45.166		157	5.540	32.138	17.676
1971	47.592	5.777	4.484	13.552	4.392	14.799
1972	23.918	3.871	66	23.909	3.912	19.497
1973	27.949	4.210	563	7.200	3.915	20.400
1974	48.505	9.684	1.051	14.740	3.380	16.747

Adentremos nestas lutas. Inicialmente nos paises da Europa; em seguida,no Leste europeu ,na China e na África (Argélia); por fim, as lutas na América Latina ,finalizando com as greves no Brasil em 1968 .Na seguinte ordem:

1. A luta dos trabalhadores de Besançon: LIP, 1973

2. O ‘outono caldo” dos trabalhadores na ITALIA

3. o movimento de ‘ocupação de empresas’ durante a Revolução dos Cravos , em PORTUGAL

4. as lutas dos operários espanhóis das CCOO

5. as revoltas dos trabalhadores na POLONIA

6. a “Primavera de Praga”,na THECOSLOVAQUIA

7. A “Comuna de Shangai”, na CHINA

8. a revolução dos camponeses na ARGELIA

9. As experiências de “Área de propriedade Social” dos Governos do PERU , (do gal. Alvarado) ; da BOLIVIA (do gal. Torres), e, da Unidade Popular do Governo Allende, no CHILE.

10.Enfim, as Oposições Sindicais no BRASIL : greves de Osasco e Contagem em 1968.

*PS= esta parte sobre as lutas autogestionárias , está mais desenvolvida em nosso trabalho intitulado " Do Beco dos Sapos aos Canaviais de Catende"

1) AS LUTAS pela Autogestão na EUROPA

- FRANÇA: Autogestão na cidade de Proudhon e Fourier.

" É possível: produzir, vender e pagar salários"!

" Os patrões licenciam...licenciemos os patrões!"
(consignas da LIP)

Nos anos 70 do século 20 , a cidade de Besançon, no leste da França, teria mais alguns elementos para se incorporar a cultura socialista da autogestão. Dos séculos anteriores, a cidade tinha suas referencias neste campo: No século 18, nesta cidade nasceu ,em 7 de abril 1772, Charles Fourier. No século 19 , em 15 janeiro de 1809, Proudhon nascia em um bairro operário da cidade.

No primeiro semestre de 1973 , o jornal "Estado de São Paulo" , (apesar de não publicar noticias sobre as greves no Brasil,como a da PIRELLI de Santo Amaro,em 1973), noticiou a ocupação de uma fabrica numa cidade do interior da França: os trabalhadores de uma empresa de relógios,em Besançon, ocuparam a empresa e passaram a produzir por conta própria.

Entre abril e maio de 1973, estava "hospedado" na casa da rua Barão de Mesquita , sob custodia do Dói-Codi;assim,não tomei conhecimento desta noticia. Todavia, alguns anos depois, tive que sair do Brasil, indo para França. Por um período inicial de 3 meses, fui estudar a língua francesa na Universidade de Lingüística Aplicada,em Besançon. Na primeira noite de hospedagem no "Fórum Planoise", toca a campainha: era Louis Martin,da CFDT,que nos procurava por indicação de amigos em Paris.

Então, tive chance de conhecer os atores principais da memorável luta;desde almoçar semanalmente no restaurante da Lip, até jogos de futebol e passeios na Citadela (montanha da cidade) com participantes das lutas de 1973;realizar entrevistas,visitar as varias cooperativas da Lipp ,e conseguir inúmeros documentos da época.

Portanto, muitos elementos desta parte de nosso trabalho têm origem em conversas,entrevistas com os 'lipianos',sobretudo, Charles Piaget , Roland Vitot Monique,Louis e Theresé Martin, o metalúrgico Christian Pigeard, o padre operário Raguenès, Raymond, o casal Bonet,entre outros.

Esta luta empolgou a Europa durante seus 9 meses de duração e,ficou como símbolo da autogestão.Neste período,1973-1974, os militantes da OS brasileira estavam chegando a Europa. Sem duvidas, Besançon ,um marco no campo da CFDT, também se tornou uma referencia para os companheiros brasileiros.

O 73, ainda foi um ano no "ciclo longo de lutas pela autonomia e autogestão" na França. A principal luta deste ano ocorreu em Besançon , na empresa LIP (nome de um capitalista: Fred Lip).Os trabalhadores ocupam a empresa e passam a produzir e vender os relógios produzidos.

Para maioria das esquerdas, a autogestão presupunha a 'tomada do aparato estatal'. A 'revolução política" precede a "revolução social".

Assim, o PS , o PC e a CGT chamam esta luta de 'auto-defesa'; Edmond Maire,da CFDT,fala de "uma ilegalidade,precursora da legalidade futura"; o PSU fala de 'controle operário"; a LCR fala de 'greve geral';"Libération" fala de 'gestão operaria".

Anos depois,em 1978, Daniel Mothé ,antigo militante do grupo "Socialisme et Barbárie" , escrevia uma obra para questionar estas visões : " A autogestão gota-a-gota". Perguntava: se a autogestão deve ser sempre generalizada,como trabalhar com as experiências concretas do dia-a-dia ?

A "economia moral do tempo " na Lip

Na empresa de Fred Lip, a organização do trabalho funcionava através de cadeia automática, em que os operários não podiam parar nenhum segundo ; para os operários, era como um prisão em que produziam 800 relogios por dia ,com gestos monótonos ,sem poder fumar um cigarro;quando se fazia amizade com um vizinho na linha, te mudavam de

posto.Não se podia trocar palavras.Havia multa pelos atrasos na chegada a fabrica. Os operários saiam do trabalho esgotados .
No entanto, 5 gerações produziram relógios Lip, que transmitiam a precisão e a perfeição destes produtos de alta qualidade.Os trabalhadores se orgulhavam de seus relógios.;afinal, tinham criado o relógio eletrônico a pilha e,sobretudo, o primeiro relógio a quartz do pais,um salto tecnológico.
Este processo de trabalho estava refletido em uma pintura ocupando uma imensa parede da fabrica: uma visão de campo e montanha,tendo em frente Fred Lip, o patrão, dando as horas a Einstein e conversando com Galileu.No céu, antigos símbolos do tempo.Uma mulher com rosto da senhora Lip,a filha do patrão.É uma espécie de criação do mundo, através do tempo assinalado por Lip: o tempo constrói a cidade e muda os costumes.
Esta pintura representa a idealização delirente do patrão: uma moral de um tempo abstrato, fora da vida;a cadeia automática modelo representa o resultado pratico do idealismo: o ódio pelo homem,a negação de suas necessidades.
Ao lado da produção de relógios, a Lip fabricava também armas.Produção iniciada no pós guerra,que em 1946 , aumentou sua produção devido a guerra francesa de ocupação do Vietnam.Chegava-se a montagem de 7.000 peças para mísseis na Lip de Issoudnun.

João Bernardo remarca o caráter de solidariedade dos trabalhadores: " o exemplo pioneiro da luta na Lip,quando,a 17 de Junho de 1973,um negociante do Kuwait propôs a aquisição a pronto pagamento a vista de trinta mil relógios,montados autonomamente pelos grevistas.Sob o ponto de vista material,essa contribuição resolveria sem duvida muitas dificuldades mas, para os trabalhadores em luta,era o ponto de vista social o determinante ,por isso recusaram a propoata e continuaram a vender os relógios diretamente aos trabalhadores de outras empresas.Aqueles bens não eram,aqui,incorporados de valor,mas de um outro tipo de relações sociais,expressas na solidariedade". (in: A Economia dos Conflitos Sociais").

No 68, os trabalhadores da Lip já tinham coupado a empresa;em junho de 70,, tinham bloqueado estradas como protesto;dias depois, reocuparam a empresa por 16 dias,contra uma redução de pagamentos,inclusive,ocupando as salas da direção;em 1971-72 ,novas lutas contra demissões.
A democracia de base na Lip foi outra expressão da práxis autogestionaria,herdada das lutas de 68;por exemplo, um 'comitê de ação',com não sindicalizados,ao lado das 'seções sindicais' da CFDT e da CGT; assembléias gerais, trabalhos em grupo, divulgação de informações. O impulso maior à luta veio da 'seção sindical empresa' –CFDT,em que se destacou a liderança de Charles PIAGET , militante da ACO e do PSUF.
Os dirigentes nacionais da FGM,acompanharam diretamente a luta: R.Briesch ficou um mês em Besançon; Alfred MUTET* e J.CHERÉQUE,coordenaram o trabalho na FGM.
Em síntese,podemos afirmar que o caráter exemplar da greve da Lip está no fato de que os trabalhadores concentraram em suas lutas todas as formas de ação novas que tinham surgido,sobretudo,após 1968:seqüestro,ocupação, movimentar a empresa sem os patrões,gestão operaria da produção e da luta, popularização,articulação através de marchas a outras regiões,etc.

O Contexto francês

Na França, de 1960 a 1968 a media anual de aumento de preços foi entre 3,5-4%;nos anos 1969-73, esta media foi multiplicada por dois (6 a 8%) e,em 1973, dobrou mais uma vez (15%). De 1969-73, o crescimento foi sustenatdo pelo desenvolvimento do consumo e das trocas externas além de um forte crescimento dos investimentos.O patrono falava,então,de um crsecimento ' a japonesa' centrado na industria devido a eliminação de empresas medias e pequenas.O Governo começa um processo de 'reestruturação' das empresas. Os investimentos e os aumentos de salário são financiados pela inflação.
A partir das lições extraídas da crise de 1921-22 , os patrões do setor da relojoaria se reagrupam e criam a Federação da relojoaria.Em 1926, as fabricas que produzem os esboços se federam e formam a "Ebauchés AS".Em 1931, fundam uma sociedade holding a ASUAG (Sociedade geral da relojoaria Suíça).Em 1967,Ebauches SA entra no capital da Lip com 33% das partes. Com o tempo,controlaria a fabrica.
Com a crise do petróleo, o emprego paga os custos da política anti-inflação.No período de crescimento da criação de mepregos,o numero de desempregados aumentou de 100.000.Com o aprofundamento da crise a partir de 1974 , em final de 1977 o numero de desempregados atinge 1,2 milhões.Em 1975, a estagnação atinge o pais.
Em relação a 1969-70, o ano de 1971 e os que se seguem são marcados pela combatividade dos trabalhadores. Diversas greves de longa duração ocorrem em diversos setores:
"Joint Français" de 13 de março a 9 de maio;"Nouvelles galeries" de Thionville,do 13 abril ao 26 junho 1972;greves nos Bancos na primavera de 1974 (de 4 a 8 semanas),greves nos correios em 1974.Apenas para 1971, ocorrem 260 conflitos,das quais 18% duraram mais de 7 dias.

No pós 1968, o fenômeno novo não é a longa duração das greves, mas o recurso a ações reprovadas pela lei: ocupação dos locais de trabalho, seqüestros,etc.Se não são formas novas de luta, todavia, a ocorrência em varias empresas no mesmo período, é um fato novo.
Os trabalhadores reagem a violência patronal: por exemplo, a direção da REUNAULT,em Saint-Etienne,em abril de 1973, forma um comando que entre na fabrica ocupada,agride os operarios e seqüestra as fichas técnicas para prosseguir a produção em outro local. A 'União das industrias metalurgicas e mineiras" cria um 'fundo de greve' para se defender das greves.

Muitos trabalhadores se beneficiaram da expansão econômica do período 1969-73; fenômeno que trouxe uma disparidade de remuneração e uma deteriorização das condições de trabalho (aumento das cadencias,etc). As trabalhadoras de "Joint Français" em Saint-Brieuc (Bretanha) desencadeiam uma greve que durou 57 dias , tendo um enorme solidariedade da população da região.Nas 29 magasins do trust "Nouvelles Galeries",as jovens trabalhadoras realizam uma greve que contou com a solidariedade de vários 'comites de apoio".

Muitos destes conflitos têm como atores os trabalhadores imigrantes,por exemplo, em Lyon 1972: algerianos,marroquinos e tunisianos entram em greve no trust "Penarroya",com duração de 32 dias.
Mulheres,jovens,camponeses,imigrantes marcam as novas lutas.

As lutas pelo emprego

Neste contexto, a partir de 1974, os conflitos pela manutenção do emprego crescem.Mas é a partir da greve na Lip que o fenômeno chamou a atenção.

Os conflitos sobre o eixo do emprego marcam os anos 1974-77 e se caracterizam pela sua duração.Em julho 1976, houve 5 conflitos que duraram mais de 16 meses, 11 de 12 a 14 meses, 12 de 8 a 10 meses, 11 de 4 a 7 meses.
A originalidade dos métodos de luta tem por marca a 'ocupação das fabricas' e manter um nível de produção para assegurar um complemento de renda para prosseguir a luta e,para manifestar simbolicamente que os operários são capazes de produzir sem patrão e de organizar o trabalho segundo suas idéias. A venda dos seus produtos,ficou conhecida como "vendas selvagens",e, o pagamento dos trabalhadores nestas empresas,chama-se "pagamento operário".As duas centrais,CGT e CFDT,em 1974 articulam uma manifestaçãosob a Torre Eiffel com milhares de jovens trabalhadores representando 450 empresas em luta.

O mérito dos operários da Lip de Besançon , está no uso de métodos originais em condições difíceis,pois se tratou de lutar contra a liquidação da fabrica,através da ocupação de uma empresa em falência.
Charles Piaget afirma que : " Na Lip,após o maio 68, fomos mais audazes!".

A ocupação da fábrica!

Em um primeiro momento,a luta foi caracterizada pelo caráter revolucionário de massa.Os operários tomavam consciência do grande contraste entre seu trabalho e a destruição das forças de produção operada pelo capitalismo.
Desde as primeiras inquietações frente as demissões repentinas de trabalhadores, a decisão de reduzir os ritmos de produção como forma de protesto contra a venda da Lip , em 1967, ao monopólio "Ebauches S.A."(grupo suíço do trust multinacional ASUAG, que controla 10 grupos financeiros);a rebelião de massa quando não receberam os salários e os administradores provisórios não davam respostas sobre o futuro da fabrica.
A EBAUCHES tem 26 sociedades e fabricas com produção de peças de relógios.Tinha por objetivo o controle da Lip: os capitalistas suíços tinham um mercado minimo na França de 500.000 relogios por ano;enquanto na Inglaterra vendiam 6 milhões anuais; assim,queriam conquistar o mercado francês,através da melhor fabrica existente:Lip.
Fred Lip torna-se acionista da Ebauches e monta uma nova fabrica de montagem de relógios: a ELECTRA, com todo o equipamento e estrutura da Lip; é uma operação para destruir a fabrica ,e abrir a falência.
A produção vai se modificando: a Lip produz sempre menos peças para montagem de seus relógios: em 1967 fabrica 67% dos relógios;em 1972 apenas 49%.
Todavia, a Lip tinha um ciclo integral de produção: da peça simples ao relógio inteiro;assim, decidiu-se pela 'reestruturação' da Lip: esta se limitaria a montar para França peças produzidas em outros locais. A conquista do mercado francês, aumentaria a disputa pela concorrência coma produção dos americanos e japoneses na Europa.
A EBAUCHES,portanto, insere-se no novo campo de repartição da mais-valia em nível mundial.
A produção de relógios tinha a característica de constantes crises.O monopólio do setor ,para aumentar sua taxa de lucro, recorre a concentrações,destruindo o artesanato e as fabricas pequenas.Só na França,em 10 anos foram destruídas 70 empresas do setor.

Na luta feroz pelo mercado mundial, a EBAUCHES tinha destruído varias fabricas.Na Lip, sua participaçio passou dos 33% para os 56%.A gestão da empresa se fazia cada vez com mais violência e se preparava a futura 'reestruturação',ameaçando os 1.200 operarios da Lip.
Fred Lip,minoritário, pede demissão e deixa o lugar para os patrões da ebauches AS,que,com apenas 4 meses depois,solicitam ao tribunal do Comercio a falencia da Lip.
A classe operaria da região onde fica Besançon , é muito original. A historia da classe operaria de Franche-Comte é marcada pela combinação de influencias proudhonianas, anarco-sindicalistas,socialistas,comunistas e social-cristã.
Os 'lippianos' tinham uma forte tradição de luta: em 1968,os trabalhadores tinham ocupado a Lip; em 1970, bloquearam as estradas como protesto,porque os patrões queriam reduzir a participação assistencial; logo depois,ocuparam outra vez a fabrica por 16 dias,contra uma redução de pagamento;em 1971 e 72,mais uma vez lutaram contra demissões.
Na fabrica Lip de Besançon-Palente, a seção sindical CFDT é uma das mais combativas da Central.Viveu a mudança da CFDT,preparada pelo grupo "Reconstrução", foi estimulada pelo Maio 68 e pela chegada de jovens militantes entusiasmados,ativistas sindicais.Seus militantes estão sob a influencia do PSU ,onde existem todas as tendências da época: social-democracia de esquerda, marxistas críticos, maoístas,trotskistas,etc.
Em 1973, em Asnières houve uma Conferencia Operaria reagrupando militantes de empresas ,filiados ao PSU, Luta Operaria e AMR.Nesta Conferencia, Charles Piaget,responsável CFDT na Lip e militante do PSU, colocou a questão: diante da proposta de reestruturação da Lip, o que fazer ? Que ação desenvolver ? Ocupar a fabrica, e depois ?.Alguns militantes propuseram a 'greve ativa' de 1968 e, a autogestão social generalizada.
Em 17 de abril, o Tribunal do Comercio designa 2 administradores judiciais.No 27 de abril, 1.000 trabalhadores da Lip desfilam nas ruas até a Prefeitura.No 12 de maio, é criado o "Comitê de Apoio a Lip", com a CGT,a CFDT,o PCF,o PSF,o PSU,Luta Operaria,Liga Comunista,a JOC,o MRJC e a JC. O bispo e as 4 lojas maçônicas de Besançon apóiam publicamente os trabalhadores.Por exemplo: no 15 de junho, na manifestação de 15.000 trabalhadores, o arcebispo fala em frente a Igreja São Pedro,junto com os delegados sindicais.O caráter social da Igreja abre também as portas para um luta com apoio da população.

Assim, começou a luta dos trabalhadores.

Em 25 e 26 de abril 1973, manifestam frente a prefeitura de Besançon;no 10 de maio, bloqueiam as estradas que levam as 3 entradas da cidade,solidarizando-se com os caminhoeiros;a noite, vão ao consulado suíço;no dia seguinte,um cortejo de automóveis assedia a casa do deputado gaulista da região.
No 12 de maio, 200 operarios vão a Suíça para uma manifestação frente a sede da EBAUCHES; voltaram a Suíça 2 semanas depois,para desfile junto com operários suíços, com cartazes defendendo " Contra a Europa dos trusts,solidariedade internacional de todos os trabalhadores".
Em seguida, 500 operarios vão a Paris manifestar-se frente a Embaixada Suíça. Organizam um comitê de apoio , em nível nacional,para preparar uma grande manifestação em Besançon.
No 12 de junho 1973, os operários tomam os escritórios,seqüestram os administradores e acham em suas pastas os planos de centenas de demissões:Lip ,fabrica de relógios de qualidade seria fechada,só ficando a marca para o uso do monopolio suíço. Neste mesmo dia 12 junho,os operários ocupam a fabrica ;queriam justiça e manter os postos de trabalho.Adotaram o 'slogan' "Lip,Lip vencerá!".
Em 15 de junho, houve uma manifestação popular de solidariedade .A policia atacou e os operários se defenderam. Surgiu a proposta de continuar a produção de relógios na fabrica ocupada, para venda e pagamento de salários. Dos 1.150 relogios produzidos no primeiro dia da ocupação, venderam imediatamente 454 relogios. Neste dia 15, a manifestação tem mais de 100.000 pessoas que desfilaram durante 3 horas em Besançon
Em assembléia, no 18 de junho, na fabrica ocupada,os trabalhadores decidem por: retomar a fabrica e produzir; criar comissões e, um comitê de ação.As palavras de um padre ,conduz a que os não-sindicalizados integrem este comitê.

Dias depois , uma delegação visitou a Renault-Bilancourt : distribuíram todos os 'volantes' e ,em plena praça,os operários das duas empresas se solidarizavam, se abraçavam,cantavam musicas regionais.Compravam os relógios.
Muito significativo é o telegrama enviado pela seção sindical da CFDT-RENAULT
" A CFDT-Renault protesta vigorosamente contra a agressão da força policial contra a fabrica Lip...Esta miserável ação mostra a incapacidade do regime atual para responder as reivindicações dos trabalhadores, a não ser com a força..Com isto, o estado demonstra,uma vez mais, não passar de um aparato ao serviço da classe dominante e que o seu papel essencial consiste na manutenção da ordem social existente,com todos os meios que detém : administração, justiça, força policial.Em tal contexto, a luta dos operários da Lip, por sua força dinâmica e por sua

combatividade,mostra o caminho para toda classe operaria.Esta luta poe em questão o próprio domínio patronal.De outra parte,mostra nos fatos a capacidade da classe operaria de gerir sua própria vida.

Os trabalhadores da Renault se sentem parte desta luta, devem também lutar contra a reestruturação capitalista, que se expressa para eles no aumento dos ritmos,na continua degradação das condições de trabalho e no crescimento da repressão no interior da fabrica.Seguramente,a futura luta da Renault se inspirará largamente na forma de luta indicada pelos companheiros da Lip.

Não obstante, o atual fechamento (chiusura estiva) da fabrica Renault,a CFDT-SRTA empenha-se em organizar, para assegurar a Lip a solidariedade concreta dos trabalhadores da Renault.

"Lip-Renault mesma luta"!

Eis as palavras de um metalúrgico da Renault:

" Para mim comprar um relógio é mais que um apoio financeiro, é também um apoio moral.É ajudar uma coisa formidável que está acontecendo,e que é maior que as clássicas reivindicações sindicais.Dos operários que têm posto em funcionamento uma fabrica,e que vendem o seu produto;é muito mais que uma luta por questões materiais".

A Seção Sindical-CFDT e o Comite de Ação , divulgam um manifesto:

" Dizemos Não ao capitalismo internacional.

Dizemos Não aos poderes públicos,que desejam desmantelar a Lip e organiza-la segundo os seus interesses.

Dizemos Não a política da direção, que por 3 anos nos tem enganado, que assegurou que tudo iria se resolver,enquanto preparava em segredo o golpe de mão.

Dizemos Não á intolerável situação dos trabalhadores,os quais, após 3 meses de luta,ignoram ainda qual será a sua sorte.

Exigimos a sobrevivência da fabnrica, a garantia do posto de trabalho,a possibilidade para os trabalhadores de educar seus próprios filhos com dignidade,sem temer continuamente pelos seus futuros.

Por tudo isto,estamos prontos a lutar até o fim,crentes que nossa luta serve para defender nossos interesses fundamentais,como os de todos os trabalhadores.

Esta luta demosntra de fato que " uma outra sociedade é possível,uma sociedade igualitária em que os trabalhadores cuidarão de seus próprios interesses".Se o pdoder não liquidou nossa experiência, é por que sabe que muitos estão do nosso lado,por que sabe que uma enorme corrente de solidariedade se desenvolverá nas próximas semanas e se expressará em assembléias,comícios,delegações,etc.

A luta da Lip diz respeito a todos os trabalhadores.O governo e os patrões devem convencer-se que, se tocarem na Lip, a resposta operaria será massiva".

Besançon, 6 julho 1973 ".

Semanas depois, chegavam a Besançon centenas de camponeses para se manifestarem contra o parasitismo e as péssimas condições no campo.No centro da cidade, vendiam aos trabalhadores de Besançon seus queijos a " preço político"; por sua parte,os operários da Lip,vendiam seus relógios.

Em assembléia na fabrica , os operários se organizaram em comissões : a que se ocupava da comunicação de massa: volantes circulavam pela cidade;participaram do "Tour de France",sendo que,as noites faziam assembléias em sindicatos para explicar a luta

Ao passo que a TV falava de desmobilização da luta , a comissão de massa, redigiu um volante para cidade de Besançon : " Os operários da Lip são como vocês,são homens e mulheres como vocês que lutam pelo trabalho". A midia fala que os 'trabalhadores recebem para nada fazer". Em Besançon se lança uma pesquisa para saber a ideias dos trabalhadores sobre a luta.Um volante com 20.000 copias foi,então,distribuído para explicar a luta.Contatos telefônicos são feitos com todo o pais para difundir o conteúdo do Boletim "Lip Unité".Surgem novos "comitês pela vitória dos operários da Lip".

O "Lip Unité" tinha tiragem de 30.000 cópias,com uma difusão superior a esta cifra.Era sustentado financeiramente pelos próprios trabalhadores

O apoio popular!

Em um segundo momento a luta foi caracterizada pela resposta dos operários a contradição com a população, pelo rompimento da 'paz social'. LIP é uma fabrica de província,uma grande fabrica de 1.300 trabalhadores, que são pessoas simples,dedicadas as famílias.A ocupação e seus derivados, abrem contradições entre os trabalhadores e os técnicos, entre os operários e as operarias,entre os trabalhadores e os familiares fora da fabrica,entre os antigos sindicalistas e os jovens rebeldes,entre os operários e a cidade ,que considera "os Lip" como privilegiados,entre os operários e os camponeses.

Todavia, com a evolução da greve, mulheres e crianças participaram das lutas.

Na Lip havia mais mulheres que homens (60% de mulheres).Uma operaria afirma: " Os meus filhos estão de férias,vou dedicar-me à propaganda da luta". Afirma que participou da marcha até a cidade de Angers,onde lhe perguntaram qual o papel da mulher na luta da Lip;explicou toda a luta para uma assembléia de 600 pessoas e que foi muito aplaudida.

Outra operaria ,de 60 anos ,expressa o sentimento dominante entre os trabalhadores":

" Não tenho escrúpulo em dizer que o direito á propriedade é a base da nossa sociedade,da nossa civilização que tem o sistema capitalista como motor.Para mim, a propriedade é isto que cada um tem construído com seu trabalho pessoal.Uma fabrica como a nossa, mais que centenária,representa o fruto do trabalho de todos os operários que nela trabalharam e não o bem privado do senhor Lip ou de um grupelho de capitalistas.E,os instrumentos de produção ? É a mesma coisa,são de todos.Não me faça crer que foi Fred Lip que comprou toda a maquinaria da fabrica com o suor de seu rosto"!.

Assim, os sentimentos mais profundos de solidariedade e generosidade vieram das mulheres; ocorreu um grande processo de mudanças nas 'estruturas de sentimentos',rompendo uma grossa camada de opressão,fazendo emergir varias lideranças entre as mulheres. As mulheres afirmavam que ,"fora da Lip houve um mudança no modo de viver". Os jovens eram os primeiros nas viagens para outras cidades e regiões, e nos espetáculos promovidos na cidade como forma de animação cultural em solidariedade a luta.

O desenvolvimento da 'democracia operaria',com o Comitê de Ação – no inicio com 300 operarios, composto por trabalhadores dos sindicatos CFDT,CGT e de não sindicalizado- a organização de comissões,a abertura da fabrica a todos os amigos da Lip, as viagens de propaganda , atuam sobre estas contradições no sentido de supera-las. "Se produz,se vende,se paga",torna-se a palavra-de-ordem de unidade popular,junto com outros 'slogans': "a fabrica é dos trabalhadores", "os operários podem dirigir tudo", 'a justiça é a dos trabalhadores"..

Os trabalhadores se organizaram em varias comissões : comissão de produção , comissão de venda, comissão contra repressão,comissão de propaganda de massa,uma sub-comissão de cinema,comissão de esportes,comissão de acolhimento, comissão de solidariedade,comissão de inprensa ,comissão animação,comissão alimentação (por exemplo, os camponeses do Lazarc enviaram 45 kg de queijo Roquefot),comissão de administração.

A comissão de vigilância,por exemplo,tinha por tarefa montar um esquema de controle,com turnos de vigilância,telefone para comunicação com a assembléia operaria em caso de necessidade de mobilização,e um esquema de automóveis para,em caso de seqüestro das maquinas pelos patrões, perseguir os "ladrões".

Piaget explica o esquema montado para caso de ocupação policial da fabrica: "Tomamos duas decisões:a primeira consistia em tirar peças e o material necessário à fabricação dos relógios; a segunda, deixar a fabrica sem condições de funcionar sem nós,para isto tirarmos peças vitais da maquinaria".

A repressão reage a unidade do povo de Besançon.

No 14 de agosto, pela noite, 3.000 policias assaltam a fabrica e o bairro popular de "Palente",desmobilizando a ocupação. Ás 8 da manhã, 10.000 trabalhadores expulsam os policiais.Ocorre greves em quase todas as fabricas da região do Doubs na Franché-Comte, os correio e as estações de trem são bloqueadas.Os sindicatos chamam uma manifestação para a tarde deste dia,na qual participam 15.000 pessoas.Durante 5 dias houve confronto entre 4.000 pessoas e policia.

Como resultado, 34 pessoas são condenadas. Começa a produção clandestina de relógios nos domicílios privados.A policia busca identificar estes laboratórios privados para seqüestrar os relógios,matéria prima e maquinas,mas não tem êxito: os laboratórios mudam continuamente de lugar.A população sustenta o movimento da Lip.

Como vimos, os operários ao saírem da fabrica levaram peças vitais da maquinaria.

Assim, a produção de relógios passou para uma fabrica clandestina,onde trabalhavam operários voluntários,produzindo de 80 a 100 relogios por dia;os muros da fabrica estavam cobertos de manifestos satíricos,avisos e diretrizes de organização e paneis com centenas de telegramas de solidariedade.A " Comissão de Espetáculo" articula manifestações com artistas: Nos painéis da fabrica , aparece inscrita uma canção feita pelos próprios operários , que se tornou símbolo da luta: "Lip,uma luta,uma esperança",que foi cantada por uma cantora progressista (Claire).A última estrofe explicita claramente a luta dos 'lippianos' :

" Agora os operários invadiram com uma ira justa,

Para assegurar-se o pão cotidiano,
De tudo se apropriaram. Girando a maquina, abrem os portões
O que lhes dá segurança para os dias que virão".

Quando da ocupação policial , os trabalhadores e a população de Besançon,informados pela radio e pelos alto falantes do carro que atravessava a cidade,vieram manifestar a sua cólera e a sua solidariedade.Operarios da RHODIA,trabalhadores dos Correios,chegavam em grupo ou em cortejo. ..trabalhadores da Monnier,da Unimel,da Previdência Social,da Spirax,da Yéma,da Micromega,da Weil,chegam com cartazes com os nomes de suas fabricas.Os manifestantes se encontram na rua principal que conduz a fabrica .

Charles Piaget depõe sobre este momento: " No 15 agosto houve greves ou interrupções de trabalho em todas as fabricas não fechadas para as férias.Em Besançon pararam 11 fabricas e 7 oficinas,entre muitas fabricas da região.A Agencia France Presse fez greve de 2 horas em nível nacional,divulgando somente noticias sobre a Lip. Em outras cidades francesas , 37 fabricas metalurgicas e 13 na industria elétrica e do gás fizeram greve;2 agencias de correio e 2 bancos também pararam,os eletricitários do Norte diminuíram a tensão em 2 Centrais elétricas.Os camponeses do Larzac pararam para divulgar a luta da Lip.Os ferroviários decidiram 1 hora de greve.Numerosas greves ocorreram também na Suíça".

Na China, Radio "Pequim Informa" exalta a luta da Lip.

-Os camponeses do Lazarc enviaram 2 telegramas:

" Aos trabalhadores da Lip,os camponeses do Lazarc,indignados pela invasão policial em vossa fabrica.Suspendemos a colheita para diminuirmos a circulação na rodovia nacional 9,e manifestar solidariedade militante.Nós venceremos.
14 agosto.Camponeses do Lazarc"

" Aos trabalhadores da Lip.Conduzimos a mesma luta pela justiça, para que os trabalhadores sejam donos de suas vidas.Combatemos a violência policial.Desejamos sucesso em vossa luta contra as demissões,o desmantelamento,pela ocupação"
16 agosto. Camponeses do Lazarc".

-Os Ferroviarios da Linha Paris-Lion organizaram um 'comite de ação',que envia uma carta para os operários da Lip:

" Obrigado por tudo que têm feito por nós. Em um momento em que a luta da Lip atravessa um momento difícil, viemos lhes dar nossa máxima solidariedade.Solidariedade do nosso comitê de ação dos ferroviários da estação Paris-Lion CGT,CFDT e não sindicalizados.O comitê foi criado segundo o exemplo do Comitê de Ação-Lip,e tem como programa a união dos ferroviários e favorecer a mobilização.Graças aos 'lip', a sua coragem,as suas idéias que nos ajudaram a desenvolver a combatividade operaria...
Até a vitória! 25 de Outubro.

- A seção sindical CFDT da Renault envia um telegrama de protesto:

" protestamos vigorosamente contra a agressão da força policial contra a fabrica Lip...A luta dos operários da Lip,pela sua força e sua dinamica e combatividade,mostra o caminho para toda a classe operaria. Lip-Renault mesma luta!".

No bairro operário de Palente ,via-se um cartaz indicando de uma parte "Lip-caserna", de outra parte "Nova Lip-Fabrica Jean Zay";a poucos metros de distancia está uma fabrica da outra, uma ocupada pela policia e a 'nova fabrica' dos trabalhadores,cedida pela comuna de Besançon.

Não se produz nesta fabrica,mas,os trabalhadores dizem " A fabrica é onde estão os operarios",porque na fabrica são as pessoas que contam e não as maquinas. No muro externo da fabrica havia uma faixa onde estava escrito: " è possível produzir, vender e pagar salários"

Uma delegação da Lip visita fabricas na Itália: a FIAT de Miraflores- Turim, onde se reúnem em assembléia de 1 hora com o Conselho de fabrica; no Sul, visitam a COMEC, de Catania,ocupada pelos operários.Esta visita à Itália,foi retribuída por uma delegação de trabalhadores de Turim que visitaram Besançon. Na visita a Milão, formulou-se uma mensagem:

" Hoje, da experiência de produção,do ódio ao Imperialismo e aos parasitas ,os operários apresentam a capacidade de dirigir; após terem gerido a Lip,se pode gerir um Estado.Após termos gerido um Estado,é necessário desenvolver a

edificação do partido;e todo o povo,intelectuais,mulheres,jovens,camponeses, identificarão nesta vontade operaria de gerir o Estado a sua verdadeira razão de unidade".

Em uma manhã ,no cinema 'LUX"(local das assembléas) ,reuniram-se mil pessoas, incluindo a delegação de trabalhadores italianos. Charles Piaget falou da luta da empresa "Kelton" (grande fabrica de relógios de Besançon,de capital norte-americano) que foi ocupada pelos operarios. Uma operaria italiana da "FEDA" (fabrica de vestuário de Cinisello, ocupada pelas 35 operarias durante 3 meses), é apresentada a assembléia como operaria da " "mini-Lip italiana", foi ovacionada pelos trabalhadores. Um operário anuncia a aquisição de um stock de roupas da "FEDA" para os trabalhadores da Lip,novos aplausos! Apos a assembleia todos marcham 10 kms em direção a montanha para um almoço de solidariedade,após o qual,cantam,bailam e terminam a festa com a "Internacional"!

A montanha de Château-Farine está repleta de gente e de bandeiras vermelhas;a palavra-de-ordem:"Todos pela Lip,a Lip por todos"!

A Solidariedade Internacional !

Em um terceiro momento, a caracterização da luta está na autonomia crescente, em que os operários criticam o acordo feito pelas centrais sindicais: a CGT aceitava 160 demissões, e ,a CFDT também propôs um plano de reabertura da fabrica não aceito pelos operários.

Em outras regiões da França,como no Lazarc,os camponeses protestam contra o serviço militar imposto pelo governo; ocorre uma marcha de outros 100.000 operarios e trabalhadores vindos de todas as regiões do pais.

Assim,os operários da LIP lutam não apenas contra o desemprego,mas pelos operários de outras fabricas em luta e,pelos camponeses; testemunham com o exemplo de uma parte de seus salário que doam em favor de outras fabricas em luta.

Uma delegação visitou fabricas da Itália: o 'conselho operario' da FIAT,em Turim ; a fabrica "Comec",ocupada pelos trabalhadores da Catania; nas fabricas em Milão. Os trabalhadores de Turim são os primeiros a visitar a Lip. Lip recebia centenas de telegramas e de letras de comitês de fabrica de vários paises.

2.000 mulheres e crianças fizeram uma passeata atravessando o centro de Besançon.

Toda a cidade está fechada,as fabricas e as escolas não funcionam,a população está na praça central para solidarizar-se com a luta; na cidade ressoa a palavra-de-ordem: "Na Lip não se toca"!

Nos cartazes que as crianças carregavam podia-se ler: " Não as demissões de papai e mamãe";" Pelo futuro dos nossos filhos,dos vossos filhos,todos conosco na luta"; Pão Lip para nossos filhos";

Os trabalhadores de Besançon propõem uma " Conferencia nacional sobre a Ocupação":

"Nós,trabalhadores da Lip, fazemos apelo,em conjunto com a CFDT,para termos uma Conferencia nacional pelo Trabalho,em Besançon,nos dias 7,8 e 9 dezembro de 1973,visando o desenvolvimento da luta pelo trabalho e pela solidariedade efetiva com nossa luta"

Os trabalhadores da Lip, a CFDT.

Besançon 1973

A fase final da luta : Os acordos

No inicio de 1974, houve uma manifestação frente a fabrica ocupada pela policia. Os administyradosres da falência da Lip tinham feito um acordo com a liquidação do setor de armamento da empresa SPEMELEC , que previa um contrato de venda do setor a empresa Arbel. A prefeitura de Besançon cedeu um espaço para Arbel, na "rue Violet" ,para instalar a maquinaria Lip para fabricação de armas.

Todavia, os trabalhadores do setor de armas recusaram o desmantelamento da Lip em solidariedade aos operários do setor de relógios.Assim, o boicote a Arbel tornou-se fundamental para os operários em luta.Significava estancar a política de desmembramento da fabrica e a divisão das frentes de luta. Os operários diziam: "Ocuparemos duas fabricas: a Palente e na rue Violet"!.

Na assembléia geral da Lip,os operários queriam marchar ate a fabrica de armas e derrubar o edifício para impedir o inicio da produção bélica.No dia seguinte, ocorre a manifestação ate a rue Violet: vingam-se no teto,na porta,nas janelas;a policia não se aproximou dos manifestantes.

Em 1973, os trabalhadores já tinham votado uma proposta de Acordo,o 'Plano Girard"(assessor do Ministro da Economia),que previa a retomada do trabalho mas com de 160 demissões.
Em outubro de 1973, no dia 11 : os trabalhadores se reuniram e se dividiram em uma dezena de grupos de trabalho,com 50 operarios em cada grupo,para debater o "plano Girard."
No dia 12, a asembleia geral teve uma participação enorme: após seis meses de luta, 90% dos trabalhadores participaram.Votam duas propostas: "retomar o trabalho" ou "seguir a luta".Resultado: 17 abstenções; 174 pela volta ao trabalho; 626 para continuar a luta.

Nova fase da luta!

Para o acordo de 1974, a assembleia teve o seguinte resultado: 4 contra a volta ao trabalho; 14 abstencções e, 632 pela volta ao trabalho.
Votaram um novo Acordo, diferente do "Plano Girard".Este Acordo com um grupo financeiro franco-suíço preve a reabertura de todos os setores da fabrica,sem nenhuma demissão.
Assim, pela primeira vez, uma fabrica destinada ao fechamento,declarada falida pelos órgãos governamentais, é reaberta graças a força dos trabalhadores e a solidariedade popular.
Na Assembléia Geral,no 30 janeiro 1974, Piaget declara que:

"Com o acordo os operários garantiram a base para continuar a luta:a pós um breve período de 'salario-desemprego',no primeiro de março serão readmitidos 300 trabalhadores,enquanto outros serão inscritos em um curso de formação nos ramos de necessidade da nova fabrica,com um salário praticamente igual a antiga base de pagamento.Destes,em julho,200 serão readmitidos.Para os outros,há promessa de readmissão mas sem data definida."
Na Assembléia,os trabalhadores acham que nesta fase não há como avançar mais.Decide-se como se organizar para os próximos meses: novas comissões foram criadas: comissão de ocupação, comissão de propaganda de massa,comissão de animação.Portanto,os trabalhadores decidem manter a estrutura militante de luta,em condições de ligar os trabalhadores readmitidos com os que ficam em espera de admissão.Permanece o "Espírito da LIP"!

Anos 80: a "Comunidade Lip"

Nos dias 23 a 30 de março 1980 os lipianos deixaram a fabrica de Palente,após 20 anos de trabalho neste bairro de Besançon. Em setembro de 1979, O Governo tirou toda possibilidade de ajuda financeira a Lip, a não ser que deixassem a fabrica de Palente.Em Outubro do mesmo ano,os trabalhadores decidiram sair do local. Alugaram uma outra fabrica,a Câmara do Comercio e a Prefeitura.
Contudo,não era o fim do combate dos trabalhadores da Lip.Criaram,então, outras empresas, tipo SCOP (Sociedade de Cooperativas de Produção) , localizadas em um mesmo bairr, constituindo a "Comunidade Lip".

- A SCOP-LIP(Industrias de Palente): com 170 operarios;
- A SCOP- C.A.P.(Comissões Artesanais de Palente), com 26 trabalhadores;
- O Restaurante ("NO Caminho de Palente") ,com 7 operarios;
- O CLEF (Coletivo de relações, estudos e formação), para promover atividades formativas, e "turismo social";
-A SCEIP (Serviço-Consultoria-Estudos Industriais-Promoção") ,no centro de Besançon
-A Gráfica ("La Liliputienne")
- A AAL ("Associação dos Amigos de LIP");
-LIP – UNITÉ (Jornal dos Trabalhadores e da Seção Sindical CFDT da LIP")

- Foi criado um 'fundo de solidariedade' para estas cooperativas.Varios trabalhadores preferiram não permanecer nas cooperativas
Uma SCOP, é uma sociedade comercial ,cuja originalidade reside em que os trabalhadores são sócios majoritários da empresa detendo ao menos 51% do capital. Não obrigatório que todos os assalariados sejam associados.Como sócios, os trabalhadores decidem o conjunto das grandes orientações da empresa e escolhem seus lideres.Assim a originalidade de uma SCOP é que a propriedade é dos assalariados e não do capital.

Comunidade Lip e Solidariedade na Polônia

Em outubro de 1980,logo após o surgimento de Solidarnosc em agosto, Roland VITOT foi a Polônia,representando os trabalhadores da Lip. Em fevereiro de 1981,durante 11 dias, Jean,Michel (de Lyon) e Cristhian PIGEARD visitaram a Polônia. O numero 25-25 do Boletim " Lip Unité" relata esta viagem.

Por que esta viagem ? Após a viagem de Vitot, os 'lipianos' lançaram uma campanha de solidariedade com os operários da Polônia. Nesta segunda viagem, um objetivo era o de levar o material coletado e discutir o uso do dinheiro arrecadado. Participaram da viagem: Jean e Cristhian Pigeard,da Lip; Michel ,de Lyon eum sindicalista da CFDT.

Todavia, os trabalhadores da Lip conheciam as as afinidades existentes com as lutas dos companheiros poloneses: " Como trabalhadores da Lip e como homens nós nos sentimos profundamente interpelados por este grande movimento nascido em agosto de 80 em Gdansk...Como sindicalistas,nós nos sentimos igualmente interpelados...Como trabalhadores da Lip ,certas convergências com o movimento polonês aprecem para nós,mesmo que de modo confuso...Olhar a experiência da Polônia através de nossa própria experiência.Descobri-la com nossos olhos de trabalhadores...".

Os trabalhadores de Besançon doaram 1 megafone a "Solidarnosc" de Varsóvia; mais outro megafone a Solidarnosc de Cracovia; 2 maquinas de escrever a editora "NOVA",próxima ao KOR*; 1 Gesteitner a Solidarnosc de Nowa-Huta.

Os relatores da viagem falam do problema do 'corporativismo' nos sindicatos e como os poloneses atacam na pratica este problema:

"Conhecemos a estrutura do sindicalismo francês: união local, departamental,regional,inter-profissional,etc ,de um lado; sindicato profissional,etc, de um lado; sindicato da metalurgia,do têxtil,dos químicos,etc,de outro.De um lado, as 'unidades plurais' de articulação, do outro as 'unidades especificas" chamadas de 'sindicatos de categorias' e federações.No conjunto,encabeçados pela Confederação.

Esta estruturação tem sua origem na historia do sindicalismo francês, a do movimento operário e da situação especifica de nosso pais.Os poloneses não t~em nem esta historia nem essa situação.Para nos lembrar,exceto os 'sindicatos oficiais', ao últimas tradições sindicais na Polônia remontam à 1939 ,data do surgimento do último "sindicato livre"!Portanto, os poloneses tiveram que reiventar.

Os trabalhadores poloneses privilegiam a seção sindical de base e de região.De um lado, a articulação especifica no local de trabalho ou a unidade profissional,do outro, a articulação 'plural' no território regional. Entre os dois, não há espaço para um sindicalismo de categoria profissional. Reconhecem a necessidade de ações comuns e reflexões no interior de uma mesma categoria profissional (comitê),mas estas não justiticam o corporativismo.O verdadeiro centro do sindicalismo polonês,sua alavanca e raízes,é a expressão na Região.

Estas questões nos conduzem à uma reflexão que nos permitirá esboçar uma COMPARAÇÃO com LIP.

Com que comparar nossa fabrica antes de abril 73,data que marca o inicio do primeiro conflito ?

A "um universo fechado" como são todas as outras fabricas.Um mundo onde só são admitidas as pessoas que nela exercem sua atividade profissional. Um universo fechado, exta replica da divisão do trabalho, dos corporativismos culturais, sociais,intelectuais.Mundo das moradias isoladas sem rosto e da vida mecanizada.Triste realidade que compatilhamos com o Leste...

Ou, que fizemos em 73 ?

Abrimos as portas da fabrica.

O que ocorreu neste momento ?

Saímos da fabrica,freqüentemente.

Milhares de pessoas de todas as idades,de todas atividades profissionais e confessionais entraram na fabrica.

Nós saímos da fabrica: de inicio, em Besançon e na região para encontrar não apenas os trabalhadores da relojoaria,mas também os de outros ramos profissionais,das profissões liberais,etc;depois,pouco a pouco , em toda a França (Todas as cidades de mais de 100.000 habitantes fôramos popularizar a luta).

Milhares de visitantes entraram na fabrica: relojoeiros, mecânicos,etc...igualmente trabalhadores químicos,textis,madeireiros,impressores,etc;camponeses,estudantes,jornalistas,juristas,economistas,médicos,padres,aposentados..desempregados,etc..pessoas de todas nacionalidades e culturas."Por exemplo, no período do conflito 76-81,Lip acolheu representantes de mais de 100 nacionalidades).

Mas, a saida dos LIP,como a entrada do visitantes não devem ser analisadas do único ponto de vista 'fisico'.É infinitamente maior que isso.De fato, saindo como entrando , fazemos mais que aumentar o numero de ocupantes de um espaço.Modificamos cada um de nos em profundidade (em todo caso ,cria-se esta possibilidade) e nas nossas concepções culturais, políticas,sindicais ,éticas,etc).

A abertura das portas , favorecendo a troca, a comunicação, a relação,poe em presença sensibilidades,energias e ideias múltiplas que, em intercambiando uns com outros, num espírito de abertura, são fonte de novas possibilidades de idéias

e de formas de ações novas. Isto é que é importante: é a existência, a dinâmica e o desenvolvimento de topdos os movimentos sócio-culturais,éticos e religiosos,os movimentos comunitários que estão em jogo. O fechamento das portas significa o fim dos movimentos em uma fragmentação de seus membros ou de uma institucionalização esclerosada, se, as portas se abrem é a marcha para frente,o avanço coletivo e pessoal,o nascimento de uma sociedade mais fraterna,mais humana e mais justa.

Já dissemos que deve-se desconfiar das comparações.A Polônia não é a LIP.De um lado, 36 milhões de poloneses,no Leste,em um sistema marxista, saído de uma cultura e de uma tradição especifica,de outro 1.000 tranbalhadores (em 73),no Oeste,em um sistema capitalista (ainda em expansão na época !) saido de uma tradição francesa e Fran-Comtoise...

Apesar destas diferenças, nos ousamos tentar uma comparação: a Polônia e LIP têm em comum a vontade 'de abrir as portas". As portas fisicas que favorecem a troca e a comunicação dos seres,e mais ainda as portas 'meta-fisicas' que, permitindo o choque das idéias e das sensibilidades entre os espaços sócio-culturais e profissionais os mais diversos,estimulam a imaginação e a criação e por aí,favorecem o avanço perssoal e coeltivo.

Temos igualmente em comum com os poloneses uma mesma interrogação sobre o futuro. È talvez a única relação em que temos uma pequena vantagem: como estruturar um movimento sem cair da armadilha de uma instituição esclerosada ? Como conservar e estimular o sopro do inicio,aquele do élan (revolucionario e autos !) e construir a comunidade e a Sociedade? Como construirr sua casa no tempo e evitar que ela torne-se inbitavel com o tempo ? Como conciliar 'profetismo e gestão" ? Os dois, são inconciliáveis ?

Em outros termos, como 'estruturar' Solidarriedade e evitar que se torne uma instituição burocratizada, ou mesmo 'recuperada" ?
Como "estruturar" LIP e evitar de construir uma empresa igual as outras ?

Diisemos que neste ponto levamos pequena vantagem.Sim, no sentido que nosso processo de estruturação começou depois de longo tempo (fim de 77,criação das empresas) e que,então,podemos tirar o maximo de ensinamentos.Não, no sentido em que os Poloneses parecem até o momento ter melhor respondido que nós a esta questão.Cada passo adiante de Solidarnosc testemunha uma preocupação constante de abertura ,de comunicação entre os diversos percairos sociais e outros (e mesmo parceiros políticos!) e de uma vontade de fazer o maximo para evitar a armadilha da 'institucionalização' (daí, o questionamento sobre os permanentes sindicais,por exemplo).

Na LIP, não soubemos sempre evitar estas armadilhas.As portas da fabrica têm a tendência à se refecharem e os demônios da 'normalização' pululam entre nós...
Alguém nos dirá: "Vocês estão em um sistema que não permite!".Sem duvidas! Mas os poloneses estão em um outro sistema que também não lhes é favorável!

Alguns dirão:" È inútil querer mudar a Sociedade se não atacamos ,de inicio, à natureza e a existência do Poder político". Respondemos (e nisto somos diferentes dos poloneses que não t~em esperança de mudança médio prazo): "Sem duvidas!" Mas,acrescentamos: "E´ necessário,indispensável memso,mas insuficiente".A vitoria eleitoral não nos trará o conhecimento e a realização instantâneos da autogestão...

Com os poloneses,dizemos: temos que fazer,desde agora,tudo o que for possivel.Realizar 'o possível,todo o possível".O que nos construímos hoje constitui os fundamentos,as bases da sociedade de amanhã.E sabemos que não existe construção durável sem fundamentos sólidos...

Apoiado por todo o povo, Solidarnosc está realizando este programa. Dizemos –talvez- pois não podemos fazer abstração do contexto geo-politico Polonês,nem das recuperações possíveis do Poder e do esvaziamento e da erosão que acompanham fatalmente a evolução de todos os grandes movimentos históricos,mesmo os mais generosos.Ao menos, e este é o sinal mais positivo,Solidarnosc, 10 meses após sua criação,não parece se esvaziar.Continua sendo,como desde sua origem,um movimento de mulheres e de homens "de cabeças erguidas ,em pé".

O que nos faltou ,na LIP,foi mais uma popularização e um apoio massivo que a falta de "outras Lip".Não no sentido de Lip seria um modelo para outras fabricas,mas nos entido de que faltou outros movimentos profundos e duraveis,nas esferas mais diversificadas da vida cultural,ética,social,política,etc...e isto entre as camadas mais diversificadas da

população.Só a profusão destes movimentos, seu encontro em profundidade teria permitido a cada um de se confortar duravelmente e de lançar as bases de uma verdadeira mudança social,de uma outra forma de organização da vida...

As experiências ,os movimentos muito isolados como o nosso são fatalmente levados à defensiva e correm o risco grave de fracasso, que termina pelo desvio ou pela normalização".

Todas as questões essenciais que discutimos na Lip,são exatamente as que encontramos na Polônia,no movimento Solidarnosc.Apenas se poeem em escalas diferentes: uma pequena comunidade com 8 anos de luta na Lip; um território de 36 milhões de pessoas em luta após apenas 1 ano na Polônia.isto dito, qualitativamente, a convergência das preocupações ,a similitude do caminho profundo permitem traduzir LIP em polonês e vice-versa.

A autogestão é relacionada geralmente à uma técnica de bom funcionamento, que assegura a participação de todos, em vista de resolução dos interesses de cada um.Esta visão restrita é muito perigosa,pois permite a aceitação de qualquer coisa, deixando de lado a questão da finalidade,não importa qual tipo de egoísmo individual ou de grupo.E LIP e a Polônia nos questionam neste aspecto: nelas se organiza o Sentido, a Visão da existência social e a Esperança na unificação humana.

Tanto em LIP quanto na Polônia,redescobrimos a significação oriuginal e profunda da palavra economia: a construção da casa,a edificação da moradia.A casa é,seguramente,o local da tranbquilidade indispensável e prazeirosa, frente à incerteza angustiante do mundo,do meio ambiente.Mas também ,e sobretudo, a casa, é o espaço da presença humana,do acolho possível,da hospitalidade do estrangeiro".

O que na LIP chamamos Comunidade,é o mesmo que os poloneses chamam a Solidariedade, que corresponde a emergencia de espaços sociais múltiplos onde o homem é verdadeiramente presente diante do próprio homem.É esta proximidade humana que nos esforçamos de assumir a 8 anos, que os poloneses vievm fora de um regime estatal.A Polônia,LIP: dois espaços ardentes na periferia dos grandes blocos;de um lado, nas margens do Império soviético,do outro lado,nas margens dos grandes centros industriais e administrativos...

Dito isto, a verdade consiste em reconhecer que após 8 anos,nos estamos acossados consideravelmente na Lip, nos temos grandes dificuldades para viver nesta comunidade humana isolada.O risco que ameaça,é que nossa coletividade se esvazie, perca suas forças vivas,ao assimilar progressivamente o ambiente individualista e a-social.Para reistir a isto, deveria desde agora,2 espaços,3espaços,10,100 espaços se desenvolvendo no teritorio francês e europeu,que estes espaços e locais teçam relações entre eles,se federem depois.Partindo da periferia,LIP não pode sobreviver de forma marginal.O LARZAC tem sido para nós um espaço de solidariedade de grande importância.Pensamos que,como nós,a comunidade camponesa deve se sentir terrivelmente isolada.

Mas,então, esta floração de espaço e locais múltiplos,não é um sonho vão e utópico ? Nós não podemos responder.Simplesmente, uma evidencia deve ser repetida: É a utopia concreta que ,na LIP,fooi realista; é esta utopia concreta, portadora de Esperança,que permitiu que o impossível se torne possível ,e que vivem hoje,e apesar de tudo, 7 cooperativas e associações.Victor Hugo chamou a utopia de 'a verdade de amanhã'.Como um eco,LIP pode afirmar em 1977: "LIP, já é amanhâ"...

Concluindo, "Para nós, esta viagem a Polônia foi a ocasião de nos 'reencontrarmos' no contato da loucura criadora,de mergulharmos nas fontes da impulsão solidária,do élan comunitário.E ,reencontramos o gosto já conhecido m um passado próximo...
È assim que se torna possível renarcermos juntos.E,incorrigíveis,nós pensamos: que a Europa se levante "do Atlântico ao Oural",e que a Solidariedade tome conta do espírito dos povos!".

No contexto da viagem a Polônia, a Associação dos Amigos da LIP,organizou um Seminário de reflexão de 3 dias,com 40 participantes:

- uma dezena de poloneses convidados,intelectuais e operários,todos engajados no movimento Solidarnosc:

- um grupo de trabalhadores da LIP e amigos próximos;

- vários intelectuais franceses que foram 'sensibilizados" por LIP e pela Polônia.

O encontro será na própria LIP e tem como reflexão os temas:

- os fundamentos culturais do social;

- como pensar uma economia ética.

A luta dos 'lippianos" colocou a possibilidade da existência de um movimento com base em 'Conselhos Operarios',pela primeira vez na França do pós-guerra.

BÉLGICA:
Ocupação de empresas e autogestão

Na Bélgica au lutas autogestionarias ocorreram na década de 70.Em um primeiro período,até 1974,a autogestão foi sobretudo ponto de cristalização da radicalização operaria.Nos anos 1973-75, a idéia aparece em algumas lutas,sobretudo,contra o fechamento de empresas.Com a crise econômica de longa duração, após 1981, a idéia desapareceu do universo operário.
Todavia,nos anos 60, a FGTB se pronunciou pelo "controle operário"A CSC, por sua vez,identifica a empresa e o trabalho com os dois principais locais de alienação.
Nos anos 70,a questão da 'reforma da empresa' tomou novo rumo,sobretudo,após a revolta estudantil de 1968.Os trabalhadores passaram,então,a questionar a integração dos sidnicatos ao sistema.Uma onda de protestos teve 3 consequencias importantes:

1- pôs a empresa no coração do debate sindical;
2- o espírito de contestação trouxe uma radicalização do sindicalismo,centrada no espírito da autogestão;
3- novas formas de ação foram realizadas,principalmente , a ocupação de fabricas e algumas experiências de autogestão.

Em 1971,ambas centrais,A CSC e a FGTB se pronunciam pro 'controle operario' e pela autogestão.A principal fonte de inspiração foi a experiência da Yugoslavia.Em 1969,uma delegação sindical visitou esse pais,e também as experiências da Itália.Tinham contato permanente com a CFDT.
Nesta perspectiva,a Fundação "André Renard", organizou em Liegé um Seminário intitulado "Controle Operário e Autogestão".
A partir de 1970 a onda de greves introduziu novos tipos de ação,a ocupação de empresas e a produção em autogestão.Por exemplo:
- Michelin em St. Pietersleeuw em 1970;
- ACEC em Gand e Charleroi em 1973;
- RPB em Anvers em 1978;
- Fabelta Tubize,em 1980.

Estas ocupações ocorreram na Walonia a partir de 1970 e 1973.Experiencias européias como a "LIP" na França, e outras nos paises baixos serviram de exemplo.Foram sobretudo lutas para preservar emprego.
Algumas levaram à autogestão na produção.Na fabrica de cristal Val Saint-Lambert,os operários em greve desde dezembro 1974, retomaram a produção em janeiro de 1975 e a venda de seus produtos por conta própria.Ficou chamada de 'pequena Lip'.
Na greve das empresas Glaverbel, com 1.150 trabalhadores,após o anuncio de fechamento de três fornos, os trabalhadores ,em fevereiro de 1975, passaram a vender seus produtos.O exemplo maior de ocupação-autogestão é o da empresa de utensílios de cozina Prestige,em Tessenderlo, no período de final 1975 e inicio de 1976.Aós o anuncio do fechamento da empresa e a demissão de operários,estes ocuparam a empresa e começaram a produção em autogestão.Fundaram um tipo de Cooperativa para vender seus produtos no mercado.com o que tiveram o apoio da maioria da população local.
O exemplo da "LIP" francesa foi muito forte entre os jovens católicos da CSC do Brabant walone.Em 1979, fundaram uma associação para ajuda técnica,jurídica e econômica às empresas ocupadas e que aderiam à autogestão.

ITALIA:
Autogestão e lutas operarias no "Outono Caldo"

De 1968 a 1973 , o movimento operário italiano apresentou características inegáveis de iniciativas espontâneas, de autogestão das lutas e de participação de massa e de democracia direta;enfim, de autonomia operaria, e capacidade dos trabalhadores para elaborar suas próprias reivindicações,de uma parte, e capacidade de invenção,gestão e organização de seus próprios modos de intervir,de outra parte.

A origem histórica e estrutural da crise política e social italiana, nos anos 1968-69, está na origem dos fatos que contribuíram para agravar o sentimento de insatisfação das massas trabalhadoras contra um modelo de desenvolvimento anti-popular.

A insatisfação das reformas sociais (habitação,escola,saúde,etc) reivindicadas pelos trabalhadores, e a intensificação dos ritmos de trabalho nas fabricas, contibuiram para agravar o clima de tensão no pais.

No plano do trabalho nas fabricas, surge o estimulo à luta contra o autoritarismo , contra a repressão, e todas as formas de hierarquia. A criação de comitês operários de base, surge para a maioria dos trabalhadores como a mais eficaz forma de superar as divisões nos aparelhos sindicais.

Em Milão, nas empresas PIRELLI, BORTELTI ,SIT SIEMENS e outras menos importantes, os núcleos de oposição já tinham iniciado, na primavera de 1968,encontros para discussão , fora das fabricas , a questão das estruturas sindicais, salientando a exigência de luta contra certos aspectos básicos da organização capitalista do trabalho.

Em Roma, as exigências de democracia direta, e a recusa de delegar em forma permanente a representação às organizações sindicais mais burocratizadas,encontraram um terreno fácil no setor mais combativo da classe operaria : os trabalhadores da construção. Assim, em certas obras do maior canteiro, "SPINACETO", essa recusa massiva de renovar a delegação ao sindicato,coincide com a criação de um comitê de base, formado pelos operários mais combativos e mais populares.

O "Maio Francês", favoreceu a emergência de uma forma de consciência operaria: 10 milhões de grevistas, fabricas ocupadas,contestação contra a hierarquia nas fabricas, aparecem como um símbolo de poder operário e popular.

Os Comitês unitários de base

Os primeiros resultados dessa onda de contestação, que se expandiu nas principais empresas italianas,no inicio do verão de 1968, se traduziram nas lutas na PIRELLI de Milão e na MONTEDSON de Veneza.

Na PIRELLI-Bicocca, onde um COMITE UNITARIO de BASE (CUB), foi criado, em julho ocorre uma luta em torno do problema do trabalho por peças e das cadencias.

Estes CUBs operários se expandem rapidamente , no período entre o fim de 1968 e o inicio das grandes lutas pela renovação dos contratos de 1969. O fenômeno concerne,essencialmente,os principais centros infustriais do Norte, onde a sindicalização é mais alta e onde existe o setor mais avançado da classe operaria ,os metalúrgicos e os químicos.

Na Região central, a experiência é mais limitada,com a única exceção da "FATME"(fabrica de telefones,na periferia de Roma).No Sul, o fenomeno se produz como eco das atividades dos principais CUBs do Norte industrializado.

Próximos dos principais CUBs, são os organismos constituídos pelos trabalhadores agrícolas para defesa de seus próprios interesses. As " Ligas de Trabalhadores Agrícolas"(Leghe Bracciantili) e os diferentes tipos de comitês similares, representando do ponto de vista de classwe, uma correspondência ideal no mundo rural da onda de contestação, que sacudia as velhas estruturas da industria.

Os conselhos de delegados

As lutas do período 1968-69,colocaram o desafio para os trabalhadores, na Itália e em outros paises da Europa, a exigência de criar estruturas permanentes de organização de massa, não exclusivamente sindicais, mas capazes de associar a luta econômica com a luta política.

A Itália possuía uma forte tradição de Conselhos, que influiu notavelmente nos grandes conflitos baseados na espontaneidade operaria. O "outono quente" não fugiu a essa tradição e, rapidamente nas fabricas,sob ocupação ou não, surgiram os comitês ou conselhos de trabalhadores.

A experiência mais significativa de autogestão das lutas e da livre expressão de uma verdadeira democracia operaria, foi a da FIAT – Turim, a partir de maiuo 1969. As mobilização de maio-junho deste ano, criam uma nova atmosfera de mobilização da massa trabalhadora.Os organismos abertos, criados pelo Movimento estudantil de Turim,com o objetivo de unificar a luta operaria nas fabricas com as lutas nos bairros e a luta nas Universidades, se adaptam melhor a esta nova atmosfera.

Um dos aspectos mais revolucionários destas lutas operarias de 1968-69, e sobretudo do 'outono quente', foi o surgimento espontâneo e a extensão , nos setores mais combativos, do "Movimento de Delegados Operários", de uma parte, e , de outra parte, a pratica das "Assembléias de Trabalhadores".

Assim, uma nova estrutura de massa foi criada: a Assembléia Operaria estudantil, que se reunia quase todos os dias durante maio e julho,no inicio ou após a saida do trabalho, em frente aos portões,ou num bar vizinho,ou na Universidade.
O reconhecimento da existência de delegados ,como novos órgãos institucionais de representação operaria,tem a seguinte ordem:
"MARZOTTO", 28 março 1969
"DIELLA", 13 junho
"FIAT", 30 junho
"ITALSIDER", 1º de agosto
No 'outono quente' de 1969,ocorre uma serie de experiências em que os delegados de fabrica,de seção,de grupo ou de linha de montagem,são considerados como uma alternativa à seção sindical, à " comissão interna".
Em 1970, há um renascimento da experiência dos conselhos : em poucos meses, são criados os Conselhos de Fabrica.Em um período relativamente curto, cerca de 7000 Conselhos de Fabrica foram fundados,contra apenas 60 seções sindicais organizadas no longo período de 10 anos.
As antigas 'comissões internas' e as seções sindicais, testemunham sua incapacidade de gerir um confronto social de uma amplitude inédita,sendo absorvidas e mesmo varridas do cenário pelos novos organismos de representação direta. Assim, os Conselhos de fabrica operam uma mudança qualitativa das formas tradicionais de representação sindical. Surgia o 'sindicalismo dos conselhos".
Até 1968,os organismos fundamentais nas fabricas eram as 'comissões internas' e,fora das fabricas,as "Câmaras de Trabalho".As 'comissões internas', não influíam realmente sobre o conjunto da organização capitalista do trabalho.Não eram um instrumento de massa, nem um instrumento de luta permanente.Assim, não podiam concretizar a unidade ofensiva da classe operaria italiana.

O sindicalismo unitário dos Conselhos

O período 1970-73 é caracterizado pela extensão e institucionalização,no interior dos sindicatos,depois nas empresas,dos organismos autônomos surgidos nas lutas operarias. Em dezembro 1970, a CGIL (Confederação Geral Italiana do Trabalho),próxima ao PCI, reconhece que os delegados e os Conselhos constituem "a estrutura de base do novo sindicato unitario".
Em 1971, seria a vez da CISL (Confederação Italiana dos Sindicatos de Trabalhadores),próxima aos socialistas, de reconhecer seus delegados.
A marcha para unidade sindical foi conseqüência direta das lutas operarias de base do 'outono quente'. O ano de 1969 termina com a realização de 3 Congressos unitários.Em outubro,foi realizada a 1ª Assembléia Unitária dos Conselhos Gerais das 3 Confederações (CGIL, CISL e UIL), em Florença e conhecido como "Florença 1".
Após esta Assembléia, o processo unitário deu um grande salto adiante,notadamente nas bases,onde os conselhos se multiplicavam.
Os mais decididos são os metalúrgicos que em março realizam uma nova Assembléia Unitária,em que um "Projeto de Estatuto" foi construído e submetido aos trabalhadores.Este projeto é revolucionário em matéria de organização: " a estrutura de base é a assembléia de fabrica, da qual o conselho é o orgão de direção eleito por todos os trabalhadores, sindicalizados ou não.Os membros dos conselhos,isto é,os delegados,são revogáveis a qualquer momento".
Surge,também,a 'Zona Homogênea",organização das fabricas que aglutinam os trabalhadores na base da homogeneidade dos problemas sociais.O órgão de direção da "zona homogênea" é o "Conselho de Zona", formado por delegados dos diferentes conselhos de fabrica, em um determinado nível geográfico.Em um novel superior a 'zona homogenea', no Provincial,surge o "Sindicato Territorial". Os diferentes órgãos dirigentes são eleitos em 70% pelo Congresso e 30% pelos conselhos de fabrica.
Esta experiência é uma das fontes do "Sindicalismo Cidadão".
O Acordo de 4 julho de 1972, expressa o surgimento da "Federação Unitária CGIL-CISL-UIL", que não encontra forma de unidade orgânica nos níveis intermediários e superior da organização sindical,entretanto,assegura a unidade orgânica nos locais de trabalho,através dos Conselhos de fabrica.
O sindicalismo unitário italiano nasce com o 'outono quente'.No fim de 1970, a CISL, a CGIL e a UIL adotam a dissolução das seções sindicais tradicionais,substituindo-as pelos Conselhos de fabrica.
Desde 1970, o desenvolvimento dos Conselhos de fabrica superava de longe a implantação sindical.Uma pesquisa da Federação dos Trabalhadores metalúrgicos (FLM),em 1972,mostra que sobre 3 milhões de metalúrgicos, 42.886 delegados estão presentes nos 4.291 Conselhos de fabrica.

O fenômeno foi generalizado em todo o pais,mas,o Norte estava melhor representado que o Sul; os ramos industriais mais combativos em 1969 (metalurgia,têxtil,químico.alimentação), melhor que os outros ramos.As grandes empresas,melhor representadas que as pequenas.No geral, 68% das empresas têm delegados operários eleitos ou nomeados após 1969.

O resultado é que as duas grandes centrais italianas ,a CGIL e a CISL,organizam um numero de operários quase em numero duplicado em relação,por exemplo, as duas centrais da França, a CGT e a CFDT.

PORTUGAL:
As 'comissões de trabalhadores', na 'Revolução dos Cravos '.

A partir do último trimestre de 1973, as lutas dos operários portugueses alcançaram um volume e uma capacidade de movimentação extraordinários.Foi uma etapa importante para a criação de uma expressão política autônoma dos trabalhadores.

O período de maio-junho de 1974 foi fortemente dinamizado pelas 'Comissões de Trabalhadores".Atraves destas Comissões,após o 25 de abril,os trabnalhadores iniciaram a pratica do 'controle operario',chegando a formação de inter-comissões de trabalhadores,ligando varias fabricas.

No período posterior ao 25 de abril, os trabnalhadores se lançaram a tomada dos sidnicatos,até então sob controle da legislação fascista do salazarismo.Ao mesmo tempo, em nível de fabrica,as Comissões de trabalhadores elaboravam cadernos de reivindicações: salários,diminuir a jornada de trabalho,melhores condições de trabalho,etc.

Conquistada a liberdade sindical nas empresas, os delegados sindicais em ação coordenada com as Comissões de trabalhadores,realizavam Convenções Coletivas.Os operários rurais se uniram e tomaram em suas mãos a tarefa de realizar a "Reforma Agrária": exproipriação de terras, ocupação de terrenos vazios,unidades coletivas de produção,sindicatos agrícolas.Assim,se fez a aliança operário e camponesa.

Nos centros urbanos,nasceram as Comissões de Moradores,organizadas nos bairros.

Organizaram-se as intercomissões de Moradores.Ocuparam-se casas devolutas e abandonadas que,em assembléias de moradores,eram distribuídas aos mais necessitados.Construiram-se cooperativas de habitação.

A experiência portuguesa não permite pela sua densidade e pouca ligação entre as fabricas,de falar de um 'projeto socialista autogestionario'.Cerca de 200 empresas,pequenas e medias,passaram ao controle das Comissões de trabalhadores,principalmente devido a fuga dos patrões.O movimento dos conselhos não ficou limitado as Comissões de trabalhadores, atingindo as Forças Armadas: no Exercito existiram os "Conselhos de soldados".

Uma das mais significativas expressões deste movimento foram as "COOPERATIVAS". Surgiram em diversos setores: cultural,artístico,produtivo.As 'cooperativas agricolas' contribuíram para a aliança operário-camponesa.Muitas vezes,grupos de trabalhadores urbanos foram ao campo para ajudar os camponeses nas colheitas, ocupando desta maneira suas férias.

Como parte deste processo, em 1978, a BASE-FUT ,movimento social originado deste período, organizou a Primeira Conferencia Nacional pelo Socialismo Autogestionario,em Lisboa. De suas declarações, podemos extrair esta definição:

> " A autogestão é a construção permanente de um modelo de Socialismo, em que as diversas alavancas do poder, os centros de decisão, de gestão e controle, e os mecanismos produtivos sociais, políticos e ideológicos, se encontrem nas mãos dos produtores-cidadãos,organizados livres e democraticamente, em fomas associativas criadas pelos próprios produtores-cidadãos, com base no principio de que toda a organização deve ser estruturada da base para a cúpula e da periferia para o centro,nas quais se implante a vivencia da democracia direta, a livre eleição e revogação, em qualquer momento das decisões, dos cargos e dos acordos".
>
> [cf. 1ª Conferencia Nacional pelo Socialismo Autogestionario. Lisboa, Maio de 1978].

ESPANHA: as CCOO (comissões operárias)

O contexto da luta dos trabalhadores espanhóis sob o franquismo transparece em documento,datado de janeiro de 1966, uma Declaração de Princípios intitulada "Ante el futuro del Sindicalismo", em que aponta,também, a longa crise de hegemonia da classe dirigente e o nascimento das Comissões Operarias (CCOO):

"Durante estes últimos 27 anos, o abandono da classe trabalhadora tem sido total. Nossas organizações destruídas,nossos militantes perseguidods,nossos periódicos e locais confiscados.Em substituição a elas, nos montaram

estruturas (ou sindicato vertical) imobilistas, que não sendo independentes,estão controlados pelos patrões...Sem duvidas, apesar das terríveis dificuldades de todo o tipo, nós os trabalhadores, não deixamos de lutar nem um só dia por nossos interesses de classe.Seria interminável, enumerar as milhares de ações operarias, desde as simples visitas de uma comissão ao patronato até a greve, que se tem produzido na Espanha desde 1939 até nossos dias".

"Esta acumulação de esforços e sacrifícios dos trabalhadores espanhóis foi o elemento essencial , que possibilitou o nascimento das CCOO. Nas greves de 1956-57 , a pressão das massas acelerou a crise, que atingia a burguesia espanhola, que foi obrigada a mudar de política.Estas mudanças tiveram conseqüência na legislação trabalhista. Em 1958, a lei espanhola deu aos patrões a possibilidade de negociar com os delegados dos sindicatos oficiais. Porém, em vários casos, os operários não votaram nos candidatos oficiais e, escolheram trabalhadores nos quais tinham confiança"

Assim, de 1958 a 1962, foram constituídas em nível de fabrica, comissões de delegados, que podem ser consideradas como os embriões das CCOO.Essas comissões só se formavam quando havia um conflito ou negociações, se dissolvendo em seguida.

Em 1962, ecoldiu nas ASTURIAS, no pais Basco e Catalunha, um forte movimento de greves. Em todas as partes se formaram comissões de delegados operários,democraticamente eleitos, e os patrões se viram obrigados a reconhecer sua representatividade.Desta forma, as CCOO nasciam,de forma espontânea.

Em Madri ,essas comissões nasciam e morriam em seguida às lutas. Os militantes mais ativos,que se formaram nestas lutas,entenderam a necessidade de uma organização permanente que tomasse forma de movimento de oposição sindical às estruturas oficiais do sindicalismo fascista.

A partir de 1964,as CCOO assumiam um caráter de organização permanente, assegurando um minico de coordenação em nível local, regional e nacional.

À medida que crescia a consciência e a combatividade dos trabalhadores, aumentava a repressão.Nas fabricas surgiram as "listas negras" com nomes dos operários "ativos".As CCOO se aproveitam das eleições de 1966 para organizar assembléias de trabalhadores.Apesar da prisão dos principais dirigentes,as CCOO realizam suas principais ações neste ano. Em janeiro, maio e , sobretudo, outubro, centenas de milhares de trabalhadores se manifestaram nas principais cidades, contra o aumento de preços, o bloqueio dos salários,as demissões,a repressão politica.

A "semana de luta" ,organizada pelas CCOO,em outubro,teve um eco considerável no estrangeiro e demonstrou a combatividade do movimento operário espanhol.

Assim,pela primeira vez, depois da Guerra Civil de 1936-39, se podia realizar com êxito a coordenação de um movimento em nível nacional.

Nos anos seguintes, se organizaram "CCOO de Jovens" e "CCOO de Bairro".Em 1968, foram formadas as "CCOO Camponesas" , que lutam por "terra para quem a trabalha" , "salário mínimo" direito de greve,liberdade de organização".Delegações camponesas de várias regiões (Castilla, Catalunha,Aragão,Andaluzia) participaram ,em agosto 1969,da primeira reunião de coordenação de "CCOO Camponesas".

Na "Declaração das CCOO de Madrid" ,podemos encontrar uma concepção das CCOO:

" Que são CCOO ?

1. As CCOO são uma forma de oposição unitária de todos os trabalhadores,sem distinção de crenças ou compromissos religiosos ou políticos, às estruturas sindicais. Nascem como uma necessidade da defesa de nossas reivindicações imediatas e de rpeparar um amanhã de liberdade e unidade sindical;
2. As CCOO são um movimento independente, da classe operaria, para a defesa dos interesses da classe operaria.Recusamos por isto, qualquer tipo de 'verticalismo' ou de submissão às palavras de ordem do Estado ou de qualquer grupo político;
3. O principio democrático é a regra de atuação das CCOO.;
4. respeitando o principio democrático,segundo o qual seremos nós os próprios trabalhadores, que decidiremos sobre a forma do futuro sindicato espanhol,as CCOO,advogamos e lutamos pela Unidade Sindical...Consideramos que a divisão será um suicídio de Classe".

As CCOO de Madri, no documento "Ante el futuro del Sindicalismo",elaborado em 1966,definem a linha em relação a um sindicalismo democrático e unitário:

" Aceitando a necessidade de unidade do movimento operário e de sua independência, consideramos que o instrumento eficaz será a Central Sindical Única , cujas bases de construção deverão ser livres e democraticamente eleitas pelas Assembléias de trabnalhadores, realizadas com a colaboração das organizações sindicais operarias representadas nas fabricas".

As CCOO exerceram uma grande influencia no movimento operário e sindical.Na Polônia,nos anos 70, houve um debate sobre o papel das 'comissões clandestinas nas empresas". No artigo de "ROBOTNIK" ("O Operário"),jornal dos ativistas do futuro sindicato SOLIDARNOSC,intitulado "As Comissões Operarias na Espanha", podemos ler:

" Uma das lições mais importantes do que se passa na espanha, é o papel que tem desempenhado o movimento sindical independente e, em particular, o movimento operário que se desenvolve em centenas de fabricas espanholas.Trata-se das 'CCOO'...
As CCOO se formam em segredo,da seguinte maneira: aqueles que têm confiança entre si, formam pequenos grupos que atuam nas seções; a partir deste nível, criam-se comissões em nível de fabrica, que , pouco a pouco, com grande precaução, fazem contatos com as comissões de outras fabricas".("Robotnik",n.8 , janeiro 1978).

2) AS LUTAS NO LESTE EUROPEU

Os vários ciclos de lutas operarias no Leste europeu exigem uma certa caracterização deste processo de 'longa duração',pois inicia-se nos anos 50 e vai até a década de 80.
O 'socialismo estatal burocrático", implantado no leste europeu no pós Guerra , foi diversas vezes contestado de forma radical pelos trabalhadores. Desde 1953,ano da morte de Stalin, até a revolução do Solidarnoisc polonês,em 1981 e a queda do Muro de Berlim,em 1989.
As lutas operarias se expressaram através de greves gerais, revoltas e revoluções.Podemos assinalar um onda de longa duração marcada por estas lutas:

1953= greves na Alemanha oriental e na Thecoslovaquia.
1956= revoluções na Hungria e na Polônia.
1968= revolução dos conselhos na Thecoslovaquia.
1970=revoltas na Polônia.
1977=revoltas na polônia,sindicatos livres na URSS e Romênia,oposição na Thecoslovaquia.
1980=revolução na Polônia.
1989=rebeliões populares no conjunto do leste da europa.

Como caracterizar estes processos ? Quais os elementos de unidade e de diversidade ? Partindo de analises de militantes e teóricos do próprio leste,tentemos trabalhar alguns conceitos.
Inicialmente, a REFORMA : é entendida como mudanças políticas ,econômicas e estruturais no contexto do leste; reforma não significa retorno ao capitalismo;ela pode evoluir em dois sentidos,que se confundem durante um certo período:

1- Liberalização= processo que se origina e que é dirigido exclusivamente 'do alto'; a direção do PC decide o momento em que o povo ou o pais está maduro para certas reformas;a iniciativa encontra-se nas mãos do grupo dirigente;
2- Democratização= processo envolve o grupo dirigente,mas que começa pela pressão da base,que tem a iniciativa;os trabalhadores defendem as mudanças propostas pela direção do PC,mas formulando suas prórpias reivindicações e pressinando por sua realização.
Inicalmente, reivindica-se reformas limitadas,sem eguida,transformações institucionais que garantam o controle popular sobre o Estado.Neste caso,as mudanças atingem a natureza do modelo estatal de socialismo: o monopólio político do PC, a estatização dos meios de produção, a censura, o sistema de 'correia de transmissão', a dependência frente à URSS.Este processo pode ser chamado de 'Revolução Política".

Em resumo, REFORMA é um termo marcado pela iniciativa do poder e procede 'do alto',com tendência a manter o 'status quo',e,para tal,busca o apoio passivo dos trabalhadores e cidadãos.
Já a REVOLUÇÃO ,procede 'de baixo' e,no seu inicio,é desprovida de objetivos gerais claramente definidos;supera esta fase inicial ao criar novas formas de organização ou socialização antagônicas à 'velha ordem".
Além destas 2 vias,podemos falar de outra 'revolução' que visa substituir o sistema 'socialista' pelo capitalismo;na verdade,uma 'CONTRA-REVOLUÇÃO'.Quando,trata de assegurar o 'status quo' ,estamos diante de uma 'NORMALIZAÇÃO",como ocorreu na Hungria e na Polônia,em 1956 e na Thecoslovaquia,em 1968.

Em relação as FORMAS de LUTA,as experiências do leste europeu podem ser classificadas em 5 blocos:

1- REVOLTAS, tendo por causa a carência de bens de consumo, aumento nas normas de trabalho,reformas fiscais,aumento dos preços básicos.Por exemplo:

. Berlim-Alemanha oriental, em 1953
.Pilsen,Thecoslovaquia,em 1953
.Poznan,Polônia,em 1956

.Novatcherkasek,URSS,em 1962
.Vale do Zhill,Romênia,em 1977

Foram manifestações espontâneas e amadurecidas no interior deste paises pelo desespero das suas populações; não-ideológicas e limitadas no tempo e no espaço.Podemos caracteriza-las como "ensaios de tempestades futuras".Terminaram sob intensa repressão.

2- TIPO REVOLUÇÃO Húngara,em 1956. Movimento total e radical,questionando e derrubando o regime vigente;obra das massas trabalhadoras,com opções ideológicas variadas.Seu ponto principal foi a 'auto-organização' dos trabalhadores em conselhos.

3- TIPO SOLIDARNOSC,Polônia,em 1980-81; resultado de dezenas de anos de lutas.Sua marca característica foi também a 'auto-organização' dos trabalhadores em conselhos e com base autogestão social.

4- TIPO PERESTROIKA e "revoluções democráticas" em 1989. Na URSS,por iniciativa do grupo dirigente do PCUS.No leste,as revoluções democráticas tiveram ampla participação popular,enquanto luta por cidadania e não como classe;talvez,as exceções sejam Thecoslovaquia e Polônia,onde houve uma participação maior dos trabalhadores enquanto classe.Exceto na Romênia,as demais foram 'revoluções de veludo",pacificas.

No seu conjunto, assinalaram o esgotamento histórico do 'socialismo estatal'.Segundo Ernst Mandel,combinaram agitações típicas da "Primavera de Praga" com as do Maio europeu de 1968.

As experiências do 'socialismo estatal' surgiram de 'revoluções passivas" (Gramsci),ou seja, "revolução sem revolução". Neste sentido, os regimes do leste pdoem ser chamados de 'diatdura sem hegemonia'.
O corolario destas 'revoluções passivas', foi definido pela práxis dos trabalhadores,em diversos momentos: alguns destes momentos foram verdadeiras "revoluções ativas de massa",ou 'revoluções anti-passivas".
Quais são as características principais destas formas de revolução ?
- a revolução ativa democrática e de massa:
1.os trabalhadores se revoltam contra o que é visto como "seu Estado"; reinventam formas radicais de democracia em todas as frentes de luta (política,econômica e cultural);
2.a classe operaria torna-se o ator central e decisivo do processo de democratização socialista;
3.os trabalhadores defendem amplas liberdades, criticam e abolem os privilégios da 'nomenclatura',criam novas formas de democracia de base (conselhos,comissões), autonomizam a sociedade civil em relação ao Estado,criam elementos de autodefesa, destroem o velho sistema sindical estatal ,iniciam a revolução cultural e ética do cotidiano.
No sentido de Castoriadis, "As coisas são ainda mais claras quando vemos, não a 'revolta',enquanto explosão e destruição da velha ordem,mas a 'revolução',enquanto atividade auto-organizada visando a instituição de uma ordem nova".
A sistematização das experiências históricas no leste , nos mostra que estes elementos estiveram presentes,total ou parcialmente,em varias das lutas dos trabalhadores. Destacamos 3 desses momentos 'criticos da historia',como 'revoluções ativas de massa' :

1) A revolução na Hungria, em 1956
2) A revolução dos conselhos na Thecoslovaquia, em 1968
3) A revolução do Solidarnosc na Polônia, em 1980-81

Podemos assinalar que o processo polonês de 1980-81,foi uma 'revolução ativa de massa';posteriormente,desrrotada pela 'normalização' com a decretação do 'Estado de Guerra" (dezembro 1981).Por sua vez, o processo polonês iniciado em 1989,com a 'mesa redonda' de negociações (entre a Igreja, O POUP e as Forças Armadas) e as eleições de julho desse ano,significou uma 'reforma pelo alto'.

1. POLONIA:
as lutas operarias na década de 70 ,e a construção da rede pela autogestão,em 1980-81.

Em agosto de 1980,pouco mais de um século após a Comuna de Paris, a classe operaria de Gdansk desencadeou um movimento grevista que teve a duração de 15 meses, criando em seu bojo,formas de auto-organização de caráter autogestionario.

A Polônia foi palco de numerosas lutas dos trabalhadores: 1956, 1970 , 1976 e 1980. Assim,uma onda de longa duração de revoltas ,rebeliões e revoluções,determinando esse pais como o 'elo fraco' no bloco do 'socialismo estatal '.A maturidade da classe operaria polonesa foi fruto de um longo e lento amadurecimento.

Em agosto de 1980, os trabalhadores tinham como principal objetivo a formação de uma força autônoma real.A contestação operaria se pos fora das estruturas oficiais do poder (POUP-partido Comunista polonês,Sindicatos,etc) e buscou construir um poder autônomo.

As greves de 1980 tiveram inicio no mês de julho, no porto de Varsóvia e em Tczew, região de Gdansk.Em agosto, ocorreu a greve de 17.000 trabalhadores dos estaleiros navais "Lenine" de Gdansk, em protesto pela demissão da líder operaria Anna Walentynowicz. Nas empresas da região de Gdansk foi criada uma 'comissão de greve inter-fabricas(MKS) , que tem como sede os estaleiros "Lenine" e elabora uma plataforma de 21 pontos.

O dia 22 de setembro marca o fim das greves.É fundado o SOLIDARNOSC, constituído por 38 'comites inter-fabricas". Conta,então,com 10 milhões de filiados e representa 3.500 fabricas ,agrupando 39 organizações regionais(MKZ),que se subdividem em sindicatos profissionais e seções de fabrica. Um sindicalismo de base e de massa.

Por sua vez, o movimento dos 'Conselhos Operarios' teve inicio em abril de 1981. Nessa ocasião,as seções de Solidarnosc e dos canteiros navais de Gdansk e Szczecin deram inicio aos debates sobre a "Autogestão operaria".A situação era de enormes dificuldades econômicas, com as fabricas semi-paralisadas e o PC (POUP) completamente paralisado,sem ação.

Em 14 e 15 de abril, foi realizada a Conferencia de fundação do que ficou conhecido como a "Rede Autogestionaria" das grandes empresas de Solidarnosc. Essa "Rede" reunia delegações de 17 regiões do pais; 'sub-redes' foram formadas e varias reuniões nacionais e regionais foram realizadas. Entre varias delegações, a "Rede" agrupoava os canteiros navais de Gdansk e Szczecin, das siderúrgicas de Cracovia,varias fabricas de Wroclaw, a mina de carvão 'Wujek".

O primeiro encontro publico da "Rede",realizado em 8 de julho,em Gdansk,contou com a participação de 1.500 delegados das 150 principais empresas do pais.Nessa época, a "rede" existia sob a forma de conselhos de gestão operaria,em cerca de 3.000 empresas.

No movimento autogestionario polonês encontramos, claramente, os sinais da atividade autônoma das massas: a fundação de órgãos democráticos de gestão das fabricas, nos conselhos de trabalhadores. A multiplicação desses conselhos, sua coordenação em nível regional e, as primeiras reuniões nacionais dos delegados operários,eis a expressão clara do movimento autogestionario.

Alem da "Rede" autogestionaria, dois outros grupos se destacaram neste movimento pela autogestão: os grupos de Lodz e Lublin, formando um bloco das correntes mais radicais da autogestão operaria. Combinavam o desenvolvimento do 'controle operario' com a estratégia da 'greve ativa'.

A "greve ativa",marcada para o dia 21 dezembro de 1981,na região de Lodz,deveria assegurar a gestão operaria da produção,o controle da distribuição de alimentos e a formação de 'milicias operarias'.Em sua estratégia estavam previstos:

- favorecer a emergencia da autogestão territorial, liberando a energia de milhões de trabalhadores;
- estimular a luta prlo poder político e pelas eleições livres;
- criar uma situação de 'prolongamento da dualidade de poder',baseada na formação de uma 'Camara autogestionaria" no parlamento,eleita democraticamente por todos os produtores assalariados, camponeses e artesãos individuais, concentrando todo o poder econômico do Estado.

Assim ,portanto,'greve ativa' e autogestão operaria se generalizando no conjunto da vida social,destruindo as instituições burocráticas e reestruturando por baixo a sociedade. Essas eram grandes linhas alternativas do movimento pela autogestão na polônia.

Em dezembro de 1983, dois anos após o Golpe militar, a Comissão de Coordenação de Solidarnosc (TKK),tomou iniciativa de realizar um encontro de 5 grandes empresas: a siderurgica "Lenine",a siderúrgica "Katowice", a mina "Wujek", a fabrica de aviões "Swidnik" e a fabrica de tratores "Ursus". O encontro teve como objetivo a reativação da "Rede Autogestionaria" das grandes empresas de Solidarnosc.Decidiu-se,em plena clandestinidade, a continuação das atividades da "Rede",sob as bases estabelecidas antes da decretação do "Estado de Guerra".

Para João bernardo, " A crise de 1974 deu novo fôlego à estrategia da mais-valia relativa, permitindo aparentemente encetar a fase de assimilação.A experiência polaca de 1980-81 parece ter sido a última da fase ascendente da autonomia,correspondendo a presente década de 80 ao começo da segunda fase do quarto ciclo longo.Mas a assimilação destas formas de luta assume hoje uma feição nova".

2. THECOSLOVAQUIA:
a Revolução dos ‘conselhos operarios’

O processo de ‘renovação’ do socialismo na republica da Thecoslovaquia ,começou com uma reunião em janeiro de 1968,do Comitê Central do PCT. Na ocasião foi votada uma nova lei sobre a ‘empresa socialista’.Já em 1967, o 12º Congresso do PCT tinha decidido por um sistema de ‘Cogestão” nas empresas: um conselho composto de 1/3 de trabalhadores eleitos, 1/3 de técnicos e 1/3 de representantes do Estado. Esse projeto alimentou a reflexão dos trabalhadores quando da fundação dos primeiros ‘conselhos operarios’,em 1968.

Desde maio de 1968, as greves explodiam contra a incompetência dos diregentes das empresas. Preparava-se,então,uma nova lei sobre ‘a empresa socialista’. Federações sindicais,por profissão,novos sindicatos e reuniões inter-sindicais,foram criados no bojo deste movimento grevista.

No inicio de julho, vários ‘conselhos operarios’ foram fundados nas garndes fabricas: CKD de Praga e Skoda de Plzen. Até setembro de 68, os conselhos operários são pouco numerosos, 19 no total;mas,entre o 1 de outubro e o 1 de janeiro de 1969, mais 260 conselhos foram fundados.

Em junho , uma Conferencia de órgãos de base atoa uma resolução sobre os conselhos operários e,reintroduz o direito de greve. Em janeiro de 1969, houve outra Conferencia de delegados operários, em Plzen,visando a estruturação de uma coordenação nacional do movimento dos conselhos,com a participação de 101 conselhos operários, mais de 64 comites ainda em base de formação,equivalente a 800.000 trabalhadores.

O numero de conselhos no pais,em janeiro 69,é avaliado em 120.Entretanto, no congresso sindical de março 69, já existiam cerca de 500 conselhos operários.

Estes conselhos se impuseram sobretudo nas industrias,o setor mais importante da economia,numa proporção de 55,1 % em relação a outros setores.Existiam nas maiores empresas,como Skoda de Plzen (50.000 operarios), Forges KG de Kuncice (40.000 operarios),na automobilística Mlada Boleslav (12.000 operarios).

Os conselhos thecos formavam um movimento de massas atingindo cerca de 1 milhão de trabalhadores,eleitos pelo voto secreto, em 80% dos ramos econômicos. Foram criados pela iniciativa das organizações de base dos sindicatos e do PCT (mais de 50% dos eleitos).

O Exercito russo invadiu a Thecoslovaquia em agosto de 1968.A primeira medida tomada foi o desmantelamento dos conselhos operários. Após a invasão, o movimento tomou uma amplitude maior.
Entretanto, a primavera de Praga seria esmagada .

3. YUGOSLAVIA :
A autogestão como sistema institucional

- HISTORICO :

Os primeiros passos e os presupostos da autogestão na Yugoslavia, foram criados durante a insurreição popular da guerra de libertação (1941-1945), que criou novos orgãos revolucionarios do poder: ‘os comitês populares de libertação”. Estes ‘comites populares’ ,com uma dinâmica de ‘democracia direta ‘ e de ‘autogoverno”.Eram responsáveis pela gestão dos bens e da economia publica dos territórios liberados. Já na época da guerra de libertação, a gestão das fabricas era feita pelos trabalhadores;por exemplo, a fabrica de antimônio de KRUPANJ, uma cidade do território liberado da Servia ocidental, em setembro de 1941,por decisão do comitê popular, foi eleito um ‘ conselho operario de fabrica” , que geriu com sucesso a fabrica ,até a retomada do território pelos alem~es. Foi um exemplo único de autogestão operaria na Europa ocupada.
Em seguida,outras fabricas em territórios liberados, a Uzice,a Cacak, passaram por experiências de autogestão.
O sistema yugoslavo de autogestão foi se constituindo aos poucos, por etapas. Os autores yugoslavos assinalam 5 fases principais:

1) 1949-1953
2) 1953-1963
3) 1963-1974
4) 1974-1978
5) 1978-1983

Vejamos as características principais de cada uma destas etapas.

Primeira etapa (1949-1953)

Esta primeira etapa abrange os inícios, modestos, da autogestão: a formação dos 'conselhos operários" nas fabricas estatais e, as primeiras mudanças no sistema econômico ,de administração centralizada, com o objetivo de criar os espaços para o desenvolvimento das relações de autogestão.

Os primeiros 'conselhos operarios' foram formados a partir da Instrução do Tribunal econômico federal e dos Sindicatos, dezembro 1949, que,apesar de manter as posições do 'diretor de empresa' e do sindicato,já assinalava o 'conselho operario' como o principal órgão de gestão:

" Os coletivos de trabalho realizam a gestão por meio dos conselhos operários e dos comitês de direção de empresa".

Os conselhos eram eleitos por todos os trabalhadores (operários e tecnicos) com base no voto secreto. A partir de uma lista de candidatos apresentada pelo sindicato ou por um grupo de operários; inclusive,existia a possibilidade de revogação de mandatos.

O conselho operário podia contar,nas garndes empresas, de 15 a 120 membros;nas pequenas empresas,com menos de 30 trabalhadores,o conselho era formado pelos 30 trabalhadores. Por sua vez, o 'comite diretivo da empresa" (3 a 11 membros), era eleito e podia ser revogado pelo 'conselho operario'.

As primeiras eleições para os conselhos operários foram realizadas entre agosto e outubro de 1950. As atividades dos conselhos de autogestão se davam ainda no quadro do sistema de direção estatal da economia.

Nesta primeira fase, a posição autogestionaria dos trabalhadores nas empresas foi articulada com mudanças no sistema econômico e na vida política

Assim, no V Congresso do PCY,em 1952,foi decidido sua transformação em "Liga dos Comunistas". Esta mudança de nome tinha por conteúdo a vontade política de impedir o processo de burocratização dos aparatos do Partido e do Estado. Gradualmente, foi abandonada a estrutura hierárquica de direção estatal da economia.Varios ministérios foram abolidos e transformados em conselhos (órgãos estatais)

Em 1952, a nova lei sobre os 'comites populares',organismos de base do poder,ampliou a área do autogoverno local e abriu espaços para descentralização em níveis econômico e político.

Em 1953, foi a vez da nova Constituição que fornecia as bases constitucionais a autogestão e as novas transformações sociais.

A nova Constituição ampliou os espaços de autogestão dos trabalhadores: intriduziu o "Conselho de produtores" (eleito pelos trabalhadores organizados em forma autogestionaria por ramo de produção) que funcionava como uma 'segunda Camara' do maximo corpo representativo (Assembléia) em níveis de distrito e comunas.Desta forma, reforçava-se o influxo político direto do trabalho associado ,organizado em forma autogestionaria, no conjunto da sociedade.

- Segunda Fase (1953-1963)

Esta etapa se caracterizou por mudanças socias profundas e rápidas,tanto na esfera política quanto na econômica. Abarcaram 4 direções:

1. extensão da autogestão `a novos setores do trabalho e da vida social,que estavam fora do campo da autogestão na primeira etapa.

   Em 1944, a autogestão operaria foi ampliada ao setor das ferrovias,aos correios,telégrafos e telefones,e,também,aos serviços públicos,tais como transporte urbanos, limpeza urbana, água.

   Em nível municipal, os órgãos do poder local (comitês populares) podiam intervir nas atividades da Empresa do setor (por exemplo, aprovação de preços nos transportes urbanos).Um controle social também operava em outras empresas. Assim,surgiram os 'Comites dos consumidores",relativos as empresas do comercio em varejo e, os "Conselhos editoriais" nas empresas jornalísticas e editoras.

   Portanto, a autogestão se estendia a vários setores da 'atividade social extra economica'.Este processo tinha como base jurídica a Constituição de 1953. Seu artigo 4,garantia a 'autogestão do povo trabalhador nos setores da educação, da culrura e dos serviços sociais".

   As escolas,os hospitais,as instituições culturais e cientificas,transformavam-se em organização do trabalho autogerido,em que todos os trabalhadores decidiam sobre a organização do trabalho, os salários,a politica de desenvolvimento e elegiam os seus próprios órgãos de autogestão.

   Os órgãos de autogestão nesta área dos serviços sociais (comitê,conselho) eram compostos por membros de dois tipos: os que eram eleitos pelos trabalhadores do serviço em questão , e os que eram delegados das instituições ou dos cidadãos interessados.

Todavia, estes organismos dependiam diretamente de financiamentos estatais, o que limitava a base material do desenvolvimento da autogestão.Para superar estes limites, foram criados 'fundos financeiros' autônomos.Estes 'fundos' eram dirigidos por comitês compostos por representantes dos trabalhadores dos serviços em questão, de cidadãos interessados e de representantes de toda a comunidade.

2. A segunda direção do desenvolvimento da autogestão foi constituída pelo aprofundamento das relações autogestionarias,pela descentralização e democratização do processo de tomada de decisões no interior das empresas e da organização do trabalho. O artigo 126, da "Lei sobre as relações de trabalho",janeiro 1958, estabelecia que " os coletivos de trabalhadores decidem autonomamente as contratações e as demissões e outras questões relativas ao estatuto do trabalhador".

3. A terceira direção. Foi de reforço da independência da empresa e da extensão dos direitos dos coletivos de decidirem sobre a renda produzida . Este processo foi lento. Contudo, o monopólio estatal permaneceu intacto em relação ao direito de dispor da reprodução ampliada (investimentos). Em 1957 e 58,novas leis ampliaram os direitos dos coletivos de trabalho.
   Em 1957, foi realizado o primeiro Congresso dos 'conselhos operarios" da Yugoslavia,que trouxe um forte impulso `a autonomia da empresa e a poder dos trabalhadores.
   Lei de 1961, significou outro grande passo: a repartição da renda entre a fabrica e a comunidade social, afastando os órgãos do Estado deste campo. Os fundos da empresa ficam subdivididos em: fundo de gestão,fundo de reserva e fundo de consumo coletivo.
   O Estado ainda controlava e regulava os preços de 70% dos produtos e, todo o comercio exterior.

4. a quarta direção investia no setor da organização política,buscando democratizar o sistema político: ampliação do 'auto-governo local' e transformação em todo o sistema de decisões políticas.

Em 1955-56,ocorreram mudanças no campo das 'comunas', comunidades sócio-politicas (território), buscando articular os interesses pessoais dos trabalhadores com os interesses coletivos de toda a comunidade.No nível da comuna, poderia haver uma participação real dos trabalhadores-autogeridos nas decisões políticas relativas aos interesses coletivos e sociais.
Nesta perspectiva, a descentralização tirava 'negocios' do Estado e transferia para as comunas; associações de comunas substituíam o centralismo da hierarquia estatal; os 'distritos' transformaram-se em 'consorcios de comunas'.
Assim, a maior parte da ação estatal frente as empresas ee das instituições de autogestão, passou para competência da comuna e,sobretudo,para competência comunal e do seu conselho de produtores.

- Terceira Etapa (1963-1974):

Esta etapa apresenta uma grande mudança em todo o sistema socio-economico e politico. A base principal foi o esforço , para por em mãos dos trabalhadores, o controle direto do trabalho associado com base na autogestão , de todo o 'capital social".

Na verdade, o sistema sócio-economico yugoslavo apresentava,ainda nesta época,um dualismo: de um lado se desenvolvia a autogesão nas fabricas e nos serviços sociais e, de outro lado,a gestão dos meios destinados a reprodução ampliada permanecia nas mãos dos órgãos do Estado,sobretudo,em nivel Federal.

Em 1961, surgiram tendências econômicas negativas: queda da taxa de desenvolvimento (antes tinha sido a maior do mundo), queda da produtividade, baixo grau de utilização do potencial produtivo. O monopólio estatal sobre a gestão dos meios de reprodução ampliada foi apontado como causa destes fenomenos O 5º Congresso da União do sindcatos do pais (1964) e o 8º Congresso da LCY,dedicaram todo o tempo a discutir as mudanças do sistema econômico e o papel do trabalho associado no campo da reprodução ampliada.

Assim, em 1964, houve avanços no sentido da "desestatização" da gestão do 'capital social': abolição dos fundos de investimento dcomunidade sócio-politica(Estado) e a transferência de seus recursos para os BANCOS , que foram transformados em órgãos econômicos autônomos e autogeridos.Em 1965, foi a vez da 'reforma economica' , que trouxe mudanças importantes.

Por exemplo, em 1961, as organizações econômicas dispunham dispunham diretamente do 29,5% dos meios destinados aos investimentos fundamentais, os 7,9% era gerido por instituições e 0,9% pelos bancos. A maior parte dos meios de investimento era administrada pelo Estado : os fundos de investimento da comunidade sócio-politica (federação,republica,regiões e comunas) compreendiam 61,7% de todos os meios financeiros destinados aos investimentos.

Dez anos depois (1971),este quadro mudou radicalmente: as organizações geriam 26,8% dos meios de investimento,as instituições 7,1%,os bancos 50,9%,enquanto a incidência da comunidade socio-politica caiu para 15,2%.

Assim,os bancos passavam a ter a gestão da maior parte dos meios de investimento.

Em relação a autonomia nas empresas, houve mudanças relativas a posição dos quadros dirigentes (diretor) e o direito obtido pelos coletivos de trabalho para regular de forma autônoma os problemas da organização e da gestão e da direção das empresas. Assim, a lei (1964) sobre as eleições dos órgãos de autogestão na organização do trabalho introduziu a reeleição obrigatória do diretor a cada 4 ou 5 anos.

Em 1968, ocorreram emendas a Constituição que introduziram mudanças radicais na autogestão:

Os coletivos de trabalho passaram a estabelecer autonomamente a estrutura,a modalidade de eleição, a duração do mandato,as funções e as competências dos órgãos de autogestão.Toda organização do trabalho associado era obrigada a eleger seu conselho operário.

A partir de 1965, surgiram a partir das experiências dos operários, novas formas de associações autogestionarias entre as diversas esferas do trabalho social: a "Comunidade de Interesse Autogerido",substituindo os órgãos estatais..

Vários aspectos da reforma econômica não favoreceram os trabalhadores. Por exemplo, a empresa autogerida, obriggada a créditos bancários para os investimentos,se encontrou dependente dos bancos.Os bancos,formalmente autogeridos,na pratica estavam submetidos aos fatores políticos (funcionários estatais e diretores de grandes empresas).Formou-se centros independentes e com grande poder econômico,um tipo de 'capital financeiro', sem controle social e autogerido. Assim, o poder arbitrário dos grandes bancos,junto com outros fatores, minavam as relações de autogestão. O desequilíbrio no grau de sub-desenvolvimento econômico de algumas regiões do pais ,a posição do banco central, propiciavam o surgimento de descontentamento e conflitos de interesses regionais e nacionais.

No próprio campo do trabalho, reforçou-se a ´posição e influencia da 'tecnoestrutura' , dos grupos empresariais profissionais,usurpando os direitos autogestionarios.

Nos primeiros anos da reforma econômica (1965-1971), a usurpação tecnocrática dos direitos de autogestão encontrou expressão na organização social e no plano social. Estes problemas levaram a um processo que terminou com uma nova Constituição em 1974.

Neste sentido, no 2º Congresso dos Autogestores do pais (maio 1971) ,, a classe operaria organizada na autogestão ,demonstrou o apego a linha do desenvolvimento social fundado na idéia da autogestão, como sistema global de organização da sociedade socialista.

- Quarta Etapa (1974 -1978)

Esta etapa tem por características principais os esforços para viabilizar estrategicamente o sistema de autogestão, expressos na nova Constituição (1974) e na "Lei do Trabalho associado" (1976).

Na fase anterior, estes esforços esbarraram e foram quase anulados pelo poder reforçado da tecnocracia nas empresas e em outros níveis da sociedade.

A luta de classes pressionava no sentido de uma resolução deste dualismo . Desta disputa,surge o conceito de 'Organização de Base do Trabalho Associado"(OBTA), que suprimia algumas ambigüidades no campo juridico do conceito de 'fabrica' (que subentendia uma estrutura hierárquica,separação da função de gestão da função de produção,etc).

Os organismos dirigentes das OBTA eram constituídos com base no 'principio de delegação".

Dados do "Anuário estatistico da Yugoslavia" de 1978 , indicam que , em 1977, existiam no pais, 16.402 "organizações de base do trabalho associado" que faziam parte de mais de 2 .000 organizações de trabalho com duas ou mais organizações de base; existiam outras 14.785 organizações de trabalho, que por seu tamanho ou por circunstancias, não eram compostas de OBTA.

O elemento fundamental de todo o sistema político-social é que este novo sistema não se funda mais no cidadão, entendido como individuo isolado ou como eleitor que transfere a outros o direito de decisão, mas se funda sobre o trabalhador-autogestor.

Este trabalhador-autogestor pode exercitar seu poder diretamente no âmbito do seu mais próximo ambiente de vida e de trabalho associado.em qualidade de habitante de bairro, na comunidade de habitação autogerida,e,na qualidade de individuo com uma base social organizada, satisfaz sua própria necessidade e também dos familiares nos setores da cultura,da educação,da saúde,etc e,na comunidade de interesse autogerido.

A introdução do sistema de delegação criou uma vasta rede de delegados eleitos, em diversos níveis e organizações.O monopólio detido pelo Partido e pelo estado cede cada vez mais espaço ao pluralismo dos

interesses autogestionarios organizados,os quais se incluem diretamente no processo decisório em todos os níveis sociais.
Este ‘sistema de delegação’ abre a perspectiva de uma completa socialização do sistema político, de uma substituição sempre maior da estrutura estatal.
O ‘esqueleto institucional” do ‘sistema delegação’ é o seguinte:

a) as delegações são constituídas por trabalhadores eleitos com o objetivo de realização de forma direta dos próprios direitos,deveres e responsabilidades , na esfera da ‘assembléia da comunidade sócio-politica”,formada por:
- organização de base do trabalho asscoiado e na coletividade de trabalho;
- cooperativas camponesas e artesães;
- coletividade de trabalho dos órgãos estatais;
- na comunidade de moradia;
- na organização sócio-politica.

b) Os delegados são eleitos por suas organizações e comunidades;

c) A assembléia da ‘comunidade sócio-politica’ é composta por órgãos do auto-gioverno e constituem o maximo órgão do poder no âmbito dos direitos e dos deveres da correspondente comunidade sócio-politica

Conforme os aspectos principais (produtivo-trabalho, territorial, político) da organização autogestionaria dos trabalhadores, cada assembléia das comunas,da republica e das regiões autônomas , é composta por:
- do conselho de trabalho associado, que é o ‘conselho dos trabalhadores da organização de base do trabalho associado e de outras organizações ou comunidades autogeridas”;
- do conselho sócio-politico, que é o conselho dos trabalhadores e dos cidadãos reunidos na organização sócio-politica”;
- o conselho da comunidade de moradia (na assembléia das comunas), que é o conselho dos delegados dos trabalhadores da comunidade de moradia”.

Enfim, desta mesma ‘base delegatoria’ , nascem a ‘assembléia das comunas’, a ‘assembleia das regiões autonomas’, a ‘assembleia da republica’ e, a ‘Assembleia da Republica Socialista da Federação Yugoslava”. Todas são constituídas com base no mesmo principio e formadas por 3 conselhos. Só a Assembléia da RSFY , é formada por dois conselhos:
- o conselho federal.
- o conselho das republicas e regiões autônomas.

Este ‘sistema de delegação’ deveria representar uma forma de constituição e de ação dos órgãos de decisão política , diferentemente do sistema da democracia parlamentar político-representativa, e mais próximos da expressão direta e autentica dos interesses históricos da classe operaria e do trabalho associado.

Autogestão nas empresas

Em todas as empresas há 2 estruturas fundamentais: os órgãos de autogestão e os órgãos de execução. Os de autogestão,representam a estrutura de decisão e poder;seu órgão principal é o Conselho Operário,eleito pelo conjunto de trabalhadores.É o Conselho Operário que elege o Comitê de gestão;também,elege o Diretor entre os candidatos que se apresentam , após um concurso publico.Este Diretor é submetido à reeleição a cada 4 anos.
Nas pequenas empresas,é o coletivo dos trabalhadores que assume o papel do Conselho Operário.
Conselho;

Autogestão social

A Constituição yugoslava garante desde 1953, o direito à autogestão fora das empresas: é o o que se chama ‘autogest~~ao social’;nas empresas é chamada de ‘autogestão operaria’. No plano social , a autogestão compreende:
-as instituições de gestão social (ensino, saúde,cultura,etc);
-os serviços sociais (segurança) e os serviços de Estado (bancos,seguros,administração).

A ‘autogestão operaria’evidentemente,é diferente da ‘autogestão social’.Nas empresas, são os operários que criam renda pelo seu trabalho,enquanto que,nas instituições sociais,os trabalhadores não criam renda. Só podem gerir o orçamento que lhes é atribuído. Há outra diferença: os poderes públicos (município,republica e federação) guardam um controle sobre as instituições sociais.

Buscou-se a independência das instituições sociais em relação aos poderes públicos: em 1966, foram criadas as ‘Co-unidades de Ensino”,para tirar o ensino da burocracia do Estado. Estas comunidades eram financiadas de dois modos: por um imposto de renda,cuja importância era fixada pelo Estado e, pelas Empresas,organizações sociais,etc;utilizavam os serviços de educação ou de formação permanente.

Neste sentido, foi proposto um projeto em 1971,de “Comunidades de Interesse”.Essas comunidades reuniam os trabalhadores de uma instituição social e os que se serviam dos serviços.

Nos Bancos,nos seguros sociais e na administração , a autogestão é menos desenvolvida que no ensino e na saúde.Os conselhos e os comitês limitavam-se,de fato,aos problemas de gestão dos empregados ,e à organização do trabalho.

Autogestão e vida política

A autogestão no campo do poder político,se traduzia de duas maneiras:

- uma ampla descentralização da vida política;
-uma tentativa de redefinição das relações entre eleitos e eleitores,representados e representantes.

A yugoslavia era um Estado federativo,composto por 6 Republicas e 2 provincias autônomas,todas usufruindo de uma grande autonomia.As Republicas e as províncias,representadas igualmente na Federaçãoi, tinham o direito de veto sobre as decisões importantes da Federação. O papel desta limitava-se a:

-politica estrangeira e a defesa nacional.

A ‘comuna’ representava o elemento de base da autogestão no campo político.É o lugar de coordenação da atividade dos órgãos de autogestão.Para facilitar uma coerência econômica e reduzir a administração abusiva, o numero de ‘comunas’ foi bastante reduzido: 500 ‘comunas’.

Em um pais descentralizado e atomizado, a LC, garantia ,pela centralização e por sua ideologia, significa um elemento de manutenção da segurança social: estava presente em toda parte,através de seus membros nas fabricas, nas comunas,nas instituições sociais,etc. Desta forma, o papel dirigente da LC foi impulsionado junto com o desenvolvimento da autogestão.

A nova Constituição previa um sistema de ‘delegação’,para abolir o sistema clássico de ‘representação’: os deputados eleitos mantinham seus postos de trabalho e eram controlados pelos próprios eleitores.

No conjunto, a autogestão Yugoslava era uma pirâmide de elos e relações desde as unidades de base até o Parlamento.O sistema autogestionario buscava assegurar a influencia mais forte dos trabalhadores em relação aos órgãos representativos. A Assembléia federal compreendia 5 ‘camaras” ou “Conselhos”;três dos quais eram formados de representantes das organizações autogeridas dos trabalhadores dos principais setores da atividade social (economia,educação e cultura); o quarto ‘Conselho”,eleito diretamente pelos cidadãos, era o das ‘comunidades locais’.Enfim, o “Conselho das Nacionalidades”,composto por deputados eleitos e delegados,pela Assembléia das Republicas e das Províncias socialistas.

Um processo de desestatização estava em processo no pais.As decisões eram muito descentralizadas em nível de Republica e comunas. Assim, o Estado em nível federal não controlava as instituições como ensino e saúde.As empresas eram totalmente autônomas;as comunas eram pequenos estados.Todavia, as instituições ‘socio-politicas’ (a Liga dos Comunistas ,os Sindicatos e a Aliança Socialista) eram fortemente centralizadas.

A estrutura e a concepção de partido (a LC) eram próximas do modelo ‘leninista’ clássico. Esta situação,de um partido centralizado e único,numa sociedade descentralizada, reforçava seu papel de centralizador político. De qualquer forma, diferentemente dos outros paises do leste da Europa,onde os PCs se apoiavam numa ampla burocracia,na Yugoslavia , a LC era mais um centro de ortodoxia ideológica do que um aparato burocrático.

Alguns dados oficias:

No inicio dos anos 70, havia 11.000 conselhos operários,com um total de mais de 220.000 membros (170.000 operarios e 50.000 funcionarios).cerca de 50% eram mulheres e jovens.Contava-se mais de 1 milhão de pessoas que tinham passado pelos órgãos de autogestão operaria.

Para 1964, no setor socializado havia 3.668.000 empregos, em que 1.362.000 na industria de manufatura, 376.000 na construção e 346.000 na agricultura.Em 1961, no setor privado, a agricultura tinha 4.551.000,cifra que diminuía progressivamente.
O ganho mensal dos operários na industria em 1963 era de 28.000 dinares*,as calorias por habitante eram de 3.116.
De 1953 à 1963, 1.600.000 trabalhadores foram integrados na produção.

Após a morte do marechal TITO (1980), todos os problemas se agravariam de forma incontrolável. Yvon Bourdet e J.Pluet, em artigo na revista "Autogestions" (n.4 – 1980), traçaram os cenarios possiveis:

- 1) Reconhecimento de que a estruturação atual dos poderes em todos os niveis tornará impossível o retorno à um poder fortemente autoritário e a Yugoslavia se engajará no caminho de uma profunda liberalização utilisando todo o potencial do sistema autogestionario,com todos os riscos que este caminho provocara em forças que resistirão por se sentirem ameaçados.
- 2) ou, apoiodas em eventuais ameaças entre algumas republicas – os partidários do modo autoritário, com apoio das forças armadas e de uma policia ainda indecisas, decidirão virar a roda da historia em sentido contrario e defenderão a volta aos métodos que tornarão a autogestão um triste espólio e liquidarão 25 anos de historia.

Infelizmente, entre diversos problemas, o tradicional antagonismo entre Servia e Croácia, levou ao prevalecimento do segundo destes cenários: a barbárie se instalou com uma guerra fraticida, marcada pelo fundamentalismo e a xenofobia ,com elementos de genocídio.

Bourdet e Pluet , atestam a importância da experiência ocorrida na yugoslavia:

" A Yugoslavia submeteu –em suas condições especificas- autogestão à prova da experiência dos fatos.E, desta forma, podemos falar de um verdadeiro laboratório com dimensões de um pais inteiro.Se há apenas um merito a conceder a esta experiência é o de existir;e ,por este fato, de estimular a reflexão sobre a autogestão , a analise de suas contradições , o exame de suas virtualidades".

4. CHINA
A 'Comuna de Shangai'

No contexto da 'revolução cultural' chinesa,iniciada em julho de 1966 , com o movimento revolucionário estudantil dos 'guardas vermelhos'.Este movimento,composto por estudantes de origem operaria e camponesa,tinha por objetivo destruir o monopolio cultural da burocracia estatal. O movimento ampliou-se à classe operaria.mais uma vez ressurge das cinzas a organização autônoma dos trabalhadores: os conselhos operários.

A partir de dezembro de 1966, as greves sucedem-se por toda parte.Elas são dirigidas por organizações de fabrica.As manifestações operarias eclodem em ritmo crescente.Em janeiro de 67, mais de um milhão de trabalhadores participam de uma Conferencia em pequim,para protestar contra a repressão e a exploração exercidas pela burocracia do Estado e do PCC.

Shangai,principal centro industrial da China, encontra-se na linha de frente das lutas. Desde agosto 1966, processaram-se contatos dos 'guardas vermelhos' com os operários.As organizações operarias de Shangai enviam delegados a outras cidades.

A organização da 'comuna de Shangai" apóia-se nos 'conselhos operarios' que dirigem as fabricas.Esses conselhos funcionam ligados por ramos de atividade, originando seções próprias de coordenação entre os diversos ramos econômicos.Mais uma vez,ressurgia a organização autônoma dos trabalhadores e, os princípios da comuna de Shangai foram inspirados na experiência da 'comuna de Paris"(1870).

Portanto, a organização dos conselhos operários tem a seguinte forma:

- eleição de delegados pelos trabalhadores;
- revogabilidade permanente dos eleitos;
- fusão do econômico e politico, como condição para abolição e separação dos poderes e da burocracia;
- salários dos delegados iguais aos dos operários especializados;

- a comuna de Shangai tem por objetivos revolucionários: atingir a sociedade sem classes (comunismo);criar novas formas de produção;extinguir a separação de classes (técnicos,políticos profissionais,etc);originar,com a expansão do movimento comunal a outras cidades, a 'comuna da China".
Neste sentido, surgiram comunas em Pequim, Cantão e Tayan.
Todavia, a 'revolução cultural' não atingiu o Exercito,coluna dorsal do aparelho de Estado.A burocracia fez de tudo para impedir o contato dos soldados com a organização operaria. A partir de janeiro de 1967, foi decidida a intervenção militar.O Exercito interviu onde existia organizações revolucionarias,para destruí-las . Em fevereiro,o Exercito eliminou a 'comuna de Pequim' e a capital do pais fica sob controle de um organismo militar.A 'comuna de Shangai" também foi destruída em fevereiro de 1967;Shangai fica sob controle militar. O PCC, após a destruição das comunas, converteu-as em outro tipo de organismo : "os comitês revolucionários", forma de reestruturação do aparato estatal, um certo tipo de 'normalização".
A repressão a classe operaria foi rigorosa.Surge a proibição imediata de contatos entre organizações operarias de fabricas , impedindo a organização inter-fabricas ;proíbem o deslocamento dos operários de uma região para outra; são proibidas formas de organização que abranjam mais de uma empresa ou de uma profissão.

1967;Shangai fica sob controle militar. O PCC, após a destruição das comunas, converteu-as em outro tipo de organismo : "os comitês revolucionários", forma de reestruturação do aparato estatal, um certo tipo de 'normalização".
A repressão a classe operaria foi rigorosa.Surge a proibição imediata de contatos entre organizações operarias de fabricas , impedindo a organização inter-fabricas ;proíbem o deslocamento dos operários de uma região para outra; são proibidas formas de organização que abranjam mais de uma empresa ou de uma profissão.

5. ARGELIA (Africa)

O sistema autogestionario no "Terceiro Mundo"

Na Argélia, desde a libertação do pais do jugo imperialista francês, em 1962, ate a queda do Governo de Ahmed Ben Bella,em 1965, ocorreu uma experiência de institucionalização da autogestão. Sua característica principal foi a introdução da autogestão nas empresas agrícolas e nas empresas abandonadas pelos patrões europeus.
A Argélia , no período da luta pela libertação,apresentava uma estrutura social com as seguintes características de 'pais sub-desenvolvido da periferia':

Em janeiro 1964, a população era avaliada em 10,5 milhões de habitantes. A camada dominante era formada pelos Europeus: uma população européia de 300.000 pessoas,dos quais 33.000 chefes de explorações agrícolas e de empresas industriais; 15.000 tecnicos superiores ou de profissões liberais; 100.000 tecnicos médios e empregados; 35.000 operarios qualificados,isto é, cerca de 200.000 pessoas constituíam o essencial dos técnicos da sociedade.Já no lado argeliano da população, após 130 anos de colonização, havia um pequeno numero de industriais e alguns técnicos superiore ou intelectuais.mais numerosos eram os grandes comerciantes e,sobretudo,os grandes proprietários de terra.mas, no conjunto,esta grande burguesia argeliana compreendia no maximo 50.000 (menos de 2,5% da população ativa).
A pequena burguesia constituía uma fração mais importante: pequenos e medios proprietários na agricultura, comerciantes em varejo, artesãos,empregados subalternos.No total, 12% da população ativa.
A classe operaria era numericamente frágil: 200.000 trabalhadores industriais para uma população do pais de 11 milhões.
No campo,tínhamos as seguintes camadas:
- 200.000 trabalhadores do setor autogerido (dos quais 70.000 integrados ao setor autogerido desde março 1963);
- os trabalhadores agrícolas,temporários, em torno de 450.000;
-1 milhão de desempregados agrícolas sem terra e sem trabalho;
- os pequenos proprietários (possuindo entre 1 e 10 hectares),em torno de 450.000;
-os proprietários médios (possuindo entre 10 e 50 hectares), um total de 170.000;
-os grandes proprietários (possuindo acima de 50 hectares), cerca de 25.000, mas que,no total,detinham a posse de 2.800.000 hectares
Um terço da população era urbana ,pois,a urbanização foi acelerada após a partida dos franceses em 1962:
- um proletariado urbano em torno de 110.000 operarios; na França, havia 500.000 trabalhadores argelianos,em 1963;

- o sub-proletariado urbano, vindo do êxodo rural (a capital Argel, em janeiro 1964 tinha 900.000 habitantes, 80.000 a mais que em 1961);
- a pequena-burguesia,composta na maioria de pequenos comerciantes e artesãos, era avaliada em 170.000 pessoas; 60.000 estabelecimentos artesanais e 60.000 empresas comerciais formavam a base econômica da pequena-burguesia;
- a burguesia contava com 50.000 pessoas,composta de comerciantes,proprietários de imóveis,e pequeno-industriais do setor artesanal: 7 a 8.000 do pais empregavam uma mão-de-obra assalariada (os profissionais liberais representavam 10.000 pessoas). A maioria das 2.500 empresas industriais permaneciam nas maões do capital estrangeiro.

A Argélia possuía uma infraestrutura técnica e industrial inportantes: 10 portos ,com 3 de importância internacional (Argel,Oran e Annaba); 10.000 km de boas estradas;20 aerodromos civis;4.300 km de vias ferroviárias;;uma rede elétrica de 600.000 km (com 16.000 km de linhas de alta tensão).Esta infraestrutura ainda abrangia, dezenas de barragens, produzindo mais de 1 milhão de kilowatts-hora,uma base de infraestrutura sanitária e escolar.O pais produzia 3 milhões de toneladas de ferro (Ouenza) e 600.000 toneladas de fosfato (Tebessa),cerca de 1 milhão de toneladas de carvão (Kenadza).
Sobretudo, a Argelia produzia riquzas de importância capital: o gas e o petroleo (20.000 toneladas em 1962). Na industria dispunha de recursos do subsolo do sahara ,forças hidro-eletricas, óleo ,minerais de ferro, zinco e cobre.As matérias primas também eram abundantes.

Roger Garaudy remarca os problemas essenciais quando da libertação:

1. resolver com urgência a desorganização da gestão econômica devido a partida massiva dos Europeus, que constituíam a maioria dos técnicos;
2. impedir,devido a estrutura social do pais, que a grande burguesia argeliana,que dispunha de reserva de capitais, não comprasse os domínios abandonados pelos colonos e não substituísse a exploração colonial pela exploração autóctone;
3. impedir que a pequena e media burguesia do pais não confiscasse em seu proveito a revolução , ao assumir os comandos da gestão econômica e do Estado,constituindo uma casta burocrática com as camadas já integradas a administração colonial;

Para responder a estes desafios, as medidas adotas se orientavam na perspectiva de uma forma original de gestão socialista das explorações agrícolas e das expresas industriais: a autogestão."
A opção do socialismo na Argélia correspondeu a traços específicos do pais.O editorial do órgão da UGTA* ,"revolução e Trabalho" ,de fevreiro 1965, declarava que : "O Partido, que é sensível as aspirações das massas trabalhadoras, definiu de forma irreversível nossa opção socialista, tendo em comta nossas origens islâmicas".O jornal da ANAP* acentouava mais fortemente essa opção: "O que nos separa do cimunismo, é que nos desejamos construir o socialismo com Deus: o progresso social e material de uma parte, o desenovolvimento dos valores espirituais de outra". O Presidente Ben BELLA proclama: " Não importamos nosso socialismo do estrangeiro , nós o formamos do mais profundo da realidade argeliana.O socialismo saiu dos altos valores árabes".
Roger garaudy ,explica como esse 'socialismo islamico' , "prolonga uma tradição especifica algeliana de apropriação coletiva da terra e das tropas de animais: até o inicio do XIX século, apesar da coexistência de múltiplas formas de propriedade (propriedade de tipo feudal característica dos ocupantes turcos, possuidores de 'azel', e apropriação privada dos meios de produção (proprietarios 'melk'), e o domínio 'arch' (propriedade coletiva) que cobria a maior parte do solo argeliano." O regime da Argélia,sob dominação turca, não era ainda capitalista ,nem escravagista nem tipicamente feudal. Desta particularidade da historia decorre a idéia carateristica da concepção argeliana do socialismo.
Esta tradição vinha de uma tradição religiosa,do Corão, a concepção expressa na "Sunna",segundo a qual 'o trabalho funda a propriedade': "Deus diz que só pode ser proprietário da terra aqule que a trabalha,que a cultiva pessoalmente".

Outras fontes da autogestão argelina são importantes: a experiencia da Yugoslavia e do 'Nasserismo" :

A experiencia nacionalista no Egito,sob o governo de Gamal Abdel NASSER , 10 anos antes,em 1952, decretava a reforma agrária,abolindo os latifúndios Esta reforma teve como centro de sua elaboração uma Comissão,na qual participavam: o professor Rachid Barawi,tradutor árabe das obras de Marx, Ahmed Fouad,de orientação marxista.Mais de 100 cooperativas foram criadas para dar uma base coletiva a reforma agrária.
Em 1956,após o final da Guerra no Canal de Suez,foi lançado o Primeiro Plano Decenal (1960-70) , concretizando a Carta da União Socialista Arabé,de 1962, que instituía o Setor Publico da Economia. A este Setor,passavam o controle e a exploração estatal das ferrovias, rodovias,portos,aeroportos e outross erviços, a industria pesada e media,o caital

financeiro e as sociedades de credito,o comercio importador, parte do comercio externo e parte do comercio pequeno e médio.Em 1963, foram votadas as 'leis socialistas": mais de 200 grandes empresas de caital mixto (estatl e privado) foram estatizadas;o Governo expropriou vários hospitais e casas de saúde privadas.

Em relação a participação dos trabalhadores na direção das empresas, o Governo adotou medidas : primeiro,fixou em dois o nuimero de operários em um total de 7 diretores nas empresas;depois, elevou este numero de diretores das grandes empresas para 9 ,incluindo 4 operarios,eleitos livremente. Os outros 4 são designados pela direção e devem representar os diversos setores da empresa,cujo presidente é designado pelo Governo. Ao mesmo tempo, foi instituído o sindicato único por categoriaconsolidando a Central operariaFoi fixada um Maximo de 42 horas de trabalho semanal e proibidas as horas-extras, fixando 25% dos lucros das empresas para os trabalhadores.O processo de imigração do campo para cidade foi crescente,o que elevou o numero de trabalhadores industriais de 4.600.000 em 1952 para 7.290.000 em 1967.

Em 1965,o antigo PC E se dissolvia ,passando a integrar a "União Socialista Árabe",

Em discurso pronunciado em 1964 ,na Assembléia Nacional,Nasser definia sua concepção de socialismo:

"a) "A democracia socialista significa a associação das massas às questões políticas , e se baseia essencialmente na descentralização e na autogestão;

b) A democracia socialista é uma afirmação da soberania do povo trabalhador e consiste em por o pdoer em suas mãos;

c) A democracia é o poder do povo inteiro e de sua soberania.A democracia socialista significa que autoridade dos Conselhos Populares deve ser erafirmada continuamente e deve ser superior a dos aparatos executivos do Estado.A democracia socialista significa que a autoridade do Estado diminue em proveito da autoridade do povo, que é o mais qualificado para conhecer seus próprios problemas".

Nasser denominava a experiencia do Egito, de 'socialismo arabe': um tipo de socialismo sem Marx. Nasser afirmava que " Nossa religião é uma religião socialista , e que na Idade Media o Islam conseguiu realizar a primeira experiencia socialista no mundo".

Na Republica Árabe Unida se verificou um certo sincronismo entre as medidas econômicas de caráter emancipador e os avanços políticos no caminho do socialismo e de uma política internacional do Terceiro Mundo baseada na doutrina do Não-Alinhamento e de aproximação com os paises socialistas.

No campo dos paises não-alinhados, muitas reuniões foram realizadas: em Casa Blanca, am Addis-Abeba, no Cairo e Belgrado..As revoluções nacionalistas na América Latina,Ásia e África conduziu a Conferencia tricontinental,em Havana-Cuba.Uma delegação egpicia partiicpou e a próxima Conferencia foi marcado para ser realizada no Cairo (o que não ocorreu devido a guerra com Israel em 1967).

Nasser esteve varias vezes com "Che" Guevara ,em que discutiam as vias da revolução do Terceiro Mundo;numa destas oportunidades,estiveram juntos por 3 dias em um seminário,em Chebin el Kom.

Em relação a experiencia da autogestão na Yugoslavia, Gregório Lazarev ,em seu livro " remarques sur l'autogestion agricole em Algérie" (Paris,1965) , responde a questão: "Por que a Argélia escolheu precisamente o modelo yugoslavo ? :

" É difícil,mas não impossível,encontrar o processo lógico que levou a adoção da autogestão. Devemos assinlar,sem duvidas, as temporadas que passaram na Yugoslavia numerosos quadros argelinos durante o período de luta. Os contatos parecem ter sido particularmente íntimos em nível das organizações sindicais.Deve-se igualmente notar que a formação quase espontânea de comitês de gestão predispunha a solução yugoslava..O qu de todos modos é certo é que os textos yugoslavos foram estudados de perto pelos redatores dos texts da autogestão".

O principal documento da experiência da Argélia, a "Carta de Argel", precisa bem que:

"Por o problema do capitalismo em termos puramente econômico e não ver a contradição entre dirigentes e executantes,é condenar a fazer do socialismo uma receita da acumulação primitiva e a perder,assim, seu significado humano.O socialismo não é somente uma certa organização da produção, é a recuperação da sociedade pelos indivíduos que a compõem e seu livre desenvolvimento.

O socialismo não se define unicamente pela nacionalização dos meios de produção.Ele se define também e sobretudo pela autogestão, solução verdadeira à dupla contradição da propriedade privada e a separação direção-execução".

Com a formação do Governo da Republica, presidido por Ben Bella, foram adotadas medidas para acelerar o processo autogestionario. Uma delas, foi a criação de um "Comitê Nacional de Proteção a Gestão dos Bens Vacantes" (BNASS), que teve a tarefa de impulsionar o processo de formação dos 'comites de gestão' e de institucionalizar a autogestão no pais.

Em 1964, a Argélia tinha quebrado o essencial das estruturas agrárias herdadas do colonialismo .A fuga de cerca de 95% dos colonos criou uma situação caracterizada pela possibilidade de fazer a reforma agrária e pela impossibilidade para fração mais conciliadora do movimento nacional argeliano, de colaborar com a burguesia liberal européia instalada no pais. Os "Acordos de Evian" e a relação com a França limitaram a soberania do pais.

O pais estava marcado por grande desigualdade de desenvolvimento entre varias regiões,o que conferia uma situação especial aos fenômenos regionais,sobretudo em Kabylie e as sobrevivências feudais, marcadas pela visão de 'clans'.

Com a formação do Governo da Republica, presidido por Ben Bella, foram adotadas medidas para acelerar o processo. Uma delas, foi a criação de um "Comitê Nacional de Proteção a Gestão dos Bens Vacantes" (BNASS), que teve a tarefa de impulsionar o processo de formação dos 'comites de gestão' e de institucionalizar a autogestão no pais.
No final de 62, surgiu o "Projeto de Estatutos" , regendo as modalidades de autogestão:
"Por autogestão,entendemos uma forma de organização precisa dos trabalhadores de cada empresa,e uma função de gestão precisa.As formas de organização da autogestão é: Assembléia dos Trabalhadores, o Conselho dos Operários, o Comitê de Gestão e, o Diretor Administrativo".
"A Assembléia compreende todos os membros da empresa agrícola ou industrial, considerada como pessoa moral tendo os poderes legais sobre os meios de produção.É a Assembléia que adota os regulamentos gerais da empresa"
"O Conselho do s Trabalhadores é eleito pela Assembléia e abrange um numero mais restrito de trabalhadores da empresa
O Comitê de gestão é o órgão executivco do Conselho dos Trabalhadores e conta entre 5 e 9 ou 11 membros
O Diretor executa as decisões do Comitê de gestão, organiza e dirige o processo de trabalho na empresa".

Os decretos de Março 1963

Em março de 63, a situação política foi clarificada em favor da 'ala esquerda' do poder dirigida por Bem Bella. Foram,então,adotados 3 decretos sobre a autogestão.Estes decretos tinham um objetivo comum: definir e legalizar a estrutura de funcionamento do setor econômico socializado e gerido democraticamente pelos coletivos de trabalhadores. No dia 29 março,Bem Bella falara pela TV para todo o pais:

"Trabalhadores, trabalhadoras da Argélia ,depende de vocês e somente de vocês provar ao mundo que a revolução argelina quer e pode ser a vanguarda das experiências socialistas de nosso tempo...Organizai-vos para que em todo território argelino,as assembléias gerais dos trabalhadores possam se reunir e que em todo o território, os comitês de gestão democraticamente eleitos,possam realizar a edificação socialista de nosso pais".
O decreto de 18 março regulamentava as 'empresas abandonadas' (os 'bens vacantes') em 4 pontos:
- toda empresa abandonada será considerada como nacionalizada;
- toda empresa que cessar sua atividade,ou a reduza, poderá ser declarada abandonada;
-toda pessoa que disponha de empresas abandonadas sem autorização será severamente punida;
-as empresas abandonadas passaram a tutela administrativa da presidência do Conselho.

O decreto de 22 março legaliza e institui a autogestão das empresas pelos trabalhadores, com os seguintes órgãos:

- assembléia geral dos trabalhadores
-Conselho dos trabalhadores
- Comitê de gestão, com um presidente
- o diretor

O decreto de 28 março regulamenta as modalidades de repatição das rendas das empresas autogeridas:
- uma remuneração de base garantida em quaisquer circunstancias (7 F por dia);
-uma remuneração indireta sem erviços sociais: moradia, assistência social;
- no fim de cada ano, um premio sobre lucros da empresa .

Estes 3 decretos foram celebrados com uma manifestação monstruosa,organizada pela Central Sindical –UGTA, à 3 de abril na "Casa do Povo",em Argel. Os decretos suscitaram um grande entusiasmo entre os militantes socialistas e as massas trabalhadoras.Os meses de março,abril e maio,viram a mobilização mais ampla dos trabalhadores após a Independência.Em maio, o 'Comite Nacional" inaugurou uma emissão radiofônica cotidiana com o objetivo de tornar conhecidos os decretos e ajudar os trabalhadores na sua aplicação.

A distribuição de renda nas empresas autogeridas tinha a seguinte forma:
Do valor global da produção bruta da empresa, deduzia-se:
-os custos materiais da produção;
-a parte de investimentos;
-o valor de compra dos produtos da empresa, outros custos gerais;

-o imposto territorial;
- mais ,o imposto demandado pelo Estado, composto de 2 partes:
1- o que vai para o Fundo nacional de Investimento;
2- o que vai para o Fundo nacional de equilíbrio do emprego (para as regiões menos desenvolvidas).

A renda liquida da empresa é o que sobra após a dedução do imposto global.A repartição desta sobra é decidida pela assembléia dos trabalhadores e, não deveria ser inferior a 50% da renda bruta da empresa.

A renda liquida é repartida na proporção próxima a 35% para as rendas do pessoal e de 15% para os fundos da empresa

Em abril de 1963, 70.000 trabalhadores gestavam gerindo explorações agrícolas abrangendo 1.200.000 hectares das terras mais produtivas do pais. Após estes decretos, o entusiasmo foi real durante alguns meses, exceto nas regiões das montanhas,Kabylie e Aurés ,em que houve grande participação durante a guerra de libertação,mas onde a independência não trouxe grandes mudanças.

A autogestão industrial foi limitada. Nas cidades todo o setor comercial passado para autogestão: cafés,restaurantes,hotéis,etc.;provocando pânico entre os comerciantes ,artesãos e pequenos proprietários.As empresas industriais do setor autogerido, totalizam o numero de 450 (5%); as unidades semi-artesanais significavam 45%;na construção, 30%;as pequenas insdustrias de transformação,35%. No conjunto, representavam um total de 10.000 trabalhadores,isto é, 8% do total de trabalhadores.

Apesar da campanha pela reorganização democrática da autogestão, houve o desenvolvimento de tendências burocratizantes e deformadoras da autogestão.O perigo da burocratização residia na impotência pratica da assembléia de trabalhadores para controlar realmente os órgãos como conselhos de operários e os comitês de gestão.

O fim do verão de 63, foi marcado por uma virada capital no desenvolvimento posterior da autogestão.Ocorre a interdição do programa "Voz da Argélia Socialista" e o desmantelamento do "Comitê Nacional" (BNASS),em que uma parte passa para o Ministério da Agricultura e, outra parte,para o Ministério da Industria.

Em 1963-65, o aparelho de Estado argelino era composto por:
- funcionários franceses em cargos de cooperação: 13.729;
-tecnicos argelinos promovidos nas escolas de administração colonial:22.182;
-quadros da FLN: 34.097.

Portanto, os técnicos detinham mais de 50% dos psotos de gestão.A maioria dos quadros da FLN ocupavam cargos secundários.

O velho aparato estatal ficou quase intacto.As despesas administrativas chegavam a 33% do PIB. A ajuda externa ao pais foi importante. A URSS emprestou 500 milhões de francos,e a China 250 milhões de francos.No total, a Argélia recebeu 145 bilhões dos quais 2/3 foram para o setor de administração.

Varias correntes politicas se disputavam no aparato estatal;inicialmente, duas correntes minoritárias:
-1) uma corrente orientada para o capitalismo privado, fraca devido a fraqueza da burguesia argeliana; mais enfraquecida devido a tomada das 'empresas abandonadas' pelos trabalhadores;
2) uma corrente socialista ,reagrupando um grupo de intelectuais revolucionários, quadros sindicais,etc; fracos na ausência de uma organização capaz de estruturar os trabalhadores do setor autogerido e de se implantar entre os camponeses pobres e os setores pobres urbanos.

Este segundo setor,socialista,foi responsável pelos Decretos de março 63 e,pela Carta de Argel de 64.

Por sua parte, a corrente majoritária no aparato estatal, vinha da pequena burguesia e defendia um forte setor estatal para criar um 'caoitalismo de Estado'. Esta corrente foi favorável a criação de empresas publicas,geridas por administradores,sem controle dos trabalhadores (hostil ao principio da autogestão) e com objetivo de construir uma burguesia administrativa.Todavia, esta corrente não podia mobilisar as massas para resolver o problema do desemprego e do sub-emprego nem poara elevar o nível de vida das massas.

Como vimos, a ANAP (Armada Nacional popular),detinha a metade dos postos chaves do Estado. Por exemplo, o Ministério da Defesa tinha uma importante parte do orçamento do pais,era como um Estado a parte. Assim , a ANAP geria os domínios agrícolas, numa perspectiva fora da autogestão, mas na linha das cooperativas.

Os trabalhadores reagem ao processo de burocratização através de vários encontros: o "Congresso dos Fellahs"(camponeses),reunindo os trabalhadores das explorações agrícolas em autogestão, e realizado em outubro 63; o "Congresso dos trabalhadores das industrias em autogestão",reunido de 28 a 30 de março 1964, e o "Congresso da FLN",foram momentos fundamentais da reação dos trabalhadores.

O "Congresso dos Fellahs", o primeiro setor agrícola autogerido,reuniu 2.500 delegados e demonstrou a que ponto as opções da autogestão e do socialismo tinham penetrado profundamente nas massas trabalhadoras.

Por sua vez, o "Congresso do setor autogerido das Industrias",adotou resoluções que refletiam uma solução de compromisso com as 'tendencias favoráveis à estatização.Era a luta interna que ocorria dentro da Central Sindical, na

FLN e na Administração,entre duas correntes opostas, duas concepções diferentes da autogestão e da construção socialista no pais.

A "Carta de Argel"

Já no "Congresso da FLN",a autogestão foi erigida como um sistema econômico e social caracteristico do socialismo argelino. A "Carta de Argel" ,elaborada pelo Congresso,tornou-se o principal documento produzido pela revolução argelina.Esta Carta define o regime do pais como característico de uma "Sociedade de transição para o Socialismo".

Este "Congresso da FLN", foi o ponto culminante na elaboração da concepção de autogestão,após os 3 decretos de 1963. Todavia, a corrente revolucionaria que elaborou a Carta de Argel era muit frágil em nível dos aparelhos do Estado. Assim, a ANAP resistiu a criação das 'milicias populares' e ao controle do exercito pela FLN. Através de pressões, a ANAP conseguiu a demissão do conselheiro de Bem Bella, Mohamed Harbi,então diretor do jornal 'Revolução argeliana".

Entretanto, Bem Bella sofria as pressões das forças antagonistas que lutavam no interior do regime,levando a paralisação e ao desencorajamento. A aliança tática entre Bem Bella ,chefe do governo e Boumedien, líder das forças armadas, construída em 1962, foi marcada todo o tempo por disputas entre os dois setores.

A luta de classes no pais durante o Governo Bem bella, foi feita entre ,de um lado,

- uma fração ultra-minoritaria de intelectuais revolucionários apoiados na fração sindical da classe operaria e dos trabalhadores da autogestão , que no seu conjunto podiam agrupar entre 110.000 e 150.000 trabalhadores ;
- por outro lado, a grande maioria do aparato estatal,do partido e da Armada.

Inicia-se um controle crescente da autogestão pelo aparato do Estado que conduz,de inicio,à uma estatização da agricultura moderna e à transformação dos trabalhadores da autogestão em assalariados do estado,podendo levar a uma única solução: o capitalismo de Estado.

Assim, a reivindicação dos trabalhadores sobre a gestão da comercialização do seus produtos,não foi realizada.No campo industrial, de modo geral, o setor industrial autogerido passou para tutela da direção administrativa do Ministério da economia.Os órgãos democráticos da autogestão,eleitos democraticamente pelos trabalhadores, tornaram-se apenas consultivos.

A segunda metade de 1964 foi marcada por um despertar da classe operaria urbana.Varios Congressos sindicais foram realizados neste período,em que todas as resoluções giram em torno da defesa e da consolidação do setor socialista autogestionario da economia, numa exigência de aplicação estrita dos decretos de março 1963.

Em junho de 1965,o regime presidido por Ben Bella foi derrubado por um golpe militar, impopular,mas que não despertou resistências na população.

Assim, a gestão estatal da economia nacionalizada se ampliou,as forças tecnocratas e autoritárias se desenvolveram mais rapidamente.Inicou-se o crepúsculo da ação livre dos sindicatos e das organizações de autogestão e, o desmantelamento da agricultura autogerida em favor dos proprietários argelinos.

O novo regime,comandado pelo coronel Boumediene,tinha uma composição política no CNR (Conselho Nacional da Revolução) em que havia 25 membros ,mas sem nenhum sindicalista nem intelectual revolucionário;os postos chaves pertenciam aos quadros da ANAP,sendo que o coronel Boumediene era o chefe das forças armadas e do governo.

Diversas greves ocorreram em 1968: os portuários, motoristas de táxis,petroleiros.Em 1969, o poder passa a controlar todos os sindicatos.

O novo regime definiu um plano quadrienal de industrialização (1969-1973),que substituía o papel que a autogestão tinha no regime anterior.Neste processo, reforçou-se o papel do Estado e da burguesia administrativa consolidada pelo política das nacionalizações.

5. AMERICA LATINA: As experiências de "Aréas de Propriedade Social "

Em relação a AL, vamos abordar lutas operarias com caráter de autonomia e experiências de Governos democráticos, de matizes distintas, que adotaram as 'áreas de propriedade social'.

BOLIVIA: a Central Obrera Boliviana e a revolução de 1952

No final de 1943, a Bolívia passava por mais um golpe de Estado: o major Villaroel assumia o poder.O movimento operário,durante o Governo Villaroel, obteve conquistas importantes no campo das leis sociais.

Em 1945, foi fundada a Federação Sindical dos Trabalhadores Mineiros da Bolívia (FSTMB) , em um Congresso que designou Juan LECHIN seu primeiro secretario-geral.. A FSTMB se tornaria a vanguarda dos trabalhadores do pais.

Em julho de 1946, um golpe derruba o Governo nacionalista de Villaroel. A classe operaria,organizada na FSTMB assume a vanguarda das lutas de resistência.A poucos meses de instalção do novo Governo,de caráter reacionário,a FSTMB convoca um Congresso para PULACAYO,em que adota as teses do mesmo nome. As famosas "Teses de Pulacayo" constituem um 'programa socialista revolucionario',inspirado no 'Programa de Transição" da IV Internacional trotskista. Seu principal ponto foi a reivindicação do "Contole Operário",que iria entrar em vigor com a revolução de 1952.

As "TESES de PULACAYO"

Nas teses se diz,por exemplo: "O proletariado dos paises atrasados está obrigado a combinar a luta pelas tarefas democrático-burguesas com a luta pelas reivindicações socialistas".

"A FSTMB apóia toda medida que tome os sindicatos no sentido da realização do controle efetivo pelos operários de todos os aspectos de funcionamento das minas. Devemos romper os segredos patronais da exploração,da contabilidade técnica,da transformação dos minerais,etc,para estabelecermos a intervenção direta dos trabalhadores sobre os 'tais' segredos.Nosso objetivo é a ocupação das minas,por isto devemos nos interessar pelos segredos patronais.

Os operários devem controlar a direção técnica da exploração,os livros de contas,intervir na designação dos empregados,e sobretudo,devem se interessar em publicar os lucros que recebem os grandes mineiros e as fraudes que eles efetuam quando se trata de pagar os impostos do Estado e de contribuir para a Caixa da Previdência e Poupança dos operários.Aos reformistas que falam do direito sagrado dos patrões, opomos a palavra de ordem do "CONTROLE OPERARIO DAS MINAS".

A Revolução de 1952

A COB surgirá da mais importante explosão do proletariado boliviano;surge sob o impulso da vitória dos trabalhadores em 1952. A revolução de abril,consecutiva a uma insurreição operaria e popular,alterou os esquemas políticos vigentes. Neste contexto, a COB tornou-se um órgão estatal, no sentido de um Soviet ('Conselho"),de origem sindical.A COB detinha o poder através das 'milicias operarias' que substituíram o Exercito oficial.

Em 1954, a COB realizaria seu primeiro Congresso,que se auto-proclama "PARLAMENTO OPERARIO'.Em 1956, Siles ZUAZO foi eleito presidente do pais,representando os setores de direita do MNR.A direção da COB concilia, enquanto as bases operarias realizam manifestações de protesto pelas ruas, com a palavra de ordem, 'TODO O PODER A COB' e 'A COB É o poder'.

Nestas circunstancias,realiza-se o segundo Congresso em 1957.Aprova-se uma resolução de programa,retomando a linha fundamental das "Teses de Pulacayo": defesa e aplicação do 'controle operário coletivo pelkas bases';fortalecimento das 'milicias armadas' e armamento em massa dos mineiros.

O proceeso ocorrido no grupo dirigente da COB, sofreu resistências na base operaria: nas minas de "São José" e "Siglo Veinte",realizaram-se assembléias exigindo a aplicação das resoluções do segundo Congresso da COB.Em "Catavi" e "Pulacayo",os operários destituíram os dirigentes que haviam capitulado e elegeram novos dirigentes.

Os mineiros mantiveram o funcionamento das milícias, a principal conquista da revolução de abril;puseram em ação as "rádios mineiras" e estabeleceram uma 'zona liberada'.Em 1958, foi realizado o IX Congresso nacional da FSTMB,adotanto,entre outroas, as seguintes resoluções:

" tendo presente que só as Milícias armadas garantem os direitos operários, a livre expressão dos trabalhadores em congressos e reuniões...se organiza o Estado maior das Milícias mineiras com os seguintes objetivos: o Estado Maior se constituirá no centro de agrupamento das milicias operarias e camponesas de todo o pais, para formar o Estado maior Central das milícias operarias e camponesas".

O enfrentamento com o Governo se aprofunda.A situação de 'dualidade de poderes',que se mantinha desde 1952,exige uma solução.O Exercito e a COB polarizam a situação.O golpe militar do general Barrientos, em 1964,será o ponto final deste processo.Como amaioria dos paises da América Latina, a Bolívia passava a ser dirigida por uma ditadura militar.

A Assembléia Popular em 1971

Em outubro de 1970,uma junta militar efetua mais um golpe militar na Bolívia. O general TORRES resiste ao golpe e convoca os trabalhadores.A junta militar durou apenas algumas horas.A vitória do gal. Nacionalista Torres abriu um

período de democratização no pais. A corrente nacionalista dos militares se aliou aos trabalhadores para derrotar a direita do Exercito.
Sem eguida, os partido políticos organizam o Comado Político da classe operaria, que foi uma ante-sala da Asembléia Popular,que existiu com caracter de 'Soviet"(Conselho),superando ,em nível ideológico, a experiência de 1952.Entretanto,desta vez, a assembléia não tinha um braço armado de caráter popular.

O Governo de Torres buscou o equilíbrio entre as classes através de um Programa nacionalista,com concessões paralelas à classe operaria e ao imperialismo.Quando fracassou a paz entre as classes, os fascistas deram o golpe dirigido pelo gal. Hugo BANZER,liquidando de uma só vez, a Assembléia Popular e o Gov. de Torres.

A Assembléia Popular foi obra da própria classe operaria,e,resultado de suas experiências passadas.A reprodução prevista, da asembleia Popular, em órgão de nível municipal,iria constituir uma experiência de 'auto-governo' para os trabalhadores em todo o pais.

A FSTMB e a Cogestão

Durante o period da AP,a FSTMB concentrou suas forças no programa de cogestão na COMIBOL (Corporação Mineira da Bolívia),estatal de exploração mineira,criada a partir das nacionalizações da revolução de 1952.
A cogestão era o caso mais nítido de ocupação "pelo alto",de acordo com o Governo,em oposição às coupações de fabricas e minas, "por baixo",pela ação direta dos trabalhadores.Entretanto, a cogestão respondia de uma maneira autentica a um impulso espontâneo vindo da massa operaria.
A aprovação unânime do projeto da FSTMB,pos em prova a profunda capacidade criativa dos mineiros bolivianos.Mesmo após a queda do Governo Torres, no regime militar de Banzer, a tese da 'cogestão operaria' manteve-se presente nas lutas dos operários.
Com a volta da democracia ao pais, com o Governo civil de Zuazo,em 1983,mais uma vez os mineiros ensaiaram de concretizar as "Tese de Siglo veinte" sobre a cogestão operaria.
Em março de 83, após um amplo debate nas bases, a FSTMB adotou um documento sobre a cogestão,aceito também pela COB, nos termos da proposta de 1971. no mês de abril, a FSTMB interviu na COMIBOL,como primeiro passo na definição concreta de uma estratégia de poder popular.
Em janeiro de 1985, a COB iniciou uma greve geral que teve duração de 15 dias: 10.000 mineiros ocuparam as ruas de La Paz ,com assembléias e manifestações.A COB reivindica a escala móvel de salários e o congelamento dos preços dos artigos de primeira necessidade e dos transportes,além da renuncia do presidente Siles Zuazo.

A COB,então,assumiu o controle dos serviços de emergência,desde transportes,imprensa,e medicamentos.Os automóveis só podiam circular no pais com um 'salvo-conduto' da COB,apoiada pela Central dos camponeses.
A inflação no pais atingia a cifra de 2.177% e a media salarial era de US 50.Após 11 dias de greve geral, a COB avançou em suas reivindicações ao exigir um 'governo operário e campones'.ems etembro,houve greves e manifestações no pais.Desta vez, o Governo respondeu a mobilização de massa dos trabalhadores,com repressão violenta, prendendo , matando e exilando sindicalistas.

PERU: 'o socialismo peruano'

Em 1968,inicia-se o Governo nacionalista do gal. ALVARADO. Algumas cifras nos revelam a situação da economia peruana no momento da tomada de poder pelos militares. No campo, 831 das 840.000 unidades de exploração agrícola tinham menos de 5 hectares (280.000 com menos de meio hectare),representando 6% da superfície agrícola do pais; no outro extremo, 0,4% das explorações,menos de 3.4000, tinham mais de 500 hectares e ocupavam 75% da superfície agrícola;em 3 milhões e meio de indígenas, um milhão dependia diretamente de 1.290 fazendas; entre 1950 e 1960, Lima recebeu uma imigração de 1 milhão de 'serranos'.
Estas cifras indicam tanto a necessidade de uma reforma agrária,mas também justificam o medo da burguesia urbana frente á possibilidade de uma insurreição do povo indígena.Em 1970, a população ativa do pais era de 4,27 milhões, decompondo-se assim:

- 47,2% no setor primário , 95% na agricultura;
- 8,7% no setor secundário, um total de 22% do PIB;
- 30,9% no setor terciário (contra 16,9% em 1940);
- 3,2% em outros setores.

Umas 50 familias controlavam o conjunto da atividade econômica em ligação com grandes firmas estrangeiras.Em 1968, identificava-se 6 grandes grupos de interesses controlando 70% das vendas do setor industrial. Por exemplo, 80 % do setor mineiro era controlado por 3 empresas (Cerro Pasco, Southern Peru e Marcona).

Lendo o chamado “Plano INCA”, percebe-se que os militares peruanos que tomaram o poder, tinham consciência que a ‘segurança nacional’ não podia ser reduzida a uma questão puramente militar,como defendiam os militares dos EUA. A participação na luta contra movimentos guerrilheiros no inicio dos anos 60 , levou os militares a um contato direto com a população do pais ,levou a uma visão do desenvolvimento que exigia uma transformação radical do social, cultural,político e das relações econômicas,incluindo a participação da sociedade nas decisões sobre a reestruturação do novo poder do Estado.
Nesta perspectiva, na concepção da ‘defesa nacional’, estava a idéia de um ‘sistema de descentralização das empresas , sob controle dos trabalhadores”. Um grupo de coronéis foi constituído para propor a ‘reforma das empresas’. Eles estudaram os Projetos das “Empresas Comunitarias”, do grupo da Democracia Cristã”.; as experiências de outros paises: Yugoslavia e Argelia e, a experiencia de Mondragon na Espanha. Buscavam um conceito peruano de propriedade social, distinto destas experiências estudadas. Vários grupos civis participaram dos debates .

- um pequeno grupo chamado de “Libertários” ,que defendia a autogestão socialista; muitos destes militantes tinham saído do PCP e participado no movimento cooperativista da Ação Popular.Seus principais lideres tinham estudado o cooperativismo na França no inicio dos anos 60, sendo influenciados pelas idéias de Proudhon, Bakunin,Kropotkin,etc.No peru, participavam da Universidade Nacional Agrária de Lima.

- outro grupo foi composto por advogados e sociólogos católicos. Pertenciam ao DESCO (Centro de Estudos e Promoção do Desenvolvimento) e da Universidade Católica de Lima; publicaram vários livros sobre a ‘propriedade social’ e o ‘trabalho comunitario’. Alguns tinham saído da democracia cristã,e tinham afinidades com o grupo dos “libertários”; e,também, participavam de Comissões do governo para elaboração da lei de ‘propriedade social’;

- dois consultores tiveram papel fundamental: Jaroslav Vanek e Branko Horvat,ambos yugoslavos e teóricos da autogestão. Vanek era chamado de “teólogo da autogestão”;em 1970,visitou o Peru pela primeira vez para coordenar um Seminário. Em dezembro de 1971, foi publicado seu documento: “Criação de uma Economia Autogestionaria no Peru”.
Por sua vez, Horvart apresontou um documento: “Recomendações Yugoslavas para o Futuro do Peru”.
É nesta perspectiva,que se dizia que “A revolução peruana é uma combinação feliz e exitosa do nacionalismo revolucionário peruano,com muito da metodologia marxista e o modo de organização da ideologia libertaria,com uma base na ética cristã. É como se depositássemos em um computador os princípios de Jão XXIII, de Mariategui,de Bakunin,de Marx,de Nasser,e De la Puente Uceda , e de tudo sairia uma ficha peruana com um selo de Tupac AMaru,como símbolo da identidade nacional e uma busca permanente de formas realmente peruanas”.(Neiva Moreira)
O Governo promoveu muitas reuniões e encontros para debater com estes grupos a lei sobre a propriedade social. Um Grupo Ministerial foi criado para debate sobre a lei da ‘propriedade social’ com o presidente Velasco.; tanto no aspecto do marco jurídico quanto no conceitual. O Presidente insistia em que: “A revolução deseja a propriedade-social que não seja uma cópia , mas autenticamente peruana,como a comunidade de trabalho”.
Um debate aberto ocorreu com a Igreja, os sindicatos,as universidades,para clarificar e legitimar o conceito de ‘propriedade social’.
Em agosto de 1973, um primeiro Projeto de Lei foi divulgado para debate na sociedade.A Lei seria promulgada em Maio de 1974. Foi criada uma Comissão nacional da propriedade Social (CNPS) composta por 12 atores de diversas instituições e três trabbalhadores eleitos pela Assembléia do Setor da propriedade Social (ASPS). Esta comissão aprova o projeto de um Banco Estartal de Desenvolvimento (COFIDE) e um Fundo Nacional da Propriedade Social .
A Comissão nacional deve aprovar os Estatutos de cada Empresa Social,incluindo a escala de emprego e salários.A Comissão nacional também deveria aprovar o processo da passagem de empresas privadas ou estatais para o setor da propriedade social.

Portanto, o Governo definiu um tipo de ‘socialismo peruano’,que tinha como eixo a ‘area de propriedade social dos meios de produção’. Varias medidas foram adotadas:

- A lei sobre as EPS , promulgada em Maio de 1974.
- a nova lei das industrias, que criou a primeira “Comunidade do Trabalho” (comunidade industrial permitindo acesso até 50% da propriedade e da gestão aos trabalhadores);
- as cooperativas agro-industriais;
-as empresas autogestionarias de propriedade social,que serviam como suporte sócio-economico à participação social;
-medidas anti-imperialistas,como,a reforma Agrária e a expulsão da “International Petroleum Company”,filial da “Standard Oil”,dos EUA.

A empresas ficaram agrupadas em 5 setores:
1) o setor da pequena propriedade artesanal e comercial, de longe o mais importante no plano dos efetivos (63% dos operários da industria são do artesanato);
2) o setor da propriedade privada 'reformada' pela lei sobre a 'comunidade industrial' (1970),agrupando todas as empresas com mais de 5 trabalhadores e com uma cifra de negócios anuais de mais de 1 milhão de soles;a lei se aplica ao setor manufatureiro que produz cerca de 15% da renda nacional e ocupa 5% da força de trabalho:
3) o setor de 'propriedade social'(APS),com a lei de maio 1974. o capital neste setor é propriedade do setor inteiro,tipo propriedade social como no modelo autogestionario yugoslavo; esperava-se que as cooperativas de produção e as 'sociedades agrícolas de interesse social' iriam passar para este soteor socializado;
4) as empresas de Estado, surgidas com a nacionalização nos setores da insdustria de base e estratégicas;
5) as empresas mixtas,criadas a partir das 'joint ventures' entre os grandes grupos estrangeiros e o Estado;neste setor,os trabalhadores recebiam participação nos lucros,mas não participavam na gestão;

As Empresas de Autogestão

É importante falar de um setor,á margem desses 5, as Empresas Administradas pelos Trabalhadores (EAT), originadas de lutas sociais após o processo falimentar.

Em 2 de maio 1974, o dcreto-lei n. 20598 instituiu as 'empresas de propriedade social'.Foi a última grande reforma do Presidente Alvarado Velasco, 5 anos após a reforma agrária(1969), 4 anos após a 'Comunidade Industrial"(1970) e, cerca de 1 ano antes da 'direitização' do regime,com a chegada ao poder do gal. Bermudez(1975).
O projeto da APS,foi submetido ao debate na sociedade, em agosto de 1973; as principais organizações políticas,sindicais,profissionais,religiosas e intelectuais participaram deste debate.Os fundamentos ideológicos do setor APS estavam inspirados no modelo yugoslavo.
As estruturas de base deste setor repousavam em 4 principios:
1) participação total: direito de todos trabalhadores de participar na direção,na gestão e lucros da empresa.
2) propriedade social,pois pertence ao conjunto dos trabalhadores;
3) acumulação social,
4) o setor é reforçado pela incorporação ao patrimônio do excedente das atividades produtivas (os lucros);
5) formação permanente,para desenvolver a participação dos trabalhadores em todos os níveis.

Sobre a organização das empresas do setor,o decreto prevê os seguintes 'orgãos da autogestão':
- assembléia geral dos trabalhadores;
- comitê de direção (composto de 3 a 6 membros eleitos pela Assembléia);
- vários comitês (formação, eleitoral,ética e 'especialistas').

O gerente ou os gerentes são nomeados por uma duração indefinida pelo Comitê de Direção,após ratificação da AG.

O financiamento inicial destas empresas de propriedade social é assegurado pelo Fundo nacional de Propriedade Social (FONAPS), cujos recursos provém de uma linha de credito aberta à Corporação Financeira de Desenvolvimento (COFIDE).
As relações com o Estado ficam sob responsabilidade da Comissão nacional de propriedade Social(CONAPS). Esta Comissão tem papel fundamental: a criação das empresas de propriedade social,sua constituição oficial,as mudanças de outras empresas em empresas de propriedade social,o numero de ações-bens que cada empresa pode emitir,a planificação do setor,o nivel de remuneração,dependem ou são controladas pela CONAPS.

Em agosto de 1975, havia uma só empresa constituída e 28 empresas em formação.no fim de 1977, havia 6 empresas constituídas e 34 em formação,com um total de 5.578 assalariados.
Em 1978, os trabalhadores do setor de propriedade social, fundaram a Federação nacional dos Trabalhadores de propriedade Social(FENATEPS),que lutava para incluir o setor das APS na nova Constituição que estava sendo redigida em 1978-1979.Esta campanha não foi coroada de sucesso,e,assim estas empresas foram abandonadas a sua própria sorte.
No setor das empresas socializadas encontramos todo tipo de atividade econômica: agrícola,mineiro,industrial,construção e serviços.Em 1979, havia 44 empresas de propriedade social empregando 7.156 trabalhadores; destas 44 empresas, 20 são implantadas na metrópole de Lima ;as outras ficam no norte do pais e nas regiões de fronteira (Puno,Puccalpa...);os ¾ destas empresas empregam menos de 100 assalariados; 15% são trabalhadores temporários.No conjunho,este setor representa apenas 1% do PIB.

As Empresas em Falência e a Autogestão

"Autogestão", Boletim do Comitê de Empresas Administradas por seus Trabalhadores,ano 1,n. 3, relata uma experiência de ocupação e controle de empresas:
" Em março 1973, os trabalhadores ocuparam a "Empresa Dominador S.A.,localizada em Barranco.A ocupação durou 4 meses.Coim o governo de Velásquez e a lei sobre a Comunidade Industrial, o patrão desta empresa do setor de papel higiênico e talheres, com 30 a 40 trabalhadores, pediu falência.Apos 2 meses sem pagamento dos salário , 50% dos operários decidem pela ocupação da fabrica. Estas experiências de ocupação de empresas,permitiram uma tomada de consciência mais ampla dos operários, o desenvolvimento da solidariedade, fraternidade e camaradagem., entre os trabalhadores que participam da ocupação; garantir a segurança e a manutenção da fabrica, a organização interna e externa da administração da empresa,como também a distribuição dos recursos econômicos (frutos das contribuições de solidariedade). A confluencia e utilização coletiva dos meiosa disposição dos operários, o fato de dormir no local durante toda a ocupação,representa uma força importante para formação dos trabalhadores".

As empresas administradas pelos trabalhadores(EAT) , chegavam a um total de 60,empregando entre 7.000 a 9.000 assalariados. Estas empresas estão no setor industrial ou de serviços: construção de moveis de escritórios, gráficas ,confeção,laboratório farmacêutico,etc..estão localizadas em Lima ou na sua area metropolitana.
Suas origens estão na Lei da 'Comunidade Industrial". O decreto-lei 20 023, permite a Comunidade Industrial,após pronunciada a alencia de uma empresa,soilicitar ao juiz a suspensão da declaração de falência durante 90 dias.Durrante este período a direção da empresa é assegurada pela Comunidade Industrial, que prepara um projeto de 'recuperação' . Em caso de acordo, a Comunidade recebe todo o patrimônio da empresa e inclusive seu passivo.
Esta política levou muitas comunidades industriais a pedir sua incorporação ao setor da propriedade social.Todavia, um segundo decreto (21 584) obrigou a Comunidade Industrial,que recebeu a propriedade da empresa em falência, a transforma-la em cooperativa de produção e de trabalho. Assim, as empresas de AET surgiram de falências recuperadas pela Comunidade Industrial e pelo Sindicato.
As EAT t~em sua origem nas lutas dos trabalhadores para defesa de seus empregos em empresas falimentares. Portanto,diferem de outros setores em que a iniciativa do Governo era determinante. Estas empresas estavam submetidas a enormes dificuldades econômicas: em primeiro lugar, a recuperação de uma empresa industrial em falência, descapitalizada;ausência de quadros competentes que em geral abandonaram as empresas;créditos bancários e tesouraria fechada por ausência de finanças.
Este processo de lutas levou a uma consciência mais desenvolvidas dos trabalhadores deste setor. Esta consciência levou a um nível superior de organização.Em 1973,foi criado um Comitê de ajuda Mutua e,em 1978, o Comitê das Empresas Administradas pelos trabalhadores (CEAT). Este Comitê desenvolveu 2 projetos :

1) a criação de um "Fundo " (fonds tournant) composto de contribuições das próprias empresas, de Fundações e do Governo Holandês;
2) um ' programa de desenvolvimento do setor autogestionario' a partir de um Convenio com o 'Centro de Informação e de Desenvolvimento Internacional da Autogestão" (CIDIAG);este Centro assegurava a formação administrativa a 7 empresas;
3) preparou a instalação de uma "Câmara de Comercio" das empresas de autogestão que permitia uma coordenação inter-empresas.

Apesar do papel de apoio jogado pelo presidente Velasco para o sucesso da propriedade social, sua queda em 1975 não impediu o prolongamento deste apoio pelas altas instancias do Estado até metade de 1976.No final de 1975, o banco Central de Reserva do Peru abriu ao CONAPS um credito de 60 milhões de dólares, a 2%% de juros;nesta mesma época, foi criado o Sistema nacional para o Desenvolvimento da propriedade Social (SINADEPS),que permitiu a criação de Oficinas regionais da propriedade Social dependentes do CONAPS.
Em maio de 1976,foram tomadas outras medidas importantes: em resposta a Assembléia Nacional dos Trabalhadores da propriedade Social e,em seguida, a uma intensa campanha de mídia,dirigida pelos partidários do SPS,incluindo os militares 'radicais', o FONAPS tornou-se uma instituição financeira independente e, um Centro de estudos Superiores da propriedade Social (CESUPS) foi criado com a função de preencher o vazio existente em matéria de formação e pesquisa para o setor da propriedade Social.
Contudo,estas mudanças ocorreram juntas de uma que tirava a autonomia do setor: a modificação na na composição do CONAPS,que passou ao controle efetivo do Ministério das Finanças e , o baixo orçamento inicial do CESUPS restringindo em muito suas atividades.
Em julho de 1976, ocorreram as demis~sões das direções do SINADEPS e da CONAPS,com objetivos de estabilização da política econômica. Vários ministros militares,do grupo 'radical',próximo a Velásquez foram demitidos

No final de 1976, o presidente Bermudez ,em entrevista a mídia, fala do papel da SPS na ‘segunda fase do processo revolucionario’, defende o ‘pluralismo economico’,limitando o ‘papel hegemonico’ que este setor tinha na ‘primeira fase da revolução’.

ARGENTINA: as lutas operarias e o ‘Cordobazo”.

O movimento conhecido como “Cordobazo”,em maio de 1968,teve como características principais um movimento operário baseado na ação direta,com ocupação de fabricas a partir de comissões de fabrica, estabelecendo as bases de um sindicalismo classista e de base.
Nos anos posteriores ao “Cordobazo”(1968), a historia do SITRAC e SITRAM (sindicatos que aglutinavam os trabalhadores da FIAT),em 1970-71, trouxe inovações radicais em forma de organização e luta ideológica. Assim, em maio de 70, ocorreram duas ocupações de fabrica em Córdoba,na “PERDRIEL-IKA” e na “FIAT-Concord”. Na primeira, a ocupação teve por causa a não aceitação de dois candidatos de oposição nas eleições internas de delegados sindicais.O sindicato local não reagiu a recusa e,os trabalhadores reunidos em assembléia decidiram pela ocupação.
Na “FIAT”, a ocupação da fabrica por 2.500 operarios, teve como causa o ‘peleguismo’ do sindicato,um apêndice da empresa.Após dois dias de ocupação, os trabalhadores obtiveram a renuncia da direção sindical pelega e novas eleições.Em outra unidade da “FIAT”, “Mater”,os operários aderiram ao movimento da “Concord” e da “Ika”,ocupando a fabrica e reivindicando a destituição de seus dirigentes sindicais.
Em todas as eleições acontecidas,após estes fatos,os operários elegeram seus representantes independentes da burocracia sindical.
O programa de SITRAC-SITRAM de maio de 1971,mostra claramente um compromisso com a revolução com a revolução socialista: nacionalização das industrias e serviços estratégicos,o anti-imperialismo,a participação operaria na direção das empresas,visando o fim do sistema capitalista, a formação de um ‘novo Estado popular” não repressor,etc.
Este movimento independente e classista da SITRAC-SITRAM foi uma experiência nova,constituindo um novo tipo de oposição que foge aos canais tradicionais do sindicalismo argentino: o peronismo e a CGT. O tipo de ação do sindicalismo classista,de critica ao Estado, a empresa,a burocracia sindical e, baseado na mobilização e participação de base,criava as condições para um novo capitulo dos trabalhadores argentinos.
Entretanto, pouco mais de um ano após a instauração destes sindicatos classistas,em outubro de 1971, SITRAC-SITRAM sofreram intervenção por forças militares,com uso de tanques e tropas.

As ocupações de fabrica em 1973

Com o fim da ditadura militar , no mês de maio surgiram diversos conflitos nas empresas. A existência de um governo eleito pelo sufrágio nacional,criou um novo espaço para uma ofensiva operaria, com caráter anti-burocratico.Como no período anterior, os conflitos giravam em torno as questões das condições de trabalho nas fabricas,juntos as reivindicações de substituição das direções sindicais pelegas por delegados eleitos pelas bases. O questionamento dos ritmos de produção, a insalubridade, enfim do conjunto das condições de trabalho ,eram reivindicações de um controle por parte dos trabalhadores
Com a volta de Juan Perón do exílio , os trabalhadores iniciam uma serie de lutas , a partir de maio 1973:

-ASTRARSA: o maior estaleiro do norte.Um grave acidente de trabalho causa a morte de um operário.Os trabalhadores espontaneamente convocam uma assembléia e exigem a demissão da equipe técnica responsável pela segurança.Os operários criam novas bases organizativas ,e o movimento articulado entre os delegados sindicais e ativistas de base, ocupam a empresa , tomam os funcionários como reféns. A reivindicação assume um caráter mais político ao exigir o ‘Controle Operário” da segurança e da insalubridade do estaleiro.

-Complexo VITAL-ZÁRATE: junho-julho.os 2.000 operarios da construção,trabalhando em obras da ponte,reúnem-se em assembléia e destituem a comissão interna,elegendo novos delegados e liquidando o aparato sindical corrupto.

-Em Malinas, Rio de la Plata, junho-agosto,a fabrica de produtos alimentícios do grupo “BUNG y BORN” é ocupada: os trabalhadores independentemente dos delegados e do sindicato,elaboram uma lista de reivindicações:
. medidas de segurança;
.reconhecimento da salubridade de certas tarefas;

.instalação de um restaurante;
.abertura de um consultório médico.
Os operários obrigam os delegados a apresentarem suas renuncias perante assembléia geral realizada na fabrica sob ocupação.

-PHILIPIS.novembro.Na fabrica de eletro-domestico de capital holandês, há uma greve de 50 minutos em uma das seções.Uma lista de reivindicações é apresentada:
.redução da jornada de trabalho para 8 horas e 45 minutos;
.elevação da gratificação de produção de 40% para 50%;
.solução dos problemas de insalubridade;
. que não haja repressão contra os grevistas.
A comissão interna do sindicato não participa da luta; há 7 anos que seus membros estão nos cargos,sempre em cumplicidade com a gerencia da empresa;os operários,uma semana após,exigem:
.formar comissões em todas as seções,eleitas democraticamente;
.que a comissão interna proclame as eleições de imediato.

Estas experiências de 1973, são exemplos de mobilização dos trabalhadores a partir de suas reivindicações especificas,contra a burocracia sindical e com o objetivo de negociar diretamente com os patrões.Buscam por fim as formas de representação e de poder materializadas em corpos especializados e profissionalizados.

CHILE: a ‘área de propriedade social’ e os “cordões industriais”

Mario pedrosa,em seu exílio chileno,afirmava que a ‘experiencia do socialismo chileno era profundamente original”. A “Unidade Popular” foi uma aliança de partidos de esquerda,formada em vistas das eleições de 1970. repousava,essencialmente, na aliança entre o OS e o PC.Com a vitória da UP,em novembro de 1970,um novo período histórico se abriu para os trabalhadores chilenos. O Programa básico da UP,em seu capitulo referente a nova economia,estabelecia que:
“As forças populares unidas, buscam como objetivo central de sua política substituir a atual estrutura econômica,terminando com o poder do capital monopolista nacional e estrangeiro e do latifúndio,para iniciar a construção do socialismo”.
O primeiro ano do governo da UP foi de euforia econômica: aumento da produção e do consumo,queda do desemprego e da inflação.Foi também o ano da reforma Agrária,das grandes nacionalizações e da formação das “Aréas de Propriedade Social”(APS).

A Reforma Agrária

No primeiro ano,surgiram no campo,através de lutas violentas,novos órgãos do poder das massas,sobretudo,no Sul do pais (Cautin e Colchagua). São os “CONSELHOS COMUNAIS CAMPONESES” , formados pela base,superando os projetos iniciais do Governo e acelerando a reforma agrária. O Conselho Comunal de cautin, foi formado em eleição livre,com base em um Congresso com 220 delegados.

A Propriedade Social

No 7 de novembro, Allende subscreveu um “Acordo” com a CUT,instituindo a participação dos trabalhadores na transformação da estrutura econômica e social do pais.Assim, surgiram as ‘NORMAS BASICAS DE PARTICIPAÇÃO” dos trabalhadores nas empresas da Área Social e Mixta da economia.
Este Acordo CUT-Governo,definia os organismos por empresa:
- assembléia de trabalhadores;
- assembléia de unidades produtivas;
- comitê coordenador de trabalhadores;
- conselho de administração.

Assembléia de trabalhadores tinha por funções:
- discutir os planos e políticas de produção da empresa,de acordo com as linhas gerais estabelecidas para o ramo respectivo pelos organismos de planificação nacional e setorial;
- eleger os representantes dos trabalhadores perante o conselho de administração;

- solucionar os conflitos que surjam no comitê coordenador de trabalhadores da empresa sobre a aplicação da política fixada pela Assembléia de trabalhadores.

Comitê de Trabalhadores:
- formar a consciência da importância da propriedade social dos meios de produção;
- assessorar o chefe da unidade produtiva, com sugestões convenientes para o melhor funcionamento da unidade produtiva,com debate prévio e votação no Comitê de produção.

A mensagem de Salvador Allende,em 21 de maio 1971, afirmava:
" No plano econômico,instaurar o socialismo significa substitui o modo de produção capitalista mediante uma mudança qualitativa das relações de propriedade e uma redefinição das relações de produção. Neste contexto, a construção da Área de propriedade Social,tem um significadoo humano, político e econômico...No campo político, a classe trabalhadora sabe que sua luta é por socializar nossos principais meios de produção.Não há socialismo sem Área de propriedade Social...O estabelecimento da APS não significa criar um novo capitalismo de Estado,mas o verdadeiro inicio de uma estrutura socialista.A APS será dirigida conjuntamente pelos trabalhadores e pelos representantes do Estado...".

Na APS, os Comitês de Produção foram os únicos organismos que funcionaram em quase todas as empresas.A participação só atingiu 20% da classe trabalhadora. A extensão das APS irá refletir a pressão exercida por numerosos setores da classe operaria. Surgirão inúmeros conflitos sociais: os trabalhadores de empresas ameaçadas de falência buscarão assegurar a estabilidade do emprego e de renda,através das greves com ocupação,seguidas de reivindicações de intervenção do Estado, preparando a passagem para a APS.

O numero de grevistas na industria privada foi multiplicado por 10,entre maio de 1971 e maio de 1972. Mais de 250 empresas foram colocadas sob regime de intervenção estatal em 1972;em 1971,a cifra foi de 91 empresas.

80 empresas,com cerca de 10.000 trabalhadores,recusadas de integração à APS,foram convertidas em Cooperativas Operarias e, reagrupadas em uma Federação das Empresas e das Brigadas de Trabalhadores. As APS e as Cooperativas Operarias foram as duas formas heterogêneas de participação com tendência à formação de coletivos operários quase proletários dos meios de produção.

As ocupações de fabrica eram impulsionadas pelo MIR e pelo OS.A linha do Ministro Yuskovic,do OS,defendia o Controle Operário nas empresas,se bem ,com o objetivo político de quebrar o poder político da Democracia Cristã.
O despertar da classe trabalhadora teve sua origem no descontentamento que se expressou nos trabalhadores e nos bairros populares,frente a nova política econômica,resultante de um acordo com a pequena e media burguesias, e contra as altas de preços decididas para consolidar o acordo de conciliação com a burguesia média.

O Poder Popular : os "Cordões Industriais"

Na historia das lutas latino-americanas, a classe operaria jamais havia demonstrado uma capacidade tão grande de recursos políticos.pela primeira vez,na historia do Chile,os trabalhadores tiveram a totalidade das fabricas sob seu poder.Durante 26 dias,eles assumiram o controle da produção e da distribuição.
As lutas de outbro 1972,mostraram a necessidade de coordenação das tarefas nas áreas industriais e de defende-las através de estruturas de caráter popular.
Assim, surgiram os "CORDÕES INDUSTRIAIS', a expressão mais dinâmica e vigorosa do poder popular.Nos principais centros fabris de santiago foram criados 7 "Cordões",exclusivamente baseados no proletariado industrial.

O primeiro "Cordão Industrial" data de junho.Uma serie de greves explodem ,em junho,na zona industrial "Cerrilos Maipu",em uma serie de medias empresas.Os operários ocupam as fabricas reivindicando a passagem à APS.O Governo envia os carabineiros (policia);18 fabricas entram em greve e um 'Comando Comunal" é formado.Os trabalhadores se declaram em assembléia permanente.
Em julho e agosto, o Governo assinou decretos de restituição de fabricas ocupadas.Um dos objetivos dos "Cordões" foi a constituição de organismos mais amplos, formados não apenas por trabalhadores, mas também por outros setores: população de bairros, estudantes, camponeses e organizações de vizinhos (Clubes de Mães,Juntas de distribuição e consumo,etc).Esta articulação das forças populares de um setor geográfico foi chamada de "COMANDO COMUNAL', e tinha por objetivo a criação de um poder popular, alternativo ao poder burguês.
Em 1970, foi criada a "Comuna de Cisterna",no bairro popular "Clara Estrella".mais de 7.000 habitantes,lutando por asfalto,habitação e transportes.Mais de 80% dos habitantes ,são operários das industrias de Santiago.

O Outubro chileno

O mês de outubro marcou o surgimento de um projeto de socialização das relações de produção,vivido concretamente nas lutas dos trabalhadores .Neste mês, a luta de classes atingiu um nível muito alto e violento.A batalha pela

sustenatação da produção,boicotada pela burguesia, e a batalha pelo poder de classe,tornaram-se uma só luta,uma mesma linha política de massas.

As hostilidades da burguesia começaram no dia 11,com a greve ilimitada dos proprietários de caminhões; em seguida, os setores da pequena e media burguesia aderiram e, enfim,os patrões tentaram parar a produção através de um 'lock-out tecnico'.

A partir do 15 de outubro, os coletivos operários asseguraram a produção e organizaram a segurança contra os atentados terroristas que se multiplicavam contra as fabricas. Em santiago, e em torno da cidade, surgiram então, novos órgãos de poder operário: os "Cordões Industriais".Assembléias gerais agrupavam os operários delegados em todas as empresas de uma zona industrial,criando as coordenações operarias locais.Os "Cordões" se institucionalizam;reagrupam,também,os representantes dos órgãos populares dos bairros vizinhos.

O conjunto das atividades necessárias à manutenção da produção,da distribuição e consumo e serviços de saúde ,é coordenado em nível superior pelos "Comandos Comunais",representando as comunas suburbanas, os conselhos de camponeses e, os centros de reforma agrária.Os circuitos comerciais estavam em greve,assim,estes órgãos populares assumiram as tarefas para pó-los em funcionamento.

Autogestão Operaria nas fabricas

O movimento de outro 72, modificou a situação nas empresas:mesmo as pequenas,menos estratégicas,haviam se transformado em núcleo de poder popular e de controle operário.Após o fim da crise,o retorno dos patrões a direção das empresas parecia sem sentido para os trabalhadores que tinham ocupado-as e posto em funcionamento durante o 'lock-out'. assim,os trabalhadores mantiveram as ocupações e reivindicaram a passagem ao setor das APS.

Por exemplo: na fabrica "DEVA",serralharia,os trabalhadores mantiveram a ocupação e reivindicaram à passagem a APS.Trata-se de uma empresa media,com 200 operarios.Os trabalhadores foram ameaçados por uma ordem judicial de explusão,contudo,foram protegidos pela solidariedade de toda zona industrial de Conchali,que se organizou em um 'comite de coordenação'. A venda da produção passou a ser realizada diretamente às empresas,sem passar pelas grandes empresas do ramo.

Em janeiro de 73, um projeto de lei,chamado "MALLI", sobre a definição do setor social,foi enviado ao Congresso chileno. Este projeto previa a expropiação de 42 empresas, a maior parte já ocupada pelos trabalhadores,postas sob 'intervenção' do Estado ou autogeridas pelos 'comites de trabalhadores",eleitos durante o mês deoutubro 72.

Este projeto previa a criação de um 'comite dos casos especiais',gerido pelo Ministério do Trabalho e não excluía a devolução aos proprietários privados. Era uma formula de cogestão estado-Trabalhadores-patrões, chamada de 'administração integral' , também estava prevista.

Em 25 e 26 de janeiro, os trabalhadores da zona industrial de Maipu, organizados desde a crise de outubro 72,ocupam o bairro e armam barricadas.O projeto foi recolhido após varias discussões no interior do Governo.Uma plataforma de luta dos "Cordões industriais de santiago" foi construída,e definia que:

"Nós, trabalhadores dos cordões industriais, avançamos como programa imediato de ação de classe:

- a luta pela passagem às mãos dos trabalhadores do setor socializado de todas as empresas que produzem os bens de primeira necessidade,do setor alimentação e das fabricas de material de construção;
- a expropriação das explorações de mais de 40 hectares (irrigados); confiscação da terra e nacionalização da exploração;
- constituir um controle operário da produção e um controle popular da distribuição.Os trabalhadores decidirão o que produzir para o povo,o uso dos lucros, e os locais para armazenar os alimentos.Para isto, nós chamamos a constituição imediata de comitês de vigilância operaria em todas as empresas do setor privado;
- a luta para implantar uma direção operaria em todas as empresas do setor socializado;
- não devolução de nenhuma empresa que esteja em mãos dos trabalhadores;retirada imediata do "Projeto Milla";
- poder de sanção das Juntas de Distribuição e Consumo(JAP) e dos comandos das comunas.Controle do que é fornecido aos comerciantes e castigo para aqueles que não vendem, que especulam.fechamento de seus comércios e vendas diretas à população.Os operários dos cordões industriais se mobilizarão para tornar este poder efetivo;
- chamamos todos os trabalhadores à constituir os comandos industriais opor cordões e os comandos comunais,único meio para classe operaria de dispor de um organismo de ação,eficaz,capaz de mobilizar e de propor novas tarefas;

Nós cremos que, controlar os meios de produção e distribuição, é consolidar o processo, é criar uma nova economia em mãos da classe operaria,é avançar. É por isso que nos opomos a qualquer concessão a burguesia...exigimos que nos abram as portas para participar diretamente na busca de soluções dos problemas".

Cordões industriais de Santiago,Comandos comunais
Coordenação nacional da Construção
Fevereiro de 1973

As Juntas de Abastecimento (JAPs)

As JAPs eram coletivos populares de bairro, aglutinando os ocnsumidores e os pequenos comerciantes com o objetivo de gerir a distribuição, controlar os preços, lutar contra os atravessadores e o mercado paralelo. Foram lançadas em julho de 1972, representando uma força organizada que se desenvolvia baseada no controle que o Estado tinha sobre a distribuição, devido a nacionalização de vários monopólios de comercio em grosso.

Primeira Assembléia provincial das JAPs da grande Santiago foi realizado em 5 de março. Para formar uma JAP, era suficiente uma assembléia de bairro onde se articulavam as juntas de vizinho, os clube de mães e as associações de jovens e pequeno-comerciantes. A assembléia elegia uma comissão e a registrava no biro da "DIRICO" (direção industrial e comercial do Ministério da economia) e no posto de carabineiros (policia) mais próximo.

Em março 73, foi realizado um Congreso Popular sobre a distribuição e consumo,em que participaram:
62 delegados das 'casas do povo' da comissão provincial;
4 delegados dos cordões industriais;
5 delegados dos conselhos comunais camponeses das comunas suburbanas;
80 delegados dos comandos de distribuição da província.

O Congresso aprovou as seguintes proposições:

"-Expropriação de todas as grandes industrias privadas da alimentação e sua passagem ao setor de propriedade social,sob a direção operaria dos trabalhadores.O controle operário na pequena industria;
-Expropriação de todos os domínios agrícolas superiores a 40 hectares de terra irrigadas ou equivalentes e 'a portas fechadas' sem direito à reserva para o patrão. Controle operário da produção em todos os domínios inferiores a 40 hectares.Tudo isto sob a direção dos conselhos comunais e camponeses;
-Criação de uma Central Única de Distribuição, centralizando toda a produção nacional e as importações sob controle popular;
- A Distribuição sob controle dos Comandos Comunais de trabalhadores. A criação de casas do povo controladas e dirigidas pelos habitantes em todos os bairros,onde não haja comercio privado já estabelecido.Onde exista o comercio,controle da distribuição pelos habitantes ,utilizando o cartão de distribuição do consumo;
-Eleição e formação de um comando provincial único do consumo e de um comando nacional único.
- Hoje,em cada comuna e mesmo nos bairros, existe uma grande diversidade de organização (associação de vizinhos,comitês de casas do povo,JAPs,sindicatos,etc).devemos unir esforços de todos os camaradas numa só organização,os comandos dos trabalhadores...".

O "Tancazo" : um ensaio geral golpista

Após o mês de maio 73, o golpe de Estado militar tornou-se a única saída lógica para direita. Em junho, no curso de uma manifestação de masas ,convocada pela CUT,reunindo 700.000 paraticipantes, o presidente Salvador Allende,pela primeira vez,defende o reforço do poder popular através dos "Cordões". Em julho,,ocorreu a tentativa de putsch conhecida como "Tancazo" (golpe dos tanques),a partir do 2º regimento Blindado,que cercou o Palácio do Governo ("La Moneda"). A tentativa fracassou,mas serviu de 'balaõ de ensaio' para as forças fascistas.

Os comandos comunais e os "Cordões" industriais mostraram uma grande capacidade de mobilização e de resistência militar.Um novo aspecto do poder popular surgiu: o militar, com as 'milicias operárias'. O comando comunal representava,neste processo,o pólo revolucionário;o secretario-geral da CUT,Manuel Dinamarca,declarava,então:
" O comando comunal é uma organização nova que pretende realizar a transferência do poder institucionalizado burguês para a institucionalidade proletária.isto deve desembocar num exercício concreto de poder...Por exemplo, no Norte de Santiago, os comandos aplicaram as decisões em matéria de saúde e transportes em comum (prolongamento ou modificação de itinerários). Vai chegar um momento em que o Comando vai dar ordens sobre a colocação dos créditos de uma sucursal bancaria local,decidir sobre a implantação de uma industria na zona e,finalmente,vai dar as ordens aos outros tipos de organismos,como as prefeituras. Os comandos vão surgir com ou sem consentimento do Congresso e se fortalecerão como órgão de poder popular pela resolução dos problemas concretos e pela capacidade de mobilização da população na busca de soluções. Os Cordões como a CUT, são organizações de trabalhadores independentes do Governo,dos partidos,das instituições do pais".

A classe operaria,mobilizada nos "Cordões",apresenta um espírito ofensivo formidável. A " Instrução no 1" do "Cordão VICUNA-MACKENNA",testemunha as medidas concretas adotadas pelo "Cordão" e pela CUT:
- ocupar todas as fabricas;

-Organizar as brigadas de 11 camaradas e um chefe.Os chefes destas brigadas e os membros da direção sindical dirigirão a empresa;
- Centralizar ,no interior das fabricas,os veículos e todo material,podendo servir à defesa da fabrica,da classe operaria e do governo;
- de hora em hora, as fabricas tocarão suas sirenes para assinalar que a situação está normal.Se a situação é anormal, a sirene deve soar de forma continua para pedir ajuda;
- Permanecer constantemente na escuta da "radio Corporação",mesmo se a 'cadeia nacional' funcionar;
- Manter contato permanente com as fabricas vizinhas;usar mensageiros;
-Organizar assembléias e divulgar a presente "Instrução" aos camaradas de todas as empresas."

Entretanto, a mobilização de masas a epoca do "Tancazo" , não foi utilizada no sentido de uma ofensiva contra as forças militares,então divididas.
Os grupos de auto-defesa operaria não foram considerados pelo Governo como um ponto de apoio fundamental.A Democracuia Cristã,através de eduardo Frei,denuncia em 8 de julho,a formação das milícias operarias. A partir desta data, a Armada aplica sistematicamente a "Lei de controle de armas": centenas de perseguições violentas são dirigidas contra as fabricas e as sedes dos partidos de esquerda,em busca de armas.tres dias antes do golpe fascista de Pinochet , 800.000 desfilaram para apoiar Allende e para reclamar armas.
A partir do "Tancazo",cerca de 100 fabricas tinham sido ocupadas pelos trabalhadores,exigindo à passagem das mesmas as APS.Em 10 de julho,a CUT se pronuncia em favor do retorno a normalidade nas fabricas ocupadas.
O socialista brasileiro Mario pedrosa,nesta época,estava exilado no Chile.

Mario ressalta o papel dos trabalhadores no processo chileno,sem duvidas,a partir de sua visao politica de forte conotacao luxemburgiana.:

"O que caracteriza a situacao politica atual é o processo de crescente conscientizacao da classe trabalhadora.isso comecou a acentuar-se nas fabricas e usinas tomadas da area social.A cousa é de tal ordem que ameca os proprios burocratas dos partidos.E tudo culminou com o ato publico de 4 de setembro.A classe sente que o que está em jogo é o seu governo,que esta é a sua hora.A pressao é tal alta que os dirigentes sindicais do PC se sentem cada vez mais da classe,e menos do partido.Este,por sua vez,teve que fazer uma reviravolta a esquerda,e para com o sectarismo anti-esquerda.Toda a UP sabe hoje que afinal nao se trata de ganhar eleicao,mas o poder".

Prossegue analisando a dinamica autonoma e autogestionaria dos trabalhadores:

"Tomar usinas,fabricas,bancos,terras,com jeito,interpretacoes e perito se faz e se tem feito,com mais ou menos acidentes e choques.O aparato legislativo grita,o aparato da justica zurra,reclama,sabota.Mas a cousa feita,feita fica,e nao se volta atras,em geral,pois os trabalhadores se poem de permeio."

Para Mario,a politica economica do governo da UP chocava-se com a "legalidade"do mercado."Impor,porem,que as mercadorias circulem pelos seus canais de distribuicao "normais"e cheguem aos estuarios a tempo,em quantidade e a precos cristaos,ah,isso é outra cousa.30% delas é desperdicado de saida,contrabandeado e mais ainda é acambarcado.aqui as interpretacoes da legalidade nao teem cabida,a barragem dos operarios nao tem onde operar."

Neste contexto,"O que importa entao é chamar a iniciativa da base para ir as fuças dos acambarcadores,controlar precos,o diabo.Sao as juntas populares que se organizam por toda a parte.Enquanto isso se faz,o governo trata de organizar seu aparelho de distribuicao proprio,com suas frotas de caminhoes e transportes para pegar os generos nos centros apropriados,portos,etc,e leva-los aos centros populares de consumo,onde se instalam os armazens destinados a entrega-los ao povo."

"Para as classes medias há as cooperativas de distribuicao e consumo.Quanto aos ricos,que se arrumem.Ao lado disso,a montagem de um outro sistema de

distribuicao de rendas...A burguesia vai chiar,as classes medias gritam,mas se vao dividindo,como já o estao,inclusive ideologicamente;a pata,porem,do poder proletario se vai fazendo sentir de mais a mais.Este é o poder novo que está surgindo de dentro do velho.o aparelho de Estado range por todos os cantos".

Mario sentia o desfecho do processo chileno.Nessa mesma carta comenta:"Dei-me aqui a tarefa de criar e instalar o Museu da Solidariedade,e nao largo a cousa para fugir para nao sei onde.A hora das dificuldades nao passou.Mas sao os ossos do oficio para os que no Chile botaram na cabeca que teem de fazer a famosa transicao ao socialismo.Creio que a coisa vai se tornando cada vez mais irreversivel.Esses proximos seis meses sao decisivos.Nao há porque tragificar as cousas."

Aqui Mario revela seu apego e paixao a esse processo:"nao há porque tragificar as cousas.isso é bom para meia duzia de brasileiros super-revolucionarios que se afastaram do Brasil mas nao chegaram ao Chile,e vivem soberanamente alienados,a espera do momento de refugiar-se numa embaixada...Sao revolucionarios que só admitem a revolucao no Brasil,e segundo o figurino que confeccionaram...Existe um processo no chile,mas

continua sendo ao modo chileno.e este é complicado,e dificil de se entender.Mas está andando,e mais imconpreensivel ainda,com democracia".

Em outra carta,de 13-11-72,Mario assinala que "mando junto com esta recortes de cartas minhas para varios amigos em que saliento alguns tracos sobre a formidavel crise por que acabamos de passar.Sob muitos aspectos, deu-se um passo a frente e,de certa forma,o famoso salto qualitativo.Revi agora a carta que vos mandei,e verifico que ela foi confirmada pelo desenvolvimento ulteior.Antes assim.".

Vejamos,numa especie de dossier chileno,o que Mario escreveu a varios amigos.

Na carta de 12-11-72,destinada a L.M.,Pedrosa analisa a dinamica da luta de classes no Chile,enfatizando,como sempre,o papel dos trabalhadores:

"A proposito do Chile(...)Temos vivido uma experiencia riquissima(...)A tensao politica porem era alta,e sentia-se um clima pré ou para-revolucionario.Neste pais de povo moderado e,em geral,sem imaginacao,mas de comportamento surrealista,tivemos a originalidade unica na historia de uma greve geral burguesa,em nome da solidariedade gremial,contra o governo,mas a favor da restauracao da ordem capitalista já em pandarecos talvez irreversivel.

E todos os dias entrava mais um contingente social em paro.Camioneros,comerciantes,medicos,dentistas,donas-de-casa,putas,engenheiros,arquitetos,por um dia ou dois onibus e taxis,bavcarios,servicos,construtores,estudantes,garotos armados de estilingue,iam parando e o governo,nos primeiros dias,olhando tudo,sem saber muito o que fazer,e dizendo besteira até que a cadeia de paros estacou na porta das fabricas,usinas ,empresas industriais:

os operarios recusaram a ordem de parar,mesmo com a jornada paga.E nao só foram para as fabricas,como as puseram a trabalhar.E nos dias em que os onibus da cidade e os taxis nao funcionaram,andaram quilometros a pé,e nao faltou um só,nem mesmo nas segundas feiras em que matam muito o trabalho.Os patroes ficaram bestas,o Governo saiu do bobeamento em que caiu,os partidos de esquerda enfim desencantaram,os comunistas a frente.

Restabeleceu-se um servico de distribuicao,sobretudo para os bairros pobres,que nunca estiveranm tao bem sortidos,com carne de vaca,etc.E os bairros chic na pendura...Atras dos trabalhadores sairam os estudantes,professores universitarios,ao trabalho voluntario,descarregando e carregando milhares e milhares de sacos de arroz,farinha,acucar,o diabo(...)

Na carta para Hervé Fischer,pedrosa conclue seu relato do mesmo processo:"A outra surpresa foi a atitude de lealdade ao governo por parte das forcas armadas.A sublevacao burguesa despertou a consciencia operaria e popular: isso foi magnifico".

Para George Boudaille,escreveu na mesma epoca:"...o governo Allende é muito sólido.Mesmo se perdeu as eleicoes gerais em marco.(...) Nao direi que nao haverao novas crises,mas será dificil uma outra tao grave quanto essa que vivemos...A grande burguesia e os imperialistas receberam um golpe muito duro com esta derrota que sofreram".

Contudo,na carta para critica de arte norte-americana,Dore Ashton,finaliza nos seguintes termos:"But that doesn"t mean that a new crisis will not come again.It will.But I believe that a new step was taken now".

Em carta de 1973 (sem data),Mario escrevia mais uma vez para seus parentes,tambem exilados."Isto aqui está atravessando uma fase chata,sobretudo depois do paro,quando havia tensao nos espiritos e certa excitacao,sinal dos tempos.Agora há pasmaceira,e algumas colas chatas para se prover de cousas...O caminho da revolucao chilena é complicado.Vale a pena segui-lo de perto.A experiencia é cada vez mais rica...".maria fala da tarefa no Museu,"Aqui,tudo ainda devagar,sobretudo em materia de arte ou cultura.E o Museu com excelentes perspectivas nao faz excecao,e o trabalho de preparar sua sede,instala-la,etc,é demorado...

Em agosto de 1973,Pedrosa encontrava-se na Europa,promovendo o seu Museu.Nos dias 6 e 9 ,escreve de Madri,mais uma vez analisando o quadro chileno:

"Quanto a situacao politica,3 coisas achei importantes agora: 1) a poderosa contra-ofensiva da DC que parece ter quebrado o monopolio pratico do Allende das manobras com o Exercito.Ela agora já tenta manobrar com ele contra o governo...Mas o que quer agora a DC é fazer do Exercito o arbitro bonapartista acima das classes.

2) a ocupacao macica das empresas pelos trabalhadores e destas fazer os bastioes do poder proletario...

3) indicios mais claros de divisao dentro da UP.Que há divisoes no PS é certo,mas no PC?

Tudo indica que vamos chegando proximo a ponto de desenlace.Pero,tendo em conta o surrealismo politico que aí domina - esperamos o desenvolvimento".

Na carta seguinte,Mario volta a falar do Chile: Pelo que vejo - todo o palavreado politico se reduz aos que detem poder de fato: exercito e povo.Este - numa posicao tipicamente chilena- no seu reduto final: a fabrica,a empresa.A grande vantagem estrategica do governo UP é terem como principal aliado os operarios ocupando as empresas e armados dentro delas."

Comenta a participacao dos chefes militares no novo gabinete,:"...apos longas conversacoes,resolveram refazer mais uma vez o gabinete,desta vez,com os altos chefes militares no governo e mais o chefe dos carabineiros (os que fazem a

repressao geral).isso,para que ? Para evitar que o Exercito se divida ou se divida "antes"do tempo e o Allende continue a ser chefe de governo...obedecido? Na realidade,este governo é tao debil que só agora (treze dias da greve estalada) há decreto de prisao contra o Villarin...Repete-se outubro, com mais radicalismo.Agora,o Exercito nao pode mais bancar o neutro em toda essa embrulhada.E o governo Allende só se sustenta se puder baixar o pau nos Villarins & Cia e sustentar incolume as empresas com seus trabalhadores e armas.(A lei do registro de armas foi aprovada por inepcia,ineficiencia ou negligencia dos deputados da UP...

Mario ressalva que "isto foi um exercicio de analise que fiz,com as poucas noticias que tenho,para tentar-me esclarecer a situacao.Coincide com a de voces ai?".

Em 26 de agosto,outra carta:"Sua carta ultima,hoje recebida,é otimista,mas eu nao...espero que voces já tenham recebido minha ultima carta em que fiz uma analise da situacao,polarizada entre a greve subversiva dos camioneros e a ocupacao das fabricas pelos obreros.Ou Allende punha termo a greve e dava uma cana seria nos Villarins,ou estava frito.Daqui o que ressalta é que nao teve forca para jogar os seus milicos contra os Villarins,acabar com a greve,o que levou a demissao de Pratts (pressionado pelas mulheres dos generais de sua casta),o reforcamento da direita e a demonstracao de impotencia da UP".

Mario Pedrosa,entao,tirava conclusoes proximas do que iria ocorrer no Chile,em 11 setembro de 1973.

"Nessas condicoes,podem nao derrubar o Allende mas este será forcado a um acordo com a DC e milicos para evitar a guerra civil,etc.isso significa que eles todos vao transar.Ficam de fora os "extremistas" sobretudo de direita que poderao tentar um golpe de mao contra o proprio Allende (assassinando-o,etc).O preco da acomodacao ou da capitulacao é que vai depender de muita negociacao,que se fará sob a hegemonia das classes medias".

Mario Pedrosa voltou ao Chile em 9 setembro,dois dias antes do golpe militar.Ficou 17 dias escondido em casa de amigos e ,depois,mais 17 dias na embaixada do Mexico.Em seguida iria para Franca.Mais um exilio.De Paris,escreveria,em 12.03.74: "Mas que o mundo está tenebrosamente interessante está". ==========

Para retraçar o contexto da experiência do GAOS , é importante vermos o que era o sindicalismo mundial daquela época.Incluimos uma analise do que chamamos ‘o sindicalismo de tipo sovietico’ ,pela sua especificidade e pelo papel que teve nas lutas sindicais da época.

1- O SINDICALISMO MUNDIAL

O sindicalismo internacional nasceu das experiências concretas dos trabalhadores em cada pais.Não sofreu a influencia de um internacionalismo , inexistente enquanto teoria.Por isso, a fundação da primeira Internacional sindical foi relativamente tardia. Desde 1864,existia a AIT* e,Marx defendia a presença de sindicatos,sofrendo uma grande resistência.na realidade, ocorreu uma divisão de trabalho entre a Internacional política e a internacional sindical.

O sindicalismo britânico, 25 anos após a fundação da AIT, convocou uma Conferencia Internacional agrupando 123 presença de sindicatos.outra tentativa ocorreu,por iniciativa do sindicalismo francês: em dezembro de 1890,foi realizado um Congresso em Paris,com o objetivo de fundar um Secretariado internacional do trabalho.

Mas,somente a partir de 1901,por iniciativa dos sindicatos alemães, surgiram os Secretariados Profissionais Internacionais (SPI), federavam as Federações Profissionais Internacionais. Articulavam a solidariedade e efetuavam intercâmbios de documentos estatísticos de vários paises e também sobre legislações sociais.

`As vésperas da 1ª Guerra, existiam 28 SPI, dos quais 24 tinham sede na Alemanha.Estes SPI sofreram uma forte influencia das idéias socialistas.Já em 1874, o Congresso de Bruxelas declarava : " O Capital opera internacionalmente, os trabalhadores devem igualmente se solidarizarem internacionalmente".

Em um Congresso dos SPI,em 1900, encontramos a seguinte declaração; " o capital sob suas múltiplas formas é internacional. É necessário que os assalariados que sofrem exploração, sejam organizados da mesma forma,para opor à força capitalista à força operaria.o objetivo para o proletariado mundialé o de unir suas forças, solidariedade na ação e espírito de luta. Fora disto,só ficam a impotência e a fraqueza".

A fundação do Secretariado Sindical Internacional (1901)

Uma Conferencia realizada na Noruega,em 1901, decidiu organizar periodicamente conferencias de delegados das centrais sindicais nacionais. No ano seguinte,na Alemanha, outra conferencia tomou decisões fundamentais.,

a) uma Central nacional ficou encarregada do Secretariado da internacional.A Alemanha foi a escolhida.
b) Não admitir para cada pais , mais de uma central sindical.

A 3ª conferencia, em Dublin 1903, confirmou estas decisões.As tarefas do Secretariado internacional eram:

" vista a necessidade urgente de criar laços estreitos e uma união mais fortes entre as confederações nacionais do mundo inteiro e visto que a melhor garantia desta unidade é o conhecimento intimo do movimento nos diversos paises,as organizações representadas nessa Conferencia decidem enviar um relatório nual sobre o movimento sindical de seu pais ao Biro da Conferencia".
Três concepções sindicais definiram o painel da época:
1ª. A Inglaterra, fiel a um sindicalismo corporativo e avesso as ideologias;
2ª. Alemanha, Áustria,Paises Escandinavos,com um sindicalismo socialista e centralizador;
3ª. França, Itália e espanha, sob influencia do sindicalismo revolucionário.

Até a fundação da Primeira Internacional Sindical,varias conferencias internacionais foram realizadas:
Amsterdã. 1905
Chistiania, 1907
Paris, 1909
Budapeste, 1911

Desta forma, aos poucos foi se fortalecendo a idéia de uma organização internacional mais sólida.A Conferencia de Budapeste foi marcada pela presença,pela primeira vez, da AFL dos EUA.Cria-se a base para a nova Confederação Mundial. A AFL,que não é socialista, se reúne com a CGT-França anarco-sindicalista.Decidem realizar um esforço unitário:" Diante da centralização patronal que cresce continuamente, a necessidade dos operários se impõe;para realizar seu objetivo maior,o sindicalismo deve unir no plano economico da luta de classe,o conjunto dos assalariados,independente da tendência a que pertence".
A Conferencia recomendou que "as centrais nacionais de todos os paises estudem a possibilidade de uma Federação Internacional do Trabalho , mantendo a independência do movimento operário de cada pais.O objetivo desta Federação será de defender e assegurar os direitos e interesses dos trabalhadores de todos os paises e a criação de uma fraternidade e de uma solidariedade inetrnacionais".

Finalmente, em 1913,a Conferencia de Zurique decidiu dar a organização internacional o nome de FEDERAÇÃO SINDICAL INTERNACIONAL.Surgiu,em três línguas, o Boletim "Correspondência Sindical Internacional".Os SPI fazem parte da FSI.A próxima Conferencia foi decidida para São Francisco –EUA.Após 1904,a progressão dos efetivos foi a seguinte:

ANO	CENTRAIS FILIADAS	SINDICALIZADOS
1904	12	2.333.261
1905	11	2.791.453
1906	12	3.222.252
1907	15	3.979.652
1908	19	5.944.262
1909	20	6.008.262

1910	19	6.212.406
1913	19	7.400.000

Em relação aos principais paises, a adesão é a que segue:

PAIS	FILIADOS
Alemanha	2.553.162
EUA	2.054.526
Inglaterra	874.363
Itália	390.912
França	387.000
Bélgica	116.082
Hungria	111.966
Dinamarca	107.607
Espanha	100.000
Suíça	86.313
P.Baixos	85.522

Das três concepções sindicais, a "Concepção Socialista" torna-se cada vez mais forte. Os sindicatos alema~es atraem os austríacos e os escandinavos; o "sindicalismo corporativo" permanece com os americanos e ingleses; o 'sindicalismo revolucionario' entra em declínio e permanece restrito ao Sul da Europa.

A FEDERAÇÃO SINDICAL INTERNACIONAL e a Guerra de 1914

A Guerra de 1914 trouxe dois efeitos importantes para o movimento sindical internacional:
- de um lado, implodiu a FSM, cada sindicalismo nacional foi tomado pelo sentimento do patriotismo;
-de outro , aproximou os movimentos sindicais de alguns paises.

No congresso de 1916, a AFL defendeu,para o pós Guerra, um Congresso Operário Internacional para legislar sobre as questões de trabalho. Neste sentido, desde 1915,os sindicatos franceses e ingleses se reuniam em Londres.

Em julho de 1916, houve uma nova conferencia em Leeds. Defendia-se para o pós Guerra um Parlamento Operário Internacional. No entanto, a resolução final decidiu pela ampliação da Oficina Internacionl do trabalho-OIT,criada em 1901.seria ajudada pelo Secretariado Sindical Internacional.

Em 1917, outra conferencia,em Berna, decidiu que o SSI deveria propor,ao final da guerra,uma Conferencia Internacional. Desta forma, no mesmo ano, em Londres,entre fevereiro e setembro, ocorreram duas conferencias comuns entre socialistas e sindicalistas. O objetivo foi a definição dos "objetivos de Guerra" da classe operaria.Exigia-se a criação da Sociedade das Nações.

Em fevereiro de 1919, uma segunda conferencia,em Berna,teve por objetivo a reconstituição da Internacional Sindical:
" A Conferencia considera que o estabelecimento de uma legislação internacional do trabalho só poderá contribuir com garantias concretas para os trabalhadores através da constituição de uma Oficina Iinternacional do Trabalho, parte integrante da Sociedade das NaçõesUnidas".
A oficina seria um Parlamento Internacional e inter-profissional do trabalho, do qual participariam delegados operários de todos os paises.Com os seguintes objetivos;

a. realizar a unidade da classe trabalhadora internacional,desenvovlendo laços entre o movimento sindical de todos os paises;
b. desenvolvr os sindicatos profissionais no campo da FSI;
c. poiar os interesses e esforços do movimento sindical de todos os paises,nacional e internacionalmente;
d.favorecer o progresso da legislação social internacional;
e. encorajar a educação operaria;
f.prevenir as guerras e combater a reação.

Neste período, ocorreu um forte crescimento dos efetivos sindicais :

ANO	INGLATERRA	FRANÇA	ALEMANHA	EUA
1913	4.000.000	1.000.000	3.5000.000	2.700.000
1919	8.000.000	2.500.000	------	5.6000.000
1920	---------	--------	12.000.000	------

Em 1919, foi criada a OIT,de forma diferente da qual queriam os sindicalistas.

OS SINDICATOS CRISTÃOS

Antes da guerra de 1914, os sindicatos cristãos não tinham uma central internacional.A tendência dominante era a de pluralismo nacional e unidade internacional.Assim, não tinham como objetivo construir uma central internacional dos sindicatos ,mas participarem das que existiam na época.

No pós-guerra,em Paris (1919),decidiram pela fundação de uma internacional sindical.A Bélgica foi escolhida para sua sede.Desta forma, no Congresso de Haia (1919),foi fundada a CENTRAL INTERNACIONAL dos SINDICATOS CRISTÃOS (CISC). Apesar de defenderem a existencia de apenas uma confederação por pais,ocorreram duas exceções: os Paises baixos, onde havia uma Central católica e uma protestante,e,a Thecoslovaquia, onde havia uma Central Theca e uma Esolavaqua.O 2º congresso da CISC foi realizado em 1922, na Áustria.

Na concepção sindical da CISC, "A organização econômica e social tem por fim a pessoa humana". A organização deve buscar o bem-estar material e a perfeição espiritual do homem."Todas as relações entre o individuo,classes ou povos,devem ser regidas e dominadas pelas noções cristães de justiça e caridade".
As Encíclicas papais não eram citadas para não chocar os protestantes.para CISC," A organização social da vida econômica necessita a colaboração sincera entre diversas categorias de pessoas que favorecem a produção". O objetivo do sindicalismo cristão era de uma colaboração permanente,regular e sadia com os patrões.

A INTERNACIONAL SINDICAL VERMELHA

As origens da ISV remontam à Guerra. Nas Conferencias de Zinnerwald e de Kienthal, estava na pauta a criação de uma internacional sindical,a partir da ala esquerda do movimento sindical. A Revolução de Outubro de 1917, forneceu as correntes de esquerda o ponto de poio.na 3ª Conferencia Panrussa dos Sindicatos (1917), os Bolcheviques defenderam a necessidade de uma confederação internacional de esquerda.No 1º Congresso Panrusso dos Sindicatos (1922) ,os Bolcheviques defenderam uma resolução no sentido de reconstituição da Internacional Sindical.

Zinoziev,então presidente da KOMINTERN*, defendeu a proposta de, "Onde houver proletários e semi-proletarios,deve-se criar uma célula comunista em cada soviet,fabrica,sindicato,cooperativa. Estas células que se criam nas organizações sem partido, dependem diretamente do Partido e devem ser hierarquicamente agrupadas".

O discurso de Zinoziev afirmava que,"A Internacional Comunista fará todo possível para apoiar o movimento profissional revolucionário que começa em todos os paises e a organização dos sindicatos vermelhos em uma escala internacional comunista.Entre os delegados do próximo congresso estarão os dos sindicatos operários proletários do mundo inteiro e, estes sindicatos serão parte integrante da Internacional Comunista".

A Komintern,fundada em 1919,em Moscow,realizou em 1920 seu 2º Congresso.Os sindicatos presentes realizaram uma conferencia que definiu a concepção sindical da futura ISV. Alguns pontos fundamentais:

- A neutralidade sindical leva à colaboração de classes;
- Os dirigentes da Internacional de Amsterdã (FSI) perderam a confiança das massas;
- A vanguarda não deve se isolar das massas que ainda estão na FSI;
- Deve-se "limpar" os sindicatos da FSI.

Esta conferencia decidiu, “Conduzir dentro dos sindicatos do mundo inteiro um trabalho metódico de propaganda,criando em cada sindicato um núcleo comunista.Criar um comitê de ação e luta internacional para transformar o movimento sindical”.
Em 1920, Lênin publica seu livro “A Doença Infantil do Comunismo”,em que definia os princípios de ação dos comunistas.
O Congresso de fundação da ISV foi realizado em Moscow,de 3 a 19 de julho de 1921.A palavra-de-ordem principal foi: “Não destruir os sindicatos existentes,mas conquistá-los” (Losovsky).defendia a seguinte estratégia:

- Sindicatos de industria,em oposição so sindicato de oficio;
- Criação de comitês de fabrica;
- instituição do controle operário;
- Agir junto dos povos da Ásia.

Em 1926, losovsky ,presidente da ISV,afirmava que a ISV tinha 13 milhões de filiados contra 15 milhões da FSI.

A INTERNACIONAL SINDICAL ANARQUISTA

A PARTIR DO 2º Congresso da ISV, que denunciou o anarco-sindicalismo, a maioria dos sindicalistas revolucionários deixou a ISV,aderindo a Associação Internacional dos Trabalhadores, fundada em Berlim (1921) .o nome foi retomado da AIT de 1864,chamada também de primeira Internacional.
A AIT teve uma influencia limitada,suas bases estavam em:
Alemanha 30.000 filiados
Espanha 100.000 filiados
Portugal 10.000 filiados
França 25.000 filiados
EUA(IWW) ,América Latina e paises Baixos: 5.000 filiados
Suécia 20.000 filiados

Enquanto concepção sindical, a AIT de Berlim combate a formula ‘ditadura do proletariado’ da URSS ,a subordinação dos sindicatos ao Estado e a relação de subordinação do sindicato frente ao PC.

A ascensão do nazismo ao poder (fevereiro de 1933) mudou a conjuntura mundial.A ISV,em 1915, propõe uma Conferencia conjunto com a FSI para determinar as formas,os métodos e as condições de restabelecimento da unidade sindical mundial.Os sindicatos soviéticos aceitam negociar com a FSI.O primeiro encontro se realizou em Moscow,em novembro de 1937. Não houve resultados concretos .Em 1939,começou a 2ª Guerra Mundial.

A FEDERAÇÃO SINDICAL MUNDIAL

Em 1941, sindicatos britânicos e soviéticos tentaram instituir uma comissão sindical dos dois paises.Em 1943, o Congresso das Trade Unions propôs a convocação de uma conferencia mundial.Uma comissão foi eleita para provindeciar composta por sindicatos soviéticos, britânicos e dos EUA.
A conferencia se realizou em Londres,de 06 a 17 de fevereiro de 1945.Tres concepções sindicais estiveram presentes,num total de 204 delegados.assim,

-Sindicatos soviéticos , a esquerda com 43 delegados
-Sindicatos britânicos ,a direita com 15 delegados
-no Centro,a CIO-EUA com 12 delegados
junto com a CGT-França, do sindicalismo revolucionario

Três grandes questões formaram a pauta;

1. Aumento do esforço de guerra dos paises aliados;
2. posição dos sindicatos diante das condições para paz;
3. Criação de uma Federação Mundial dos Sindicatos.

Em relação ao 3º ponto, a Conferencia afirmou sua necessidade ; as dificuldades internas são muitas para se tomar uma decisão concreta; será,então,noemado um Comitê para preparar uma nova conferencia.as questões divergentes eram graves.Uma delas dizia respeito aos sindicatos dos paises inimigos,tais como Itália, Romênia,Polônia,Bulgária,Finlândia.Outra frente de divergências foi a posição frente a FSI.Um grave problema: a ausência da AFL americana.Uma derrota certa: dos dirigentes da FSI.Enfim,decidiu-se criar um novo organismo internacional.

O CONGRESSO de PARIS (stembro-outubro de 1945)

De 25 de setembro a 3 de outubro, realizou-se a conferencia de Paris.E, de 3 a 8 de outubro,o congresso de fundação da FSM.Do ponto de vista das 'correntes',o biro da nova Federação Mundial apresentou a seguinte composição:

1- 4 comunistas
2- 2 não-comunistas
3- 3 de centro

O Comitê Executivo compreende 25 membros mais o Secretario-geral e 22 delegados dos seguintes paises:

URSS	3
EUA e Canadá	3
Inglaterra	2
França	2
América Latina E Antilhas	2
Oriente Médio E Próximo	1
China	1
Austrália	1
Índia e Ceilão	1
África	1
Escandinávia	1
Europa ocidental	1
Itália e Espanha	1
Europa central	1
Europa sudeste	1

As organizações sob controle dos comunistas somavam 10 delegados.
Os dados sobre filiação de sindicatos no Leste europeu ('democracias populares") apresentava o seguinte quadro:

	Outubro 1945	Outubro 1949	%
Albânia	20.000	51.000	150
Bulgária	385.000	600.000	56
Hungria	888.000	1.660.000	87
Polônia	1.262.000	3.020.000	200
Romênia	1.267.000	1.441.000	14
Thecoslovaquia	1.500.000	2.299.000	53

A AFL-EUA recusou-se a participar da FSM.Suas declarações a respeito:

1. Não queria contato com os sindicatos soviéticos, que não eram autênticos;
2. qualquer internacional sindical em que os sindicatos soviéticos fizessem parte seria dominada por eles,no sentido de favorecer o 'Imperialismo soviético".

Por sua parte, a CISC,que esteve nas conferencias de Londres e Paris, em nome do pluralismo,que não existia nem nos sindicatos soviéticos nem na CIO americana,rompeu com a FSM.

A DIVISÃO DA FSM

Em 5 de junho de 1947, o general Marshall pronunciou o discurso de onde sairia,em 1948, o PLANO DE AJUDA PARA EUROPA.Começava a GUERRA FRIA. Em outubro de 1947, a URSS fundava o KOMINFORM.
A FSM foi ciada em uma conjuntura marcada pela união dos governos aliados contra Hitler. A dissolução desta aliança, levou a dissolução da FSM. O mesmo ocorreu com a maioria nas CGTs da itália e da França. A CIO americana se aproximou dos sindicatos ingleses,seu secretario-geral reivindicou que o biro da FSM adotasse o Plano Marshall. A AFL reivindicou uma conferencia de todas as centrais sindicais que apoiassem o Plano Marshall.os sindicatos britânicos convocaram para Londres,em março de 1948,uma conferencia dos sindicatos favoráveis ao Plano Marshall. Nisto são apoiados por sindicatos de vários paises,entre os quais: AFL, CFTC, sindicatos alemães, sindicatos cristãos da Bélgica , Paises baixos e Luxemburgo.

A conferencia elegeu um comitê consultivo para o Plano Marshall,presidido pelo vice-presidente da FSM.
No 20 congresso da FSM ,em Milão 1949, os sindicatos yugoslavos estiveram presentes.Mas,em 1950, a FSM rompeu com estes sindicatos,que permaneceram,desde então,numa posição de NÃO-ALINHAMENTO.
Em outubro de 1948, o Conselho geral da TUC convocou a FSM a suspender suas atividades por um ano.Caso a FSM não aceitasse a proposta, os sindicatos ingleses a abandonariam. A partir do inicio de 1949, varias centrais abandonaram a FSM,sob a acusação de que era uma sucursal do Kominform.Portanto, a cisão da FSM ocorre em janeiro de 1949.

FUNDAÇÃO DA CONFEDERAÇÃO INTERNACIONAL DOS SINDICATOS LIVRES

O conselho sindical,pelo Plano Marshall,não poderia serir de base para uma nova internacional sindical.Os SPI, que se recusaram a serem transformados em departamentos da FSM , tornaram-se um importante ponto de apoio. Contudo, será a AFL que clama pela formação de uma nova central mundial.Em abril de 1949, a AFL e a CIO entram em acordo para a fundação desta nova central.A TUC convoca,com o apoio da AFL e da CIO, uma conferencia para genebra,em 25-26 de junho. Após acirrados debates sobre a presença dos cristãos e em torno do anti-comunismo da AFL, a conferencia decide:

- de inicio,redigir um Programa
- Submete-lo a todas as centrais sindicais autenticas (“bona fide”);
- Convocar,em seguida,uma conferencia ‘plenamente representativa’,que criará a nova internacional.

A CONFERENCIA DE LONDRES

Uma reunião preliminar ocorreu em Londres,em 25 de julho,marcando o congresso de fundação para novembro-dezembro de 1949.Este,realizou-se em Londres com 216 delegados de 53 paises,representando 59 centrais nacionais e 28 outras organizações.Um total de mais de 48 milhões de sindicalizados.As dificuldades tinham sido superadas; o desacordo entre AFL e Cio foi atenuado e, os SPI ganharam autonomia. Ocorreu um debate sobre a admissão dos sindicatos cristãos: só seriam admitidos na CISL se fossem dissolvidos no prazo de 2 anos. Três tendências se enfrentaram:

1. A de Jouhaux, CGT-França, denunciando o apoio internacional de Wall Street à Franco na Espanha.
2. A de Walter reuther, do sindicato automobilístico da CIO, definindo uma frente dupla de luta contra a URSS e os EUA; “Nem a Stalin nem a Standard Oil”.
3. A de Irving brouwn,delegado da AFL,definindo que o único perigo estava no ‘totalitarismo sovietico’.

Em um manifesto aos trabalhadores, a CISL define seu programa: Pão,Paz e Liberdade. Era, na verdade, O programa da Frente Popular francesa.
A CISC,em abril de 1950,ressaltando a critica a política comunista, saudou a fundação da CISL.
Uma das inovações da CISL, foi a criação de centrais regionais.O primeiro Secretariado regional foi fundado em novembro de 1950,em Bruxelas,para Europa.O segundo secretariado regional foi para América,pela conferencia do

México (1951).no mesmo ano,foi criado o secretariado para África.A CISL estabeleceu uma relção orgânica com os SPI.

O congresso de Milão,em 1951, reuniu 154 delegados de 47 paises,representando 56 organizações.O total de filiados é de 52.500.000.Em pauta,três questões:

1. A luta contra os regimes totalitários
2. A luta contra a crise internacional.
3. A ação pela manutenção da paz.

As questões internacionais foram doninantes no congresso,sobretudo as posições da AFL. "A fonte de ameça ,diz a resolução sobre os regimes autoritarios, é a URSS".A novidade ficou com a adoção do sistema de Cogestão,sobretudo pelos sindicatos alemães.
Por sua vez, a FSM se pronunciou sobre a fundação da CISL,em manifesto:

"Os agentes dos governos capitalistas nos quadros dos sindicatos acabam de criar sob iniciativa dos governos americano e britânico uma pseudo internacional".Para FSM.o comitê diretor da internacional de Londres é composto de elementos coorompidos,desprezados pela classe operaria".

A RECONSTRUÇÃO DA CISC

A CISC foi a única central sindical que sobreviveu à guerra de 1914. Um congresso extraordinário foi convocado para outubro de 1945.Participaram 87 delegados vindos da Bélgica, França, Luxemburgo, Paises Baixos, Suíça e mais 3 delegados Bascos (exilados).Os dirigentes aceitam a adesão a FSM mas recusam a dissolução da CISC.
Em seu 2º congresso (Amsterdã , 1946) a CISC define sua concepção sindical: rejeita o estatismo e as nacionalizações como sistema geral; o objetivo da organização econômica é a pessoa humana; a liberdade sindical faz parte da dignidade humana.

No congresso de Lyon, 1949, representa 3 milhões de filiados.Nele,surge a tese geral da gestão total, etapa final da cogestão. A partir de 1948, a CISC toma pé na América; conta com uma Central Sindical no Canadá.Neste ano, a CISC tem 13 SPI.Após a fundação da CISL, a CISC diminuiu sua hostilidade em relação ao comunismo.

No congresso em La Haia (1952), os sindicatos cristãos recusam sua dissolução na CISL.Defendendo uma colaboração entre as duas centrais mundiais,em torno de um comitê de colaboração; avança na definição da cogestão de empresa, condenando o capitalismo e o coletivismo. Neste congresso, tinha 3.500.000 filiados.

O SINDICALISMO EUROPEU

Nosso objetivo é traçar breves elementos sobre a existência da Central Européia dos Sindicatos (CES),enquanto elemento estratégico da ação sindical na Europa e,também,como um elemento profundamente renovador,numa perspectiva unitária do sindicalismo internacional.
O nascimento da Comunidade Econômica Européia, teve um papel fundamental na evolução do sindicalismo do velho continente.Em março de 1957, foi assinado em Roma, o Tratado de Fundação da CEE,enquanto nova tentativa de integração européia,após o fracasso da Comunidade Européia de Defesa.
Há muito tempo, o movimento sindical defendia a união econômica e monetária com base no progresso social.Essa estruturação seria a forma da Europa conhecer um novo ponto de partida.Em fevereiro de 1971,foi elaborado um Plano que previa a criação de uma uma união econômica e monetária,dentro de um prazo de 12 anos.
Abria-se,assim,para o sindicalismo internacional novas perspectivas.A integração toma corpo definitivo com o "Projeto Europa 92".Já nos anos 70, estava lançada a base para a constituição de uma Central unitária na Europa ocidental.
As 3 centrais mundiais têm suas organizações sindicais na Europa.
-No campo da CIOSL,seus sindicatos europeus criaram,em 1958, a secretaria sindical que se tornou,em 1969,a Confederação Européia dos Sindicatos Livres (CESL).
-No campo da CMT,foi constituída sua Organização Européia (OE-CMT).

-No campo da FSM, desde o inicio combatendo a integração européia,limitou a formação de um Comitê de União,entre a CGIL-Italia e a CGT-França.

A CONFEDERAÇÃO EUROPEIA DOS SINDICATOS

Após a fundação da CEE (1957),seguiram-se debates cada vez mais concretos sobre o papel dos sindicatos na integração européia.Deste modo, na V Assembléia Geral dos Sindicatos da CEE ,em 1966, houve uma analise ampla do tema "Em busca de um novo sindicalismo".
O VII Congresso dos Partidos Socialistas da CEE,em Berlim 1966, aprovou resoluções que levaria,em 1972,a transformação da "Europa dos 6" em "Europa dos 9".
Da VI Assembléia Geral dos Sindicatos livres da CEE, na Holanda em 1969,surgiu o acordo para fundação da Confederação Européia dos Sindicatos Livres.A CIOSL, nesta época,estava preocupada com o fato da Comisssão da CEE ter reconhecido o Comitê de União CGIL-CGT,como interlocutor válido para o dialogo entre a Comissão e os sindicatos.
Em 1971, a DGB,CGT e CISL se reuniram para analisar a possibilidade de criação da unidade sindical no Continente.Em 1972,Durante a realização da 57ª Conferencia Internacional do Trabalho,da OIT,delegados de 16 centrais filiadas à CIOSL,se reuniram para decidir 'uma organização sindical europeia'. No final desse ano,reunidos em Luxemburgo, 17 centrais de 14 paises europeus,todas filiadas à CIOSL,marcaram a data de fundação da nova confederação.
Deste modo, em 8 de fevereiro de 1973,em Bruxelas,futura sede da Ces,ocorreu o congresso de fundação da Confederação Européia dos Sindicatso.Participaram as seguintes organizações sindicais:

Central	pais	filiados
TUC	Inglaterra	9.900.000
CISL	Itália	2.000.000
FO	França	1.000.000
FGTB	Bélgica	950.000
LO	Dinamarca	843.000
LO	Suécia	1.734.000
OGB	Austria	1.527.000
TC	Suécia	709.000
NVV	Paises baixos	622.000
UIL	Itália	800.000
LO	Noruega	580.000
SG	Suíça	434.000
TVK	Islândia	182.000
ASI	Islândia	35.000
CGT	Luxemburgo	30.000

Portanto, em 1973, a fundação da CES surgiu para preencher um espaço estratégico da ação sindical. No inicio, aglitinou as organizações ligadas à CIOSL. Contudo, desde 1974, a CES se abriu à outras centrais sindicais.assim, CFDT, CGIL, UGT (Espanha),CSC(Bélgica),entre as principais,se filiaram à CES.Por sua parte, CCOO (Espanha), UGT e UGTP ,ambas de Portugal,solicitaram filiação à Ces,recusada pelo comitê executivo da CES.Desta forma, a CES avançou no sentido de se tornar uma central sindical unitária das confederações da Europa ocidental.

O MOVIMENTO DOS 'NÃO-ALINHADOS'

Fundado a partir da Conferencia de Bandung (abril de 1955), foi em sua origem um movimento pacifista contra a Guerra e a polarização do mundo em potencias (EUA e URSS).Os principais lideres fundadores foram o Marechal Tito,da Yugoslavia ,e,Nasser,do Egito,e,Nehru,da Índia.

Oficialmente, nasceu na Conferencia de Belgrado,Yugoslavia 1961, com a participação de 25 paises.na década de 70, representava cerca de 100 paises,além da OLP e a SWAPO.A maioria são paises do chamado "Terceiro Mundo" (Ásia,África,América Latina).

A partir da reunião de havana, Cuba 1979, 10 novos paises se filiaram.o Movimento dos Não-Alinhados realizou varias Conferencias,entre elas, a de Belgrado (1961), a do Cairo (1964),Lusaka (1970),Argel (1973).
A conferencia de Belgrado estabeleceu 5 pontos para filiação ao movimento :
1. A disposição de uma política exterior independente, baseada na coexistenci pacifica dos Estados com diferentes sistemas políticos e sociais e, o não alinhamento,ou mostrando sua intenção em favor desta política;
2. Um apoio consistente aos movimentos pela Independência nacional;
3. Não ser membro de alianças multilaterias surgidas no contexto dos conflitos das grandes potenciais;
4.Qualquer acordo militar bilateral com as grandes potencias ou com membros de pactos regionais de defesa, devem ser realizados fora do contexto dos conflitos entre as grandes potenciais.
5. Enfim, qualquer base militar concedida a poderes estrangeiros deverá ser feita fora do contexto de conflitos entre as grandes potencias.

2- O SINDICALISMO de 'TIPO SOVIETICO'

O 'sindicalismo de tipo sovietico' foi um fenômeno relacionado à Revolução de Outubro de 1917 na URSS. Durante todo o período entre as duas Guerras,este tipo de sindicalismo existiu apenas em um pais:a URSS.Era,portanto, um fenômeno especialmente nacional.a partir dos anos 1949-54 , com a expansão do sistema de 'socialismo estatal' no Leste da Europa,pode-se falar,então,de um sindicalismo com modelo da URSS.

Um estudo comparativo do sindicalismo nos paises do leste Europeu,demonstra uma convergência forte nas formas de concepção e de organização do sindicalismo.na época, estes paises (polônia,Hungria,Thecoslovaquia,romênia,Alemanha oriental,Bulgária – dos quais excluímos a yugoslavia e a albânia,por suas especificidades) ,apresentavam um grau de desenvolvimento econômico e um nível de vida,como também, tradições culturais,sociais e políticas bem diferentes. Portanto,o 'sindicalismo de tipo sovietico' representou uma ruptura com a tradição sindical existente nestes paises.

Nos paises do 'socialismo estatal brucrocratico'*, o papel do sindicalismo no sistema político dependia não apenas de suas relações com o Partido comunistamas também com o Estado,devido a relação orgânica entre estas duas instituições.tentemos estabelecer uma periodização na vida deste tipo de sindicalismo.

1º Período = 1917 – 1928, origens
2º Período= pós 1929 ,época do Stalinismo
3º Periodro= pós 1949 ,expansão para o leste
4º Período= 1953-1970 ,crise e estabilização
5º Período= 1980-89 , derrocada

Vejamos as carateristicas principais de cada período.

1º período. 1917-1928

Surge com a'tomada de poder' pelos bolcheviques.Contudo, ocorre um periodo de transição,de cerca de 10 anos, até que se revelassem em sua totalidade,todos os seus elementos essenciais.tres são suas características principais;

1. o papel do sindicato na atividade econômica;
2. a relação subordinada com o PC , através das 'frações comunistas';
3. a concepção sindical de defesa dos inetresses dos trabalhadores e da manutenção da 'paz social' nas empresas.

Este longo período de transição foi caracterizado por acirrados debates entre vários grupos socialistas. Contradições entre :
- os 'comites de fabrica' x sindicatso;
- 'sovietes x sindicatos;

- PC x sindicatos.

O contexto era o da Guerra civil e,posteriormente,a Nova Política Econômica- NEP*.Existia,então,ampla liberdade de organização e de expressão no campo sindical.por exemplo, os Socialistas Revolucionários e os Mencheviques atuavam no meio sindical,mesmo tendo seus partidos na ilegalidade.No X Congresso do PCUS (1920),ocorreuo famoso debate sobre a questão sindical, opondo,de um lado Trotsky e Boukharin e, do outro, o grupo "Oposição Operária",tendo Lênin numa terceira posição.A grande questão era sobre a 'estatização dos sindicatos'.Foram realizados 8 congressos dos sindicatos,sendo que o último foi em 1928.

Este último congresso, discutiu o 1º Plano Qüinqüenal da URSs e, junto com a XVI Conferencia do PCUS (abril de 1919),inaugurou um novo período na historia do sindicalismo soviético.acabaram-se as controvérsias e os debates.Na relaçãp Partido x Sindicato,por exemplo,volrou a prevalecer a definição da VII Conferencia do PCUS (dezembro de 1918),que elaborou um Estatuto definindo os direitos das 'frações' com base na organização bolchevique anterior à Revolução de 1917. Onde lemos que :

"Onde 3 ou mais membros do PC pertençam a um sindicato, estão obrigados a formar uma célula ("fraktsya') que deve receber ordens do correspondente comitê regional ou local do PC fora do sindicato".

Este sistema regia toda a estrutura sindical, desde o comite de fabrica na base até os comitês centrais sindicais e o Conselho central dos sindicatos, na cúpula.

2º Período: pós 1929

A evolução do sindicalismo soviético , neste período, esteve relacionada as decisões no campo econômico.A adoção de um Plano Qüinqüenal (1928) ,centrado na industrialização acelarada, foi o elemento dominante.Desta forma,a preocupação econômica torna-se a principal tarefa dos sindicatos.assim:

- reforça-se a dependência em relação ao PC.Em sessão plenária do Conselho central dos sindicatos,em 1938,estipula-se que os estatutos sindicais devem expressar o seguinte lema " cada sindicato trabalha sob a direção do PC".

- a mudança principal ocorre no que diz respeito à defesa do trabalhador, entendida desde então,como controle da aplicação dos dispositivos de lei;

Entre 1928 e 1944 , o numero dos assalariados empregados na economia soviética passou de 11,4 milhões para 33,9 milhões.Esta tendência estava relacionada a urbanização. Ao final do primeiro Plano de 5 anos,a população recenseada foi de 22,9 milhões, quando o Plano previa apenas 15,8 milhões.ocorreu um aumento muito rápido do nuemro de funcionários, de empregados e de técnicos.Enfim, uma forte 'burocratização'.

Com o fim da NEP, ocorreu uma centralização de poderes nas mãos dos dirigentes dos aparatos econômicos e do aparato do Estado,em relação aos trabalhadores. Durante a NEP, os sindicatos ainda tinham uma certa autonomia, em relação ao aparato econocimo.Intervinham na política do emprego-desemprego. A partir dos anos 30, a mudança é total.No inicio de 1930,o Conselho central sindiacl reformulou as regras da legislação social;em 1932,o Governo reintroduziu o 'passaporte interno';todo trabalhador inha que entregar seu 'passaporte' a empresa.Na legislação social,o montante de alocações sobre doenças e outras vantagens,dependia da duração de cada operário na empresa.estabelecia-se,assim,um controle sobre as condições em que cada trabalhador tinha deixado seu trabalho anterior.outra medida foi tomada em 1938,a introdução generalizada a todos os assalariados da carteira de trabalho.Um outro decreto impõe ao trabalhador que deseja deixar seu emprego, um aviso prévio de um mês,quando antes era de apenas uma semana.Foi reintroduzida a semana de 7 dias e a jornada de 8 horas,em um decreto de 1940.A partir de 1929,prevalecia a semana de 5 dias (4 de trabalho e 1 de repouso) ou de 6 dias.A legislação do trabalho tornou-se uma legislação penal.O abandono do emprego podia ser sancionado pelo 'trabalho corretivo' efetuado na empresa e, a sua duração era considerada como uma interrupção do emprego,eliminando os direitos do trabalhador a segurança social.

As 'comissões de conflitos trabalhistas' desapareceram nos anos 30.tinham sido criadas em 1918,paritarias e reconhecidas pelo Código so Trabalho em 1922,fixavam as normas de produção,os postos e outros elementos das condições de trabalho; tinham competência para resolver os problemas resultantes das convenções coletivas.
Com o principio 'direção única' desapareceram todas as estas fuçnções. Como dizia kaganovitch,em 1934: " Na fabrica...o diretor é o único soberano.Todo mundo é seu subordinado...Tudo deve estar subordinado ao diretor.A terraq deve tremer quando o diretor circula na fabrica".É o 'despotismo de fabrica', como dizia Marx.

Também é deste período,o movimento 'STAKANOVISTA".A 'emulação socialista' foi definida em inicio de 1929,na XVI Conferencia do PCUS.terminou convertendo-se numa concorrência individual entre trabalhadores por maior

produção e melhores salários.No inicio da década de 30, a principal forma de emulação foi o ‘trabalho de choque’.A partir de 1935, o Stakanovismo tronou-se dominante.

Na década de 30,ocorreu também um ‘expurgo’ nos sindicatos,conduzido pela comissão central de controle do PC, à pedido do conselho central sindical.A Resolução do XVI Congresso dos Sindicatos (1930) definiu as tarefas do Sindicato face à produção; a participação dos sindicatos é reduzida a um meio pra aumentar a produção,através das ‘brigadas de trabalhadores de choque”(oudarnik).
No inicio de 30, Conselho Superior da Economia Nacional (VSNKH),decidiu pela subdivisão dos sindicatos,no que foi aprovado pelo Conselho central dos sindicatos.com esta medida,as federações passaram de 22 para 44, sem que sejam consultadas.O Presidium do Conselho central dos sindicatos foi posto sob controle direto do biro do PC.ocorreu uma concentração financeira,em que todos os fundos sindicais ficaram em mãos do Conselho central dos sindicatos.
Ainda nos anos 30, ocorreu um processo de renovação dos quadros operários.o numero de operários da grande industria passou de 3,8 milhões em 1932, para cerca de 8 milhões no inicio do 3º Plano.Neste período,cerca de 1 milhão de trabalhadores deixou o quadro de operários para vir-a-ser técnicos da produção e da administração do PC.Estima-se que a grande maioria dos operários no fianl dos anos 30, é formada por trabalhadores sem nenhuma experiência nem de organização sindical, nem de lutas coletivas.Desta forma, os trabalhadores recorreram a formas ‘passivas’ de resistência:abstencionismo, mudança freqüente de empresa, oposição silenciosa ao aumento de produtividade, etc. Formas de luta que, ao invés de unificar os trabalhadores, os dividiam.

Em relação ao próprio PC, em 1939 os operários constituíam apenas 30% dos efetivos; um total de 700.000 , um recuo de 50% em relação a 1932.A percentagem de membros operários do PC representava um total de 5 a 6 % dos efetivos operários trabalhando nas fabricas e na construção.

As primeiras crises.

A primeira crise sindical data de 1935, quando surgem artigos críticos na imprensa sindical.Assim;
- ‘os sindicatos atravessam uma crise...muitos sindicalistas expressam o descontentamento que lhes inspira a atividade dos sindicatos e, se perguntam qual é a utilidade e em que eles –os sindicatos- podem servir ao Estado proletário e as massas operarias” (TRUD, 11.1935)
-“ Os sindicatos deixaram de se ocupar da proteção e da segurança dos trabalhadores...a atividade sindical entre as massas está em decomposição “(TRUD, 19370.
- “ Em todas as organizações sindicais,dos conselhos centrais aos delegados de fabrica,as nomeações por via autoritária e por cooptação,sem eleições,tornou-se regra...o conselho central não faz absolutamente nada para eliminar estas praticas inadmissiveis’ (TRUD, 1937).

No inicio de 1935, o descontentamento dos trabalhadores em relação aos sindicatos tornou-se evidente.o Comitê Central do PC,,formou um comitê presidido por Kaganovitch para reorganizar as atividades sindicais.A primeira decisão foi a de suspender as eleições sindicais.Foi iniciada uma caça a ‘bodes expiatorios’ no meio sindical,seguida de uma onda de ‘auto-criticas’.entretanto,em 1936,os problemas sindicais passaram para segundo plano. O PC se preocupava dos chamados “grandes processos’ * de Moscow.
De qualquer forma, a gravidade da crise sindical foi tal que, o X congresso dos sindicatos foi ocorrer apenas em 1949, isto é, 17 anos após o de 1932.As crises da década de 30 não trouxeram grandes mudanças na vida sindical.Afinal, não tinham como suporte movimentos de “resistência ativa’ dos trabalhadores.

3º período: expansão para o Leste

Após um intervalo de 17 anos, foi realizado em 1949 o X Congresso dos sindicatos. Alguns dados sobre a composição dos delegados:
- cerca de 435 eram funcionários da burocracia sindical; 855 dos delegados apresentavam condecorações do Governo,característica fundamental da ‘nomenclatura sindical’; 72% eram membros do PC.

Foi,portanto, com estas características e neste quadro geral, o sindicalismo de tipo soviético se expandiu para o leste da Europa. Em cada pais, teve um processo complexo e singular.vejamos as 3 fases deste Período;

1ª) fase de transição, 1945-1948

Caracteriza-se pela aplicação parcial do sindicalismo soviético.Seus elementos caractristicos são:

a) do ponto de vista da estrutura sindical,

Em nível nacional, estabelecimento de uma organização sindical única.Em nível de empresa,o monopólio sindical se efetua pela existência de uma só seção sindical, significando,portanto,abolição do pluralismo existente,e a supressão da organização por oficio,em favor do agrupamento por industria.

b) na concepção sindical,

o sindicato é impulsionado a participar da 'reconstrução economica', e apoiar a produção.implica renunciar a tod política de reivindicação. Assim,por exemplos:

- "edificar os sindicatos segundo o lema; uma empresa-uma organização sindical" (Thecoslovaquia, 1945);
-"edificar a estrutura sindical segundo a linha vertical, isto é, de acordo com os ramos industriais e segundo o lema: em uma empresa funciona um só sindicato" (Polônia,1945);
- "As organizações sindicais devem mudar radicalmente suas atitudes frente ao Estado...Nas novas condições os sindicatos apóiam o Estado e o Governo" (Polônia,1944-45);
- "Os novos sindicatos ...terão novas tarefas para cumprir em relação ao Estado e a economia"(Alemanha,1945).

Vale salientar que,desde 1948,ocorreram mudanças na estrutura sindical soviética. Formaram-se os 'conselhos' de província,município,a nível dos sindicatos.Até este ano,os sindicatos estavam organizados apenas em forma vertical.

Entretanto, se estas mudanças do pós-Guerra aproximavam os sindicatos do Leste ao modelo da URSS, não representava uma adoção integral deste modelo.Neste período ainda existia um certo pluralismo nas "Democracias Populares', que tornava dificil uma aplicação total do sindicalismo soviético.

Vejamos o exemplo concreto da evolução de um pais do Leste europeu,do poonto de vista sindical,no pós-Guerra.Trata-se da Alemanha.

Trata-se de um pais com rica tradição sindical antes da segunda Guerra mundial.Com a libertação pelos aliados, a vida sindical logo se constituiu.Surgem os primeiros elementos da autogestão operaria e,sobretudo,os 'conselhos de empresa' ("Betriebsrat" , principalmente nas grandes empresas do que viria a ser a zona soviética (Prússia, Saxe,Thuringe,etc),e mais tarde a RDA*.

Estes "conselhos' puseram em ação varias fabricas e,com a chegada dos soviéticos em maio de 1945,surge um tipo de "duplo poder" :

- de um lado, os Conselhos e ,
- de outro, o comando militar.

Após uma evolução complexa de 3 anos,estes Conselhos foram reduzidos à órgãos de cogestão ou incorporados pelos sidnicatos.Assim, foram dissolvidos pela Conferencia sindical de Bitterfeld,em novembro de 1948.

A administração militar soviética,ainda em 1948,autoriza por decreto a formação de sindicatos livres.forma-se um comitê provisório,a partir de uma reunião de cúpula de 600 sindicalistas,que tem por função organizar o primeiro Congresso da Confederação Alemã Livre dos Sindicatos (FDGB), que tinha sido fundada em 13 de junho de 1945,na base de sindicato único.

Em fevereiro de 1946, no Congresso, 1.5000.000 trabalhadores são representados. Entre a primeira liderança da FDGB encontramos comunistas, socialistas,cristãos,agrupando todas as correntes sindicais do período anterior ao Nazismo.

O PC teve influencia enorme na concepção sindical que dominou: apoio as autoridades para a reconstrução de uma economia de paz; medidas socialistas pró trabalhadores. No setor nacionalizado, prevaleceu a concepção de "aumento da produção' e, no setor privado, o sindicato adotou postura de combate ,organização reivindicativa. Desta forma, os conselhos de empresa neste setor, só desapareceram em 1951.Desta forma, entre 1946 e 1948, houve uma resistência das organizações sindicais.

A reorganização dos sindicatos ao tipo soviético ocorre a partir de 1949 até 1952. Na preparação dos estatutos,1948-1949,as organizações sindicais de base se opõem ao PC. Em Berlim,foi criada uma organização de oposição (UGO),que abandona a FDGB para se aliar a DGB do oeste alemão.Neste período, ocorre o expurgo dos dirigentes sindicais cristãos (dezembro de 1947). Em 1949, implanta-se a planificação econômica,exigindo normas de trabalho.assim, os sindicatos vão sendo esvaziados em seus direitos de cogestão.Ao mesmo tempo, a estrutura sindical se centraliza,à semelhança do PC. Os conselhos operários de empresa são substituídos pelas dirações sindicais de empresa.Sob a inspiração do PC, os sindicatos lançam o movimento dos 'ativistas',imitações do

stakanovismo, seguido pelas "Conferencias de produção", base da emulação socialista.Estes 'ativistas' era 100.000, em 1949 e, 150.000, em 1951.

O 3º Congresso dos sindicatos (em Berlim), votou os novos estatutos,em que se afirma o papel dirigente do PC. Após a intridução,em 1949-50, dos métodos de trabalho e da estruturação das empresas, segundo o modelo da URSS,a nova FDGB reeorganizada na Conferencia sindical de Chemnitz (1951), se inspira no exemplo dos sindicatos soviéticos ('profsoyouzi).

2ª Fase: aplicação integral

esta fase vai de 1949-52.Como fase de transição, é bastante curta.Já em 1953,se instala a crise ,assinalando um novo período na historia do sindicalismo soviético: houve uma revolta dos trabalhadores na Alemnha do leste.Continuemos seguindo a evolução do sindicalismo na Alemanha oriental:

Em 5 de maio, proposição do Comitê Central do PC e da direção dos sindicatos,o conselho de Ministros,em honra ao 135 aniversario do nascimento de Marx,oedenou um aumento das normas de trabalho.Outra aumentação das normas foi decidida em 28 maio 1953 pelo Governo.Foi a 'gota de água'; ocorreram greves e sublevações de trabalhadores em Berlim e outros centros industriais da RDA.

A conseqüência imediata da revolta foi uma abertura em relação aos sindicatos.Os comitês de greve permaneceram clandestinos e ganharam muitas direções sindicais nas eleições da segunda metade de 1953. Contudo, em nível do PC, vários dirigentes 'liberais' foram expulsos.A tendência de 'linha dura' tomou as rédeas: assume Walter Ulbricht, retomando a política de subordinação dos sindicatos ao PC.O ano de 53,após a revolta dos trabalhadores,será marcado pela dominação completa do PC sobre os sindicatos alemães.

4º Período: crise/estabilização (1953-1970)

Em 1956 , no contexto de fatos fundamentais,como, a morte de STALIN em 1953, o XX Congresso do PCUS, em 1956,duas crises sindicais profundas abalaram as estruturas do Leste:
-a revolta na Polônia
-a revolução na Hungria
Entretanto,como vimos antes,já em 1953 tinha ocorrido a revolta dos trabalhadores na Alemanha do leste,que foi reprimida e não chegou a propor uma mudança de estrutura e concepção sindicais.

Na verdade,nesta época o que ocorreu na Polônia e na Hungria,foram verdadeira revoluções; na Hungria, por exemplo, os trabalhadores em greve fundaram os comitês de fundação da federação nacional dos Sindictaos Livres,substituindo o velho Conselho central dos sindicatos.
Outro momento importante da crise sindical ocorreu na Thecoslovaquia,em 1968-69.após 10 anos de estabilidade relativa (1956-1968),eclodiu a crise conhecida como a "Primavera de Praga".

Junto com as duas crises anteriores,na Polônia e na Hungria,a crise Theca apresentou características permanentes na critica pratica ao sindicalismo soviético.tanto no seu desenvolvimento (formas de luta e de organização) quanto no conteúdo dos novos programas sindicais.Como na Polônia e na Hungria,12 anos antes, o acento foi posto na obrigação dos sindicatos defenderem os trabalhadores e, na independência em relação ao PC, além das mudanças em nível de estrutura.nos três casos, o questionamento dos sindicatos oficiais passou pela vontade política de modificar o sistema de gestão das empresas.deste modo, surgiu a idéia dos " Conselhos de Trabalhadores",fundamental nas três experiências.estas razões foram de duas ordens:

1. estabelecer uma gestão democrática nas empresas;
2. melhorar a performance das empresas ,em geral deficientes,devido a burocracia estatal.

Nestes momentos de crise sindical, a classe operaria se colocou fora e além da estrutura sindical oficial. Varias tentativas foram feitas no Leste.Podemos caracteriza-las pela amplitude e pelas conseqüências.Assim,surgem 3 tipos:

1. oposição sem efeitos (exemplos: Alemanha 1953, thecoslovaquia 1953, URSS 1962/78,Romênia 1977,polônia 1970); da parte do grupo dominante,impera a repressão.
2. integração parcial (cooptação)
3. abolição da estrutura sindical vigente e das concepções sindicais oficiais.

Exemplo do segundo tipo: polônia 1956-57. Fundação.pelo Governo de Gomulka,das Conferencias de Autonomia Operaria,cooptando os "Conselhos Operários" surgidos durante as greves.

Exemplo do terceiro tipo: a federação Nacional dos Sindicatos Livres,na Hungria em 1956.mudança radical da estrutura sindical e fim da burocracia.Autogestão a partir dos "Comites de Trabalhadores".

A lógica da 'normalização-reestabelecimento'.

As crises de 53 e 56 induziram a mudanças no sindicalismo de tipo soviético.Contudo,em 57-58 já ocorria um retorno à situação anterior.Em geral, não ocorreram rupturas com os princípios essenciais deste tipo de sindicalismo.

5ª etapa : crise terminal (Solidarnosc,1980-89)

A polônia representou o 'elo fraco' da corrente do chamado 'socialismo real'.Do ponto de vista das lutas operarias,um ciclo permanente caracterizou este pais: 1956, 1970, 1977, 1980, 1988-1989.

Solidarnos rompeu a lógica de ferro do sindicalismo de tipo soviético; tornou-se a primeira organização sindical independente reconhecida pelo sistema.Assinalou um 'ponto de não retorno' na crise do 'socialismo real' e,especialmente, no campo do sindicalismo.
Podemos assinalar 3 etapas na vida do Solidarnosc:
1ª. A partir das greves no Báltico,que levaram a sua fundação em agosto de 1980.Esta fase se encerrou com a decretação do "Estado de Guerra",em dezembro de 1981.
2ª. Durante a resistencia clandestina,até as greves de 1988,que levaram a sua relegalização ,em 1989.
3ª. De sua reorganização até sua ascensão ao Governo,após as eleições de junho 1989.

A retomada do Solidarnosc foi um elemento importante,dentro do novo contexto da política soviética da Perestroyka eda Glasnost,na crise geral ocorrida no Leste em 1989,que levou a derrocada do conjunto do sistema.

6ª Etapa: construção do sindicalismo independente (1990...)

Muitos dos aspectos que estão sendo retomados pelo novo sindicalismo no Leste e na URSS,estavam presentes na historia das revoltas-revoluções dos trabalhadores contra a burocracia estatal.Assim,vejamos alguns aspectos:

Em nível de estrutura,os Conselhos de Trabalhadores exigiam autonomia em relação aos escalões superiores dos sindicatos. Reclamavam a primazia da representação dos assalariados pelas federações (uniões estaduais por ramo) Em detrimento dos órgãos intersindicais (conselhos centrais sindicais e conselhos sindicais regionais).o motivo: em nivel das Federações podiam resolver as questões relativas às condições de trabalho.

Tentemos comparar os princípios sindicais do sindicalismo soviético e os dos programas sindicais surgidos nas crises,tentando instaurar um sindicalismo alternativo independente.

Sindicalismo soviético	programa alternativo
Princípios básicos:	
1.papel dirigente do PC	1.independencia sindical
2.sustentação ao plano de produção	2.defesa do interesse dos trabalhadores
3.emulação socialista,disciplina do trabalho	3.abandono das tarefas de produção; melhorar condições de trabalho.
4.dependencia em relação ao Estado	4. independência em relação aos órgãos economicos estatais.
5.condenação da greve	5.direito de greve.

Princípios de organização

6.centralismo na organização e poder de decisão exclusivo ao Conselho central dos sindicatos	6. autonomia dos órgãos de base e prioridade as federações
7.sindicalismo de enquadramento idologico	7.sindicalismo representativo

Em fim,assinalemos dois traços que foram características fundamentais do 'sindicalismo de tipo sovietico':

1) Persistência forte: os princípios e objetivos essenciais deste sindicalismo permaneceram quase imutáveis até 1989,excetuando o caso da Polônia.

2) Uma instabilidade profunda; greves e crises sindicais ocorreram após a 2ª Guerra,excetuando apenas dois paises: Romênia e Bulgária.

- A greve de Osasco-SP em 1968 e as Oposições Sindicais

Nesta parte, vamos nos utilizar de alguns documentos produzidos pelos atores diretos da greve.

Assim, um ensaio intitulado "Greve illegale; organisation clandestine",assinado por José Ibrahim, Manoel Dias do Nascimento e Roque Aparecido da Silva. Escrito no exílio,em outubro 1972.

Um segundo documento, "Osasco:as lições de uma Greve", escrito por Jose Ibrahim e José Barreto.É um balanço da greve,escrito no ano mesmo do movimento,1968.Este documento vai no nosso Anexo. O livro de Ibrahim, "O que são Comissões de Fabrica".

Por fim,utilizaremos elementos de outros dois ensaios: o de F.Weffort,dos Cadernos CEBRAP,publicado em 1972 e, uma entrevista de Regis Castro Andrade,de 1998,da Revista "Tempo Social".

"O Tiête não é o Sena"

F.Weffort caracteriza as cidades de Osasco-SP e Contagem-MG:

" Apesar de suas características de alta concentração industrial,Contagem e Osasco não se ajustam às condições típicas das "comunidades industriais isoladas",Comunidades desteb tipo encontram-se geralmente à volta das minas (por exemplo, Nova Lima) ou de grandes siderurgicas (p.ex,Volta redonda, Usiminas,etc),combinando uma alta concentração espacial das industrias a um grende isolamento dosmoperarios em face das demais classes. Esta combinação de concentração e isolamento pode levar à formação de um sentimento comunitário que, por favorecer o despertar da solidariedade de classe (ou ainda por sobrepor-se a ela e reforça-la) constitui em geral, um fator excepcionalmente favoravel à eclosão do movimento operário em greves,protestos,etc.

Contagem e Osasco apresentam condições de alta concentração industrial,mas faltam-lhes as características de isolamento ecológico e social.De fato, são dois casos típicos de áreas industriais metropolitanas e,até há pouco tempo,foram bairros periféricos de belo Horizonte e São Paulo.Osasco só conquistou sua autonomia municipal em 1962 e Contagem,embora mais antigo como município,só assumiu sua conformação atual depois de 1963 com a incorporação da "Cidade Industrial",até então um bairro de belo Horizonte".

Vejamos alguns dados de Weffort:

Contagem tinha,em 1960,uma população de 28.065 habitantes,dos quais a grande maioria (21.645) concentrada na "Cidade industrial" e os demais repartidos entre a sede do município (3.708) e a zona rural(2.850). Em 1968,a população era de 33.000. A partir de 1955, se estabelecem na região uma Usina Hidroelétrica e varias empresas como a Mannesman, belgo-Mineira, Mafersa,RCA Victor,etc.O numero de operários da "Cidade Industrial" passa de 2.850 em 1952 para 5.731 em 1960 e, atinge 16.610 em 1966.Estima-se que em 1968 houvesse mais de 18.000 operarios trabalhando na "Cidade Industrial",dos quais 63% reside na própria "Cidsade Industrial".

Osasco é também um município predominantemente urbano e industrial.Contudo, enquanto contagem e um dos poucos pontos de forte concentração industrial da região metropolitana de belo Horizonte, Osasco é aoenas um

exemplo das varias áreas industriais da região metropolitana de SP.isto faz de Osasco um município que cumpre as funções de 'cidade industrial' ao lado das funções de 'cidade dormitorio' para uma grande massa de operários que trabalha em SP ou em outros municípios vizinhos.
Pesquisa de 1966,aponta para Osasco uma população empregada de 62.000 pessoas,das quais 49.000 vinculadas às atividades industriais,mas com apenas 15.500 trabalhando nas industrias locais. A população industrial de Osasco,como a de Contagem,está altamente concentrada.No centro da cidade e as duas zonas industriais ao Norte e a sudeste,concentram quase 80% do total dos que trabalham nas industrias.Esta área de alta concentraçã industrial é também um importante setor de residência operaria.Dos que ai residem (11.450), 58% trabalham na região, 18% trabalham em outros bairros de Osasco e 24% em SP.
As fabricas Cobrasma,Braseixos Rockwell e brow-Boveri estão entre as 5 primeiras maiores de Osasco.

Portanto, Osasco é uma cidade industrial da periferia de SP.Contava em 1968 com cerca de 350 mil habitantes.As principais fabricas eram COBRASMA, Brow Boveri, Braseixo,Ford,Chaleroi,Lona-Flex,Osram e Cimaf. O Sindicato dos Metalúrgicos ,até o golpe de 64,tinha hegemonia do PCB,que se estendia ao movimento operário local em seu conjunto.
O trabalho de base nas fabricas vinha de antes de 68.Assim, militantes críticos da linha sindical do PCB na Braseixos tinham uma organização clandestina na empresa, onde ensaiavam novos métodos de luta.

A Cobrasma foi o palco central das lutas de 68, onde 3 organizações se articulavam nas lutas: a Comissão de fabrica, o Sindicato e o Comitê Clandestino.
A CF,inicalmente semi-legal,com 10 militantes, tinha sido fundada em 1962 pela FNT *, organização de orientação cristã. Alguns operários fundam o CC ,com base na experiência da Braseixos. Este Comitê Clandestino era independente do PCB,do Sindicato e mesmo da CF,com a qual mantinha contatos..
Em meados de 64,a morte de um operário em acidente de trabalho permitiu que a CF e o CC paralizassem a Cobrasma por 5 minutos.A partir deste momento, a CF é reconhecida.As primeiras eleições para a representação dos trabalhadores na empresa foi em agosto de 65.A fabrica foi dividida em 19 setores e cada setor indicava um representante efetivo e um suplente.Para o CC,que não iria se dissolver na CF legalizada, era importante a eleição do líder José Ibrahim como seu porta-voz na CF.Ibrahim foi eleito por maioria esmagadora para o cargo de 2º secretario.O presidente era da FNT.Varias sub-comissões foram se formando nos diversos setores.
Diversas mobilizações internas e uma 'operação tartaruga" na empresa serviu para educar os trabalhadores para lutas mais duras. Em agosto 66,nas novas eleições, a CF se renovouO CC sai reforçado em relação a FNT. Ibrahim assume a presidência e Roque Aparecido a 1ª secretaria.

Antes das primeiras eleições para Cf, os interventores no Sindicato chamaram eleições.Contudo,não foi apresentada chapa de oposição.A FNT entrou na composição da chapa única oficial,mas sem força para influir na diretoria.A OS não só critica o pleguismo mas,sobretudo,se opunha a estrutura sindical vertical e corporativa. A OS dos metalúrgicos de Osasco estava composta pelo militantes do CC, da FNT e alguns operários que começavam a romper com o PCB.
A força da OS crece a medida que aglutina operários de outras fabricas. A partir do final de 65,em todos os eventos sindicais a nível nacional, a OS se faz presente através de operários eleitos em assembléias.
A luta contra a direção sindical pelega se dava através das lutas concretas dentro das fabricas. Por exemplo,a mobilização que ocorreu no setor 'Montagem de vagões" da Cobrasma , com uma greve.Os patrões demitiram todos os envolvidos; houve uma assembléia geral com participação de todos os trabalhadores da Cobrasma e também de outras fabricas.Os diretores do Sindicato receberam fortes criticas, abandonaram a assembléia que passou as mãos da CF.Os patrões recuaram das demissões e concederam o aumento reivindicado.

Dois fatos novos viriam ajudar na luta. Os trabalhadores decidiram apoai um candidato operário e um estudante nas eleições para prefeito e vereador pelo MDB. Eleito o prefeito criou o cargo de assessor sindical e assessor estudantil no seu gabinete,indicados pelo Sindicato e pelo CEO (entidade estudantil municipal).Estes assessores desenvolveram um trabalho político na cidade baseado na criação de "Associação de mOradores" em todos os bairros.

6 meses antes das eleições sindicais,começou o trabalho de agitação e organização. As discussões do CC com a FNT e o PCB para composição da chapa de oposição, encontrou entraves na relação com o PCB,que considerava o programa da oposição como 'aventureirista". A composição da chapa ficou restrita a FNT,aos Independentes e ao grupo de esquerda do CC. O Programa da OS foi discutido em todas as fabricas,o que já significava a formação de futuros Comitês de Empresa:

1) luta contra o arrocho salarial

2) luta contra a Lei anti-greve
3) luta contra o FGTS
4) organização pela base em Comitês de empresa
5) pelas liberdades sindicais
6) contrato coletivo de trabalho
7) campanha permanente de sindicalização

Como parte da campanha foram organizados Comitês de Apoio a "chapa verde" (em oposição a 'chapa azul' dos pelegos) em todas as fabricas; cada trabalhador voluntariamente dedicava um dia de trabalho para o trabalho da campamha nas portas de fabrica e na sindicalização. Os estudantess ecundaristas de Osasco tiveram grande participação na campanha.O Presidente do CEO era José Campos Barreto,que era também operário como muitos estudantes. Barreto era do grupo de esquerda na Cobrasma.

No final da campanha, foi organizado um 'dia de estudo' para aprofundar o programa da OS.Participaram delegados das oposições dos bancários, metalúrgicos,Construção Civil e Químicos.

A 'chapa verde' obteve 80% dos votos.Alem da Cobrasma, a maioria dos votos da OS vieram das grandes empresas.portanto,pela primeira vez uma chapa de OS vencia uma eleição.Em julho de 1967, a nova direção tomou posse. O Presidente José Ibrahim, era membro do grupo de esquerda,que tem o CC na Cobrasma e núcleos clandestinos em outras fabricas como Brow-Boveri, Lona-Flex, Braseixos,etc.

Nova etapa das lutas nas fabricas

Assembléias de fabrica foram realizadas para ampliar a organização dos comitês.Nas assembléias eram analizadas as condições de cada fabrica e as formas de luta necessárias. Na Lona-Flex se desenvolveu uma grande mobilização por aumento slarial e pagamento da insalubridade. Nesta fabrica o Comitê era dirigido por Manoel Dias do nascimento ("Paiva").Uma CF foi reconhecida,na qual participavam alguns do CC.

Em 17 novembro de cada ano se dava a data do dissídio salarial dos metalúrgicos de Osasco,SP,e Guarlhos.Os metalúrgicos de Osasco,em assembléia,decidiram não requerer o dissídio como protesto pela política de arrocho salarial. Pela primeira vez,após 64,um Sindicato adotava esta postura. Decide-se por uma greve no dia do Dissídio.

Desde inicio de 1966,a CNTI* organizava uma campanha de coleta de assinaturas nas fabricas para propor modificações na lei salarial.Deveria culminar em um ato publico,com a presença do Ministro do Trabalho,que receberia,então,a lista de assinaturas.Quando do ato publico,no Rio,o Ministro não compareceu.

A maioria dos sindicatos paulistas,em uma reunião para discutir novas formas de luta contra a política salarial, fundou o MIA*. Decidiu-se a organização de atos inter-sindicais que culminaria com um ato em praça publica.

O MIA programou 5 concentrações nos Sindicatos Metalúrgicos, até o 1º de Maio 1967:

1ª= começo de novembro, no sindicato dos metalúrgicos de SP;
2ª= fins de novembro, sindicato dos metalúrgicos de Santo André;
3ª= meados dezembro, em Osasco;
4º= em janeiro, em Campinas
5ª= em fevereiro, em Guarulhos.

O MIA decidiu que nestas concentrações só poderiam falar os dirigentes sindicais, não podendo falar nem operários de base nem estudantes. o que manteria a hegemonia dos pelegos. Contudo, já no primeiro ato, além da fala de Ibrahim, um operário de base também falou durante 10 minutos, e os estudantes tomaram o microfone e falaram.

No ato em Osasco, alem de Ibrahim,falaram representantes de todas as OS,um representante dos Sindicatos Rurais e um estudante.Os pelegos se negaram a falar.O deputado do MDB, David Lerer quis falar mas a mesa não permitiu.Aassembleia deciiu que o deputado falaria,o que ocorreu. Ibrahim propôs que o 1º de Maio fosse realizado na Praça da Sé,na capital paulista.

O Ministrio do trabalho denunciou que a Assembléia de Osasco teve caracter "marcadamente subversivo" e que o principal responsável era o Presidente do Sindicato,José Ibrahim. O MT chamou a diretoria e apresentou as segiuintes opções:

- destituição do presidente pela diretoria
- destituição do presidente pelo Ministério
- intervenção geral no sindicato

A classe foi mobilizada;os dirigentes do MIA,por motio de auto-preservação,apoiaram os metalúrgicos de Osasco.O MT se limitou a uma advertência \o presidente dos metalúrgicos.

A próxima manifestação,em Campinas,girou em torno do "caso Osasco";de Osasco foram 6 onibus lotados por operários. Após a concentração de Guarulhos, a ultima prevista e que não chegou ao final devido as divergências, o MIA se dissolveu. Ficou um comitê para preparar o 1º de Maio.

Greve em Contagem –MG

Em Belo Horizonte, o sindicato dos metalúrgicos desenvolvia trabalho semelhante a Osasco.Nas eleições de 67,elegeram um direção de esquerda. Mas, 8 dos 23 da direção foram impedidos de assumir: a policia tinha suas fichas. Contudo, alguns militantes de esquerda não fichados puderam continuar na direção. Foi realizada uma ação de organização de comitês clandestinos.

Em abril de 68, ocorre a 1ª grande greve após 64,com novos métodos de luta: paralização pela ação do Comitê de empresa clandestino e ocupação da fabrica. A greve começou com a ocupação da belgo-Mineira pelos operários que a ocuparam por 3 dias. A greve se estendeu a toda cidade industrial de Contagem. Com a desocupação da belgo, os trabalhadores se concentraram no Sindicato. O Ministro do trabalho.coronel Jarbas passarinho foi ao Sindicato para begociações.Após uma semna de greve,os metalúrgicos conquistaram 10% de aumento salarial após o 1º de Maio,para todos os operários do pais.

Em SP e sobretudo Osasco, a reprercussaõ desta greve foi enorme: mostrou que era possível lutar contra o arrocho,tendo organização de base.

Esta greve em MG, vinha coincidir com a preparação do 1º de maio.

O 1º de Maio em SP

O MIA tirou uma comissão para conversar com o Governador paulista Abreu Sodré. Este decidiu particpar do ato na praça da Sé. Os trabalhadores de Osasco defenderam a participação no ato e, derrotaram outras propostas de ato paralelo. A proposta era de expulsar os pelegos,tomar o palanque e realizar um ato verdadeiramente dos operários.

No nível do movimento operário a preparação revelou um alto grau de auto-defesa: foram organizados em grupos e armados com barra de ferro uns 250 operarios.Na Praça da Sé, os grupos ficaram divididos em 11 ruas que davam acesso a praça. Noutras ruas, ficaram operários armados de molotovs para impedir a chegada da repressão. Perto do palanque,outros grupos para realizar a sua tomada.Entre a massa,vários grupos para agitação.

Varias organizações de esquerda estiveram no ato: como VPR, ALN ,e estudantes. Dorival Ferreira, dirigente da OS da Construção Civil,foi responsável pelas barras de ferro.No ABC, os trabalhadores forçaram os pelegos a por vários ônibus para leva-los à Sé. Assim, alem dos grupos organizados, mais 7.000 trabalhadores foram ao ato.

No ato os operários bradavam as palavras-de-ordem: " Minas é nosso exemplo";"Fora pelegos,patrões e ditadura";" greve contra o arrocho";"só o povo armado derruba a ditadura";"Operário sim, pelego não".

Após impedirem a fala do governador e lhe jogarem ovos e tomates, e mesmo uma pedrada na testa, (Abreu sodré e os pelegos se refugiaram na Catedral)os trabalhadores tomaram o palanque ,usaram da palavra , atearam fogo no palanque e, saíram em passeata na direção da Praça da Republica.

Na Praça da republica falaram vários trabalhadores e, José Campos Barreto fechou a manifestação: falou da experiência do Vietnam e que o caminho era o da luta armada.Pela primeira vez se colocava ,abertamente, para os trabalhadores esta perspectiva.

As greves em Osasco

A vitória em MG e no 1º de Maio paulista cria um clima de muita agitação nas fabricas de Osasco. Assembléias são realizadas nas fabricas, levantando as reivindicações; organizando comitês e comissões. Neste clima, em junho 68 ocorre a greve na Barreto Keller. Os operários abandonaram a fabrica e foram ao Sindicato.Após 6 dias de greve ,os patrões propuseram aumento de 15%,aceito pelos trabalhadores.

Esta greve localizada teve grande repercussão nas outras fabricas, mais que a greve de MG,pois se passava próxima dos trabalhadores.As OS decidiram que uma greve em Osasco deveria ser na época do dissídio,em novembro,em que toda a categoria estaria mobilizada em SP e Guarulhos. Todavia, as bases pressionavam pela greve;o grupo de esquerda assumiu a preparação da greve. Em junho, as discussões com o Sindicato e os comitês decidiram a greve para julho.

Nos dias antes da greve, a massa pressionava através de agitações nas fabricas: havia comitês na Cobrasma, LonaFlex,Barreto Keller,Brow Boveri,Braseixos e um núcleo de comitê na Granada. Foi formado,a partir das bases, um "Comando Geral de Greve"(CGG),que decidiu pela ocupação da Cobrasma no primeiro dia da greve.

A Cobrasma tinha uma organização interna de um comitê de greve e da fabrica, e comitês por seção.A ocupação da fabrica apresentava oss eguintes problemas:

1- ocupação dos portões e domínio da guarda;
2- controle da comunicação (PB-X,telefones) e da central de eletricidade;
3- controle dos patrões e dos chefes em geral que permaneciam como reféns;
4- sistema de segurança para controlar todas as entradas e saídas para evitar a entrada de provocadores da policia,etc;
5- grupos encarregados de discutir com a massa questões como o sentido e o objetivo da greve, o caráter das ocupações,o papel da classe na revolução,etc,através de assembléias e grupos de discussões;
6- sistema de comunicações entre as fabricas ocupadas, o sindicato e o CGG.

No dia 17 julho, houve um toque extra de sirene da fabrica: era a senha para greve! Em 20 minutos se relaiza a primeira Assembléia geral,que decidiu pela ocupação por tempo indefinido. Grupos pararam outras fabricas e, em passeata,se dirigiram ao centro da cidade, num percurso de 3km ate o Sindicato dos metalúrgicos.

Quando O ministério do trabalho chegou ao Sindicato para negociar,foi avisado que teria que ir a Cobrasma para negociar diante de todos trabalhadores com o CGG.

À noite começou a repressão pela Força Publica, Cavalaria e carros de combate (brucutu e tatu),sob comando do exercito.A LonaFlex foi desocupada pela policia. A Cobrasma foi ocupada e 60 trabalhadores foram presos. Todos foram msoltos depois,exceto o dirigente Barreto que fiocu 98 dias na prisão,onde foi barbaramente torturado.

No segundo dia, apesar de Osasco se encontrar sitiada pelos militares,outras empresas entraram em greve: a Brow-Boveri e a Braseixos. Na tarde do dia 18, um interventor chegou no Sindicato para 'tomar posse'. Sendo impedido pelos operários,na manha do dia seguinte voltaria com a cavalaria e os carros de combate,o Sindicato foi invadido.Nesta situação,um padre tinha posto a Igreja Matriz de Osasco á disposição dos operários para a realização da assembléia.Mas,a Policia invadiu a Igreja e prendeu vários operários.

No sábado,dia 21,o CGG se reuniu e decidiu pela volta ao serviço,com a orientação de se reorganizar nas fabricas."

4.O GAOS

Após esta caracterização da conjuntura de longa duração ,através das experiências autogestionarias, retomemos a experiência da Oposição Sindical no exílio.

O registro do nascimento do GAOS pode ser encontrado em um documento assinado por Alfred Herve-Gruyer, pelo secreariado do internacional da oposição sindical, datado de 10 agosto 1979. Tem por destinatario, Denis Jacquot do departamento de relações internacionais da CFDT. O endereço do remetente assinala:

UNITE SYNDICALE BRESILIENNE
54 - 56 rue de Montreuil
75011 PARIS

'cher camarade

Un petit groupe d'exiles bresiliens resident a Paris s"est constitué DEPUIS DEUX ANS em "Groupe d"appui à l" Opositon Syndicale Brésilienne". Il a son siege a l'adresse indique ci-dessus et realise um certain nombre d'activites sous l'orientation de la coordination de l'opposition sindicale a l'exterieur."

A carta solicita a presença de alguém da CFDT para participar de uma reunião com os membros da O .S. brasileira, para lhes explicar a estratégia da Central francesa. Foi respondida afirmativamente por D.Jacquot, em 21 de agosto

Um Documento do "Departament International" da CFDT, de 14 março 1977, traz uma pequena nota de seu diretor, René SALANNE :

"Nota- este texto é redigido pelos representantes da oposição sindical brasileira com a qual a CFDT coopera há vários anos. Tem por destino fazer um quadro rápido sobre a situação atual do Brasil.
Além do mais, a oposição sindical brasileira divulga agora seu boletim destinado a informação no exterior. Nos lhe enviamos um numero desta nova formula.
Parece-nos importante de vos comunicar estas informações.O texto tem caráter interno; o boletim ao contrario pode ser obejeto de uma assinatura e de uma difusão mais ampla.
O Brasil é um pais chave. A oposição sindical, por sua orientação e seu desenvolvimento torna-se, em nossa estratégia, um elemento essencial de nossas relações internacionais".

No texto encontramos dados esclarecedores de algumas iniciativas, como a publicação do Boletim chamado "Unité Syndicale":

" O ano de 1976 foi caracterizado por nossa iniciativa de divulgar ao grande publico, fora do Brasil, a existência da O .S. e de suas principais teses. Daí a publicação de documentos como "Perspectives de l"opposition ouvriere au bresil' e tambem a brochura, editada pela CFDT 'le Bresil des travailleurs'.
" A O .S. tem reforçado seus contatos com diversas forças sindicais da Europa e da África do Norte, permanecendo fiel à opção de fazer contato com todos os que aceitam apoiar sua estratégia e programa sem exigir,em contrapartida, ma filiação a uma ou outra das internacionais sindicais.
Esta atitude é vital para o desenvolvimento da O .S. no Brasil pois corresponde exatamente à política unitária conduzida realizada no pais, política unitária absolutamente indispensável ao sucesso atual e futuro da alternativa assim proposta aos trabalhadores brasileiros.
Esta atitude de "não-alinhamento" no plano internacional, se provoca as vezes bloqueios de certos contatos no estrangeiro, nos parece oferecer as melhores condições para que nossa política de alianças com as forças do movimento operário internacional se desenvolva em bases claras.
A CFDT é o ponto de partida privilegiado para nossa política de contatos internacionais".

No campo internacional,os militantes do GAOS andaram por vários paises,por exemplo:

Delelis,Luisão e Barbosa foram aos EUA (Ibrahim e Frati ,como banidos devido ao seqüestro do embaixador deste pais,estavam proibidos de entrar nos EUA); Delelis e Ibrahim visitaram à Yugoslavia;Estas viagens foram antes do Encontro Internacional na Bélgica em 1979.Após este Encontro, Frati,Luisão,Helio Bombardi,Ademir Oliveira e Antonio Portela,visitaram a Yugoslavia.Feirreira visitou a Argélia,possivelmente como tarefa da JOC Internacional.

Estrutura e Ação

Vamos conhecer o GAOS a partir de seus proprios Documentos. Assim, o texto "O Trabalho de Apoio da O .S no Exterior" (sem data), revela vários aspectos de sua práxis.

"Há alguns anos que um coletivo de militantes sindicalistas vem desenvolvendo, no exterior, um trabalho de apoio ao movimento de O.S. Este trabalho, embora o consideremos importante para o desenvolvimento das lutas operarias no interior do pais,é extremamente limitado e nossas ações no exterior delimitadas pelas necessidades colocadas pelo desenvolvimento das lutas dos trabalhadores no Brasil.

A nossa contribuição política central e sobre a qual baseamos as nossas ações no exterior é dada pelos princípios e definições programaticas da O. S. no interior do Brasil.

Na medida em que as lutas sindicais evoluem e que se evidencia a importância e o papel que a Oposição Sindical no exterior, somos cada vez mais solicitados, o que nos impõe a necessidade de imprimirmos uma maior dinamização ao nosso trabalho.

Tendo em conta essa realidade, o coletivo tomou a decisão de criar os organismos que lhe permitam,por um lado, responder as novas exigências impostas pelo avanço das lutas operarias no Brasil, e por outro lado, facilitar a orientação e a coordenação política do trabalho no seu conjunto e em cada uma das suas frentes

A estrutura organizacional e política para a coordenação do trabalho de apoio a O .S., no exterior, é composta de dois organismos:

A - coordenação internacional;
B - comissão executiva.

Coordenação Internacional:

A Coordenação internacional é o órgão político representativo da O .S. no exterior. São suas funções:

A - definir os objetivos e diretrizes do nosso trabalho no exterior
B - coordenar politicamente as frentes de trabalho da O .S. no exterior
C - propor e eleger os membros da Comissão executiva.

Comissão Executiva

A Comisão Executiva é composta de três membros que fazem parte da C.I. ,eleitos em reunião geral pelo conjunto do coletivo da coordenação.

A comissão executiva é um organismo de caráter meramente executivo, encarregado de por em pratica e zelar pelo cumprimento e dinamização das decisões tomadas pela Coordenação.

O período de gestão da C.E. é fixado pela C.I.

A C.I. tem plenos poderes para a qualquer momento em caso de necessidade, questionar a C.E.,seja limitando seu funcionamento, seja mudando um ou mais de seus membros, ou mesmo dissolvendo-a.

Suas funções são:

assegurar a continuação e dinamização do trabalho nos períodos entre as reuniões periódicas da C.I., orientando e controlando o trabalho das diferentes frentes de trabalho.

controlar a contabilidade da O .S., no exterior, em seu conjunto

centralizar e distribuir as informações

organizar as relações internas-externas da C.I., sobretudo em relação com a O .S. no Brasil

cabe ainda a C.E. convocar as reuniões ordinárias da C.I. e extraordinárias no caso de necessidade.

Serão membros da C.I. no exterior todos aqueles militantes sindicalistas que:

sejam de origem operaria ou camponesa;

tenham uma comprovada trajetória de lutas na O .S. no Brasil

aceitem o programa de lutas da O .S. no Brasil

Aos companheiros de outras categorias profissionais que integraram a O .S. no Brasil fica ressalvada a possibilidade de integrar o coletivo da C.I. desde que preencha os seguintes requesitos:

tenham uma comprovada trajetória de lutas na O .S. no Brasil

aceitem o programa da O .S.

que seja recomendado pela coordenação da O .S. no Brasil

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO: serão coordenados pela C.I., a sua implantação como também os meios para isso serão de responsabilidade dos G.A . (Grupos de Apoio) de cada pais. Coletarão as experiências do movimento Sindical de cada pais e organizarão as informações sobre os trabalhadores brasileiros.

O SETOR DE PUBLICAÇÕES é de inteira responsabilidade da C.I. Todas as publicações serão centralizadas e terão como responsável um companheiro da C.I. Aos grupos de apoio G. A . serão solicitados a colaborarem sob pedido do responsável pelo setor.
As publicações serão dentro da linha informativa. Não polemicas.
Sobre as condições de vida, trabalho, organização e luta dos trabalhadores brasileiros da cidade e do campo.
Reproduzirá publicações ou artigos de publicações da O . S.
Poderá ainda publicar: artigos, documentos, trabalhos de estudos ou pesquisa, depoimentos sobre os trabalhadores brasileiros.
Não publicará artigos polêmicos, não será publicado artigos assinados a não ser com a aprovação da C. I.
Publicará documentos aprovados pela C.I., editoriais etc
Comunicados
E poderá editar jornais de jornais.

REDE DE DIFUSÃO, fica a cargo da C.I. coordenar a organização da rede de difusão. Os G. A. cuidarão de organizar as redes de difusão dentro de cada pais.

AS JORNADAS DE SOLIDARIEDADE, com a aprovação da C.I. será a principal atividade dos G. A . em cada pais.

SOLIDARIEDADE POLITICA E MATERIAL

É da inteira responsabilidade da C.I. determinar os meios e as formas como esta atividade será desenvolvida junto aos seus contatos no exterior.

SISTEMATIZAÇÃO DA EXPERIENCIA DO MOVIMENTO SINDIAL INTERNACIONAL

Sob a aprovação da C.I. serão enviados companheiros dos G.A . a fazer cursos de formação sindical nas centrais Sindicais que dispõem dos meios e os pôe a serviço da O .S.. Ficará aos G.A . a responsabilidade de sistematizar as informações sobre as experiências sindicais em cada pais.

São quatro (4) as tarefas fundamentais que constituem a base do nosso trabalho no exterior:
contatos
informação, difusão e propaganda
solidariedade política e material
sistematização da experiência do movimento sindical internacional

CONTATOS

As nossas definições programáticas e políticas nos dá os critérios e estabelece uma escala de prioridades para orientar os esforços de nossas ações:
as Centrais Sindicais Nacionais
as Federações Sindicais nacionais
os Sindicatos
as Centrais e Federações Internacionais
os Organismos de Ajuda e Solidariedade
os Comitês de Solidariedade
os Partidos Políticos e Organizações Políticas (1)

(1) Neste caso fica sempre a cargo da C.I. a apreciação de cada caso particular.

INFORMAÇÃO, DIFUSÃO E PROPAGANDA

A continuidade e as possibilidades de uma ampla solidariedade política e material a O .S . está ligado diretamente as nossas possibilidades de sensibilizarmos através de um bom trabalho no exterior de informação, propaganda e divulgação da luta dos trabalhadores brasileiros junto aos nossos contatos.
Para isso é necessário que organizamos:
um Centro de Documentação sobre os trabalhadores brasileiros da cidade e do campo;
um setor de publicações
uma rede de difusão
um setor encarregado de organizar jornadas de solidariedade.

Adieu Paris!

Um segundo Documento (datado de setembro 1979,portanto, as vésperas da Anistia)nos fornece mais elementos sobre a práxis do GAOS.

" O GAOS de Paris, de acordo com o da Itália, acha necessário fazer-se uma reunião com todos os elementos ligados aos grupos de apoio, ainda na Europa. Tendo em vista que muitos companheiros estão com passagem marcadas para a volta ao Brasil, propomos os dias 6 e 7 de outubro. Ainda de acordo com os companheiros da Itália, aceitamos a proposta de Paris que julgamos o local ideal: centro da Europa, maior concentração de companheiros.

Consideramos que o fato de estarmos ligados à O.O .S. nos leva a alguns pontos de convergência política. Essa experiência desenvolvida durante os últimos anos de exílio nos parece definir um espaço político comum, onde vem sendo discutidos alguns pontos que gostaríamos de aprofundar.

Um dos aspectos mais importantes, segundo nossas preocupações, seria o de definir formas de coordenação durante o resto de nossa estadia no exterior, juntamente com os companheiros que já estão no Brasil. Estendemos essa preocupação ao período post-volta.

Não temos a pretensão de criar mecanismos orgânicos-partidarios pois entendemos que essa e outras questões são e serão tratadas a partir do trabalho junto ao movimento de massa, de base, desenvolvido no Brasil.

Adotamos o critério de não convidar as organizações enquanto tal. No entanto os militantes de organizações que vem participando concretamente dos trabalhos dos GAOS estão automaticamente convidados.

Todo e qualquer documento é benvindo, assim como estamos remetendo documentos de companheiros de Paris e da Itália. Mandem rápido.

PROGRAMA E TEMÁRIO

abertura dos trabalhos com as informações do interior, provenientes dos últimos companheiros lá chegados.
Características do movimento sindical e perspectivas do sindicalismo no Brasil.
Diferentes tendências da O .S. Que sindicalismo apoiamos ?
relação da O .S. com os outros movimentos de base e segmentos sociais; questão da autonomia dos organismos de base;
formas de intervenção na política institucional.
Caráter e natureza dos GAOS:
definição e estruturação ao nível das tarefas praticas dos Gaos e articulação entre os diversos grupos;
formas de ampliação dos GAOS;
proposição de um secretariado para socializar as diferentes reflexões dos companheiros, no interior e no exterior.

QUESTÕES PRATICAS

O alojamento dos companheiros de outros paises será garantido pelos de Paris.
As refeições serão cotizadas, entre todos, da melhor forma possível.
As reuniões serão feitas entre 10 e 18 horas, com intervalo para a bóia.
As passagens...devem ser levantadas no local de origem.
Pedimos rápida comunicação (preferível telefonar),definição de quem viria.
Sábado à noite prepararemos um show de músicos brasileiros e uma exposição fotográfica sobre movimento operário e greves.
O GAOS de Paris "perderá" nove de seus 22 elementos, que voltarão em outubro para o Brasil. E os outros ?

Endereços para comunicação:
Rui Frati
107, rue Mouffetard
75005 – Paris
tel. Até 13horas e após as 24: 7079652.
Ou
Mmme. Das Chagas e Silva
Cite S. Allende, B3, ap. 95
93430-Villetaneuse France
tel. Após as 17 horas: 8261998 (vulgo Sonia)

Um abração dos companheiros de Paris,
Em setembro de 79.

Um outro Documento ,anexado ao anterior, como orientação para o debate. Possivelmente, trata-se de proposta de um militante.

"Talvez pudéssemos localizar em três pontos as preocupações fundamentais dos companheiros que tomaram a iniciativa da convocatoria para a reunião dos GAOS em Paris.
Uma discussão política, troca de idéias, bate-papo político mais amplo.
De informação e desenvolvimento dos trabalhos da O .S. no Brasil.
Estruturação e planificação dos trabalhos práticos dos GAOS.

Estes três pontos me parecem bastante ligados e exclusivizar em ou outro, poderia prejudicar não só o conjunto, mas cada um em particular.
Isto porque sem informação das O . S. no Brasil (como se desenvolve o trabalho, que nível de representatividade social tem, que trabalho conjunto desenvolvem com organismos representativos de outros segmentos sociais, que diferentes pontos de vista existem dentro das O .S.), o trabalho de apoio pode tender a desenvolver-se de maneira burocratizada. Isto é importante não só para o trabalho pratico, mas para nossas discussões políticas, pois do contrario cairíamos na discussão pela discussão (nós com nós). Por outro lado é também o trabalho pratico e o seu desenvolvimento que dá sentido real as nossas discussões. É "carregando saco" que poderemos estabelecer a coerência entre nosso discurso e pratica política.
A socialização e troca de reflexões com companheiros no Brasil , através de um secretariado, vem a ter grande importância. Reflexões em cima de informações, em cima do desenvolvimento das O .S.
Entretanto existe ainda um ponto que pode estar contido no primeiro, mas que vale a pena ressaltar de maneira particular, dada a conjuntura de volta de vários companheiros,
Alguns companheiros que estiveram ligados ao trabalho de apoio (em diversos níveis) já voltaram ao Brasil. Outros estão voltando ou se preparam para voltar a curto e médio prazo. A integração destes companheiros poderá se dar de maneira diferenciada (quanto ao nível de integração e diferenciação de setor social).Ora, se julgamos que temos pontos de convergência política, temos o

maior interesse em abordá-los agora e procurar criar condições para que estes pontos de convergência se possam materializar em trabalhos conjuntos no Brasil. Estes pontos de convergência política ultrapassam em certa medida o trabalho da O .S. e dos grupos de apoio. Questões como "autonomia", "democracia de base", etc interessam a todo e qualquer tipo de movimento de massa.

Ora, no momento em que o movimento de massas abre espaço político, no momento em que pululam as articulações partidárias, provocando uma corrida para ocupar este espaço político por forças (articuladas ou articulando-se) que apenas ao nível do discurso concordam com autonomia ou democracia de base; torna-se urgente que possamos discutir.

QUEM SOMOS ?

Somos pessoas que procuraram desenvolver determinado tipo de critica à atuação tradicional da esquerda (reformista ou não) no movimento de massas. E isto se estende à muitos companheiros no Brasil (com variado nível de inserção social) atuando não só em trabalhos de O .S. mas também em outros trabalhos de base.

Temos algumas idéias vagas sobre autonomia, democracia de base, socialismo democrático, etc. Estes pontos entretanto não devem centralizar demasiado nossas discussões. Se enveredarmos esses caminhos com questões como "qual o socialismo que queremos" (poder-se-ia acrescentar qual o tipo de socialismo democrático que queremos). Ou " o que é autonomia" poderíamos cair em um desvio não menos tradicional desta esquerda. Aqui vale a pena fazermos um destaque.

A luta teórica, ou político-ideologica na esquerda

Um dos desvios mais tradicionais da esquerda brasileira foi o dogmatismo, o apego a formulas de todo o tipo.

A luta político-ideologica de grupos de esquerda entre si, a luta do nós com nós, é uma luta típica de organismos fechados. Fechados porque não procuravam seu referencial político no movimento social. Mais do que isto, não procuravam criar condições (tarefa de elementos ou grupos de esquerda) para que este movimento social se expresse politicamente.

Que partidos ou grupos políticos de esquerda tenham tido base social (como o PC,por exemplo) não invalida a critica ao dogmatismo. Ao invés de ser canal de expressão desta base social, foi ao contrario, sua camisa de força. Em nome de uma auto-intitulada "vanguarda do proletariado" que tinha em seu poder a "teoria da revolução brasileira).

O fracasso da política reformista interrompida pelo golpe de 64,fez com que acirrasse a luta político-ideologica contra suas formulas de revolução. No entanto, esta constatação se dava ainda nos marcos do "nós com nós". Nos marcos de uma luta teórica (PCdoB e POLOP fundamentalmente) que tende para o circulo vicioso, pois não se trava inserida e sendo expressão do movimento social.

Ao sistema de idéias reformistas, contrapõe-se um sistema de idéias revolucionarias. Ambos criados à priori e depois vai-se às massas para educa-las e enquadra-las. Ao não perceber que junto a derrota das "teses reformistas" estava também a derrota das "teses revolucionarias", acenou-se com o fantasma do "reformismo". O grande culpado de tudo havia sido o reformismo.

Entretanto, incapazes de expressar o movimento social, essas "teses revolucionarias" também entram em crise, conjugada com o aprofundamento das "teses reformistas"

Surge a "nova esquerda" de 68.Traz no inicio uma contestação ao dogmatismo, ao doutrinarismo. O abandono dos grandes debates (caráter da revolução, revolução violenta, etc) era uma atitude de rompimento com o esquema de raciocionio tradicional da esquerda. Esta atitude é logo sufocada na medida em que o referencial não é o movimento social e sua expressão. Se perde novamente na polemica do "nós com nós". Violência de vanguarda x violencia de massa, coluna ou foco, exercito popular, propaganda armada, equilíbrio e ofensiva estratégica, etc.

Não se entendeu, por exemplo, que a utilização da violência tem que estar inserida e ser expressão do movimento social. É uma forma de expressão política do movimento social que não se pode predeterminar por "formulas".

Mas a esquerda organizada pós-72 (data tomada um tanto arbitrariamente) parece não ter entendido esta nem outras questões. Os grupos e partidos de esquerda continuam o apego tradicional às teorias, formulas, esquemas, articulações, o poder místico de "programas" (feitos sempre para o movimento popular, mas nunca sendo o resultado de sua expressão),etc.

"reformistas" ou "revolucionários" entretanto estão de acordo: o grande culpado do passado foi o "militarismo".

Este pequeno reconto histórico veio apenas em função de uma preocupação. Já surge entre nós o termo "nova esquerda", preocupações sobre "conceito de autonomia", socialismo, socialismo democrático, etc.

O processo de discussão e de reflexão conjunta que podemos iniciar, que podemos alargar com outros companheiros (que atuam ou não no Brasil, atuam ou não em O .S.) deve ter como referencial e ser expressão de movimentos de base aos quais já tem companheiros ligados e aos quais pretendemos nos inserir. É da troca de experiências concretas destes trabalhos de base que poderemos ir tendo mais claro as questões que em principio nos unem. Poderemos ter mais claro as possibilidades de convergência destes trabalhos de base para um trabalho conjunto mais amplo e a inserção em uma frente popular, ou outro organismo que seja a expressão política de amplas camadas populares.

Neste sentido, o importante é levarmos estas discussões aos companheiros no Brasil, manter-nos em contato e criar-mos instrumentos de circulação de nossas reflexões; amarrarmos enfim a continuidade destas discussões".

O Documento intitulado " O que é a Oposição Sindical", extraído dos pontos V e VI do Documento da Oposição Sindical "Perspectivas da Oposição Sindical no Brasil", datado de 16.3.1976,nos fornece a visão do GAOS sobre a Oposição Sindical.

" O Que é a Oposição Sindical.

A oposição sindical é um movimento democrático e unitário dos trabalhadores que entendem situar-se no interior da legalidade sindical. ela e, ao mesmo empo, uma verdadeira oposição politica, ao contrario do movimento populista 'foquista" (movimento de guerrilha) que foi expressão de uma resistência apenas à repressão policial. A oposição sindical é portanto um dos instrumentos políticos que os trabalhadores brasileiros criaram com vista a organizar a classe operaria em torno da defesa de seus mais interesses elementares.

Essa organização desencadeia uma luta, cada dia mais intensa, pela reconquista da autonomia de ação dos trabalhadores. Trata-se de liberta-la do controle e da manipulação tradicionalmente exercidas pela classe dominante sobre as instituições sindicais brasileiras.

Por outro lado, a oposição sindical se separa claramente do populismo nacionalista, pois ela deseja constituir-se como oposição de classe, ou seja, como movimento da classe operaria, independente dos outros movimentos de oposição. Isto não quer dizer que a oposição sindical seja hostil aos diversos movimentos de oposição à ditadura integrados pelas classes médias. Nessa perspectiva, mesmo um movimento de oposição "oficial", criado artificialmente pelo governo, como o MDB (Movimento Democratico Brasileiro) pode ser util a luta da classe operaria e, consequentemente, utilizado se necessário.

A oposição sindical se apresenta, portanto, como o projeto bem preciso de militantes sindicais decididos a participar da vida politica do pais pelo viés do instrumento natural dos trabalhadores que é o sindicato. Mas, na realidade, fazer aceitar esta posição de principio não é coisa fácil.Com efeito, existem a esse respeito três posições políticas bem distintas e cujas perspectivas estratégicas são totalmente diferentes. Podemos assim resumi-las:

uma linha "realista" – que recomenda a participação dos militantes na gestão sindical ao lado dos "pelegos". Essa posição parte da constatação que o sindicato é uma conquista dos trabalhadores e deve portanto ser defendida enquanto tal. Segundo essa linha política, se os trabalhadores se desinteressassem da gestão sindical, perderiam posições políticas inestimáveis que poderiam ser utilizadas quando a burguesia fosse obrigada a conceder a redemocratização do pais.
Na realidade, do ponto de vista da classe operaria, essa posição é conservadora pois mantém intactas as bases jurídicas do controle do estado sobre os sindicatos e dessa maneira toma a defesa de uma forma de estrutura sindical historicamente condenada. Na pratica, ela impede que a classe operaria se liberte da influencia ideológica e da tutela da burguesia.

uma linha "radical" – que condena em bloco a atual estrutura sindical. Para os defensores dessa posição é preciso criar uma nova estrutura sindical, independente do Estado. A oposição sindical faz totalmente sua essa afirmação. Entretanto,a recusa de qualquer ação no quadro do sindicalismo atual não nasceu da pratica da classe operaria mas apenas de considerações teóricas: ela traduz somente as inúmeras frustações do populismo radical.

ao lado dessas duas posições, a oposição sindical nasceu no curso das lutas travadas no próprio interior do sindicalismo oficial, afrontando-se a este bem como ao aparelho repressivo do governo cada vez que a situação o permitia. Ela parte das possibilidades reais que subsistem no Brasil de hoje, conservando um objetivo bem preciso, o de chegar um dia a criar uma estrutura sindical nova e autônoma.

Aproveitando-se da própria legalidade burguesa que prevê a exigência de organizações de classe com os sindicatos (com eleição das direções sindicais a cada tres anos) a oposição sindical ornou-se uma força a qual o governo não pode negar o carater legal. Se por acaso a ditadura tivesse que dissolver a organização sindical corporatista para atacar a oposição sindical, a classe operaria não deveria lamentar o fato pois ela teria nesse momento as mãos livres para organizar de imediato uma estrutura sindical verdadeiramente independente e capaz de organizar os trabalhadores sobre a base de um programa de perspectivas socialistas.
A oposição sindical deseja a unidade, com tanto que as correntes poliicas que aderiram a seu programa não coloquem em questão seu objetivo essencial, o de permitir que a classe operaria disponha de um sindicalismo independente do controle do Estado e das manipulações políticas das classes dominantes. Na realidade, essa pratica unitária já se realizou largamente, o que não quer dizer que a oposição sindical negue a possibilidade de que outras linhas possam se desenvolver no interior do movimento operário.

AS POSSIBILIDADES DA OPOSIÇÃO SINDICAL NO PLANO TATICO

O trabalho da oposição sindical inscreve-se no conjunto das lutas que os trabalhadores brasileiros travam contra a dominação da burguesia.

Tendo esse objetivo, a oposição sindical desenvolve sua ação em tres direções:
A oposição sindical, profundamene unitaria, quer associar-se ao conjunto das forças democraticas brasileiras que lutam conra a ditadura militar, mesmo que algumas destas forças ainda não sejam capazes de compreender a caracteristica essencial das lutas da classe operaria, a saber, sua oposição fundamental aos interesses do capialismo.

A oposição sindical associa-se, portanto, muito de perto as reivindicações pelas liberdades e pelo respeito dos direitos fundamentais do homem. Ela associa-se as campanhas que visam acabar com as prisões, as torturas e os

assassinatos que foram instiucionalizados como meio de governo pelo atual regime.

lutas sindicais globais

Como a relação de forças é,no atual momento, particularmente desfavorável aos rabalhadores brasileiros, a defesa de seus interesses deve adotar criterios de segurança bastante rigorosos. A clandestinidade e a legalidade são, de maneira complementar, dois elementos importantes dessa segurança.

A clandestinidade é necessária a todos os esforços de coordenação da atividade sindical que ultrapassem os limites da organização por profissão imposto as estruturas dos sindicatos oficiais, segundo o esquema do sindicalismo corporatista vertical.

A legalidade é necessária se a atividade sindical quiser mobilizar realmente o conjunto dos trabalhadores, isto supõe evitar expor-se de maneira demasiado fácil aos violentos ataques da repressão policial.

Como a própria legislação atual do trabalho oferece uma estreita margem de possibilidade de mobilização dos trabalhadores ,a oposição sindical escolheu ocupar todo o terreno disponivel –terreno cujas fronteiras não são ,aliás, totalmente rígidas, pois podem variar segundo as circunstancias.

As duas melhores épocas da vida legal dos sindicatos são as eleições, de três em três anos, e a campanha anual pelo reajuste dos salários.

Por ocasião das eleições para renovar as direções sindicais, a oposição sindical decidiu apresentar, apesar de todos os obstáculos práticos que teria ultrapassar ,listas de candidatos em oposição as listas governamentais. A participação nas eleições não responde a uma intenção de conquistar postos de direção estreitamente vigiados pelo Ministério do Trabalho. O que buscamos é aproveitarmo-nos dessa ocasião de mobilização política dos trabalhadores com vista à preparação das bases da futura estrutura sindical independente.

A participação nessas eleições permitiu a elaboração de um programa que, amplamente divulgado, abriu um vasto debate entre os trabalhadores com respeito a defesa de seus interesses.

Este programa aborda três questões principais:

o reajuste dos salários

as condições de trabalho, particularmente duras no Brasil (cadencias, insalubridade, horas suplementares, etc)sem esquecer os problemas de garantia de emprego e os que se referem a Previdência Social.

As liberdades sindicais: restabelecimento do direito de greve, reconhecimento das comissões de fabrica, proteção dos delegados sindicais, assim como de toda atividade sindical, controle pelos trabalhadores do imposto sindical, etc

A difusão desse programa acompanha-se de uma denuncia das direções sindicais pro-patronais e de uma campanha de adesão aos sindicatos apesar de sua perda de prestigio entre os trabalhadores.

A campanha anual pelo reajuste salarial e´ utilizada para que sejam expressas a luz do dia, as reais reivindicações dos trabalhadores nesse terreno.Com esse objetivo, a oposição sindical fixa uma porcentagem de aumento dos salários bem superior a estabelecida pelas direções sindicais oficiais, levando em conta a verdadeira alta dos preços e buscando recuperar a considerável perda do poder aquisitivo dos assalariados.

Para manter seu ponto de vista contra o das direções oficiais, a oposição sindical desenvolve nessa ocasião uma vasa campanha de explicações entre os trabalhadores, campanha essa que e retomada no nível das assembléias sindicais autorizadas.

C) lutas ao nível das fabricas.

Essas campanhas da oposição sindical não tem por finalidade a infiltração nos aparelhos sindicais oficiais com vista a controlar posições burocraticas, mas

sim permitir o desenvolvimento das lutas travadas pelos trabalhadores nas fabricas.

A oposição sindical coloca todos os seus meios materiais e sua capacidade de organização a serviço da mobilização nos locais de trabalho. Ela apóia, cada vez que as circunstancias se mostram favoráveis, as reivindicações precisas lançadas a nível das fabricas, como por exemplo, a diminuição da insalubridade em certas oficinas, a supressão das discriminações com relação aos prêmios, a obtenção de vales não descontados dos futuros aumentos de salários, ect.

As principais formas de sustentar essas reivindicações e favorecer a implantação de grupos de base nos locais de rabalho,são: recusa das horas de trabalho suplementares,a baixa nas cadencias de produção,paralisação de trabalho e, algumas vezes, até mesmo greves curtas.

Conclusão:

Dessa maneira, a oposição sindical brasileira vem pondo em pratica DESDE 1972 (GRIFO NOSSO) um vasto programa de ação que visa desenvolver uma consciência de classes entre os trabalhadores e preparar quadros e infraestrutura que tem por objetivo a construção de uma central sindical independente de qualquer controle não operário.

Evidentemente, esse objetivo só será atingido gradualmente. O importante no atual momento, é multiplicar as implantações locais nas fabricas e nos bairros. Em seguida, virão as organizações regionais e as coordenações entre diferentes setores profissionais.

O que desde hoje podemos constatar é que as propostas da oposição sindical são acolhidas favoravelmente pelos trabalhadores. Em varias regiões do país estes começam a organizar-se em torno de seu programa. A repressão* que por vezes se abate violentamente sobre os responsáveis por esta corrente da oposição mostra claramente que o regime se sente ameaçado por esta nova força em pleno desenvolvimento.

Os obstáculos são muitos. A imensidão do território dificulta as comunicações entre grupos de trabalhadores. Os quadros ainda são insuficientes. Faltam os meios materiais para organizar a formação de militantes* ou para acelerar a divulgação do programa de ação*. Enfim, a repressão policial e uma realidade quotidiana quer se manifeste pela presença de uma antena do serviço nacional de informação em cada fabrica de relativa importancia, quer pela brutalidade das prisões e dos interrogatorios dos militantes.

Há, entretanto, um fao que a burguesia e os investidores estrangeiros implantados no Brasil devem ter em conta como uma nova realidade: os trabalhadores brasileiros organizaram-se para defender-se e para transformar profundamente a atual sociedade que os esmaga de maneira tão brutal".

13.3.1976

Pontos V e VI do Documento da Oposição Sindical
"Perspectivas da Oposição Sindical no Brasil".

Mais um Documento da época, nos revela as posições e propostas da O .S. no exílio.

Trata-se da Entrevista concedida por seus membros ao Boletim mensal "Bresil Information",n.35,março de 1977.Este Boletim era dirigido , também, por Alfred Herve-Gruyer. Na primeira pagina, temos uma nota explicativa:

"Brésil-Information" apresenta este mês um documento particularmente interessante ao publicar uma entrevista de vários responsáveis da oposição sindical brasileira, com o objetivo de fazer conhecer no exterior a situação atual do movimento operário no Brasil. Seus nomes, por razões evidentes, não são indicados. Este documento não pretende responder a todas as questões que se pode por ao movimento sindical brasileiro atual, mas permite melhor compreender quais são suas grandes orientações".

B.I.- para começar., pensamos que seria util se pudessem precisar o significado do nome 'oposição sindical'.E uma oposição dirigida conra o que ?

O.S.- A oposção sindical brasileira tem um objetivo essencial: permitir aos trabalhadores se organizar para defender seus interesses ao nível da vida profissional. Portanto, dispor de um sindicato verdadeiramente representativo de seus interesses.

Ora, após a ditadura de Getulio Vargas (1937-1945) o sindicalismo brasileiro não é um sindicalismo representativo. As estruturas desse sindicalismo foram fixadas pelo Estado, que fez do sindicato uma administração diretamente ligada ao Ministério do Trabalho. De 1945 a 1964,a época que no Brasil chamamos de "redemocratização", o único setor da vida publica que não foi alcançado por esta redemocratização foi, precisamente, o setor sindical. Se bem que, em 1964,quando os militares tomaram o poder, a nova ditadura só teve que manter de pé o sindicalismo de tipo vertical construído sobre o modelo do sindicalismo mussoliniano.

O que nós queremos é, exatamente, acabar com o sindicalismo dependente. Queremos acabar com o sindicalismo de "amarelos" que se limita ao assistencialismo social, que recusa a representação das reivindicações dos trabalhadores e que facilita ,assim, a política salarial do governo e do patronato. Queremos criar um sindicalismo autônomo, democrático, livre de toda ingerência, capaz de traduzir e de defender os interesses de todas as categorias de trabalhadores. Nossa "oposição" visa, portanto, de maneira imediata e concreta, o sindicalismo oficial.

B.I.- Podem nos falar como surgiu a oposição sindical?

O .S.- A oposição sindical não é o resultado de uma teoria elaborada por qualquer pensador genial. Ela nasceu da experiência do próprio movimento operário brasileiro.

Logo após o golpe de estado militar de abril de 1964,os militantes sindicais autênticos, perseguidos pela repressão, se perguntaram como reagir. A resposta veio lentamente e após varias experiências. Não se deve esquecer que a relação de forças era extremamente desfavorável aos trabalhadores.

Pouco a pouco, os sindicalistas retomaram o combate, principalmente nas regiões de São Paulo, o maior centro industrial do pais. Foi a reflexão realizada a partir das lutas no nível mesmo das fabricas que permitiu, lentamente, a elaboração da estratégia e da tática da oposição sindical.

B.I. – "Estratégia", "tática"...podem nos explicar melhor ?

0.S. – Claro.Nossa estratégia decorre diretamente de nosso objetivo que é acabar com o sindicalismo oficial.Queremos fundar um sindicalismo livre, autônomo ,verdadeiramente representativo.com este objetivo, trabalhamos de modo a poder construir um dia uma central sindical capaz de exprimir as aspirações de todos os trabalhadores e de conduzir até o fim as lutas independentemente de todas ingerências burguesas.

Para isto, desenvolvemos uma pratica sindical de massa, ao niivel das empresas –o que choca de frente com as tradições do sindicalismo oficial,um sindicalismo de cúpula, um sindicalismo de funcionários profissionais.Nos ocupamos todo o terreno deixado disponível pelas próprias leis do regie ditatorial para fazer avançar as reivindicações dos trabalhadores e favorecer ,permitir que elas sejam discutidas nas assembléias sindicais legais e favorecer a aparição de uma força organizada de contestação do sindicalismo oficial,especialmente graças as listas de oposição que são formadas quando das eleições para a renovação das direções sindicais.

B.I. – E o regime permite as ações ?

0.S. – Depois que a oposição sindical existe,os militantes sindicais t~em sido mais de uma vez vitimas da repressão policial ou simplesmente administrativa.Varias vezes ganhamos as eleições mas o governo nos impediu de tomar posse dos cargos anulando o resultado destas eleições e, realizando uma 'intervenção',isto é,nomeando uma direção não eleita.Também, vários camaradas conheceram as prisões,a tortura e as vezes a morte.

Mas o regime é vitima de suas próprias contradições.Como nos situamos no trreno de sua legalidade (condição absoluta para fazer um trabalho de massa) fica difil bloquear totalmente os mecanismos da vida sindical que ele deixa subsistir na esperança de enganar a vigilância dos trabalhadores e de salvar as aparências em nível dos organismos internacionais.

B.I. – E,quais são suas reivindicações atualmente ?

0.S.- Nossas reivindicações são formuladas a partir das necessidades mais imediatas dos trabalhadores.No Brasil de hoje estas necessidades não são difíceis de exprimir, pois são muito evidentes.
Lutamos,primeiro,para revalorizar o poder de compra dos salários que é de 8 a 10 vezes mais baixo que o dos paises industrializados. A super-exploração dos trabalhadores é característica da sociedade brasileira atual.E´ normal que seja este,de inicio, o terreno que nós conduzimos nossas lutas

Mas,nossas reivindicações não se limitam aos salários.os principais problemas que nos enfrentamos igualmente são: as cadencias deshumanas – a grave questão das horas suplementares (é freqüente de vermos os trabalhadores assumirem 12 a 14 horas de trabalho por dia,para chegarem a completar a renda familiar)- as questões de segurança no trabalho (Vocês sabem que o Brasil é definido como campeão do mundo..dos acidentes do trabalho),etc...Muitas vezes, nossas lutas visam apenas respeitar a bela imagem no exterior,que o governo brasileiro mantém para salvar a face externa do pais.Mas,dos textos a pratica...que abismo!

Enfim, nossas reivindicações portam também sobre o restabelecimento de todas as liberdades sindicais e,muito particularmente,o direito de greve.

B.I. – Sem prejudicar Vosso trabalho, é possível de nos dar uma idéia da amplitude atual da oposição sindical ?

0.S. – Sobre esta questão,podemos fazer varias observações.

Hoje, as proposições da oposição sindical têm uma acolhida extremamente favorável da parte dos trabalhadores de todo o pais.nascida em São Paulo,a 0.S. tem,hoje, uma dimensão nacional.Se,naturalmente, ela tomou corpo inicialmente nos centos industriais mais desenvolvidos, hoje ela atinge regiões de industrialização recente.

A aceitação de nossas proposições se faz entre os trabnalhadores das categorias profissionais as mais diversas,segundo as modalidades que variam segundo cada situação.O reagrupamento em torno de nossas propostas se faz sem que haja a menor discriminação de tipo ideológico ou filosófico.se estamos lhes dando esta visão encorajadora, é que ela corresponde verdadeiramente a realidade atual: nos somos muito conscientes que há problemas e que muitas respostas estão ainda em elaboração.

B.I. – A 0.S. apresenta propostas que se dirigem a todos os trabalhadores.Ela se propõe unitária.Este caráter é importante para Vocês ?

0.S.- Nosso movimento é unitário por que,de fato,ele é parte da base.para nós, o caráter unitário é absolutamente essencial.Nossas propostas são elaboradas pelos

militantes sindicais,independentemente dos partidos políticos.O que não significa que nossas preocupações não se articulem com as forças políticas e as instituições que lutam pelo restabelicimento das liberdades democráticas, pelo respeito dos direitos humanos,pela justiça social e para que os trabalhadores possam desempenhar um papel político na sociedade.

B.I. – podemos afirmar que Vocês são um movimento "não-alinhado" ?

0.S. – Sim, exatamente.

B.I. – A plataforma de ação da 0.S. pode também mobilisar os trabalhadores rurais ?

0.S. – A situação de nossos camaradas rurais é muito complexa e difícil. O nível de vidados trabalhadores rurais é ainda mais baixo que o dos trabalhadores urbanos.E,suas dificuldades para se organizar são verdadeiramente imensas.Concretamente, toda vez que isto é possível, nos tentam,os entrar em contato com as iniciativas dos trabalhadores camponeses e desejamos que eles tenham o maior sucesso possível.Mas, quanto ao modo de organizar as lutas, é evidente que são os trabalhadores rurais que devem encontrar suas soluções próprias.Por experiência, somos convencidos que não existem 'modelos'.

B.I. – Vocês sabem que esta entrevista deverá ser lida por trabalhadores de diversos paises estrangeiros.Vocês t~em um desejo mais particular para lhes transmitir ?

0.S. – Claro, desejamos exprimir nossos desejos os mais vios pelo sucesso das lutas dos trabalhadores do mundo inteiro,pois sabemos que, fundamentalmente, os problemas dos operários são os mesmos.é a mesma luta que é conduzida pelos explorados contra todas as formas de exploração.sendo todos mais ou menos vitimas de formas varias de opressão e dominação,somos igualmente solidários na luta em favor de uma libertação completa de todos os trabalhadores.

Nos Arquivos Confederais-CFDT podemos encontrar muitos trabalhos escritos pelos dirigentes sindicais franceses, após visitas ao Brasil. Um destes, escrito a mão (Alguns elementos sobre a 0.S.), datado de Novembro 1978, traz os elementos de expectativas dos militantes da "Oposição Sindical do Interior" em relação ao trabalho dos militantes da "Oposição Sindical no exílio".

" O que a 0.S. espera dos camaradas na Europa:

1- que os camaradas na Europa se ponham de acordo entre eles, que eles superem suas divergências políticas.
2- Que busquem o apoio das centrais sindicais européias para quando houver greve no Brasil, possa haver um movimento de solidariedade na Europa , em particular nas empresas multinacionais inplantadas no Brasil (ex. Brown Boweri).
3- Estudo e analise das multinacionais inplantadas no Brasil (enviar para 0.S.).
4- elaboração de analises econômicas (sobretudo) e políticas sobre a situação brasileira (enviar para 0.S.).
5- Apoio financeiro pontual para ajudar os camaradas da 0.S. demitidos.

Apoio financeiro estável da 0.S. (formação, financiamento de semi-liberados,etc)."

Estas anotações devem ser de JEAN KASPAR,que esteve no Brasil em 1978.

Em um DOSSIER sobre as relações CFDT-Brasil,podemos encontrar algumas das missões dos sindicalistas franceses ao Brasil,no período anterior a Anistia:

-Janeiro 1979 ; missão CFDT com Frédo MOUTET e Jean KASPAR
-Junho 1979: Missão CFDT com Frédo MOUTET e Roger BRIESCH

Encontro Internacional da Oposição Sindical Brasileira

Bruxelas (1979)

Este Encontro Internacional veio coroar uma serie de atividades do GAOs,no sentido de divulgar o sindicalismo brasileiro pelo mundo.Neste sentido,além das varias publicações, algumas viagens especiais foram realizadas para diversos paises,antes deste Encontro em Bruxelas.Assim:
-Ferreirinha e Zé Ibrahim visitaram a experiência da Argélia;
-Luisão, Delelis e Barbosa visitaram os EUA (Ibrahim e Frati estavam proibidos de entrar nos EUA,pois tinham sido trocados pelo Embaixador norte-americano);
-Zé Ibrahim e Delelis visitaram a Yugoslavia.
-Como veremos em seguida,após o Encontro em Bruxelas, os 4 operarios que vieram do Brasil foram acompanhados por membros do GAOS em viagem a vários paises europeus. Assim,por exemplo, Frati,Luisão , acompanharam Ademir,Bombardi,Portella a Yugoslavia.
Pelo menos, duas viagens para os EUA, onde Carlos Minayo estava responsável da representação da 0.S. brasileira.
Documento preparado "at ACTS-Nat'l Office-13826 West McNichols, Detroit, Mic. 48235 ,datado de Dezembro 1977, fala de uma viagem aos Eua :
"Jose Almeida recentely visited Windsor,Ontário,along with Luis Silveira,a former church official with a long involvement in the Brazilian labor resistance , to build support for the growing "Union Opposition" (opposição sindical) .Both men travel under assumed names for safety".
Na verdade, trata-se de José Barbosa e Luiz Cardoso .
Um outro documento , de março 1978 , assinala que:
" FIVE members of the Brazilian Workers Opposition movement will tour the United States for the month of March, 1978.
The visiting group will include TWO former leaders of the Brazilian Steel Workers Union (before the 1964 end of Brazilian democracy {(José Barbosa e Afonso Delelis , dirigentes metalurgicos em SP,antes do golpe de 64}; a Black Brazilian textile worker who later become an international pfficer of Young Crhistian Workers , with epecial responsibility for liasion with Africa (ferreirinha, operario textil antes do exilio e responsavel internacional da JOC, já no exilio); and a peasant leader from Brazil's rural Northeast (Manuel da Conceição).Apesar de não citado no texto,Luisão também esteve nesta viagem.
"these workers aim to tell the story of the harsh conditions faced by Brazilian workers and the supression of their right ot organize. With this in mind, an international office has been established in Paris to spread their story across the world.Tdis effort is supported by the French CFTD.
The visiting group will include two former leaders of the Brazilian steel workers union (before the 1964 end of Brazilian democracy); a Black Brazilian textile worker who later became an international officer of Young Christian Workers, with special responsibility for liasion with Africa and a peasant leader from Brazil's rural Northeast.
Further information may be obtained from Sr. Mary Litell, OSF c/o P.O. Box 693,N.Y. 10009".
O Encontro Internacional teve sua data inical modificada para aproveitar uma conjuntura favorável aos objetivos da 0.S. : estava previsto um Encontro das centrais sindicais de vários paises em Bruxelas , entre os dias 30-31 de março e 1º de abril 1979. Desta forma, o Encontro da 0.S. usufruiu da presença de representantes do sindicalismo mundial.

José Ibrahim

Ibrahim, em janeiro de 1978, em entrevista a "Politique Hebdo", colocava algumas questões importantes:

" PH= Quais são e quais deverão ser as relações entre o movimento das oposições sindicais do Brasil e o movimento sindical internacional ?

JI= O atual movimento sindical no Brasil foi fundado em 1937 pelo 'estado novo' de Getulio Vargas,segundo o modelo mussoliniano,e se caracteriza pela dependência frente ao Estado.A OS não tem,nestas condições,relações oficiais com o movimento sindical internacional.Eu mesmo e vários camaradas, ligados ao movimento da OS e atualmente exilados, lutamos,entretanto,para chamar a atenção do movimento sindical internacional progressista sobre o fato de que a situação do sindicalismo brasileiro não é estática.

Não é falsa a idéia,sobretudo no exteriro, de que o Brasil é 'um paraíso das empresas multinacionais",no qual os sindicatos controlados pelo governo faz o jogo destas empresas gigantes,mas,devemos considerar a existência de uma resistência da classe operaria contra este estado de coisas.

O capital não tem pátria.è difícil contar as empresas que fecham suas portas na Europa para irem se instalar no Brasil,onde se beneficiam de uma mão-de-obra barat e de vantagens cedidas pelo governo,assim como os sindicatos 'pelegos' asseguram a 'páz social'.Os camaradas europeus que se mobilizam contra o desemprego deveriam igualmente ter emconta este lafdo do problema: se,no Brasil,temos a possibilidade de lutar contra as facilidades oferecidas ao 'multinacionais', nos reforçaremos a luta destes camaradas na Europa.

De outro lado, é muito importante que eles forneçam uma sustentação concreta aos trabalhadores de paises como o Brasil que, em suas lutas, não dispõem das mesmas liberdades sindicais como na Europa.

É neste sentido que desejamos criar uma corrente de solidariedade com a OS.nosso objetivo, modesto,é de contribuir ao estabelecimento de uma relação entre o movimento sindical internacional e a OS que,no Brasil,representa ,de fato, a alternativa à atual estrutura sindical 'pelega' existente no pais".

Na etapa dos preparativos do Encontro ,Jose Ibrahim , envia convite a CFDT.

41, rue de Suede
1060 BRUXELLSES
BELGIQUE
TEL 538-7881
537-0588

Oposição Sindical Brasileira
5, Rue Mayran
75009 PARIS – France

Bruxelles, 27 /2/79

Cher camarade RENE SALANNE
Responsable du département international de la CFDT

No Brasil se abrem novas perspectivas para o desenvolvimento das lutas sindicais , vista a evolução recente da situação política e da progressão das lutas dos trabalhadores.

Nesta realidade a oposição sindical desempenha um papel crescente.

Ao mesmo tempo que este novo contextp cria a possibilidade de retorno ao Brasil, para alguns camarades, que são membros da coordenação internacional da oposição sindical e que estão exilados.

Vista a nova etapa que atravessa hoje o movimento operário no Brasil, nos organizamos um encontro internacional em Bruxelas no 30/31 de março e no 1º de abril.

Durante estes 3 dias teremos seções abertas nas quais, além das centrais sindicais com as quais temos relações, pensamos convidar outros camaradas e organizações solidárias com as lutas dos trabalhadores brasileiros.

O objetivo do encontro é de fornecer uma informação da situação atual do Brasil, tratando principalmente os aspectos diretamente ligados ao movimento sindical, e apresentar uma proposta de programa e de organização posta em pratica pela oposição sindical.
Quremos também reafirmar a importância da solidariedade internacional com a luta por um novo tipo de sindicato que será autônomo, democrático e unitário.
As informações terão por base o testemunhos de camaradas que participaram nas ultimas lutas sindicais no Brasil.
Na mesma ocasião, vamos dar informação sobre o trabalho que desenvolvemos atualmente no exterior l,com o objetivo de garantir sua continuidade e sey aprofundamento.
Temos o prazer de convidar vossa central para participar neste encontro, para aprofundar os laços de solidariedade internacional , teremos reuniões exclusivamente com a participação dos representantes das centrais sindicais.
Esperando poder contar com vossa presença, apresentamo-lhe nossas saudações sindicais fraternas.

Pelo comitê de coordenação internacional da oposição sindical,
José Ibrahim

Nota: como não temos meios financeiros para pagar passagens, os custos deverão ser dos convidados.
Contudo, nos assumiremos os custos de hospedagem e alimentação.
Para de facilitar o trabalho dos ecretariado que organiza o encontro,pedimos que envia a resposta para:

JOSE IBRAHIM
Encontro internacional da oposição sindical brasileira.
41, Rue de Suede
1060 - Bruxelas ".

O convite oficial tem o seguinte teor:

" Rencontre Internationale du Mouvement
de l'Opposition Syndicale Bresilienne

Le Comite de coordination internationale du Mouvement de
L'opposition Syndicale a le plaisir
D"inviter …..(nome da entidade convidada)
À participer á la rencontre en vue d'informer et de discuter de divers aspecys du syndicalisme brésilien et de ses
Perspectives futures.
Nous comptons beaucoup sur votre présence que nous
Considerons comme trés importante pour reserrer les liens de
Solidarité internationale entre les travailleurs.

30 et 31 mars – 1er avril 79
Casa latinoamericana
41,rue de Suéde
1060 Bruxelles

Comitê de Coordination Internationale
de L"Opposition Syndicale Bresilienne "

O folder do Encontro traz os seguintes organizadores e temário:

- Revista Franja
- SEUL – Casa Latinoamericana
- -Grupo de Apoio da Oposição Sindical na bélgica

As lutas operarias e sindicais no Brasil de hoje
O caráter do sindicalismo brasileiro
A Oposição Sindical : passado , presente e futuro.
A solidariedade internacional aos trabalhadores brasileiros

O Programa foi especificado da seguinte forma:

30 de março:
10 h- chegada e recepção dos convidados
12h- almoço
15h- cerimônia da abertura
16-pausa
16:30- exposição: "Os trabalhadores frente à situação política atual do Brasil"
17:30- "Historia da oposição sindical brasileira".
19h- jantar
20:30- Noite cultural

31 de março:
10h: Exposições: " O movimento da oposição sindical no Brasil"
" Proposta de organização e de programa".
11h: pausa
11h15: exposição : " a solidariedade internacional"
11h45: pausa
12h: almoço
15h: Intervenções das organizações sindicais convidadas
17h30: fechamento da jornada
19h: jantar

1º de abril:
10h: debate sobre as exposições realizadas
12h: fechamento e processo verbal da reunião
13h: almoço

Notas:
- é prevista uma reunião no dia 31 março,das 13h a 14h30,entre a 0.S. brasileira e as organizações de solidariedade;
- é prevista uma reunião,no dia 31 março, entre 17h30 e 19h30,entre a 0.S. do Brasil e as centrais sindicais da Europa;
- é prevista uma reunião no dia 31 março, entre 20h30 e 21h30,entre 0.S. brasileira e as centrais sindicais latinoamericanas.

Após o Encontro Internacional, os brasileiros viajaram para contatos em alguns paises.
Documento de Denis Jacquot (setor relações internacionais da CFDT) , mostra os paises visitados:

Paris, 12 abril 1979

" Caro camarada,

Confirmo que a reunião com os sindicalistas brasileiros ocorrerá:

Sexta-feira 20 de abril 79 às 18 h15
Sala numero 606, 6o andar
26, rue Montholon

Os quatro sindicalistas da Oposição Sindical Brasileira (Bancos e Metalurgia de São Paulo e

Metalurgia de Osasco) terminaram uma viagem na Europa , visitando diversas centrais sindicais (CSYugoslavia,LO Noruega,CGTPortugal,UGT da Espanha, CCOO da Espanha,Federação Unitaria ,Bélgica,Pais-Baixo) que lhes convidaram quando do Encontro da 0.S. em Bruxelas em 30 e 31 de 1979.

As discussões foram sobre a situação sindical no Brasil, sobre os recentes conflitos de trabalho e as perspectivas de desenvolver a solidariedade profissional e internacional.

Segue documento entregue em Bruxelas pela oposição sindical.

Amigavelmente,

Denis Jacquot.

A publicação da CFDT , "Syndicalisme", traz matéria de 26.04.1979 sobre o Encontro em Bruxelas. Intitulada " Um Pais que Desperta", com uma foto de Manoel da Conceição diante de um cartaz do Encontro. A matéria está assinada pela jornalista portuguesa , que trabalhava na Central francesa, Marie-Paule de Pina. Vejamos a parte final,relativa ao Encontro:

"Uma pratica unitária da OSB

A reunião que ocorreu em Bruxelas nos 30,31 de março e 1º de abril últimos, mostrou a amplitude da progressão realizada em um pais em que as dificuldades de vida são enormes para as camadas populares.No pais do café, deve-se trabalhar mais de uma semana para poder pagar um pacote desta bebida.

Militantes sindicais e responsáveis políticos vieram do interior do pais para contribuir com informações sobre o que acontece hoje no Brasil.

Este Encontro permitiu expor as grandes linhas da plataforma reivindicativa da oposição sindical brasileira (OSB) como a pratica unitária no movimento operario.Um acento particular foi dado a política de não-alinhamento adotada pela oposição sindical brasileira frente ao movimento sindical internacional.

Entre umas 20 delegações presentes a este importante Encontro, encontrava-se a CFDT, que apóia há longos anos o processo engajado pela oposição sindical brasileira.

Além de representantes de paises europeus, vários delegados vieram da América latina e da América do Norte.

Um importante Encontro para reforçar os laços entre o movimento sindical brasileiro, e que permite a realização de um trabalho concreto no futuro que os trabalhadores brasileiros desejam democrático e pelo qual começaram uma dura batalha".

Objetivos do Encontro:

Informar ao Movimento Sindical Internacional sobre as lutas dos trabalhadores brasileiros. Papel das multinacionais. Internacionalização do Capital. Solidariedade internacional entre os trabalhadores.

Perspectiva. Dar a conhecer ao movimento sindical internacional. Organização...

Avançar na unidade ao nível interior do país (convida diversos setores)presença!. Este encontro pode significar um avanço, romper certas barreiras que ainda existem entre nós.

Primeira Parte: - História do Movimento Operário no Brasil

- O Surgimento da Oposição Sindical Brasileira

- Solidariedade Internacional dos Trabalhadores

Coordenação da mesa: José Ibrahim (Metalúrgico, Osasco)
Convidados: Rolando Fratti (operario , ex-dirigente do PCB e da ALN. Santos)

Manoel da Conceição Santos (Rurais, Maranhão)
Luiz Cardoso (Metalúrgico, São Paulo)
Alfredo Hervê – (CFDT, França)

José Ibrahim foi fundador e o primeiro presidente da Comissão de Fábrica da Cobrasma, de 1965 a 1967. Eleito nesse ano presidente do Sindicato dos Metalúrgicos, foi cassado,preso por atividades revolucionarias na VPR , e banido em 1970. Exilado em Cuba, no Chile, no Panamá e alguns países da Europa, regressou ao país em 1979. Nos primeiros anos após sua volta,
participou da primeira executiva nacional do PT, e foi diretor da ONG chamada CAPPS,em SP.
É autor do livro "O que todo cidadão precisa saber sobre Comissòes de Fábrica", publicado pela editora Global (SP) em 1986.

JOSE IBRAHIM

"Nossa intervenção de hoje diz respeito a um pequeno histórico do movimento operário brasileiro. Depois, teremos outras intervenções sobre a realidade do país e, amanhã, as propostas da oposição sindical e também sobre a solidariedade internacional.

Como vocês sabem, a oposição sindical é um movimento que existe no Brasil. Não está muito desenvolvido. Não somos nada triunfalistas neste sentido. Tem uma série de limitações, frutos ainda da situação que vivemos no nosso país, do clima de falta de liberdade e da repressão existente principalmente sob os trabalhadores.

É um movimento bastante jovem, que surge depois de 64. É um movimento bastante heterogêneo, que abriga diversas tendências existentes no movimento operário brasileiro. E também a nossa classe trabalhadora brasileira, enquanto classe, é bastante jovem.

O companheiro que vai fazer uso da palavra nesse momento sintetiza as nossas experiências do passado e as experiências mais recentes. É um companheiro antigo, dirigente operário, antigo sindicalista que tem dedicado toda a sua vida a luta dos trabalhadores. É com muito prazer que passo a palavra ao companheiro Rolando Fratti.

ROLANDO FRATI

Operário,filiou-se ao PCB nos anos 30.Chegou ao Comitê Central e, em 1967, a partir do "Agrupamento Comunista " de SP, junto com Marighella,Câmara Ferreira, Rafael Martineli e outros militantes, fundou a ALN.Foi preso em 1969 e banido em 1970.No Chile, participou da tendência leninista da ALN . Voltou ao Brasil em 1979 .Em SP, fundou o CEPASE e participou do CAPPS.

"Bem companheiros, antes de ouvirmos a delegação brasileira que está aqui, me deram a incumbência de, em dez ou quinze minutos, fazer uma síntese da história do movimento operário brasileiro. Vamos então ver o que se pode fazer em 20 minutos. Isso é necessário porque vai ajudar a compreender a razão de ser da nova concepção do movimento sindical brasileiro. Para não ficarmos pensando que esta concepção caiu do céu ou que tenha sido obra milagrosa de algum

santo. Não é nada disso. É a necessidade da classe operária que encontra sempre as fórmulas para sair de suas dificuldades.

Como se sabe, **a classe operária no Brasil pode-se dizer que nasceu nos anos 50 do século passado.** Não é muito nova, como disse o Ibrahin. E como sou irreverente começo logo fazendo observações. Por que quem a formou vinha da Europa e era muito velho, centenário já.

Por que surgiu aí a classe operária? Que causas determinaram isso? Em primeiro lugar, a proclamação do país como colônia de Portugal em 1822 e, antes disso, também a abertura dos portos do Brasil a todos os países do mundo, obra de D.João VI, que fugia de Portugal perseguido por Napoleão e se instalava no Brasil. Um outro fator foi a proibição do tráfego de escravos africanos em 1850, obra da então rainha dos mares Inglaterra, que já não tinha interesse em manter a escravidão na América Latina. Interessava o desenvolvimento do capitalismo que redundaria enfim em vantagem para ela ou para outra no domínio da América Latina.

Outro fator foi o início do ciclo da plantação de café. Ora**, esses fatores determinaram para a Burguesia a necessidade de mão de obra livre. Livre entre aspas é claro.** Já não lhe servia mais o escravo africano. Assim nasce a classe operária no Brasil. Em 1865, então tem início a corrente migratória: poloneses, italianos, portugueses, japoneses, húngaros, espanhóis, entre outros transladam-se para o Brasil.

Com essa gente, vai para o Brasil também o anarco-sindicalismo, que era a corrente político-ideológica que então dirigia o movimento operário na Europa. Tem início assim, portanto, a atuação do anarco-sindicalismo no Brasil. Porque já tem operários e camponeses que faziam essa luta aqui nos seus países de origem.

O mérito dessa corrente ideológica foi o de organizar o pequeno proletariado para as primeiras lutas. Os Grêmios nas pequenas fábricas... Dos Grêmios às Ligas que ligavam esses grêmios, até as Mútuas (Sociedades de Ajuda Mútua). Então, os operários socorriam-se entre si através das Mútuas. E também organizam jornais. Só no decorrer do século XIX, temos o registro de 13 jornais organizados, a maioria deles por anarquistas ou por socialistas libertários, o que era quase a mesma coisa. E outras correntes progressistas.

O auge do movimento operário conduzido pelo anarquismo no Brasil foram os anos 10, com grandes greves. Algumas até de caráter regional, como a ocupação, por exemplo, da capital de São Paulo durante quatro dias em 1917. E o seu declínio tem início nos anos 20. Entretanto, como uma corrente fortemente enraizada no movimento operário demora a morrer, ela esta presente ainda no movimento operário de maneira ponderável até os anos 30 deste século.

As causas do desaparecimento do anarco-sindicalismo? É um pouco do vício italiano no sindicalismo que, vocês me desculpem, são bem conhecidas. **Eles trouxeram para o Brasil um modelo que não correspondia às necessidades do povo brasileiro, não correspondia à realidade brasileira.** É bem conhecida a estratégia do anarco-sindicalismo, mas nós não vamos perder tempo em falar disso aqui.

A grande Revolução Socialista de Outubro na Rússia, que teve uma repercussão mundial, traz como conseqüência a criação do partido comunista em 1922, o qual vai ocupando gradualmente a influência no movimento operário que ia sendo deixado pelo anarco-sindicalismo. Um substitui o outro.

Entretanto, **também o PC nasce levando para o Brasil uma linha política que não correspondia às necessidades do povo brasileiro e do proletariado em primeiro lugar**. Tinha a linha traçada pela Internacional Comunista no seu segundo Congresso em 1920, que não permitia alianças de classe do proletariado. Era chamada de "linha de classe contra classe". Tinha-se naquela época a crença de que o desenvolvimento levaria a um crescimento tal da classe do operária que ela seria a força predominante no país e conduziria o país ao socialismo sem a necessidade de se fazer frentes, alianças com outras forças. Muita errada a linha em se tratando principalmente de um país dependente.

Então, esta influência anarquista de linha obreirista, de um lado, e a influência comunista também de linha obreirista, de outro, embora com estratégias diferentes, fazem com que o proletariado se

torne órfão, viúvo por assim dizer. Órfão de pai e mãe num dos maiores acontecimentos políticos da história do Brasil: a Revolução chamada de Revolução Cívico-Militar de 1930, que conduziu ao governo e ao Estado brasileiro forças anti-imperialistas. Antes não havia isso.Até então, estavam presentes no governo e no Estado brasileiro apenas as forças... ou coronéis antes e agora pró-Inglaterra. Não havia ainda uma oposição no seio da Burguesia à dominação imperialista. Com a Revolução de 1930, essas forças vão para o governo e passam a participar do Estado Brasileiro. E assim ocorre até 1964. Conservam-se.

A classe operária não participou portanto desse acontecimento. Se portou (teve que se portar) apenas como uma torcedora de futebol. Torce, mas não participa. Quem faz o jogo é o Pelé e etc. Desculpe se aí tem algum corintiano.

A revolução de 30 traz a relativa liberdade de organizar sindicatos no país. Nunca foi permitido isso antes. Em conseqüência desta relativa liberdade, surgem centenas de sindicatos da noite para o dia e, com a herança anarquista, são sindicatos por ofício.

Na indústria têxtil nós iríamos encontrar seis, sete sindicatos. Na construção civil, mil! Porque cada profissão tinha o seu sindicato. E era um inferno esse troço. Conheço bem o problema porque eu estreei em SP como dirigente sindical, já como vice-presidente do sindicato, em 1930, com 18 anos de idade. Eu sou portanto um pouquinho antigo, como disse o Ibraim. E posso dizer que vivi intensamente todo esse processo a frente de sindicatos, cooperativas e o diabo, até 1945.

Em 1945 eu me escrachei, me pintei de comunista, não tinha mais possibilidade legal de participar. Mas mesmo assim eu continuei trabalhando nesta frente, na frente operária até a minha 12ª prisão em 1968, a qual eu devo a minha presença aqui hoje. Então eu vivi intensamente esse problema, o conheço muito bem.

O 1930, entretanto, significou uma grande lição para nós. Porque nós tínhamos então um mundo de sindicatos e um mínimo de unidade para retomar a iniciativa numa situação nova, onde a questão social já não era pata de cavalo como no regime anterior. A dificuldade agora era a divisão existente no movimento operário, devido a um mundo de sindicatos. E cada sindicato com um pequeno príncipe que era o dono do mundo. Ele que sabia tudo, compreende. Uma prática brutal.

Que caminho achamos? Quando digo achamos eu me refiro seguramente a um mundo de dirigentes sindicais que vinham do anarquismo, que vinham da lutas comunistas e o diabo, portadores de uma grande experiência e que, em boa parte, não concordou com a posição nem da direção comunista, nem da direção anarquista na questão de 30, e consideram-se de mãos livres para fazer política segundo aquilo que eles entendiam como sendo de interesse do movimento operário.

Surge um projeto que é discutido com todos, inclusive com os dirigentes salafrários, os pelegos de então. Que nós chamávamos de salafrários. Era a de firmar uma posição diante do novo governo. Que posição? Alcançou-se isso depois de muita discussão e isso levou a unidade na cúpula. E levou também a um consenso para a construção de comissões intersindicais nas empresas.

Aí foi a o caminho inicial da retomada do movimento, isso nos fins do ano 32, que não só re-impôs com vigor a bandeira das reivindicações operárias. Quer dizer, de obrigar o novo governo a cumprir as promessas que havia feito. **Porque o governo de Getúlio (ou seja o governo da Aliança Liberal que foi a força que levou Getúlio ao poder) havia incluído em seu programa quase todas as reivindicações operárias.**

Então, a nossa linha consistia nisso: obrigar, exigir o cumprimento das promessas feitas e exigir a execução das leis já decretadas. Porque algumas leis já haviam sido decretadas, outras leis já existiam desde 1920, mas não eram cumpridas. E não havia nenhum tribunal que obrigasse os patrões cumprirem aquelas leis.

Então, nós passamos a lutar nesse sentido: um apoio crítico. Mas a base não era a do programa do governo, o que seria um reboquismo! Mas sim do programa que nós da união sindical alcançamos, a base desses comitês de empresa, a organização da comissão sindical, da união sindical de São Paulo que unificou todos os sindicatos e elaborou um programa. E a partir disso

então exigir, apoiar o governo mas exigir o cumprimento daquele programa, do programa próprio do movimento operário.

Bem, a união foi uma verdadeira aula de democracia operária. Ela viveu pouco tempo. Mas no pouco tempo que viveu deu base, levou o movimento operário a retomar a iniciativa. E também deu base às lutas contra o fascismo no Brasil, lutas de rua. O movimento operário decidiu que os integralistas, os fascistas brasileiros, não deviam se pronunciar em praça pública. Essa tarefa é claro foi cumprida. Custou mortes, custou o diabo, mas foi cumprida. Os integralistas passaram a fazer, em certo momento, seus atos apenas em recintos fechados. E isso nas principais cidades de São Paulo, no Rio de Janeiro e também em Minas, do nosso companheiro mineiro. A iniciativa saiu dali, como uma aliança para esse fim. Que era movimento operário ligado a outras forças também interessadas na luta contra o fascismo.

Teve também um grande papel na campanha pela Constituinte de 1934. Foi eleita uma Assembléia Constituinte de 200 representantes do povo pra elaborar uma constituição. O movimento operário, já que existia uma lei que permitia a eleição de deputados classistas pelo voto indireto, fez uma bancada de 17 deputados que teve uma grande atuação na Assembléia Constituinte, até o seu fechamento em 1937. Então, quer dizer, não se limitou só as reivindicações operárias, passou além imediatamente, fez aliados, ganhou força.

Mas os tempos vão passando, como diz o Chico Buarque. O país vai se desenvolvendo. Novas correntes de esquerda vão surgindo, outras vão desaparecendo. Mas o proletariado é sempre instrumentalizado por essa ou por aquela corrente política. E o sindicato é, em boa medida, a correia de transmissão e neste sentido ele perde a unidade. A unidade vai para a breca quando é assim. Porque o instrumento de um partido ou de determinado partido divide o movimento operário.

Que forças vão surgindo? Surge o Getulismo, que depois acabou se chamando Partido Trabalhista Brasileiro. O Getulismo, o Trabalhismo, foi um grande partido no Brasil. **Chegou a ser um grande partido, mas sempre com duas alas: na ala operária do PTB eram todos operários de esquerda, não haviam exceção. Então, era facílimo de trabalhar com eles; a ala não operária (intelectuais, empregados, etc.) nós a chamávamos de ala fisiológica**. Que estava no PTB porque o PBT era um partido de governo. Então, facilitava promoções, facilitava empregos. Era um quebra-galho, né! Com esses era muito difícil trabalhar e nós nunca conseguíamos na verdade trabalhar. Agora com a ala esquerda do PTB era fácil trabalhar porque eram de esquerda também. Nessas alturas eu pertencia ao PCB. Havia entrado no PCB em 26 de setembro de 1937, já tinha 7 anos de militância sindical.

Qual é a outra esquerda que surge com certa força, que vai se desenvolvendo? O nacionalismo de esquerda vai se desenvolvendo. É um nacionalismo que não fazia restrições ao comunismo. Não era anticomunista. Fácil trabalhar.

O nacionalismo de direita já é um pouco mais difícil de trabalhar. Porém precisa dialogar porque queria também a libertação do Brasil. Esse era mais ou menos o nacionalismo do Brizola dos anos 50. Era radical, queria a revolução também.

O catolicismo de esquerda (me parece que por volta de 1940, 1936, uma coisa assim), a Igreja começa a organizar núcleos operários nas empresas, jovens. Que são operários geralmente jovens e que são operários de esquerda. Porque num país dependente o operários só pode ser de esquerda. Ele não tem outra saída, a não ser ser de esquerda. Essa é uma característica de país dependente. Porque operário superexplorado não tem nada, não participa da sociedade de consumo. Porque um país dependente não pode lhe dar esta chance. Só os países independentes, imperialistas é que podem fazer isso.

Então, nós temos um catolicismo de esquerda a partir dos anos 40 que vai crescendo muito no Brasil. Não é por acaso que hoje nós temos não sei quantos, 80 mil bispos dos 310 que o Brasil possui, 80 e tantos são de esquerda. E é longe de uma esquerda bem conseqüente. Isso não é casual. É uma situação concreta existente no Brasil. E assim é em toda a América Latina.

E surgem finalmente as ligas camponesas nos anos 50, lideradas por **Francisco Julião** e também com uma posição abertamente anti-imperialista. Essas são as novas esquerdas que vão surgindo.

Nos anos 50 tem início um novo ascenso operário, que se inicia com a grande greve em SP de 530 mil operários, em 1953. A Guerra fria havia paralisado o movimento operário no Brasil, pelo menos as grandes manifestações, por cerca de 6 anos, congelado os salários e ocupado os sindicatos. Mas em 53 a gente arrebenta tudo isso com a grande greve em SP que envolveu 530 mil operários.

É evidente que a polícia, a força pública tentou impedir. Mas já não havia ambiente pra isso. Houve alguns conflitos. Queimamos vinte e duas viaturas policiais que saíram na rua e demos muita bordoada e muito tiro. Tinha chegado a nossa vez, né? Esse ascenso terminou. Foi truncado. Foi se transformando devagar... devagar.. num dos maiores movimentos anti-imperialista do Brasil. Porque até certo ponto fundiu todas as correntes numa única força: em torno da exigência das chamadas reformas de base.

Eram todas reformas brandas, porém tinham um conteúdo anti-imperialista. Era pra contemplar o problema dos camponeses, etc... a extensão das leis trabalhistas para o campo, a reforma da universidade, do poder judiciário, aprimorava a legislação trabalhista e, num avanço dessa legislação, colacava o problema da reforma agrária.

Eram portanto medidas anti-imperialista. E isso uniu tudo. Uniu o movimento camponês que tinha sido deflagrado pelas ligas camponesas no nordeste. Mas esse movimento se estende por todo o país. Como uniu o movimento camponês com o movimento operário, ganha o apoio do movimento estudantil, nacionalmente unido debaixo da UNE (União Nacional dos Estudantes).

Surge também a Frente Parlamentar Nacionalista, integrada por 72 deputados federais, 3 governadores e um mundo de deputados estaduais e vereadores. Era a Frente Parlamentar ampla, nacionalista, forte, muita ativa e que nos dava um grande impulso ao movimento.

Então, até certo ponto, isto esteve unido, mas a coisa foi crescendo. Nos anos 60 a coisa estava séria e o que começa a acontecer nos anos 60? As direções das esquerdas, que estão nesse processo, começam a lutar entre si pela hegemonia do movimento. Pra elas, aquilo não era um troço da classe operária, mas um troço que eles tinham inventado e não é verdade. Quem inventou foi a classe operária mesmo.

Então, cada um era dono do movimento, queria dar a direção a esse movimento. Isso impedia, em primeiro lugar, que se chegasse a uma direção unitária de cúpula, um órgão dirigente unitário. E, em conseqüência, que se passasse para ações também unitárias. O resultado dessa briga na cúpula (uns puxavam pra direita outros pra esquerda) foi nefasto. Em primeiro lugar dentro do movimento operário. Desarmou ideologicamente, trouxe confusão e, objetivamente, contribuiu para a vitória das multinacionais, que já colocavam a muito tempo na ordem do dia transformar o Brasil em um de seus apêndices, isto é um apêndice das multinacionais e dos países imperialistas, em particular dos EUA. Tiveram assim a tarefa muito facilitada por nossa divisão na cúpula, e seus reflexos negativos na base.

Então, a história do 1964, os companheiros mais ou menos conhecem. O 64 se completa em 68 com o AI-5, que estabelece amplos poderes ao poder executivo, isto é, às forças armadas. Tratou logo de por o Brasil num regime fascista de país dependente, um modelo de fascismo para país dependente. Numa ditadura militar fascista. Eu a defino assim.

Bem, o que faz a classe operária com a esquerda esfacelada em conseqüência do golpe, dividida em 50 pedaços? Que além da derrota oriunda do golpe já estava em crise, numa crise muito profunda, decorrente da divisão entre a China e a Rússia? Só quem estava no movimento sindical pode saber, calcular, o quanto esta divisão foi nefasta para o movimento sindical. O quanto de prejuízo deu e está dando até hoje. Do que sobrou, do que não estava foragido, na cadeia ou no exílio, principalmente aqueles operários de vanguarda.

Mas o que se passa? Se volta novamente para as empresas. Os sindicatos estão ocupados, você não pode fazer nada. Os sindicatos mais conseqüêntes tiveram uma intervenção de não sei quantos

anos. Na cúpula sindical não se podia fazer mais nada. Vamos fazer o que então? Vamos nos organizar nas empresas. Trabalho de paciência, devagar, porque o inimigo está atento.

Então este trabalho leva ao Osasco 68. A greve de Osasco em 68. Um desafio a ditadura em ascenso, foi aquela greve. Não era uma ditadura em crise como hoje, era uma ditadura em ascenso. Que estava ainda muito empenhada para destruir as forças de esquerda. Então, surge essa greve.

A greve foi uma grande lição. Dela se extraiu grandes ensinamentos. Principalmente aquele de que se pode lutar, se pode levar a classe operária à luta, mesmo que os sindicatos estejam ocupados pelos forças inimigas. O principal é que se enraíze o trabalho sindical dentro da empresa, o resto é conseqüência.

Depois, as forças armadas destruíram por completo os grupos militaristas atuantes no Brasil. Militarista no Brasil quer dizer ultra-esquerda. Nós os batizamos de militarista porque eram grupos armados, que fizeram ações armadas no Brasil. Mas ultra-esquerda por que? Porque as ações armada nos levaram a um desprezo completo pelo trabalho político com as massas. Até a imbecilidade, ao crime de retirar do trabalho operário, do trabalho popular, do trabalho estudantil, quadros de experiência, quadros experimentados, quadros conhecidos, com autoridade, para meter esses quadros nos grupos armados e clandestinizá-los. Esse é o cúmulo das imbecilidades.

Porque tiro não é muito difícil de se dar. Mas fazer trabalho político junto às massas era um trabalho um bocado difícil e exige experiência. E nós os tirávamos de lá para colocá-los nos grupos armados. "- Não, agora você é guerrilheiro companheiro. Nada dessa bobeira de fazer política, porque isso é reformismo. O negócio agora vai ser no pau!". Então tá bom! E o pau veio em cima de nós. De 68 a 72, mais ou menos, nos destruíram por completo.

E nos destruíram principalmente devido a nossa posição política errada. Porque quando um partido, uma organização de esquerda tem uma posição justa, nenhuma força é capaz de destruí-la. A história mostra isso. Mas quando é errada, ela se auto destrói, por assim dizer.

Depois que acabaram-se os grupos armados, ela se volta para o movimento operário, nas fábricas. Ela tinha visto Osasco e tinha aprendido. "- Ah! O negócio é ali na fábrica."; "Ah!. Então vamos acertar a conta com vocês."

Então, de 73 a 74 passaram pelo Departamento de Ordem Política e Social, só da grande São Paulo, isto é São Paulo capital, Osasco, Guarulhos e ABC, 11 mil operários para serem ouvidos e interrogados. Alguns foram torturados. Outros tiveram condenação. A maioria foi solta. Depois de serem identificados, ficaram sem emprego. Enfim, passaram 11 mil.

Mas isso não destruiu o embrião, a coisa prosseguiu. Prosseguiu pela linha de organizar comissões dentro das empresas etc. e prosseguiu com um salto de qualidade. Ja se começa a discutir com a classe operária a necessidade da autonomia, independência, de um novo sindicato, isto é, de um sindicalismo democrático.

A estrutura sindical existente no Brasil, até hoje, é a estrutura de 1937, copiada da Carta Del Lavoro de Mussolini. Então, atrela completamente o sindicato à burguesia brasileira. Agora, atrela às multinacionais. Este sindicato, esta estrutura, nunca serviu ao movimento operário, que sempre inventa outras formas de organização, partindo do sindicato para cima. Porque as federações e confederações, controladas pelo ministério, ocupadas por corruptos e ladrões, não servem para nós.

Então, coloca na ordem do dia isso: por um sindicalismo democrático. E mais: passa a contestar o governo. E aí alguns esquerdistas amigos nossos... Num dos pilares do sistema, na política salarial, não aceitam mais a política salarial do governo. "- Queremos negociar diretamente com os patrões, não aceitaremos a política, o quanto salarial decretado pelo governo em cada contrato de trabalho. Nós queremos discutir esse problema". Então contestam o sistema porque ataca um dos seus principais pilares que é a política salarial, que permite muito dinheiro para as multinacionais, muitas negociatas, etc.

Ao lado disso, computa na prática o direito de greve e a liberdade sindical. **O santo aí foi feito em 1978, maio-junho do ano passado. As grande greves do ano passado foram greves de novo tipo, arrancadas da empresa sem consulta prévia.** Nem o sindicato nem ao chamado partido de oposição, o chamado partido de oposição no Brasil, mas que não é oposição e vão pra luta. E são 150 mil operários que vão para a luta.

Vê-se aí que o movimento não é tão cego, porque sabiam que naquele momento podiam fazer esse desafio e ir pra luta. Foram pra luta. Não houve maiores conseqüências do que algumas prisões. Houve uma conseqüência só que foram as listas negras. O sujeito que era dispensado porque liderou greves, não arranja mais serviço naquela cidade. É obrigada a ir para outras, ou procurar outro serviço, abrir uma quitanda, procurar se virar para sobreviver. A lista negra foi aplicada em cheio. É uma forma de repressão também, mas já é muito menos do que a metralha, do que a tortura que havia antes.

Então, a classe operária tem uma espécie de instinto. Ela percebeu que naquela momento podia fazer aquilo. Aquilo abriu caminho para as greves posteriores, sobre as quais irão falar os companheiros que estão aqui. Como se organizaram, como se desenvolveram, que dificuldades existem. E como cresce essa posição firmada pelo movimento operário do sindicato autônomo, independente e democrático. Mas os companheiros devem esclarecer que nós queremos o sindicato democrático quando cair a ditadura, porque agora não é possível. Mas nós lutamos por ele desde já. Desde já.

Enfim, eu queria parar agora, porque agora os companheiros devem estar ansiosos para ouvir os companheiros das delegações que vieram do interior."

IBRAHIM:

Chama companheiros que vieram do Brasil, companheiros que integram a oposição sindical no interior.

Queria chamar aqui o companheiro Hélio integrante da oposição metalúrgica de São Paulo capital. O companheiro Antônio (Bancários - SP), recentemente no mês passado ganhamos por 70%. Chamaria também o companheiro Ademir integrante da oposição metalúrgica de Minas Gerais. ...

Informa o procedimento de inscrição para os debates amanhã a tarde (sábado) para a intervenção das centrais sindicais presentes.

HELIO BOMBARDI :

" Bom, é difícil vir e falar né? Em primeiro lugar, eu gostaria de agradecer todo o pessoal que... a gente chegou anteontem à tarde e agente tem visto o trabalho de promover o encontro, desde o pessoal da limpeza, os painéis, todo esse pessoal que tem trabalhado dia e noite e que realmente estão mostrando na prática o trabalho de solidariedade com o movimento operário.

Em segundo lugar, agradecer os companheiros que estão aqui fora, os companheiros da oposição que estão aqui no exterior momentaneamente. Esperamos eles em breve de volta pra gente continuar a luta juntos lá. Que promoveram, discutiram durante todos esses anos, e estão discutindo, levando a proposta da oposição. Não só das oposições mas das diretorias combativas, afinal de todo aquele que deseja lutar ao lado da classe operária.

Eu gostaria de falar um pouco, acho que o companheiro Fratti já falou bastante, e tentar dar uma visão, traduzir um pouco em exemplos, algumas das questões que o companheiro pôs e trazer um pouco mais a questão já dos últimos movimentos no Brasil.

Quando o companheiro falava de 1965, é uma data, é um marco dentro do movimento, na medida em que a partir daí o governo passa a determinar o índice, quer dizer, o quanto o operário deve ganhar no contrato coletivo. Isso é importante perceber por que isso sempre houve na Lei, mas sempre os operários foram à greve e conquistaram maiores índices. A partr de 65, o governo faz essa Lei.

No Brasil é muito comum o governo fazer uma lei, por exemplo, contra a greve. Quando os operários começam a fazer greve, ele faz outra lei contra outra greve e outra lei contra outra greve. Quer dizer, ele acaba fazendo três, quatro, cinco leis contra a greve. Já tem. Já tá proibida. Mas começa a fazer greve ele começa a fazer leis. Então, faz uma greve, é uma Lei. Outra greve, é outra Lei. E assim a gente vai longe.

Quando se está no Brasil, como o companheiro frisou, com a ascensão da burguesia, vem a política do arroxo salarial, a política que determina quanto deve ser o aumento. Essa política sempre faz com que os índices de aumentos salariais anuais sejam bem menores do que a inflação que o país atravessa. Como também recordou o companheiro, isso faz com que a classe operária no Brasil, os trabalhadores de um modo geral, comecem a perder o poder aquisitivo, comecem a perder progressivamente o seu poder aquisitivo.

Isso a gente consegue ver bem num período. Até 64, quando vem o golpe militar, de 64 a 68, o movimento, de uma forma ou de outra, ainda consegue em muitos lugares reagir a isso e, na prática, conquistar uma salário razoável. A partir de 68, aí a coisa começa a ficar mais triste, começa a ficar uma situação mais perigosa. É o que poderia ser chamado de uma nova etapa dentro do Brasil. E onde uma série de sindicatos, o movimento operário sofre bastante. O marco disso são as greves de Osasco e Contagem.

Para se ter uma idéia do Brasil de hoje, dos trabalhadores de hoje, agente tem aqui alguns dados. Por exemplo: 70% hoje do povo brasileiro ganha entre 65 a 130 dólares por mês. Eu já estou traduzindo em dólares, porque agente achou que ficava mais fácil para o pessoal de fora.

Agora, pra isso, é importante ver quanto é que custa algumas das coisas. Por exemplo: no Brasil, um operário que ganha o salário mínimo, e isso é uma grande porcentagem, é mais da metade do povo brasileiro que ganha salário mínimo, ele precisa de oito horas para comprar um quilo de carne. Oito horas de trabalho para comprar um quilo de carne. Um alimento que é básico no Brasil, que é o feijão, ele precisa de duas horas, duas horas de trabalho. Para comprar um litro de leite... agente não sabe muito bem como é o leite aqui, mas no Brasil tem vários tipos de leite: leite A, B, C.. quer dizer, várias categorias de leite. O último leite que tem é o leite que é mais ou menos assim: 90% de água e 10% de leite. Ele precisa de uma hora de trabalho para poder comprar um litro de leite. E o nosso maior produto, que até hoje agente anda exportando para o mundo inteiro, que é o café, no Brasil, é artigo de luxo. O trabalhador brasileiro, o operário brasileiro, precisa de doze horas de trabalho para comprar um quilo de café. Em cruzeiro, pra quem é brasileiro, são 83 cruzeiros atualmente, com possibilidade de aumentar no mês, amanhã, depois de amanhã.

O grande problema que começa no Brasil, com todo esse quadro que é apenas uma pequena parte, é que hoje, no Brasil, os trabalhadores não tem estabilidade no emprego. No brasil existe uma lei, chamada Fundo de Garantia por Tempo de Serviço, que permite ao empregador mandar embora a qualquer momento qualquer operário. Isso faz com que nós tenhamos uma rotatividade de mão-de-obra muito grande, uma troca de fábrica pra fábrica muito grande. Antes dessa Lei, o trabalhador, a partir de um certo tempo de trabalho, mais precisamente 10 anos, ele não poderia ser mandado embora da firma, ou, se fosse mandado embora, ele teria direito ao dobro do pagamento normal, cada ano correspondia a um mês de trabalho.

É nessa época que se começa a se falar no Brasil, começa a ser tocado de leve, entre 68 e 69, sobre o problema do "milagre brasileiro". Ainda não estava caracterizado como "milagre", ainda pode-se dizer que estava na época de oração. O ritmo de produção, daí pra frente, quer dizer, com o golpe, houve uma maior entrada de capital estrangeiro no Brasil, maiores máquinas. Dentro das fábricas houve uma modernização. O que se trabalhava manualmente começou a ser trabalhado mecanicamente, eletricamente, e começa a aumentar progressivamente o ritmo de trabalho, o

ritmo de produção. Com um dado também (porque agente no Brasil costuma também o seguinte: cada coisa que a gente fala, a gente costuma dar um dado. Às vezes não é muito bom, mas ajuda, né?): que cada operário da Volkswagen, em 1961, cada operário produzia 10,4 carros por mês; em 1972, cada operário produzia 12 carros; em 1973, 14 carros. Então, a gente pode perceber facilmente que o ritmo de produção é aumentado continuamente.

Outra coisa que o trabalhador brasileiro começa a sentir a partir de 68, isso mais agravado já em 69-70, é o problema de horas extras. Quer dizer, horas a mais trabalhadas do que o normal. No Brasil, tem duas formas: quando se pergunta porque não se acabou a população brasileira, se o salário a cada dia vem decrescendo, vem se arrochando, quer dizer, vem diminuindo, existem sim algumas explicações: primeiro, que o trabalhador passa a trabalhar mais. Esse mais é, no Brasil, por exemplo, em São Paulo, agente pode dizer que uma parte do Brasil mais ou menos industrializado, é uma média de 50 horas semanais, chegando até a 60 horas semanais. Esse é um lado do problema, quer dizer, o trabalhador precisando a cada dia trabalhar mais, o que para as fábrica é bastante interessante.

O outro problema é que aumentou o número de pessoas que trabalham por família. Esse é o outro dado que explica porque não morreu mais gente de fome. Onde se trabalhava duas pessoas, passa-se a trabalhar três; onde se trabalhava três, passa-se a trabalhar cinco. Porque as famílias brasileiras de operários são mais ou menos grandes, uma base de cinco, seis pessoas. Agora está diminuindo um pouco.

Quais são as conseqüências que isso traz? Tem algumas conseqüências bastante sérias e que às vezes, falado assim, não estando dentro das fábricas, às vezes não é levado muito em conta, ficam parecendo apenas números, números soltos, números que não dizem quase nada. Agora, para quem vive lá dentro, na fábrica, é um fator que provoca um grande desgaste, inclusive emocional, na gente, a cada momento que acontece algo desse jeito. É o problema dos acidentes de trabalho no Brasil. É um problema seríssimo. Além de que quase todas as fábricas - hoje já tem menos, em vista das lutas operárias, das lutas dos trabalhadores, mas ainda existe -, pouquíssimas usam equipamento de segurança, a exceção das grandes fábricas. Pouquíssimos operários usam, pouquíssimos operários trabalham com os equipamentos de segurança mínimos, que nós chamamos, por exemplo, óculos de segurança, bota e macacão. Não é mais do que isso.

Para percebermos como o "milagre brasileiro" foi realmente um milagre bastante grande, a gente pegou um dado de um ano, que é o ano do maior "milagre brasileiro" ou, pelo menos, o ano em que estava a maior euforia dentro do país, com índice de crescimento, índice mostrando o Brasil já como uma grande potência mundial, que é em 1973. Nós tivemos, isso é registrado, fora esses casos tem muitos mais casos que não são registrados, que não chegam a sair da empresa, não chegam a ser anotados nas fichas de acidente do trabalho, nós tivemos um milhão, seiscentos e trinta e dois mil, seiscentos e noventa e seis acidentes reconhecidos pelo departamento do Ministério do Trabalho do Brasil. Dados oficiais. Nós temos os dados e colocamos à disposição dos companheiros para que se alguém depois se interessar, talvez tenhamos até condições de reproduzir esses dados.

Nesse um milhão e seiscentos mil e poucos acidentes de trabalho, em 1973, nós tivemos 13 mil mortes em conseqüência desses acidentes de trabalho. E tivemos 59 mil operário e trabalhadores que ficaram inválidos permanente. Corta-se braço, perna e daí pra frente. Isso é só pra dar um dado muito concreto do que se chama de "milagre brasileiro", o quanto isso custou pro trabalhador brasileiro. Mais um dado só pra completar o estudo: a média diária disso, a média por dia, já em 1975, reconhecido pelo Ministério do Trabalho também, nós estamos nos apoiando em dados divulgados pelo Ministério do Trabalho, é uma média de cinco mil, oitocentos e noventa e um acidentes de trabalho por dia.

Nós podemos ver que esse é um dos dados, um dos lados. Primeiro, um lado econômico de quanto precisa trabalhar para conseguir comprar algumas das coisas necessárias para o trabalhador. Um segundo lado que é o lado social, qual é o custo do milagre brasileiro. Um terceiro lado é o problema, no Brasil, do aumento da miséria, do aumento do empobrecimento do povo brasileiro.

No Rio de Janeiro, que é uma cidade mais ou menos conhecida, que fica como a capital turística do Brasil, tem um média de seis milhões de pessoas. Hoje, no Brasil, nós temos um milhão e meio de pessoas vivendo em favelas, só no Rio de Janeiro. 25% da população vivendo em favela. Em São Paulo, por exemplo, que alguns até comparam a algumas capitais européias, nós temos seiscentos mil menores abandonados, entre 8 a 12 anos.

Talvez alguns aqui já tenham ouvido falar, no Brasil, não deve ter sinônimo aqui, que são conhecidos como trombadinhas. São grupos de menores que saem vagando pelas ruas de São Paulo, da capital, e assaltam fundamentalmente pessoas de mais idade, turistas, casais de namorados, pontos de ônibus e que vagam por toda a São Paulo, não importa a hora, de dia e de noite. É um outro sintoma do "milagre brasileiro". Porque na medida em que, normalmente, o casal, os pais vão trabalhar, não tem onde deixar as crianças. São Paulo tem, na atualidade, a capital, 4 creches públicas, para uma população de 10 milhões de pessoas, onde não se paga nada. Temos mais algumas, mantidas fundamentalmente por comunidades de base, pela igreja, onde normalmente é feito um serviço comunitário. Algumas mães tomam conta, em determinado dia da semana das crianças. Na medida em que os pais tiveram que trabalhar, aumentou o número de menores abandonados.

Além disso, um outro problema que existe, após 64, que o companheiro já tinha posto, o problema da repressão policial, o problema da ditadura militar no Brasil, com as mortes, com a repressão violenta, com a perda de emprego dos dirigentes sindicais e dos operários, dos trabalhadores. Depois de 1968 isso a cada momento aumenta mais.

Outro lado, acho que essa é uma questão muito séria, é o problema da falta de liberdade política. Agente se lembra, pelo menos quem ficou por lá, que houve companheiros da gente inclusive denunciados em 1972-1973, que foi a época mais dura que nós tivemos lá dentro. Isso não quer dizer que hoje não continue duro, mas aquela foi a época mais violenta, em que foram presos, por falarem na fábrica do direito de greve; por falarem na fábrica a favor da eleição direta pra presidente, pra governador e pra outros cargos. Isso sem contar que todo o pessoal de esquerda no Brasil, em momento nenhum, pode se posicionar, pode defender as suas idéias, pode defender aquilo que ele acreditava. A partir de 68, realmente, se já era bastante difícil, ficou muito mais difícil.

Várias e várias vezes, várias e várias mortes, algumas assim sem se preocupar... eu não lembro uma série delas, eu citaria só como exemplo, acho que serve como referência a todas as mortes que aconteceram no Brasil, algumas anteriores outras agora, o que me vem na cabeça é a do companheiro Manoel Fiel Filho, que a gente conheceu, operário; o companheiro Vladimir Herzog; a do comanheiro Alejandre Vanucci. São três áreas distintas, estudantil, jornalista e operário. Isso sem contar todas aquelas que muitas pessoas aqui conhecem. Acabando com algumas coisas, que é todo o pessoal que se encontra no exílio, que é uma forma também muito violenta né? De não poder estar no seu país lutando pelos seus ideais.

Realmente o governo, além disso, também como outro dado, de que nesses quinze anos no Brasil, já computado o problema das últimas intervenções que nós tivemos a cerca de 10 dias em nossos sindicatos, totalizaram durante esses quinze anos 428 intervenções em sindicatos, em direções sindicais, com a cassação de todos esses dirigentes sindicais, e em 43 federações. Isso pra dar uma idéia do clima político.

Tudo isso acumulando, o "milagre brasileiro" acumulando, o capitalismo se expandindo, as grandes multinacionais instalando filiais, sedes, ornamentando, gastando rios de dinheiro, banquetes monstruosos.... O Ministro do Trabalho, por exemplo, ele gasta por mês, lá no Brasil, uma base de 200 quilos de carne por mês, enquanto operário tem que trabalhar oito horas pra comprar um quilo. Isso, todas essas denúncias, inclusive saíram em todos os jornais alternativos, quer dizer, pequenos jornais com circulação mais limitada dentro do Brasil.

Mas isso tem um lado. O lado é que toda essa miséria....Em 64 o golpe militar... A partir de 68, o endurecimento, a repressão violenta... as faltas mínimas de liberdade, por um lado sindicais e por outro lado políticas. O Brasil realmente é um dos países, em termos políticos, mais violentos. Qualquer pequena acusação, se pega aí mais ou menos seis meses a dois anos. Acusação não é de

ter feito nada não. É o cara ter falado uma palavra, por exemplo, "eu sou socialista!", já basta pra ele enfrentar os homens da repressão, já basta pra enfrentar o aparelho repressivo. Qualquer crítica ao presidente ou qualquer autoridade no Brasil, mesmo crítica assim, dentro de um ônibus, dentro de uma reunião, dentro de uma Igreja, se souberem, realmente fica bastante atrapalhado pra explicar depois.

Agora, esse é um lado da história. Com todo esse empobrecimento do Brasil, que continua cada vez maior. Esse regime continua arroxando, apertando cada vez mais os trabalhadores. Com os sindicatos, a maioria deles, como é o nosso caso no sindicato dos metalúrgicos de SP, que tem na sua direção um presidente que foi posto pelo governo em 64, o Sr. Joaquim dos Santos Andrade, famoso pelego do sindicalismo brasileiro.

Com tudo isso, o trabalhador brasileiro, que também é muito teimoso (dizem que se aproxima um pouco ao trabalhador espanhol, ele pisa mesmo no chão), sempre conseguiu, ainda que com pequenos movimentos, alguma resistência a essa brutalidade do regime que nós vivemos.

Sempre então tiveram, em todos os estados brasileiros, ou pelo menos naqueles industriais, trabalhadores que, por não terem atuado naquele momento porque o sindicato estava ocupado, ou pelas condições das fábricas terem piorado bastante, esses trabalhadores começam a se organizar em pequenos grupos dentro das fábricas.

Marco disso é a greve no pior período do Regime brasileiro, pouco divulgada, porque não se podia dizer antes, foi no final de 1973, quando na Villares (uma companhia metalúrgica num bairro de São Paulo chamado Santo Amaro), os trabalhadores param, fazem greve. Todos os operários que participaram da greve foram mandados embora, pelo menos a liderança sindical foi mandada embora, a liderança dentro da fábrica.

Agora deu oportunidade pra começar a pensar junto, com todos esses agrupamentos operários.... [a fita interrompe nesse momento, perdendo-se o final da frase]

A partir disso, se começa a discutir, se começa a avançar a idéia de uma oposição sindical. Logo após o golpe, com a cassação dos dirigentes, já existe uma oposição sindical, inclusive organizadas, disputando eleições, como é o caso dos companheiros bancários que já tinham disputado uma série de eleições, depois de 1964. Como é o caso dos metalúrgicos que vinham disputando eleições desde 1967, da oposição sindical metalúrgica. Disputou em 1967, 1969, 1972. E, como o companheiro pôs, pelo o que nós temos de estrutura sindical, corporativista e fascista, é bastante difícil ganhar eleições. Mas sempre se participou.

Agora, a partir de 74 começa a se avançar na idéia da organização dentro das fábricas. Essa organização, que nós teremos condições de falar mais tempo amanhã, com alguns exemplos mais concretos de como se organizou, fazem com que o movimento operário passe a ganhar uma expressão dentro das fábricas e dentro dos movimentos populares.

Hoje, no Brasil, existe uma série de movimentos populares que fazem com que a luta avance. Tem mudado bastante. Todos esses trabalhos pequenos começaram a se frutificar e, em maio de 1978, por uma luta da reposição salarial - quer dizer, o que nós tínhamos perdido, segundo os dados divulgados pelo Banco Mundial, que no Brasil a gente não sabia, tínhamos perdido em relação mesmo ao índice oficial do governo, de inflação -, os trabalhadores de São Bernardo, uma região industrial de São Paulo, começam a fazer greve. Isso se estende rapidamente, atingindo São Paulo, Osasco, Guarulhos e outros locais do Brasil.

Analisando hoje o movimento, a gente percebe que existe uma maior disposição de luta de todos os trabalhadores. A gente percebe que o regime não consegue oferecer nenhuma alternativa para os trabalhadores. Ele não está tendo condições, nunca teve, e nunca deveria ter tido, inclusive de querer estar a testa, só conseguiu favorecer os patrões e as multinacionais.

Mas nós temos uma série de movimentos, uma série de greves. E, o que é importante, a partir inclusive das eleições parlamentares, mesmo dentro dos partidos consentidos, onde o partido de oposição legal consegue, nos grandes centros industriais, ter por volta de 70% dos votos.

Temos hoje outro tipo de movimento, que trabalha desde 1974, através de comunidades de base, que é o movimento do custo de vida, o movimento contra a carestia dos preços, contra a alta dos preços, que vem durante esses longos anos fazendo um trabalho, fazendo uma luta que, há pouco tempo atrás, foi uma das etapas dessas luta, onde se conseguiu reunir um milhão de assinaturas, em São Paulo e em algumas outras cidades, e será levada ao presidente da república.

Outro movimento que possui hoje força real e expressão são, dentro das cidades, daqueles trabalhadores que compram os terrenos para construir as casas, os lotes pra construir as casas e que, depois de ter tudo pago, percebe-se que quem vendeu pra ele não era o dono do terreno. Isso no Brasil acontece assim freqüentemente. E normalmente expulsam então os trabalhadores das suas casas porque ele comprou um terreno que não era de quem ele comprou. Isso tem feito inclusive, há poucos dias, só de delegados participantes na capital de São Paulo, na prefeitura, fazendo uma manifestação, cerca de 3 mil moradores representando pessoas atingidas por esses atos.

Quer dizer, a partir de 78, então, todos esses trabalhos, também o Comitê Brasileiro de Anistia, que desenvolve hoje um intenso trabalho dentro do Brasil, pela volta dos exilados, perseguidos políticos, tudo isso daí está tendo a sua contrapartida. Quer dizer, tudo aquilo que a gente vem sofrendo, tudo aquilo que foi imposto ao trabalhador, ele, através da sua organização de fábrica, da sua organização dentro de seus locais de trabalho, e com esses movimentos todos, ele começa a exigir, a querer participar dos destinos do Brasil, quer dizer, ter em suas mãos o destino do Brasil. E uma condição, sem dúvida, que só vai ser possível acontecer, quando esse regime militar não mais existir, quando nós estivermos dentro de uma democracia.

As greves do ABC, do ano passado pra cá, todas essas greves, não se restringem aos metalúrgicos, mas é o povo brasileiro que começa a lutar. Mesmo não chegando notícia aqui, é o povo brasileiro que começa a lutar, que começa a enfrentar esse estado de coisas. Os metalúrgicos fizeram a greve, praticamente iniciaram no ABC, que é Santo André, São Bernardo e São Caetano, iniciaram essa luta. Passou por São Paulo. Mas temos hoje, no ano passado e esse ano, greve de professores, motoristas e cobradores, lixeiros, químicos, têxteis, quer dizer, todas as categorias profissionais começam a lutar. Além disso, os bancários, que também saíram em greve, apesar da forte repressão, e até dos funcionários que trabalham pro governo, os funcionários públicos.

Então, eu acho que deu pra dar um quadro bastante precário do que é a situação brasileira. Foi só um quadro inclusive pra poder introduzir a questão amanhã, que a gente vai dar definições melhores de como que alguns desses movimentos fizeram, se organizaram, quais foram as fazes dessa organização, qual foi todo o processo dessa organização pra se chegar hoje, que nós consideramos fundamental, que a luta do trabalhador hoje, desde o operário dentro da fábrica, de quem trabalha na construção civil, caminha lado a lado. Por um lado a luta pelas liberdades sindicias, mas a luta também contra o regime, a luta contra a ditadura militar.

Hoje, qualquer operário dentro da fábrica se diz de oposição. Todos eles se reconhecem como oposição e todos eles hoje vêem o fim desse regime de ditadura militar como uma condição para reconquistarmos a liberdade sindical e as liberdades políticas, a liberdade de organização partidária, enfim todas aquelas liberdades que o povo brasileiro conseguiu e que foi retirada a força, a sangue e com mortes. Então, eu ficaria por aqui.

Como última notícia da última greve de São Bernardo, a greve dos sindicatos do interior de São Paulo, isso como última informação chegada do Brasil, em que os trabalhadores brasileiros conquistaram uma grande vitória. Com a greve, e a maioria dos sindicatos brasileiros ainda tendo uma concepção incorreta, assinaram um acordo, um acordo salarial. Mas os sindicatos combativos não aceitaram esse acordo e lutaram e conseguiram algumas vitórias bastante importantes.

Numa categoria, como exemplo a dos metalúrgicos de São Bernardo, que tem como base 140 mil operários, 140 mil metalúrgicos, foram realizadas 7 grandes assembléias com cerca de 70 a 90 mil metalúrgicos por assembléia. Isso significa 2/3 de toda a categoria permanentemente em assembléia, sem aceitar o acordo salarial. E se conseguiu, com isso, uma vitória, ainda que tenha havido intervenção no sindicato e que as diretorias sindicais estejam afastadas, a classe mostrou que não está mais disposta a aceitar aquilo que o governo quer, aquilo que o governo oferece,

migalhas. E conseguiu uma vitória, conseguiu um aumento. Os patrões ofereciam 63%, mas para descontar 11% que já tinham dado. Eles conseguiram que não fossem descontados esses 11%. Conseguiram também que se negocie durante quarenta e cinco dias, em uma comissão entre patrões e operários e infelismente o governo no meio, os dias parados, por volta de, se não me engano, 13 dias de greve.

Tudo isso faz com que nós tenhamos muita esperança, através de muita luta, que o Brasil começa hoje a atravessar uma nova fase, onde o movimento dos trabalhadores, o movimento operário e os movimentos de oposição sindical, que fizeram todo esse trabalho durante todos esses anos, nós temos certeza que iremos conquistar aquilo que a classe julgue ser necessário para ela. Estamos todos em luta para que o povo brasileiro tenha dias melhores. Acho que é só isso.

Luiz Cardoso (Luisão) – Oposição Sindical Metalúrgica SP (Osasco)

Tema: Solidariedade internacional entre os trabalhadores

" Primeiramente, eu queria dizer aos companheiros que a ditadura militar no Brasil nunca imaginou que pudesse chegar um dia em que tantas delegações sindicais, organismos de solidariedade e ajuda reunidas para prestar solidariedade aos trabalhadores brasileiros. E isso ela conseguiu, de uma certa forma, nos pondo para fora do país.

Todos sabemos que o capitalismo, como sistema econômico internacional, ele passa nesse momento por uma crise estrutural. Tanto os trabalhadores dos países industrializados como no terceiro mundo sabem que somos nós que pagamos as pesadas cargas dessa implantação e do desenvolvimento dessas novas formas de exploração do capitalismo a nível internacional. Com o surgimento das multinacionais, poderosos grupos econômicos, acordos comerciais e também com a política econômica financeira internacional.

Uma crise inevitável, que repercute nos países dependentes, assumindo as mais diferentes formas. Através das filiais das empresas multinacionais instaladas nesses países, o capitalismo consegue encontrar momentaneamente uma saída para aliviar as suas tensões nos centros desenvolvidos, na Europa ou América do Norte.

Na Ásia, na África e sobretudo na América Latina, mais próximos de onde nós estamos falando, as empresas multinacionais obtém lucros inimagináveis e, se pode dizer, dez vezes superiores somente na exploração da mão de obra, do trabalhador desses países considerados de terceiro mundo.

É comum se dizer que o Brasil, que nós vamos tratar particularmente, é considerado o paraíso das multinacionais. No Brasil, temos as multinacionais de todos os países. Todos os países da Europa, da América do Norte, Japão e de pequenas formações de grupos de Latino-América.

Os baixos salários, as vantagens fiscais, o controle sobre os sindicatos e um eficiente aparelho repressivo interno são alguns dos atrativos que são oferecidos a essas multinacionais, a esses poderosos grupos econômicos para virem implantar-se em nosso país.

Daí é fácil deduzir que, como eles conseguiram um milagre econômico, o lucro fácil, a evasão de divisas provocando os desequilíbrios regionais, causando a polarização das empresas. Apesar do grande número de implantação dessas empresas em nosso país, são criados pouquíssimos postos de trabalho. Ao contrário do que se diz, que multinacional cria postos de trabalho. Ela cria, mas ao mesmo tempo ela desemprega muitos companheiros através de sofisticadas tecnologias que são implantadas dentro do país.

As multinacionais formam um complexo de dominação econômica que reage imediatamente como um todo em nível internacional, oferece uma resistêmcia muito grande ao nível das nossas reivindicações no plano internacional e promove uma degradação das condições de trabalho e das condições sociais dos trabalhadores.

Nós podemos citar um exemplo rápido de como se dá esse tipo de dominação, esse tipo de exploração e através dos canais que elas agem. Nós temos um caso que costumamos citar sempre,

que é o caso de uma greve na Pirelli Italiana. Porque nós conseguimos estabelecer as ligações e compreender o mecanismo que eles utilizaram, mais rapidamente.

Os companheiros, depois de um mês de greve, eles viam que as suas reivindicações não avançavam e que os trabalhadores italianos não conseguiam ter as suas reivindicações atendidas. Ao mesmo tempo, os operários da Pirelli no Brasil tomam conhecimento, através de um comunicado na imprensa, que a jornada de trabalho iria ser colocada sob o regime de 24 sob 24, ou seja, os trabalhadores da Pirelli iriam trabalhar todo o tempo, com as máquinas sem parar.

Bom, os trabalhadores protestaram, porque, é lógico, é uma medida arbitrária que se coloca sem maiores explicações. Os operários organizaram suas comissões e se dirigiram ao sindicato. O dirigente do sindicato, dessa região em que está implantada a Pirelli, ele não teve nada que dizer, que isso tinha sido acertado com o Ministério do Trabalho, e que tudo o que ele poderia dizer é que é uma questão de segurança nacional. Quem não acatasse esse tipo de decisão seria enquadrado na Lei de Segurança Nacional, por estar infringindo essa Lei, e que eles tão pouco dão explicações e delimitam o que é.

Bem, isso é só pra nós estabelecermos uma ligação, para vermos como elas, as multinacionais, através dos seus representantes dentro do país, dos seus contatos com o governo brasileiro, eles pressionaram os trabalhadores a aceitar um regime de trabalho que não lhes convinha para nada e, ao mesmo tempo, também quebrar uma luta que estava se travando na Itália.

Bom, quando nós discutimos isso com alguns companheiros da Itália, eles disseram, "- bom, mas nós não estávamos sabendo, então o que que nós poderíamos ter feito no momento?" Ou seja, se colocava uma questão de canais de comunicação, aonde os trabalhadores pudessem ter imediatamente reações ou reagir. Tanto os trabalhadores italianos denunciando como também os trabalhadores brasileiros recebendo a solidariedade. Porque nem sempre o trabalhador pode enfrentar uma força como um regime militar que nós temos em nosso país.

Mas essa não é uma situação particular somente da Itália, ou das multinacionais italianas. Podemos dizer que se repete com todas as multinacionais ou grupos econômicos que se implantaram em nosso país. São eles que, na prática, controlam, governam e fazem as Leis.

Por outro lado, os companheiros europeus começam também a sentir que o fechamento das empresas de seus países está correspondendo ao desvio dos investimentos dessas empresas e a sua implantação nos países de terceiro mundo, onde o lucro, pelas diversas facilidades que nossos governos oferecem, os atrai com maior facilidade.

Bom, o custo social dessas manobras, distribuído em escala mundial, e sob as diferentes formas e níveis, é essencialmente devido a mesma causa, que é o lucro fácil e a maior exploração das classes trabalhadoras, que vem de um aumento das cadências de trabalho, da jornada de trabalho, das horas-extras.

Isso, para nós, coloca uma só questão, que é dizer que nós temos em nível internacional um mesmo patrão, sejamos nós brasileiros, alemães, italianos, franceses, espanhóis, portugueses, enfim, todas as nacionalidades. E isso exige de nós uma ação onde possamos nos coordenar em nível internacional, pensarmos nessa solidariedade, para enfrentarmos em nível internacional esse mesmo patrão, levarmos em todos os países à mesma luta, porque identificamos um mesmo patrão.

Ante essas rápidas reflexões sobre a questão da solidariedade internacional e as formas de exploração, das novas formas de exploração do sistema capitalista, constatamos que mais do que nunca torna-se necessário coordenar nossas lutas em nível internacional, a partir da convergência das nossas ações e da intensificação do intercâmbio de informações, análise de nossas reivindicações e da criação de instrumentos que sejam valáveis, que sejam reais, no caso.

Nesse sentido, estamos aproveitando a oportunidade da presença de todos os representantes das centrais sindicais, dos movimentos de solidariedade e de ajuda, tanto européias, como americanas e também da América Latina, a quem devemos nosso reconhecimento pela ativa solidariedade de classe que estão prestando nesse momento e que já prestaram em diferentes ocasiões, para fazermos um chamamento a essas diversas organizações que aqui estão representadas, para que

estudemos juntos a possibilidade de criação de organismos em nível internacional, de caráter unitário, de todos os trabalhadores das empresas multinacionais, com as quais podemos ter ações comuns e conjuntas, elaborar uma estratégia para tornar eficaz esse enfrentamento ao processo de exploração a que estamos submetidos em todos os países.

Partindo da nossa prática interna, que procuramos construir um novo tipo de sindicalismo, autônomo, democrático, independente, que é o resultante da união das forças progressistas existentes no movimento sindical brasileiro, nós, da oposição sindical, procuramos orientar nossa política de relações internacionais dentro de uma postura de não alinhamento, buscando ao mesmo tempo um diálogo com todas as instâncias sindicalistas internacionais, comprometidas com as propostas de transformação da sociedade numa perspectiva socialista.

Ressaltamos também que, na busca da solidariedade ativa, de classe, no exterior, nós não abrimos mão dos princípios de unidade, autonomia e não alinhamento que orientam a nossa prática interna e externa. Da mesma forma, como vemos com agrado a ação positiva das organizações sindicais unitárias ao nível regional, manifestamos também a nossa preocupação pela polarização das entidades internacionais. Esse fenômeno reproduz no plano dos países, no plano das organizações sindicais nacionais, a absurda divisão do mundo em zonas de influência, comprometendo o sentido e a eficácia da solidariedade de classe de todos os trabalhadores em todo o mundo. E estamos dispostos a demonstrar em favor dos companheiros que foram vítimas da opressão e da injustiça.

No processo de emancipação da classe trabalhadora nos países dependentes submetidos aos regimes ditatoriais, ou países onde mesmo que não existam regimes ditatoriais, como já se começa a dizer no caso do Brasil, mas onde não existem as liberdades sindicais, nós ressaltamos a importância da solidariedade e a troca das experiências duramente adquiridas pelos trabalhadores dos países economicamente avançados com os trabalhadores de países dependentes.

Nós acreditamos que podemos incrementar nossa unidade no plano internacional, melhorá-la muito mais do que temos conseguido até hoje, superando dentro da solidariedade ativa os preconceitos que só tem agravado o isolamento, e a persistência desse isolamento, a falta de contato entre as diferentes centrais sindicais e procuramos concentrar nossas forças na busca de soluções para os nossos problemas comuns.

É desnecessário lembrar que em muitos países considerados sub-desenvolvidos, submetidos a regimes autoritários, desenvolvem-se lutas reivindicativas, justas reivindicações, por mais mínimas que sejam, e que encontram como resposta a prepotência, a repressão e o autoritarismo das forças repressivas que são organizadas internamente. Ou mesmo a repressão organizada em nível internacional.

No encaminhamento de nossas justas reivindicações, os militantes sindicalistas, os militantes de oposição sindical, nós não estamos somente pondo em jogo os nossos empregos, mas arriscando nossas próprias vidas. Nós temos bastante desses exemplos em América Latina, nós podemos pegar listas de trabalhadores da Argentina que foram mortos ou desaparecidos. E no Chile, no Uruguai, nos países da América Central e também no Brasil. E nós achamos que a condição básica para a superação dessa realidade, em nosso entender, é procurarmos a unidade de todos os trabalhadores e vencermos as barreiras das diferenças ideológicas.

As manifestações de solidariedade recebidas pelo movimento operário brasileiro durante as importantes e decisivas greves que eclodiram durante o ano passado, a partir do mês de maio, em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e diferentes outros estados do Brasil e também em diferentes categorias profissionais, é para nós um sintoma animador no caminho da superação das barreiras que impedem a efetiva solidariedade internacional entre todos os trabalhadores.

Para nós da Oposição Sindical, à luta por um novo sindicalismo, autônomo, independente e democrático, nós associamos a luta pela emancipação dos trabalhadores, e ela se orienta dentro de uma prática de solidariedade efetiva na ação com os trabalhadores de todos os países, de todo o mundo, a fim de dar um só combate ao capitalismo, ao mesmo patrão, ao colonialismo e a degradação internacional das condições sociais das classes trabalhadoras.

Esperamos que esse encontro seja mais um avanço, mais um marco no avanço pelo caminho da unidade, estreitamento do laços de solidariedade, pela mútua compreensão de nossas realidades nacionais e lutarmos pela união de todos os trabalhadores ao nível internacional."

IBRAHIM :

Antes de iniciarmos as intervenções dos nossos companheiros, convidados representantes das centrais sindicias, eu queria assinalar o recebimento do telegrama do companheiro Giorgio Bevenutto, em nome da UIL, União Italiana del Lavoro, que se declaram solidários com as lutas dos trabalhadores brasileiros e a inteira disposição dos nossos objetivos. E também, eu queria assinalar a presença dos companherios Alejandro Bonamedis e Manoel Cabrales, redatores de Informaciones Obreras da Itália. E também Stéfano Pietantônio, redator do Cotidiano del Lavoratori da Itália.

A gente também queria pedir desculpas por eventuais erros que hajam sido cometidos com relação aos nomes dos companheiros e também do nome das organizações sindicais, quer dizer, a mesa recebe do secretariado a lista dos nomes dos companheiros e a organização sindical que representam e, bom, pode ser que aí tenha sido cometido algum erro. Então eu peço desculpas. Eu vou iniciar agora dando a palavra ao companheiro Milus Marinovich, representante da CSI, da Iugoslávia.

==========

Segundo Dia - Oposição Sindical Brasileira

- Greves de 1979
- Oposição Sindical / Sindicalismo Autêntico

HÉLIO BOMBARDI - Oposição Metalúrgica de SP

Helio Bombardi,metalúrgico do MOSM-SP

" Bom, eu gostaria particularmente de agradecer a presença de alguns companheiros que estiveram recentemente no Brasil, o pessoal da CFDT francesa, que tiveram a oportunidade de conhecer um pouco o nosso trabalho no Brasil, e o pessoal da Central Sindical Nacional do Canadá, se não me engano Quebec, o lado Francês. A gente se sentiu muito bem quando viu os companheiros aqui.

O trabalho de oposição, quando o companheiro Antônio estava falando dos bancários, dá pra perceber que o trabalho de oposição é feito dentro do sindicato, mas é feito de uma maneira que realmente a base venha a participar desse sindicato, que ele realmente leve os problemas que ele tem nos bancos, nas fábricas, nos locais de trabalho de uma maneira discutida, de uma maneira organizada.

Para nós, em São Paulo, é bastante importante quando esses companheiros ganham uma direção sindical. Isso significa que, realmente, como o companheiro disse, o movimento de oposição não saiu da cabeça de alguns, não foi alguma coisa inventada, mas é um movimento dinâmico, quer dizer, um movimento que consegue, apesar de toda a legislação repressiva, chegar até algumas direções sindicais.

Quando ele colocou que o movimento de oposição continua, é porque os companheiros, nós no Brasil, sabemos muito bem que não basta ter uma direção sindical, tem que se fazer um trabalho na base de locais de trabalho. Esse trabalho feito por eles, que eles criam um movimento, quando ele fala que o movimento continua, porque pra nós é essencial a quebra da estrutura sindical que existe no Brasil, já explicada ontem. Essa elaborada em cima da Carta del Lavoro, coisa por aí, facista, quer dizer, o que nós temos lá é um estatuto padrão pra todos os sindicatos, ditado pelo

Ministério do Trabalho. Não são os trabalhadores do sindicato que elaboram o seu estatuto. É elaborado pelo governo e todos os sindicatos tem que aceitar esse estatuto.

A oposição de São Paulo, que faz parte de todo esse movimento de oposição no Brasil, ela já existe há algum tempo. Ela praticamente nasce após o golpe de 64, e de 64 a 67 é uma elaboração ainda bastante incipiente, é onde está se procurando sentir como o movimento operário estava vendo aquele novo momento.

Nós dividiríamos, a partir de 68 a 72, ou até metade de 73, esse movimento de oposição já atuando dentro dos sindicatos e já tendo participado inclusive de eleições, uma série delas. Nós participamos das eleições de 1967, participamos das eleições de 1969, participamos das eleições de 1972. Só em 1975 que nós não participamos porque, em 74, tivemos 42 companheiros da oposição presos. Então, quem é preso no Brasil não pode concorrer, ficamos sem poder concorrer em 75.

Porque no Brasil, o processo de chapa, como o companheiro também explicou, qualquer concorrente ele nunca pode ter passado pela polícia. O Ministério do Trabalho determina quem pode e quem não pode concorrer. E isso faz com que, mesmo que ele seja preso e absolvido, quer dizer, que não tenha nada, que não conste nada contra ele, só de passar lá dentro ele já fica barrado pra disputar uma eleição sindical. E isto quando não é vetado mesmo após estar eleito, como é o caso do sindicato dos médicos, que tem companheiro que, depois que a chapa ganhou o sindicato, o Ministério do Trabalho cortou alguns companheiros da chapa, vetou esses companheiros, inclusive a companheira Joana D`Arc. Ela realmente até hoje não conseguiu, continua sendo médica mas não pode fazer parte da diretoria.

Então o movimento sindical, retornando um pouco atrás, quando chega em 73, nós começamos a perceber, entre 73-74, que o nosso trabalho ele teria que se enraizar definitivamente dentro das fábricas pra que nós pudéssemos ter claro esse processo. Esse trabalho lento, esse trabalho pequeno, esse trabalho acumulado por alguns anos, faz com que hoje nós tenhamos já alguns pontos do nosso programa que consegue unificar dentro de São Paulo a oposição sindical metalúrgica.

O primeiro ponto, sem dúvida nenhuma, é a comissão de fábrica. São comissões que há alguns anos, a exemplo dos companheiros da Espanha, sem ser em momento nenhum uma cópia, mas uma experiência de discussão, de organização, de grupos de fábrica, quer dizer, grupos de trabalhadores dentro da empresa e, posteriormente, até a greve do ano passado, onde nós tivemos condições de eleger cerca de mais ou menos 200 comissões de fábrica em São Paulo.

Essas comissões de fábrica foram, na sua maioria, cerca de mais ou menos 80%, 90%, eleitas por assembléias gerais dentro da fábrica, com todos os sindicalizados e não sindicalizados, normalmente escolhendo um companheiro por seção. Nós temos em São Paulo, 6 comissões de fábrica com estabilidade, que varia entre um a dois anos. É o que nós conseguimos até hoje. Essas outras comissões não tem estabilidade, foram eleitas normalmente durante a greve de junho, quando nós tivemos a base de 300 a 350 fábricas que entraram em greve e uma boa parte conseguiu essas comissões.

Essas comissões, é importante a gente perceber, primeiro, elas são independentes em relação ao patronato, quer dizer, elas tem que ser independentes em relação aos patrões. Elas são autônomas em relação aos partidos. E são democráticas porque essas comissões elas não decidem, não são elas que decidem as questões, elas servem como intermediárias entre os operários e os patrões, quem decide dentro da fábrica é sempre a assembléia da fábrica.

Nesses casos de greve, houve fábricas que fizeram um grande processo de discussão, cerca de 8, 10 e até 15 assembléias gerais dentro da fábrica, onde a participação assim foi excelente, para quem, pelos menos, durante muito tempo, disse que operário não participava das coisas.

A comissão de fábrica também não se liga a diretoria sindical. Isso é importante frisar claro porque ela não tem condições de se ligar hoje porque existe uma estrutura sindical controlada pelo ministério do trabalho e que a qualquer momento pode enquadrar essa comissão de fábrica em tudo o que é enquadrado o sindicato brasileiro. Então é importante que, enquanto persistir essa

estrutura sindical, dentro da fábrica nós não tenhamos nenhuma ligação ao nível oficial com a estrutura sindical, com as direções sindicais.

Isso não quer dizer que as comissões não estão dentro do sindicato. Elas participam, elas brigam, elas levam propostas, mas nós não temos condições de fazer com que, em São Paulo, o Ministério do Trabalho reconheça essas comissões. Nas vezes em que nós tentamos fazer isso, simplesmente foi negada essa forma de organização e os companheiros despedidos. Quer dizer, então não é possível, dentro de uma estrutura fascista que nós temos, uma estrutura sindical fascista, que as comissões de fábrica sejam eleitas, reconhecidas e ligadas ao sindicato. Nós achamos que com a quebra da estrutura sindical nós teremos as condições de ver como vai ficar essa relação.

Esse movimento das comissões teve, não resta dúvida, a oposição como parte integrante dessas comissões. É lógico que não foi só a oposição enquanto organização, enquanto movimento organizado. Em uma série de casos, fábricas onde não tinha um companheiro de oposição, elegia-se uma comissão e esses companheiros é que vinham ao encontro da gente.

Então, para provar, como disse o companheiro Antônio, de que forma a oposição é vista. É vista como um movimento dinâmico, que hoje dentro da fábrica todo mundo se diz de oposição. Quer dizer, todo mundo contra as direções sindicais na sua maior parte, que são diretorias sindicais que não representam os interesses da categoria. E contra uma estrutura sindical, que os companheiros vêem muito bem quando levam pra dentro dessa estrutura as questões referentes aos problemas de fábrica, questões de processos trabalhistas, que no Brasil é uma média bastante grande.

Em relação ao outro ponto, que é o fim da atual estrutura sindical, como já foi frisado, essa estrutura sindical brasileira ela não oferece perspectiva para os trabalhadores. Ela dificulta ao máximo a participação do trabalhador dentro dos sindicatos. Basta dizer que nós somos a maior categoria do Brasil, talvez da América do Sul, com uma base de mais ou menos 380 mil metalúrgicos na capital de São Paulo, cerca de 60 mil sindicalizados. É uma média bastante pequena, considerando que é um dos sindicatos com maior tradição de luta dentro do Brasil. E desses 60 mil sindicalizados, nós temos sempre uma porcentagem, por volta de 20 a 30% que realmente pouco participa inclusive do sindicato. São elementos que, esse é um grande problema dentro do Brasil, só são sindicalizados pela assistência médica, pra poder receber remédio gratuito. Quer dizer, **o sindicato ele deixa de ser um órgão de resistência econômica, um órgão de luta, e passa a ser no Brasil, na sua maior parte, tem as exceções, mas na sua maior parte, órgãos assistencialistas.**

O nosso sindicato, por exemplo, tem três andares para se atender todos os problemas de luta, jurídico, problema de advogados, uma sala de assembléia e temos um hospital que dentro de São Paulo é o segundo hospital mais aparelhado, da capital de São Paulo, onde passam por dia, isso é um levantamento feito pela gente durante a época das nossas eleições, cerca de mil e duzentos operários em busca de consulta médica, em busca de remédios, que é gratuito, com os seus dependentes, as famílias e seus dependentes.

E o governo, é lógico, trata de reforçar essa visão sindical. Então, nós achamos que a visão, que o problema de saúde dentro do Brasil, é um problema que o governo tem que resolver com a participação dos trabalhadores, mas não transformar o sindicato em INPS, não transformar o sindicato em associações médicas. Para isso tem os hospitais do governo.

A outra questão é a questão do imposto sindical. No brasil, todos os trabalhadores são obrigados, por Lei, a recolher um dia do seu salário e contribuir com o sindicato. É obrigatório. Agora, não é porque ele contribui obrigatoriamente que ele é sócio obrigatoriamente. Todo mundo paga, mas só aqueles que são sócios, quer dizer, aqueles que vão e pagam mais uma taxa é que tem direito de ser sindicalizado. Então, todos pagam e alguns poucos se beneficiam. E um outro ponto do nosso programa é o fim do imposto sindical, quer dizer, o fim desse imposto obrigatório, imposto aos trabalhadores. Bom, se é imposto é porque já é obrigatório.

A outra questão que nós lutamos é o fim do estatuto padrão, aquele que eu tinha falado há alguns minutos atrás, que nós desejamos, que faz parte do nosso programa, que o estatuto sindical que queremos seja discutido em todas as fábricas através de reuniões, de assembléias, dentro do

sindicato, e que a classe escolha, que a categoria escolha qual é o seu estatuto, qual é a sua carta de princípios, e não que venha do Ministério do Trabalho.

Falando em Ministério do Trabalho nós desejamos, e estamos lutando para isso, o fim da ligação sindicatos com o Ministério do Trabalho. Nós achamos que os sindicatos tem que ser independentes do governo e autônomos em relação aos partidos, tem que ser democráticos com a participação de base.

Esses são três pontos que hoje, dentro do Brasil, a gente defende com bastante vigor: a independência em relação ao governo, a autonomia em relação aos partidos e a democracia pelas bases. Porque senão jamais conseguiremos ter dentro do Brasil os sindicatos que queremos.

Como no Brasil o problema, mesmo o sindical, ele extrapola, quer dizer, ele chega ao nível do problema político, a nossa plataforma também, a exemplo dos companheiros bancários, levanta alguns problemas de natureza política. Uma delas, sem dúvida, a que hoje dentro do Brasil nós levantamos com bastante ênfase, bastante vigor, é o problema de uma anistia ampla, geral e irrestrita a todos os exilados, banidos e perseguidos políticos. E, além disso, a todos os companheiros que, por vários motivos, estão fora dos sindicatos, todos os operários que foram afastados das direções sindicais, foram afastados da luta sindical, foram afastados das fábricas.

O outro é o problema da liberdade sindical. A liberdade sindical para nós significa que nós devemos escolher qual é a melhor forma de nos organizarmos, através de sindicatos e tendo uma central de trabalhadores que reúna todos os trabalhadores, operários e trabalhadores da cidade e do campo. Isso é importante porque dentro do Brasil não existe essa ligação. E isso já vem sendo de defendido há algum tempo e, de certa forma, já se pratica isso pela base e não pelo sindicato. Já se faz algumas reuniões com companheiros de outros estados e de outras categorias diferentes, mas ainda é pela base, quer dizer, são trabalhadores de base, onde nós promovemos encontros, discussões, o que, de certa forma, não é legal, quer dizer, não é bem vista pelo governo.

A outra questão é a liberdade de organização. Nós achamos que os trabalhadores devem ter liberdade de se organizar em seus próprios partidos. Isso faz parte de uma luta mais ampla dentro do Brasil, mas que é preciso que seja feita. É preciso que nós sindicalistas no Brasil lutemos com todos os esforços possíveis pra que o operário decida qual é o partido, qual é a sua organização que ele deseja fazer ou deseja fundar. Porque hoje todas as organizações, além daquelas consentidas pelo governo, são reprimidas, os companheiros são presos, são torturados. Nós achamos que essa luta é uma luta mais geral de todos os trabalhadores, de todo o povo.

Um outro ponto da nossa plataforma é a liberdade de imprensa operária. No Brasil, nós não temos jornais operários. Nós, muito dificilmente, as notícias que nós queremos são postas nos jornais normais, e nós achamos que essas organizações, os movimentos,os trabalhadores de uma forma geral, tem que ter a mais ampla liberdade de imprensa, para poder colocar o seu ponto de vista, colocar as suas reivindicações, colocar as suas formas de lutar e de atuar.

De uma forma geral, esses seriam assim os grandes pontos. Existem uma série de outros pequenos pontos, ou pontos não tão prioritários, que dizem respeito à situação econômica, que é por exemplo o fim do arroxo salarial, quer dizer, a negociação direta patrão e operário, para acabar com a intermediação do governo. E o reajuste que, no Brasil, a inflação é muito alta. No ano passado, oficialmente, 44%. Por isso a gente acha que o trabalhador deve ter reajustes trimestrais, porque esperar um ano inteiro ele não aguenta, ele perde 40%.

Teriam mais alguns pontos que agente poderia chamar sócio-econômicos, mas não caberia nesse momento, porque são uma série deles, específicos e às vezes até particulares em relação às outras categorias dentro do Brasil. Nós temos alguns problemas também dentro da categoria dos metalúrgicos, como por exemplo a luta pela jornada semanal de 40 horas, o fim, pelo desemprego que existe no Brasil, o fim da hora extra. A gente sabe que essa luta é uma luta de anos e anos e talvez vamos demorar muito tempo pra chegar lá. Mas, dentro do Brasil, pela quantidade de desempregados que existe, é uma luta que, pra nós, toma um efeito de sempre querer que aquela grande massa, aquele exército de reserva, tenha emprego.

E, para encerrar, deixar claro aos companheiros aqui presentes que, pra nós, é bastante importante dentro do Brasil quando os trabalhadores fazem uma luta, quando se faz greve, o nível de denúncia que muitas das centrais sindicais aqui presentes fazem e se manifestam através de telegramas, através de denúncias, através de cartas enviadas ao Ministério do Trabalho, ao presidente da república. Normalmente esses telegramas, essas cartas, são lidas nas assembléias e os trabalhadores brasileiros sentem um novo ânimo quando se lê nas assembléias que operários de outros países, representados através de suas centrais sindicais, estão sabendo de uma luta no Brasil e estão reconhecendo a justeza dessa luta. Isso, muitas das vezes, por exemplo na nossa greve de novembro e nessa greve do ABC, muitos desses telegramas foram lidos em assembléias e o que se nota é sempre uma repercussão bastante favorável na massa de trabalhadores, quer dizer, no conjunto dos trabalhadores. Isso a gente deve sem dúvida às centrais sindicais daqui que estão em contato com os nossos companheiros aqui no exterior, que fazem esse trabalho.

E podem ter certeza, todas as centrais, isso é uma parte dessa luta, a parte de denúncia, a parte de apoio a esses companheiros, e que, não resta dúvida, esses companheiros sempre se animam mais quando sabem que o mundo, de uma certa forma, ao nível do que é possível, na realidade européia, na realidade latino americana, apoiam essa luta, sabem dessa luta, e de certa forma está se solidarizando com os companheiros do Brasil.

Eu gostaria de encerrar só lembrando duas coisas. Que o sindicato brasileiro, o movimento de oposição sindical, o movimento como um todo dentro do Brasil, ele não pretende e nunca pretendeu um sindicalismo paralelo. Mas pretende, isso sim, uma efetiva participação pela base. Pretende, isso sim, a quebra dessa estrutura sindical que temos, repressiva, corrupta; Nós pretendemos, isso sim, que nós trabalhadores tenhamos o direito de nos organizarmos numa central de trabalhadores da maneira que nós acharmos melhor. Pretendemos que o sindicato brasileiro seja independente em relação ao governo, independente em relação aos patrões e autônomos em relação aos partidos. E pretendemos, por último, que a luta sindical do Brasil, a luta da oposição sindical, a luta de todos os trabalhadores seja democrática e pela base. Era isso."

IBRAHIM :

Companheiros, eu vou dar aqui algumas informações aos companheiros. Ontem a noite, tivemos uma conversação telefônica com companheiros lá do Brasil, que, por telefone, nos deram alguma informação sobre o desenrolar e o desfecho da greve dos metalúrgicos do ABC. Então, por exemplo, os companheiros dizem que houve assembléias monstros, várias assembléias monstro no processo de greve que durou 14 dias. E, nessas assembléias, havia 60 mil , 70 mil , 80 mil trabalhadores participando ativamente. Tiveram que alugar um estádio de futebol pra que toda essa massa pudesse se concentrar. E, em todo esse período de 14 dias de greve, debaixo de uma tremenda repressão policial.

É necessário dizer também que nesse processo, os três sindicatos do ABC (São Bernardo, São Caetano e Santo André) sofreram intervenção. Essa greve contou com a solidariedade do conjunto do povo brasileiro, do conjunto das organizações de massa existentes no nosso país e conjunto da opinião pública. E é necessário deixar claro também que o conjunto das oposições sindicais se solidarizaram com a greve, se solidarizam com os nossos companheiros sindicalistas autênticos e isso no do sentido não de fortalecer aquela estrutura sindical, mas no sentido de que esses companheiros colocaram-se verdadeiramente, nesse processo, ao serviço da classe. E isso é o mais importante e, nesse sentido, houve total solidariedade, total participação do conjunto pra fortalecer esse movimento.

Como vocês sabem, os três sindicatos sofreram intervenção, mas o processo de discussão continuou, a greve continuou durante todo esse período. Houve um acordo que foi colocado em assembléia geral de mais de 80 mil pessoas e aprovado por unanimidade. E também uma outra

notícia, que essa assembléia foi divulgada a nível nacional pela televisão, o povo todo assistindo essa assembléia.

O acordo foi de 63% de aumento sem descontar, e essa é uma questão importante, sem descontar os 11% dado no ano. Coisa que nas greves do ano passado não se conseguiu, agora se conseguiu. É 63% de aumento limpo. Outra coisa, eles aceitaram pagar os dias de greve. Nesses últimos tempos, é a primeira vez que isso acontece.

Uma outra coisa é que num prazo de 45 dias se vai discutir, devendo-se chegar a uma solução se vai prosseguir a negociação com respeito á questão do delegado sindical nas empresas, a discussão sobre uma nova estrutura sindical, direito de greve e todo o conjunto das liberdades sindicais que hoje o movimento sindical no Brasil reivindica.

Um outro aspecto é que, conforme a gente colocou ontem, a palavra será dada ao plenário. Agora pra gente fazer a coisa em ordem e não dar confusão, e a gente ganhar tempo, porque já estamos começando um pouco tarde, é necessário que os companheiros se inscrevam.

Companheiros, a mesa queria registrar também a presença do companheiro Calidas Barreto, que faz parte da delegação da CGTP intersindical de Portugal. O companheiro teve um problema ontem para chegar, em função do problema de atraso de avião, e o companheiro chegou essa madrugada e se encontra aqui presente.

Uma outra coisa também é que, nos passou ontem, a gente fez muitos agradecimentos ontem mas esqueceu de agradecer os companheiros que trabalham lá dentro das cabines fechadas fazendo a tradução simultânea pelo excelente trabalho que eles tem realizado.

Bom, enquanto os companheiros vão se inscrevendo aí pra fazer uso da palavra, conforme havíamos dito ontem, chegaria o companheiro Zé Pedro, integrante da oposição metalúrgica de Osasco. O companheiro se encontra entre nós e ele vai abrir essa seção fazendo uma intervenção sobre os últimos acontecimentos das greves em SP.

ZÉ PEDRO – Oposição Sindical Metalúrgica - Osasco

José Pedro da Silva (Zé Pedro) - Militante da Oposição Sindical Metalúrgica de Osasco. Foi camponês até os 19 anos de idade. Iniciou a militância sindical junto ao Sindicato dos Químicos de São Paulo. Em 01/12064, ingressou como operário metalúrgico na Cobrasma. Em 1973 ingressou na Ação Católica Operária (ACO). Em 1975 foi eleito vice-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco. Em 1978 foi candidato à presidência do mesmo sindicato, pela Chapa 1, de oposição. Em junho de 78 teve participação ativa na greve dos metalúrgicos de Osasco, liderando a fábrica Brown Boveri.

“ Bom, companheiros brasileiros e companheiras brasileiras que se encontram no exílio, na Europa, e companheiros representantes de várias entidades operárias do mundo, quero nesse momento transmitir assim um abraço de todos os companheiros brasileiros que estão aqui na Europa e todos os companheiros que travam a luta no movimento operário, a luta pela libertação da classe operária. Eu trago aí o abraço principalmente para os brasileiros que se encontram aqui dos brasileiros que a gente conversou lá no Brasil.

É um momento muito importante esse em que nós estamos realizando esse seminário. Porque eu acredito que todos nós que estamos aqui temos um compromisso sincero com a nossa classe, a nossa classe operária. Então eu acho que esse é um momento bastante importante na história do trabalhador, na história da classe operária. Porque é um momento em que a gente está fazendo um esforço para fazer essa ligação da nossa luta né. E principalmente a gente no Brasil que está precisando muito da ajuda, da colaboração dos companheiros da Europa e do resto do mundo e,

principalmente, dos companheiros daqueles países que já se encontram assim num estágio mais avançado na luta. Então, é por isso que eu acho muito importante esse momento desse encontro.

Quero dizer que hoje é dia primeiro de abril e esse dia para nós tem um significado muito importante, porque está completando hoje 15 anos da famosa revolução de 64, golpe de Estado, golpe militar que depôs o governo brasileiro e se instalou a ditadura militar no país. A conseqüência que essa ditadura trouxe a gente tá vendo aqui, que é a expulsão, a tirada de companheiros combativos, companheiros que levavam um trabalho no movimento operário no Brasil e que essa revolução expulsou esses companheiros do Brasil, meteu assim uma grande parte do resto na prisão e quem não foi banido ou preso encontra-se de baixo de uma opressão durante quinze anos.

Então, hoje completa-se quinze anos que foi instalada a ditadura militar. Embora eles digam que é 31 de março, porque essa data, 1º de abril, é considerada uma data de contar mentira. Então eles anteciparam para 31 de março, mas na realidade foi hoje que se deu o golpe militar no Brasil e todos nós sabemos disso.

Então, companheiros, o tempo da gente é muito limitado e também devo dizer porque a gente se atrasou. Eu deveria chegar junto com os outros companheiros que chegaram dia 27 aqui. Mas, a gente pressionado pelos companheiros da base da gente e companheiros que fazem a luta com a gente, foi preciso adiar um pouco a minha passagem devido aos últimos acontecimentos no Brasil, principalmente no ABC, que são as greves do pessoal metalúrgico.

Então, naquele momento, o pessoal achou que a gente deveria ficar lá esses dias, não podia ficar fora porque, na avaliação que a gente fazia, o movimento grevista ia se expandir e a gente tava naquele momento lutando em todas as outras bases que a gente faz parte para que essas bases passassem a discutir um apoio efetivo para os companheiros do ABC.

Porque, naquele momento, a luta que os trabalhadores do ABC estavam travando era uma luta da categoria mas,em certo ponto, não era só a luta da categoria porque era uma luta contra o arrocho de salário, era uma luta pela liberdade sindical, era uma luta, enfim, por melhores condições de vida do trabalhador. E ela representava então, nesse ponto, uma questão política muito importante para todo o trabalhador brasileiro, porque era uma luta direta contra o arrocho de salário e contra a lei de greve.

Então, naquele momento, a gente tava forçando a barra para que o sindicato metalúrgico de Osasco, o sindicato que abrange toda a categoria aonde a gente faz parte, para que esse sindicato convocasse uma assembléia com o pessoal da base para discutir o que deveria ser feito em apoio aos companheiros do ABC. Então, foi por causa disso que a gente resolveu permanecer mais alguns dias no Brasil, devido a esse problema.

Mas, quando foi na terça feira, teve um recuo da greve, mas a passagem já havia sido transferida para sexta feira. E eu devo dizer a vocês que durante todo o processo da greve a gente teve assim bem de perto com o movimento, apesar de não ser a nossa categoria, mas era um movimento que tocava a gente de cheio, porque era um movimento que representava assim toda a aspiração da classe operária brasileira, e dependia muito para a classe brasileira a vitória daquela greve, como representou muito para os trabalhadores brasileiros a vitória que teve no mês de maio e no mês de junho do ano passado.

Foi assim a grande retomada, onde os trabalhadores brasileiros mostraram pra ditadura, mostraram para os capitalistas que, apesar de tudo o que fizeram, dos banimentos, das prisões, das mortes, eles não haviam eliminado a luta nossa. Abafaram por uns tempos, mas a classe trabalhadora ela está sempre se fazendo presente na história, sempre criando suas alternativas de luta, sempre procurando uma forma de sair desse impasse que a gente se encontra.

Então a gente, nesses 15 anos vivendo debaixo da opressão, a gente tinha certeza absoluta que aquilo era uma parte dentro da história do qual a gente passava, mas que a gente não ia ficar a vida inteira naquele sufoco, naquela opressão, porque a gente é dotado de inteligência como qualquer outro cidadão da burguesia e que a gente, aos poucos, ia tomando consciência e ia se organizando e era só questão de tempo. Um dia a classe operária ia dar resposta aos opressores. E foi isso que

aconteceu mais visivelmente no dia 12 de maio de 1978. A partir daí, eu devo colocar pra vocês que não se passa mais uma semana no Brasil sem ter um movimento de greve, não se passa mais no Brasil uma semana sem ter lutas. Quer dizer, é movimento de bairro, é lutas nas favelas, enfim, é uma série de lutas que estão acontecendo, e o negócio tá virando assim um formigueiro.

Então, é dentro daquela análise que a gente fazia: um dia, vai chegar a nossa vez. E eu não quero dizer com isso que a ditadura lá no Brasil cai amanhã, não. Ela ainda tem força para resistir bastante tempo, porque os homens tem tudo na mão, e eles tem as forças armadas na mão. **Mas, na medida em que o povo vai tomando consciência, que o povo vai se organizando, não tem armas que segure o povo unido e organizado. Ninguém detém a história com as armas, né? O trabalhador, todo o povo, na medida em que ele começa a ter consciência, começa a assumir o seu papel, a gente chega lá.**

Então eu vou dizer agora como aconteceu o recuo da greve, dizer mais assim o que aconteceu nessa última semana.

Essa questão da greve do ABC foi um troço assim formidável, coisa que a gente não imaginava, a gente jamais pensou que veria coisa assim tão importante como a gente viu nessa greve agora. Imaginem vocês que a gente só viu tanta gente assim reunida, participando, chegar a ter 80, 90 mil pessoas reunidas em assembléia, durante 10 dias seguidos, todo o dia lotando o estádio de futebol, a gente só via tanta gente assim nos dias de jogos Santos e Corintians.

Então, foi assim, eu fiquei assim abestalhado quando eu chego no estádio Costa e Silva, em São Bernardo, e a gente encontra lá 80 mil companheiros assim ferrenhamente lutando pelos seus direitos e marcando a sua presença dentro da história da classe operária. Isso aí, uma coisa que a gente nem imaginava.

Então, começou a se fazer né, durante esses dez dias de greve. Os patrões, como eles sabiam que essas greves, na medida em que eles cedessem, eles estavam caminhando pra perder o seu privilégio, aquele privilégio que eles tem através da força, através das armas, então eles estão fazendo tudo para não dar essa vitória para os trabalhadores, porque ela representa muito dentro do nosso contexto.

Porque na medida em que o trabalhador começa a fazer greve, começa a fazer pressão e ele vai conquistando, isso educa o trabalhador, educa, politiza e isso aí deixa um saldo organizativo E o trabalhador organizado, o povo organizado, não tem quem segure. E é por causa disso que os patrões não quiseram ceder nesses dias de greve, não estão querendo ceder porque isso aí representa realmente uma pujança, uma força que começa a retomar. Então é por isso que eles estão endurecendo tanto.

Na última assembléia, que deu fim a greve, tinha mais ou menos de 80 a 90 mil trabalhadores no estádio. Foi a última assembléia que teve e a gente esteve presente. Os patrões, pela primeira vez, deram uma demonstração assim que, inclusive, que estavam divididos. O interesse que a FIESP (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo) representava começava a ser dividido, porque tinha patrão que já queria discutir a questão. Mas os mais fascistas, enxergando que eles realmente estavam caminhando para a sua falência, endureciam pra que não houvesse essa negociação, que não desse assim esse gosto de vitória para os trabalhadores. E a greve já estava com 15 dias de duração.

Então, houve uma proposta de se suspender a greve por 45 dias, e nesses 45 dias ia ser estudado uma possibilidade de ceder, de discutir a questão dos 11%, e esses 11% de aumento é muito importantes a gente frisar que foram aqueles 11% conquistados durante o mês de maio e junho do ano passado com as greves que foram feitas dentro das fábricas.

Então, naquilo que os patrões ofereciam para os trabalhadores, eles incluíam aqueles que eles tinham dado no meio do ano, quer dizer, de uma certa forma eles descontavam o que tinha sido dado. Então, esses 11%, nesses 45 dias vai ser re-discutido. Eles pagam, no primeiro pagamento, os trabalhadores receberão todos esses dias parados, mas não significa que de fato esse dinheiro vai ficar com o trabalhador. Dependendo da conjuntura, dependendo da correlação de forças, inclusive isso aí é um item da discussão, pode ser descontado. Os patrões dizem que não abrem

mão desses 11%. Embora estão discutindo, mas os últimos jornais estão trazendo assim eles muito firmes nessa questão dos 11%.

Tem a questão dos dias parados, que também está em discussão. Quer dizer, eles receberão esses dias, mas daqui a 45 dias poderá acontecer o seguinte: de não se pagar esses dias e os trabalhadores devolverem esse dinheiro aos patrões. Ou o seguinte: nos próximos pagamentos, sei lá como vai ser resolvido, de ficar descontando dias por mês, parcelado. Eles vão receber agora mas não significa que já é uma vitória. Os dias parados ainda não estão assegurados.

A questão dos 11% demonstra de que eles até poderão pagar os 11%, mas eles colocam que jamais pagarão os dias parados, porque eles acham que nos dias parados o trabalhador não vendeu a sua força de trabalho, então eles não pagam esses dias. É isso que eles estão colocando ultimamente.

E outra questão que ficou também para ser discutida nos 45 dias é a questão da volta das diretorias. E pra isso foi tirada uma comissão paritária, onde participam representantes dos empresários, representantes dos trabalhadores, entre aspas agora, porque o sindicato está na mão dos interventores e agente não acha que os interventores representem os trabalhadores, de jeito nenhum. Está se discutindo a possibilidade de, junto com os interventores, ir trabalhadores das comissões de salário pra fazer parte da comissão paritária. E representantes do governo nessa comissão. Então, vai se discutir isso aí e, dentro de 45 dias, será dada uma resposta e já tem uma assembléia marcada para o dia, se não me falhe a memória, dia 10 ou 12 de maio, onde vai dizer em que pé chegou.

Eu confesso que foi uma decisão... eu não quero me colocar aqui já como uma crítica ao pessoal do ABC, eu particularmente achei uma proposta, uma decisão meio arriscada de voltar atrás na greve sem ter assegurado nada. Porque praticamente não foi assegurado nada, a não ser os 120 dias, que não poderá mandar os grevistas embora durante 120 dias. Isso aí ficou mais ou menos firmado, assim de conversa, mas não foi feito nenhum documento. Foi firmado esse acordo com a FIESP, representantes das empresas e o ministro do trabalho. Mas os trabalhadores voltaram ao trabalho na terça-feira, aliás na quarta-feira, e os patrões já começaram a roer a corda. Então, já foi mandado embora, tem jornais que diz trezentos, diz quinhentos trabalhadores, isso dentro de dois dias, dos grevistas. Foram mandados embora já esse número de trabalhadores.

Agora, de outro lado, foi jogado assim toda a responsabilidade do troço na mão dos patrões e do governo. Então isso aí, esse fato dos patrões estarem roendo a corda agora mostra mais uma vez para todos os trabalhadores, pra todo o povo, que realmente quem não quer negociar, quem não quer ceder são os patrões. Então, quem está intransigente são os patrões. Quem não respeita acordo são os patrões. Porque na medida em que você faz um acordo e os patrões desrespeitam esse acordo, então isso aí mostra para todo o povo que realmente são os patrões é que são intransigentes.

Então, quando eu coloco que foi perigoso demais pra luta esse recuo, eu não quero dizer que eu estou fazendo uma crítica ao pessoal. Porque, de uma certa forma, pelo que eu entendi... [mudança de fita] ...já existia debilidades assim do movimento, porque as empresas pequenas começavam a retornar. As empresas grandes aumentava o número de grevistas, e as empresas pequenas começavam a recuar. Já começava a faltar, estava faltando alimentos pros trabalhadores. A primeira coisa que os patrões fizeram foi suspender o pagamento. Porque eles sabem que uma maneira melhor de eles combater a luta dos trabalhadores é vencer pela fome. E eles não deixam de usar esse método.

Então, seria arriscado, já, dizer que foi certo ou errado. Eu acho que foi uma coragem muito grande dos dirigentes sindicais do ABC, colocar uma proposta dessa para a assembléia e, principalmente, eu vi o Lula dizer o seguinte: "os trabalhadores podem voltar ao trabalho que ele promete a conquista desses ítens. Se os patrões não cedessem, ele decretaria a greve novamente".

Agora, é por isso que eu acho arriscado, porque agora a categoria encontrava-se mobilizada, encontrava-se dentro de um processo de luta, e eu não sei como é que vai ser nesses 45 dias. Porque os trabalhadores voltando às fábricas, os quadros mais combativos, mais conseqüentes os patrões vão despedir mesmo né? Porque não adiante ele ter feito o acordo, não adianta ele ter se

comprometido, porque eles nunca cumprem o que dizem né? Tem Lei no Brasil que é muito bonita e eles nunca respeitaram a Lei, porque que eles vão respeitar agora? Quem fez a lei foi eles, quem manda na lei são eles, quem manda no Estado são eles, então não poderemos acreditar muito nessa história que eles vão respeitar esse acordo. E prova disso é que, na quarta feira, já começaram a mandar embora.

Então é isso que a gente... eu não vejo como o Lula vai poder convocar essa greve nem como é que vai ser essa adesão agora. Porque uma coisa é agüentar firme já com a categoria mobilizada, e outra coisa é depois da desmobilização, os trabalhadores trabalhando e seus quadros desempregados, como é que ele vai decretar novamente a greve? Não sei como é que vai ser essa adesão dos trabalhadores.

Mas eu devo dizer que, realmente, mais de 90% do pessoal presente ao estádio votou, levantaram o braço dando o voto de confiança pra diretoria do sindicato e esperar esses 45 dias trabalhando. E houve assim um aplauso muito grande quando o Lula colocava que ele prometia, que realmente esses ítens, se não fossem conquistados, ele decretaria a greve novamente.

Eu acho que essa greve, ela trouxe muitos ensinamento para os trabalhadores brasileiros. **Eu acho que se essa diretoria, principalmente a do ABC, se ela quiser ajudar mais o movimento ela vai ter que aprender muito com essas greves.** Porque isso veio mostrar, mais uma vez, que essas estrutura sindical que nós temos no Brasil tem que ser acabada, tem que ser desmanchada, tem que ser substituída essa estrutura sindical por uma estrutura de acordo com os anseios da classe operária, tem que terminar. E esse sindicato, ele realmente precisa ter um novo impulso, tem que ser renovado, enfim, tem que ser modificado. E as leis que regem também, as leis trabalhistas, tem que ser modificadas, tem um monde de coisas que essa greve mostrou.

E, por outro lado, também mostra para as diretorias dos sindicatos que realmente, aí a gente vê também uma debilidade nas diretorias, que defende o delegado sindical e não defende as comissões de empresa.

A nossa posição, a posição das oposições sindicais e dos trabalhadores que já tem uma visão política mais elevada, a gente acha que, sindicalismo livre, que a liberdade da classe operária, que as comissões de fábrica é um ponto muito essencial na nossa luta. Sem as comissões é muito difícil ter sindicato livre, porque é muito fácil de serem controlados os sindicatos sem as comissões de empresa. Porque as comissões de empresa são uma maneira democrática dos trabalhadores todos participarem dentro da sua empresa, dentro da sua seção, dentro da categoria e dentro da classe, como uma forma essencial da luta. E a gente não pode deixar, de maneira nenhuma, de enfatizar isso e de lutar até as últimas conseqüências para conquistar a legalidade dessas comissões de fábrica. São elas que vão dar a vida para o movimento sindical no qual nos estamos lutando.

E os metalúrgicos do ABC, as diretorias, melhor dizendo, inclusive São Bernardo do Campo, teve um Congresso no ano passado e as resolusões desse Congresso, a proposta que ganhou foi comissão de fábrica, mas na campanha de salário eles não tem pedido a legalização das comissões de fábrica, eles tem pedido a legalização da imunidade do delegado sindical, que a gente discorda desse ponto de vista.

Então, eu acho que essa greve veio mostrar para esses sindicalistas que, se a classe, se a categoria metalúrgica do ABC, teve condições de ficar 15 dias parados, sem as comissões de fábrica funcionando com legalidade, imagina se nós tivéssemos em todas as fábricas as comissões de fábrica funcionando. Então, eu acho que essa greve não precisaria ter recuado agora, tinha fôlego pra ir muito mais. Então eu acho que isso aí vai dar uma grande lição para os companheiros do ABC.

Por outro lado, outra lição que teve também é que, principalmente o pessoal do ABC, tinha uma visão assim bastante... diria limitada no sentido de não querer aceitar, e a colocação do próprio companheiro Lula, de não querer aceitar ajuda dos companheiros intelectuais. Então ele sempre era contra, ele criticava muito os intelectuais e estudantes e tal.

E também nessa greve foi muito importante a luta dos estudantes com o pessoal grevista. Então, todas as universidades, todas as faculdades, toda a escola, se corria lista dentro da escola angariando fundos pro pessoal do ABC.

Essas greves também mostraram outro fato interessantíssimo, que foi o fato da organização nos bairros, que também é uma forma muito eficiente da nossa luta. Inclusive as sociedade de amigos de bairros, que no Brasil muitos bairros tem sociedade de amigos de bairro. Muitas vezes ela faz a política bem do governo e, nessas greves agora, as sociedades de amigo de bairro deram uma contribuição muito grande, inclusive eram feitas coletas dentro das sociedades de amigos de bairros.

No momento em que o sindicato foi tirado da mão da diretoria, eram feitas reuniões do comando de greve, de setores do comando de greve dentro das sociedades de amigos de bairro. No momento em que eles não podiam utilizar o sindicato utilizavam a sociedade de amigos de bairros, utilizavam a igreja, utilizavam... bom, de todo o expediente que a gente tinha. E a sociedade amigos de bairro ajudou muito. Os clubes de mães, as comunidades ajudaram muito ao pessoal grevista, no sentido de dar assim todo o apoio possível na organização e na sustentação da luta.

No dia em que a greve voltou, a gente já tinha conseguido em Osasco uma assembléia onde já tinha participado de 250 a 300 trabalhadores. Essa assembléia foi convocada na segunda feira mesmo. Então, vocês vejam que foi convocada de manhã para a noite e já tinha 250 trabalhadores para discutir a questão do apoio a São Bernardo. A pauta era só o apoio a São Bernardo, quer dizer, que era uma assembléia que o conteúdo era político, não tinha nada de reivindicação para aquela categoria, e já tinha 250 trabalhadores assim na primeira convocação. Então a gente lutou para que fosse instalada uma assembléia permanente no nosso sindicato, pra ficar acompanhando vivamente os movimentos do ABC. E foi instalada a assembléia permanente no nosso sindicato.

O sindicato do petróleo de Campinas também já tinha uma assembléia marcada pra quarta feira a noite. Tinha também sido marcado uma ato público em Belo Horizonte, onde os sindicatos iam fazer uma mobilização em apoio e solidariedade ao pessoal do ABC. Então estavam sendo marcados assim uma série de atos públicos, uma série de assembléias e, no momento e que a greve recuou, esfriou todo esse trabalho.

Agora há uma disposição desse fundo de greve continuar sendo levado a frente pra que isso aí sirva para outras greves que virão, e elas virão mesmo, porque a classe operária agora está assumindo o seu papel no Brasil, a classe operária sofrida, a classe operária que ficou tantos anos aí debaixo da repressão e que agora ela tá... Inclusive a palavra greve voltou a ser falada no Brasil com a nossa campanha da chapa 1, a chapa de oposição de Osasco, onde, depois daquele ano de 68 quase não se falava em greve e a gente voltou a falar naquele momento da campanha. Porque essa palavra trazia muito medo né. E hoje, a partir do mês de maio pra cá, a palavra greve já não é mais um bicho papão, mas uma realidade para os trabalhadores que não só estão falando mas também estão fazendo a greve.

Outra questão também que foi muito importante nessa greve é que mostra que realmente tem que organizar mas também tem que fazer com que a gente tenha fundo, tenha uma infraestrutura preparada pra ajudar os trabalhadores. Então, existe um fundo de greve, um comitê de fundo de greve lá no Brasil, no qual esses sindicalista se negaram a participar e esse fundo de greve agora mostrou pra eles que esse fundo é muito importante. Então, ele deu muita ajuda ao pessoal do ABC, porque aquele trabalho que ele vinha fazendo para os trabalhadores que tinham perdido o emprego no fim do ano, esse trabalho foi intensificado em ajuda pro pessoal do ABC.

Então, tem uma série de dados, uma série de ensinamentos que essas greves trouxeram. Acho que agora precisa que realmente a gente, o pessoal sindicalista, analise todos os pormenores desta greve, tire os conhecimentos, tire as experiências dela, pra que os erros que se cometeram agora, as debilidades de posições políticas, para que a gente tome consciência disso para os próximos movimentos que a gente vai encontrar pela frente.

Então, foi mais ou menos isso que aconteceu na última semana de greve.”

IBRAHIM :

Companheiros, já estão surgindo perguntas ao Zé Pedro. Então, a gente poderia organizar um pouco, eu acho que pode ter outras perguntas também. Eu acho que a gente poderia fazer o seguinte: como tem três microfones aqui, eu gostaria de perguntar ao companheiro responsável pela parte técnica se nós poderíamos deixar esse microfone que eu estou falando no plenário, paro pessoal que quiser fazer pergunta, fazer através desse microfone e dessa forma se faz a tradução simultânea.

Questão:

Eu queria saber se, nos outros lugares do interior, no momento em que a greve terminou em São Bernardo, se a greve já tinha terminado, como é que foi o processo de greve e de fim de greve nas cidades do interior, Campinas etc.

Zé Pedro

Uma questão também que eu tinha que ter colocado é o seguinte: a gente fala muito em São Bernardo do Campo e ABC, mas aonde o espírito de garra, o espírito de luta dos trabalhadores se demonstrou assim de uma forma, inclusive pela sua realidade do momento, foi Campinas, porque lá a direção do sindicato traiu vergonhosamente os trabalhadores. No dia em que ia aprovar a greve, o presidente do sindicato, Cid Sampaio, ele falou sozinho durante duas horas, não permitiu que outro trabalhador usasse o microfone e deu fim a greve dizendo que era opinião da maioria e que tinha que entrar no acordo da federação.

A partir daí o pessoal de Campinas constituiu um comando fora e organizou a greve dentro das suas forças, dentro daquilo que tinha condições de fazer, principalmente o pessoal da General Motors, se não me falhe a memória agora, onde tinha o grupo mais forte. Então só com a força deles, sem o sindicato, sem lugar pra se reunir, pra fazer sua assembléia, chegou a ter 8 a 10 mil trabalhadores parados em Campinas e aguentando firme. Em São José dos Campos também, Jundiaí, foram outros lugares assim onde os trabalhadores mostraram assim uma combatividade incrível.

Na medida em que os sindicatos recuaram, os trabalhadores organizaram comandos e foram muito longe. Agora, onde foi mais longe mesmo foi Campinas. Em São Jose dos Campos e Jundiaí não conseguiram assim chegar até o limite que tinha ido Campinas, certo. Porque a barra lá foi muito pessada. E são categorias pequenas e a polícia não deu moleza, caiu de pau mesmo.

Mas só que, por exemplo, só pra ter uma idéia, em Campinas os trabalhadores, a pressão era tão grande em cima da diretoria do sindicato, que ela traiu, que precisou ter guarda de segurança em cima dos pelegos. Inclusive em Jundiaí os trabalhadores pegaram um pelego e deram uma pisa que ele ficou hospitalizado. E só não morreu porque teve segurança para esses pelogos assim como tem segurança para chefe de Estado. A polícia inclusive deu segurança na casa deles, senão a massa massacrava mesmo.

Então, eu acho que isso aí está demonstrando que dentro da nossa luta, dentro da nossa visão de oposição sindical, isso aí vem reforçar mais ainda o nosso objetivo de luta, porque mostra que o trabalhador, no momento, está apontando para o verdadeiro sindicalismo livre. No momento que a diretoria do sindicato quer assumir, melhor. Mas se não assumir, o trabalhador não vai ficar dependendo de diretoria de sindicato para poder fazer a sua luta. Ele vai conquistar o verdadeiro sindicato livre na prática, na combatividade. É muito importante o que tem acontecido ultimamente no Brasil em termos dessas greves.

IBRAHIM :

Tem uma pergunta aqui por escrito, que me chegou a mesa, pergunta o seguinte: se a COSIPA não participou e por que? A COSIPA é a Companhia Siderúrgica Paulista, em Santos, e é uma empresa estatal.

Zé Pedro

Bom, a COSIPA faz parte do sindicato da baixada santista. E lá também, antes de estourar a greve no ABC, foi feito um acordo com o pessoal da COSIPA e os patrões, aonde eles deram um... chegou a 76%, mais ou menos isso, 76% de aumento. E então, foi decidido, e inclusive a direção do sindicato me parece que não tinha muito interesse que a greve estourasse lá em Santos. Então, eu sei que foi feito todo um trabalho pra que não saísse a greve, e então se aceitou os 76%. E como a COSIPA é a maior empresa que tem na baixada santista, então ficou assim, o resto das outras empresas, que são tudo empresas menores e tal, não se tirou a greve.

Eu não desci à baixada santista nesses tempos, a gente ficou mais no ABC, aonde a gente tem uma série de companheiros que estão ligados ao comando e não dá para estar em todo o lugar. Depois que a COSIPA fez o acordo, se encerrou todo o movimento da baixada santista. E mesmo o presidente do sindicato lá de Santos, me parece que não... a diretoria do sindicato não teve um interesse muito grande em fazer a greve. Me parece que a concepção política deles era de, naquele momento, a greve ali não seria interessante, seria muito mais interessante o acordo.

Questão

Você diz que a diretoria não encaminhou a luta por comissões de fábrica, que era um compromisso assumido no Congresso do ano passado, que eles substituíram essa luta pela luta pelo delegado sindical. Mas a impressão que a gente teve aqui é que, ao se colocar a questão do delegado sindical, se colocou de alguma maneira, pela primeira vez, de forma ampla, para a assembléia de 80, 90 mil operários, a questão da democracia, a questão da democracia dentro do movimento sindical. Quer dizer, o delegado sindical eleito na fábrica, representante dos operários perante o sindicato, etc., mesmo reconhecendo que as comissões de fábrica são uma forma de democracia, de participação mais desenvolvida, é interessante notar que não existiria uma contradição entre delegado sindical e as comissões de fábrica.

Mesmo reconhecendo que houve um recuo da diretoria com relação a isso, o fato de ter avançado a questão do delegado sindical colocou pela primeira vez nesses movimentos de greve, ao longo desse último ano, a questão da representatividade, da importância da atividade sindical, da liberdade sindical, quer dizer, abriu o caminho, pela primeira vez, depois de um ano, pra colocar a questão da estrutura sindical ao movimento no seu conjunto. Quer dizer, saiu só da reivindicação de salários, etc. e avançou nessa direção. Do jeito que você formulou, parece que vocês acham que há uma contradição e que vocês não estão de acordo com a questão.

Zé Pedro

Realmente, eu acho que a gente não pode negar esse aspecto que o companheiro colocou, certo? Mas quando a gente fala em Congresso, para que serve um Congresso? Não é pra se tirar diretrizes e depois essas diretrizes procurar levar no interior da luta? Então, a gente acha o seguinte, que foram tiradas resoluções num Congresso onde participaram 500 trabalhadores representando as fábricas e que o dado importante que se apontou era as comissões de fábrica. Porque então na campanha de salários, nessas reivindicações, aonde os trabalhadores iam para as fábricas para fazer conquistas, não se pede comissões de fábrica?

Não quer dizer que não seja importante o delegado sindical. Acho que, se pudesse conquistar delegado sindical, eu acho bom. Mas eu acho que desde já, embora a gente vai levar ainda muito tempo pra se conquistar as comissões de fábrica - não quer dizer que está difícil de conquistar,

está longe de a gente chegar lá -, que não se deve começar a lutar desde agora para as comissões de fábrica.

Já em novembro do ano passado, quando a gente fez greve em São Paulo, Osasco e Guarulhos, a gente já pedia a legalização das comissões de fábrica. Aí também a gente pôde mostrar para o trabalhador, de uma forma bem democrática naquilo que a gente conseguia ter condições de colocar, para a assembléia de 4, de 5 e até de 30 mil trabalhadores, e aonde foi difundida também a questão da comissão de fábrica.

Eu acho que, de uma certa forma existem sim algumas contradições entre delegado sindical e comissão de empresa, porque a comissão de empresa é uma forma ainda mais democrática do trabalhador participar dentro das fábricas. E, numa assembléia de 80 mil, em todas as assembléias grandes que se faz dentro do sindicato, não tem condição de participar assim falando, de intervir, todos os trabalhadores. É uma minoria que fala né. Fala 10 ou 12 companheiros. Então, há uma participação bem limitada.

Agora, dentro das fábricas existem possibilidades, com as comissões de fabricas, de todos os trabalhadores participarem da luta lá dentro da fábrica. E a gente enxerga o seguinte: a gente é contra assim... não é que a gente é contra assim radicalmente ao delegado sindical, mas a gente não foi lutar para o delegado sindical, que também os patrões não estão cedendo. Então a gente luta por comissões de fábrica porque as comissões de fábrica, de uma certa forma, se a diretoria do sindicato não funcionar, as comissões de fábrica vão funcionar e vão fazer a luta do que representa os trabalhadores daquela empresa.

E isso aí mostrou, durante esse ano, e agora também nessa greve, que as comissões de fábrica, que hoje lá não são comissões de fábrica, são grupos de fábrica, na medida em que a diretoria não funciona, essas comissões tem condição de levar a luta. E delegado sindical, ele é muito ligado ao sindicato. Então, ele depende muito da visão da diretoria. E as comissões de fábrica tem mais autonomia para agir que o delegado sindical.

Então é mais ou menos por isso que a gente tem esse ponto de vista. Não sei se eu respondi a questão do companheiro, mas tem mais companheiros aqui que também poderiam.

Hélio Bombardi

Eu só gostaria de compeltar o que o Zé Pedro disse que, além desse aspecto da participação, da comissão de fábrica faz com que o trabalhador tenha uma participação mais democrática, um outro aspecto que não entra em contradição com o delegado sindical, na oposição, nós defendemos como forma prioritária de organização as comissões de fábrica e também os delegados sindicais.

O que entra em contradição, nesse momento, é que o delegado sindical, segundo as resoluções do Congresso de Lins, os delegados sindicais dentro das empresas são indicados pelas diretorias, não são eleitas pela base. Essa é que é a grande questão. Porque nós defendemos o problema dando prioridade pras comissões de fábrica. Nós somos também a favor dos delegados sindicais desde que também sejam eleitos por todos os operários dentro da fábrica. E as duas formas podem coexistir, tendo a comissão uma forma mais ampla e mais democrática, porque aglutina muito mais companheiros, quer dizer, tem muito mais gente dentro das comissões do que delegados sindicais que representa a fábrica no sindicato.

Ademir Oliveira

Um outro aspecto também, da questão do delegado sindical, é o seguinte: nós lutamos contra a estrutura sindical, e o delegado sindical nessa estrutura que nós estamos ele fica condicionado às mesmas leis de exceção que o nosso sindicato sofre. Por isso que nós damos a ênfase principal pra lutar pelas comissões.

IBRAHIM :

Eu também vou dar a minha piruada aí, quer dizer... não, porque realmente essa questão é uma questão importante e tem gerado muita discussão não só lá dentro do Brasil como também aqui fora. Então, somente pra completar um pouco, eu queria dizer que, também na nossa posição, na nossa visão, na nossa concepção, as comissões de fábrica, quando a gente coloca a questão das comissões de fábrica, a gente coloca também que, nesse momento, e enquanto perdurar essa estrutura sindical, a gente defende a independência e autonomia das comissões de fábrica em relação a essa estrutura sindical. Quer dizer, é um outro aspecto também que a gente sempre faz questão de remarcar, pra não haver confusão. Quer dizer, a independência e autonomia das comissões de fábrica enquanto não for quebrada essa estrutura sindical.

E a nossa luta contra a estrutura sindical não depende de ter no sindicato uma diretoria melhor, mais combativa ou não. Quer dizer, é toda uma concepção de sindicalismo que a gente procura levar na prática.

Olha, eu acho que a gente poderia seguir com as perguntas e evitar de fazer intervenções. Porque existe uma lista aqui de inscrições, que já foi feita, que deve continuar, e a mesa seguiria. Quando terminarem as perguntas, a mesa seguiria a lista de inscrições, porque já tem companheiro reclamando que está inscrito e não sabe se fala ou se é pergunta. Então vamos continuar as perguntas e, terminadas as perguntas, a mesa segue a lista de inscrição.

Questão

É uma pergunta ligada ao tema que vocês se referiram. É o seguinte: eu sei que é um assunto que está sendo discutido, é saber se, para poder participar de uma comissão de empresa o trabalhador deve ser sindicalizado ou não.

Zé Pedro

Não, é claro que, do ponto de vista da oposição sindical, e aí acho que tem uma diferença que tem sindicatos, tem diretoria de sindicatos que também defende a comissão de empresa, como o sindicato de Osasco defende. Só que a diferença é a seguinte: nós da oposição, a nossa concepção é que, pra participar da comissão de fábrica só tem um critério que tem que ser levado em consideração; é ser operário, ser trabalhador. E ser eleito democraticamente, isso é evidente né. Agora, os sindicalistas que defendem a comissão de fábrica acham que tem que ser sindicalizados e com meses de sindicalizados, quer dizer, cai dentro da proposta da CLT, aliás, dentro da proposta da estrutura sindical, sindicato atrelado.

Tullo Vegenani ?

A pergunta que quero fazer é a seguinte: gostaria, apesar de ter já sido explicitado, seja pelo Zé Pedro, seja pela intervenção dos companheiros que vieram do Brasil nos outros dias, queria procurar entender melhor qual é o mecanismo que liga a diretoria do sindicato, o presidente, a diretoria do sindicato com a massa das fábricas e da assembléia.

Quer dizer, nesse caso como é que agiram as comissões de fábrica, quais foram as ligações, digamos, entre o vértice sindical e a massa da classe operária que participava das greves e participou dessa forma ativamente através das assembléias? E, ao mesmo tempo, na medida em que a organização, a estrutura de base das fábricas funcionou e interveio na organização da greve, qual foi o grau de visão política e sindical na condução da greve que teve esses mesmos quadros intermediários?

Zé Pedro

Quando se começou a campanha de salários, ultimamente a gente tem conquistado, tanto em Osasco, São Paulo, Guarulhos e agora repetiu também no ABC, é de se tirar uma comissão de salários. A comissão de salário é eleita pelos operários que estão presentes naquelas assembléias, dentro do sindicato, e são elementos que vão ficar junto com a diretoria discutindo a condução da luta. Então, é um mecanismo que liga o trabalho de base, o trabalho de fábrica, os grupos de fábrica à diretoria, a gente aponta essa comissão de salário.

Porque na medida em que o companheiro tem um trabalho dentro da fábrica e a fábrica dele está ali dentro da assembléia, automaticamente aquele que estiver mais empenhado na luta claro que vai ser reconhecido pelos companheiros e vai ser representante dos trabalhadores junto com aquela comissão. Então, se deu aí a ligação do trabalho da fábrica com a diretoria do sindicato. Mais ou menos isso.

Questão

Eu achei muito importante a intervenção do Zé Pedro porque ele relativizou a greve. Todos nós sabemos a importância que teve a greve, mas é importante ver determinadas debilidades que teve na condução, que nós temos que tirar experiências para o nosso movimento. E ele só tocou numa questão.

Eu teria duas perguntas, uma ele só tocou, e eu acho que deveria pegar melhor, é o fato de ser uma assembléia extremamente massiva, 90 mil pessoal, que não permite uma participação direta da massa. Permite ela aplaudir, apoiar, votar. Como é que foi vista a escolha de oradores, por exemplo, se tinha formas de que houvesse possibilidade de participação? Se foram escolhidos modos que permitissem que os oradores representassem determinadas correntes dentro do movimento, determinados sindicatos? De maneira que os oradores expressassem o que pensava de alguma maneira a assembléia, e não se colocasse opções pra assembléia que eram opções de direções, exclusivamente da direção sindical.

Essa é a primeira questão. A outra questão é sobre a continuidade do movimento. Na própria forma como tu colocou que o Lula falou, se nota um certo tipo de relação que é antigo no movimento sindical e que eu acho que a gente tem que quebrar também com esse tipo de relação. Você falou que o Lula disse: "- eu vou garantir a vitória". Ou seja, é o Lula ou é o movimento que vai garantir? Desmobilizando o movimento, torna difícil ele garantir.

A segunda questão: ele diz: "- se não for atendido, eu convoco a greve", ou seja, é ele ou os trabalhadores que vão retomar a greve? Essa questão coloca uma outra questão que eu queria colocar: não foi em nenhum momento visto formas de participação, formas de mobilização que não correspondiam exclusivamente à greve. Porque eu acho uma preocupação era evitar o confronto total, isso é uma preocupação que todos nós tínhamos que ter. Porque um confronto total poderia levar à uma derrota importante. Não foi estudada outras formas de, por exemplo, redução do ritmo do trabalho, outras coisa para manter uma pressão enquanto havia a negociação? Se não foram estudadas oturas formas de mobilização combinadas com a negociação?

Zé Pedro

Bom, em primeiro lugar companheiros, eu devo dizer a vocês o seguinte: em relação à essa questão dessas últimas lutas, e analisando a questão do sindicalismo do ABC, e principalmente do sindicato de São Bernardo, eu quero dizer o seguinte: na hora que a gente coloca, a gente procura fornecer elementos para que cada um faça o seu julgamento.

Claro que a gente entende que o Lula tem jogado um papel interessantíssimo no movimento sindical brasileiro. Isso ninguém nega. É muito melhor que uma diretoria de sindicato, por exemplo, em São Paulo. Seria importante ter no maior sindicato da América Latina, onde o Joaquim é o presidente do sindicato e é o maior traidor da classe operária brasileira, seria melhor que tivesse o Lula lá no sindicato de São Paulo do que o Joaquim, certo? Não quer dizer que tudo

o que o Lula tá fazendo que a gente tá de acordo. A gente tem divergências em muitos pontos, haja vista a questão da comissão de empresa.

Agora, temos que analisar o Lula como um sindicalista, pura e simplismente um sindicalista que está... o processo tem feito ele avançar um pouco, mas está faltando ainda bastante coisa. Claro que cada um de nós tem suas debilidades, e é assim que a gente enxerga o Lula.

A forma como a greve voltou foi a seguinte: quando a gente chegou no estádio, estava falando o advogado do sindicato, Dr. Maurício. Então, ele já estava falando dentro do plano de voltar a greve, de recuar. Depois dele falou, se não me falhe a memória, o presidente do sindicato dos jornalistas, que já tinha falado em outras assembléias pedindo que a greve continuasse e dessa vez já falando pedindo o recuo. Foi dada a palavra para outros, foi dada a palavra por bispo do ABC, Don Cláudio, que também.... e depois, nesse dia eu não me lembro se falou outro diretor do sindicato a não ser o Lula, certo.

Depois deram a palavra ao Lula, aonde ele, como toda a sua maneira de colocar as coisas para a massa - ele coloca as coisas muito simples, enfim, que ele fala a linguagem da massa assim simples -, e ele tem realmente as qualidades dele no sentido de liderança, de se identificar com os trabalhadores, realmente eu acho que por isso que nós temos uma política de aproximação ao Lula né, e discutindo as questões com ele na medida em que a gente vai conseguindo. Porque acho que no momento é preciso que a gente, se ele não está totalmente ganho pelas posições assim coerentes da classe, da luta né, aí eu acho que é papel nosso tentar ganhar esse companheiro pra luta que é realmente, em termos de representatividade, um grande quadro assim sabe.

Agora, a maneira como a greve voltou não foi conduzida democraticamente. Eu acho que ali deveria ter dado condições, do meu ponto de vista, de mais elementos, inclusive com posições políticas diferentes, porque tinha, a comissão de salário tinha elementos combativos, tinha elementos de muita visão, que era contra o recuo. Então tinha que ter deixado as duas ou três tendências, três posições, três idéias, colocarem perante a assembléia de 90 mil pra depois ter colocado em votação. E não foi feito isso. Então, eu acho que a grande crítica que se faz seria, nesse ponto de vista.

Realmente, a gente não concorda com essa maneira. A gente luta pela democracia na prática. A democracia operária se dá quando todas as tendências, todas as posições colocando seu ponto de vista para ser analisado e julgado pelos trabalhadores que não estão usando a palavra, que estão ali pra ter sua participação. E não foi feito isso. Foi colocado apenas a posição que estava tomando o presidente do sindicato.

Hélio Bombardi

Só pra falar mais um aspecto do problema do sindicalismo, no caso aí o problema da greve do ABC, é que nós da oposição temos uma posição, na sua maior parte, de apoio ao Lula. Isso não quer dizer que seja um apoio que não tenha críticas. Porque o que nós temos visto, e deixado muito claro, é que o lula é capaz de mobilizar grandes massas. Agora o Lula não tem um Projeto de organizar essas grandes massas. Ele não tem o aspecto organizativo. Chega em determinado momento da luta, ou algumas questões importantes, se revela um aspecto da fraquesa ou de uma visão incorreta de encaminhamento.

Enquanto uma série de dirigentes sindicais, outras autoridades, às vezes até deputados e coisas assim, não é permitido às vezes, como o companheiro disse, ele não quiz colocar mas agora eu faço questão de colocar, o companheiro teve todo esse tempo na greve de São Bernardo e nunca foi permitido ao companheiro fazer uma intervenção na greve. E o companheiro é reconhecidamente, inclusive um ex-dirigente sindical, e nunca foi permitido que o companheiro fazer uma intervenção na assembléia e quase nunca é permitido que o pessoal de base, quer dizer, aquele pessoal que participa da assembléia, faça uso da assembléia. Essa é a grande questão, quer dizer, por onde se dá a democracia.

Isso não quer dizer que nós, simplesmente, chegamos e dizemos: "- não, o Lula não presta". Ele tem uma série de questões que são importantíssimas e é trabalho inclusive da gente fazer com que ele avançe nessas posições.

Continua o debate.

==========

IBRAHIM abre o encontro após o almoço
Anuncia a presença de delegações estrangeiras:
CGTP
CGT República Dominicana

Anuncia a presença de Manoel da Conceição, que por atraso, só agora irá fazer sua fala sobre a situação dos trabalhadores rurais do Brasil.

MANOEL DA CONCEIÇÃO *

* Na parte final desse trabalho apresentamos um perfil de Manoel da Conceição.

==========

Em primeiro lugar, sinto-me bastante contente, tanto por estar neste Encontro , como por falar sobre a situação econômica, política e social dos trabalhadores brasileiros. E também que, os companheiros aqui presentes estão todos interessados em ouvir sobre a situação dos trabalhadores rurais do Brasil, mas também em continuarem a solidariedade como o nosso povo.

Sobre a situação no campo: não é muito diferente da situação urbana.A diferença é que no campo,me parece,a repressão e mais violenta.os rurais não questionam apenas os salários,as condições de trabalho,mas,questionam diretamente a propria propriedade da terra,para os trabalhadores que nela vivem e trabalam.

Temos uma estrutura agrária que existe desde a colonização dos protugueses,com as sesmarias ,as relações de escravidão depois os latifúndios voltados para exportação dos seus principais produtos (café,açúcar,cacau,carne,etc).

Temos 20 milhões de rurais na produção e que não têm terra para trabalhar, nem credito,nem técnica,nem finanças.A tecnologia é monopólio dos patrões,para produção voltada para o mercado externo.O que é para alimentação básica do trabalhador é esquecido.Por exemplo; o soja ,cultura voltada para exportação,veio substituir o feijão.alimento básico do camponês.

A situação piorou após o golpe de 64, não só os latifúndios tradicionais,mas as empresas transnacionais e nacionais começaram a invadir a agricultura brasileira. Os anigos latifúndios,com apoio do Governo, e do capital financeiro começaram um novo tipo de produção que levou à expulsão do campo de milhares de trabalhadores.A inovação tecnológica ao ser introduzida no campo expulsa muita mão-de-obra.A cração de gado,por exemplo, substitui os produtos básicos dos camponeses.O gado também expulsa os camponêses de suas terras.O capim substitui as culturas dos trabalhadores.

Assim, temos 8 milhões de trabalhadores que imigram para as cidades pequenas,médias e grandes, em busca de emprego.Sempre viajando em busca de trabalho.é assalariado permanente mas sem emprego fixo.Não tem nem patrão fixo nem uma empresa.Ficam em filas esperando que os 'gatos', jagunços,etc (são muitos os nomes) os escolham.

Sobre os sindicatos rurais: a situação é bastante grave. Antes de 64, o sindicalismo rural mesmo sendo um instrumento ligado ao Estado,mas uma certa democracia populista que permitia certa mobilidade dos dirigentes. Mas,após 64, houve intervenção nos sindicatos combativos do campo.os pelegos* continuaram,pois aceitaram a nova política do Governo.os que discordaram foram cassados.

As Federações e Confederações sofreram intervenção do Estado.Aos poucos os interventores foram se incorporando na nova legislação.Hoje, alguns são eleitos pelos trabalhadores devido à política de assistência social. O Funrural é ligado ao INPS, que determina a assistência médica.os médicos têm salarios baixos.As filas são imensas e poucos são atendidos.As crianças passam 15 ou 20 dias para obterem uma receita medica.O estatuto do Funrural diz que o trabalhador rural tem direito aos medicamentos mas estes não existem nos hospitais.o medico,então,só passa a receita,e o trabalhador rural não tem dinheiro para comprar os remédios nas farmácias.Assim,espera a morte das crianças.Tem regiões no Maranhão que entre cada 1.000 crianças que nascem, 300 ou 400 morrem entre 1 e 2 anos de idade. É um numero muito alto.

Cada ação do sindicato depende de uma agencia do Governo:
Questão da terra - INCRA
Questão de saúde – INPS e Funrural
Questão trabalhista – advogados da Federação

O sindicato rural para ser criado depende do Ministério do Trabalho e do prefeito local,do delegado,que são ligados aos patrões. Se tem problemas com estas autoridades, o sindicato não é legalizado.Cada membro precisa de documentos fornecidos pela delegacia.Se são militantes não podem entrar nas listas e chapas de oposição sindical.São tidos como 'subversivos'. Nas areas de conflitos em localidades tidas como de 'segurança nacional', não é permitida a existência de sindicatos.

Há um conjunto de empresas multinacionais (EUA,Alemanha,Japão,Suíça) que monopolizam a terra,o credito,os preços agrícolas.

Mas,nos últimos anos os trabalhadores rurais,mesmo sem os sindicatos,têm um forte espírito combativo.Há muitos conflitos entre trabalhadores, latifúndios,empresas,etc.A Igreja tem um papel importante nas mobilizações fora dos sindicatos (90% das lutas).Os dirigentes só denunciam após o fato consumado (expulsão,morte,etc).

Obrigado !

IBRAHIM

Antes de iniciarmos as intervenções dos nossos companheiros, convidados representantes das centrais sindicias, eu queria assinalar o recebimento do telegrama do companheiro Georgio Bevenutto em nome da UIL, União Italiana del Lavoro, que se declaram solidários com as lutas dos trabalhadores brasileiros e a inteira disposição dos nossos objetivos. E também, eu queria assinalar a presença dos companherios Alejandro Bonamedis e Manoel Cabrales, redatores de Informaciones Obreras de Itália. E também o Stéfano Pietantônio, redator do Cotidiano del Lavoratori da Itália.

A gente também queria pedir desculpas por eventuais erros que hajam sido cometidos ao nível dos nomes dos companheiros e também do nome das organizações sindicais, quer dizer, a mesa recebe do secretariado a lista dos nomes dos companheiros e a organização sindical que representam e, bom, pode ser que aí tenha sido cometido algum erro. Então eu peço desculpas. Eu vou iniciar agora dando a palavra ao companheiro Milus Marinovich, representante da CSI, da Iugoslávia.

IBRAHIM :

Chamaríamos agora o companheiro Serafim Aliaga, representante das Comissiones. Obreras da Espanha

Serafim Aliaga (Intervenção em Espanhol)

"Companheiros, em primeiro lugar, expressar meu agradecimento aos companheiros da Oposição Sindical Brasileira por nos ter convidado a este colóquio, do que lhes asseguro, sem nenhuma classe de intenção protocolária, estamos aprendendo muito sobre o desenvolvimento das lutas e da ação dos trabalhadores no Brasil, o que será muito útil para nossa atividade ulterior. E isto me leva, já de entrada, a uma primeira conclusão: a grande utilidade, a necessidade deste intercâmbio de opiniões, desta informação mútua sobre nossas atividades respectivas no movimento sindical internacional é o que contribui a um melhor conhecimento de nossas atividades respectivas e em via de conseqüência a uma melhor solidariedade e à uma melhor ação comum no trabalho sindical que é o trabalho de todos os trabalhadores organizados.

E eu quero expressar, é óbvio, posto que a minha presença é significativa disso, a estreita solidariedade da confederação sindical das comissões obreras ao movimento de oposição sindical no Brasil, para vossa luta, a qual desejamos colaborar e ajudar em tudo o que nos seja possível, no conceito de solidaridade que nós temos. A solidariedade internacionalista dos trabalhadores é uma das mais belas e mais formosas tradições do movimento sindical internacional e do movimento operário. Se há alguma classe na sociedade na qual esta solidariedade tenha umas conotações particulares, especiais, é a solidariedade dos trabalhadores. Porque nós trabalhadores do mundo, não temos mercados pelos quais competir, nem colônias pelas quais guerrear, somos a única classe, na sociedade, que tem interesses comuns, em todos os países, e uma luta que é recíproca em todos os países. Nós trabalhadores de todo o mundo, queremos melhorar nossa condição, queremos lutar pela manutenção e o melhoramento do poder aquisitivo de nossos salários, queremos e necessitamos lutar por mais direitos sindicias, por mais liberdades democráticas e, em última instância, pela liberação dos trabalhadores da exploração do homem pelo homem. Nossos interesses são comuns em todos os países e por isso nossa luta é uma luta comum também, e nossa solidariedade é uma solidariedade recíproca, quer dizer, o conceito de solidariedade entre os trabalhadores do mundo não é uma concepção de ajuda, uma concepção paternalista, uma concessão, uma graça, um favor: a solidariedade de nossos trabalhadores aos trabalhadores de outros países é uma solidariedade recíproca, porque quando os direitos sindicais, quando as liberdades, são confiscadas ("conculcadas"), são pisoteadas no Brasil, no Uruguai, no Chile, em qualquer lugar da Ásia ou da África ou da Europa, são nossas próprias liberdades, nossos próprios direitos os que são "conculcados", os que são pisoteados, os que são "vulnerados". E defendendo a liberdade e o direito ao melhoramento das suas condições de vida e da luta contra a exploração dos trabalhadores do Brasil, estamos defendendo os direitos e as liberdades dos trabalhadores e dos sindicatos da Espanha, dos trabalhadores e dos sindicatos da Itália, dos trabalhadores e dos sindicatos da França, quer dizer, o conceito de solidariedade entre os sindicatos e entre os trabalhadores é uma solidariedade recíproca baseada na comunidade de interesses, nos interesses comuns dos trabalhadores de todo o mundo que é o que os diferencia de todas as outras classes da sociedade.

Ademais, no momento recente, na conjuntura atual, a solidariedade internacional dos trabalhadores tem tomado outras dimensões. O companheiro brasileiro que fez sua intervenção a alguns momentos sobre a questão da solidariedade, acentuou o papel das sociedades multinacionais na hora atual. Estou certo de que a solidariedade dos trabalhadores do mundo, que ao final do século passado tinha conotações sentimentais, românticas, válidas extremadamente, no que têm de começo desta unidade internacional dos trabalhadores, desta solidariedade que nasce os algores(?) da organização do movimento mundial, tem hoje umas conotações distintas, tem hoje umas dimensões diferentes, porque tem aparecido alguns fenômenos novos, nessas últimas décadas, que dá à ação comum dos trabalhadores umas características diferentes. Me refiro à internacionalização da produção, à integração econômica, à extensão das sociedades multinacionais. Me refiro à necessidade de uma nova ordem econômica internacional, que tem nascido como um "desplome" do colonialismo. E Me refiro à crise mundial internacional, a crise do capitalismo que sacode atualmente o mundo capitalista, essa crise que já não é uma crise cíclica como no passado, mas uma crise de estruturas, uma crise que põe na ordem do dia a reforma das estruturas da sociedade contemporânea, reforma de estruturas que interessa profundamente ao mundo do trabalho e que internacionaliza a ação dos sindicatos. Hoje, os problemas econômicos que afetam e que interessam aos trabalhadores de um país, interessam aos demais países. E a solução dos problemas que se colocam na Espanha, na França, no Brasil, na Ásia, não podem ser resolvidos já no simples quadro das fronteiras nacionais. Os problemas econômicos, sociais e políticos "desbordam" (transbordam)

hoje as fronteiras de um país. Tem que ser abordados de um ângulo internacional. E isso coloca problemas importantes a todo o movimento sindical internacional que tem que ter muito em conta, por exemplo: para combater as multinacionais, é evidente que não se pode combater a ação exploradora de uma firma multinacional somente no quadro nacional de um país, é necessário a coordenação de todos os trabalhadores e sindicatos que atuam nas diferentes filiais dessa firma multinacional. Se colocou o exemplo da Pirelli, se poderia por o exemplo da Ford, o exemplo da Fiat, o exemplo de qualquer desses gigantescos monopólios internacionais que vão pouco a pouco aparando em suas mãos o comércio e a indústria do mundo e que são mais fortes comercial, economicamente e inclusive politicamente que muitos Estados. Aí está a ação da ITT no Chile, derrubando o governo de Allende e a ação das multinacionais em outros países "inferindo" na política interior e na independência dos respectivos países. É pois absolutamente necessária e indispensável para lutar contra esses monopólios gigantescos o entendimento dos sindicatos que operam nesses países, em um ou outro dos diferentes Estados. Isto exige a coordenação dos sindicatos em escala internacional. E neste sentido, nós, a Confederação Sindical de Comissões Obreras subscrevemos a proposta que fez o companheiro do Brasil. É absolutamente evidente que é necessário, para realizar uma luta contra as multinacionais, examinar as formas de criar organismos de informação e de coordenação entre todas as filiais de uma mesma firma em todo o mundo. Isso é absolutamente indispensável. Porque fazem muitos anos que na ONU, na OIT, no Conselho da Europa, em uma série de organismos internacionais, se está estudando as formas de impor um código de conduta a esses monstros da economia internacional. Uma norma de conduta para que respeitem os direitos sindicais e para que não hajam especulações monetárias e para que não "incidam", da maneira que o fazem, na superexploração dos trabalhadores e para estabelecer um controle sobre as sociedades multinacionais. Pois bem. Até agora, não foi feito absolutamente nada e se avançado um só passo nessas organizações internacionais. Isso são os trabalhadores que terão que fazer. São os trabalhadores, pela coordenação dos sindicatos atuando em cada firma internacional, que deverão impor um código de conduta e um controle a essas sociedades multinacionais e impor a presença dos trabalhadores nos conselhos de gestão, e impor o controle dos sindicatos e de uma ou outra forma limitar o poder extensivo dessas multinacionais, que são o câncer da sociedade moderna. Estou completamente de acordo e subscrevemos em todos os termos as expressões do companheiro do Brasil que acaba de intervir.

Mas faz falta mais neste sentido. Faz falta estabelecer uma coordenação do movimento sindical em escala internacional. Estamos companheiros atualmente num momento de mutação do movimento sindical internacional. Vocês sabem que o movimento sindical internacional tem tido diferentes formas de organização. Mas uma coisa tem ficado de uma vez para sempre. Antes da guerra de 14 tinham umas formas. Antes da guerra de 39 tinha outra. O movimento sindical internacional está mudando. E tem que mudar cada vez mais. Que mudar para adaptar à situação atual. Para fazer frente com eficácia ao desafio da crise mundial, ao desafio das multinacionais, às necessidades dos trabalhadores que cada vez mais tem mais consciência da sua força e exigem ter mais direitos na empresa e na sociedade. E isso tem que estar a cargo do movimento sindical internacional. Atualmente, não responde, está num processo de mutação, e não responde à essas necessidades. Tem-se que lutar para o por em condições de responder eficazmente a isso. Uma forma são as organizações regionais que se estão criando no mundo, em torno de uma concreta comunidade de interesses; outra é a relação e a coordenação entre as firmas das sociedades multinacionais a que já nos referimos; e outra, por último, será a coordenação à nível mundial de toda essa atividade para fazer frente à tarefas que são tarefas de todos e não de um só sindicato, como são as que me referi no começo, de contribuir para a criação de uma nova ordem econômica internacional, que acabe com o subdesenvolvimento, sem o qual não será possível uma superação

da crise mundial como a que estamos vivendo. O desenvolvimento disso nos levaria longe, por isso quero cortar para referir-me a outro ponto que não quero deixar de tocar agora.

Tenho estado impressionado, ao ter conhecimento mais direto, mas direto pela participação dos companheiros que vieram do Brasil, da estrutura das atividades da oposição sindical brasileira. Ouvindo nesta manha os companheiros metalúrgicos referirem-se às assembléias, falar das greves, a mim parecia viver épocas muito recentes do movimento sindical espanhol. Porque nós temos tido também comissões operárias durante a clandestinidade. Porque comissões operárias é uma criação original do movimento operário espanhol que, ante umas circunstâncias determinadas da situação na Espanha, inventa uma forma de organização que não era a dos sindicatos clássicos, mas que recorria uma "....?" (dificílima) tradição do movimento espanhol, que aparece já em 1940, que são as comissões nomeadas pelos operários como interlocutores para defender suas reivindicações ante os patrões. E partindo dessa criação das comissões operárias, chegamos a levantar um movimento, um movimento que durante um período é o único movimento sindical de oposição (...?) existente na Espanha, que começa sobre esta base de autêntica democracia operária assembleísta, que é uma característica destacada pelos companheiros da oposição sindical brasileira, que temos desenvolvido durante vinte anos na Espanha, e que nos tem levado a ser umas das forças, e o digo sem nenhum triunfalismo, uma das forças determinantes do processo de transição da ditadura franquista à democracia, posto que não tem sido tão fácil companheiros. O primeiro que se tentou na Espanha permitir esse "infixo" no primeiro governo da Monarquia, depois da morte de Franco, foi um gaetanismo, com o governo de Fraga e de Árias, esse é o primeiro governo da monarquia, o que tentaram nos fazer passar, foi um gaetanismo, quer dizer, um franquismo sem Franco. E foi a ação, fundamentalmente, do movimento operário e na cabeça dele as comissões obreras o que impediu isto e fomentou e obrigou a esta reforma, a que estamos vivendo atualmente, a qual eu não me referirei mas detalhadamente porque nos ocuparia demasiado tempo.

Mas a classe operária e as comissões obreras, graças a toda essa luta dos vinte anos, a uma luta muito similar a que estais levando agora, greve a greve, cárcere à cárcere, processo à processo, fazendo as assembléias clandestinas num convento ou no campo e chegando às assembléias com "multidões", como disse sobre os metalúrgicos, temos chegado à situação de hoje e a criação de uma confederação sindical de comissões operárias, herdeira de toda essa tradição, com dois milhões de filiados, que agrupa já, e é a primeira força e a mais representativa da Espanha de hoje, e que tem em sua perspectiva a luta hoje pela unidade sindical e amanhã pela superação do pluralismo sindical e a criação em nosso país de uma só central sindical autônoma, independente, capaz de defender os interesses de todos os trabalhadores de nosso país.

Então, é nesta perspectiva, é nessa similitude, é nessa identidade de pensamento e de ação, podeis contar companheiros, e com isso eu termino, porque já me estou demasiado largo, pois contar companheiros da oposição sindical brasileira com a sincera, profunda, estreita e permanente solidariedade da confederação sindical das comissões obreras. ".

Ibrahim

Bom, companheiros. Necessário dizer o quanto nos emociona o discurso que vem acabar de proferir o companheiro Serafim das Comissões Obreras. Para nós, realmente, isso é bastante importante e cala lá profundo. E muito lhe agradecemos.

Prosseguindo, nós chamaríamos agora, o companheiro Roberto Manhe, que representa a Federação Unitária Sindical Italiana, CGIL, CSL e UIL.

==========

Lista de participantes do Encontro em Bruxelas: Alguns nomes e organizações

Francois Righot	Liga Int. p/direitos dos povos	
Revista Franja	Rev. dos Exilados Lat.Americanos	
Ernesto Molano	CMT-CLAT	
Alexandre Boraneds	Jornalista	
Stephano Di Antone	Jornalista	
	Pão para o Mundo	Alemanha
	IG Metal	Alemanha
José Damasco Lopes	CGT	Argentina
Vitor Correa	CGT	Argentina
José Damasco Lopes	CGTR - (Exilado)	Argentina
José Badu	Sind. Tel.	Argentina
	Anistia Internacional	Bélgica
	CSC	Bélgica
	Casa Latino Americana (Bruxelas)	Bélgica
Antônio Portela	Bancários/SP	Brasil
Manoel da Conceição	Rurais/Ma	Brasil
Ademir B. de Oliveira	Op. Met. MG	Brasil
Hélio Bombardi	Op. Met. SP	Brasil
Joana D´arc	Sind. Médicos SP	Brasil
José Ibrahim	Sind. Met. Osasco (Exilado)	Brasil
Vanda Rocha		Brasil
Guido Rocha		Brasil
Miguel Arraes	Exilado -	Brasil
Milton		Brasil
Edmundo		Brasil
Marcos Arruda	Exilado - Conselho Mundial das Igrejas	Brasil
Apolônio de Carvalho	Exilado -Banido - PCBR	Brasil
Magda	Círculo Brasileiro – Paris	Brasil
Diógenes Arruda	Exilado – PcdoB	Brasil
Zé Pedro	Op. Met. Osasco	Brasil
Jean Morin	Sec. Geral CSN -	Canadá – Quebec
Fernando	CUT – Chile Sindical	Chile
	International Forum	Dinamarca
Luiz Barriga	CEDOC	Equador
Serafim Aniaga	Com. Obreras - CCOO	Espanha
Manoel Simão	UGT	Espanha
Inácio Canas	UGT	Espanha
	Comitê Católico-CCFD	França
Alfred Herve-Gruyer	Brezil Information	França
Alfredo Mutté	CFDT	França
Miguel Angel	Com. Nac. Unidade Sindical	Guatemala
	CNT	Guatemala
	CNV	Holanda
Estephano Pietro Antº	Cotidiano del Lavoratori	Itália
Alejandro Bonamedis	Informaciones Obreras	Itália
Manoel Cabrallis	Informaciones Obreras	Itália
Giorgio Bevenutto	UIL	Itália
Roberto Manhe	CGIL	Itália
Sacerdotti	Fed. Met. Italianos	Itália
Milus Marinovitchi	CSI	Iugoslávia
	Anistia Internacional	Londres
	LO	Noruega
Alfonso Linguam	Unid. Demo. Popular	Peru

Fernando Abreu	BASE- FUT	Portugal
Carlos Barreto	CGTP	Portugal
Rogério Torres	CGTP	Portugal
Augusto Silva	CGTP	Portugal
	CGT	Rep. Dominicana
Wladimir Blanco	CGT	Rep. Dominicana
Eric Carlson	CIO	Suécia
José Ribas	CNT	Uruguai

ENCONTRO DOS GRUPOS DE APOIO A OPOSIÇAO SINDICAL
Paris, 6 e 7 outubro 1979

Vimos acima,em um documento de setembro 1979, que este encontro tinha sido solicitado por membros do GAOS.

Diferentemente do Encontro de Bruxelas, este Encontro teve um produto publicado: uma brochura,em português, em cuja capa pode-se ler "autonomia, ? autônomas de base". Vamos apresentar este relatório do Encontro, que teve circulação muito restrita no Brasil,mesmo entre os autonomistas da época.

"Companheiros e companheiras:

Esta publicação é o resultado de um encontro dos grupos de apoio da Oposição Sindical, organizados em Paris,Bruxelas e Amsterdã, realizado em Paris em 6 e 7 de outubro de 1979.

O objetivo deste encontro foi organizar um debate que vinha sendo realizado de modo esporádico. Partimos do fato de estarmos todos ligados à Oposição Sindical, o que nos leva a alguns pontos de convergência política e ideológica. Esta experiência que desenvolvemos durante os últimos anos do exílio parece indicar a existência de um espaço teórico e político que gostaríamos de definir melhor. Apesar de nos interessarmos em discutir todo tipo de questão que o movimento social tenha colocado na ordem do dia, não temos a pretensão de criar organismos partidários pois entendemos que esta questão só pode ser encaminhada a partir do trabalho junto ao movimento de massa desenvolvido no Brasil.

Com esta publicação, pretenmdemos criar um ponto de referencia para o aprofundamento posterior do nosso debate.Assim, ao publicados os trabalhos dos relatórios do encontro,com a linguagem especifica de cada um e com as posições e ênfases particulares, assim como o resumo das discussões realizadas, tentando abranger não apenas os numerosos pontos de identidade mas também as divergências, algums das quais importantes. Este trabalho tem,portanto,não o objetivo de orientar ou educar os outros,mas talvez o de orientar e educar a nós próprios, além da intenção de participar e contribuir com o debate em curso hije no Brasil.

A reunião foi organizada da seguinte maneira:

1º dia:

1. abertura dos trabalhos com informações provenientes dos companheiros recentemente chegados no Brasil.
2. relatório sobre a origem e o caráter das Oposições Sindicais.

3. relatório sobre a questão da autonomia do movimento social.
4. Relatório sobre intervenção na política institucional.
5. Por questões de ordem pratica, dando ênfase à nossa inserção na conjuntura atual, participação nos movimentos de base e na articulaçõ de instrumentos políticos, frentes e partidos.

2o dia:

1- relatório da discussão do grupo 1.
2- Relatório da discussão do grupo 2
3- discussão dos 2 relatorios em plenario.
4- relatório sobre o caráter dos grupos de apoio a Oposição Sindical (GAOS), definição das suas tarefas praticas no exterior, formas de ampliação e de articulação entre os diversos grupos.
5- Discussão do relatório.
6- Encerramento.

Alguns companheiros que não pertencem aos grupos de apoio participaram do encontro a titulo de convidados. Apesar de expressarem algumas vezes opiniões que não são encontradas habitualmente entre os elementos dos grupos de apoio, estas opiniões vão registradas normalmente, sem nenhum registro especial.

Seguiu-se um debate sobre a dificuldade de se definir o caráter das oposições sindicais (OS) oela sua própria multiplicidade e diversidade.Mas,considerando que não nos identificamos com as OS em geral e sim com os núcleos que defendem e encaminham as palavras de ordem de autonomia e de democracia pela base, exigiu-se , a partir desta pratica e das posições teóricas dos seus membros, uma melhor definição deste caráter.

1- relação das OS com a estrutura sindical

As OS lutam pelas reivindicações materiais dos trabalhadores mas também e fundamentalmente pela destruição da estrutura sindical atrelada.Apesar disso, as OS não se apresentam como embrião de sindicalismo paralelo.As OS lutam dentro dos sindicatos para conquista-los das mãos dos pelegos.As OS realizam trabalhos conjuntos com os sindicalistas autênticos, reconhecendo sua importância para as lutas da classe, mas buscam uma alternativa aos seus métodos de trabalho.

As OS, na sua luta,criam novas formas de organização fora da estrutura sindical, como as comissões de fabrica, que são eleitas por todos os trabalhadores de uma fabrica, sindicalizados ou não,e as inter-fabricas, trabalho que reúne representantes de todas as fabricas de uma emsma região para decidir sobre assuntos de interesse comum. As OS afirmam que só é possível existir um verdadeiro sindicalismo de base com a mais ampla organização das comissões de fabrica,mas que, antes da destruição da estrutura sindical atrelada,as comissões devem guardar sua total independência.

As OS lutam contra o imposto sindical obrigatório.

Finalmente, as OS lutam pela constituição de uma Central Unitária dos Trabalhadores,mas a partir do movimento, pois a unidade efetiva só pode ser realizada na luta.

3. Democracia Operária

Comissões de fabrica: são consideradas um organismo fundamental para a luta de classe dos trabalhadores.Foram as OS quem colocaram na atualidade o problema da implantação das comissões de fabrica.Sobre o delegado sindical: em contraposição à posição inicial dos sindicalistas autênticos, que defendiam o delegado sindical nomeado pela diretoria do sindicatos,as OS lutaram pela eleição do delegado pelos trabalhadores sindicalizados das diversas unidades produtivas.Tanto as comissões quanto os delegados, na ótica das OS,devem ser submetidos a mecanismos de controle pela base e revogação de mandato.Hoje os sindicalistas autênticos já aceitam o delegado eleito pela base,mas é preciso salientar que isto foi uma conquista das OS.

Levando em consideração estas novas modalidades de organização e entendendo estes critérios de democracia de base para todas as forças de organização e de associação do movimento popular, é fundamental que todos os organismos sempre como coletivo,que impeçam que os aparelhos dominem o movimento. Para isso, é preciso que

estes aparelhos temham uma estrutura a mais democrática possível,pois se trata de uma classe que está se constituindo e esta constituição terá certamente um peso sobre a constituição global da sociedade brasileira.Neste sentido, a função do movimento das oposições é inclusive criar canais de expressãoo política.Mas aqui já estamos antecipando o terceiro ponto da discussão.

4. Relação das OS com as articulações político-partidarias.

Sobre este ponto, surgiram algumas controvérsias:

Um companheiro coloca o problema nos seguintes termos: o trabalho das OS é fragmentado e permanece um trabalho economicista.Sua força é apenas embrionária.As bases sociais estão jogando um papel limitado e só se mobilizam na época dos dissídios.As OS têm uma base potencial mas o nível de consciência de massa é baixo, ela é mais fiel a um líder carismático do que a um trabalho cotidiano pela base. É preciso reconhecer a importância do papel desempenhado pelos sindicalistas autênticos e a importância das articulações partidárias, particularmente o PT, que é quem pode realizar um projeto global.É a fragilidade do movimento de massa que exige uma maior atividade e articulação das lideranças .Não é possível participar das articulações partidárias sem renunciar às palavras de ordem da autonomia e da democracia pela base.

Esta questão é colocada por outros porém mais como interrogação: por que hoje o peso é dado à articulação do PT ? Por que são os sindicalistas autênticos quem capitalizam o movimento ? A palavra de ordem da autonomia já surgiu no Brasil anteriormente e não conseguiu se implantar : que nos assegura que hoje ela pode se torna efetiva ?

A grande maioria dos participantes se expressa assim: a dispersão das OS, assim como o trabalho sistemático da repressão, impedem que os companheiros se implantem no seio da massa de modo unitário e articulado.Mesmo os grupos de OS que defendem as palavras de ordem de autonomia e democracia de base têm as origens políticas e ideológicas mais variadas.A unidade se dá justamente em torno da defesa do pluralismo e do movimento de baixo pra cima.Ora, este trabalho é sempre mais difícil e lento do que as tradicionais articulações de cúpula.

Por outro lado, os membros das OS, na sua esmagadora maioria,são lideranças de local de trabalho,liderança que geralmente se constrói fora das estruturas institucionais e convencionais: justamente daqui é que vem sua força e sua fragilidade; sua base social é importante e sua capacidade de mobilização enorme,mas quando vêm os momentos de recesso,não há uma organização ampla que garanta a articulação, a continuidade e a estabilidade do trabalho.Os grupos ficam assim isolados uns dos outros, e inclusive da massa,pois de um modo geral as lideranças de massa são despedidas depois das grandes mobilizações.Os sindicalistas autênticos conseguem capitalizar esse trabalho porque dispõem da estrutura sindical.

É portanto fundamental que as OS conquistem os sindicatos e que criem as formas mais variadas de articulação para garantir a continuidade e o desdobramento da luta; inclusive da luta contra a própria estrutura sindical.Mas não é só.As OS não se limitam ao trabalho sindical,como o relatório mostrou; elas já nasceram como frente de massa e devem desenvolver e aprofundar este trabalho global,devem portanto abrir os mais variados canais de participação política.

A essa altura, uma companheira coloca a seguinte questão: é fora de dúvida que o PT é um partido da classe operaria que, como tal, articula uma proposta global.Se as OS devem também formular uma proposta global, como se dá a articulação das OS com o PT ?

Em resumo, podemos dizer que se manifestaram duas posições distintas,embora em vários casos os problemas tenham se manifestado como interrogações:

1- A fragildade do movimento de massa e das OS, o baixo nível de consciência dominante, exigem uma maior articulação e inciativa das lideranças: o PT vem responder a esta fragmentação, à necessidade de respostas globais.Entrar no PT não significa abrir mão do principio da autonomia.

2- Se não se superar a divisão tradicional de tarefas que atribui a um partido o direito de dar as respostas globais e ao movimento social o limite das respostas imediatas e parciais, termina-se caindo inevitavelmente no loteamento do movimento pelos partidos e no comprometimento do principio da autonomia.Por isso, mesmo que se possa considerar importante a participação no PT,deve-se lutar para que as OS se articulem das formas mais variadas possíveis,que abram os canais mais variados de participação política e que apresentem um projeto global de sociedade baseado bos princípios do pluralismo,da autonomia do movimento social e da democracia de base.

Quanto aos problemas da articulação pratica das OS com os projetos políticos em curso, foram mais amplamente discutidas no dia seguinte.

- Relatório sobre a origem e o caráter das Oposições Sindicais

O encontro foi aberto com um histórico da OS, feito a partir de uma experiência do ABC.

Após o golpe de 64,politicamente os ativistas sindicais viram-se em difícil situação.Não havia continuidade na liderança,as cúpulas sindicais desapareceram.

No quadro de uma intervenção sindical, um grupo de ativistas passou a se reunir (64/65) , não só com preocupações sindicalistas,buscando uma pratica de luta reivindicativa,mas também visando uma atividade política mais global.Esta se manifestou nas manifestações do 1º de Maio de 1968,onde participaram outros setores da sociedade:sobretudo a Igreja.Fica claro que desde o começo a OS trazia sem eu bojo preocupações que ultrapassavam o estritamente sindical,procurando garantir e estender a política de alianças.A OS funcionaria então como um pólo ativador dos movimentos de oposição,levando adiante a luta pela emancipação social dos trabalhadores.

A OS aparece hoje como um grupo de companheiros com posições políticas diferenciadas.Graças a sua capacidade de mobilização e novel das bases,ela exerce um poder de atração sobre outros setores (sindicalistas autênticos,grupos de esquerda) que passaram a incorporar seu programa.

Conclui-se,portanto,que quando não se trata de problemas exclusivamente sindicais,outras forças se associam a OS.No entanto,esta incorporação de outras forças pode levar a uma dispersão.Por isso é importante a consolidação de um núcleo com um maior afinamento ideológico,que permita o fortalecimento do movimento dew oposição,viabilisando,assim,a discussão da questão partidária,da central única,etc, e permitindo a continuidade da luta.

- Relatório sobre autonomia do movimento operário em geral.

Inicialmente gostaria de definir autonomia como modo de relação.Mas como só se pode falar de autonomia de classe constituída, organizada,trata-se então das relações das organizações operarias com o exterior , e das relações no interior das organizações de classe.Quanto as relações das organizações com o exterior, a autonomia se define pelo modo como elas se relacionam de um lado com o Estado,e de outro com as demais classes aliadas. No que diz respeito à relação no interior das organizações de classe, trata-se das formas de representatividade, do caráter das suas hierarquias e da delegação ou não do poder.

Quanto à relação com o Estado,não tem problema, pois está claro para todos nós que não se pode falar de autonomia sem total e absoluta independência de todas as organizações operarias, de tipo sindical ou outras, o que não pode ser obtido sem a eliminação de todas as leis que impedem aclasse de se organizar e de manifestar livremente na fabrica,no bairro,no parlamento ou onde quer que seja.

Quanto à relação com as demais classes aliadas, apenas uma observação quanto à relação com os trabalhadores e as trabalhadoras intelectuais: consideramos que estes são importantes aliados no processo de emancipação da classe, mas recusamos qualquer relação onde os intelectuais e os doutores sejam considerados previamente como vanguarda,posição inerente à sua condição de intelectual.Os (e as) jornalistas,professores,técnicos,artistas,profissionais liberais etc, têm suas lutas especificas para enfrentar,relativas ao exercício das suas profissões,do mesmo modo como podem participar de lutas sociais de outro tipo,enquanto cidadãos; numa aliança de classes entre todos os trabalhadores,muito intelectuais terão um papel de liderança política sem duvida importante,no encaminhamento das lutas gerais na chamada esfera da política.Mas esta liderança terá de ser conquistada na pratica concreta do movimento e nunca definida antecipadamente pord ecreto.

Um aspecto do problema da autonomia que geralmente se deixa de lado,como por descuido, é o problema das relações que os trabalhadores estabelecem no interior de suas próprias organizações representativas.

E,no entanto,este é um problema fundamental sobre o qual se deve insistir sempre, como elemento de primeira importância.Efetivamente, é fundamental que se comece a estimular e reforçar todas as formas de democracia de base que estão surgindo no Brasil;é importante o surgimento de um sindicalismo de base, mas também é importante a implantação das comissões de fabrica, que reúnem toda a massa de uma unidade

produtiva,sindicalizada ou não,massa que deve eleger seus representantes de modo soberano.É importante também que os operários que já tiveram a experiência da comissão de fabrica transmitam esta experiência para os que não a tiveram,seja para outros setores da industria,seja para os assalariados agrícolas,para que estes possam tentar criar,na medida do possível,algo parecido no campo.Além disso,o critério da democracia de base deve ser estendido a todo tipo de organização da classe,como também para as organizações onde a classe participa junto a outras classes populares,por exemplo,associações de bairro, movimento contra o custo de vida,asscoiações culturais,movimentos contra a discriminação racial,sexual,etc.O que está em jogo aqui tem importância decisiva no processo de emancipação dos trabalhadores:além da soberania,de total liberdade de escolha dos próprios representantes,está em jogo a própria forma de representação e de delegação de poderes,as relações entre as lideranças e as bases.Este é um ponto que precisa ficar sempre em destaque,pois é nele que está centrado o poder da classe. Em uma palavra,devemos reforçar e estimular todo tipo de organização que surja por iniciativa da massa,lutando pela sua democracia interna e combatendo todo tipo de posição que tenda a perpetuar ou estabelecer seu controle por grupos que pretendam se encastelar nas direções.

E,é claro,o critério de democracia de base não tem por que não ser válido também para um partido político operário ou popular.E para que este critério se imponha, a primeira concepção a combater talvez seja a teoria do partido único da classe operaria.Esta teoria identifica totalmente o partido com a classe,mesmo sendo constituído por uma minoria.Tal partido tende a tomar medidas políticas em nome de toda a lasse,mesmo que uma grande parte dela não tenha nenhum acesso aos mecanismos de direção partidária.É verdade que os partidos tendem a reunir os mais mobilizados e isto pode favorecer a setores mais atrasados que podems er beneficiados por medidas que, por si só,não poderiam alcançar.Mas aqui é preciso considerar que,hoje,a diversidade de posições políticas no interior da classe operaria é um fato histórico e é por um debate amplo e democrático que estas posições devem se enfrentar,estejam ou não organizadas em partdios.

A teoria do partido único fornece as energias morais para um partido,uma posição,reprimir e até massacrar as demais,em nome da "verdade proletária".Por outro lado,em todos os lugares onde tal partido chegou ao poder, identificou-se com o Estado,instaurando uma nova forma de sociedade que continuou a explorar e oprimir as classes trabalhadoras,ao preservar a divisão entre governantes e governados e a divisão entre os produtores diretos e o controle das condições de produção.defendemos,portanto,como principio ,o pluralismo político no interior da classe.

Rejeitamos também a tradicional hierarquia entre as diversas organizações da classe,onde o partido é considerado uma forma de organização "mais alta".Está historicamente demonstrado que existe certas circunstancias onde um partido pode ser a forma de organização mais eficaz,mas que também existem outras onde ele pode ser considerado superado por outros tipos de organização.Por isso mesmo,rejeitamos o monopólio da política pelo partido;na medida do possível,é importantíssimo que todas as organizações representativas da classe,mesmo que não sejam de tipo partidário,exerçam também uma ação política.

Cabe,portanto,questionar sistematicamente a hierarquia política-movimento social, onde a política partidária é considerada forma "superior" de ação da classe,em detrimento do movimento de massas que, assim,lhe fica subordinado.O partido,já dissemos,pode ser um instrumento importante na defesa de certos interesses políticos da classe e para a implantação de uma estabilidade democrática.A historia demonstra, é verdade, que a estabilidade democrática pressupõe pelo menos um grande partido operário ou popular.Mas isso não é suficiente,pois não nos interessa uma democracia que seja uma forma de governar,isto é,uma forma de dominar,de subordinar o conjunto dos trabalhadores.Não nos interessa a ordem democrática enquanto tal,mas sim enquanto fundamento legal favorável à acumulação de poder pelos trabalhadores,visando à mudança da ordem social.O fundamental,portanto,é que,sem o fortalecimento e a autonomia das organizações sociais da classe,sem a criação de formas de democracia de massa,com a participação efetiva das bases nas decisões que definem seu próprio destino,não só na organização partidária como também nas organizações sociais,o poder político do partido se volta contra a classe em seu conjunto,tendendo a perpetuar sua situação de subordinação

Mas seria preciso levar em consideração que o estabelecimento de uma democracia de base no interior das organizações da classe não elimina o risco do particularismo,do corporativismo. Existem mesmo setores do movimento operário brasileiro que, embora lutando pela autonomia e a democracia de base,o fazemd entro de uma perspectiva corporativista.Não duvidamos que estes setores dêem uma contribuição importante ao movimento hoje mas,na sua pratica, já impõem um limite que mantém o isolamento da classe no interior da sociedade e facilitam o trabalho de recuperação pelo Estado burguês das conquistas alcançadas pelo

movimento,impedindo assim que sejam colocadas as bases para,a longo prazo,a conquista da hegemonia pelos trabalhadores.

E aqui voltamos ao problema da relação da classe operaria com as demais classes aliadas.Para evitar o risco do particularismo, o movimento operário deve,desde já,apesar de sua fragilidade,procurar estabelecer relações com os novos movimentos sociais;não se limitar a uma ação puramente sindical,mas participar das associações de bairro,associações culturais e estabelecer contato com os movimentos anti-racistas,movimentos de mulheres,de luta pela preservação do meio ambiente,associações de consumidores,participando de todo e qualquer movimento que lute contra qualquer tipo de opressão que se manifeste na sociedade.

É evidente que não se trata de um problema simples,mas da criação,que já se inicou no Brasil,de um enorme terreno de luta onde vão se enfrentar todas as tendências políticas e ideológicas,a maioria das quais interessadas apenas em faturar e instrumentalizar estes movimentos.Neste terreno,nós,enquanto tendência,lutaremos contra as correias de transmissão da vida,pela autonomia do movimento e peloe xercicio da democracia de base, lutando por uma nova articulação entre essses movimentos,por uma nova pratica da política,que lance inclusive mão da política partidária,mas que não se limite a ela.

- Por um instrumento de intervenção política das forças populares

1- Concepção de frente enquanto instrumento de intervenção política das forças populares

O conjunto diversificado das forças que vêem lutando pelo fim da ditadura militar e conseqüente evolução do processo brasileiro necessitam de um instrumento de intervenção política nacional.Frentes,partidos e outras articulações têm sido propostas e discutidas a algum tempo.propostas maravilhosas e profundamente democráticas proliferam,fruto das diversas formas de auto-critica que se desenvolveram dentro da esquerda brasileira. Interessa-nos um instrumento real e não mais uma sigla.A construção e definição disso exige uma outra dinâmica, a participação direta do movimento de base. Chegamos já a um ponto de maturidade mínima para ter uma articulação nacional ? Se não, a alternativa seria o trabalho molecular ? Que nível de articulação é possível já hoje, e qua dinâmica imprimir a ela ?

Em função disso nos posicionamos diante do conjunto de propostas de partidos e frentes que estão se colocando neste momento.

– inserção nos movimentos de base (a exemplo das comissões de fabrica, bairro, mulheres etc) buscando com que elas sejam órgãos que representem real e efetivamente os interesses desses elementos.

– Nossa critica as articulações (PP,PT,PTB,etc) é que elas não correspondem a uma evolução real do processo de amadurecimento político do movimento operário-popular no estagio atual.A possibilidade de decisão das massas continua sendo escamoteada por direções ou grupos burocratizados apesar das declarações de seuas melhores intenções. O fato de um partido colocar "autonomia do movimento sindical" no seu programa não é garantia dessa autonomia.A única garantia é a real articulação e participação das massas, começando a partir das comissões de fabrica,etc.Para nós a Frente ou qualquer outro tipo de articulação política deve ser forjado no processo de luta.A única forma de garantir que as massas sejam o real sujeito do processo eimpedir a sua instrumentalização pelos quês e definem seus representantes é o fortalecimento e desenvolvimento dos órgãos de base.

– Frente:

a-A frente que nós queremos (articulação entre os diversos setores sociais pela base,segundo os princípios de autonomia)

b-A frente com todo mundo: partidos,articulações políticas (talvez outras classes sociais) onde a tendência "organização autonoma e pela base" atue buscando garantir a democracia real, o poder de decisão das bases,etc.

c-Estes dois instrumentos se constroem paralelamente.

3- Necessidades de instrumentos que garantam a autonomia e o poder decisivo dos movimentos de base em relação à própria frente ou qualquer instrumento de intervenção política.

Não acreditamos em definições táticas que se eternizam.O desenvolvimento de um processo cria novas situações que exigem respostas de acordo.Da mesma forma acontecem transformações de caráter individual,pessoal.Todos temos exemplos de companheiros que,depois de anos de luta, à aproximação de possibilidades de poder se transformam em elementos profundamente perniciosos ao processo,assumindo posições oportunistas e reacionárias. Todos nós somos frutos desta sociedade e portanto ninguém está imune ao contrabando de seus mecanismos na nossa práxis cotidiana.Não se pode garantir o caráter de um grupo ou de um individuo a longo prazo.Essas transformações exigem uma constante reavaliação critica dos companheiros que constituam núcleos coordenadores.Julgamos necessário,mesmo fundamental,que existam instrumentos de reavaliação constante das situações e dos indivíduos.Estamos preocupados em levar aos companheiros nossas dúvidas provenientes da experiência política que temos vivido e do que pudemos obsercar da experiência internacional.

Tanto na esquerda "stalinista" como na "revolucionaria" esses problemas se manifestaram.A busca dos caminhos para sua superação deve ser uma preocupação central de qualquer militante que se sinta comprometido com a transformação radical desta sociedade.

É claro que não temos receitas a propor e nem respostas prontas e acabadas para esta questão.Pretendemos,no entanto,chamar a atenção do coletivo para a reflexão e o estudo deste problema.

Propomos algumas questões sobre as quais se poderia iniciar um processo de reflexão:

1- Mecanismos que possam garantir a democracia e funcionar como barreiras à questão do poder;

a-Rotatividade obrigatória.

b-Revogabilidade de cargo a qualquer momento.

2- Contradições.

Formas de intervenção na política internacional

Parlamento:

campo de lutas importante no avanço de um processo de democratização política, que não deve nem pode ser esquecida, mas deve ser visto a partir de um ângulo que exija definições claras dos elementos que nele estejam presentes.

Tendo em vista pessoas que foram eleitas dentro da legislação de exceção, AI5 , Lei Falcão,etc, nesta atual legislação as limitações são mutio grandes. Existindo porem elementos que vem afirmando posições de deputado autentico ou popular, definindo-se ao lado da massa trabalhadora, não podemos deixar de lado a hipótese de trabalho conjunto.A afirmação de uma posição mais clara,mais definida,de organismos como a frente ou mesmo uma coordenação nacional das OS pode vir a criar uma situação onde se exija um trabalho realmente integrado às bases e que reflita as suas necessidades e o avanço desse programa mais definido. A organização desses parlamentares em um núcleo próprio,mais ligado a outros núcleos de elementos representantes dos diversos segmentos sociais que tenham posições ideológicas em comum pode ser uma das formas de se estabelecer uma relação mais direta do mecanismo dos trabalhadores com o trabalho parlamentar.

Visando as eleições futuras somos de opinião que o trabalho pratico dos diversos núcleos que integram esse trabalho de frente, vai tornar mais fácil a tarefa de observar companheiros que poderão vir a nos representar como candidatos.

Como um deputado não é um elemento que possa ser controlado pelas bases de forma a ser destituído e trocado, caso fuja dos princípios que o elegeram,e tendo em vista a transformação que o poder opera nas pessoas, o processo de escolha do candidato não é por nada simples.A observação do caráter e do comportamento no nível pessoal deve ser um dos elementos que norteiam essa escolha.O ditador domestico,grande companheiro de luta política,deve ser observado,analisado.

RELATORIO DA DISCUSSÃO DO GRUPO I:

A discussão girou em torno de três eixos:

- O que são as OS
- O caráter estratégico da autonomia
- As alternativas de intervenção tática

Existiu consenso na analise das Oscomo expressão das bases contra a estrutura sindical, que tendo nascido e se desenvolvido num momento de vazio de condução política pelo esmagamento do povo, pelo reformismo em 64, e pela inexistência de uma oposição conseqüente após 68, tende a ultrapassar o campo do estritamente sindical, levando em seu interior uma tendência político-ideologica que demonstra a formulação de uma proposta mais global no sentido da transformação da sociedade.

No entanto a comissão esteve de acordo ao apontar o caráter heterogêneo das OS, tanto no campo político-ideologico como no campo organizativo, do que decorre como tarefa fundamental a necessidade de uma maior coordenação, regional e nacional.

Para um dos companheiros da comissão, as OS não são apenas a forma que assume hoje a luta contra a estrutura sindical verticalista e atrelada ao Estado,pois mesmo depois da destruição dessa estrutura as OS devem manter-se como agentes dinamizadores das bases no interior do sindicato institucional, articulando horizontalmente, em torno delas,outros organismos de base (comissões de bairros,mulheres etc).deve-se também construir OS de moradores, camponeses, etc.

Na discussão do caráter da autonomia houve consenso rm outorgar a esta palavra de ordem das OS um valor estratégico, já que ela envolve toda uma concepção diferenciada de luta social e política e também de construção de uma nova sociedade.

Destacou-se que existem dois níveis ou tipos de organização; Um instituional, que tende à verticalidade e à centralização (sindicatos, partidos,CUT); outromais ligado à dinâmica social pela base, horizontal e dinamizador (comissões de fabrica, comissões de bairro,etc).Neste sentido, é importante manter esta contradição viva e atuante com o conceito da autonomia das bases a respeito das superestruturas. As 'estruturas' como tais, e os indivíduos que nela participam,tendem a reproduzir todos os vícios conhecidos: burocratização,s ectarismo etc. isto decorre de problemas ideológicos profundamente enraizados na cabeça de todos nós, e que só uma revolução cultural no processo de emancipação geral do homem pode ,no longínquo futuro solucionar.A idéia e a pratica da autonomia são os anticorpos que desde já podem operar no corpo social e ajudar a caminhada nessa direção.

A discussão das alternativas de intervenção tática ocupou a maior parte do trabalho da comissão.

Das intervenções surgiram três posições que ,tendo numerosos pontos em comum enquanto concepções de autonomia e caráter privilegiado da organização de base, se pronunciaram diferentemente a respeito do posicionamento face às articulações políticas em curso no Brasil.

Para um dos companheiros o privilegio outorgado ao trabalho de base deve deixar sem egundo plano o problema da intervenção política conjuntural. O que garante a geração correta de um partido é o trabalho na base: se hoje não se tem uma grande influencia política não importa,trabalha-se para o amanhã.O companheiro faz uma critica à comissão apontando a sua falta de preocupação pelo especificamente sindical, pensa que continuamos pensando como os partidos nos ensinaram ,voltados para o ideológico, esquecendo que podemos abranger a globalidade dos problemas. Acha que devemos nos especializar mais no campo sindical e nos aprofundarmos mais enssa área.

A segunda posição levantada e compartilhada por vários companheiros, propõe que na visualização de um instrumento de intervenção política, não se deve ter como referencial somente as OS,mas os trabalhadores de base em geral, e que se deve tentar a conformação de uma tendência ou corrente que lute pela autonomia dos trabalhos de base,que se colabore na sua articulação e se possa operar no espaço político através de uma frente,ou lançando candidatos independentes.È possível existir um instrumento político que fuja das proposições atuais e que gere um programa de transformação da sociedade de baixo para cima.

A terceira posição, também levantada com diversas nuances por vários companheiros, é a que sustenta a possível correção da intervenção tática nas articulações atuais (exemplo o PT).

Esta posição pretende que a salvaguarda da autonomia dos movimentos de base não é contraditória com a participação em partidos.E que, portanto, se o PT se constituir como uma frente de tendências ao nível nacional, poderá operar como elemento aglutinador a nível nacional, e como uma tábua das reivindicações de autonomia (comissões de fabrica, etc)

e mobilizar essa discussão. Existe entre estyes companheiros a preocupação de que as OS e as forças mais conseqüentes do movimento popular e da esquerda não fiquem isoladas por manobras de institucionalização promovidas pela ditadura, tentando incorporar as froças populares de maneira a levar as contradições ao seu interior.

Outra preocupação levantada diz respeito à possibilidade de um refluxo do Movimento Popular na medida da sua relativa espontaneidade e de sua dispersão. Nesse sentido um PT constituído como uma frente poderia ser o instrumento mais eficaz para assegurar o espaço conquistado pelo movimento popular.

RELATORIO DA DISCUSSAO DO GRUPO II:

A reunião se dividiu em três partes: a primeira, mais teórica,sobre política institucional; a segunda, sobre nossa intervenção na conjuntura atual; a terceira, que não se cosntituiu em uma discussão,sobre o autoritarismo e o individuo.

1- Política institucional:

Considerando que o relatório no plenário foi extremamente fraco,começamos debatendo este ponto.

A primeira questão levantada foi que era preciso distinguir as lutas político-institucionais das demais lutas sociais do ponto de vista organizativo,pois se no movimento social, no sindicato,nas associações e grupos os mais variados, faz parte fundamental da nossa luta oe stabelecimento de novas formas de organização e de representatividade, onde se implamtam mecanismos dedemocracia de base, na luta poltiico-institucional não há corrlação de força favorável ao estabelecimento de palavras de ordem que proponham a mudança das formas de delegação de pdoer no Estado.Isto é, não há condições para alterar as ormas de representatividade – depuados,etc,eleitos por prazo fixo,sem possibilidades de controle da parte dos eleitores.Em uma palavra, não há possibilidade de se implantar mecanismos de democracia pela base.

Entretanto, quando as forças populares falam da cração de um partido, que é, na sociedade capitalista,o instrumento mais apropriado à política institucional,devemos ltar para que a sua organização intrna seja democrática,para que o pdoer de decisão das direções não se exerças em a possibilidade decontrole pla base.Mas sobre esta questão se falu muito mais na seguda parte da reunião.

Em cima da contastação de que há força para mudar o mecanismo da delegação de poder na esfera do Estado, foram entretanto feitas agumas observações:

a) que a palavra de ordem da assembléia contituinte implica exatamente modificações no Estado autoritário atual, o efetivo fim da ditadura.Que não temos nenhuma ilusão de poder,através das nossas lutas atuais,instituir nenhum socialismo,embora este permaneça sendo nosso objetivo a longo prazo. Também não alimentamos nenhuma ilusão quanto ao Estado burguês,pois este permanece sendo sempre,por mais democrático que possa ser,um instrumento de dominação de classe.Assim, a conquista da democracia formal não nos interessa enquanto tal,mas com terreno favorável à uma acumulação de poder pelas massas trabalhadoras a caminho da sua emancipação.

b) Que os instrumentosda política institucional,como o próprio termo exprime, são as instituições políticas inscritas no Estado.mas que nãod evemos nunca esqueder nem subestimar as formas de mobilização exteriores às instituições políticas, as formas de ação direta e semidiretas,que freqüentemente arrancam leis ou rim uma ‘situação legal’ de fato.Como bom exemplo disso temos no Brasil ,as lutas dmassas que conquistaram de fato o direito de greve,ou s lutas pela anistia.

Este problema torna-se especialmente delicado no momento da instauração de uma nova ordem jurídico-politica, quando o crescimento de importância da ação dos partidos tende a mascarar este fato. Insistiu-se,portanto, durante os debates,no fato de que somos contra o monopólio da política pelos partidos: as associações da sociedade civil podem e devem exxercer, o Maximo possível,uma ação política,nos mais variados sentidos.

c) Falou-se também na hegemonia da classe dominante no campo jurídico, o que lhe dá uma margem de manobra enorme no momento da reordenação jurídico-politica. Assim, é fato historicamente conhecido a manipulação dos especialistas em jurisprudência no sentido de, no momento da constituição de uma nova ordem, parcial ou global, cancelar as conquistas do movimento de massa. Dessa maneira, a classe dominante se arma dos

instrumentos legais que lhe permitem reprimir e desarticular as conquistas efetivas da emocracia pela base do priodo de Ascenso ou então,em termos de rearticulação político partidária,colocar a oposição numa posição legalmente minoritária.Bons exemplos atuais do primeiro caso são o Iram e a Nicarágua, onde se trava uma batalha para se colocar 'fora da lei' as experiências de auto-gestão do período de derrubada do regime antigo.E, no segundo caso, temos o governo brasleiro, que já começou a desembolsar seu arsenal de artimanhas jurídicas (sub-legendas,voto distrital etc),para criar sua própria maioria parlamentar,tão legal quanto falsa.

Sabemos que a ordem jurídica é expressão da correlação de forças, que existe na sociedade.Mas não se trata apenas de uma pura expressão que encontra seu fundamento em outro lugar bem separado,nas relações sociais.

. Trata-se também, e sobretudo,de uma arma,pela qual a clase dominante reforça e estabiliza sua posição social dominante.Consideramos,portanto,que o campo jurídico é um campo de luta, e que as forças populares devem aí interferir, formar seus próprios especialistas para reduzir a margem de manobra da classe dominante e para criar uma ordem legal que favoreça a estabilização das conquistas da democracia pela base, não apenas no domínio das leis trabalhistas mas,dependendo da força de pressão das ssas, em todos os domínios da vida social.

d) salientou-se também o fato de que, apesar de interessar de imediato as classes trabalhadoras o estabelecimento de umr egime político democrático, este não cria automaticamente uma democracia efetiva,pois o fundamental está ns relações sociais.explicitando melhor: se não existirem comportamentosd emocraticos em massa,se não existirem organizações de base, sindicais,culturais e inclusive político-partidarias que sejam efetivamente democráticos,se a massa não praticar a democracia na vida cotidiana,enão o regime político democrático será um mero ornamento,se transformará inevitavelmente numa fachada que disfarçará a tradicional política brasileira do autoritarismo,do clientelismo e do compadrismo.Entretanto,se já começou a se manifestar no Brasil esta pratica em amssa da democracia,o que constitui um fato novo na nossa historia e como tal sujeito a muitos tropeços,é preciso salientar que um regime político democrático é indispensável à criação de um clima favorável à esta pratica, à sua generalização.

2- Nossa Intervenção na Conjuntura Atual:

Duas questões conduziram o debate:

a) uma mais geral: como se integrar na luta,ao voltar para o Brasil ?

b) E uma outra mais particular: como se definir diante das articulações partidarias e frentistas atuais?

Todos os companheiros e companheiras manifestaram interesse em se integrar no movimento social,seja enquanto profissionais,seja ema ssociações de bairro,culturais,etc.Mesmo politicamente, a prioridade para a maioria seria a luta no interior do movimento de massa pelos princípios da autonomia e da democracia de base.

Outros argumentaram então, embora tenham optando por este engajamento,que consideram fundamental,que era preciso entretanto,enfrentar a questão tambemd eterminante das articulações poltiicas,partidárias e frentistas em curso. Insistiram que a articulação no terreno da política age poderosamente sobre o movimento social podendo estimula-lo e provocar sua fragmentação e desagregação.Argumentou-se também que a necessidade de se posicionar diante das articulações políticas não ependia da vontade dos companheiros.A prova é que alguns tendo voltdo com a perspectiva de participar apenas do movimento das Oposições Sindicais,surpreenderam a todos ao decidirem por um engajamento partidário.

Foi então preciso definir melhor a nossa participação enquanto tendência e ficou claro que,paraodos,não há prioridades cronológicas nem nenuma definição de etapas: trata-se,para nós,de participar simultaneamente do movimeto social e das articulações políticas em curso,sendo que a maioria ,por questões de opção pessoal,prefere trabalhar no ovimento de massa.Neste sentido,uma questão importante f levantada,ficando sem respota satisfatória: como deveriam reagir às solicitações políticas aqueles que só estão dispostos a se engajar no movimento social ?

Quanto ao problema das articulações políticas em curso, os membros do grupo ocuparam boa parte do tempo da reunião discutindo sobre a contradição entre um engajamento de tipo frentista ou um engajamento no PT. De um modo geral, o grupo definiu-se contrariamente às opções partidárias em curso.Uma companheira definiu-se como anti-partido,considerando-se entretanto aberta para a discussão. Todos os demais definiram-se pela necessidade,a longo prazo,de um partido operário e popular.

Uma companheira criticou a posição que, baseada nas desilusões partidrias do passado, identifica partido e burocracia,partido e stalinismo; afirmou que o melhor seria compreendermos que a ameaça do burocratismo paira sobre quaquer organização (qualkquer tipo de) e que melhor seria,em vez de centrar a critica no partido,tentar levar a estruturação democrática a todos os organismos dos quais participamos.

As reservas feitas às articulações atuais,inclusive a do PT de Lula, é que elas vêm sendo feitas nos moldes tradicionais: articulaçãoes , barganhas e onchavos de cúpula, mesmo que seja cúpula sindical.Aqui salientou-se que o fundamental não é apenas que este partido tenha base social popular, mas que sua estrutura seja efetivamente democrática,para que esta base possa se fazer representar,de maneira majoritária, ate suas mais altas instancias.Neste sentido, é própria dinâmica de formação partidária que precisa ser alterada e não apenas o programa do partido, pois todos os responsáveis pelas articulações atuais declaram que seu aprtido vi ter uma organização interna democrática,etc,etc O problema para nós não é de palavrs mas sim do modo como este partido está sendo discutido e articulado.Para todos nós é fundamental que esta discussão seja levada as bases, que atinja as lideranças de fabrica`e as lideranças do movimento de massa como um todo,de norte sul do pais, e que seja aberta aos setores da massa interessados na sua participação para romper assim o tradicional circulo vicioso onde apenas os jornalistas ,os políticos,os doutores,os estudantes e alguns lideres sindicais equacionam tudo e entregam as soluções prontas para a massa dizer amem.

Por essa razão é que todo o grupo,constatando a necessidade de uma resposta imediata no campo da política, definiu-se por uma solução de tipo frentista. Outro argumento que surgiu foi que os trablhadores enfrentam uma correlação de orças ainda muito desfavorável e que correriam o risco de se isolar de setores importantes da oposição, o que viria inclusive a comprometer as conquistas atuais do movimento.Assim, a frente seria uma resposta à tentativa da ditadura isolar os setores mais readicais da oposição.

Algunscompanheiros exgem todavia uma resposta mais precisa, considerando ambígua esta formulação de frente.Se expressam nos seguintes termos: que Frente ? para que ? Se preocupam com uma definição mais precisa dos critérios de participação nessa frente.Argumentam que, se esta frente visa à derrubada da ditadura, é preciso pensar no que vai se passar após esta derrubada.Temem que, diante da nossa fragilidade atual,se entrarmos numa frente,seremos absorvidos; acham que devemos nos fortalecer antes de entrarmos numa frente.Já outros respondem que entramos numa frente justamente por causa da nossa fragilidade e que não nos cabe sacar do bolso do colete uma definição precisa de frente;trata-se de tentar se articular com os setores mais variados – organizações de esquerda, sindicalismo autentico e oposições sindicais,candidatos populares,movimento studantil,organizações de Igreja,personalidades de retorno do exílio, artistas e intelectuais e todo tipo de movimento de massa, tentando criar um programa que expresse as palavras de ordem do movimento de massa,sendo esta a única definição possível. Trata-se de se articular com as tentativas de formação de frente existentes no Brasil, escolhendo a que nos parece mais conseqüente.Apesar de existir contradição neste ponto,uns exigindo uma definição mais precisa para evitar a absorção e outros dando prioridades às experiências existentes com a participação da massa,mesmo que sejam limitadas, trata-se mais de uma nuance,pois ninguém pretende a redação de um programa para a frente aqui no estrgeiro,por outro lado, ninguém propôs também a entrada a-critica na primeira rearticulação que apareça.

Assim a discussão permitiu um certo aprofundamento sobre a nossa participação nessa eventul frente.Segundo uma versão que terminou sendo unânime,deveríamos nos articular em dois níveis: um seria a unidade de todas as organizações,grupos,partidos,etc,em torno de um programa que expresse as palavras de ordem do movimento popular.Segundo nível seria nossa estruturação dento dessa frente,quando teríamos que nos organizar nacionalmente para amdurecer e lutar pela tendência que representamos,visto que nem todos os eventuais participantes lutariam pelas palavras de ordem da autonomia e da democracia pela base.Nosso sucesso dependeria da nossa coesão.Mas aí já se coloca uma grande interrogação: como nos organizaríamos no interior dessa frente ?

Sobre esta questão,uma posição afirma que nossa participação nesta frente seria uma luta e que esta aprticipação não é compatível com a criação de um partido.Sabemos que todos os partidos,organizações e tendências que participarem desta frente,além de conduzirem as lutas pragmáticas contra a ditadura, vãolutar internmente para reforçar as próprias posições e tentar a hegemonia dentro dela.Pois bem, nós também nos conduziremos assim e lutaremos pela autonomia do movimento social,pelo critério da democracia de base e pelo socialismo.

Mas toda tendência que não se expresse organicamente tende a desaparecer.Por isso a questão de como nos estruturarmos dentro desta frente assume desde já uma importância fundamental.O que não xclui,evidentemente, que nos estruturemos também fora dessa frente,desde já e em todos os níveis. Mas estas foram questões que apenas foram esboçadas.

3 - O problema da Transformação Individual:

No final da reunião, um companheiro colocou uma questão que, embora não tenha sido discutida,não deixa de ser importante.Uma questão de importância decisiva é o estabelecimento de mecanismos de democracia pela base; mas estes mecanismos erão inúteis se não houver uma transformação em massa dos indivíduos,se cada um de nós não combater o ditador que eventualmente exista dentro de nossa própria pele.Trata-se de tarefa que se impõe a cada um, nos livrarmos das deformações dentro das quais fomos criados e pelas quais nos acostumamos a agir.Trata-se de expulsar o autoritarismo e o burocratismo das nossas relações afetivas,para que cada um de nós possa viver e agir melhor, e mais coerentemente com os princípios que defendemos,apesar das dificuldades que o problema apresenta e da consciência de que não se trata de mudanças fáceis e imediatas.

Após a leitura dos relatórios, inciou-se a discussão que, para facilidade da exposição, pode ser dividida em três partes:

1- Critica do "conjunturalismo" e importância dos princípios estratégicos; critica do doutrinarismo.

A primeira intervenção atacou logo o 'conjunturalismo',temendo que, nm processo de auto-ritica necessária, termine-se dando ênfase excessiva à tática , diluindo as questões estruturais.segundo esta ótica, partilhada por alguns companheiros, é necessário que se coloque de modo claro e inequívoco as questões da necessidade d construção do partido revolucionário, da destruição violenta do Estado burguês e do capitalismo, e da construção do socialismo.estas seriam as tarefas estratégicas dos militantes dos movimentos de base, que não podem ser negligenciadas.

Seguiu-se então uma discussão onde se definiram duas posições bastantes divergentes. Segundo umaoutra posição, o raciocínio eu acabou de ser resumido está muito marcado por um pensamento que muito dano já causou à esquerda brasileira.permanece-se dentro doslimites da política da 3ª contra a 2ª Internacional. Esta última é identificada com o reformismo que seria sinônimo de pacifismo,de legalismo e de ilusão,enquanto a posição realista da 3ª Internacional insistiria sempre noa specto 'revolucionario' da pratica política do movimento operário, isto é, em última instancia, a destruição violenta da 'maquina ' estatal burguesa.

Considerando que tanto uma como a outra levaram o movimento operário a resultados catastróficos, esta segunda posição recomenda que, para se evitar os erros conhecidos, se comece logo de saída a compreender que este debate não fez senão mascarar os problemas fundamentais que continuam se colocando hoje para a emancipação econômica,política e social dos trabalhadores; e critica um raciocínio que separa rigidamente conjuntura e estrutura, quando na verdade a conjuntura deve ser compreendida como o aspecto atual da estrutura; se as duas são inseparáveis,fica evidente que na nossa pratica atual já estão contidos os germens de uma nova sociedade.É o modo como o movimento operário e popular se estrutura e se articula para enfrentar os problemas atuais,que conta fundamentalmente para a definição da nova sociedade.O socialismo não é algo fixo que surge com a queda do Estado burguês: ele é construído partir das relações sociais existentes.Todos os programas partidários que a esquerda brasileira criu jurou defender os interesses de classe do proletariado,falam dos coialismo no horizonte.Na maioria dos casos,trata-se de um doutrinarismo abstrato e ilusório,desde que estes partidos continuam estruturados de modo autoritário e preservam a pratica opoetunista habitual. É porisso que o que nosa ssegura não pode ser uma dúzia de palavras desgastadas pela própria historia do movimno operrio, mas a construção de organizações do movimento social que sejam democráticas e auto-governadas e que tomem nas próprias mãos oproprio destino. Estes mecanismos de contra-poder popular se constituem como 'projetos' para uma nova estruturação social,são os germens de uma nova sociedade.Não se trata,entretanto,de isolar estes movimentos das articulações políticas;pelo contrario, o movimento deve participar e controlar as articulações políticas feitas sem eu nome e inclusive interferir no próprio Estado, promovendo – é preciso que não se tema o termo – refomas que favoreçam o conjunto dos trabalhadores.

Quanto a um partido realmente dos trabalhadores,este só pode nascer dentro do movimento e nós devemos lutar para que sua pratica seja regida pela organização democrática das suas bases.

Dito isto, a construção dos partidos revolucionários,a destruição do Estado burguês,o problema da violência e a transformação da sociedade global não podem continuar a ser pensados no mesmo espírito de critica da 3ª à 2ª Internacional.Os termos estão desgaados,mas na verdade não se trata de um problema de termos,mas das praticas que estes termos recobrem.

Há algo de radicalmente novo na nossa pratica,que exige que o problema seja pensado em outros termos: o Estado burguês é por principio violento, e o Estado atual brassileiro,particularmente violento.Mas evemos deixar de pensar a violência de modo mecânico,apenas de modo exterior,militar. Toda forma de exploração econômica é violência; toda forma de opressão política é violência.A contra-violencia do oprimido não pode ser,onsequentemente,pensada também de modo apenas militar,comoa ssalto ao poder,como se este poder fosse um objeto exterior,um palácio ou um quartel.A violência pode ser mecânica,exterior,mas o fundamento da violência é interno: as relações em que vivemos é que são violentas, são violações de pdoer.

A hitoria do movimento operário já demonstrou que, do ponto de vista dos trabalhadores,pode ser perfeitamente inútil destruir um aparato de Estado e construir um novo.Se o caráter das relações na muda,este novo Estado,or mais que se auto-denomine socialista ou proletário,será um Estado opressor,que servirá para continuar assegurando a exploração econômica da massa dos trabalhadores, que continuará praticando a violência sobre a massa.É preciso,portanto,redefinir o socialismo a partir da nossa pratica atual,a partir das novas relações que o movimento social começa a criar no Brasil.Precisamos redefinir todos os termos do vocabulrio tardicional a partir da nossa pratica atual radicalmente nova;precisamos romper com o manualismo e criar uma cultura política nova.

É porisso que as palavras de ordem da autonomia e da democracia pela base têm implícito um caráter estratégico revolucionário pois questionam os próprios fundamentos,as próprias estruturas da sociedade:os modos como a sociedade como um todos e organiza e se constitui,as relações autoritárias, a separação entre governantes e governados, a separação entre os produtores e o controle das condições da produção,a distribuição desigual do pdoer.São etas relações de dominação que cnstituem o fundamento de nossa sociedade, que se manifestam no Estado como também em todas as instituições sociais, mas que se manifestam também inclusive nas próprias organizações do movimento oerario e popular,sendo esta a forma pela qual a ideologia dominante penetra no movimento popular.

Os princípios da autonomia e da democracia pela base,levados até as últimas conseqüências pelo movimento, implicam adestruição de quaquer relação de dominação.Implicam,portanto,o fim de qualquer Estado.E isto é o fundamental embora,neste processo,conclui a segunda posição, alguns palácios possivelmente tenham que ser tomados.

A primeira posição replica que que é preciso criticar uma certa reificação da autonomia,lembrando de vários processos onde as organizações autônomas de base foram rapidamente esmagadas ou perderam sua significação pela incapacidade de globalização e de intervenção no plano da política.E que, no entanto, esta intervenção necessária no plano da política é indispensável à própria sobrevivenvia do movimento.Lembra que, se o poder alternativo permanece fragmentado ao nível de base, a destruição do Estado burguês jamais será conseguida.

Outra intervenção acrescenta que é justamente a necessidade de intervençãoo no plano da política que exige a distinção das questões de ordem conjuntural das questões de ordem estratégica. Reconhecer a importância estratégica das palavras de ordem da autonomia e da democracia pela base,mas insiste no fato das questões estratégicas deverem estar explicitadas na d]mediação tática,pis não é certo que elas estejam ‘implicitas’ no trabalho da organização de base.A discussão estratégica deve ser iniciada hoje e ser parte das nossas preocupações ; ela deve se tornar mais clara e mais concreta.Acrescenta também que a violência conjuntural que não transcende,fica neutralizada.

No que diz respeito à luta por objetivos jurídicos institucionais que ficam no campo da democracia burguesa (constituinte, novas leis de trabalho,etc) esta posição ressaltou a necessidade de coloca-los apenas como objetivos táticos ou formas de ampliar o espaço de atuação das massas.

Retrucando à esta argumentação ,uma intervenção aprofunda o problema: é importante distinguir as questões doutrinarias do programa político.As questões de fundo nos distinguem diante de outras concepções de construção aprtidaria, de frentes políticas ou do caráter da nova sociedade.Todas estas questões não estão desvinculadas do programa, mas devem ser discutidas separadamente. É preciso levar em consideração a necessidade imediata de traçar um programa político de unificação do movimento popular.Por isso,as questões

de fundo, de ordem estratégica,devem ser discutidas a longo prazo,no interior do movimento e levando em consideração o desenvolvimento da massa.

O que nos interessa neste momento é saber o que cabe às OS reter como fruto de sua pratica e o que é necessário adquirir na luta. Não se trata de negociar uma parte da autonomia quando se entra numa frente política; autonomia é um principio e um principio não se negocia.A questão da participação política é importantíssima, mas não interessa também as OS entrar numa frente ou num partido se diluindo.Trata-se,portanto,de globalizar os princípios da autonomia e da democracia de base, e de se articular politicamente para criar um clima favorável à implantação e à generalização destes princípios.

Outra intervenção acrescenta:as boas intenções dos companheiros que querem desde jáa ssegurar o bom desdobramento do movimento pela introdução de algumas palavras de ordem como o socialimo etc, para combater o reformismo, são um idealismo inútil; trata-se de um antagonismo mecânico etre reformismo e revoluão que permanece no plano verbal.Nenhum avanço efetivo pode ser realizado fora do movimento: o problema para nós é a construção de mecanismos concretos, e só eles podem evitar o vícios que conhecemos.É fundamental a generalização da discussão e o surgimento de uma nova cultura política e de uma revolução cultural,mas isto só tem sentido se for um processo desenvolvido no seio da massa; por outro lado, não é fácil que a massa pratique a política,mas devemos lutar para que ela preencha espaços reais,inclusive o jurídico e institucional.É evidente que este processo comporta grandes riscos.Porisso devemos observar e aprofundar os dois aspectos da questão: o partido institucional, um lugar de convergência e de encontro, e a tendência dinamizadora, cujo campo é o social.

Nota do redator: o partido dos trabalhadores aparece em uma outra intervenção também como ponto de convergência, como 'tribuna'. Não resisto à tentação de observar que , apesar dos riscos, o partido pode também ser um elemento dinamizador de primeira importância; me parece um equivoco privilegiar um local da sociedade onde se dá a ação política. Fim da nota.

2- Sobre o Instrumento da Intervenção Política:

Já e tocou neste ponto na parte anterior, mas cabem aqui algumas precisões.

Um companheiro se coloca claramente como partidarioo da integração imediata no PT, sendo que nenhum outro partido é levado em consideração.Este seria o instrumento político por excelência dos trabalhdores brasileiros. Mas a maioria, embora não subestime o movimento pró-PT , se pronuncia por uma solução de tipo frentista. Mas existem algumas nuances.A maioria concorda que frente e PT não devems er colocados como alternativas, um excluindo o outro. Um problema,entretanto,permanece aberto, e que foi colocado no informe inicial chegado do Brasil: como um membro da coordenação das OS pode participar do PT sems e trannsformar num porta-voz das posições dos eu partido ? Como se poderia evitar neste caso a famosa correia de transmissão e preservar a unidade do movimento sindical ? Cartas para a redação...

A frente a que os participantes se referem são as frentes populares que se manifestam na realidade brasileira e que são acionadas no momto das grandes mobilizações em termo de greves, eleições, anistia etc.Esta frente deveria ser generalizada e nacionalmente articulada,constituindo-se num instrumento político de interesse fundamental para o conjunto dos trabalhadores e todos os participantes dos movimentos de base.

3- Sobre a revolução Individual:

A propósito do último ponto do relatoro do grupo 2, uma companheira criticou as preocupações expostas, argumentando que a revolução é social e não individual e que as nossas preocupações devem estar voltadas para os interesse de classe dos trabalhadores e que as transformações dos indivíduos são decorrência das transformações revolucionarias das assas, da tomada do poder político e da construção do socialismo.

Uma outra posição se contrapõe energicamente a estas concepções, que nãos eriam senão uma maneira de ignorar estes problemas.Numerosas transformações na conduta dos indivíduos podem se dar antes da queda de qualquer

Estado.Há 30 anos a esquerda não quesionava o stalinismo e nem se falava em feminismo.A realidade mostrou que muitas mudanças importantes na conduta dos indivíduos e conseqüentemente das massas podems er realizadas sob a sociedade capitalista,antes da tomada de qualquer poder estatal. Se compreendermos o poder não apenas como algo exterior, mas como um modo de relação, como algo que também é interno a nós, veremos como esta luta individual, o processo de libertação não só entro de as como dentro da própria pele é um aspecto decisivo da revolução.Devemos realizar uma revolução dentro de nós nas nossas relações interpessoais,combater o burocrata e o ditador que a maioria de nós leva dentro.

O CÁRATER DOS GAOS:

-Histórico:

1ª etapa: Alguns companheiros que estavam próximos dos membros da coordenação européia.O trabalho estava centrado orincipalmente em dois pontos:

- Relações (contatos,etc) e
- Propaganda (boletim)

O Encontro de Bruxelas marcou uma mudança qualitativa em vários sentidos:

1- Contato mais direto com as OS do interior.

2- Visão dos companheiros do interior da importância do trabalho exterior.

3- Visão de parte de um grande numero de companheiros independentes da importância da OS no Brasil.

2ª etapa: Se produz a partir daí um processo de crescimento dos grupos. Esse processo é paralelo ao processo de reintegração dos companheiros da coordenação européia no Brasil.

Estes pontos colocam na ordem do dia três problemas fundamentais:

a) O problema da direção política dos grupos, sua relação com as OS no inetrior,comunicações,etc

b) A necessidade de um programa de trabalho exterior mais vasto e abrangente (informações,finanças,propaganda,discussões).

c) A definição do caráter especifico que tem o agrupamento em torno das OS como expressão de uma escolha político-ideologica precisa.

Os pontos a e b foram objetos de proposições de discussão já debatidos ou a debater.Esta preocupação se ccentrará no ponto c.

Neste sentido,quero colocar uma idéia geral da situação política no Brasil. Existe hoje um espaço de atuação política super estrutural e na base. Esse espaço se abre em parte devido à crise no interior das classes dominantes e, em parte ,existe um maior nível de amadurecimento político-ideologico e organizativo das massas.

Nesse espaço se desenvolvem diversas propostas políticas que visam na maioria dos casos o aproveitamento do mesmo de forma mais ou menos super-estrutural (formação de novos partidos, blocos parlamentares, frentes políticas, etc). Outras tendências no campo popular, ainda que minoritárias, mant~em a tendência ao doutrinarismo ou sectarismo, introduzindo elementos de divisão ou esvaziamento dos organismos de massas.

Nesse ponto, hoje parece de maior importância lutar pelo fortalecimento, ampliação e unificação do movimento popular PELA BASE, estabelecendo a prioridade das tarefas com esses objetivos.

As OS encarnam , hoje , a nosso ver, essa prioridade outorgada ao trabalho na base. Somam-se a este fato os princípios fundamentais de independência, autonomia e democracia, nos quais reconhecemos palavras de ordem de caráter estratégico que dizem respeito a uma concepção particular de luta política e de construção do scoialismo.E´ por isso que o agrupamento em torno do trabalho de apoio as OS implica uma certa especificidade individual de cada um dos membros e portanto do coletivo.

O GAOS não pode ficar limitado apenas a tarefas de informação, relações, finanças, administrativas.

O GAOS pode e deve ser um pólo ´politico alternativo com relação às outras esferas de influencia que atuam na colônia brasileira e latino-americana. Para isso é necessário que o GAOS não se limite apenas ao apoio às atividades das OS no Brasil e que fique na discussão e reflexão no campo do especificamente sindical.

Para c cumprir esse papel de pólo alternativo político ideológico, os GAOS deveriam dotar-se dos meios (brochuras, seminários, debates,etc) que permitam atuar de forma mais larga, abrindo um espaço de discussão e reflexão sobre temas gerais tais que : autonomia do movimento de massas , modelos de socialismo, concepção de partido, relação partido/massas, produtivismo, etc.

Na medida em que ainda a etapa de crescimento numérico e qualitativo dos GAOS vem apenas de começar, essa discussão está atrasada e isto pode prejudicar e atrasar o trabalho, ou pior ainda, podemos enveredar por um processo de esvaziamento político que levará à dispersão orgânica.

Discussão sobre o caráter dos GAOS:

Dois companheiros fizeram um pequeno histórico dos grupos de apoio (GA) de Paris e Bruxelas. O trabalho se organizou em torno da Coordenação das OS na Europa. Inicialmente, o trabalho do GA se limitava à simples execução de tarefas; os membros dos GA não tinham direito a decidir sobre os rumos a tomar. Foi declarado que tinham direito a voz, mas nunca foram convidados para nenhuma reunião da Coordenação. Sua colaboração era portanto meramente técnica.

Esta medida se devia ao fato da Coordenação temer manobras da parte de membros dos GA, ex-militantes de organizações de esquerda e que eram suspeitos de irresponsabilidade e aventureirismo. Um companheiro de Paris colocou que aceitou trabalhar nestas condições porque o apoio era importante para os companheiros que estavam lutando numa situação altamente desfavorável no Brasil e porque considerou que o dialogo só poderia surgir com o tempo, quando os resultados práticos do trabalho provassem que não éramos o que a Coordenação julgava.Com efeito, com o tempo os membros do GA começaram a tomar parte, se bem que informalmente e parcialmente, no processo de decisão.

O que salta aos olhos, neste relato, é que, apesar da Coordenação da OS simbolizar para nós o que existia de politicamente mais avançado no Brasil, a pratica da autonomia e da democracia de base, a Coordenação agia como qualquer organização da esquerda tradicional: agia como direção que decidia e nós como massa tarefeira. O grupo de Paris só começou a funcionar de acordo com os princípios que nos atraiam depois do encontro de Bruxelas, quando nos organizamos como coletivo auto-governado, sem comitês centrais nem biros políticos.

Esta fato relata a dificuldade de se praticar a democracia de base e a autonomia, mesmo quando estamos imbuídos destes princípios. A partir destes depoimentos, surgiu o seguinte problema: na verdade nós apoiamos a Coordenação, isto é, um grupo de pessoas que conhecemos, no seio da qual já começaram a aparecer serias divergências.Diante deste problema e diante da volta da maioria dos companheiros ao Brasil, tanto da Coordenação como dos grupos,como nos colocamos diante desta nova situação ?

Um companheiro respondeu que os GA deveriam continuar se aglutinando em torno das OS, mas deveriam apoiar a todos os organismos de base que levassem adiante as nossas bandeiras.Alguns companheiros retrucaram então que voltaríamos para militar nas oposições e não em grupos de apoio.Ao que foi respondido que todo movimento de base precisa de assessorias jurídicas, econômicas,precisa do trabalho de jornalistas, desenhistas e gráficos para as suas publicações, realiza um trabalho cultural e artístico que será muito mais rico se contar com a presença desses grupos e que nós, ao voltar ao Brasil,poderemos contribuir para a criação dessas assessorias e para a sua articulação nacional e até internacional.

Sobre a continuidade do trabalho na Europa, vários pontos foram levantados:

- cntinuação da publicação do boletim em Paris
- manutenção do contato regular com as centrais sindicais
- estabelecimento de laços com militantes europeus e latino-americanos que queiram trabalhar nos grupos
- contribuir para o fortalecimento teórico e ideológico da corrente pela autonomia e pela democracia de base, promovendo discussões publicas, seminários, etc
- tentar estabelecer contato regular com a imprensa européia

- preparar visitas e contatos para os companheiros que venham do Brasil

Ficou nomeada uma secretaria encarregada da divulgação das reflexões deste encontro e de outros, no Brasil e no exterior.Sua função seria a de, além de assegurar o fluxo das reflexões políticas e teóricas, encaminhar a divulgação das cartas que chegam do Brasil,para que os companheiros que moram nas demais capitais da Europa,onde as noticias chegam com mais dificuldades, não fiquem sem informação.

Além disso, algumas preocupações ficaram expressas:

- os companheiros que vão permanecer na Europa temem que, com a volta da maioria, haja um certo desinteresse pelo trabalho no exterior, apesar da promessa de criação de uma secretaria internacional das OS no Brasil.Deverria-se tentar realmente criar uma ligação sistemática entre o Brasil e o exterior, senão o trabalho no exterior perde o sentido.
- Nos falta credencial para estabelecer o contato com a imprensa e ampliarmos o contato com as centrais européias. Em nome de quam falaríamos e com que credencial ?

Lido o documento que resume as discussões dos GAOS de Paris em Outubro 79, penso que seria importante que os companheiros que participaram dessa reunião continuassem a refletir sobre os assuntos levantados e que procurassem aprofundar certos pontos no sentido de seguir dentro dessa pratica para a divulgação e ampliação das idéias abordadas ou que viessem a surgir posteriormente.Na parte final do encontro, uma das nossas preocupações foi a criação de uma coordenação no exterior que teria como parte de suas funções ativar a divulgação das reflexões de dentro e fora do Brasil.Para isso é necessário que o material lhe chegue às mãos, e penso que um bom ponto de partida é o documento saído depois do encontro.

Como dissemos desde o inicio, este encontro não tinha um caráter conclusivo e portanto o resultado dele não é fechado e todas as questões permanecem em aberto.Não queremos criar um programa partidário, longe de nós tal hipótese. No entanto, caberia amplificar algumas posições que porventura tivessem ficado pouco esclarecidas pelo trabalho de redação e/ou levantar novas que com o passar do tempo viessem a ser pensadas.

Uma das questões que me pareceram importantes no debate está no caráter violento das lutas sociais no Brasil e que durante a reunião originaram algumas polemicas úteis a serem retomadas.

A questão da violência não pode ser vista apenas como se a utilização dela peloss etores revolucionários desse o caráter revolucionário à revolução e inversamente a não utilização dela levasse necessariamente ao reformismo. O problema não está aí, este é o falso divisor de águas na historia da esquerda brasileira. Durante muito tempo esta questão foi o cerne da polemica entre a esquerda dita revolucionaria e os 'partidos reformistas' e atualmente, apesar de algumas mudanças na conjuntura, a esquerda , mesmo que de forma mais velada tende a se basear num ou noutro principio para a analise da realidade e mesmo cataloga-la. O que é preciso ressaltar é que uns e outros (revolucionários e reformistas) nunca negaram de forma definitiva a utilização da violência, no entanto, os interesses partidários sempree stiveram acima de tudo. A analise do movimento social sempre foi feita como se este fator fosse algo estático.Como se as classes e os diferentes setores de classe se movessem de uma maneira pré-determinadas, sobretudo pré-determinada pelos partidos ou organizações.Os partidos e organizações é que imprimiam esta ou aquela dinâmica segundo suas concepções não levando em conta o que realmente oss etores de base reclamavam.

De um lado 'os reformistas'com uma visão etapista onde ouso da violência ficava postergado 'ad eternum', porque a conjuntura sempre oferecia condições de formas de luta pacificas e legalistas, em função de uma posição assumida internacionalmente. Em nome da paz e da necessidade de um acumulo de forças para o proletariado o uso da violência é algo negado na pratica.Um dos pontos fundamentais que leva à cisão dos partidos reformistas é justamente o problema da violência. A esquerda 'revolucionaria' se contrapõe aos partidos tradicionais pregando o uso da violência mas conservando o mesmo doutrinarismo abstrato e a mesma ênfase no que se refere a enquadrar o movimento sociald entro de seus programas.A esquerda revolucionaria prega a violência mas a violência dela. Um exmplo disso são as tese da 'propaganda armada'.Esta era uma maneira de 'ensinar' as massas à fazer a revolução. O 'foco' gueerilheiro constitui-se num 'exemplo' para as massas.As ações de propaganda armada eram iniciativas da 'vanguarda' e não estavam de forma nenhuma ligadas às reivindicações das bases.

O que precisamos incorporar como novo na nossa pratica é que a capacidade de transformação da sociedade nasce da capacidade das organizações do movimento social emd efinir seus próprios caminhos. E como a violência

entraria nessa concepção ? Se aceitarmos que o socialismo se constrói a partir das relações existentes estamos dizendo que a conjuntura trás desde já os germnes de nosso objetivo estrategico. Se a democracia de base é um principio fundamental a ser respeitado para assegurar novas formas de relações sociais e evitar o enquadramento e as definições de cima para baixo, o mesmo poderemos dizer quanto ao emprego da violência numa sociedade dada.São as próprias massas que determinam suas formas de luta e como,quando e porque usam formas de luta violentas.O uso da violência não depende de uma 'vanguarda' mas de como as bases se estruturam e como a definem.

Nem todos os setores sociais no Brasil se movem da mesma maneira. Os jornais falam diariamente em eclosões de violências dos trabalhadores,nas greves,na posse da terra etc. e no dia-adia dos que pertencem as classes menos favorecidas.A conjuntura atual é violenta e não apenas pelo caráter violento da exploração capitalista mas sobretudo pela reação violenta das camadas exploradas.Uma greve atualmente no Brasil,passa por manifestações extremamente violentas. A morte de um operário nas últimas greves de Osasco não é o máximo da violência ? No entanto os trabalhadores não têm outra alternativa que defender suas conquistas se não for de forma violenta.Hoje ba conjuntura brasileira a violência é um elemento dado e é uma forma de articular-se para os problemas atuais que as organizações de base tem que levar em conta desde já. E como não aperfeiçoar essas formas embrionárias frente à um Exercito organizado do Estado burguês ? Como assegurar as conquistas dos trabalhadores sem a violência armada ? A um poder armado só pode fazer face outro poder armado. Acredito que os "palácios de inverno" estão aí todos os dias na vida do trabalhador brasileiro. Se bem que as reivindicações de caráter democrático podem se dar de forma mais pacifica por alguns setores da população, que em alguns momentos a participação na política institucional leva a um cetto respeito pelo legalismo,outros setores se enfrentam desde já de forma violenta.A tendência no Brasil me parece ser pelo aparecimento de inúmeras organizações de base locais,delutas localizadas.Estas também questionam o poder central pelo poder localizado. E´ impulsionando esta iniciativa nova na realidade das lutas sociais no Brasil onde estaremos aprendendo mais". (Fim do Documento).

A VOLTA ao BRASIL

(Anistia e a formação política)

Antes de voltar ao Brasil, José Cardoso (Ferreirinha) concedeu entrevista a CFDT,no numero de "Syndicalisme" de 26.7.79.Mais uma vez, a jornalista era Marie-Paule De Pina.

"Numerosos são os militantes sindicais ou políticos que voltam ao Brasil atualmente, pais que tinham abandonado para fugir da repressão.Entre eles, Jose Cardoso,militante da Oposição Sindical brasileira, dá seu testemunho,as vésperas de reencontrar um apis que ele não vê a 7 anos.

S.= Após uma ausência de 7 anos ,por que voltas ao Brasil ?

JC= Uma nova situação de abertura política foi criada no pais, graças a pressão dos trabalhadores e das forças populares. Esta abertura, mesmo insuficiente, é o resultado dos esforços dos democratas brasileiros. Ela se situa num contexto de um reajuste econômico e político, que interessa igualmente a certoss etores do patronato e da burguesia. Estes últimos querem criar as condições para desenvolver uma industria de consumo, para ter um mercado da produção nacional no interior do Brasil.Isto supõe o melhoramento do poder de compra das classes populares e de melhores relações com os trabalhadores.

Não é a democracia total.Mas, os trabalhadores podem conduzir ações sem riscos de tortura, da repressão que marcou o regime nestes longos anos.

S.= E o movimento sindical, nesta situação, como está ?

JC= Está formado por duas forças principais.De uma parte, a Oposição Sindical e de outra, os que nos chamamos de "Autênticos".Falo dos dirigentes sindicais que, se bem que nas estruturas oficiais, defendem por dentro destas desde 1974 ,as reivindicações dos trabalhadores.

Em oposição ao ‘amarelos’ ,que chamamos de ‘pelegos’,os Autênticos souberam retomar as reivindicações dos trabalhadores e defende-las, se bem que uma massa de operários os vêm como sendo do seu lado,mesmo se eles estão nos sindicatos oficiais.Assim, quando das grandes greves de 1978 e de 1979 na metalurgia, houve uma convergência entre os Autênticos e a Oposição sindical para defender o conjunto das reivindicações . A unidade de ação destas duas forças é fundamental atualmente.

Quanto a Oposição sindical,ela é composta de militantes de diferentes correntes, que conduzem após de 10 anos uma ação no interior dos sindicatos para se opor as estruturas oficiais e que se organizam nas empresas no nível das “Comissões de fabrica”.Dois terrenos de luta foram criados por eles: contra os sindicatos verticais e contra o bloqueio de salários.

S=Perfila-se a questão de uma verdadeira central sindical ?

JC= Sim, e o que devemos dizer é que as últimas eleições nos sindicatos mais importantes ,foram ganhas seja pela Oposição sindical seja pelos Autênticos,o que mostra que estas forças têm a confiança dos trabalhadores.

Assim, no sindicato dos Bancários de SP, que reagrupa 140.000 membros,como no dos Metalúrgicos do RJ que tem 150.000 filiados,ou no dos jornalistas de SP,foi a Oposição sindical que venceu. E,em SP,onde se encontra os grandes sindicatos metalúrgicos,foram os autênticos que venceram.

Após anos de ditadura, de vazio sindical, hoje , através das eleições surgem duas forças que encarnam os interesses dos trabalhadores.Mas, a questão atual, é a da constituição de uma verdadeira central sindical democrática com as forças vivas da classe operaria que se expressou nas ultimas greves. Devemos ficar vigilantes frente as manobras dos patrões e do governo ,cujos objetivos são de criar uma formula de substituição dos sindicatos verticais,para uma adaptação à nova situação .

S= Mas,o governo tem posição neste campo ?

JC= Não abertamente.Mas,pensamos que as estruturas sindicais oficiais,estão se desmantelando e perderam credibilidade.Quando das greves dos metalúrgicos de SP, quando a greve é ilegal, e os responsáveis sindicais não são reconhecidos,o governo discutiu e negociou com eles.De alguma forma, é um reconhecimento de fato do movimento sindical não oficial. Impomos esta situação ao criarmos uma relação de forças,que desbloqueou os salários.

S= No momento, que devem fazer os sindicatos franceses,e notadamente a CFDT,para ajuda-los?

JC= Para um pais como o Brasil, a questão internacional é muito importante.70% da produção está nas mãos das multinacionais.Isto dá uma idéia das possibilidades de uma ação de solidariedade internacional concreta.

Da mesma forma que as multinacionais articulam a produção entre vários paises quando há greve em uma de suas fabricas,o sindicalismo também pode criar uma rede entre os trabalhadores de uma mesma multinacional em diferentes paises.

A CFDT,nos pedimos de continuar o que ela tem feito nestes últimos anos,isto é,manifestar sua solidariedade de modo concreto através da colaboração ao nível da formação e da informação,entre outros,com a Oposição sindical. Há também todo um trabalho a ser feito com varias federações,para agir nos ramos frente às multinacionais implantadas no Brasil.

Esta luta que conduzimos hoje pela implantação de um sindicalismo verdadeiro , é também a luta que visa a instauração da democracia no Brasil.Neste momento crucial, mais que nunca,temos necessidade que nossos amigos nos apóiem concretamente”.

Ferreirinha voltaria pela primeira vez a França, para participar do Congresso da CFDT, realizado em BREST,em 1979. Assim, em 8 .12.79,ferreirinha fez um discurso neste Congresso.Documento dos Arquivos da CFDT marcam que:

" Oposição Sindical Brasileira. Brest . 8-12 de 1979.

Participação de José Cardoso,metalúrgico (ex-JOC),exilado na França.Primeira participação pós-exilio.

"Chers camarades,

Os trabalhadores brasileiros estão felizes de saudar seus camaradas franceses da CFDT na ocasião de seu 38º congresso. Relações estreitas existem entre nós e estamos certos que elas vão se desenvolver ainda mais no futuro.

Esta certeza se baseia em que a realidade dos trabalhadores se impõem a nós. Os trabalhadores brasileiros e os trabalhadores franceses esfrentam dificuldades que são da mesma natureza (desemprego,inflação,dureza nas condições de trabalho,ameaças das liberdades fundamentais,etc), mesmo se o capitalismo internacional torna mais pesado a exploração da força de trabalho sobre os trabalhadores dos paises menos industrializados.

O modelo de crescimento que nos impuseram é também prejudicial aos trabalhadores tanto na Europa quanto na América Latina. Estes não foram consultados sobre a utilidade social do que produzem nem sobre as conseqüências,desastrosas para saúde e o modo de vida da maioria da população,de certos modos de produção.

Somos solidários frente a esta realidade comum.Eis porque temos que avançar para concretizar esta solidariedade de modo sempre mais eficaz. Devemos ser capazes de criar ou desenvolver instrumentos que permitam de nos opor à estratégia das multinacionais e que confiram, a nossa pratica sindical sua necessária dimensão mundial.estes instrumentos, que sejam as organizações profissionais internacionais e nacionais ou que sejam reagrupamentos das forças sindicais em nível de uma região ou de um continente, deverão ser os menos burocráticos possíveis e adaptados as necessidades concretas da ação.São eles que nos permitirão fazer que a solidariedade entre os trabalhadores de todos os paises não passe de palavras.

Nos alegramos pelos esforços e as lutas da CFDT que se encontram com nossas preocupações.

Pelas liberdades sindicais no Brasil ! Viva o novo sindicalismo brasileiro !Viva a CFDT ! Viva a solidariedade entre os trabalhadores de todos os paises."

O CEDAC

A fundação do CEDAC,em 1979, ano em que voltaram do exílio muitos dos seus futuros membros, significou a criação de um espaço de formação e articulação de pessoas que vinham de origens diversas,contudo,um elo os unificava: a questão da autogestão como alternativa de sociedade (o socialismo autogestionario).

Em sua Plataforma política, que foi discutida através de reuniões e seminarios em varios Estados, podemos ler:

"1.O CEDAc tem como fundamento de sua proposta:

- o reconhecimento da existência de classes diferentes e antagônicas na sociedade atual, como um dado que tem que ser levado em conta na atuação junto aos trabalhadores.

- a convicção de que os trabalhadores como classe devem ter o papel principal e decisivo na construção de sua historia,bem como da historia da sociedade como um todo.
- O reconhecimento de que, em forma organizada ou não,a classe trabalhadora vem realizando através de suas lutas um papel histórico, cujo conteúdo deve ser descoberto e valorizado.
- O reconhecimento de que existem bloqueios e limitações que impedem a classe trabalhadora de ocupar os espaços que lhe são próprios.

4. O Centro se caracteriza como órgão de serviços.Sua proposta é:

- Ser Apoio e Animação para facilitar a articulação e organização dos trabalhadores, tanto nos trabalhos de base como em todas as suas formas de organização.
- Romper com todo e qualquer monolitismo, adotando uma flexibilidade que respeite as etapas pedagógicas e as capacidades diferentes de percepção (consciência) das pessoas e dos grupos.
- Jamais substituir-se aos trabalhadores no seu papel de articuladores e organizadores de suas ações e estruturas,adotando critérios de seletividade baseados nos fundamentos de sua proposta.
- Criar espaços para que os trabalhadores construam sua própria analise e seu projeto de participação histórica, formulando programas nas áreas econômica,política,religiosa,sindical,que correspondam às necessidades descobertas ou expressas na luta dos trabalhadores.
- Contribuir para a capacitação dos militantes, a partir da exeriencia de grupos de base,das ações de massa dos trabalhadores nas lutas do conjunto da Classe Operaria Nacional e Internacional e de estudo permanente da realidade econômica,política e social do pais.

5. O Centro traz assim elementos para que se aprofunde a luta:

- Pelas liberdades sindicais,pela independência e autonomia do sindicato,visando abolir o sindicalismo vertical e criar um sindicato de massa,organizado nos locais de trabalho,livre da tutela de Estado e autônomo em relação aos Partidos Políticos.
- Enfim, para que o sindicato seja um instrumento eficaz de defesa dos direitos dos trabalhadores.
- Pela existência e fortalecimento das organizações dos trabalhadores como instrumento de participação, de educação e de expressão da soberania política da Classe Operaria.
- Pelo fortalecimento da pratica da democracia,assim como das organizações de base dos trabalhadores: comissões de fabrica, comissões de moradores, seções sindicais.

6. O Centro adota como posições de principio:

- A luta pela abolição da sociedade de classe em direção a uma nova e radical solidariedade entre as pessoas e grupos sociais,onde os operários e demais trabalhadores terão , na valorização do trabalho, as condições de sua dignificação. Trata-se de uma solidariedade mais conforme à pessoa humana, que crie um novo tipo de poder-serviço, superando toda e qualquer dominação do homem pelo homem.Implica também em deixar sinais concretos de que isto está acontecendo em formas organizadas desta nova situação social,critica e permanentemente procurada.
- A organização de uma nova sociedade,fundada numa democracia pela base que garanta a decisão e participação dos operários e camadas populares no

exercício efetivo do controle da produção, na distribuição e no consumo dos bens socialmente produzidos.

- O exercício do auto-governo popular, dentro de uma sociedade pluralista que garanta a cada um a pratica efetiva da liberdade de pensamento e de expressão,organização,participação e decisão".

Em 2004, o CEDAC fez seus 25 anos.Nesta ocasião, Angelina Oliveira relata os inícios do Centro, articulando os laços dos que estavam lutando no pais com os que estavam exilados.

-Como nasceu o CEDAC ?
AO= Se formos olhar a origem de fundo, a semente,isto nos remete ao ano de 1973.Naquele ano, como emtodo período marcado pela repressão extrema da ditadura militar, as únicas possibilidades de serem feitas reuniões de conteúdo político-organizativo eram nos espaços da Igreja,em suas frentes de ação social,ainda que de forma clandestina.
Em 73, houve uma reunião desta natureza num convento de beneditinos em Salvador , da qual participaram cinco bispos, padres engajados e também alguns leigos,que depois estariam dentre os fundadores do CEDAC. Para sua realização,contou-se com o apoio de entidades que tiveram atuação destacada na resistência,como ABI,OAB,CEDI,CNBB,CIMI.

-Qual era o principal objetivo daquela articulação ?
AO= Olha, desde 1964 ate 1979,com a liberdade de organização e participação bloqueadas, os movimentos populares e o movimento sindical foram sendo descabeçados.Durante a linha dura, a maior parte das antigas lideranças se encontrava presa ou exilada;quando não haviam sido mortas ou se encolhido.
Os cerca de 30 participantes daquela reunião –dentre os quais, eu,Agostinho Pretto,Luis Viegas,Virgilio Uchoa,Jether ramalho,Ivo Poleto- percebiam em comum a necessidade urgente de se encontrar formas de rearticulação.
Decidimos,então realizar uma espécie de levantamento,um balanço,um mapeamento de onde havia gente organizada,lutando,resistindo.De que modo,com quais dificuldades.

-Mas,com tantas barreiras,como seria possível fazer isto ?
AO= Tínhamos gente que circulava o Brasil inteiro pelas gunções que desempenhavam,como Padre Agostinho,jether,Virgilio...Cada qualassumia a tarefa de captar e circular informações,o que também já contribuía para o objetivo de rearticulação.
Enfim, a palavra de ordem emanada daquela reunião em Salvador foi: "Vamos quebrar o isolamento e alimentar a esperança"
Foi uma reunião que deu origem à Comissão pastoral da Terra-CPT,em 1975.Um ano depois aconteceria a reunião de fundação da Pastoral Operaria.Era uma articulação com alto grau de compromisso e confiança.Se um fosse perseguido,os outros apoiavam,com absoluta certeza.

- -E Você,Angelina,especificamente fazia o que ?
AO=Bem, à epoca daquela reunião eu já tinha sido presa quando trabalhava numa fabrica, e naquele momento eu estava trabalhando em outra fabrica.Lá,eu também tinha uma ação política,embora bastante limitada.
Em 1975 passei a atuar como vice-presidente do Movimento Mundial dos Trabalhadores Cristãos e a partir de 76,atuando no Pontifício Conselho para os leigos até 82, inicei uma sistemática de ida à Europa pelo menos 3 vezes por ano.
Assim, assumi um papel de articulação com vários refugiados,dentr os quais pessoas que viriam a ser fundamentais na criação do CEDAC,como Piragibe

Castro Alves, Rolando Frati,José Domingos Cardoso e sua esposa,Maria Yroni Bezerra.Os laços estabelecidos com eles e com diversos parceiros foram muito fortes.A festa que foi na chegada do exílio...
-Bom,mas quanto a origem do CEDAC então...
AO=Sim,em 1978 havia o prenuncio da abertura,da anistia,aquela coisa e tal.Ressurgiam os movimentos com novas lideranças vindas das fabricas da região do grande ABC paulista, das comunidades eclesiais de base.As greves de 1978-79,das quais participou Lula,não eram espontâneas.havia ações organizativas semiclandestinas dentro das fabricas.As CIPAS,comissões para prevenção e monitoramento de acidentes de trabalho,sendo,portanto espaço de lutas por direitos, se constituíram também em espaço de ação política. Estas novas lideranças se formaram em lutas mais focadas,mais objetivas e passaram a ter contato com aquelas mais antigas que vinham da resistência e de varias articulações em nível mundial, isto impunha de certa forma exigências novas para quem começava.
A Pastoral Operaria, a da terra,as CEBs e os espaços onde a gente atuava eram chamados de 'viveiros dos movimentos populares".E o CEDAC viria a nascer muito dentro desse espírito.
-E aquela articulação de Salvador ?
-AO= Daquela articulação criou-se um núcleo de 15,16 pessoas, a maioria do movimento sindical,boa parte de antigos dirigentes nacionais da JOC e da ACO,e intelectuais.
O núcleo decidiu fazer uma pesquisa participante em 12 cidades brasileiras,em área urbana,buscando identificar as principais necessidades e os principais problemas junto a militantes.
A pesquisa tinha um objetivo concreto: oferecer aos trabalhadores condições de autoformação,uma vez detectadas as principais necessidades/problemas.Foram realizados seminários avaliativos para discutir os resultados nos 12 estados da pesquisa,tirando representantes para um grande seminário nacional,no Rio de Janeiro,ao final de 1978.
O seminário então levantou,como principais necessidades,enter:

- o papel do movimento popular e o papel do partido político;qual a relação entre eles;
- o papel do movimento sindical,em sua estrutura verticalizada,com os sindicatos não possuindo canal de interlocução entre si;
- - a ação das pastorais Sociais

Além de outros pontos importantes levantados.Na avaliação,foi reconhecida a importância da pesquisa,nos resultados,ficando claro para todos,porem que um seminário,por melhor que fosse,não resolveria o problema da formação.
Dali marcou-se então em encontro com a finalidade de criar um instrumento de formação dos trabalhadores,para que pudessem construir-reconstruir suas organizações.O que qconteceria em 1979,com a Assembléia de Fundação do CEDAC."

O trabalho de formação sindical

i. Documento do setor sindical do CEDAC para CFDT
ii. Documento do setor sindical do CEDAC para CFDT: relatório da situação no pais.

"Relatório do trabalho de formação sindical

Rio de janeiro, 30 março 1980

a) Evolução da situação sindical.
Como previsto, a reunião das oposições sidnicais de todo o pais foi realizada em SP,no 19 janeiro 1980.Nesta reunião deveria,em principio,ser pautada a decisão de realizar um encontro nacional das oposições sindicais que o grupo da

0.S. dos metalúrgicos de SP queriam realizar do 19 ao 21 de abril próximo.

Nós fomos para esta reunião apesar do grande ceticismo quanto a seus resultados eventuais devido as posições cada vez mais dogmáticas e fechadas deste grupo de SP.

De fato, a reunião foi difícil e cansativa porque o grupo de SP nos opôs uma barreira fechada a nossas posições.Para eles, trata-se unicamente de realizar uma reunião em que eles possam estabelecer o programa sem consultar as pessoas.Eles não querem ouvir falar sob nenhum preço dos 'autenticos' nem muito menos admitir a hipótese de um encontro entre aqueles e a 0.S.

Nossa posição foi de ver que na hora atual a verdadeira divisão é a que existe entre sindicato vertical e sindicato de massa e não entre 0.S. e autênticos e que,se nós aceitamos a divisão entre autênticos e 0.S.,nós nos isolaremos e faremos o jogo do governo,dos pelegos e de seus aliados.Insistimos muito neste ponto mostrando que atualmente os principis assessores dos pelegos são precisamente estes aliados (o PC e o MR 8), o que ficou claro na reunião de dezembro em Belo Horizonte.

Neste momento, os pelegos e seus assessores estão preparando, para este ano, um congresso dos sindicatos verticais,com o apoio forte do governo e do patronato.Nestas condições, a menor ruptura com os autênticos apenas irá enfraquecer o conjunto do novo sindicalismo e fornecer água ao moinho do Ministério do trabalho.atualmente muito ativo para impedir a criação de uma Central Sindical.

Apesar de toda argumrntação,o grupo de SP se mostrou irredutível,mesmo que vários grupos de 0>S. da região de SP tenha aderido a nossas posições.Após um dia de discussões,o grupo de SP propôs uma votação para escolher entre sua proposta de realizar um encontro das).S. em abril e,nossa proposta de um encontro nacional dos trabalhadores em julho.Evidentemente, nos ganhamos a votação com ampla maioria e,finalmente,ninguém compreendeu porque eles propuseram esta votação.De fato, tivemos êxito em eliminar esta proposta suicida e passamos a segunda parte do programa, a de convencer os autênticos da necessidade de realizar um encontro nacional neste mesmo ano.A ocasião escolhida foi a de uma cerimônia comemorativa para João Paulo Vasconcelos,prevista para fevereiro em Monlevade.

Neste encontro, se encontraram a quase totalidade dos dirigentes autênticos,assim como vários dirigenters importantes de 0.S.:
Faria(MG),Joaquim(RJ),Anisio(SP),Ananias(PE)*.

A 0.S. de Belo Horizonte já tinha preparado um documento que se apoiava nas principais reivindicações relativas à liberdade e a autonomia sindicais e este documento serviu de base para discussão para o encontro.Na verdade,este documento resume muito bem tudo pelo qual lutamos desde 1967.

Finalmente, após certas mudanças de detalhes, o texto foi aprovado e servi de base para a convocação do encontro nacional dos trabalhadores, cuja data foi fixada para 5,6 e 7 de julho próximo.

Nos queremos convidar para este encontro um numero significativo de delegações estrangeiras,mas isto ainda deverá ser negociado em razão da persistência de um certo espírito nacionalista em alguns dos melhores dirigentes sindicais.

No decorrer dessa reunião, como ocorreu na das 0.S.,foi decidida a formação de uma comissão nacional de organização e escolher os nomes dos responsáveis nas regiões.No conjunto,estamos bem representados,isto é,a relação de forças nos é favorável atualmente,mas continuamos a operar com muito tato,mesmo se as vezes, temos que ser firmes,como no caso de SP.

No final do encontro em Monlevade, começamos a preparar as reuniões nos diversos estados; eis o principal:

a- Em Recife,após as reuniões ,realizadas separadamente, com os dirigentes da 0.S.,e depois com os dirigentes autênticos,foi criada uma coordenação sindical em que as duas correntes estão representadas.O camarada MANUEL da CONCEIÇÂO, representante dos trabalhadores rurais se juntou a esta coordenação.A coordenação elegeu uma comissão de 3 camaradas encarregados de preparar um encontro no estado de Pernambuco,e a designação dos representantes para o encontro nacional de julho.

b- A partir do trabalho realizado em Pernambuco,um responsável de Recife foi designado para estabelecer a relação com a 0.S. de João Pessoa e ajudar esta a organizar a ação sindical. Este trabalho se apoa no movimento dos trabalhadores rurais do estado da Paraíba,que já alcançou um nível remarcavel.

c- Em Fortaleza (Ceará) , a 0.S. está organizando um encontro ao nível do estado para preparar o encontro nacional.

d- No conjunto do Nordeste, Manuel da Conceição desenvolve no setor rural um trabalho em que as perspectivas são muito interessantes.

e- Na região Sul, a coordenação regional continua a funcionar muito bem e, estamos reforçando as relações entre o trabalho no setor urbano e o trabalho no setor rural.Nesta perspectiva, participamos como animadores em um curso sindical para dirigentes sindicais rurais vindo de 3 estados (RS,SC e PR) , pertencendo também a 0.S. militantes tanto da 0.S. quanto dos autênticos.participaram neste curso 54 sindicalistas,dos quais 5 presidentes de sindicatos e cerca de 15 membros de direções sindicais.também, 2 dirigentes da 0.S. estiveram presentes, um metalúrgico e um trabalhador do setor petroleiro,com o objetivo de avançar uma colaboração mais estreita.No conjunto, os resultados prometem.

f- No Sudeste, além das atividades normais em um ritmo alto no eixo SP-RJ,trabalhamos no estado de MG em duas regiões siderúrgicas essenciais.A primeira, é Coronel Fabriciano Timoteo/Ipatinga ,onde trabalhamos atualmente na construção de uma

coordenação sindical.A segunda, é Congonhas/Lafaiete onde participamos na criação de um grupo de 0.S.

f- Enfim, assinalamos a passagem no Brasil dos camaradas da FNV,quando reunimos um certo numero de camaradas de SP,RJ e de MG,durante boas horas de debate que aproximou os laços já existentes.Nestas estavam presentes também os companheiros da 0.S. e os autênticos.Estimamos que esta visita foi muito positiva,pois os companheiros holandeses conhecem bem suas tarefas.Segundo eles, nossas relações com os Paises-Baixos e talvez outros paises poderão se ampliar.veremos como isto se concretizará.

b. A Questão da Greve

Frente à situação do pais,que se degrada a cada dia,em nível econômico o governo,mais uma vez,fará os trabalhadores pagarem o preço das dificuldades do capitalismo.
Toda a política econômica atual, baseada no aumento da produtividade, busca a dividir ainda mais os trabalhadores em diversas categorias. Cada uma é convidada a trabalhar pelo bom desempenho da empresa,dado que o aumento salarial está estreitamente ligado aos aumentos de produtividade de cada setor de produção.esta política anti-social faz mais uma vez os trabalhadores suportarem o programa anti-inflacionario.
Em geral, o trabalhador brasileiro.....SUITE

c. Realização do programa de trabalho.

1. O Centro de documentação sindical operaria, está funcionando,como previsto.Entre suas primeiras realizações,podemos citar:

- a preparação de um documento sindical*, que está impresso e apenas faltando alguns detalhes de ilustração.A tiragem prevista é de 10.000 exemplares e pensamos que será esgotado antes do encontro nacional de julho,pois servirá de instrumento de trabalho para sua preparação.
- A preparação de um texto de formação econômica * ,já previsto, sob a forma de um livro, composto por 5 capitulos,e que ,por sugestão do editor,será publicado sob a forma de 5 cadernos.vamos usa-lo de forma intensiva para o trabalho de formação,não apenas nas organizações sindicais,mas também nas associações populares e no meio rural.A tiragem prevista é igualmente de 10.000 exemplares.os trabalhos de impressão já estãoa diantados.
- Um documento sobre a política salarial,mimeografado,mas se chegarmos a um texto mais amplo,será impresso em livro;
- O documento redigido em Monlevade circulará em forma mimeografada.
- Iniciamos a preparação de um documento sobre os problemas de moradia urbana (favelas,Banco Nacional habitação,etc),o que nos tomará bastante tempo.vamos incluir algumas pesquisas.este trabalho é fundamental pois não existe ainda nenhuma reflexão sobre esta questão; propor uma política alternativa exige uma analise muito clara da questão.
- Devido a todo este trabalho, a publicação do boletim está em atraso.mas,tivemos alguns problemas para recolher as informações.

B- A Formação Sindical

Outra atividade,além das publicações para o trabalho de formação, continuamos a desenvolver o trabalho direto de formação,através de cursos

realizados nos fins-de-semana.Observamos que,após os cursos e seminários,os grupos locais começaram a organizar sessões de formação,mas ainda não temos uma avaliação devido a grande descentralização desta atividade de formação:

Em relação a nossa equipe do Rio, realizamos as seguintes atividades:

- curso de sensibilização em João pessoa (1 dia, 15 participantes);
- curso de sensibilização em Congonhas/Lafaiete (1 dia,30 participantes);
- curso de aprofundamento em Fabriciano/Ipatinga (2 dias,25 participantes);
- curso para trabalhadores rurais da região Sul,no Paraná(3 dias,56 participantes);
- curso em Volta redonda para os responsáveis do trabalho no setor rural e discussão de uma linha de ação comum para trabalhadores rurais e urbanos(3 dias,20 participantes);
- curso para sindicalistas rurais em Goiânia(1 semana,38 participantes).

Antes desse ultimo documento, em janeiro de 1980, a Equipe reponsavel da formação sindical enviou o seguinte documento a CFDT:

"relatório de atividades - CEDAC – Rio de janeiro –

1-execução do programa de trabalho.

O programa projetado foi executado em parte, o ritmo de execução sendo mais intenso que o previsto inicalmente, pelo fato que o movimento para criação de uma central sindical tomou uma dimensão nacional.É por isto que as reuniões não previstas no programa inicial,iveram que ser acrescentadas paraque possamos ter grupos capazes de se situar na dinâmica atual do movimento sindical.

Na perspectiva da formação de uma central sindical,temos construído um trabalho permanente realizado pelos dirigentes 'autenticos' e pelos responsáveis de 0.S. Todavia, SUITE

No que concerne à formação sindical ,varias atividades foram realizadas.Continuaremos no mesmo ritmo até o final de fevereiro; em março,estas atividades serão suspensas,devido ao nosso programa nacional.

Até agora, realizamos as seguintes atividades:

- Recife (PE): seminário para região do Nordeste,com 35 participantes de diferentes categorias profissionais.Duração : 3 dias.
- Belo Horizonte(MG): 3 cursos de formação sindical do nível 'sensibilização'.Duração: 2 dias cada.
- Vale do Aço(MG): 1 curso de formação sindical,de nível 'sensibilização'.Duração: 2 dias
- Volta Redonda (Rio): curso permanente de formação sindical,de nível 'aprofundamento'.Duração: em andamento,sendo que 6 sessões já foram realizadas.
- Angra dos reis (Rio): 1 curso de formação sindical de nível 'sensibilização'.Duração: 3 dias.
- Rio de janeiro: 5 cursos de formação sindical de nível 'sensibilização'.Duração: 2 dias cada.
- São Paulo: 1 seminario sindical, no nível de dirigentes.Duração: 1 dia
- Paraná: 3 cursos de formação de nível 'sensibilização' e 1 de nível 'aprofundamento'.Duração: de 2 dias a 1 semana.

- Rio Grande do Sul: 1 curso de formação de nível 'sensibilização',com participantes de diversas categorias profissionais.duração: 2 dias.
- Santa Catarina: 3 reuniões de formação de nível 'sensibilização'.Duração: 2 dias cada.

Em 1986 ,no clima de mobilizações em torno das "diretas-já" ,e entrando no debate sobre a Constituinte,o CEDAC realizou uma gama de atividades formativas em torno do tema "Socialismo autogestionario".Material de relatório interna mosta a quantidade de atividades em torno deste tema e,que refletia uma vontade política imensa pela formação .

Abril. 17 a 22 Equipe local ,no Espírito Santo
,em Pernambuco
Maio . 14 a 15 1ª etapa no CECA,RS(curso abrangendo as 3 regiões do Sul)
17 a 20 curso em Lages (SC)
27 a 29 curso no MS

Junho 04 e 05 curso em Curitiba (1ª etapa)
14 a 17 curso para CEBs NE II
18 e 19 curso no Ceara (1ª etapa)
25 e 26 CECA-2ª etapa.RS
Julho 02 e 03 Curso RS (1ª etapa.Nível A)
05 e 06 Encontro nacional "Socialismo e Democracia"
06 a 10 curso no RJ(Folder)
09 e 10 curso Joinville
16 e 17 curso em Curitiba (2ª etapa)
29 e 30 seminario sobre Cuba,Nicarágua e El Salvador .No CECA
21 e 22 Encontro estadual ,Rj
Agosto ------ Curso em PE
------ Curso no Ceara (2ª etapa)
06 e 07 Encontro estadual,no ES
Curso no RS
Setembro --- Curso no CRM-CREA,OAB,no ES
03 e 04 Curso no RS (1ª etapa)
08 e 09 Curso no RS (2ª etapa)
14 a 18 Curso no CECA (folder)
24 a 28 Curso no RJ (folder)
Outubro 15 e 16 Curso no RS (2ª etapa nível A)
Novembro 05 e 06 Curso no Rs (3ª etapa,nível A)
18 e 20 Curso no Rs (3ª etapa)

O Encontro Nacional "Socialismo e Democracia", inicialmente previsto para 31 maio-1° junho,ocorreu nos dias 05 e 06 de Julho. Traz o seguinte convite,assinado por um coletivo:

" Varios representantes do Movimento Sindical, Movimento Popular, Intelectuais,Parlamentares,Setores da Igreja, vêm se colocando a necessidade de uma reflexão sobre a questão do Socialismo e Democracia. A partir de reuniões,contatos,chegamos a conclusão de organizar um encontro nacional entre pessoas que vivem as mesmas preocupações em relação ao tema proposto. Em anexo você encontrará as sugestões referentes ao temário, a metodologia e a lista de convidados.

O encontro começará no dia 31 de maio pela manhã com encerramento no dia 1° de Junho ao meio dia (almoço),pois a tarde haverá o jogo Brasil x Espanha.

O local será em teresópolis ,cidade próxima do Rio de Janeiro, no sitio Assunção – Bairro Quebra Frasco.

Sua presença contribuirá para o enriquecimento de nossa reflexão.(...)
Assinam:
João Paulo Pires Vasconcelos , Jorge Bittar, José Cardoso(Ferreirinha),José Eudes,Fernando Gabeira,Pedro Celso,Ruben César,Miguel D"arcy.

O convite traz uma reflexão sobre o tema:
" Este encontro tem, por objetivo abrir uma discussão sincera e fraternal sobre duas noções que constituem referencia permanente para nós do movimento popular: socialismo e democracia.
A noção de socialismo nos parece hoje mais problemática do que 20 anos atrás.Ate um passado recente pensava-se que as contradições das sociedades capitalistas levariam a uma sucessão de crises cuja superação se daria através da conquista do poder de estado pela classe trabalhadora.O socialismo era uma esperança e um ideal a guiar os passos dos que lutavam por uma sociedade mais justa e igualitária.A construção do socialismo encarnava o sentido da Historia.
Uma serie de fatos problematiozaram esta expectativa: a crescente concentração do poder nas mãos do Estado nas sociedades socialistas com a persistência de formas autoritárias de controle da vida social (repressão aos sindicatos ,violações de direitos humanos,censura etc);as intervenções militares contra movimentos operários e populares em paises sob Governo socialista (Hungria,Theco-Eslovaquia,Polônia);conflitos dentro do campo socialista (China x URSS, Vietanam x cambodja,China x Vietnam); o atraso tecnológico em relação às economias de mercado;a adoção crescente de formas capitalistas de gestão econômica e de modelos consumistas (Hungria,China).A forma superior de democracia que, pensava-se,viria com a implantação do socialismo não se concretizou nas situações históricas que conhecemos.

Por outro lado, a questão da democracia, que não estava no centro do nosso debate nos anos 60, foi revalorizada pela experiência de luta contra a ditadura militar.A conquista de espaços de participação democrática pela base nos sindicatos e associações comunitárias, o fortalecimento dos movimentos sociais, a mobilização da sociedade civil contra o arbítrio do poder estatal nos fazem perceber hoje os direitos civis e as liberdades democráticas como conquistass do movimento popular e condição de novos avanços.
Destas constatações emergem perguntas e desafios.No Brasil de hoje,onde uma democracia liberal de bases frágeis coexiste com uma situação estrutural de pobreza e desigualdade,como conciliar a luta pelo ideal socialista de uma sociedade mais igualitária com a preservação w ampliação das liberdades democráticas ?
Como superar os limites da democracia liberal de modo a assegurar direitos coletivos reais ao conjunto dos trabalhadores ? Em suma,como juntar, na pratica de transformação social, essas duas noções – socialismo e democracia- que, no passado e em outras situações históricas,tem aparecido de forma separada e,por vezes, antagônica ?

Método de Trabalho:

O encontro está pensado como uma ocasião para levantar pergustas e abrir discussões,sem a preocupação de "amarra-las" em um esquema final.Sabemos que as questões são difíceis e que elas permitem diversas interpretações.

Propomos,portanto,que o encontro seja organizado de forma a valorizar este momento de abertura, de perspectivas. O próprio desejo de "abrir" tem

um sentido político,mas é cedo para prever os seus desdobramentos.Importa agora reconhecer que sem um questionamento profundo e corajoso, o projeto socialista corre um serio perigo de ser marginalizado em posições sectárias e ultrapassadas.

O encontro será dividido em três partes:
1° painel seguido de debates,onde se procura responder à pergunta: "Que experiências me levaram a questionar o projeto socialista tradicional, e que qusetionamentos são estes ?"

2° Painel de debate, onde se procurará responder à pergunta: "Que experiências me levaram a valorizar o projeto democrático, quais aspectos deste projeto me parecem hoje fundamentais,e no que se distinguem do projeto liberal ? "

3° Painel seguido de debate,onde se procure responder às perguntas: "Que alternativas estão se apresentando no sentido de aproximar os projetos socialista e Democrático ? Como prosseguir este debate entre os movimentos populares no Brasil ?".

Segue uma lita de convidados:

Sindicalistas: Jorge Bittar,Abdias José dos Santos,João Paulo Pires Vasconcelos,Jair meguelli,Paulo Renato Paim,Avelino ganzer,Olívio Dutra, Luiz Gushinken,Francisco Alano,Juarez,João Paulo Silva,João Carlos Gonçalves,Agamenon,Lázaro Bilac,Paulo Skromov,Valdir,Raimundo Ananias,Geraldo Francisco Barbosa,Maria José,Gumercindo,Pedro Tonelli,Eloan Pinheiro,José Domingos Cardoso,Gilberto carvalho,Manoel da Conceição,Jairo carneiro.

Intelectuais: Pedro Celso Uchoa Cavalcanti,Paulo Singer,Marco Aurélio Garcia,Francisco Weffort,Fernando Gabeira,Roberto Lãs Casas,Mauricio Tragtemberg,Francisco Withaker,Luiz Alberto Gomes de Souza,Arthur Tonelli,Carlos Nelson Coutinho,Leandro Konder,Moacyr Palmeira,Lucélia Santos,Alceu Valença.

Igreja: D.Candido padim, D. Mauro Morelli,D.Waldir Calheiros,D.Adriano Hipólito,D.Jose Gomes,Pe. Luiz fachini,Pe. Adelar de David,Pe. Ângelo Perin,Miguel Presburger-CPT

Institutos de Educação popular: ILDES=Harald,Ingrid Sarti-Miguel,Margareth.CEDAC=Piragibe Castro Alves,Cláudio Nascimento,Maria Carvalho Menezes.FASE=Jorge Eduardo Mourão,Cunca.IBASE=Marcos Arruda.IDAC=Miguel Darcy.ISER-Pedrino,Ruben César,Claudius Ceccon.CAPPS=José Ibrahim,Luis Cardoso.CEPASE=Rolando Fratti.CEDEC=Roque Aparecido.CEPAC=Antonio José.

Movimentos populares: FAMERJ=Francisco Alencar,Jorge Florêncio.ABM=Ernani Coelho.Urban,Fachini

Parlamentares: José Eudes,Ronaldo Lessa,Plínio Arruda Sampaio,Jô Rezende,Benedita Silva,Luiz Henrique,Apolônio de Carvalho*,Jair Krische.
*incluído erroneamente nessa lista.

A experiência deste Encontro nacional levou a formulação de um Projeto entre CEDAC, IESD,IDAC e ISER,intitulado "Alternativas Socialistas".

1-Justificativa="Nos dias 5 e 6 de julho, por iniciativa do IESD,do CEDAC,IDAC e ISER,reuniram-se em teresópolis,no Estado do Rio de Janeiro,representantes do movimento sindical e dos movimentos populares,da Igreja,parlamentares e intelectuais,para um debate em torno do tema "Socialismo e Democracia".

O encontro abriu uma discussão sincera e fraternal sobre essas duas noções que constituem referencia permanente para os militantes do movimento popular.

(...)A questão do socialismo no Brasil,não é mais uma discussão puramente acadêmica,como no passado.O crescimento quantitativo e qualitativo da classe trabalhadora e dos movimentos sociais,coloca como urgente,não só o problema ideológico,como a pratica política socialista.

A partir da presença do movimento operário-sindical e do movimento popular no cenário político,surgem no campo e nas cidades,a nível das idéias como a nível da pratica concreta,experiências novas,portadoras de idéias socialistas.A esse processo chamamos de "Socialismo germinal existente".

Essa discussão não é mais monopólio de um grupo político.Também, o socialismo perdeu seu aspecto de singularidade,sendo vivido hoje em sua pluralidade histórica,enquanto construção de uma sociedade pós-capitalista.A rica experiência histórica do socialismo a nível mundial nos conduz a uma avaliação no sentido de recuperar seus valores originais. Se,de um lado, há partidos e organizações com programas socialistas "acabados", de outro lado, existe um pólo socialista dinâmico e pluralista que debate,procura,mas que é ainda muito espontâneo,difuso e desarticulado. É oq eu chamamos de "Socialismo germinal",cujas bases estão nas mudanças ocorridas no Brasil com a implantação de uma economia transnacionalizada,criando condições objetivas de vida que exigem novas formas de participação política.Desde os anos 60,têm surgido formas de luta e de organização caracterizadas pela independência e pelo sentido de autonomia, nas comissões de fabrica,nos conselhos de moradores,nas comunidades rurais que,com o avanço do processo,buscam uma organização mais eficiente.

Estes movimentos configuram uma nova participação popular na sociedade,a procura de uma síntese entre a democracia representativa e a democracia direta.Seus elementos básicos são: independência,autonomia,decisão democrática e controle político das bases,materializando-se em greves,assembléias,manifestações de rua,ocupações de terra,mutirões etc.

A densidade destes movimentos parece determinar o rumo das transformações em curso na sociedade brasileira, abrindo perspectivas amplas para o debate em torno do socialismo e da democracia.O avanço desse debate implica em clarear divergências e aprofundar pontos comuns.

Os seminários realizados de uns cinco anos para cá, e os que se realizarão,significam momentos para discutir e tentar clarificar o que entendemos por democracia e socialismo,extrairmos do processo real os elementos que permitam elaborar propostas concretas na busca de alternativas globais de sociedade.

3- Objetivos:

a) Buscar os caminhos de reconciliação entre os valores de liberdade e igualdade;
b) Trocar experiências do 'socialismo germinal'.
c) Avaliar e sistematizar os elementos novos existentes nessas experiências.
d) Detectar o avanço da democracia participativa nos movimentos sociais
e) Ampliar o nível de informação histórica,nacional e internacional.
f) Consolidar a cultura e a ética socialistas.

3-Metodologia:

Para alcançar os objetivos propostos,serão realizadas as seguintes atividades:

a) seminarios e encontros sobre o socialismo.

b) produção de material didático,sob a forma de textos,manuais,apostilhas e áudio-visuais.

c) levantamento de bibliografia sobre o socialismo.

d) viagens para assessoramento de encontros e seminários

e) publicação de um Boletim "Alternativas Socialistas".

4-Programa de Trabalho

Pretendemos iniciar esse trabalho a partir de abril de 1987.Prevê-se a realização de 9 encontros estaduais, 4 regionais e 1 nacional,alem de 3 seminarios de 3 dias.A nível local,os encontros são de competência dos próprios movimentos sociais.Os estaduais serão realizados no período de abrila a gosto;os regionais no período de setembro a outubro e,o nacional será em novembro.

Os seminários temáticos serão os seguintes:

a. Constituinte e Estatuto do Trabalhador.
Data: 1° a 3 de Maio de 1987.

b. Socialismo e democracia, um debate com as ONGs
Data: agosto

c. Constituinte,um balanço (o que foi e o que queríamos)

d. Data: outubro".

Uma Proposta de roteiro para as atividades formativas apresenta o seguinte esquema:

1) A crise do "socialismo real":

- poder do estado-partido único
- controle da vida social
- atraso tecnológico
- gestão capitalista
- violação dos direitos humanos
- repressão política
- modernização (Glasnot)
- alternativas democráticas socialistas

2) democracia e socialismo:

-revalorização da democracia
- ressurgimento da sociedade civil (democracia representativa e direta)
- autonomia,movimentos sociais e socialismo
- democracia e socialismo na historia
- cultura e ética socialistas

3)Movimentos sociais e democracia participativa:

- 'socialismo germinal'
- novas praticas do movimento social

4)Alternativas socialistas(Historia e teoria):

a- socialismo, autodeterminação,autogestão

b-O processo de burocratização do movimento socialista,

- A) Lutas (a revolução francesa,a comuna de Paris,a Revolução de 1917,Solidarnosc,etc)

- B)debates/idéias (lênin,Trotski,Rosa,Stalin,Gramsci,etc)

c- alternativa socialista

e. alternativa socialista autogestionaria(caracterização):

- princípios (fenômeno de massa,cultura econsciência)
- fundamentos (abolição do estado,abolição das classes,abolição do trabalho assalariado,propriedade social)
- estado e sociedade civil
- autonomia dos movimentos sociais
- ruptura revolucionaria e dualidade de poder
- revolução política e revolução social
- propriedade social: econômico,político e social
- tarefas democraticas,avanço da alternativa socialista (proposta política).

Outros esboços apresentam os seguintes pontos:

1) natureza do modo de produção estatal:
- introdução geral
- características principais
- papel do Estado
- acumulação mundial e luta de classes
- endividamento externo – troca desigual
- revolução tecno-cientifica
- extensão do MPE (capitalismo periférico,capitalismo central,socialismo real).

2) caracterização do socialismo real:
- o papel do Estado na economia
- o papel do Estado na política
- relação entre Estado e sociedade civil
- burocracia,propriedade estatal,trabalho assalariado
- partido único e movimento social

3) caracterização do capitalismo mundial:
-o estado na economia
-o Estado na política
-Estado e sociedade civil
-papel da burocracia empresarial e estatal
- exploração do trabalho:econômica e ideologica
- papel da social-democracia

- O curso realizado no CECA-RS,de 06 a 10 de julho 1986, apresenta o seguinte programa:

Introdução

i. método dialético e formação econômico-social
.analise de conjuntura
.estratégia
.tática
.aliança
.hegemonia

.bloco histórico
ii. Socialismo e Religião
.socialismo primitivo cristão
.socialismo utópico
3.Experiências revolucionarias:
.comuna de Paris=
contexto,atores,idéias,conteúdo
.Revolução
Soviética;contexto,atores,idéias,conteúdo
3.Perfis Revolucionários:
.Lenine;conselhos operários e autogestão
.Rosa Luxemburgo: democracia e socialismo
autogestionario
3.Trotsky x Stalin:oposição de esquerda e
socialismo em um só pais.
4.Socialismo na América Latina
.as idéias socialistas no Brasil(até 1953)
.as idéias socialistas no Brasil(após 1953)
5.Socialismo Estatal
.origem
.evolução
.crise
6.Alternativas socialistas autogestionarias
.projeto histórico nas lutas operarias
.teoria e pratica da autogestão

Um outro curso sobre "Socialismo e Democracia",realizado no Rj (de 24 a 28 setembro de 1986),promoção conjunta do Cedac,do Cetra e do Capps,traz a seguinte proposta.

24= tema do dia: "conceitos da lógica dialética e o materialismo histórico".
Socialismo utópico,Marx e Engels
25: tema= as correntes do movimento socialista.Blocos:

Anarquismo
Trotsky,Rosa Luxemburgo
Lenine,kautsky,populismo russo
Austro-marxismo
Conselhismo operario

26: tema: as experiências históricas do socialismo:
Comuna de Paris,1871
Revolução Soviética,1917
Hungria/Alemanha 1918-1919
Frente Popular França 1936
Revolução espanhola,1936-1939
Revolução chinesa 1949
Yugoslavia 1950
Cuba 1959
Argélia 1962
Hungria e Polonia 1956
Praga 1968
Revolução cultural chinesa 1966
Solidarnosc 1980-1981

Noite: Nicarágua
27= debate sobre as questões fundamentais do socialismo.Conceitos:
Estado,partido,poder,sindicato,classe,massa,revolução,socialismo,democracia,forç

as armadas,autogestão,internacionalismo,acumulação de
capital,internacionalização capital,aliança operário-camponesa,novos movimentos sociais,transição...
28= o socialismo hoje:
conjuntura
crise do socialismo e avanço do capitalismo
alternativa socialista
socialismo e democracia

Em outro esboço,a parte "perfis revolucionários" trata de:

-Lenine,os conselhos operários e a autogestão
-Rosa Luxemburgo, socialismo e barbárie
-Trotsky x Stalin, revolução permanente e socialismo em um só pais
-Pannekoek,o comunismo dos conselhos operários
-Gramsci,hegemonia ebloco histórico
-Mariátegui,o socialismo na América Latina
-Caio Prado Jr, a revolução brasileira
-"Che" Guevara, socialismo e o 'homem novo'.

Texto para "Autogestion et Socialisme""

No CEDAC publicávamos Cadernos que entre outros objetivos, serviam para o trabalho de formação.Desta forma, na linha sobre o socialismo autogestionario,publicamos:

- "A Questão do Socialismo, da Comuna de Paris à Comuna de Gdansk"
- "Rosa Luxemburgo e Solidarnosc".O movimento pela autogestão na Polônia.
- "As lutas Operarias autônomas e autogestionarias"

Enviamos estas publicações para a Documentação no CICRA-Paris.Em 1986, a revista "Autogestion et Socialisme"criada em 1967,faria,então,seus 20 anos de vida.

Em abril de 1987, chega ao CEDAC uma carta de Jacqueline PLUET ,enviada pelo CICRA-Maison dês Sciences de l'Homme.

"Obrigado por nos enviar para o Fundo de Documentação sobre Autogestão, o livro de Cláudio nascimento,"As lutas operarias autônomas e autogestionarias" J.Pluet.

Em janeiro de 1989,chegava outra carta de J.Pluet:

"Obrigado por nos enviar sua publicação sobre Rosa Luxembourg e de ter dedicado ao Cicra.

O Cicra, infelizmente, não existe mais,e também a Revista Autogestions,mas seu envio do livro testemunha a audiência que tem as idéias e o interesse de muitos paises pela autogestão.

Na França, a borrasca do liberalismo varreu tudo e a experiência da 'esquerda' com o poder jogou no esquecimento isto que não é nem mais um slogan político –mesmo o PC,que adotou a autogestão para concorrer com o OS,não fala mais..."

OS. Desculpe-me de não o ter avisado que recebemos seu texto sobre 'autogestão no Brasil',que nos chegou no 15 de julho 1987.Infelizmente, este numero da Autogestions não será mais publicado e seu texto foi se juntar nos Arquivos a outros textos que recebemos.

Um dia,quem sabe ? Em todo caso, no futuro um estudante encontrará documentos inéditos."

J.Pluet.

Em 2004,quando visitei o sucessor do CICRA, o CRIDA,com Daniel Mothé soube que todos os textos para o numero especial de aniversario da Revista,encontram-se arquivados na documentação do CRIDA.

J.Pluet tinha me pedido este trabalho.Enviou-me uma "Enquête",na qual teria que abordar o ponto numero 3:
"Quelle est actuellment dans votre pays , l'actuallité politique et intellectuelle de l'autogestion ?" Quel peut être son avenir possible, previsible ?".
Na época,o que pude fazer foi escrever sobre o trabalho de formação política que fazíamos em torno da autogestão,falar de conteúdos e metodologia.Todavia, fazia mister falar de algumas experiências tais como: a greve da FIAT-RJ;as experiências comunitárias de produção,que acompanhávamos e a luta pela participação popular na Constituinte.
O ensaio teve por titulo :

"Autogestão e Socialismo no Brasil: hoje e amanhã"

" Aproveitamos a oportunidade que nos foi dada pela Revista "Autogestions" para tratar o terceiro ponto da "Enquête".

Cremos que será a melhor forma,mesmo por questão de espaço, para expressar a questão do socialismo autogestionario no Brasil.Também, vamos prescindir da abordagem histórica,pois,não difere dos demais paises do Continente latino-americano.Nosso principio metodológico será a partir de nossa experiência,enquanto educador e, em nosso domínio de intervenção,ou seja,a educação político-sindical.De inicio,trataremos do contexto em que se coloca esta experiência,pois,ao contrario poderia parecer algo por demais abstrato,sem sintonia com a luta ideológica que travamos hoje na sociedade brasileira.

O terceiro ponto da Enquête, nos põe a seguinte questão:
"quelle est actuellment dans votre pays, l'actuallite politique et intellectuelle de l'autogestion ? Quel peut être son avenir possible, previsible?"

1. Contexto e atores.

   As transformações ocorridas no Brasil com a implantação do Estado Transnacional,sobretudo,após 1964, originaram condições objetivas de vida que exigiram novas formas de luta e de organização,caracterizadas pela independência e pelo sentido de autonomia.Órgãos de base que deram forma às comissões de fabrica, aos conselhos de bairro,as comunidades rurais,etc.

   Com o avanço desse processo,esses órgãos foram atingindo os níveis intermediário e superior de organização.Por exemplo, o novo sindicalismo,organizando-se a partir dos locais de trabalho (comissão de fabrica,seções sindicais),´passando pelas intersindicais em nível municipal e regional e, a nível nacional,com a CUT,sua expressão maior. Estes movimentos sociais configuram uma nova forma de participação popular na sociedade brasileira.Caracterizam-se pela síntese dialética da democracia direta e da indireta,ou seja, o que chamamos de 'democracia participativa'.Seus elementos básicos são: a independencia,a autonomia, a praxis pedagógica,a participação de massa,controle dos dirigentes pela base.materializam-se via greves, mutirões, atos públicos,gestão coletiva da etrra, oficinas autogeridas,centros de cultura alternativa,etc.Tomam forma organizada em Conselhos,Comissões,Comitês.

   A longo prazo,esta pratica autônoma dos movimentos sociais aponta para o projeto da autogestão socialista,tanto em nível da produção quanto em nível do conjunto da vida social.Neste sentido,apontam as lutas e

organizações das comissões de fabrica (na produção industrial),da gestão coletiva da terra)no campo), as comissões e federações de bairro(no consumo dos serviços sociais),os centros culturais e as escolas alternativas (na cultura).
Assim, a questão do socialismo no Brasil,não é mais uma questão puramente acadêmica,como no passado.O crescimento quantitativo tornou-se qualitativo. A nova etapa dos movimentos sociais,sobretudo,do movimento operário,põe como questão urgente,não só a luta ideológica como a pratica política socialista.O segundo Congresso da CUT (agosto 1986) expressou muito bem este avanço: 1.500 delegados,principalmente do campo,debateram durante um dia a questão do socialismo.O 6° Congresso das CEBs realizado em 1986,aprofundou a sua opção pelo socialismo.No interior do PT,floresce um debate vivo sobre o socialismo.assim, a quantidade torna-se qualidade, o 'novo' desperta dentro do 'velho',o conteúdo superando a forma: o debate busca definir que "tipo de socialismo"?.Eis a questão princiapl em nível da luta ideológica.
Durante alguns anos,foram realizados cursos ,seminários, a partir de iniciativas diversas, tendo como eixo a presença de trabalhadores.Hoje, o problema coloca-se também em nível da militância,da práxis,e assume caráter de construção,a largo prazo,de um Bloco Histórico (no sentido Gramsciano),de uma Alternativa Socialista,que deverá assumir um conteúdo socialista autogestionario.
Este debate não é mais monopólio de um grupo político.Também o socialismo perdeu seu aspecto de singularidade,sendo vivido atualmente em sua pluralidade histórica.Se,de um lado,há partidos e grupos com programas socialistas 'acabados',inspirados no modelo 'terceira-internacional' em suas diversas matizes (leninista,estalinista,trotskista,etc) e no modelo 'segundo-internacional', de outro lado, existe um pólo socialista dinâmico, vivo,criativo e plural que debate,busca,experimenta e que é espontâneo,difuso e desarticulado.contudo, tem sua expressão mais rica na práxis renovadora dos movimentos sociais.É o que chamamos de "Socialismo germinal existente".definimos seu conteúdo pelas praticas de caráter autogestionario e, em sua forma,pela diversidade e espontaneismo,ocultando o seu conteúdo,não o explicitando em toda sua plenitude.

2. Cenários e acontecimentos:
Antes de tratarmos dos cursos que formam nossa atividade, abordaremos 3 momentos importantes das lutas sociais no Brasil,como indicadores deste movimento socialista: a greve dos metalúrgicos da FIAT,no Rio de Janeiro; a experiência das oficinas autogeridas e, o processo da luta Constituinte em curso no pais.

a) Greve na FIAT-RJ.

A greve ocorreu em 1980,no RJ.Sua causa principal foram as demissões.De 13.250 trabalhadores, a FIAT conservou menos de 3.000.Em 6 anos, a empresa demitiu mais de 10.000 operarios.Assim, em 24 dezembro de 1980,foram demitidos dezenas de operários representantes da Comissão interna de Empregados.Em resposta,1.100 operarios decidiram pela greve,reivindicando um ano de garantia no emprego e o retorno dos 250 demitidos.Criam um 'comite de luta independente',baseado nos seguintes princípios:

- democracia operaria: submissão da minoria à maioria,inclusive da ' vanguarda'.A minoria tem o direito de se manifestar;

- autonomia e independencia: os 'comites de luta' atuam no sindicato dirigido por pelegos (agentes patronais ligados ao Estado),mas em hipótese alguma devem permitir ser atrelados à estrutura do sindicato oficial.No 'comite' se manifesta a total autoridade do operário (peão): " Quem manda é o peão".portanto, o Comite de Luta é apartidario,sem obedecer a qualquer organismo superior ou a qualquer partido;
- direção coletiva e combate à hierarquia: os comitês de luta não se subordinam a instancias superiore.lutam permanentemente para que haja o Maximo de divisão de tarefas,de informações para todos.assim, se criam condições para o exercício da direção coletiva;
- organismo de massa: a articulação e organização do comitê é flexível,sems ectarismos,dogmatismos.É uma organização do operário-peão e funciona de acordo com o nível,compreensão e capacidade do peão se organizar dentro da empresa.Enquanto organismo de massa,o comitê divide todas as responsabilidades com os trabalhadores,desde a elaboração e impressão de panfletos,o recolhimento de dinheiro,até as discussões permanentes com os trabalhadores sobre os problemas da fabrica;
- função básica do comitê: o comitê de luta parte do principio de que o aprendizado político e a capacitação dos trabalhadores se dão na própria ação concreta e na democratização das informações e decisões.

Os comitês de luta e a sua ação com os trabalhadores elegem uma organização de base,como a Comissão Interna de Empregados,eleita com 90,8% dos votos.Da mesma forma, são eleitos comandos de greve,quando necessário.A comissão se impõe aos patrões porque é garantida por toda a massa, que a elege e a trona sua porta-voz.isso permitiu que agreve durasse 42 dias.Outro aspecto importante é o fato de que a fabrica,para desmantelar grande parte da atuação do comitê,precisou demitir centenas de operários,e não apenas alguns lideres.
(fonte: obra coletiva,"FIAT-42 dias de greve",rio,1981).

b) As oficinas Autogeridas

Encaramos a experiencia das 'oficinas autogeridas' dentro do que Daniel Mothé chamou de "autogestion gouthe a gouthe".São experiências importantes sobretudo pelo seu papel pedagógico de gestão e de busca de alternativas no campo da organização do trabalho.

O ressurgimento do movimento popular no Brasil, a partir dos meados da década de 70,trouxe no seu seio uma nova modalidade de organização dos trabalhadores,aglutinando-os em unidades de produção geridas por eles mesmos.Atualmente,são inúmeros os grupois de trabalhadores que se dedicam a este tipo de organização,denominados,as vezes,de "Experiências Comunitárias de produção",espalhadas por varias regiões do pais.

Vários encontros locais e mesmo nacionais já foram realizados para discutir este tipo de experiência.podemos dividi-las em 5 grupos:

d. um primeiro grupo,em que as experiências tem como explicação para o seu surgimento,uma relação com o desemprego sindical,fruto das listas negras dos patrões.estas experiências são uma forma de resistência a esta pratica patronal;
e. um segundo grupo, é constituído por experiências cuja origem está nas ações visando combater o "desemprego estrutural",a partir de iniciativas de grupos de desempregados;
f. um terceiro grupo, é formado por experiências baseada na busca de uma formação técnica e política dos trabalhadores;

g. um quarto grupo, surge da motivação de uma proposta autogestionaria,como demonstrativo da capacidade dos trabalhadores gerirem a produção;
h. enfim, um quinto grupo, que surge para ampliar e sustentar o movimento de bairros.

A maior parte das expericncias foram iniciadas antes de 1980;uma parte menor,a partir de 1982-83.

A autogestão é definida pelos membros das experiências como sendo "a apropriação coletiva dos meios de produção, a coletivização do processo de trabalho e, a distribuição igualitária do valor produzido,através da igualdade salarial".
A organização da produção com base na autogestão, é oensada como modelo alternativo de organização social para a transformação do sistema capitalista.Por um lado,porque ela se torna um elemento de conscientização da capacidade dos trabalhadores gerirem a produção de forma autônoma;por outro lado, porque as experiências pioneiras servem de exemplo de relações sociais em que a exploração é eliminada,em favor de relações igualitárias.

A partir desta visão do processo autogestionario, as experiências são pensadas como modelos alternativos, a serem seguidos e incentivados,já que constituem um germe de propagação da socialização pelo conjunto social.

Estas experiências de empresas alternativas ou autogeridas, impulsionou um debate rico sobre a autogestão socialista.Ainda está longe o momento em que poderão se transformar em um vasto movimento social,contudo,desempenham um appel fundamental enquanto elemento dinamizador do debate sobre o socialismo.Há experiências similares em nível rural e,mesmo experiências de intercambio entre oficinas autogeridas urbanas e experiências de gestão coletiva da terra;trocam-se ferramentas por alimentos,eliminando,assim,a relação comercial-monetaria.

c) Participação popular na Constituinte:

Neste ponto,vale uma observação:
Não encontrei a parte do ensaio relativa a Luta pela participação popular na Constituinte.Mas,sem duvidas,trata-se da iniciativa de formação de 'comites populares' para o debate e a organização do processo constituinte,desde o nível municipal ao nacional.
Esta experiência ocorreu em diversos municípios: Guarulhos,Vila velha,São João do Meriti,Lages,etc. Foi um ensaio de 'democracia participativa'.Nesta experiência,coordenávamos um 'pool' de 9 instituições que faziam o trabalho de formação,articulado com o "Comite pro-participação popular na Constituinte",que representava em nível nacional diversos "comitês Municipais" criados pelo pais afora.
Em anexo,incluímos texto que escrevi para a revista do CEDI sobre a Constituinte.

No campo de uma política pedagógica , encontra-se uma proposta política de alternativa de sociedade. Assim ,para nós trata-se da busca de um retorno dinâmico e inovador dos clássicos e, do complexo painel de todos que contribuíram,no arco de um século,ao enriquecimento da teoria marxista e do patrimônio de idéias do movimento operário.
Busca-se,instrumentos para avançar e fundar novas experiências e hipóteses políticas,tendo como eixo a práxis atual do movimento

social.reclamamos a tríade "MARX- ROSA – LENIN",acrescida de MARIATEGUI e de "Che" GUEVARA da parte do nosso continente latino-americano e, GRAMSCI enquanto refundador da Filosofia da Práxis,contra todo o dogmatismo estalinista ainda vigente.
Em relação a LENIN,retomamos o autor das "Teses de Abril" de 1917, o "libertario radical" em contraposição ao Lênin de "O Que fazer?".
A exigência de renovar o marxismo,sem fazer tabula rasa da tradição socialista,está associada a valorização do grande patrimônio do movimento operário internacional,enquanto historia e teoria.

Tomando a questão do socialismo no cenário brasileiro como uma frente de luta político-ideologica,buscamos fundar um movimento de idéias, que possa avançar a consciência socialista no sentido autogestionario.Nossa atividade tem com publico fundamental,trabalhadores urbanos e rurais,moradores de bairros e favelas,agentes de pastoral (Pastoral Operaria e CEBs).Uma dezena de cursos e seminarios por ano em varias regiões do pais,seguidos de um Seminário nacional.
Neste ano de 1987,estamos realizando um total de 20 cursos e seminários com duração de 3 a 5 dias,buscando uma metodologia participativa e autogestionaria,em torno de exposições,trabalho de comissões, plenárias e debates.
Estes cursos têm a seguinte temática:

De inicio, estudo sobre a COMUNA de PARIS, enquanto primeira experiência autogestionaria dos trabalhadores;o trabalho em comissões gira em torno dos 13 Pontos da " Proclamação ao povo trabalhador de Paris".este trabalho conduz à uma Plenária muito rica,em que os 13 pontos conduzem para um programa alternativo socialista para o Brasil atual: desde a questão dos transportes, da educação,do urbanismo,da produção e consumo,da família e da sexualidade,das forças armadas,etc.o ponto sobre família, sexualidade,desperta um debate novo,sobretudo entre os jovens trabalhadores, quebrando o dogmatismo reinante na esquerda,para a qual estes temas são dissolvidos dentro do conceito de luta de classes,deixando de lado o 'homem concreto',seus desejos,emoções e sentimentos.

Em seguida, o estudo sobre a REVOLUÇÃO SOVIETICA de 1917,tem como objetivo apresentar a riqueza de forças revolucionarias,seu conteúdo revolucionário ,quebrar a visão dominante da hegemonia exclusiva do "partido revolucionário" e expressar o teatro múltiplo de forças,tais como Soviets de comissões de fabrica,de baiiro, milícia operaria,etc.Na verdade,uma reinterpretação dentro de uma nova perspectiva: a existência de um socialismo autogestionario,de 1917 a 1921 (Rebelião de Kronstadt),em contraposição ao socialismo estatal,então em ascensão. Usamos textos de Marc ferro, Maurice brinton,Kollantai,Pankratova,Anweiler,Paul Avrich;todos do caldo cultural da Revista "Autogestions",em suas varias etapas.

Um modulo intitulado "Perfis revolucionários" busca resgatar a práxis revolucionaria de Rosa Luxemburgo,Lênin,Mariategui,Gramsci,Guevara,Pannekoek,etc,enquanto expressões máximas do socialismo autogestionario.

De ROSA,salientamos a auto-atividade das massas na construção do socialismo; o conteúdo autogestionario do "Programa da Liga Spartacus"; a visão de uma estratégia revolucionaria dialetizando a luta cotidiana, as reformas sociais com o objetivo final,a

revolução;a concepção da revolução enquanto processo longo,tenaz,com avanços e recuos,apontando na construção da "hegemonia do proletariado".

De LENIN, buscamos explicitar toda a complexidade e ambiguidade de sua figura impar e de sua contribuição.A critica ao lênin de "O Que Fazer?" e do "Capitalismo de Estado" e, a riqueza do Lênin "radical libertário" de "O Estado e a Revolução" e,sobretudo,das famosas "Tese de Abril"; o Leni 'agonico",a beira da morte e o papel do seu "Testamento" político.Contrapomos esta visão complexa e com muitas faces, a visão dominante que torna absoluto o Lênin de "O Que Fazer?".

De MARIATEGUI,a nova visão da revolução na América Latina,determinando uma ruptura teórica fundamental no marxismo latino-americano,com relação a COMINTERN.Se Mariategui não teve condições para uma ruptura pratica,suas idéias irão influenciar "Che" Guevara na ruptura pratica da revolução cubana.

Do "CHE", buscamos a visão do 'hombre nuevo",elemento fundamental na ética socialista.

Por fim, estudamos a experiência de SOLIDARNOSC e do movimento autogestionario polonês.Neste modulo,temos por objetivo uma estratégia revolucionaria atual.Os trabalhadores poloneses através de Solidarnosc e dos grupos autogestionarios,como a "Rede da Autogestão",os grupos de Lodz e Lublin,esboçaram na práxis uma estratégia socialista autogestionaria,explicitada no "Programa da REPUBLICA AUTOGERIDA" e na tática da "Greve Ativa".

Atualizaram ,portanto,a visão de Rosa Luxemburgo da revolução enquanto processo,apontando a hegemonia proletária, a partir da grevbe política de massa e da dualidade de poder, baseada na existência de um pólo revolucionário constituído pelos conselhos operariops.São os tranbalhadores poloneses fazendo jus a revolucionaria polonesa,internacionalista,Rosa Luxemburgo.Rosa pensou a revolução a partir da fusão de sua práxis na Polônia "oriental",atrasada,de sua época e,da Alemanha "ocidental",avançada.Hoje, é uma Polônia 'ocidental'(Gramsci) que traz à luz da vida concreta a teoria de Rosa,sua estratégia da revolução.

Encerramos o curso com um modulo chamado 'teoria e pratica da autogestão socialista".Trata-se de uma síntese qualitativa a partir dos trabalhos de grupos.

São vários os objetivos que traçamos com esta experiência político-pedagogica: primeiro,criar condições para existência de um movimento autogestionario, alongo prazo; facilitar a articulação de experiências com caráter autogestionario dispersas pelo pais; consolidar elementos de uma cultura e de uma ética socialistas.

A partir de uma analise da formação social brasileira, determinando o socialismo como uma questão na ordem-do-dia,enquanto luta de idéias,ideológica,e conão como palavra de ordem para sua efetivação imediata; esta é nossa tradução neste contexto em nível de uma pratica político-educativa,em busca de uma hegemonia de caráter socialista.

É o que fazemos hoje, o amanhã pertence ao próprio movimento operário que, pelo presente,aponta para o projeto socialista autogestionario".

Julho 1987

- O PT ‘socialista e autogestionario”.

Esse trabalho de formação,através de cursos,seminários,encontros etc, levou um conjunto de militantes do Rio de janeiro à constituição de uma ‘corrente’ petista com base na autogestão. Na verdade,as atividades realizadas sempre contavam com a presença de militantes de varias correntes tanto do PT quanto da CUT.Chamávamos de um tipo de ‘movimento cultural’ que abarcasse diversas correntes tendo como ponto comum o debate sobre o socialismo e a autogestão.
Iniciativas como essa de militantes do RJ, também ocorreu em SC,com a formação da ‘corrente’ “Alternativa Socialista”.
A corrente do RJ elaborou aluns documentos:
-O PT e a questão do Socialismo
-O PT e a politica de alianças
-Da construção partidária
-Por um Partido socialista de massas
-A construção do Partido dos Trabalhadores

Vejamos o primeiro documento, “O PT e a questão do socialismo”,datado de setembro 1987.

“ Nas atuais condições de avanço da luta dos trabalhadores no mundo,devemos considerar que as tarefas de construção do socialismo não são monopólio de um partido ou dos partidos políticos.
Na medida em que os trabalhadores se constituem politicamente como classe,vão criando instituições diversas, no âmbito da cultura,da economia, da gestão social,ao mesmo tempo que a questão do poder se coloca hoje para classe trabalhadora em três dimensões diferentes,mas interligadas: cultural,econômica e política.
Embora a ação partidária vise preferencialmente as estruturas jurídico-politicas eidologicas da organização social, não podemos considerar unicamente a luta pelo poder e o socialismo em seus aspectos políticos,ou como tarefa exclusiva do partido.
Tradicionalmente os partidos do socialismo têm considerado e tratado as demais organizações do movimento social como organizações de massa,entidades secundarias,simples correia de transmissão da vanguarda política,o partido.Em geral, os partdios de esquerda seguem uma pratica superada,tratando as organizações populares como caixas de ressonância de suas propostas políticas,com muita pouca disposição para entender a natureza dos movimentos populares e respeitar sua autonomia política.Em lugar da convivência democrática entre partido e organizações dp movimento social,tem havido tentativas permanentes de coopatação,sem muita sensibilidade das lideranças partidárias para a construção de um projeto de sociedade articulado em torno do pluralismo e da convergência de posições diferentes.As intolerâncias que marcam as relações entre partidos de esquerda,ou entre facções no interior de um mesmo partido,são transportadas artificialmente para o movimento social,tratado como aparelho partidário,onde necessariamente se suprime toda divergência eo livre debate político.
Também os sindicatos acabam sendo cenário onde diferentes partidos de esquerda tentam impor sua própria hegemonia,

desvirtuando a natureza de sua ação.isto tem bloqueado o avanço da luta sindical que continua organizada exclusivamente em torno das reivindicações salariais,com organizações tuteladas pelo Estado, incapazes de construir uma organização ou implantar-se no interior das empresas.

Da mesma maneira, as relações dos partidos de esquerda com a sociedade civil continuam marcadas pela subestimação da democracia e das liberdades civis,consideradas apenas como instrumento de agitação política.Tais praticas empobrecem o próprio debate no interior dos partidos,cujos militantes ao absolutizar o papel político da organização partidária não conseguem mais perceber que a sociedade é quem cria alternativas,preparando a ruptuta com o sistema dedominação e definindo as formas de cosntituição do poder dos trabalhadores.

A expressão democratuca no interior da sociedade capitalista é percebida como puro instrumento de propaganda,para consumo externo.

A fase atual de desenvolvimento do capitalismo se caracteriza por uma expansão continua do setor terciário da economia, com diminuição persistente da classe operaria e crescimento dos demais trabalhadores.Ao mesmo tempo, nos paises periféricos como o Brasil a proletarização está alcançando até as camadas mais altas dos técnicos e antigos profissionais liberais,permitindo que as idéias socialistas tenham livre curso em grupos sociais que já se caracterizam pela defesa do capitalismo.

Além destes grupos de trabalhadores outras camadas intermediarias como a pequena burguesia interna e rural e os funcionários têm contradições profundas com a burguesia,pois seus problemas não podem ser resolvidos no marco da atual sociedade.

É evidente que a questão do socialismo,na medida em que novas camadas e grupos sociais podem ser mobilizados para a luta política,se torna muito mais complexa e difícil,sendo necessário por isso,desfazer-se dos velhos mitos e repensar inteiramente a ação política,tanto a nível tático,como a nível estratégico.

No interior do PT estas velhas praticas,fruto de uma visão elitista esuperada do socialismo ainda são correntes,apesar da origem da maioria de seus militantes de base,formados nas organizações dos movimentos sociais.Atravessado por esta contradição,o partido tem hoje pela frente duas linhas prioncipais; uma, que considera apenas os aspectos políticos da pratica social,colocando a questão do socialismo como resultado da tomada do poder político,da conquista do aparelho de Estado,de seu uso como aparelho repressivo para esmagar possível resistência da atual classe dominante,enfim da instauração da ditadura do proletariado e constituição de um Estado "socialista".Enquanto isso,a pratica da maioria dos militantes nos conduz no rumo da autogestão.

O capitalismo periférico gerado no Brasil é uma formação social complexa que produziu extensas camadas urbanas,menores abandonados,empregadas domesticas que ainda não conquistaram seus direitos trabalhista elementares,desempregados que provavelmente jamais terão oportunidade de trabalho remunerado,os migrantes rurais que se amontoam nas periferias das cidades,os sem-terra a pedir,em vão,a reforma agrária.Para esses milhões de seres super-explorados e marginalizados, o socialismo é, de fato, a única esperança.Ao lado deste subproletariado miserável há também milhões de trabalhadores dos serviços,de funcionários

governamentais,de operários da industria,em cuja defesa podem falar comissões de fabrica,sindicatos,partidos.

Para eles a participaçãp democrática ainda é uma realidade,embora ela se reduza cada vez mais a votar cada três anos em eleições sindicais e a cada quatro anos a eleger alguém para o sistema representativo em vigor.

Apesar de considerarmos que a burocracia ainda pode legitimar-se durante muito tempo, que ela construiu e opera instituições modernas e eficientes,consideramos também que a contradição principal da sociedade brasileira,entre o capital e o trabalho já exige que se elabore uma estratégia clara e precisa de luta pelo socialismo,adaptada às condições reais da sociedade civil que responda à pratica desses milhões de brasileiros que hoje apenas buscam uma saída para seus problemas individuais ou sociais,mas que estão sem o saber,construindo uma nova hegemonia na sociedade brasileira.

Na elaboração de uma linha SOCIALISTA AUTOGESTIONARIA (grifo nosso) as questões como associação,democracia,auto-governo,o poder popular e pluralismo são intrinsicas e estratégicas e não meramente táticas e instrumentais.Uma política socialista,nas condições concretas da sociedade brasileira presupõe a constituição de um bloco histórico, um arco amplo de alianças formado por todos os setores explorados,oprimidos e marginalizados.O que presupõe alianças políticas não só a nível de partidos de esquerda,mas envolvendo todas as organizações do movimento popular,pois se trata de conquistar preliminarmente direitos democráticos elementares,negados ou inexistentes nas atuais condições.O problema do socialismo no Brasil está profundamente vinculado à conquista da democracia porque o bloco no poder,formado pela aliança das oligarquias rurais com a burguesia sempre foi profundamente autoritário e só admite o exercício da democracia nos limites estreitos de seu projeto elitista.

Hoje,no Brasil a questão do socialismo envolve em primeiro lugar a constituição política da classe trabalhadora e a construção de uma sociedade democrática em cima da herança autoritária construída pelo capitalismo.Este é um longo processo que, no plano da economia leva à instauração da propriedade social dos meios de produção e distribuição;no plano político à instauração do poder dos trabalhadores como instrumento da transformação da sociedade de classes e na sociedade igualitária;no plano cultural à substituição da cultura burguesa pela cultura socialista,na qual todos eleboram e vivem a educação, a informação,a técnica,a ciência,a arte.

Embora os militantes do PT yenham uma pratica autogestionaria rica e diversificada, o nível das discussões entre os quadros políticos do PT ainda é muito pobre e atrasado.Oficialmente, o PT é um partido muito tradicional que ainda não superou o estagio do Estado socialista,ditadura do proletariado,propriedade estatal,estatização dos meios de produção,fazendas estatais,articulação da pequena produção mercantilcom a produção estatal de produtos de base e bens intermediários,regulação da produção à base de medidas administrativas.

Embora no nosso partido isto ainda tenha que ser demonstrado, é evidente,desde Maquivql, que o Estado é a forma de constituição política da burguesia como classe dominante.O poder estatal

centralizado,com sua burocracia,policia,forças armadas,magistratura é a forma que a burguesia deu ao seu poder de classe.

Na atualidade,com o desenvolvimento industrial,a urbanização e o aprofundamento entre o capital e o Estado aparece como uma maquina de contenção dos trabalhadores ,embora o Estado queira parecer neutro, em geral é apenas um instrumento de dominação de classe e nos paises do socialismo de Estado,ele eterniza a transição.

Desde a Comuna de Paris, ficou demonstrado também que a forma de constituição política da classe trabalhadora era a antítese do Estado,a Comuna,capaz de quebrar e anular todos os instrumentos de dominação e exploração da burguesia sobre os trabalhadores,instituindo em seu lugar a autogestão dos produtores.A constituição política dos trabalhadores como classe n/ao só suprime essa "excrecencia parasitaria" que é o Estado,mas devolve à sociedade toda sua liberdade,pois uma vez que os trabalhadores estejam politicamente emancipados,todos serão trabalhadores e a atividade produtiva deixa de ser sinônimo de miséria e exploração.

Os trabalhadores brasileiros não podem viver de utopias,nem esperar que uma vanguarda esclarecida se constitua para sua salvação,tome o poder das mãos da burguesia e constitua uma nova elite dominante de funcionários do partido e do Estado que reina e governa em nome da classe operaria,justificando-se na afirmação de que: o Estado socialista existe para servir à sociedade e os funcionários são servidores do povo,devendo estar submetido aos deveres constitucionais como qualquer membro da sociedade.A classe dominante brasileira diz a mesma coisa de seus funcionários.Na verdade,a luta pelo socialismo é umlongo processo no qual os trabalhadores aprendem,na pratica e na teoria a libertar os elementos da nova sociedade que eles mesmos estão construindo e já se desenvolvem dentro da sociedade capitalista,mesmo que eles estejam sendo constantemente reprimidos,cooptados e desviados do objetivo final.

Quando os intelectuais preparam seu caminho para o poder,por se pretenderem portadores da consciência socialista,os trabalhadores estão construindo na luta diária,com imensos sacrifícios e provações,as estruturas da nova sociedade.Dessas experiências,no interior das empresas,nas associações de periferias,nas cooperativas de trabalho,é que nascerá o poder político dos trabalhadores.O PT precisa,por isso,desfazer-se de velhos clichês,lutar contra as formulas estereotipadas de grupos políticos elitistas e superados,incorporar todas as lutas e experiências dos trabalhadores ao seu patrimônio político.

Na ação política revolucionaria, o PT ainda está aprendendo a combinar a luta pela existência e consolidação da democracia com a propaganda socialista,o que levará a colocar a questão do poder em todas as suas dimensões.Não desejamos,por outro lado,que se desenvolva entre nós a ideologia do partido único,exclusivista e vanguardista que prepara a ascensão e a ditadura de uma minoria de iluminados.Por isso,temos de vincular,desde já, a realização de nossos objetivos à ação política de massas,à pratica concreta de milhões de pessoas que no campo,nas periferias das cidades,nos bairros populares estão lutando pela reforma agrária e a reforma urbana,dos milhões de trabalhadores que tentam sobreviver à política econômica do governo.Desde já, o partido tem que romper

com a pratica elitista, o voluntarismo que consiste em querer impor aos trabalhadores,contra sua própria vontade idéias que estão claras apenas na cabeça de meia dúzia de iluminados e que etrminam em fracassos.Como ocorreu na própria greve geral,em que estivemos a reboque de uma tendência infantil dentro da CUT,com evidente desgaste para o Partido dos Trabalhadores.

Já que não desejamos ser o futuro partido único,temos de aprender a desejar e construir alianças com outras forças políticas também para a realização do objetivo principal dos trabalhadores, o socialismo.Mas temos acima de tudo de aprender com os próprios trabalhadores a combinar as formas de luta eminentemente políticas que são próprias do partido,com a construção de alternativas econômicas,culturais e sociais que os trabalhadores já estão realizando e dirigindo como as compras comunitárias,as cooperativas de trabalho,os mutirões,as associações de moradores e inúmeras outras que os "verdadeiros revolucionários" consideram ridículas e reformistas.

Essas experiências e muitas outras mais, combinadas ou não com ação partidária aprofundam as contradições da sociedade capitalista, "mesmo porque quanto mais amplas elas se tornam, maior é a resistência da burguesia dominante à sua existência" como reconhecem alguns dentro do partido.

Quem ainda acredita que ditadura do Estado,partido único e burocracia privilegiada e permanente é sinônimo de socialismo ainda não abriu os olhos para a realidade.Além do mais isto não tem nada a ver com a adoção de táticas insurrecionais ou elitorais de luta do controle do aparelho de Estado,ou seja "tomada de poder".Tanto naqueles paises em que que se privilegiaram as táticas eleitorais,como naqueles onde predominou a inssurreição existem hoje imensas burocracias estatais e partidarias e a classe operaria continua sonhando com o poder político,verdadeira miragem da literatura política.

Tanto administradores "socialistas" do capital monopolista,como gestionarios "comunistas" do socialismo de Estado têm hoje comportamentos políticos e interesses muito distantes dos problemas atuais dos trabalhadores brasileiros e apesar de toda a simpatia que o Partido dos Trabalhadores possa manifestar a suas organizações,não podem servir de modelo para nossa pratica revolucionaria em busca do socialismo.

Como militantes estamos obrigados a ser menos dogmáticos e maniqueístas e não opor as praticas "reformistas" dos trabalhadores sem eus sindicatos,associações de moradores,mutirões,cooperativas de trabalho,à idéias "revolucionarias" do partido. Reforma e revolução fazem parte de um processo ininterrupto de mudanças quantitativas e qualitativas que conduzem a humanidade a formas sempre mais avançadas de organização social.Decidir sobre os momentos adequados de combinar diferentes formas de luta é um método e uma ciência que o partido precisa aprender a dominar,pois não dependem de palpites ou de discursos radicais.

A luta pelo socialismo exige além de clareza de objetivos ,o conhecimento do inimigo,das contradições que o opõe aos trabalhadores e,acima de tudo,um profundo conhecimento de nossas próprias potencialidades ,fraquezas e limitações.A avaliação correta de todas as condições em que se traz a luta e de nossa própria situação nesse contexto é o mínimo que podemos exigir de nós mesmos,se pretendemos lutar pelo socialismo.E podemos afirmar

com absoluta tranqüilidade que o nosso partido ainda está longe dessas condições.Somos uma organização que ainda vive e trabalha em escala amadorista artesanal,quando a situação exige competência e trabalho massivo.E,ao invés de buscar a superação de nossas próprias limitações nos refugiamos no basismo e no falso moralismo dos que recusam qualquer aliança com medo do contagio ideológico.

Para terminar é preciso esclarecer que há diferenças qualitativas entre as organizações políticas do Estado e as organizações da sociedade civil.

Embora o Estado dependa dos funcionários para o exercício de suas funções, é uma organização da burguesia, destinada a impor sua própria dominação de classe e temos de saber distinguir nossas relações com o aparelho de Estado da nossa ação e organização política a nível dos funcionários,da mesma maneira que sabemos disitnguir as nossas relações com a Empresa, da nossa ação e organização política anivel dos trabalhadores.

Nossa ação política pode aprofundar contradições no interior dessas instituições,mas não devemos,nem por isso,cair na ingenuidade de que a presença de trabalhadores socialistas ou revolucionários promova a democratização dessas estruturas burguesas essencialmente autoritárias.outros trabalhadores,em outros paises e situações também caíram nessas ilusões e pagaram caro por isso.

Na sociedade civil as situações são muito diferentes e ai além das organizações destinadas a servir os interesses de classe da burguesia existem inúmeras organizações democráticas que reforçam as lutas dos trabalhadores e puderam demonstra-lo ao longo dos 21 anos de ditadura militar que nosso pais atravessou de 1964 a 1984.Essas organizações continuam sendo um fator de progresso e os trabalhadores continuam apoiando-se nelas para avançar suas propostas socialistas ou democráticas.Mas,ao mesmo tempo,os trabalhadores estão criando suas próprias organizações,como instrumentos da participação popular na organização das alternativas de sociedade no campo,nos bairros,na cultura,na economia,na organização e gestão de serviços públicos que o Estado já não tem mais condições de garantir.Essas estruturas jogam um papel fundamental no processo de desagregação das estruturas capitalistas de coerção ou de cooptação,sendo ao mesmo tempo forma e canais para a luta de classes,para a pratica da democracia participativa e para a ruptura de sociedade que estamos buscando".

Rio de janeiro, setembro/ 87

- As Experiências Comunitárias de Produção

Na década de 80 diversas experiências situadas no campo da autogestão foram se desenvolvendo no pais.Em certo momento, surgiu a necessidade de articulação destas experiências.O Documento que ora apresentamos é o relatório de um Encontro Nacional,ocorrido em 1984 em Nova Iguaçu-RJ,como parte de um Projeto de Pesquisa da FASE, reunindo diversas experiências oriundas de vários campos,tomando o nome de "Experiências Comunitárias de Produção".

Infelizmente, não temos a última página deste relarotio ,que trazia as notas de esclarecimentos.

" O ressurgimento do movimento popular no Brasil a partir dos meados da década de setenta, trouxe no seu bojo uma nova modalidade de organização (1) dos trabalhadores, congregando-se em atividades produtivas,em unidades de produção geridas pelos mesmos.

Na atualidade são inúmeros os grupos de trabalhadores que se dedicam a este tipo de organização, aqui denominadas de Experiências Comunitárias de produção(2).

Sistematizar o conjunto de informações obtidas através de pesquisa junto a algumas Experiências é o objetivo deste relatório, visando contribuir para a formação da memória sobre tipo pratica popular, bem como fornecer subsídios para uma avaliação da ação destas Experiências.

Este relatório foi dividido em cinco partes.Na primeira, é feita uma descrição suscinta da metodologia empregada.Na segunda,apresenta-se uma caracterização das Experiências.Na terceira,analisa-se a PROPOSTA AUTO-GESTINONARIA(grifo nosso).na quarta, trata-se do papel cumprido pelas Experiências do movimento popular. E ,por último, na quinta-parte,apresenta-se algumas questões relativas ao desempenho econômico nas Experiências.

1ª Parte - Metodologia do Estudo

A metodologia empregada no estudo das experiências obedece a quatro etapas,descritas suscintamente a seguir:

Na primeira etapa, a partir das equipes locais da FASE e de contatos com algumas instituições financiadoras,procedeu-se um levantamento dos tipos de Experiências existentes na área de atuação do regional SUDESTE/SUL da FASE.

A identificação inicial das Experiências levou à constatação de uma grande variação nos objetivos,trajetórias e tipos de atividades desenvolvidas pelas mesmas.Formou-se então um projeto de pesquisa limitando o universo das Experiências a serem estdadas, e definiu-se um roteiro de pontos a serem observados nas mesmas (vide projeto).

Nesta etapa,fez-se concomitantemente um levantamento bibliográfico,evidenciando-se uma quase completa ausência de estudo sobre o tema(3).

Na senda etapa, iniciou-se as visitas às Experiências para executar as entrevistas com seus componentes e observar suas instalações.As entrevistas foram livres,procurando-se abordar todas as questões de um roteiro,elaborado no projeto de pesquisa.

Estas visitas resultaram em informações de cinco experiencicias no Estado do Rio de Janeiro, cinco de São Paulo, uma de Curitiba, uma de Porto Alegre, e duas de belo Horizonte (4).

Na terceira etapa, após a coleta de informações,iniciou-se a preparação de um encontro das Experiências.para o qual formulou-se um texto de apoio,com base nas informações coletadas (vide texto).

Este encontro foi realizado nos dias 7-8 de Dezembro,no município de Nova Iguaçu.dele participaram representantes de quatro experiências do Rio, três de São Paulo, duas de belo Horizonte e uma de Curitiba.

O encontro foi programado em três partes:

1ª Parte: o funcionamento das oficinas;

2ª Parte: A Auto-gestão e Desemprego

3ª Parte: Avaliação das Experiências

O debate de cada parte foi feito sob forma de discussão em grupo em plenária.

Por ultimo, na quarta etapa,com base nas informações colhidas procedeu-se a elaboração deste relatório.

2ª Parte - Caraterização das Experiências

O objetivo desta parte é descrever o conjunto das Experiências a partir de algumas características,tais como a motivação para o surgimento, o tipo de atividade desenvolvida e o tempo de existência das Experiências.

Origem das Experiências

As Experiências estudadas podem sersubdivididas em cinco grupos,com base no tipo de motivação encontrado na origem das mesmas.

Um primeiro grupo,inclui cinco Experiências,cuja explicação principal para o seu surgimento liga-se ao "desemprego sindical",fruto das "listas negras" dos patrões,resultando na demissão de militantes após alguma movimentação sindical.Estas experiências são vistas como uma forma de "resistência" a esta pratica patronal.

O segundo grupo, é constituído por três Experiências cuja origem explica-se por ações visando combater o "desemprego estrutural", a partir da iniciativa de grupos de desempregados,em dois casos sob a mediação da Igreja católica.

O terceiro grupo é formado por quatro Experiências, o qual tem como explicação para o seu surgimento a ampliação e sustentação do movimento de bairros.

O quarto e o quinto grupo, é formado por uma Experiência cada.A formação técnica e político sindical de trabalhadores é o que explica a origem de um,enquanto o outro tem como motivação para o seu surgimento o desafio de uma proposta auto-gestionaria como demonstrativo da caapcidade dos trabalhadores gerirem a produção.

A classificação de uma Experiência em um grupo refere-se ao significado mais evidente nos discursos de seus componentes.Com ela não se nega que em uma Experiência classificada em um grupo,não possa haver preocupações que identificam outra.Alguns exemplos são ilustrativos desta colocação: a proposta auto-gestionaria está presente em quase todas; a articulação do movimento sindical com o de bairro é preocupação comum a algumas Experiências.Não obstante, nos discursos que referem-se a origem das Experiências são mais enfáticas as motivações apresentadas na classificação.

As motivações apresentadas na classificação deixam para trás a visão corrente de que as Experiências ligam-se fundamentalmente à questão do desemprego sindical.

As Atividades das Experiências

As atividades desenvolvidas pelas Experiências são relativamente diversificadas, cocentrando-se sobretudo no ramo da metalurgia.Quatro experiências têm como atividade principal a

serralheria.Duas trabalham na reparação de aletro-domésticos,principalmente,os de refrigeração.três operam no torneamento e frezamento de peças e ferramentas.Duas são oficinas de corte e costura.Além de uma marcenaria,uma gráfica e uma oficina de lanternagem de automóveis.

O trabalho nas Experiências é executado principalmente sob a forma de "prestação de serviços", tanto no atendimento a particulares como a firmas.
Em algumas, há fabricação de produtos a serem vendidos em feiras, bem como sob a forma de encomendas.

No conjunto das experiências,uma das oficinas tem como atividade principal um curso profissionalizante para adolescentes e operários,combinando-a com a prestação a firmas,servindo esta de suporte a parte pratica do curso e para a sustentação financeira de parte de sua atividade.Em outra, a parte da produção encontra-se desativada, funcionando o curso profissionalizante para operários no período noturno.

Duas experiências mencionadas fazem parte de uma organização popular que atua no movimento de bairos, que além das Experiências tem as atividades de duas creches, uma escola, um armazém comunitário e atividades culturais (grupos de teatro/cirso/musica).

O trabalho nas Experiências tende a se concentrar nas atividades descritas.Não obstante, em duas experiências teve-se informações de que outros tipos de serviço podem ser prestados (p.e.: cosntrução civil) como forma de superar a escassez de trabalho na atividade considerada principal.

Tempo de existência das experiências

Apenas duas experiências visitadas tem seu funcionamento anterior a 1980.As demais foram criadas principalmente a partir de 1982/1983.Uma havia sido desativada em julho, após um ano e meio de funcionamento. Uma outra apresentava crise entre os trabalhadores, que dividiram-se para formar uma nova.
B Portanto, o que caracteriza as experiências quanto ao tempo de existência é o caráter recente do funcionamento das mesmnas,ligadas à crise dod esemprego no pais, e a conjuntura política,marcada por um lado pela repressão ao movimento sindical,e por outro,pela ampliação do movimento de bairro.

3ª Parte- Experiências Comunitárias: uma proposta de Auto-Gestão.

Nesta parte,analiza-se a auto-gestão como proposta que fundamenta a organização do Conjunto das experiências (5).A analise será feita em topicos procurando-se relacionar o funcionamento das Experiências com o principio auto-gestionario.

-A Auto-Gestão

A auto-gestão é definida pelos membros das experiências como sendo a apropriação coletiva dos meios de produção,a coletivização do processo de trabalho e da administração,e a distribuição igualitária do valor produzido,através da igualdade salarial entre os trabalhadores das Experiências.

A organização da produção com base no principio auto-gestionario é pensada como modelo alternativo de organização social para a transformação do

cpaitalismo. Por um lado, porque ela torna-se um elemento de conscientização da caapcidade dos trabalhadores gerirem a produção autonomamente. E por outro lado, porque as experiências pioneiras servem de exemplo de relações sociais em que a exploração é eliminada, em favor de relações igualitárias presentes no interior delas.

A partide dessa visão do processo auto-gestionario,as experiências são pensadas como modelo alternativo,a serem seguidos e incentivados já que constituem um germe de propagação da socialização pelo conjunto da sociedade,seja por seu papel conscientizador,seja pelo desmembramento de uma experiência em outra, e assim sucessivamente (6).

A idealização do modelo auto-gestionario confrontado com o funcionamento das Experiências inserido numa situação de mercado capitalista, tem suscitado alguns paradoxos que levam à relativização desta visão,conforme se verá na continuidade desse relatório.

Apropriação Coletiva dos meios de produção.

A visão recorrente sobre a apropriação coeltiva dos meios de produção é a de que as experiências não pertencem a nenhum trabalhador ou grupos de trabalhadores em particular,e sim aos trabalhadores.Para entender essa definição da apropriação coletiva dos meios de produção,deve-se ter em conta que,pelo menos idealmente,é objetivo que haja uma rotatividade entre os trabalhadores que compõem as Experiências.Assim,sempre haverá um grupo que se apropria dos meios de produção,mas que poderá ser substituído por outro, e dessa forma nenhum trabalhador ou grupo de trabalhadores em particular se transformará em "dono" da experiência.

A apropriação coletiva dos meios de produção,tal como definida nas Experiências,tem como objetivo se opor à propriedade privada capitalista.Não obstante, as Experiências devem se enquadrar na legislação vigente que requer a identificação da propriedade,sendo estas registradas em nome de alguma pessoa ou de Instituição.Neste sentido,pode-se identificar quatro tipos de Experiências:

a) Firma registrada em nome de alguma pessoa,dirigida pelos trabalhadores.
b) Firma registrada em nome de alguma pessoa,dirigida pelos trabalhadores e uma diretoria.
c) Experiências ligadas à instituições sendo dirigidas pelos trabalhadores e pela direção da Instituição
d) Experiências em fase inciial de organização que são associações informais dos trabalhadores.

Nos casos em que a experiência é registrada em nome de alguma pessoa, é comum haver uma proteção legal contra qualquer eventualidade que concorra para o requerimento de propriedade por parte desta ou de herdeiro desta.

Nos casos em que existem diretorias parecem ser duas as situações.Quando se trata de firma,a diretoria cumpre o papel de órgão consultivo e fiscalizador do regimento do grupo.Quando se trata de Instituições,além dos mencionados,a diretoria assume também papeis executivos com definição de competência (p.e.,tesoureiro).ressalta-se,entretanto, que o controle diário das experiências fica a cargo dos trabalhadores.

A apropriação coletiva tal como definida, esbarra em algumas dificuldades de ser cumprida nas experiências.isso porque,embora idelamente as experiências pertençam aos trabalhadores,existem critérios para a participação,bem como porque mesmo que se constate uma certa rotatividade entre os membros que compõem as experiências,é comum que um núcleo se torne relativamente permanente.Além

disso,em algumas experiências tem havido contratação de mão de obra sob a forma de assalariamento.Dessa forma, a existência de critérios, a tendência à permanência de um grupo,e a contratação de mão de obra confrontam-se com a definição de apropriação coletiva,tal como pensada nas experiências.

-A Coletivização do trabalho e da Administração

A organização do processo de trabalho nas Experiências segue o principio da gestão coletiva,com todos os trabalhadores participando do processo decisório. O objetivo é opor-se a divisão do trabalho capitalista que é parcelar, que além de fragmentar as tarefas segundo as especialidades, ecentua a divisão do trabalho entre administração e produção.

Nas Experiências , a organização da produção tem como objetivo resgatar o conhecimento de todo o processo de trabalho para o seus participantes, bem como eliminar a distinção entre cargos de mando e de execução de tarefas. A possibilidade de concretizar essa proposta de organização do processo de trabalho esbarra em varias dificuldades, sobretudo as ligadas à qualificação profissional,como se verá s seguir.

No primeiro tipo de dificuldade a ser mencionado, diz respeito `a qualificação profissional anterior dos trabalhadores que tende a torna-los especialistas. Emboa a proposta seja a de se opor a essa espeialização, há trabalhadores que resistem a uma nova função devido a importância que o saber profissional assume para o próprio. Também muitas Experiências dependem desse saber profissional anteriormente adquirido para a sua sobrevivência econômica,haja visto que a execução do trabalho deve obedecer a regras que são impostas pelo mercado.Em alguns casos não só há a manutenção do trabalhador em sua especialidade anterior, como esta deve ser aprimorada para se tornar adequada à experiência (p.e.: a preocupação com o acabamento),já que a especialidade anteiro pode ficar anulada pors er apropriada para grandes industrias.Contrariamente, há trabalhadores que chegam nas Experiências sem qualquer qualificação profissional,requerendo iniciar o processo de aprendizagem em alguma especialidade.

Outra dificuldade bastante mencionada relaciona-se à parte administrativa que ‘deixa a desejar’ em quase todas as experiências.Neste caso, é a falta de preparo anterior que dificulta a atuação.Serve de exemplo a questão contábil que as vezes fica a cargo de um componente, quase sempre com insucesso.O calculo do custo da produção e dos serviços é outra dificuldade presente em quase todas,tornando-se uma espécie de incógnita para as Experiências, que por vezes “trabalham de graça” devido ao preço não corresponder ao usto real da produção como decorrência desta dificuldade, obseva-se que algumas Experiências operam sems aber a “margem de lucro”, apurando-se apenas o “quanto sobrou no fim do mês” no momento da partilha salarial.

A questão administrativa relacina-se a outra dificuldade ligada à natureza desta atividade. Neste sentido, enfatiza-se a monotonia burocrática da mesma que faz com que alguns trabalhadores não a aceite como tarefa da qual poderá ser alocado.Desta visão resulta,por vezes,considerar a atividade administrativa como um”não trabalho”.

Ainda outra dificuldade relativa a coletivização do trabalho tem-se a contratação de mão-de-obra por parte de algumas Experiências, sendo estes trabalhadores alocados em atividades especificas do processo de trabalho, sobretudo,quando se tem necessidade de determinados tipos de qaulificação profissional.

A possibilidade de coletivar o processo de trabalho fica dificultada devido a essas questões levantadas, tornando-se uma meta a ser conquistada a longo prazo. Na sua consecução, algumas Experiências organizam-se de modo a promover um rodízio dos trabalhadores entre a produção e a administração, ao mesmo tempo, em

que cada trabalhador deve procurar passar sua 'arte' ao outro para socializar o seu saber profissional.
Frente a estas dificuldades as Experiências tem se organizado num modelo de gestão coletiva com divisão de tarefas; desse modo, procura-se garantir a participação de todos no processo decisório, seguindo-se o principio de planejar coletivamente o trabalhoe de socializar as informações entre os membros das Experiências. No entanto, colocando cada pessoa em atividades compativeis com sua qualificação e com o seu 'dom'.
Este modelo de gestão coletiva com divisão de tarefas, se por um lado assegura a democratização das decisões, por outro, estabelece responsabilidades e competencias individuais.Não obstante,deve-se ressaltar que há grande informalidade no desempenho das funções de trabalho, que dentre outras razões explica-se pelo próprio tamanho das Experiências , pela 'liberação' de componentes para a militância devendo sua função ser assumida por outro trabalhador,etc.

A IGUALDADE SALARIAL

O principio básico seguido pelas Experiências é a igualdade salarial entre os seus componentes. Em algumas delas, faz-se uma pequena diferenciação do salário a partir das 'necessidades', considerando-se o tamanho da família, e eventuais problemas familiares dos componentes.

Em uma Experiência observa-se a informação de que os rendimentos dos participantes obtidos fora da mesma, são socializados entre todos no calculo da igualdade salarial.

A situação salarial entre as experiências é bastante variada. Em apenas um caso tem-se conseguido manter o pagamento do salário médio regional da categoria. Nas outras o objetivo é assegurar pelo menos o piso salarial da categoria,o que tem sido conseguido por poucas de forma permanente.Assim, o que caracteriza o salário nas experiências, é a instabilidade da quantia a ser recebida pelos componentes, que fica atrelada ao rateio do que foi conseguido liquidamente na produção mensal.

A questão salarial fica ainda mais comprometida quando se considera que a maior parte das Experiências não têm conseguido cumpriir com as obrigações trabalhistas, ou apenas as tem cumprido parcialmente,sendo exceções as que cumprem integralmente,neste sentido,não só os salários são mais baixos do que os do mercado,como os trabalhadores não contam com a cobertura previdenciária,com o FGTS,com a aposentadoria,etc.

A instabilidade salarial e a falta de cobertura trabalhista tem dado margem a conflitos, levando alguns componentes a abandonarem as Experiências. Bem como há casos em que os componentes passaram a questionar a igualddae salarial,em favor de um 'ganho' determinado pela contribuição de ca se deu através das poucas economias de alguns trabalhadores.da à produção, seguindo portanto a 'logica individual' da criação do valor.

As diferentes visões sobre o horário de trabalho tem dado margem a acusações entre os conponentes das Experiências. Os que se sentem 'liberados' para a militância política,tendem a ver os que os que têm uma postura rígida quanto ao cumprimento do horário,como que reproduzindo o modelo patronal,sendo por vezes acusados de 'patrão'.
Contrariamente, os que têm a visão da 'disciplina' em relação ao horário ,tendem a considerar o argumento da militância como justificativa para a indisciplina pessoal em alguns casos,ou mesmo quando não se trata deste tipo de justificativa,a discordância permanece devido a se considerar que a militância deve ser realizada fora do horário de trabalho conforme seria em qualquer outro emprego no mercado de trabalho.

Em algumas experiências programa-se um rodízio na liberação dos militantes,de modo a compatibilizar o funcionamento das mesmas,com a militância política de seus componentes.

A questão do não cumprimento do horário, foi explicada a partir da própria situação autogestionaria.Neste sentido,o que se enfatiza é que a ausência de uma 'disciplina fabril', levou alguns membros das Experiências a ficarem 'confusos' e 'displicentes' quanto ao horário,revelando um despreparo para vivenciar a autogestão.

Bastante complicada neste aspecto do cumprimento do horário é a situação das Experiências que contratam força de trabalho.Nestes casos, os trabalhadores contratados devem cumprir o horário,enquanto outros se sentem 'liberados',dando margem a uma situação que é vista por aqueles como de 'desorganização' e como indicativo de privilégios que só são permitidos aos 'patrões'.

FINANCIAMENTO DAS EXPERIENCIAS

Uma boa parte das experiências iniciou suas atividades com um mínimo de capital,cuja obtenção se deu através das poucas economias de alguns trabalhadores.Em alguns casos, contou-se com a contribuição individual de algumas pessoas que apóiam este tipo de iniciativa,e em outros o apoio foi dado por grupos de pessoas que se organizaram para este fim, e também através de empréstimos e doações de instituições.

Este capital inicial,quase sempre foi destinado a aquisição de um mínimo de equipamentos e ao aluguel de instalação para iniciarem as atividades.esta aquisição inicial,em alguns casos foi feita através da compra de alguma 'pequena oficina' já existente. Também por vezes, contou-se com a doação de alguns equipamentos de alguma pessoa ou intituição.

Ao longo do tempo, a possibilidade de se recorrer a um projeto para financiar a Experiência foi utilizada pela maior parte delas. Do conjunto das Experiências, uma única ainda não havia recorrido a financiamento, mas já estava elaborando um projeto com este fim.Outras tiveram seus pedidos de financiameno,se não integralmente,pelo menos parcialmente atendidos. Em apenas um caso soube-se que a Experiência não teve o financiamento aprovado.

As informações quanto ao financiamento foram apenas sobre a existência ou não dele nas Experiências, e quanto a sua destinação.Pouco se soube sobre os valores e as fontes financiadoras,embora quanto a estas, as informações indiquem que são, sobretudo, Instituições estrangeiras.

A destinação dos financiamentos teve vários fins. O principal foi a compra de equipamentos e/ou a ampliação das instalações.Tambem foram destinadas a saldar dividas anteriormente assumidas e para a complementação dos membros das experiências.outra destinação comum foi para a compra de matéria prima utilizadas na produção e nos serviços prestados, devido a quase completa ausência de capital de giro nas Experiências.

Os depoimentos indicam que os financiamentos tem cumprido um papel vital nas Experiências. Segue-se à liberação destes, uma relativa estabilidade financeira, seja devido a utilização dos recursos do financiamento, seja pela utilização dos rendimentos resultados das aplicações no mercado financeiro. Não obstante, pode-se supor que esta estabilidade seja apenas momentânea devido a utilização como capital de giro e para a complementação salarial dos trabalhadores, caso não haja um aumento no desempenho econômico das Experiências.

A dependência dos projetos de financiamento por parte de algumas Experiências torna-se também um ponto critico do ponto de vista autogestionario. A possibilidade de se recorrer a novos projetos de financiamentos e por vezes mencionada,seja para ampliar a Experiência,seja para cobrir um desempenho deficitário.Tal possibilidade é vista criticamente por alguns componentes por ser demonstrativa da incpaidade de auto-sustentação da Experiência, negando-se deste modo o principio autogestionario.

AUTOGESTÃO E MERCADO

Vários pontos pardoxais da proposta autogestionaria foram mencionados como indicativo de sua idelaização. Cabe aqui ressaltar que esta proposta é relativizada por alguns membros das Experiências, a partir da própria inserção no mercado capitalista.

Essa visão critica da proposta autogestionaria é formulada a partir da constatação de que é o mercado capitalista que fornece o balizamento para o desempenho econômico das experiências. Desse modo, não se submeter às regras do mercado,pode significar o próprio fechamento das mesmas. Isso porque, o funcionamento domercado limita a autonomia da experiência, determinando vários de seus aspectos operaionais, tais como: horário de trabalho, qualidade do produto e swrviços, preços e custos, nível salarial,etc.

Na medida em que o mercado é um elemento estrutural que condiciona o desempenho econômico das Experiências, a reltivização da proposta autogestionaria é feita por ser válida somente para as relações internas aos grupos que delas fazem parte.Tal situação, descrita como "ilhas de socialismo num mar de capitalismo",além de poder significar a 'vulgarização' da idéia da autogestão,pode estar contribuindo para a mistificação da pratica dos grupos envolvidos nas experiências.

Nessa visão critica, está implícita a idéia de autogestão como um processo global para o conjunto da sociedade, em que tanto a produção como a distribuição fazem parte de decisões democráticas, cuja orientação central é a participação igualitária de toda a população.Com esta visão critica não se quer negar a validade das Experiências, nem a organização destas com base em princípios igualitários. Mas sim, chamar a atenção para a divulgação de uma proposta, que para ser conseqüente, requer um maior aprofundamento por parte dos trabalhadores.

4ª Parte : AS EXPERIENCIAS NO MOVIMENTO POPULAR

O objetivo desta parte é de fornecer uma visão geral do papel cumprido pelas Experiências no movimento popular.

Uma parcela das Experiências, como já foi mencionado, organiza-se a partir do 'desemprego sindical', e como tal, são vistas como sendo um movimento de 'resistencia' à ação patronal. Esta 'resistencia' faz-se de modo a reter os trabalhadores das 'listas negras' em sua categoria profissional, possibilitando-lhes, a continuidade da pratica política junto à mesma.

Com a retenção na categoria profissional, procura-se evitar dois tipos de dispersão dos trabalhadores decorrentes da situação de desemprego,podendo resultar numa 'perda' da representatividade e do trabalho de base anteriormente desenvolvido junto à categoria,cuja maturação pode ter requerido anos seguidos de militância.

O primeiro tipo de dispersão é provocado pela necessidade de se aceitar qualquer emprego para fazer frente à sobrevivência, implicando uma desvinculação com a categoria e o retorno à mesma,devido a descontinuiddae da pratica profissional.outro tipo de dispersão provocada pelo desemprego é a migração do trabalhador para outro centro urbano em busca de um posto de trabalho, tendo como conseqüência a ruptura total com o trabalho anteior.

A continuidade da pratica política dos trabalhadores a partir da inserção nas Experiências, esbarra em algumas dificuldades já que o isolamento em relaçã à categoria profissional torna-se uma possibilidade. Dentre os motivos apontados para esse isolamento,aparece a própria necessidade de se empenhar no sucesso econômico da Experiência, o que por vezes requer uma dedicação quase exclusiva à mesma.Outra dificuldade que também contribui para o isolamento, diz respeito a

que algumas Experiências não se encontram devidamente regularizadas inviabilizando a participação dos seus trabalhadores nos sindicatos.Esta situação agrava-se quando os membros das Experiências são 'oposição à situação sindical', e como tal 'qualquer motivo' torna impeditiva a participação nos sindicatos, devido à 'cassação' por parte de 'diretorias pelegas'.

A atuação sindical dos membros das Experiências tem sido feita,sobretudo,na articulação do movimento de 'oposição sindical',tanto nas mobilizações das categorias para as campanhas -sejam salariais ou eleitorais- desenvolvidas, como no fornecimento da infraestrutura das oficinas para este fim.Em algumas Experiências mantem-se parte de seus componentes em 'condições legais' de participar no sindicato,como forma de se manter informado e influir nas decisões políticas,bem como de concorrer aos cargos de diretoria dos sindicatos.

Outro campo de atuação das Experiências tem sido o movimento de bairro. Neste caso o objetivo é ampliar as bases de sustentação dos moradores,criando atividades alternativas à pratica reivindicatória ligada aos problemas de infraestrutura urbana.Desta pratica resulta a organização de moradores numa ação que visa responder ao desemprego estrutural,tendo como conseqüência a garantia da permanência de um grupo de militantes no cotidano do bairro, e a formação de novas lideranças.

Quanto às experiências voltadas para a qualificação profissional – o principal objetivo é formar lideranças de trabalhadores com 'competencia técnica e politica', a partir de uma 'pedagogia operaria'.Com base no saber e no ensinamento,formulado por e sob a responsabilidade de trabalhadores, opondo-se a 'escola da classe dominante',dando ao trabalhador uma 'consciencia da sua classe social'. As atividades são dirigidas tanto para a questão sindical ou para o movimento de bairros, num trabalho com adolecentes e com familiares dos mesmos, tendo como base de atuação o proprio bairro onde localiza-se a Experiencia.

5ª Parte – EXPERIENCIAS COMUNITARIAS DE PRODUÇAO; A QUESTAO DA CAPACIDADE DE AUTOSUSTENTAÇAO.

Uma das características das Experiências Comunitárias de Produção é a organização destas com base em princípios coletivistas, implicando na igualdade salarial entre seus membros, de forma a corresponder a um 'padrão de vida digno'.

Sendo as experiências dirigidas pelos próprios trabalhadores,o desempenho econômico das mesmas trona-se um verdadeiro desafio na tentativa de se assegurar um padrão salarial capaz de responder às necessidades de seus componentes. Concretamente, o 'piso salarial' da categoria passa a ser tomado como meta principal a ser conquistada pelas Experiências.

A centralidade assumida pelo salário nas experiências torna-o um elemento privilegiado para avaliar o desempenho eonomico destas.Por um lado, por não ser a racionalidade das experiências voltadas para a acumulação de capital, e´ rica para assegurar um 'padrão de vida digno'.Por outro lado,porque o salario é um indicador sensível do desempenho econômico, já que alterações nesta tendem de imediato no nível salarial,tanto positivamente como negativamente.

As informações obtidas sobre o nível salarial nas experiências, já mencionadas em outra sessão,são aqui resumidas visnado a reflexão de relação entre o desempenho econômico e o nível salarial.São elas:

- Poucas são as Experiências que têm conseguido manter de forma permanente o 'piso salarial' da categoria como sendo a remuneração de trabalhadores. Dentre as que conseguiram manter o piso, em parte tal situação independia do desempenho econômico,pois talfato explicava-se pela pratica de extensas jornadas de trabalho como forma de assegurar o rendimento. Em duas outras, parte do 'custo de manutenção' não estava sendo provido integralmente pelo desempenho econômico.Em um caso, o repasse de uma verba mensal representava uma

contribuição para a manutenção do nível salarial. Em outra,os rendimentos da aplicação financeira de recursos obtidos através de um projeto também cumpria o mesmo papel.

- na maior parte das experiências o nível salarial apresentava-se extremamente variável,não se garantindo um 'salario fixo' aos seus componentes,prevalecendo o rateio do rendimento liquido mensal entre estes. Não se conseguiu precisar a média salarial de cada experiência.Soube-se de vários casos em que se quer o salário mínimo estava sendo atingido.

- A situação salarial fica ainda mais agravada na medida em que o cumprimeto da legislação trabalhista torna-se uma exceção entre as Experiências. Neste aspecto a situação encontrada foi a seguinte:

1°- uma boa parte das Experiências não cumpre qualquer obrigação trabalhista.
2°- em algumas Experiências procurava-se reduzir o custo com estes encargos,registrando alguns trabalhadores como que percebendo o 'salario minimo'.
3°- algumas Experiências encontravam-se endividadas devido ao registro de alguns trabalhadores.

O não cumprimento das obrigações trabalhistas pode implicar em situações adversas tanto para os trabalhadores,como para a própria Experiência. No primeiro caso basta exemplificar com a possibilidade de um acidente de trabalho e com a impossibilidade da aposentadoria. No segundo caso,deve-se lembrar que pelo menos hipoteticamente, o não cumprimento da legislação pode implicar uma divida judicial. Para não ficar apenas na hipótese,cita-se que tanto a situação de acidnete de trabalho 'grave',como a de reclamação de 'direitos' por um mebro de uma Experiência foram constatadas pela pesquisa.

A situação salarial nas Experiências tal como observadas aponta para um desempenho econômico deficiente. A meta de se garantir 'o piso salarial' só em poucas foi conseguida,em parte independente do desempenho econômico.

De modo a confirmar esse quadro de um desempenho econômico deficiente ressalta-se a situação do 'capital fixo' nas Experiências. Isso porque os investimentos feitos nesta área,com raras exceções permanecem estacionados na compra de máquinas e equipamentos conseguida através de projetos de financiamentos.Ou seja, o baixo nível salarial constatados não ocorrem em favor de uma 'capitalização' das Experiências como poderia se supor.Dentre as Experiências que ampliaram seus investimentos nesta área, uma boa parte delas valeram-se de novos projetos de financiamentos e não de 'capital próprio'.

A avaliação deste desempenho econômico deficiente encontra varias explicações diretamente ligadas ao funcionamento e organização das Experiências. Dentre as principais detectadas pela pesquisa, apresentam-se as seguintes:

- a escolha das atividades a serem desenvolvidas pelas Experiências, foi geralmente feita sem um conhecimento prévio do mercado. Estas escolhas parecem ter sido orientadas apenas em função da qualificação profissional das equipes que iniciaram as Experiências.

- relembra-se o que já foi mencionado anteriormente que em vários casos a qualificação profissional teve que ser aperfeiçoada ou adquirida nas próprias Experiências. Resulta dessa constatação que nem sempre a qualificação das equipes foram capazes de dar respostas ao mercado, implicando em não aceitar contratos de trabalho, ou aceitando-as em detrimento da qualidade.

- sendo a motivação para o surgimento das Experiências ligadas a 'razões politicas' o tamanho das equipes de trabalho também não obedecerem a critérios

de mercado.assim algumas equipes surgem superdimesionadas,enquanto que outras procuram se ajustar ao longo do tempo.

- algumas Experiências têm a sua participação no mercado limitada pelo fato de não estarem devidamente regularizadas como fiema, já que nestes casos não podem fornecer documentação apar fins contábeis.

- a localização geografia de boa parte das Experiências torna-se também um fator limitatito da participação no mercado, pelo isolamento que apresentam frente a este.Via de regra localizadas em bairros residenciais da periferia urbana, distanciam-se da clientela passando a depender de contactos pessoais de seus membros e de pessoas 'solidarias'.

- outro fator fator importante que implica no estreitamento do mercado refere-se à falta de 'capital de giro'.A impossibilidade de contar com um estoque de insumos pode determinar a perda de competividade via preços.também observa-se que alguns contratos deixam de ser efetuados pela impossibilidade financeira de se adiantar a compra de insumos. Restaria a solução do credito que nem sempre é compatível com o porte e com a situação irregular de algumas Experiências.

- por ultimo, menciona-se a questão das maquinas e equipamentos.Em algumas Experiências observou-se carências consideradas básicas pelos trabalhadores.Em outras é a obsolecencia que se coloca à toda prova.Também, a própria manutenção torna-se por vezes um problema, já que nos casos de defeitos os gastos necessários para a correção podem implicar na queda de nível salarial por um período de tempo.

A analise desenvolvida sobre o desempenho econômico aponta para uma situação de deficiências tanto nos entido do cumprimento da meta salarial, da inserção no mercado e do funcionamento das Experiências. A capacidade de auto-sustentação,portanto,encontra limites nestes aspectos,que se não a inviabiliza totalmente,torna-a extremamente frágil se mantida estas condições.

Para finalizar, cabe aqui indicar algumas limitações desta pesquisa. Feita de maneira a abranger varias Experiências, em diversas cidades num curto período de tempo, envolvendo além das visitas, a preparação de um encontro, pouco pode se aprofundar sobre questões especificas e sobre as particularidades das Experiências, o que pode ter dado margem ao tratamento de certas questões sem a devida profundidade merecida" (7).

==========

- O PT SOCIALISTA E AUTOGESTIONARIO

1. O PT E A QUESTAO DO SOCIALISMO

"Nas atuais condições de avanço da luta dos trabalhadores no mundo devemos considerar que as tarefas de construção do socialismo não são monopólio de um partido ou dos partidos políticos.
Na medida em que os trabalhadores se constituem politicamente como classe,vão criando instituições diversas,no âmbito da cultura,da

economia,da gestão social,ao mesmo tempo que a questão do poder se coloca hoje para a classe trabalhadora em três dimensões diferentes,mas interligadas: cultural, econômica e política.

Embora a ação partidária vise preferencialmente as\estruturas jurídico-politicas e ideológicas da organização social, não podemos considerr a luta pelo poder e o socialismo unicamente em seus aspectos políticos, ou como uma tarefa exclusiva do partido.

Tradicionalmente os partidos do socialismo têm considerado e tratado as demais organizações do movimento social como organizações de massa, entidades secundarias,simples correias de transmissão da vanguarda política, o partido.Em geral, os partidos de esquerda seguem uma pratica superada, tratando as organizações populares como caixas de ressonância de suas propostas políticas,com muito pouca disposição para entender a natureza dos movimentos populares e respeitar sua autonomia política.Em lugar da convivência democrática entre partidos e organizações do movimento social,tem havido tentativas permanentes de cooptação,sem muita sensibilidade das lideranças partidárias para a construção de um projeto de sociedade articulado em torno do pluralismo e da convergência de posições diferentes.As intolerâncias que marcam as\relações entre partidos de esquerda,ou entre facções no interior de um mesmo partido são transplantadas artificialmente para o movimento social, tratado como aparelho partidário,onde necessariamente se suprime toda divergência e o livre debate partidário.

Também os sindicatos acabam sendo cenário onde diferentes partidos de esquerda tentam impor sua própria hegemonia,desvirtuando a natureza de sua ação.isto tem bloqueado o avanço da luta sindical que continua organizada exclusivamente em torno das reivindicações salariais,com organizações tuteladas pelo Estado,incapazes de construir uma organização profissional ou implantar-se no interior das empresas.

Da mesma maneira,as relações dos partidos de esquerda com a sociedade civil continuam marcadas pela subestimação da democracia e das liberdades civis,consideradas apenas como instrumento de agitação política.Tais praticas empobrecem o próprio debate no interior dos partidos ,cujos militantes ao absolutizar o papel político da organização partidária não conseguem mais perceber que a sociedade é quem cria a alternativa,preparando a ruptura com o sistema de dominação e definindo as formas de constituição do poder dos trabalhadores.

A expressão democrática no interior da sociedade capitalista é percebida como puro instrumento de propaganda,para consumo externo.

A fase atual do desenvolvimento do capitalismo se caracteriza por uma expansão continua do setor terciário da economia, com diminuição persistente da classe operaria e crescimento do numero dos demais trabalhadores.Ao mesmo tempo,nos paises periféricos como o Brasil, a proletarização está alcançando até as camadas mais altas dos técnicos e antigos profissionais liberais,permitindo que as idéias socialistas tenham livre curso em grupos sociais que já não se caracterizam pela defesa do capitalismo.Além desses grupos de trabalhadores outras camadas intermediarias como a pequena burguesia urbana e rural e os funcionários têm contradições profundas com aburguesia,pois seus problemas não podem ser resolvidos no marco da atual sociedade.

É evidente que a questão do socialismo, na medida em que novas camadas e grupos sociais podem ser mobilizados para a luta política, se torna muito mais complexa e difícil,sendo necessário por isso,desfazer-se dos velhos mitos e repensar inteiramente a ação política,tanto a nível tático com a nível estratégico.

No interior do PT estas velhas praticas,fruto de uma visão elitista e superada do socialismo ainda são correntes,apesar da origem da maioria de

seus militantes de base, formados nas organizações dos movimentos sociais.Atravessado por esta contradição o partido tem hoje pela frente duas linhas principais;
Uma, que considera apenas os aspectos políticos da pratica social,colocando a questão do socialismo como resultado da tomada do poder político,da conquista do aparelho de Estado,de seu uso como aparelho repressivo para esmagar possível resistência da atual classe dominante,enfim,da instauração da ditadura do proletariado e constituição de um Estado 'socialista'. Enquanto isso, a pratica da maioria dos militantes nos conduz no rumo da autogestão.

O capitalismo periférico gestado no Brasil é uma formação social complexa que produziu extensas camadas urbanas, menores abandonados,empregadas domesticas que ainda não conquistaram direitos trabalhistas elementares,desempregados que provavelmente jamais terão oportunidade de trabalho remunerado,os migrantes rurais que se amontoam nas periferias das cidades,os sem-terra a pedir,em vão,a reforma agrária.para esses milhões de seres super-explorados e marginalizados,o socialismo é,de fato,a única esperança.Ao lado deste sub-proletariado miserável há também milhões de trabalhadores dos serviços,de funcionários governamentais,de operários da industria,em cuja defesa podem falar comissões de fabricas,sindicatos,partidos.
Para eles a participação democrática ainda é uma realidade,embora ela se reduza cada vez mais a votar cada três anos ele lições sindicais e a cada quatro ou cinco anos a eleger alguém para o sitema representativo em vigor.

Apesar de considerarmos que a burguesia ainda pode legitimar-se durante muito tempo,que ela construiu e opera instituições modernas e eficientes,consideramos também que a contradição principal da sociedade brasileira,entre capital e trabalho,já exige que se elabore uma estratégia clara e precisa de luta pelo socialismo,adaptada às condições reais da sociedade civil que responda à pratica desses milhões de brasileiros que hoje apenas buscam uma saída para seus problemas individuais ou sociais,mas que estão sem o saber,construindo uma nova hegemonia na sociedade brasileira.

Na elaboração de uma linha socialista autogestionaria as questões como a livre associação,democracia,auto-governo,o poder popular e pluralismo são intrinsicas e estratégicas e não meramente táticas e instrumentais. Uma política socialista,nas condições concretas da sociedade brasileira presupõe a constituição de um bloco histórico, um arco amplo de alianças formado por todos os setores explorados,oprimidos e marginalizados.O que presupõe alianças políticas não só a nível de partidos de esquerda,mas envovlendo todas as organizações do movimento popular,pois se trata de conquistar preliminarmente direitos democráticos elementares,negados ou inexistentes nas atuais condições.o problema do socialismo no Brasil está profundamente vinculado à conquista da democracia porque o bloco no poder,formado pela aliança das oligarquiasrurais com a burguesia sempre foi produndamente autoritário e só admite o exercício da democracia nos limites estreitos de seu projeto elitista.

Hoje,no Brasil,a questão do socialismo envolve ,em primeiro lugar,a constituição política da classe trabalhadora e a construção de uma sociedade democrática em cima da herança autoritária construída pelo capitalismo.Este é um longo processo que no plano da economia leva à instauração da propriedade social dos meios de produção e distribuição; no plano político, à inastauração do poder dos trabalhadores como instrumento da transformação da sociedade de classes e na sociedade igualitária;no plano cultural,à substituição da cultura burguesa pela cultura socialista,na qual todos elaboram e vivem a educação, a informação,a técnica,a ciência, a arte.

Embora os militantes do PT tenham uma pratica autogestionaria e diversificada, o nível das discussões entre os quadros políticos do PT ainda é muito pobre e atrasado.Oficialmente o PT é um partido muito tradicional que ainda não superou o estagio do 'estado socialista",ditadura do proletariado,propriedade estatal,estatização dos meios de produção,fazendas estatais,articulação da pequena produção mercantil com a produção estatal de produtos de base e bens intermediários,regulação da produção á base de medidas administrativas.

Embora no nosso partido isto ainda tenha que ser demonstrado, é evidente,desde Maquiavel,que o Estado é a forma de constituição política da burguesia como classe dominante.O poder estatal centralizado,com sua burocracia,policia,foeças armadas,magistratura,é a forma que a burguesia deu ao seu poder de classe.Na atualidade,com o desenvolvimento industrial,a urbanização e o aprofundamento da contradição entre o capital e o trabalho,o estado aparece como uma maquina de contenção dos trabalhadores,embora o estado queira parecer neutro,em geral é apenas um instrumento de dominação de classe e nos paises de socialismo de Estado,ele eterniza a transição.

Desde a comuna de Paris,ficou demonstrado também que a forma de construção política da classe trabalhadora era a antítese do Estado, a Comuna, capaz de quebrar e anular todos os instrumentos de dominação e exploração da burguesia sobre os trabalhadores,instituindo em seu lugar a autogestão dos produtores.A constituição política dos trabalhadores como classe não só suprime essa 'excrecencia parasitaria' que é o Estado,como devolve à sociedade toda sua liberdade,pois uma vez que os trabalhadores estiverem politicamente emancipados, todos serão trabalhadores e a atividade produtiva deixa de ser sinônimo de miséria e exploração.

Os trabalhadores brasileiros não podem viver de utopias, nem esperar que uma vanguarda esclarecida se constitua para sua salvação,tome o poder das mãos da burguesia e constitua uma nova elite dominante de funcionários do partido e do Estado que reina e governa em nome da classe operaria,justificando-se na afirmação de que o "estado socialista" existe para servir à sociedade e os funcionários são servidores do povo,devendo estar submetido aos deveres constitucionais como qualquer membro da sociedade.A classe dominante brasileira diz a mesma coisa de seus funcionários.Na verdade,a luta pelo socialismo é um longo processo no qual os trabalhadores aprendem ,na pratica e na teoria,a libertar os elementos da nova sociedade que eles mesmos estão construindo ejá desenvolvem dentro da sociedade capitalista,mesmo que eles estejam sendo constantemente reprimidos ,coopatdaos e desviados do objetivo final.

Quando os intelectuais preparam o seu caminho para o poder, por se pretenderem portadores da consciência socialista,os trabaljadores estão construindo na sua luta diária,com imensos sacrifícios e provações as estruturas da nova sociedade.Dessas experiências,no interior das empresas,nas associações de periferia,nas cooperativas de trabalho, é que nascerá o poder político dos trabalhadores.O PT precisa,por isso,desfazer-se de velhos clichês,lutar contra as formulas estereotipadas de grupos políticos elitistas e superados, incorporar todas as lutas e experiências dos trabalhadores ao seu patrimônio político.

Na ação política revolucionaria o PT ainda está aprendendo a combinar a luta pela existência e consolidação da democracia com a propaganda socialista,o que levará a colocar a questão do poder em todas as suas dimensões.Não desejamos,por outro lado,que se desenvolva entre nós a ideologia do aprtido único,exclisivista e vanguardista que prepara a ascensão e a ditadura de uma minoria de iluminados.Por isso,temos de vincular,desde já, a realização de nossos objetivos à ação política de massas, á pratica concreta de milhões de pessoas que no campo,nas

periferias das cidades,nos bairros populares,estão lutando pela reforma agrária e a reforma urbana,dos milhões de trabalhadores que tentam sobreviver à política econômica do governo.Desde já, o partido tem que romper com a pratica elitista, o voluntarismo que consiste em querer impor aos trabalhadores,contra sua própria vontade idéias que estão claras apenas na cabeça de meia dúzia de iluminados e que terminam em fracassos.Como ocorreu na proposta da greve geral,em que estivemos a reboque de uma tendência infantil dentro da CUT,com evidente desgaste para o Partido dos Trabalhadores.

Já que não desejamos ser o futuro partido único, temos de aprender a desejar e construir alianças com outras forças políticas também para a realização do objetivo principal dos trabalhadores,o socialismo.Mas temos acima de tudo de aprender com os próprios trabalhadores a combinar as formas de luta eminentemente políticas que são próprias do aprtido,com a construção de alternativas econômicas,culturais e sociais que os trabalhadores já estão realizando e dirigindo,como as compras comunitárias,as cooperativas de trabalho,os mutirões,as associações de moradores e inúmeras outras que os 'verdadeiros revolucionarios' consideram ridículas e reformistas.

Essas experiências e muitas outras mais,combinadas ou não com a ação partidária aprofundam as contradições da sociedade capitalista," mesmo porque quanto mais amplas elas se tornam,maior é a resistência da burguesia dominante à sua existência",como reconhecem alguns dentro do partido.

Quem ainda acredita que ditadura do estado,partido único e burocracia privilegiada e permanente é sinônimo de socialismo ainda não abriu os olhos para a realidade.Além do mais,isto não tem nada a ver com a adoção de táticas insurreicionais ou eleitorais de luta pelo controle do aparelho do Estado,ou seja 'tomada do poder'.tanto naqueles paises em que se privilegiaram as táticas elitorais,como naqueles onde predominou a insurreição existem hoje imensas burocracias estatais e partidarias e a classe operaria continua sonhando com o poder político,verdadeira miragem da literatura política.

Tanto administradores 'socialistas' do capital monopolista,como gestionarios 'comunistas' do socialismo de Estado têm hoje comportamentos políticos e interesses muito distantes dos problemas atuais dos trabalhadores brasileiros e apesar de toda a simpatia que o Partido dos Trabalhadores possa manifestar a suas organizações,não podem servir de modelo para nossa pratica revolucionaria em busca do socialismo.

Como militantes estamos obrigados a ser menos dogmáticos e maniqueitas e não opor as praticas 'reformistas' dos trabalhadores sem eus sindicatos,associações de moradores,mutirões,cooperativas de trabalho,às idéias 'revolucionarias' do partido.reforma e revolução fazem parte de um processo ininterrupto de mudanças quantitativas e qualitativas que conduzem a humanidade a formas sempre mais avançadas de organização social.Decidir sobre os momentos adequados de combinar diferentes formas de luta é um método e uma ciência que o partido precisa aprender dominar,pois não dependem de palpites ou de discursos radicais.

A luta pelo socialismo exige além de clareza de objetivos,conhecimento do inimigo,das contradições que o opõe aos trabalhadores acima de tudo,um profundo conhecimento de nossas propias potencialidades,fraquezas e limitações. A avaliação correta de todas as condições em que se traz a luta e de nossa própria situação nesse contexto é o mínimo que podemos exigir de nós mesmos,se pretendemos lutar pelo socialismo.E podemos afrimar com absoluta tranqüilidade que o nosso partido ainda está longe dessas condições.Somos uma organização que ainda vive e trabalha em escala amadorista artesanal,quando asituação exige competência e trabalho massivo.E, ao invés de buscar a superação de nossas próprias limitações nos

refugiamos no basismo e no falso moralismo dos que recusam qualquer aliança com medo do contagio ideológico.

Para terminar é preciso esclarecer que há diferenças qualitativas entre as organizações políticas do Estado e as organizações da sociedade civil.

Embora o estado dependa dos funcionários para o exercício de suas funções, é uma organização da burguesia,destinada a impor sua própria dominação de classe e temos de saber distinguir nossas relações com o aparelho de Estado da nossa ação e organização política em nível dos funcionários da mesma maneira que sabemos distinguir as nossas relações com a Empresa,da nossa ação e organização política a nível dos trabalhadores.

Nossa ação política pode aprofundar contradições no interior dessas instituições,mas não devemos,nem por isso,cair na ingenuidade de que a presença de trabalhadores socialistas ou revolucionários promova democratização dessas estruturas burguesas essencialmente autoritárias.outros trabalhadores,em outros paises e situações também caíram nessas ilusões e pagaram caro por isso.

Na sociedade civil as situações são muito diferentes e ai,além das organizações destinadas a servir os interesses de classe da burguesia,existeminumeras organizações democráticas que reforçam as lutas dos trabalhadores e puderam demonstra-lo ao longo dos 21 anos de ditadura militar que o nosso pais atravessou de 1964 a 1984.essas organizações continuam sendo um fator de progresso e os trabalhadores continuam apoiando-se nelas para avançar sua propostas socialistas ou democráticas.mas,ao mesmo tempo,os trabalhadores estão criando suas próprias organizações,como instrumentos da participação popular na organização das alternativas de sociedade no campo,nos bairros,na cultura,na economia,na organização e gestão de serviços públicos que o Estado já não tem mais condições de garantir.essas estruturas jogam um papel fundamental no processo de desagregação das estruturas capitalistas de coerção ou de cooptação,sendo ao mesmo tempo forma e canais para a luta de classes,para a pratica da democracia participativa e para a ruptura de sociedade que estamos buscando".

Rio de janeiro,setembro / 87.

- Documento (extrato)de "POR UMA ALTERNATIVA SOCIALISTA' de militantes de SC.

.POR UMA ALTERNATIVA SOCIALISTA AUTOGESTIONARIA

17- "A burguesia exulta radiante em todo o planeta.A direita pós-moderna apregoa 'o fim da historia',das ideologias e, o triunfo eterno do neo-liberalismo.A humanidade está,portanto,condenada ao capitalismo,não sendo possível outra alternativa ética,filosófica,política.Para o neo-liberalismo,o socialismo está em crise terminal,junto com o muro de Berlim,como tudo que é sólido,se desmanchou no ar.A revolução burguesa francesa,celebrou os seus 200 anos sob a batuta da 3ª revolução tecnológica,da informática,da robótica,do pós-moderno econômico.

18- A mídia planetária capitalista apresenta os eventos do leste da Europa como o 'fim do socialismo', 'o fim da revolução', 'o fim do comunismo'.Os paises socialistas voltam ao capitalismo,ao mercado,ao parlamento.

O que se passa no "Socialismo real " ?

19- De inicio,uma formidável aceleração da historia: 50 anos em 5 meses.A característica principal da situação atual se iniciou com as eleições de junho de 89 na Polônia e com a formação de um governo de coalizão em agosto.No curto espaço de setembro-dezembro, Hungria,Thecoslovaquia,Alemanha,Bulgária,romênia,foram atingidos pelo dilúvio,como se o Muro de Berlim tivesse se tornado uma grande bola de neve.Em janeiro de 90, Albânia e Yugoslavia entraram no jogo.Agora,a bola está com a Rússia.

20- O grupo dirigente do PCUS,com Gorbachov à frente, precisará da generalização do processo no conjunto do bloco socialista,para ampliar sua força internamente.afinal,muitos setores reagem aos novos rumos e,externamente,Alemanha,romênia,thecoslovaquia,estavam contra a política do grupo dirigente.Com a generalização,as contradições são mais fortes no coração do sistema,se condensam na Rússia e sobredeterminam a evolução das reformas em outros paises.podemos asssinalar que este processo se iniciou em 1956,com os levantes populares na Hungria e na polônia.suas causas profundas remontam a evolução da própria revolução de 1817,sobretudo,a partir da revolução Stalinista de 1927.teve momentos fortes em 1968-69 com a Primavera de Praga e persistiu no 'elo fraco da corrente socialista',a Polônia: 1979, 1976 e 1980 atingindo o ponto de não retono com a fundação do Solidariedade.Até então, a resposta da URSS foi a intervenção militar ou política.A crise era na periferia. A partir de 1984, a crise atinge mortalmente o coração do sistema, forçando a política de reformas (Perestroika e Glasnost).

-Perspectivas Gerais;
21- Na realidade duas alternativas se apresentam na crise do socialismo real:
1) a linha chinesa, de repressão aos movimentos da sociedade civil;
2) a linha de Gorbachov, de reformas ou 'revolução pelo alto'.

22- Ate o momento atual,não percebemos uma possível terceira alternativa de caráter revolucionário (como nas revoluções políticas radicais da Hungria em 1956 e na polônia em 1980-81).Com grandes mobilizações das massas trabalhadoras,com a existencia plena de conselhos (Soviets),sindicatos independentes de massa e outras expressões de autoorganização social.

23- sem duvida,há elementos preocupantes no processo atual.Novas possibilidades se apresentam,porém,junto com elas novas dúvidas.Entretanto,numa perspectiva otimista,a queda do socialismo burocrático é um fenômeno positivo.Os acontecimentos de 89 no campo socialista,abrem um espaço pleno de possibilidades concretas para um 'renascer do socialismo'.

24- O modelo tradicional de socialismo,com suas características fordistas,produtivistas,não pode ser uma alternativa à crise do processo civilizatorio.Deve ser profundamente revisto.O processo em curso no leste europeu cria, à longo prazo,condições para um renascer do socialismo,com base numa concepção readicalmente nova da democracia e da autonomia social.Neste sentido,trata-se da construção de uma sociedade alternativa, socialista, autônoma e autogestionaria.é um outro socialismo e não um pós-socialismo.

O SOCIALISMO AUTOGESTIONARIO

25- O socialismo renasce de um modo mais genuíno como projeto de socialização autônoma e criadora de vida humana.Estamos no limiar,ainda,deste projeto.Contudo,os avanços já são suficientes para permitir traçar alguns fundamentos do projeto revolucionário.

- AUTOGESTÃO ECONOMICA

26- É a partir da vida cotidiana e dos locais de trabalho e de moradia, que deve começar a desarticulação e ruptura com os mecanismos de exploração.Esta superação implica a planificação coletiva da produção e a supressão da divisão econômica-social entre dirigentes e executantes.As massas trabalhadoras convertem-se em produtores ativos e conscientes.

27- Esta autogestão do trabalho,a partir da base,pode levar a uma certa atomização da produção social se,não combinar dialeticamentecom a planificação global.são os mesmos grupos de trabalhadores que definem esta planificação.

- AUTOGESTÃO POLITICA

28- A autogestão da atividade produtiva é apenas um aspecto do projeto socialista.este,necessita abranger o conjunto da sociedade e sua organização.Questiona radicalmente e destrói a dominação política e o poder do estado enquanto superestrutura alienante.A lógica do lucro deve ser abolidano conjunto da sociedade;
fabricas,escolas,bairro,familisa,sindicatos,partidos,etc.

29- trata-se de,sobre a base da realidade popular, respeitada em sua heterogeneidade múltipla de ir construindo um novo tecido social e forjando uma vontade coletiva nacional-popular em que os diversos coletivos sociais possam confluir e reconhecer-se dentro de um mesmo projeto comum.

30- A partir dos organismos populares já existentes,a política socialista aponta à uma sociedade organizada com base na autonomia.Não se trata de um individualismo capitalista nem do coletivismo estatal.Trata-se de trabalhadores associados,de indivíduos socializados que buscam formar comunidades humanas solidárias.

31- Esta vontade coletiva nacional-popular é, ao mesmo tempo,o meio e o fim da política socialista.Só poderá surgir da dinâmica interna de cada povo,de sua tradição histórica e nacional.Sobre esta base,surgem as perspectivas de superação da realpolitik entre estados rivais,em prol da dominação imperialista, substituindo-os por uma solidariedade dinâmica entre os povos-nações, reconhecendo-se e respeitandodo-se em sua pluralidade e diferenças.

- AUTOCRIAÇÃO CULTURAL

32- Nem as transformações econômicas,nem se quer as modificações sócio-politicas,são suficientes para definir o projeto de revolução socialista.Para esta ser radical e integral,deve questionar,criticar e transformar o núcleo primário dos valores e significados que habita no mais fundo dos costumes,dos hábitos e dos modos de viver e pensar da sociedade burguesa.Frente ao niilismo e à crise ética do mundo pós-moderno,é fundamental devolver aos homens as perspectivas de uma vida que valha a pena ser vivida.Neste mundo, o homem vale pelo que tem e não pelo que é, por seu valor exterior.Uma verdadeira revolução cultural consiste em questionar estes falsos prestígios de exterioridade.O socialismo integral deve apontar a socialização não apenas do ter ou do poder, mas,igualmente a socialização de criar, no sentido de criarr condições objetivas que tornem

possível para todos a realização integral e múltipla de todas as potencialidades criadoras do homem.Criar a possibilidade de uma vida feliz que só pode ser alcançada mediante uma liberdade criadora e lúdica.

CONCLUSÃO :

Vamos concluir este trabalho com os depoimentos de dois grandes lideres do movimento operário e campones brasileiro : Rolando Frati e Manoel da Conceição.

.

==========

Documentos Inéditos

---

1) OSASCO; "Manifesto de balanço da greve de julho"
Por Jose Ibrahim e José Campos Barreto

2) Documento de MANUEL DA CONCEIÇÂO

" Companheiros,

Este pequeno texto não é uma proposição pronta e acabada.Trago aqui minha contribuição pessoal para que os companheiros tomem conhecimento de alguns pontos de vista meus sobre a Oposição Sindical e sobre nosso trabalho no exterior.

Em primeiro lugar, tentarei explicar os motivos políticos que me levam a integrar a Oposição Sindical a nível de exterior.

1. desde 1955 venho participando das lutas do dia a dia dos trabalhadores do campo.A partir de 1962 começei a lutar de forma organizada com os trabalhadores rurais do Estado do maranhão,como sindicalista rural.Em agosto de 1963 fui eleito pelos trabalhadores rurais do Município de pindaré-Mirim segundo suplente da diretoria sindical. Em fevereiro de 1964 fui eleito,por aclamação dos trabalhadores rurais,presidente do sindicato de Pindaré-Mirim (Maranhão); ainda em fevereiro deste ano fui eleito segundo suplente da federação Agriucola do Estado do Maranhão.

Após o golpe militar de primeiro de abril de 1964, os sindicatos de pindaré-Mirim, Santa Luzia, Monção e Vitória do mearim (fundados no período 63-64), foram fechados pelo novo regime.Em 1966 os trabalhadores rurais do vale do pindaré-Mirim começaram uma nova luta pela reoorganização de seus sindicatos. Novamente fui reeleito presidente do sindicato deste município.

Em 1967, juntamente com os trabalhadores rurais do Município de Santa Inês,começamos a organizar uma forte resistência oposicionista contra um pelego que havia arbitrariamente manipulado a direção do sindicato deste município.

Em 1968,passei a viver em semi-clandestinidade.

Em 1969, os municípios de Pindaré-mirim,Santa Inês e santa Luzia foram totalmente ocupados pelo governo e mais de uma centena de compamheiros, socios dos sindicatos foram presos e conduzidos a São Luiz do Maranhão.

Em 1970-71,voltamos a reorganizar o sindicato de Pindaré-Mirim, derrubamos o pelego do sindicato rural de Santa Inês,fundamos o sindicato dos artesãos do mesmo município e o sindicato rural de Santa Luzia do pindaré.

Em 1972 fui preso pela sétima vez e saindo da prisão em 1975, parti para São Paulo, onde participei de alguns encontros com operários, sindicalistas e companheiros da Frente nacional do Trabalho (FNT).

Em outubro de 1975 fui preso novamente e quando sai da prisão firmei publicamente no Brasil que iria continuar na luta junto aos trabalhadores, mesmo fora do pais.

A base política das lutas no maranhão era a seguinte:

- pelo direito de livre organização das entidades sindicais, cooperativas de trabalho e consumo;
- defesa dos preços dos produtos agrícolas dos trabalhadores do campo;
- contra a invasão do gado dos capitalistas nas roças dos trabalhadores;
- contra o monopólio das terras pelos grandes capitalistas latifundiários e empresários;
- contra o peleguismo e a intervenção do governo nos sindicatos e a violência do governo e jagunços que respondiam com violência brutais cada vez que os trabalhadores defendiam seus direitos;
- por educação e saúde;etc,etc.

Após chegar a Suíça,junto com minha companheira,continuo o trabalho na medida do possível,participando e alargando as campanhas de solidariedade com o povo brasileiro,através do Comitê de Solidariedade com o povo Brasileiro e outros organismos existentes dentro e fora da Suíça.

2. Existe no Brasil a Oposição Sindical que luta por um sindicalismo autentico dos trabalhadores, que visa a organizar a resistência dos trabalhadores em defesa de seus interesses econômicos,políticos e sociais,levando em conta as condições determinadas pela correlação de forças entre os trabalhadores e a classe capitalista no poder.
   Existe objetivamente a necessidade de um sindicalismo autônomo que possa coordenar e orientar a resistência unitária dos trabalhadores da cidade e do campo emd efesa de seus interesses comuns.
   Existe a necessidade de organismos que representam e defendam os interesses dos trabalhadores brasileiros no campo internacional e que divulgam suas lutas e sua real situação. Aliás, já estanmos fazendo isto,mas de maneira dispersa e insuficiente,sem coordenação organizada no campo internacional.
   Existe a necessidade fundamental de um palno de ação teórico e pratico dos trabalhadores em escala mundial,contra a dominação e exploração do capital monopolistatendo como ponto de partida o estido das ligações que as multinacionais têm com o Brasil e todo o mundo capitalista,descobrindo ai as ligações econômicas e políticas que a classe operaria brasileira tem com a classe operaria nos diferentes continentes e paises.
   Diante de tudo isto, acho que a Oposição Sindical deve lutar por um sindicalismo autônomo dos trabalhadores,levantando bem alto a bandeira de luta unitária entre cidade e campo,não deixando brecha a que os trabalhadores se dividam em sindicatos populists,social-democratas,cristãos ou comunistas.Um sindicalismo que deseja organizar todos os trabalhadores na luta,deve representar e defender os interesses de todas as camadas das massas populares,isto é, as camadas avançadas,intermediarias e atrasadas.Daí porque a discriminação ideológica só pode contribuir para o enfraquecimento e,não,para o fortalecimento dos trabalhadores.Um sindicalismo autônomo,sem discriminação ideológica só

poderá contribuir para a unidade da classe operaria e fortalecerá a luta contra seus exploradores.

A experiência tem demonstrado que todo aquele que já organizou ou tentou organizar o movimento sindical de cima para baixo termina caindo na burocracia, no peleguismo e nas pregações demagógicas,deixando as grandes massas de trabalhadores na passividade à espera de promessas.Ora,um sindicato de ação se organiza ,se forma e se politiza na própria ação e sua organização autônoma começa de baixo para cima e,não, o contrario.Daí a justeza de começarmos a partir da criação de comissões de base nas fabricas, nos bairros , nas favelas e dentro dos sindicatos oficiais verticalistas.Estas comissões ou grupos sindicalistas formam, no conjunto,a verdadeira Oposição Sindical dentro e fora do sindicato anexado ao Estado.os dirigentes do sindicalismo autentico devem ser uma expressão poitica viva das bases.tal sindicalismo,construído,organizado e formado na ação,pode representar um órgão de ação para a ação dos trabalhadores da cidade e do campo e de seus representantes,isto é,seus dirigentes,que têm o poder reprsentativo das bases.

3. Diante do que acabo de expor, colocarei como vejo hoje minha participação dentro da Oposição Sindical no exterior.
   Minha participação no grupo da Oposição Sindical que estamos formando no exterior responde a um objetivo político.este objetivo pode ser assim resumido:
   a) participar indiretamente das lutas dos trabalhadores que se desenvolvem no Brasil, buscando o apoio e a solidariedade internacional, junto com outros companheiros que se encontram no exterior, no sentido de fortalecer mais ainda o movimento dos trabalhadores brasileiros;
   b) como militante sindicalista, tenho profundo interesse em me ligar com os companheiros que trabalham no exterior, continuando, assim, a militância que tive no Brasil;
   c) reconhecendo a necessidade de dar minha contribuição especifica aos trabalhadores brasileiros,considero a Oposição Sindical como o veiculo mais importante atualmente no campo internacional,onde todo os esforços devem ser desenvolvidos visando ao fortalecimento e a expansão da luta pelo sindicalismo autônomo dos trabalhadores brasileiros;
   d) não me considero como representante do movimento camponês brasileiro na Oposição Sindical no exterior, uma vez que no Brasil -a meu conhecimento- não há um movimento camponês organizado em Oposição Sindical e,caso exista,não me foi atribuída esta delegação. Junto com os demais companheiros, minha participação visa exatamente a apoiar o movimento dos trabalhadores urbanos e rurais que estão em luta seja dentro da oposição Sindical,seja fora dela.Como militante do sindicalismo rural,considero de muita importância atuar no exterior no sentido de estimular e apoiar, dentro de minhas limitações,mas não poupando esforços ,as lutas do movimento camponês e incentivar a organização autônoma dos trabalhadores do campo.

4. Considero que do ponto de vista orgânico e formal não tenho o direito de falar em nome da Oposição Sindical,uma vez que,formalmente,a oposição Sindical não me deu esta autorização.
   Acho que, no atual momento,nossas principais tarefas no exterior são as seguintes:
   a) divulgar e apoiar as lutas dos trabalhadores brasileiros;
   b) apoiar os objetivos específicos da Oposição Sindical das diferentes categorias profissionais;

c) lutar junto às entidades sindicais internacionais para que estas reconheçam política e formalmente a Oposição Sindical já organizada no Brasil,estimulando e alargando a solidariedade internacional entre os trabalhadores.No contato com estas entidades devemos estar atentos para não intervirmos e não tomarmos aprtido em relação aos problemas políticos no seio do movimento operário em plano internacional;
d) construir uma infra-estrutura de base material e financeira que esteja à inteira disponibilidade da Oposição Sindical, isto para nos garantir , no Brasil e no exterior , a autonomia política ,jurídica e técnica;
e) sistematizar experiências de organização e luta do movimento operário em plano internacional que possam contribuir para o avanço do movimento operário brasileiro;
f) sistematizar,igualmente,nossa própria experiência de luta junto aos tranbalhadores brasileiros,procurando identificar,compreender e assimilar as causas dos nossos erros (que provocaram tantas derrotas),bem como identificarmos o que fizemos de justo e que nos permitiu pequenas vitoris parciais.
g) Apoiar o conjunto das lutas do povo brasileiro pelas liberdades democráticas.este apoio se dá no quadro das reivindicações democráticas que interessam aos trabalhadores: o direito de greve, liberdade e autonomia dos sindicatos, liberdade de reunião e de organização política dos trabalhadores.Ao nos associarmos,no exterior,ao apoioa essas lutas,devemos guardar a nossa inteira autonomia e independência frente a organizações, partidos e outros agrupamentos políticos. Da mesma forma, acho que poderemos aceitar a colaboração política e material de partidos e organizações que queiram nos apoiar,desde que isto fortaleça a luta dos trabalhadores e não comprometa a autonomia de nosso movimento.

Uma vez que chegarmos a uma base comum sobre os objetivos e as orientações da oposição Sindical no exterior, penso que devemos tomar algumas medidas imediatas no plano organizativo:

a) organizar a Oposição Sindical no exterior, não representativa do ponto de vista formal, para que,dentro de suas limitações,ela possa coordenar e orientar coletivamente o trabalho.caberá à Oposição Sindical,tal como ela existe no Brasil, definir os limites de nossas contribuições enquanto núcleo da oposição Sindical no exterior.
b) Organizarmos biros e sub-biros da Oposição Sindical e os colocarmos ao serviço dos trabalhadores;
c) Tomar as medidas de caráter jurídico e técnico para que o trabalho de divulgação de nossas matérias possa ter um caráter legal,funcionando com rapidez e autonomia.
d) Organizar a assessoria da Oposição Sindical no exterior,Penso que a participação de companheiros na assessoria deve obedecer ao critério fundamental de acordo com os objetivos da Oposição Sindical no Brasil e com base comum que orienta o trabalho da Oposição Sindical – núcleo do exterior.
e) Estabelecer nossos contatos com os companheiros da Oposição Sindical no interior do pais,desenvolvendo nossa partica de trabalho segundo as necessidades que nos são impostas pelas lutas do movimento operário no Brasil.
f) Buscar todos os companheiros operários sindicalistas que vivem no exterior na Oposição Sindical,não permitindo a nenhum companheiro o isolamento orgânico e político”

Assina :Manoel da Conceição Santos ,
Setembro,1977

Perfil de Manoel da Conceição:

Em 2005,quando da realização do Fórum Social Mundial,em Porto Alegre,Manoel deu uma entrevista a revista "Teoria & Debate" , na coluna "Memória". Dela,extraímos alguns dados:
Manoel nasceu em 1935,em Pirapemas,numa comunidade chamada Pedra Grande,no Maranhão.Filho de camponeses,agricultores pobres."Meu avo descendia de indígenas,meu pai de africanos escravos e minha mãe de portugueses".
Em 1953 se mudou com a familia,expulsos por jagunços de suas terras, para a região do Mearim,município de Bacabal.
Em 1957, presenciou ummassacre de uma família por jagunços,sendo ferido em uma perna ao fugir.Nessa época,Manoel era da Assembléia de Deus,professor da esola dominical para juventude e trabalhava na sua comunidade.
A partir deste fato,Manoel fez um juramento de dedicar sua vida a lutar "contra aquele tipo de situação rpovocada pelos latifundiários".Voltou para Pirapemas,onde criou uma associação dos lavradores para retomar as terras.
Em mais um massacre, sete lavradores foram assassinados.Manoel relembra: "Isso também botei na minha agenda.Mas,até 1962,eu era apenas um rebelde.Não entendia de política,só queria vingança daqueles crimes praticados.Estava quase a me transformar nums egundo Lampião...Fui obrigado de novo a sair de Pirapemas e ir para Pindaré-Mirim,para não ser pego...Ai,graças a Deus,encontrei uma equipe que tinha sido criada pela Igreja,que se chamava MEB(Movimento Educação de Base)".Manoel participou de um treinamento de treze dias para conhecer coisas como cooperativismo,sindicalismo,política. A partir daí,Manoel e outros companheiros criaram 28 escolas para ensinar a noite os adultos e durante o dia as crianças.
Em 1963,fundaram o primeiro Sindicato dos trabalhadores Rurais do Maranhão.Um mês antes do golpe militar de 1964,Manoel foi eleito presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Pindaré-Mirim,com uma base de 3.000 lavradores.Fundaram uma Cooperativa com armazéns coletivo de arroz.
O Sindicato fazia manisfestações com 50.000 trabalhadores na rua,em três cidades,tudo num só dia.
O Exercito interviu e prendeu mais de duzentos lavradores,outros fugiram para o meio do mato.
A primeira prisão de Manoel ocorreu em julho de 1968.A policia invadiu o Sindicatos,houve tiroteio e Manoel foi ferido numa perna.O pé esbagaçou todinho.Foi preso por oito dias na cadeia de Pindaré-Mirim.Não recebeu tratamento e a perna gangrenou.Em São Luis,amputaram a perna.
Manoel foi para São Paulo."Em 1969,quando estava em São Paulo,fui ao ABC,a Osasco e andei em São Paulo fomentando a criação de comissões de fabrica,para se transformarem em oposição sindical contra a ditadura militar.Fui para Minas,trabalhei muito em Contagem,onde tinha um companheiro operário chamado Enio Seabra,e lá fin um trabalho com os operários – quase uns trinta dias fazendo

reunião,discussão.E criando oitras oposições, a Igreja foi criando,e foi crescendo esse trabalho".
Após o golpe militar<Manoel e outros lavradores formaram o "MEB Alternativa do campo".Nesta época,conheceu Rui Frazão,da AP.Manoel entrou na AP,chegando ao ser do Comitê Central,da Executiva nacional,onde conheceu militantes como Jair Ferreira e Paulo Wrigth. Em 1969,Manoel foi para China,onde fez curso político,de instrução militar,de uerra de guerrilha.Esteve com Mão Tse-tung , que lhe deu três pareceres, sobreduto que "Chegando ao seu pais,começe a estudar ahistoria do seu povo,a sua vida política,econômica,cultural,educacional,e comece ,a partir daí,a construir um programa correspondente ao que esse povo quer.Porque a China foi importante,mas para a China.Para o Brasil,ela não é importante".
Após nove meses na China,voltou para o Brasil,clandestino via Chile,Argentina e Uruguai,sendo preso em Pindaré-Mirim janeiro de 1972.Foi enviado para o DOI-CODI no RJ,onde passou oito meses.Foi enviado para Bahia,Recife e Fortaleza,onde foi julgado e libertado em 1975,pois dos 3 anos de pena já tinha passado 3 e meio na prisão. Manoel voltou para SP.Foi preso outra vez.Após pressões da Igreja e de comitês da Anistia Internacional,Manoel foi para o exílio na Suíça,onde ficou três anos e meio.

Após cerca de 20 anos, Mane´,como é chamado pelos amigos e companheir@s , desenvolve um amplo trabalho de economia popular e solidária em Imperatriz no Maranhão.São 12 cooperativas em 12 municipios, articuladas numa Cooperativa Central - a CECEMA.É, na verdade, uma experiência profunda de 'desenvolvimento local' , territorial e autosustentavel.

3) Histórico de Rolando Frati, por ele mesmo.

"É preciso dizer que devo começar desde muito tempo atrás.Começarei por levantar algumas questões polemicas.Entendo que não se deve, se é que se pretende transmitir uma experiência valida, relatar fatos senão de um ponto de vista critico.

Ingressei no PC sem etembro de 37,após 10 anos de militância no Movimento Operário.Já havia sido vice-presidente e secretario do Sindicato dos Trabalhadores na Industria de Produtos para a Construção Civil,da capital de São Paulo,e em 37 era presidente do mesmo sindicato.Vinha participando de todas as lutas do Movimento Operário desde a insurreição cívico-militar de 1930, que havia conduzido Getulio à Presidência da Republica ,seja na organização de comissões intersindicais de empresa); nas discussões que redundaram na fundaão da "União Sindical" de São Paulo;nas lutas contra o Integralismo iniciadas em 33; na campanha pela Constituinte em 34;nas ações da "Aliança Nacional Libertadora" de sua fundação ao seu fechamento em 35;na campanha eleitoral em 37 e depois do golpe de 37,nas lutas contra o fascismo,pela anistia,por uma Assembléia Constituinte,etc.Para encurtar,participei de todas as lutas da classe operaria até o momento de minha 12ª prisão em maio de 1969.*

A primeira questão a examinarmos criticamente é do porque o pequeno aguerrido proletariado,nascido na segunda metade dos éculo anterior,o qual já em

1906 realizava o seu primeiro Congresso e afirmava: "O sindicato não deve ser casa de assistência,para isso existem as mutuas,o sindicato deve ser órgão de resistência e de luta contra os exploradores dos trabalhadores! E, no seu 2° Congresso (1913)já lutava por reivindicações tais como: direito de greve, liberdade sindical e outras ainda não conquistadas. Por estas questões fez greves que ficaram na historia do Movimento Operário,como a greve geral de 1917 e a de 1919.Não obstante esta rica tradição ficou fora de um dos mais importantes acontecimentos de nossa historia: a insurreição cívico-militar de 1930.E por que esse acontecimento foi tão importante ? Por que a classe operaria não foi protagonista ?

1- pela primeira vez na historia a burguesia industrial nascente,as cmadas urbanas,o "Tenentismo" fisicamente representado pelos legendários combatentes de 22(forte de Copacabana) e 24(sublevação dos quartéis da capital de São Paulo)24-27 (marcha da Coluna Prestes) e outras forças progressistas estão presentes no Governo e no Estado brasileiros.A "Oligarquia Agrária", antes base do domínio colonial, e agora da dependência à Inglaterra, já não está só no Governo.Tem a companhia de forças antagônicas...só não está a classe operaria.

2-Por que ? Principalmente devido a sua imatueridade política que a subordinava em termos absolutos ao anarco-sindicalismo,corrente política, que alias a havia despertado e organizado para a luta, mas tendo com estratégia a conquista de uma sociedade,sem o Estado,não podiam admitir que a classe operaria participasse de uma aliança onde estava presente a burguesia. De outro lado,igualmente,o nascente PC gozava de considerável parcela de influencia sobre o operariado e tinha,como os anarquistas uma linha política 'obreirista',a chamada linha "Classe contra Classe", isto é, a linha que não admitia alianças com forças não operarias.Essa posição política como se sabe, era uma resolução da "Internacional Comunista" tomada em seu 3° Congresso em 1921, obrigatória a todos os partidos a ela afiliados.Assim que a classe operaria,foi apenas torcedora de um movimento em que deveria ter sido protagonista,com um programa próprio, formulando suas exigências.

Em fins de 28 os partidos e personalidades de oposição ao governo do latifúndio sempre formado à base do eixo Minas-São Paulo,organizaram uma Frente:a "Aliança Liberal". Tinham Getulio como candidato à Presidência,incluía algumas das reivindicações operarias em seu programa (jornada de 8 horas, férias, seguros,liberdade de organizar sindicatos,etc),vitorioso o movimento que de eleitoral se transformou em insurreição armada,partindo dos quartéis,surgiram sindicatos aos montões.Como herança do anarco-sindicalismo, se organizaram por profissão, o que se justificava dado o pequeno numero de fabricas e operários e também porque devido a implacável perseguição que lhe moviam desde seu nascimento,os operários se organizavam em grêmios profissionais dentro dos locais de trabalho e os grêmios por sua vez agrupavam-se nas "Ligas".Agora com a nova situação os grêmios se transformaram em sindicatos.isso trouxe certa dificuldade para a unidade, sem o que não se pode pensar em ação política.Mas a experiência acumulada e a existência de um bom numero de quadros* sindicais provados,permitiram a formulação de uma posição política que ao superar o 'obreirismo' com a organização de comissões intersindicais de empresa e a unidade também na cúpula.Com essa unidade o movimento operário começou a sair das dificuldades e a passar à lutas mais serias.

3-Que posição política conduziu à unidade sindical nas empresas e na cúpula? "Apoiar o Governo exigindo que as promessas constantes da AL fossem cumpridas e as leis já decretadas fossem aplicadas"! (muitas leis já existiam mas a pretesto de não estarem regulamentadas não eram cumpridas).Essa posição permitiu chegarmos a organização da União Sindical de SP, a qual foi uma escola de combate e de democracia operraia.Além disso, nos aproximou de outras forças, não operarias, que se identificavam com o movimento operário nas reivindicações democráticas.

Assim que em 1933 a classe operaria foi o esteio principal na luta contra a ofensiva dos Integralistas: impedimos uma concentração nacional na praça da Sé e logo depois na av.Paulista.Identicas ações se verificaram também em Bauru,Ribeirão Preto,Santose em outros pontos do pais, com isso os integralistas tiveram que passar a fazer atos em recinto fechado e...quando conseguiram proteção policial! A ofensiva da classe operaria se fez sentir também na campanha pela Constituinte e eleição indireta do presidente da Republica em 1934; aprovou uma constituição que assegurou uma relativa liberdade sindical (liberdade de organizar,mas tinha-se que esperar o registro no Ministério do Trabalho e havia outras disposições que asseguravam ao MT o direito de dissolver ou vetar a organização de um sindicato) contudo garantiu a organização de uma central (em 35, organizamos a "Confederação Unitária Sindical Brasileira");assegurou o direito de greve e outras franquias democráticas.Um dispositivo da lei eleitoral permitia a eleição de deputados classistas por voto indireto,assim os delegados eleitores em convenção nacional elegeram 17 deputados que tiveram papel positivo no Congresso,entre outros apresentaram um projeto que organizava o sindicato único por fabrica,por exemplo,na industria têxtil todo o operário,exceto os de escritório,que ali trabalhasse,não importava se pedreiro ou mecânico,teria que filiar-se ao sindicato têxtil;criava a Confederação;não admitia qualquer interferência do MT.Foi aprovado o projeto da bancada da Liga Eleitoral católica, menos pior que o apresentado pela bancada do governo.

Em 1943, vários grupos de esquerda no Rio lançarm a "Aliança Nacional Libertadora" com o lema: "Terra e Liberdade" e um programa conseqüentemente antiimperialista e antilatifundiario, colocava o problema de um novo poder. A ALN cresceu como bola-de-neve.Em poucos meses estruturarm-se milhares de núcleos em todas as camadas sociais,nas fabricas,nos bairros,nas escolas,inclusive nos escalões inferiores das Forças Armadas,etc.Tinha uma estrutura simples e democrática,os representantes dos núcleos formavam no seu conjunto os núcleos de municípios,zonas,etc.Suas formas fundamentais de agitação e propaganda eram os "Comandos" e os comícios relâmpagos.O governo e o imperialismo eram o alvo principal dessa agitação.

As forças ativas da ALN eram as mesmas que em 1930 haviam derrotado a oligarquia agrária.Esse fato constitui uma aberrante contradição,pois essas forças continuavam participando do governo Vargas,a execeção dos comunistas,nessas condições o governo de Vargas se achava entre dois fogos,isto é,combatido pela direita e também pela esquerda.

O crescimento da ALN leva a direita do governo a pressionar o Congresso no sentido da aprovação do estado-de-sitio,alegando que s instituições democráticas estavam em perigo,o que não lhe foi fácil,teve que fazer muitas manobras de bastidores,mas ao fim o estado-de-sitio foi aprovado em abril de 1935.Entretanto,as contradições no seio do Poder Exectivo,no Legislativo e no Judiciário,eram de tal ordem que não havia condições de aplicar com rigor as medidas repressivas.

Estávamos nesta fase da luta, quando em 27/11/35,fomos surpreendidos com a tentativa de rebelião no 3° RI-Rio e Natal.Digo surpreendidos porque nenhuma das forças que compunham a ALN foram previamente consultadas.A tentativa de rebelião foi obra do setor militar do PC.O movimento operário foi o primeiro a sofrer as conseqüências.A CUSB,a US e outras coordenadoras foram empasteladas,os sindicatos mais combativos postos sob intervenção e desta vez o Congresso aprovou a Lei de Segurança Nacional.As consequncias do 35 enfraqueceram igualmente os setores antiimperialistas do governo (centenas de militares e autoridades civis foram destituídas e presos).

Dois fatores ajudaram muito a abrandar a onda reacionária.1°,a Constituição de 34 e o Congresso ainda funcionavam,e de certo modo eram ponto de apoio das forças democráticas; 2°, em fins de 37 com o lançamento de José Américo,candidato da situação à Presidência,teve inicio a campanha

eleitoral.Jose Américo lança um programa que cai no agrado das forças progressistas,visto que o candidato da oposição,Armando Sales,agrupava em torno de si todas as forças reacionárias que haviam sido depostas em 1930,além destes dois fatores nacionais,também nos favoreceu muito a situação política internacional,que era marcada pela tomada de iniciativas das chamadas democracias contra o eixo nazi-fascista.Esses fatores permitiram uma rápida rearticulação das forças democráticas e do movimento operário em todo o mundo.O PC apesar da bestial onda anticomunista consegue,embora com dificuldade,a rearticular-se,ajudado sobretudo pela mudança da linha política.A IC* em seu 7° Congresso em 35 havia baixado a resolução a todos os PPCCpara formarem "Frente Única" contra o fascismo.Nessas condições a campanha eleitoral toma um forte acento antiimperialista,inclusive o passado anti-fascista de José Américo ajudava muito.

A direita assustada pede a Vargas um novo estado-de-sitio.O Congresso recusa alegando que a campanha eleitoral não era uma ameaça às instituições.porem as provocações prosseguem,um grupo de integralistas tenta assaltar o Palácio da Guanabara,residência do Presidente da Republica,pouco depois os jornais publicaram com grande astardalaço o 'Plano cohen',acompanhado da publicação de uma entrevista do chefe-de-policia que afirmava ser o plano dos comunistas para a tomada do poder,pois se haviam rearticulado na campanha eleitoral.Anos depois,soube-se que o autor do plano havia sido o capitão Mourão Filho (um dos comandantes do golpe de 1964).

Em 10 de novembro de 1937, Getulio fecha o Congresso e apresentaq à Nação uma nova Constituição,mais uma vez as forças antiimperialistas foram glopeadas.Foram proibidas as greves,foram congelados os salários,foi instituído o Atestado de ideologia,os sindicatos postos sob intervenção e agora diretamente por agentes do DOPS*.getulio proclama que "os sindicatos são órgãos de colaboração com o Estado na manutenção da paz social e não instrumentos da luta de classes",

Coerente com essa filosofia,Vargas vai baixando sucessivamente decretos e portarias reacionários,cria o imposto sindical,visando transformar os sindicatos em órgãos de assistência.Proibe a central sindical,cria Federações e Confederações, órgãos,como se sabe,burocráticos e antidemocráticos,fontes e escolas de corupção.

Porém,a crescente ameaça do eixo por uma nova divisão do mundo,e o seu reacionarismo contra as forças progressistas,joga para uma ofensiva ainda maior os paises democráticos bem como todas as forças antifascistas;esse clima internacional tem forte repercussão no Brasil.Com isso as forças antidemocráticas vão sofrendo um esvaziamento.

Nesse clima,em fins de 38,surge a "Liga de Emancipação Nacional",a qual tinha como bandeira:"contra o fascismo;em defesa das riquezas nacionais".À sua frente viam-se suboficiais da ativa e reformados,magistrados,intelectuais,estudantes,etc.essa composição indicava que as forças do setor antiimperialista do governo que haviam sido postas à "escanteio" com o golpe de 37, voltavam a ribalta.Compreendemos igualmente que nisso jogava um grande papel,os EEUU,pois tinham todo o interesse em arrastar o Brasil para o seu lado.Contudo, a Liga teve um grande papel: combateu um projeto em curso que dava todos os minérios da Vale do Rio Doce à Ianque Itabira iron;ressaltava a necessidade urgente de uma grande siderurgiaca nacional e da exploração do petróleo pelo governo federal,daí nascendo a Petrobrás e Volta Redonda.

Ao movimento sindical,que ainda não se havia refeito,o aparecimento da Liga foi de grande ajuda política, nos deu maior espaço de circulação no trabalho de rearticulação,já sem intervenção,nas empresas e bairros,reconduzindo velhas tarefas do movimento operário acrescidas agora das novas exigências: romper com o eixo;anistia e coleta de ajuda às famílias dos presos políticos,etc.enfim,criavam-se melhores condições para o trabalho popular,embora não se desse o mesmo nas questões especificas da classe operaria (direito de

greve,aumento salarial,liberdade sindical,eram tabus.Não se devia tocar),mesmo assim,em 38 tivemos 3 greves de repercussão: em Lins,dos assalariados agrícolas e dos operários na Construção;em São Bernardo,então maior centro produtor de moveis do Estado,greve geral dos marceneiros e a dos Servidores da E.F.Sorocabana,nesta por atraso do pagamento,tendo em conseqüência o governo estatizado a empresa,e,dissolvido o sindicato sob acusação de incentivo à desordem...Em 41,com o apoio por baixo do pano do governo do Estado e dos etord emocratico do governo federal,fizemos uma gigantesca passeata na capital com a presença de delegações sindicais de todo o Estado.Nela desfraldamos todas as reivindicações,desde as especificas até as gerais como Anistia, Constituinte,rompimento com o eixo e outras.Getulio presente,a quem a passeata era dedicada,declarou em seu discurso que "ninguém podia marchar contra aquela torrente".

Em 42, Vargas rompe com o eixo e baixa uma serie de medidas simpáticas: lei antitruste; congela o preço de 14 produtos de grande consumo popular.Tais medidas provocam o estrilo das 'classes produtoras' ;como resposta pôe sob controle do Exercito uma serie de industrias e setores da agropecuária.

Em 43,baixa a CLT.Nela ratifica e retifica leis já vigentes.Atende uma velha reivindicação como o sindicato único por setor industrial e mantém a estrutura para-fascista de 37.

Vargas recompunha constantemente o Ministério,numa dessas entra um 'legalista' de SP e como primeiro ato na qualidade de Ministro da Justiça pos em liberdade cerca de 2 mil presos políticos,por ainda não terem culpa formada,embora muitos estarem presos desde 35...Contudo,isso não ajuda muito o partido (PC) particularmente em SP,onde as dificuldades e divisões dificultavam seriamente a atuação do partido,nessa fase eu pertencia ao 'biro sindical' regional do partido e posso afirmar que foi este organismo a agüentar a barra de 39 a 45.

Que motivos políticos teriam levado Vargas ao golpe de 37 ? Há muitas versões.Particularmente,estou convencido que o golpe deveu-se a predominância na campanha pró-José Américo das forças não apenas anti-fascistas ,mas igualmente antiimperialistas e o seu alvo principal eram os ianques.Nessas condições,considerando que na medida em que Vargas foi rompendo com o eixo,foi também mudando gradualmente a composição de seu Governo com a volta a ele do setor expurgado em 37; a vitória de J.Americo traria um enorme reforço deste setor o qual poderia levar o pais a uma posição de neutralidade como a Argentina ou ao enfraquecimento,ou mesmo a cessação da dependência dos ianques.nenhuma das duas coisas interessava aos EEUU.

O movimento operário procurou aproveitar ao Maximo as chamadas aberturas,isto é,as iniciativas e as mudanças provocadas pelas contradições nos eio da burguesia.Entretanto,no setor sindical não tivemos grande êxito.Depois da passeata o arrocho foi maior.A maquina do MT sob a chefia do reacionário Marcondes Filho,não dava vez,era mais realista que o rei.Por exemplo,em 41 depuzemos a diretoria da Federação dos sindicatos na Construção,poucas horas depois o ministro mandava intervir nomeando um apontador da empresa de construção que está lá até hoje como interventor.E,como o ministro justificou a intervenção ? Textualmente dizia no despacho:"na diretoria eleita há elementos suspeitos de exercerem atividades contrarias às nossas instituições".

Em 44, no Rio e em SP ,organizamos Movimento Unificado do Trabalhadores,composto de : comunistas,restos do anarcosindicalismo e socialistas,getulistas,católicos da JOC,e lideres sem partido,coordenava as comissões operarias e levava como programa as velhas reivindicações do movimento operário (direito de greve,liberdade sindical,CGTB).Outro ponto de apoio de certa importância foi o cooperativismo,era tolerado e estimulado pelo governo,visava incrementar o cooperativismo nos meios operários.Criou para isso,uma comissão sob a presidência de um alto funcionário da secretaria da agricultura e integrada por operários.Fundamos cooperativas na capital,em Santos,em Santo Andre,.Maua e S.Bernardo,as quais tiveram um rápido

crescimento,transformando-se em excelente infra-estrutura do movimento democrático.Todas essas cooperativas foram invadidas e saqueadas pela policia política em 47 no estourar da 'guerra fria'.

8 de maio de 45,fim da guerra.Enorme euforia,gigantescas manifestações.Anistia= milhares em liberdade.O forte carisma e a grande autoridade de Prestes foi um fator decisivo para unificar o PC;formam-se filas para nele ingressar.A URSS ganhou projeção mundial,faz relações com todos os paises.O PCUS afirma; que o imperialismo havia saído da guerra com os dentes quebrados e não tinha possibilidades de recuperar-se! Havíamos chegado na fase da possibilidade da via pacifica da revolução.A IC havia sido declarada extinta em 43,contudo,o que afirmava o PCUS continuava valido para todos os PCs.

Mas dentro da euforia geral,o clima era de golpe.O grande tema político era: Constituinte com Vargas ou sem Vargas ? Quem eram as forças interessadas no golpe ? Já antes do fim da guerra a direita do governo e da burguesia pro-ianque começaram a articular-se numa organização denominada "esquerda democrática" ,a qual em 45 toma o nome de "União Democrática Nacional",tendo o brigadeiro Eduardo Gomes,um dos heróis dos '18 do Forte' como bandeira (a conclusão política é fácil; Constituinte com Vargas seria reforçar as forças antiimperialistas que participavam do seu governo).

Pouco depois de Prestes sair da prisão estivemos com ele numa representação sindical.Lamentamos a tomada da posição, "Cosntituinte com Vargas" ter sido tardia,não concordamos em abrir mão da organização da CGTB e consideramos impossível impedir que a efervescência reinante no meio operário acabasse em greves.

Em julho de 45,no comício do Estádio de São Januário,prestes prega a linha "Paz e Tranqüilidade" que nós batizamos por "Linha de apertar o cinto",repetia o que afirmava o PCUS e acrescentava que naquele momento as greves serviam as forças reacionárias e que os aumentos salariais impediriam a acumulação indispensável à emancipação nacional!

Outra vez o movimento operário estava dividido.As greves,como se previa,não foram evitadas,porém limitaram-se,por falta de orientação política,a aumentos salariais. No Rio,houve a tentativa por parte do que restou do MUT (nos e outras forças o havíamos abandonado) de formar a CGTB,não teve êxito,pois num acordo de bastidores no MT a maioria dos sindicatos continuou a aceitar a velha estrutura do Estado Novo.Foi uma nítida divisão do movimento operário que beneficiou a burguesia.

Getulio foi deposto e meses depois foi eleita a Assembléia Constituinte;elegemos 14 deputados e 1 senador.A Assembléia elaborou uma Constituição positiva ,assegurou o direito de greve,não admitia o crime ideológico e outras franquias democráticas.As forças democráticas da assembléia,entretanto,não conseguiram anular a LSN.Nas eleições seguintes para Estados e Municípios elegemos bancadas em todas as Assembléias Legislativas dos Estados e fomos majoritários em importantes Câmaras Municipais: capital de SP, 14 vereadores em 21, Santos idem,Santo André,13 vereadores em 17 e o operário Armando Mazzo como prefeito,igualmente em Sorocaba e outros municípios tivemos bancadas relativamente expressivas.isso significa que apesar de tudo o PC era a esperança das grandes massas.

Em 1947,os EEUU baixam o Plano Marshal,que consistia em derramar montanhas de dólares nos paises onde se havia criado uma situação revolucionaria,como Itália,França,Japão e outros.essa intervenção financeira dos EEUU permitiu asburguesias locais retomar a reconstrução da economia nacional desses paises,nascendo daí o 'boom economico' nas sociedades de consumo dos paises desenvolvidos.Ao mesmo tempo lançou a chamada 'Doutrina truman" (guerra fria) que consistiu em construir bases militares em torno da URSS,alegando que esta se preparava para invadir o mundo capitalista cuja preocupação principal era ilegalizar os PCs e cassar todos os mandatos desses partidos.

Assim, perdemos todos os mandatos,sendo que os vereadores e prefeitos eleitos nem sequer tomaram posse.Os sindicatos e também muitas cooperativas foram alvos da reação,a Constituição foi praticamente suspensa,e Dutra,eleito presidente em 1945,governou o pais praticamente com a LSN.

Em conseqüência,mudamos de Linha política.adotamos a linha que viria a ser chamada do "Manifesto de Agosto",visto ter sido ratificada em uma reunião do comitê Central,em agosto de 1950.

Em que consistia essa linha ? Formar Comitês Democráticos de Libertação Nacional, a fim de através deles realizar as mudanças radicais necessarias à libertação economica e política do pais, formar sindicatos paralelos,pois os oficiais não passavm de sucursais da policia, realizar atos de repercusão capazes de comover e por esse meio incorporar as massas no processo revolucionário.

Que resultados alcançamos com essa linha ? O PC que,com o endurecimento da situação ficou muito reduzido,embora pagando com alto preço e sofrendo um desgaste crescente,realizou feitos dignos de nota, mostrando assim do que seria capaz de realizar dentro de uma linha mais próxima da realidade. Porecatu (Paraná) e Dourados (Mato Grosso) organizou a resistência armada de camponeses contra o latifúndio.Em Formoso (Goiás) dirigiu uma luta de massas de grande proporção em defesa da terra, no movimento operário realizou a greve chamada dos "Navios Espanhóis" no Porto de Santos,onde durante 32 dias não foi carregado ou descarregado nenhum navio; era a aplicação de uma resolução da FSM* que mandava boicotar todos os navios de Franco*;alias, é preciso dizer que na América Latina,somente Santos,Montevidéu,Havana e Santiago de Cuba cumpriram satisfatoriamente essa palavra-de-ordem.Vigorosa foi igualmente a greve geral dos têxteis de Sorocaba e nada mais houve que pequenas escaramuças aqui e acolá.Nas lutas populares merecem destaque a aplicação da palavra-de-ordem "Dutra não visitará Santos";visitou,mas teve que faze-lo metido dentro de um tanque.Foi realizada também a campanha popular contra a pretensão do goveno de mandar soldados combater na Coréia ao lado dos Yanques,a palavra-de-ordem de "Os soldados nossos filhos não irão para a Coréia",foi plenamente vitoriosa.Também merecem destaque a campanha da coleta de assinaturas em favor do apelo de Estocolmo (Congresso Mundial da Paz),na organização de Centros em Defesa do Petróleo,de Comitês da Cruzada da Paz,comícios relâmpagos,enterros simbolicos,etc,realizados em geral pela UJC*.Quanto aos sindicatos paralelos, só os comunistas e os mais destemidos iam para lá,não tiveram êxito.

Posso afirmar que os 2 Municipios mais conseqüentes em aplicar essa política foram: Santos e Santo André,por isso pagaram o preço mais alto.Em Santo André,o PC que havia sempre tido grandes êxitos desde a sua fundação,em 1950 estava reduzido a dois grupos mixtos.Santos,cujo mérito revolucionário não necessita repetir,e para o qual fui transferido em 1949,devido a estar cansado de sofrer cadeia 8 vezes em 2 anos,e portanto não ter mais condições de atuar em Santo André,fui encontra-lo reduzido a 91 membros dos 3.600 que tinha em 45,a base da estiva que havia sido a maior do Estado com 150 membros estava reduzida a 13.

Quanto aos CDLNs, órgãos destinados a ser a base do novo Poder,que se pretendia fosse representativo de todas as forças antiimperialistas e antilatifundio,os poucos que se organizaram não passavam de grupos de comunistas com outro nome.

Na verdade, a nossa linha política estava longíssima da realidade.O Brasil como os demais paises achava-se em plena retomada do desenvolvimento econômico, prova que o imperialismo não havia saído da guerra com os dentes quebrados...e esse desenvolvimento era acompanhado de uma dura onda repressiva em todos os paises.Ademais uma Frente não se forma à base de um decreto de um partido,seja qual for,ela é sempre o resultado de uma pratica revolucionaria de varias tendências que em dado momento sentema necessidade de unir-se num escalão superior, na base de um programa de ação política.

Essa linha foi mantida até 54, precisamente até o suicídio de Vargas.De 46 a 50, a direção do golpe principal como se diz na gíria revolucionaria foi dirigida contra Dutra.A ele era atribuída a onda de reação,bem como o rompimento com a URSS.Que infantilismo! Atribuir a um só homem tudo o que estava acontecendo,quando na realidade a reação era da burguesia e em todos os paises capitalistas para se desembaraçar,na base da porrada,dos alidos que ajudaram a derrotar o nazismo.

Com as eleições de 50,Vargas,fortemente apoiado pelas forças populares e pelo PTB,voltou à Presidência da Republica.As mesmas forças que em 30 haviam derrotado a oligarquia agrária,desta vez,batiam eleitoralmente à direita,disseminada em todos os partidos e fundamentalmente na UDN,cujo candidato foi Eduardo Gomes.

Na posse Vargas apela para a União Nacional como uma necessidade imprescindível,a fim de paralisar a marcha dos inimigos abertos e disfarçados da Nação.inclui no governo adversários da véspera e declara que não reataria relações com a URSS.isto levou o grupo dirigente do PC a decidir que Vargas era igual a Dutra;portanto,mantiveram a mesma linha da época da guerra fria.Em agosto de 50, o Comitê Central confirma e dirige um veemente apelo ao PC para redobrar esforços na aplicação da linha...Uma só vez atreveu-se a criticar o erro daquela linha política,foi o companheiro J.M.C.*,afirmando que a vitória de Vargas havia posto em movimento forças antiimperialistas,com as quais devíamos trabalhar no sentido de pressiona-lo no caminho da libertação econômica do pais.

A seguir Vargas tomou uma serie de posições e medidas positivas: em Curitiba,denunciou a espoliação imperialista; expropriou todas as terras em conflito,como Porecatu e outras,e as entregou aos camponeses.Goulart,Ministro do Trabalho,decretou o aumento em dobro do salário mínimo, anulou o Atestado de Ideologia e liberou eleições em todos os sindicatos.

Face a esta onda de 'distensão', a direção baixou em 1952 o documento "Por uma Nova Política Sindical";nele,ensaia uma autocrítica, mas,limita-se a dizer que os 'paralelos' haviam sido um erro e nada manda todo mundo voltar para os sindicatos...Na verdade,já tinham voltado.Com a mudança de clima dentro das empresas e mesmo nas cúpulas sindicais,mudanças estas iniciadas com a vitória de Vargas, estava mudado também o modo de pensar dos operários comunistas,como de todos os operários de esquerda.

Ganhou,assim,maiores dimesões a organização das COMISSÕES de EMPRESA {getulistas,comunistas,católicos e outras correntes(grifo nosso)}.A retomada de iniciativa do Movimento Operário exigiu grande trabalho da frente sindical: organizar comissões unitárias, discutir programas,montar chapas eleitorais.

A esquerda foi vitoriosa na quase totalidade dos sindicatos,consolidando uma fusão entre as cúpulas e as Comissões de Empresa com a finalidade de desencadear as lutas em defesa das reivindicações em curso.Da greve,em fins de 52,no Porto de Santos (foi a primeira depois da dos navios espanhóis e também a primeira no Estado de São Paulo,depois da guerra fria)passamos a dos 530 mil na capital de São Paulo,em 53 (têxteis,químicos e metalúrgicos); foi uma greve violenta pois a policia política e a FP movidas pela lei da inércia pretenderam impedi-la.Houve diversas refregas e muitas viaturas foram queimadas pela massa,durou cerca de um mês e foi vitoriosa.Era o inicio de um Ascenso que se tornou nacional, a luta foi comandada pelo Comando Geral de Greve, que cessada a greve se transformou no Pacto de Unidade Sindical,incluindo os principais sindicatos da capital.

Essa retomada do Movimento Operário foi aos poucos se ampliando para outras camadas.Passou a empregar esforços na ajuda política e material ao movimento camponês, o qual como se sabe,havia sido despertado,no Nordeste pelas "Ligas" de F.julião e no RGS pelo nacionalismo de Brizola durante seu governo naquele Estado,tomou maior ímpeto depois do Congresso Camponês de Belo Horizonte,em 1962,ao aprovar as reivindicações pelas quais já vinha lutando: "Reforma Agrária na lei ou na Marra", extensão das leis trabalhistas aos trabalhadores do campo e

pela aplicação do Estatuto do Trabalhador Rural.Estas 3 tarefas uniram: Assalariados Agrícolas,Posseiros,Peões,Pequenos e Médios Proprietários Agrícolas,despertanto para a luta os camponeses de todo o pais.

Essa premissa de aliança Operário-Camponesa conquistou o apoio de outras forças : do Movimento Estudantil,que estava nacionalmente unido...

(aqui,falta uma página no documento)

...outro lado,mandando um ultimato ao Congresso,como se já estivessem com a revolução os milhões de explorados e oprimidos pelos grupos financeiros internacionais e a burguesia brasileira a eles associada.Tais desacertos só podiam gerar confusão nas massas e jogar as direções atuantes, isto é,operativas,à uma posição defensiva.O CGT,por exemplo,menina dos olhos das demais forças em luta, lançou a palavra-de-ordem "se houver golpe, greve geral",foi o cumulo da defensiva,da conciliação com o setor direitista da esquerda,que ao disseminar duvidas entre as massas em luta, servia na realidade às forças recionarias.Mas a burguesia,o latifúndio e o imperialismo que estavam vendo seus privilégios ameaçados,não colocava as coisas no condicional.Dizia que ia dar golpe para impedir que o Brasil se tornasse uma republica 'sindical vermelha' ,e deu mesmo !Em 1° de Abril,amanheceram com os tanques na rua.Mais uma vez o proletariado e as demais forças antiimperialistas pagavam um alto preço pelo seu atrevimento.

Conclusões:

1- Como vimos, o educador e organizador do movimento operário no Brasil,como em outros paises da América latina,foi o "Anarco-sindicalismo" vindo com a massa de imigrantes,poloneses,protugueses,espanhóis,italianos - estes maioria absoluta - e de outras procedências.Começaram a chegar em 1865,inicio do 'Ciclo do Café" e da industrialização e da substituição da mão de obra dos escravos africanos,cujo trafego havia sido proibido em 1850 pela Inglaterra, rainha dos mares e do domínio colonial.Mas, a partir do começo do século XX,começaram a chegar muitos operários especializados,iam de pedreiros e mecânicos até jornalistas e gráficos,cuja maioria se constituía de anarco-sindicalistas.Era a corrente predominante na Europa,o que aliás,pode ser comprovado com a simples leitura dos títulos dos 13 jornais que organizaram no correr do século.Com else vieram quadros,como Oreste Ristori e outros,organizadores e ducadores Anarco-Sindicalistas,que formaram dirigentes da classe operaria que ficaram na historia: Astrojildo Pereira, Edgar leuroth,Aristides Dias, Lobo e outros,dos quais,alguns como A.Pereira à frente,em 1922 fundaram o PC.

2- A influencia ,portanto,do Anarco-sindicalismo foi um fenômeno de massa que trazia essa ideologia de seus paises de origem.É bom notar que dos cerca de 300 mil operários que compunham a classe operaria em 1920, 90% ainda era constituída de estrangeiros.Devemos manter com o Anarco-sindicalismo o mais profundo respeito por terem iniciado a educação revolucionaria da classe operaria e,ao mesmo tempo,extrair o ensinamento,a lição de que Linha política não se transplanta mecanicamente de um país à outro.Quem o faz paga com o próprio desaparecimento.Quem se deixa influenciar sofre derrotas.Esta foi a causa do declínio do

Anarco-sindicalismo,iniciado nos anos 20.Queriam passar de uma sociedade baseada na exploração desapiedada de uma classe sobre outra,para uma sociedade sem Estado e sem exploradores.Por isso,vetavam à classe operaria a política de alianças com outras forças antiimperialistas.Um erro grave,particularmente,em se tratando de pais dependente.

3- Com o enorme impecto provocado pela grande revolução socialista de outubro na Rússia, grande porque provocou a primeira ruptura no sistema capitalista,com a criação do primeiro Estado proletário,o vácuo deixado pelo Anarco-sindicalismo passa a ser tomado pelo PC.Mas,o PC ao nascer subordinado à política da Internacional Comunista ,que consistia em aplicar mecanicamente o modelo da revolução Russa de 1917,linha que na pratica era igualmente obreirista tanto quanto a dos Anarco-sindicalistas,levaram o movimento operário a erros graves como já nos referimos.

4- Pelo exposto,vê-se que a falta de AUTONOMIA do movimento operário, o qual além de ter influenciado negativamente outras forças antiimperialistas,viu-se varias vezes metido em becos sem saída;

Não participou de forma organizada,independente,com programa próprio,da insurreição cívico-militar vitoriosa em 1930,com o inserimento no governo e no Estado brasileiro,de forças objetivamente antiimperialistas;
Em 1932,ao levar o movimento sindicala assumir uma justa posição política diante do governo, posição que levou à unidade na cúpula sindical,à estreita colaboração com o setor antiimperialista do governo,a retomar as lutas operarias e um nível de organização com a estruturação do CISE e a US de São Paulo teve possibilidade de fundir as lutas políticas gerais de interesse particular da classe operaria,assim,foi a força principal na liquidação política do Integralismo a partir de 33,bem como a ume xito considerável na campanha pela Constituinte em 34.

5- Em 34,foi a componente principal da ANL.Nessa Frente também participavam setores antiimperialistas do governo.Sofreu duramente as conseqüências de uma posição política errada e da falta de unidade da ANL.Foi o bode expiatório da tentativa de sublevação comunista de 35 a partir dos quartéis.
6- Foi o alvo principal do golpe de Vargas em 10-11-37,que instituiu o Estado Novo.A burguesia pró-Ianque e os Estados Unidos,trabalhavam para atrelar o Brasil ao lado das potencias que se preparavam para barrar a expansão militar do Eixo e não queriam um aliado,em cujo seio contava com forças não só antifascistas,mas igualmente antiimperialistas,que tinham os monopólios ianques como o alvo principal.O golpe visou afastar estas forças do governo e paralizar a retomada do movimento operário, o qual não obstante a onda repressiva de 35,vinha se rearticulando nos comitês pró-Zé Américo.
7- De 37 a 45,apesar da violenta repressão a que foi submetida a classe operaria desempenhou papel apreciável na luta

contra o fascismo,pela formação do Brasil ao lado das democracias,por uma anistia e por uma Assembléia Constituinte.Não podendo valer-se dos sindicatos,seriamente controlados pela policia política ,sobretudo depois da grande passeata realizada em São Paulo,e da realização de 3 greves,passamos ao trabalho nas empresas e a organização de comissões populares nos bairros.Foi uma atividade fácil,contava com muitos aliados,sobretudo,sem etores da Igreja.Papel apreciável tiveram as comissões femininas em função da luta contra a carestia e de apoio às famílias dos pracinhas da FEB.No correr de 44,organizamos o Movimento Unificador dos Trabalhadores.Tambem no Rio se organizou o MUT ,e chegamos a um programa que entre outras ,incluía: " contra o congelamento salarial","por uma CGT".No MUT atuavam comunistas,que em 45 vieram à legalidade com enorme prestigio,e outras forças de esquerda presentes no meio operário.Era uma perspectiva ,possível de ajudar o movimento sindical a dar um passo adiante,porém,como vimos no ultimo parágrafo,o direitismo do PC,agora por conta do PCUS,divide o MUT e as greves operarias não foram além de aumentos salariais.

8- Vargas foi deposto e com isso as forças antiimperialistas que lhe davam base,ficaram muito debilitadas.Dutra foi eleito presidente da republica,derrotando Eduardo Gomes,candidato das forças abertamente de direita;paradoxalmente,Dutra forma um Ministério com as figuras mais reacionárias e passa a governar com a Lei de Segurança nacional,alegando isso ser necessário para evitar o perigo comunista.Provavelmente,nosso desvio ultra-esquerdista,que isolou o Partido Comunista,o tenha ajudado.

Vargas em 50 volta à Presidência e notemos bem,volta contra a vontade do imperialismo ianque,apoiado apenas pelo PTB,e nas mesmas forças que o haviam feito vitorioso em 30.Nós comunistas mantivemos a mesma posição política que tivéramos no governo Dutra,o homem que havia aplicado conseqüentemente a doutrina trumann em nosso pais ! Com esse erro político,o PC entra numa fase ainda mais difícil,pois a pratica do governo Vargas desmentia as declarações de nossa direção.A cada pronunciamento,denunciava a crescente exploração do pais e do povo pelos grupos estrangeiros,expropriou e entregou aos camponeses todas as áreas em conflito (Porocatu,etc);João Goulart,no Ministério do Trabalho,baixa atos dobrando o salário mínimo,anulando o Atestado de ideologia e ordenando eleições em todos os sindicatos.

9-Na verdade,a volta de Vargas havia mudado o ambiente nas fabricas e nas cúpulas sindicais;muitos pelegos e policiais,sentindo que a terra lhes fugia sob os pés,entregavam os sindicatos à juntas provisórias de operários.estes voltavam a fazer política.Ampliam-se as Comissões de Empresa.Os comunistas aliam-se aos Ppetebistas e aos Getulistas sem partido, aos Católicos da JOC,os quais em alguns municípios são muito ativos;abria-se,assim,o caminho para a retomada do movimento operário.

Da greve de 52 (30 mil no Porto de santos,passa-se a dos 530 mil na capital de São Paulo,e na mesma medida do crescimento das lutas iam surgindo as formas de organização para dirigi-las).Do CGG, surge o Pacto de Unidade, daí o PIS no ABC,o Forum Sindical da baixada Santista, o PUA na Guanabara e,finalmente,o

CGT que agregava tudo isso , e mais algumas Confederações e Federações Nacionais.
O congresso camponês de 1962,em Belo horizonte,forma a CONTAG e aprova a luta pela "Reforma Agrária na Lei ou na Marra",a luta pela extensão das leis Trabalhistas aos Trabalhadores Rurais do campo e pela aplicação do Estatuto do trabalhador Rural.Ao mesmo tempo,vão se intensificando as lutas camponesas.De localidades no Nordeste,graças as inciativas das Ligas de Julião e no RGS,despertadas durante o governo nacionalista de Brizola,acabaram por ampliar-se ,atingindo a quase totalidade do pais.Pela primeira vez em sua historia,o movimento operário e camponês estava unido e lutava pela terra.O movimento operário e camponês funde-se com o movimento estudantil que havia alcançado sua unidade sob a direção da UNE,e por fim,72 deputados federais,com apoio em vários governadores,deputados estaduais,vereadores,etc,organizam a FPN(Frente Parlamentar Nacional) e,a seguir,lança o Programa "Pelas Reformas de Base",que unifica todas as correntes em luta.Mas,como já assinalamos antes,a debilidade de nossa esquerda,de nossos lideres,pôs tudo a perder,facilitando os objetivos das forças golpistas.

Finalizando este ponto, desejo repisar que, os fatos expostos indicam que, toda vez que as varias correntes políticas atuantes no movimento operário se uniram em torno de um mínimo programa,jevaram a classe operaria à retomar a iniciativa, a sair da defensiva.mas,de outro lado,sua imaturidade não lhe permitiu nunca chegar à uma posição programática, consolidada que lhe desse força suficiente para impor-se como protagonista.essa responsabilidade é dos partidos que,apesar de cantarem em prosa e verso,que a classe operaria é a força hegemônica da revolução,etc,etc,não se preocuparam nunca em encutir-lhe essa consciência,bem ao contrario,trataram de instrumentaliza-la em função de uma política que nem sempre correspondia às necessidades dos operários.

Debate:

2- Diante de tudo isso, de tantos anos de militância no movimento operário,de atuação no PC,depois de 10 anos de exílio,em que Você conheceu paises, socialistas e capitalistas,quais são as suas principais conclusões sobre os rumos da transformação social de nosso pais ?

RF= Antes de responder com precisão a essa questão,vejamos o que penso da situação atual:

-"O caráter militar fascista do regime instituído no Brasil com o golpe antinacional de 64,foi a única forma que as forças reacionarias,internas e externas,encontraram para continuar mantendo o pais na dependência,pois no Brasil como no Chile,na Argentina,Uruguay e outros paises de nosso continente,a partir dos anos 60 as forças patrióticas e antiimperialistas vinham contestando seriamente a dependência econômica de seus paises ao capital financeiro internacional e a influencia política dos EEUU.
- O regime saído do golpe agravou a dependência do pais.De nada valeram os slogans "Ninguém segura este gigante","Brasil grande potencia hoje",e as promessas de 'milagre economico' para todos,etc.A divida

externa de 3 bilhões e 600 milhões de dólares passou para mais de 40.Só de juros e serviços,hoje o povo brasileiro paga anualmente o dobro do que era o total da divida antes do golpe.A outra forma de espoliação está sendo o grande aumento da exportação do lucro das empresas estrangeiras,obtido com o trabalho dos brasileiros.

- Esses fatos e outros, somados a infame política salarial do governo, a qual levou os salários à uma diminuição do poder de aquisição em torno de 40%,como é lógico,agravou na mesma proporção a situação de penúria do povo brasileiro,com exceção,é claro,da pequena porcentagem de burgueses brasileiros associados às multinacionais.

- De outro lado, é inegável que houve um crescimento das Forças Podutivas e da penetração capitalista no campo,um aumento ,portanto,do desenvolvimento econômico,devido as grandes vantagens concedidas pela ditadura às multinacionais.Como refelxo deste crescimento,aumentou o numero de operários,de assalariados agrícolas e dos etor terciário,bancários,funcionários públicos,comerciários,etc.Hoje no Brasil mais de 30 milhões de pessoas,fora seus dependentes,vivem de salário.

- Com o correr dos anos, os slogans patrioteiros e as promessas de 'milagre' foram caindo no vazio,visto que o povo não via nem uma e nem outra.Viu,isto sim: a miséria e a demagogia aumentarem.

Como sempre ocorre quando uma política entra em crise, começam a aparecer contradições no seio da própria classe dominante, sem falar,é obvio,da contradição entre o povo e o sistema,tanto que para mante-lo,lhe foi imposta uma ditadura.

-Assim,quando o ditador Geisel assumia o seu turno,em 1974,já não tinha condições de prometer nada.Pregou a necessidade do dialogo para chegar-se a uma distensão necessária para o bem do pais!Essa mudança de tática,neutralizou um vasto setor da oposição instrumentalizada pelo PMDB,isto é,a chamada burguesia liberal a qual fechou com os 'donos da bola',em troca de algumas reforminhas,as quais,com respeito a imensa massa popular que vem pagando o milagre,não alterou quase nada.

- Mas,dentro desse rolo produzido pelo novo sistema de espoliação do pais e de seu povo,está em cena a classe operaria que,nesses anos crescera,em quantidade e qualidade.Fiel às suas tradições que através da memória vão passando de uma geração à outra,tendo os seus sindicatos sob controle das FFAA,passou a organizar-se dentro das empresas, utilizando formas de luta e reivindicações possíveis naquele momento em que a reação estava na ofensiva.

Deste estagio, passou para a ofensiva em 1968: impediu que o governo do Estado e a esquerda conciliadora capitalizassem o 1° de Maio em favor da ditadura,realizando uma passeata pelas ruas da capital ,desfraldando as bandeiras das Liberdades,liberdade sindical e outras.Esta ofensiva teve seu ponto alto com a GREVE de OSASCO (grifo nosso) em São Paulo e em Contagem-mG.principalmente, a de Osasco nasceu nas empresas,organizada e desencadeada pelas Comissões de Empresa.A greve teve tarefas demasiadamente altas para uma cidade isolada.Seriam tarefas possíveis e validas numa greve insurreicional.A cidade foi ocupada pelas FFAA e a greve foi esmagada.

- A classe operaria aprendeu mais uma lição:que dentro da fabrica se pode organizar a luta,não sendo indispensável a direção do sindicato.Começou a compreender que deve ter programa próprio de reivindicações.Que um sindicato só é autentico e democrático se está enraizado nas empresas.Partindo destas premissas,reencetou o trabalho de organizar-se mais e mais dentro da empresa, ligado sempre à discussão dasreivindicações imediatas e mediatas da classe operaria,isto é,as que podem ser alcançadas agora, e as que são

possíveis conquistando um regime de liberdades,isto é,derrubando a ditadura.
- Esse processo se desenvolveu nos municípios mais industrializados de São Paulo e de outras cidades do pais.Novas palavras-de-ordem foram sendo incorporadas as discussões,chegou-se assim as greves de maio-junho de 1978,num momento em que a ditadura se debate para sair da crise em que se meteu a procura de todos os meios, através de algumas reformas,melhorar a imagem e salvar o sistema.
- pela primeira vez,depois de 14 anos,viu-se uma seria e expressiva contestação ao regime serviçal das multinacionais: liberdade sindical e direito de greve.foram postos em pratica sem pedir licença a ninguém; foi enfrentado um dos pilares do Sistema,a política salarial do governo;foi colocada na 'ordem-do-dia' a luta pela conquista de um sindicato autônomo,independente e democrático.
- A que se deve este salto do movimento operário ? Os ares autonomisticos que sopram em alguns paises já estão chegando ao Brasil.Na Itália,por exemplo,há muito que os sindicatos deixaram de ser 'correias de transmissão' da política dos partidos.Os operários,comunistas,socialistas,democrata-cristãos,ou o que sejam,se unem nas Comissões de Empresa a base de suas reivindicações,que mudam segundo as necessidades deles e do pais.O que leva muitos teóricos ,do PCI inclusive,a por em discussão se hoje,com o avanço do movimento operário,seria ainda necessária a presença de partidos para construir uma nova sociedade.
Outro exemplo de autonomia,foi a recente greve dos operários ingleses contra a tentativa do governo de congelar os salários.Os operários derrotaram o governo,que e constituído pelo Partido Trabalhista,cujos votos recebe fundamentalmente da classe operaria.
Contudo, é incontestável que nossa classe operaria está chegando a esta posição por sua própria experiência,pois em seu mais mais de um século de historia, foi levada à muitos erros devido a sua instrumentalização,que igualmente tem sido o grande empecilho para forjar sua unidade.É realmente um salto do movimento operário! Está se convencendo que para ser protagonista da historia,tem que lutar sem tréguas,não só por um sindicato autônomo e independente e democrático,mas também,por liberdades democráticas,que sendo um patrimônio da classe operaria,devem ser respeitadas por qualquer tipo de governo,seja ele branco ou vermelho.
- penso que essa retomada do proletariado está sendo sendo um grande estimulo às inúmeras organizações populares existentes,que desfraldaram reivindicações diferentes,mas estão unidas na luta pelas liberdades.Estou convencido que esse processo irá num crescendo e dará origem à uma aliança em torno de programa que conduza à conquista de uma democracia avançada,isto é,que enfrente e resolva os problemas da dependência,estabeleça uma democracia para o povo e não uma 'democracia' para as multinacionais e nacionais,que apoiadas nos altos escalões das FFA,oprimem e exploram impiedosamente a maioria esmagadora da Nação".

R.E. Rolando Frati, Março 79

4) Documento da "Tendencia leninista da ALN".

Rolando Frati,Rafael Martinelli,Argonauta Pacheco,entre outros militantes oiundos do movimento operário-sindical,fizeram parte do Agrupamento Comunista de São Paulo, que deu origem a ALN dirigida por Carlos Marighella.

Descontentes com o rumo tomado pela luta armada contra a ditadura militar,divergiram da direção da ALN.Já no exterior,Frati e outros militantes, formularam um Documento que definia o que pensavam ser os rumos da luta.

Reproduzimos a seguir esse Documento,pois pensamos que é importante para compreensão daquele momento,e do pensamento do 'velho' Frati.

O Documento estava originalmente arquivado no ASMOB (Archivio Storico Del Movimento Operaio Brasiliano) ,em Milão na Itália.Nos foi repassado pelo deputado Zarattini,que esteve junto com Frati na formulação do Documento.Inclusive,Luiz José da Cunha (o 'criolo'),deslocou-se ao Chile para discutir com o grupo da "Tendencia leninista" da ALN,não obtendo sucesso em demove-lo de seus objetivos.

"Uma Autocrítica Necessária"
(para discussão)

"Uma observação ainda que superficial da atual situação política do movimento revolucionário brasileiro evidencia de um modo gritante o total desligamento das massas dos diversos grupos armados que atuam no pais.Para enfrentar essa situação desenvolvemos dentro da Ação Libertadora nacional –ALN uma luta interna cujo centro é a proposta para que a organização faça autocrítica profunda da sua política,da sua estrutura e dos métodos.

Desde há muito tempo preconizamos essa autocrítica.No entanto,por falta de clareza,conciliamos em diversas oportunidades na luta interna.A própria necessidade de combater as idéias pacifistas e o impacto de uma serie de ações armadas realizadas com sucesso,o que nos empolgava,contribuíram em muito para não se ter uma visão correta da verdadeira natureza dos nossos erros.

Uma analise mais profunda da historia e do desenvolvimento da ALN nos revela que os sérios golpes que recebemos não são somente devidos a um brutal sistema represivo que a ditadura militar,assessorada e orientada pelo imperialismo norte-americano,pôs em pratica.Nesse sentido poderíamos dizer que as revoluções mais importantes de nossa época foram conduzidas sob uma repressão policial igual ou maior do que a vigente no Brasil e nem por isso deixaram de ser vitoriosas.A própria luta contra o nazi-fascismo é uma demonstração cabal de que a mais bestial repressão que a historia conhece,repetida hoje em dia pelos norte-americanos no Vietnã,não conseguiu destruir a luta dos movimentos clandestinos.

A luta armada foi iniciada em 1968 no Ascenso do movimento de massas.As primeiras ações armadas nas grandes cidades ocorreram num período em que eram desencadeadas greves camponesas no Nordeste, greves operarias nos principais centros metalúrgicos de S.Paulo e Minas Gerais e também quando eram realizadas as formidáveis manifestações de protesto do movimento estudantil por todo o pais.

Cremos também que está fora de cogitação o raciocínio simplista de que o surto de desenvolvimento econômico alcançado nos centros indistriais do pias no biênio 69/70 seja o responsável pelo progressivo afastamento do povo do movimento de luta armada.Em nossa opinião o que a ditadura militar,em sua ofensiva propragandistica no interior e no exterior do pais,chama de o 'milagre brasileiro' – o elevado crescimento do produto nacional bruto no biênio 69/70- ainda que tenha melhorado a situação dos setores da classe média urbana e da reduzida faixa de operários altamente qualificados nos grandes centros industriais,como evidencia o aumento do salário médio real nos últimos

anos,a verdade é que a classe operaria e as grandes massas se pauperizam cada vez mais,pois o salário mínimo real não tem deixado de cair desde o golpe de 1964 e o fez de um modo mais acentuado no biênio 69/70,correspondente ao que os economistas burgueses chamam de 'boom' da economia brasileira.

Resulta pois claro que o desenvolvimento em curso significa,nas condições de pais neocolonizado que é o Brasil,um brutal aumento da exploração das massas através da manutenção de uma política de 'arrocho salarial' e de intervenção e controle das organizações de massa,principalmente dos sindicatos ,somente possível nos quadros de uma ditadura militar fascista.

É importante também observar que esse desenvolvimento ocorre numa época em que o capital financeiro através do controle do mercado de capiatais,aprofunda o processo de fusão das empresas,particularmente as da burguesia monopolista,com os grandes monopólios internacionais.Como a maioria da burguesia brasileira tem em suas mãos grandes propriedades rurais,o fenômeno da associação com monopólios estrangeios não se verifica somente no setor industrial,mas se extende também à agrcultura.Por outro lado,é importante assinalar que as maiores propriedades rurais em nosso pais pertencem a empresas estrangeiras,inclusive a algumas delas que detêm o monopólio da comercialização de diversos produtos agrícolas.

Nessa situação,esse desenvolvimento engendra e aprofunda um complexo de contradições entre as quais podemos citar:

a) obstaculiza uma reforma agrária que possibilitaria a criação de um mercado interno maior ou senão põe em marcha uma reforma agrária prussiana,em que a penetração capitalista no campo, a base de uma tecnologia avançada,leva a um regime de assalariado agrícola ou de desemprego a um contingente significativo das massas camponeas,empobrecendo-as ainda mais;
b) por outro lado,o atual surto desenvolvimentista aumenta as disparidades regionais entre o centro-sul,onde de fato ele ocorre,com outras regiões empobrecidas do pais,especialmente o Nordeste;
c) um significativo numero de pequenas e médias empresas que não exercem mobopolio em suas atividades são marginalizadas pela política econômica da ditadura,voltada para os interesses dos monopólios imperialistas e da burguesia nacional;
d) finalmente, não há que esquecer que a persistência de uma estrutura agrária arcaica, impossibilitando uma significativa ampliação do mercado interno,impõe a necessidade de uma agressiva política de exportações que,por sua vez,determina uma política expansionista para o pais.

Também, não se deve deixar de observar que o processo de melhoria do salário médio real de setores da classe media urbana é, nas condições brasileiras,transitório e de curta duração, dada a dependência e a instabilidade de uma economia com base nas inversões dos grandes grupos monopolistas,principalmente do imperialismo norte-americano.

Ora,a verdade é que nem a repressão brutal,nem o surto desenvolvimentista podem ser responsabilizados pelo nosso desligamento das massas.Como vimos,no Brasil,o desenvolvimento econômico significa sempre um aumento das contradições econômicas e sócio-politicas e em conseqüência uma agudização da luta de classes.O terror desencadeado pela ditadura militar ao prender,espancar,torturar e assassinar milhares de patriotas e

revolucionários,se por um lado atemoriza as massas,por outro produz um sentimento de revolta contra essas ações criminosas dando como conseqüência uma cumulo de ódio bastante explosivo contra a ditadura.

Por isso é que devemos buscar as causas de nossos fracassos em nossos erros,fundamentalmente em uma concepção errônea de como levar a frente nossa revolução e de uma organização completamente inadequada as tarefas que se propôs a desenvovler.

É em virtude desse modo de ver as coisas que propomos aos companheiros da organização um profundo processo autocritico para responder o porque estamos isolados das massas,o porque nãos e desencadeou a guerrilha rural em 1969,como se havia anunciado,o porque sofremos perdas tão importantes como a de Marighella, Câmara Ferreira e outros heróicos combatentes,o porque temos hoje em dia nas prisões centenas de militantes e milhares de aliados, o porque há um processo em curso não somente na ALN,mas em todas as organizações de uma crescente atomização em grupos e sub-grupos em permanente luta,etc.

Em nossa opinião a ALN necessita retomar,no fundamental,a linha política aprovada pelos comunistas de S.Paulo,em sua conferencia de abril de 1967,quando foi eleito para a direção do movimento o companheiro Carlos Marighella.Nessa oportunidade,os comunistas de S.Paulo aprovaram a concepção marxista-leninista da revolução como obra das massas,deixando claro que a violência das classes dominantes expressa na ditadura militar facsista determina a via armada para a tomada do poder politio.Na resolução da conferencia se enfatiza o trabalho político com as massas,em especial com a classe operaria das grandes empresas industriais,onde se deveria construir partido,sem o qual as tarefas da revolução não poderiam ser levadas adiante.

A conferencia dos companheiros comunistas de S.paulo,ao esmagar as teses reformistas baseadas na ilusão de classe da conquista pacifica do poder político a reboque dos políticos progressistas da burguesia,propriciou uma importante vitória na luta ideológica para o estabelecimento de uma correta linha política para a revolução.A conferencia acentuou o caráter libertador do processo revolucionário em curso, preconizando a conquista do poder político utilizando a luta armada como forma principal de luta.A conferencia também preconizou liquidação do atual aparelho burocrático-militar da ditadura e a formação de um governo popular com a participação de todas as classes e camadas interessadas no processo nacional-libertador ,como fase de transição para a construção do socialismo.

A razão básica de nossos erros residiu fundamentalmente no desvio da linha aprovada nessa conferencia.Cremos que isto ocorreu devido principalmente a dois fatores:

a) o enorme afluxo de elementos da pequena burguesia radical,notadamente de estudantes,para a organização;

b) a intensa penetração ideológica das teses sistematizadas pelo intelectual francês Regis debray principalmente entre os elementos oriundos da pequena burguesia radical.Nessas condições foi possível introduzir na organização o que denominamos o contrabando ideológico do dbraysmo.

É importante hoje em dia criticar a teoria debraysta porque apesar dos enormes prejuízos que causou ao processo da nossa revolução,contra ela são levantadas pelas organizações revolucionarias apenas criticas ‘tecnicas’ quanto a viabilidade pratica ou não do foco guerrilheiro.

Nenhuma critica do movimento de luta aramada é radical no sentido de rejeitar o cerne da teoria debraysta que consiste na revisão do leninismo sobre a questão da necessidade de um destacamento de vanguarda da classe operaria –de um partido de novo tipo- para dirigir a revolução.Partindo,em nossa opinião,de uma errônea interpretação da revolução cubana, o intelectual francês nega a necessidade do partido leninista para levar a cabo a revolução,nas condições da América Latina,propondo a sua substituição pela 'coluna móvel estrategica' que seria a direção político militar para a qual convergeria a atenção das grandes massas,a partir dos enfrentamentos iniciais do foco guerrilheiro.Apesar das criticas como dissemos 'tecnicas' ao foco guerrilheiro,feitas por nosa organização,chegando inclusive a se declarar 'anti-foquista',o principal objetivo estratégico é ainda o estabelecimento,no interior do pais,da 'coluna movel',o que significa na pratica adotar a mais importante tese debraysta.

Nas condições brasileiras, a adoção das teses debraystas equivale como de fato se deu na pratica das organizações revolucionarias, a dar as costas a um proletariado de aproximadamente 20 milhões,abdicando de sua mobilização e organização a partir de suas reivindicações mais elementares,'simplificando' o processo revolucionário ao estabelecer que um conjunto de combatentes,em sua maioria de extração estudantil,bem treinados e equipados – a coluna móvel estratégica – de fora da classe operaria seria um poderoso estimulo para a sua mobilização e aglutinação.Evidentemente,a questão de fundo está na disputa da hegemonia da revolução, que a pequena burguesia radical há sempre de lutar para reter em suas mãos,procurando resolver o problema do poder pela formula paternalista da 'coluna movel' em que meia dúzia de iluminados faraiam a revolução para as massas.Apesar de,em palavras,os defensores da linha militarista apregoarem,mecanicamente,a necessidade de uma revolução a longo prazo,isto é,com a participação das massas como massa de manobra,limitar a sua intervenção no processo,buscando uma solução a curto prazo para preservar a hegemonia da pequena burguesia radical na revolução.

Esta falsa concepção de revolução e ainda a adesão incondicional ao esquema artificial da OLAS* deu como conseqüência uma pratica revolucionaria que consistia em desenvolver ações nas cidades visando obter recursos materiais –dinheiro,armas e explosivos- para lançar a huerrilha rural,através de uma coluna,cujo núcleo mais importante houvesse sido treinado militarmente no exterior.Nessas condições,a expropriação de bancos foi erigida como critério de uma política de quadros: o 'vestibular' que credenciava um quadro era se havia participado ou não de uma ação exproriatoria.A necessidade de auto-afirmação pequeno-burguesa de muitos se ajustava ao 'criterio' seletivo.Progressivamente,o justo critério leninista,que no fundamental avalia o quadro pela sua capacidade de organizar as forças motrizes da revolução- os operários,os camponeses,a pequena-burguesia,especialmente os estudantes e os intelectuais revolucionários- foi abandonado.

Em consequancia, o trabalho político foi deixado de lado,pois as ações expropiatorias eram de caráter estritamente militar,sem nenhuma relação com qualquer problema das massas e obviamente,sem a sua participação.

Esse era o caminho a seguir pois o que se objetivava era o acumulo de recursos materiais para o lançamento da coluna guerrilheira,que

seria o centro aglutinador e mobilizador das massas, o instrumento de todo o trabalho político.

Nessas condições foi desenvolvido o culto ao guerrilheiro urbano – no restrito e limitado sentido daqueles elementos que eram capazes de participar de uma ação expropiatoria- chegando-se ao ponto de considerar 'heresia' o trabalho político com as massas.Refletindo a ideologia da pequena-burguesia radical,refrataria à disciplina proletária foi criado o conceito de 'liberdade tática ' ou 'autonomismo' para os grupos que realizavam ações armadas.Chegou-se a escrever que se a coordenação era um entrave à realização de uma ação,porque quisesse discutir politicamente,então que nãos e levasse em conta a coordenação e se fizesse a ação.

É claro que em nosso movimento de luta armada havia uma reação imensa contra a passividade das velhas direções esclerosadas no trabalho rotineiro de uma linha política pacifista e reboquista que as imobilizava.Marighella expressa essa reação justa e necessária e não se pode esquecer de salientar,nessa autocrítica,a decisiva contribuição do nosso movimento revolucionário no sentido de mostarr que é possível a luta armada em nosso pais,contra a passividade das correntes burocráticas que jamais praticaram.O movimento de luta armada teve o mérito de derrotar o pensamento pacifista resultado da influencia ideológica da burguesia.Hoje a linha militarista – o desvio de 'esquerda'- revela o seu total conteúdo direitista ao objetivamente dar a corrente pacifista burguesa os 'argumentos' para negar a luta armada,para não falarmos no trabalho político contra-revolucionario que a ditadura militar fascista, em sua ofensiva propogandista, tem feito baseada nos erros que cometemos.

Por isso , a autocrítica que apresentamos não deve ser confundida com uma visão pessimista da evolução.pelo contrario,somente ela permitirá a elaboração de uma linha política correta e a estruturação de uma organização leninista capaz de pô-la em pretica de modo conseqüente.

A nossa luta ideológica visa,basicamente,derrotar as duas tendências:

- a pacifista,de fundo burguês que procura lançar ao descrédito a via armada da revolução;

- a militarista,também burguesa, pois isolando as organizações revolucionarias das massas, pelo desvio 'esquerdista' também leva à desmoralização da luta armada.

São duas tendências que,na realidade,são as faces opostas de uma mesma moeda,duas manifestações,uma de direita e outra de 'esquerda' da mesma ideologia burguesa que penetrou intensamente na esquerda brasileira.

No encaminhamento da luta interna que desenvolvemos dentro da ALN em torno do ponto de vista autocritico acima, estamos propondo aos companheiros o debate das seguintes questões que reputamos fundamentais:

I. A Questão da estratégia Nacional-Libertadora e Democrática e o Programa da Revolução.

Partindo do fato de que os inimigos principais de nosso povo são o imperialismo norte-americano, a burguesia monopolista a ele associada e os grandes proprietários de terra e que somente podem

manter a sua dominação e exploração através de uma ditadura militar fascista,preconizamos para a revolução uma estratégia nacional-libertadora e democrática em que as forças básicas – a classe operaria,os assalariados agrícolas e camponeses,os estudantes e intelectuais,os militares democratas,esepcialmente soldados,marinheiros,cabos e sargentos – reúnam à base de um programa amplo todas as classes e camadas sociais interessadas na derubada da ditadura militar fascista,a fim de expulsar o imperialismo norte-americano,eliminando como classe a burguesia monopolista associada e os latifundiários.Cremos ser necessário fazer os seguintes esclarecimentos:

a) em nossa opinião, nas condições brasileiras, somente a classe operaria tem capcidade de dirigir e levar até o fim a luta pela derrubada da ditadura a fim de estabelecer um regime político que realize as tarefas de um programa nacional-libertador e democrático;
b) com isso queremos dizer que os representantes políticos da burguesia que não exerce monopólio em suas atividades e da pequeno-burguesia não em condições de dirigir o processo nacional-libertador e democrático.Cremos ser ilusão de classe pensar que os políticos progressistas da burguesia possam dirigir com conseqüência a luta pela derrubada da ditadura.Essa constatação não deve levar à conclusão 'esquerdista' de que esses elementos não participam da frente única anti-ditatorial;
c) a atual ditadura militar brasileira não tem as características das ditaduras tipo Batista,Somoza,Perez Gimenez,etc.,tão comuns na historia da América Latina.Em nosso pais,a ditadura não é exercida em termos pessoais.A figura do Ditador,seja ele castelo Branco,Costa e Silva,Garrastazu médici ou outro general qualquer,nada significa diante do Conselho de Segurança Nacional,do Estado Maior das Forças Armadas,da escola Superior de Guerra,que são organismos que,de fato, elaboram e põem em pratica a política ditatorial.
d) Nessas condições as tarefas de um programa nacional-libertador e democrático somente poderão ser postas em pratica se for destruído o aparato militar que exerce a ditadura.Nessa questão discordamos daqueles que pensam que é possível uma redemocratização,mantido o atual aparato burocrático-militar,como também discrepamos daqueles que argumentam que se a via é armada ou pacifica é o acumulo de forças revolucionarias que vai decidir.Ao contrario,nossa opinião é de que as classes dominantes ,por intermédio da ditadura militar exercem a violência armada contra as massas,deteminando assim,ao proletariado e às forças progressistas,como saida revolucionaria,a via armada;
e) Isto não quer dizer que a luta armada é a única forma de luta.Os marxistas-leninistas têm o dever deutilizar todas as formas de luta,que possibilitem seu contato com as massas,visando a desperta-las,mobiliza-las e organiza-las para a revolução.A luta armada é a forma principal de luta e devemos utilizar todas as outras formas,inclusive a eleitoral,quando se propricia uma brecha para um contato,ainda que ultra-limitado,com as massas.O importante é não ter ilusões numa saída eleitoral,mas utilizar as eleições para denunciar e desmoralizar ainda mais a ditadura;
f) O regime que pretendemos estabelecer é uma democracia avançada,que seja uma ditadura de todas as classes e camadas sociais que participam do processo nacional-libertador e

democrático com os seguintes objetivos: 1.derrubar a ditadura e destruir se aparato militar;2.eliminar a dominação do imperialismo norte-americano;e,3.eliminar,como classe,a burguesia monopolista associada e os latifundiários.

g) Nessas condições será permitido o funcionamento em regime pluripartidário de todas as organizações políticas que não contrariem os objetivos do programa nacional-libertador e democrático.Deve-se entender que esse regime pluripartidário será constituído de organizações que não tenham tido qualquer tipo de colaboração coma ditadura.Por outro lado, fica claro que não estamos de acordo com aqueles que,partindo de um ponto de vista 'esquerdista' não admitem um programa nacional-libertador democrático,exigindo a instalção imediata da ditadura do proletariado,não considerando o processo revolucionário como resultante de contradições sócio-politicas,para se fixar unilateralmente na contradição econômica fundamental – burguesia x proletariado- que ao caracterizar nosso pais como capitalista leva à conclusão da necessidade de um programa socialista para a revolução.

h) Por outro lado, a formulação de um regime de democracia avançada deve ser compreendida como parte de um mesmo processo de revolução permanente em direção ao socialismo.É claro que isso depende de existir uma vanguarda proletária que detenha a hegemonia de todo o processo através de uma intensa luta ideológica,com a mais ampla participação das massas,contra todas as tendências que buscam esmagar a revolução ou burocratiza-la.

É importante ressaltar o caráter democrático do programa de nossa revolução,tendo em vista a sistemática repressão que a ditadura militar exerce não somente sobre as forças motrizes da revolução,mas também sobre os políticos da burguesia que levantan teses progressistas,sobre os setores intelectualizados da classe média urbana e também sobre os setores avançados da igreja católica.De um ponto de vista econômico,são camadas vinculadas à burguesia que não exerce monopólio em suas atividades econômicas.

Nessas condições é necessário,sem nenhum temor 'esquerdista',como tem acontecido até agora,apresentar um elenco de reivindicações democráticas que possibilite a participação política desses setores no processo de luta nacional-libertador e democrático e inclusive no futuro governo de todas aquelas personalidades políticas que não se tenham comprometido com a ditadura militar.

Por sisso cremos que a limitada luta em torno de reivindicações democrática que esses setores podem desenvolver,deve ser por nós apoiada e aprofundada em termos de luta das massas.Por outro lado,em nenhum momento devemos conciliar com as tendências pacifistas nos entido de abdicar da via armada para a tomada do poder político.

Temos a opinião de que , não se isolando o movimento unitário em torno das reivindicações democráticas, trabalhando para que as massas participem ativamente dele,não se descuidando em nenhum momento da luta ideológica,se estabelecem as condições para que os elementos progressistas da burguesia não conciliem com a ditadura,ao contrario,aprofundem suas contradições com ela.

Ao tratar do problema agrário, no programa,que propomos a seguir,apresentamos três formas de propriedade da terra: 1.a propriedade privada para os arrendatários e posseiros,que serão transformados em pequenos proprietários pela aplicação da consigna "a terra a quem trabalha";2.a propriedade cooperativa para os pequenos e médios proprietários;3.a propriiedade estatal,resultado da expropriação dos latfundios,em particular daqueles onde exista a chamada agricultura de exportação – cacau,açúcar,café,etc-, nos quais predomina o trabalho assalariado.

Nesse sentido, tendo em conta a estratégia nacional-libertadora e democrática de nossa revolução,apresentamos os eguinte programa unitário:

1- denuncia de todos os acordos de caratr político,econômico,cultural ou militar prejudiciais ao nosso povo e contrários à soberania nacional,firmados pela ditadura militar;
2- confiscação de todos os grupos monopolistas do imperialismo norte-americano,garantindo-lhes entretanto a propriedade dos portadores de ações individuais,que correspondam a uma poupança popular;
3- será estabelecido nas empresas estatais e nas empresas confiscadas,o controle dos trabalhadores;
4- somente serão expropriadas as empresas do capitalismo privado nacional que comprovadamente colaborarem com a ditadura militar durante o processo revolucionário;
5- serão expropriadas as grandes propriedades de terra,estabelecendo-se a coletivização onde predomine o trabalhoassalariado e a divisão em pequenas e medias propriedades,de preferência reunidas sob a forma de cooperativas,onde o arrendamento for a forma de exploração da terra;
6- o atual sistema de cooperativas será mantido,promovendo-se sua democratização e ampliação.Será dada ajuda técnica e financeira aos pequenos e médios proprietários rurais através das cooperativas;
7- serão tomadas medidas especiais para as áreas menos desenvolvidas do pais,visando eliminar as disparidades regionais;
8- serão restabelecidos e ampliados os direitos democráticos,abolida a pena de morte e a cadeia perpetua,abolida a censura,libertados todos os rpesos políticos e anulados todos os processos políticos estabelecidos pela ditadura;
9- serão rigorosamente punidos,por meio de tibunais revolucionários,todos os militares e civis comprometidos com os crimes da ditadura,especialmente com as torturas e os assassinatos de patriotas,democratas e revolucionários;
10- serão permitidas a funcionar livremente todas as organizações políticas que participaram do processo revolucionário e que não contrariem o presente programa nacional-libertador e democrático;
11- serão convocadas eleições gerais para uma Assembléia Constituinte e a institucionalização do novo regime;
12- serão respeitados todos os cultos religiosos;
13- será estabelecido um sistema educacional gratuito para todo o povo,em todos os níveis,tendo como orientação básica a promoção da cultura nacional;
14- será radicalmente transformado o atual sistema de benefícios sociais de modo que todo o povo tenha acesso a casa própria,a assistência medico-hospitalar e a recreação;
15- será desenvolvida uma política exteiror independente e soberana de relações com todos os povos e paises que não contrariem os anseios de progresso e paz da humanidade;
16- serão apoiados não só política,mas também materialmente,todos os movimentos revolucionários anti-imperialistas e populares,especialmente aqueles dos povos da América Latina.

II. A Questão da Frente Única

A necessidade de se formar um segundo tipo de aliança –a frente única de todas as classes e camadas interessadas na revolução – em torno da aliança fundamental – a aliança operário camponesa – é uma questão cuja formulação geral não apresenta quase divergências.

No entanto, a sua aplicação pratica é ainda um problema não solucionado em nossa revolução,o que equivale a dizer que ainda não temos um instrumento capaz de ser a expressão política da unidade de todas as forças contra o imperialismo e a ditadura.Cremos que um grande obstáculo é o exclusivismo das organizações,que anula os esforços em prol da unidade.Esse exclusivismo geralmente se manifesta em torno do método de luta empregado,buscando cada organização que seu emtodo de luta seja o aceito pelas demais forças.

Ora,do ponto de vista leninista,o importante é o acordo em torno do programa unitário,pois essa é uma questão de conteúdo,enquanto que o método de luta é uma questão de forma.

Neste sentido,a chamada frente das cinco organizações de luta armada é bastante limitada.Não atende a necessidade revolucionaria de se formar uma frente mais ampla possível.dentro desse mesmo enfoque é bastante crticavel também o ponto de vista de algumas organizações que não praticam a luta armada,argumentando que um trabalho unitário somente seria possível com as organizações que não desenvolvem ações armadas.

Em nosso entender há a necessidade de se forjar, a base de um espírito amplo,liberto de sectarismo e exclusivismo,um organismo político de frente com representação de organizações de luta armada,políticas e de massas,com a participação de personalidades,etc.

Dentro da ALN nossa proposta é de que a nossa organização faça um apelo para que seja formada inicalmente uma comissão consultiva de elementos rerpesentativos de organizações que estejam ou não na luta armada,com representantes de sindicatos,de organizações religiosas,com intelectuais e personalidades políticas que se destacam na luta contra a ditadura.É claro que no quadro repressivo imposto pela ditadura,essa mesma condição consultiva deveria ser formada pouco a pouco através de ações unitárias concretas,atendendo sempre a clandestinidade exigida pela situação.

Essa comissão consultiva discutiria um programa unitário,formas de cooperação no campo das denuncias políticas,etc,buscando dar corpo a um organismo político de frente.

Esse é um trabalho difícil, que exige persistência e para o qual oportunidades excepcionais de Ascenso do movimento revolucionário não foram aproveitadas.Apesar da atual situação não ser a mais favorável,somos de opinião que a ALN deve desenvolver os maiores esforços para formar a comissão consultiva e também propor um programa unitário para discussão.

III. A Questão do Partido Marxista Revolucionário

A experiência dos povos que fizeram revolução ou a estão desenvovlendo evidencia a verdade universal do socialismo cientifico que sem o partido leninista de tipo novo não há condições de conduzir o proceso revolucionário.Nas condições brasileiras a experiência dos últimos três anos mostra que não há possibilidade de levar adiante a expressão mais elevada da luta de classes – a luta armada – sem um partido.Esse é o ponto mais fraco do nosso movimento de luta armada.

O espontaneismo,o anarquismo,a negação do centralismo democrático,a permanente violação das regras da clandestinidade,o liberalismo em questões operativas e a compartimentação de questões políticas,buscando métodos administrativos para impedir sua discussão,a utilização de métodos burocráticos como o de reter nas mãos o monopólio das informações e da comunicação para se tornar direção de fato, a rejeição da disciplina proletária com base na ‘liberdade tatica’ e no ‘autonomismo’, o ‘amiguismo’ entre determinados companheiros,o critério subjetivista e arbitrário de julgamento de companheiros,são as manifestações mais importantes da estrutura não-leninista de nossa organização e o que determina o seu caráter essencialmente pequeno-burgues.A correção desses erros e o correto

encaminhamento da luta armada em nosso pais será possível somente com a organização do partido marxista revolucionário,com o partido leninista de tipo novo.Tendo em conta a importante contribuição do atual processo de luta armada que pos a nu a natureza burocrática e esclerosada de alguns 'partidos' que somente falavam da luta armada,deixamos claro que não pretendemos construir 'o partido' no sentido de te-lo prontinho numa prateleira para que emd eterminado momento possa ser utilizado para dirigir a luta armada.Não.esse é um ponto de vista que rejeitamos.O que buscamos é a introdução de normas e métodos leninistas de novo tipo.Como,em nossa opinião,esse não é um processo espontâneo,propomos algumas medidas que são:

1. a realização,onde for conveniente do ponto de vista de segurança,de um congresso da ALN para discutir e decidir não só a sua estrutura,mas também a sua linha política.É claro que uma comissão de organização do congresso deve cooptar os seus participantes com base nas respectivas biografias revolucionarias para que seja evitada qualquer tipo de infiltração.
2. o estabelecimento de uma escola de quadros políticos e militares em nossa organização.Partindo sempre de uma situação concreta,da realidade que a grande maioria dos nosos militantes são de extração da pequeno burguesia radical,preconizamos a via de proletarização desses militantes.A via de proletarização presupõe a preparação dos militantes para viver com as massas.Para isso é decisivo uma escola de quadros políticos,com o estudo do marxismo-leninismo de um modo aberto e não dogmático.Ao mesmo tempo,cremos imprescindível a formação de quadros militares não no sentido tático ou técnico de companheiros que saibam organizar uma emboscada,fazer bombas,atirar bem,etc,mas sim na formação de quadros que saibam sintetizar as experiências de luta de nosso povo,em especial as de luta armada,visando elaborar uma teoria da insurreição e da guerra popular especifica para a realidade brasileira.Dentro desse espírito amplo,completamente livre de esquemas e concepções aprioristicos nossos quadros políticos e militares devem estar imbuídos do mais alto espírito de internacionalismo proletário, visando absorver todas as experiências da revolução mundial,em particular das revoluções russa,chinesa,cubana e vietnamita,sempre nos entido de te-las para consulta e não para copia.Em nosso entender a formação do partido marxista revolucionário não é uma tarefa exclusiva dos militantes de nossa organização,mas sim uma tarefa de todos os marxistas leninistas.

IV. A Questão do Exercito Revolucionário do Povo

Partindo da concepção de que a revolução é obra das massas e que a questão da tomada do poder político implica na destruição do aparato burocrático da ditadura,em especial a sua coluna vertebral – as forças armadas reacionárias- lutamos para criar e desenvovler o exercito revolucionário do povo brasileiro baseado na aliança fundamental da revolução e sem a qual ela não se dará – a alainça operário-camponesa.

Cremos que a formulação acima deve ser aplicada criadoramente à realidade brasileira,isto me,não devemos ter esquemas prefixados para a formação do exercito revolucionário de nosso povo.

Rejeitamos não só as formulações aprioristicas como a da formação do exercito revolucionário por meio da instalação de um foco guerrilheiro através de uma coluna móvel,como também não aceitamos a fixação de esquemas para o desenvolvimento da guerra tais como 'o de cerco da cidade pelo campo' ou o de 'uma insurreição generalizada nos grandes centros urbanos'.

Preferimos,ao contrario,fazer a sintese de nossa experiência recente em que foram realizadas ações armadas a partir de pequenos grupos de fogo – os grupos

táticos armados urbanos -, propondo ,pela correção dos erros,elevar o nivel dessa experiência,a base dos destacamentos de propaganda armada,como principal instrumento de um trabalho politico nas cidades e nos campos,devendo sempre partir nesse trabalho politico das reivindicações mais elementares das massas.Ao contrario dos grupos táticos armados que atuavam com a chamada 'liberdade tatica',praticamente autônomos,os destacamentos de propaganda armada devem ser dirigidos através de uma chefia que deve ser um quadro político e militar da organização.É claro que a ALN (deve) estar com estrutura e métodos leninistas a fim de que possa ser exercida a direção política sobre os destacamentos de propaganda armada.nem todos os membros do destacamento de propaganda armada necessitam ser quadros marxistas-leninistas.Ao contrario,os destacamentos devem se desenvolver nos entido de deles participarem cada vez mais elementos das massas,sob a única condição de estarem de acordo com o programa nacional-libertador e democrático.

É evidente que o trabalho político dos destacamentos de propaganda armada somente pode ser capitalizado com a existência de um movimento clandestino de quadros políticos da organização atuando junto as massas,dando cosnequencia orgânica- no sentido de organizar as massas e recrutar os seus elementos mais avançados- ao trabalho político dos destacamentos armados.Ao movimento clandestino cabe também desenvovler as formas secundarias de luta,inclusive dirigir as formas de lutas legais,combinando a luta política com a luta armada,visando acumular forças.

Nessas condições,o movimento clandestino é o principal setor da organização porque a ele compete dirigir politicamente o trabalho em torno das diferentes formas de luta,inclusive a da luta armada.O movimento clandestino,ao dirigir o trabalho político dos destacamentos de propaganda armada deve ter sempre em conta que a luta armada deve ser uma manifestação da agudização da luta de classes.rejeitamos como anti-leninista o pnto de vista ,comum nas organizações revolucionarias,do efeito 'magico' da luta armada como meio de mobilização política.O que põe em movimento as massas é o trabalho político para cuja realização,nas condições de ilegalidade,impostas pela ditadura militar facsista,é muitas vezes necessário uma garantia armada.

É o acumulo de forças,através do trabalho político junto às massas que vai decidir se os contingentes principais do exercito revolucionário do povo terão origem em insurreições parciais do movimento operário nos grandes centros ou se serão o resultado de lutas camponesas seja através do levantamento de posseiros ou de insurreições parciais de assalariados agrícolas,dando-se a formação de colunas guerrilheiras.Nesse acumulo de forças para a formação do exercito revolucionário do nosso povo é muito importante o trabalho político nas forças armadas da ditadura,principalmente entre os soldados,marinheiros e sargentos.A síntese histórica recente das lutas de nosso povo ensiana a ser esse um setor de extração popular,que sofre os mesmos problemas das grandes massas e que por isso sempre se rebela.

V. A Questão da Política Exterior da Organização

Como propomos que a ALN tenha uma estrutura leninista,seja de fato um partido de novo tipo,e ainda que dentro de um mesmo processo de revolução permanente passaremos de uma fase nacional-libertadora e democrática ao socialismo,devemos ,desde já,colocar na ordem do dia o problema do relacionamento com o sistema socialista.

Temos desenvolvido uma política de omissão em relação ao sistema socialista e por isso mesmo bastante negativa.Uma concepção da revolução baseada exclusivamente nas errôneas interpretações da experiência da revolução cubana nos tem limitado a um relacionamento quase exclusivo com Cuba.

Propomos o relacionamento com todos os paises socialistas e a omissão da organização em relação à questão sino-sovietica,que possibilita o liberalismo

entre os militantes ao opinar sobre ela,deve ser substituída pela atitude positiva de lutar pela unidade do mundo socialista em torno dos princípios do marxismo-leninismo e através de uma luta ideológica permanente e de alto nível.Cremos que esta é a posição justa para todos aqueles que,apesar de reconhecer erros e as deformações que existem no sistema socialista,reconhecem a sua superioridade frente ao sistema capitalista.Essa posição não deve excluir as opiniões e as discussões de caráter interno,que inclusive a organização deve estimular.

Quando fazemos esta proposta estamos conscientes de que alguns partidos do mundo socialista podem não desejar o ralcionamento conosco.isso todavia é um problema de exclusiva responsabilidade do partido que tomar essa atitude frente à revolução brasileira e à revolução mundial.

Outra questão é o estabelecimento de relações mais amplas como o movimento operário,e os partidos comunistas e as organizações progressistas e revolucionarias do mundo capitalista desenvolvido.Esse é um importante trabalho que todavia não conseguimos desenvolver à altura das necessidades e da importância de nossa revolução.

Além disso , o pouco trabalho que temos feito,refletindo todas as falhas da organização no interior do pais,está cheio deerros,principalmente porque não temos um trabalho coeltivo e disciplinado e por não haver quase nenhuma separação entre trabalho clandestino e o trabalho legal de propaganda.

Finalmente,nessa política exterior preconizamos um relacionamento muito mais profundo com as organizações revolucionarias da América Latina,principalmente com aquelas dos paises vizinhos.Essa aproximação se torna muito mais necessária agora,quando a tendência expansionista da ditadura militar brasileira ameaça invadir paises que adotam uma política de independência em relação ao imperialismo norte-americano e buscam sua libertação nacional.

O relacionamento com os movimentos e organizações revolucionarias na América Latina deve ser o ponto principal da política externa da organização.isto porque vemos a revolução brasileira não somente como parte da revolução mundial mas também integrante de um processo de revolução continental especifico da América Latina.

O importante é que a política exterior da organização se baseie no principio do internacionalismo proletário de colaboração e ajuda mútua entre organizações irmãs sem interferência nos assuntos internosd e cada uma.

Em nossa opinião,as cinco questões acima apresentadas sintetizam os principais problemas de nosso movimento de luta armada e em particular os principais problemas de nossa organização.

Para nós o principal no atual momento é aprofundar a discuss]ao dentro da ALN, visando a realização do congresso.Não temos nenhuma intenção fracionista,pois não pretendemos sair da ALN.

O que desejamos sim é o restabelecimento em um nível mais elevado da linha política elaborada por CARLOS MARIGHELLA e os comunistas de São Paulo ao iniciar a luta armada em nosso pais".

Pela TENDENCIA LENINISTA dentro da ALN

(a) José dos Santos

5.OSASCO 68 -"MANIFESTO DE BALANÇO DA GREVE DE JULHO'

Companheiros,

Conscientes de que vivemos sob uma ditadura de classe que precisamos destruir.

Conscientes de que só com a violência justa dos explorados,contra a violência injusta de que somos vitimas, e que iremos destruir a ditadura dos patrões e implantar uma sociedade sem classes.

Sabendo que para atingir o nível de organização que precisamos,temos que a cada momento analisar criticamente nossos trabalhos.

Reconhecendo ainda a superficialidade deste documento,que só visa incentivar a discussão,informamos que estamos preparando um balanço sobre nossas experiências nos comitês de empresa,no sindicato,sobre a organização de greves e ocupações de fabricas.

Conclamamos todos os companheiros a discutir nossas experiências,esperando com isso,além de receber criticas,iniciar uma proveitosa troca de experiências,para a organização da classe operaria,que possa ,aliando-se aos camponeses conduzir o proletariado ao poder.

A LUTA ANTI-ARROCHO E A GREVE DE OSASCO

Considerações sobre o arrocho.

O arrocho não surgiu com o golpe de 64.Antes de 64,o poder político representava os interesses dos patrões e era dominado pela minoria totalitária patronal.Acontece,que com o golpe,o arrocho apenas centuou-se.Ele não se manifesta somente na política econômica-financeira do governo,mas em todos os setores da vida nacional , e todas as formas de repressão,quer o terrorismo cultural,quer o arrocho salarial,quer a Lei de Segurança Nacional,o acordo Mec Usaid,a lei Suplicy,etc,são formas de arrocho.Em suma,arrocho é o termo que o povo brasileiro encontrou para caraterizar a ditadura dos patrões.

Vejamos alguns objetivos e características dessa política;

a)contenção da inflação,tomando-se por base que o 'aumento dos níveis salariais é que inflaciona a economia do pais';

b)jogar nas costas do povo o ônus da crise do capitalismo;

c) o congelamento dos salários é uma forma de aumentar a taxa de lucro dos patrões sema carretar grandes aumentos nos preços dos produtos;

d) enquadramento do pais dentro do esquema do capital internacional e submissão de nossa economia dentro do espírito de que 'o que é bom para os Estados Unidos é bom para o Brasil".

Essas medidas são necessárias ao capitalismo ,em sua fase mais adiantada,o Imperialismo,para sustentar materialmente a repressão necessária contra a revolução proletária mundial,como exemplo disso temos a agressão de que é vitima o historico povo do Vietnã.Por outro lado as mesmas medidas intensificam as contradições entre as massas exploradas e a classe dominante.

Logicamente,essas medidas que vieram adaptar o pais dentro da realidade internacional do capitalismo,tem as suas conseqüências no plano interno:

a) diminuição do poder aquisitivo do povo e conseqüentemente a estagnação do mercado interno.
b) Proletarização da grande parte da pequana burguesia.
c) Falência das pequenas industrias,que vão sendo engolidas pelos grandes trustes internacionais.

O REFORMISMO E O MOVIMENTO ANTES DE 64

Antes de 64, a chamada 'burguesia nacional' reformista e liberal,acenava com reformas de base e as massas dirigidas por elementos conciliadores e também reformistas iam à reboque.

A burguesia reformista atrelou a seu carro instrumentos de lutas das massas como o PC, os sindicatos,etc,e moldou lideranças hoje reconhecidas pela massa como pelegos,traidores e reformistas.esses conciliadores não necessitavam organizar a massa para fazer sua 'jogadas' nas cúpulas e 'não entenderam' que as contradições existentes na sociedade capitalista só podem ser resolvidas pelo proletariado,sob a condução da vanguarda ,com um programa socialista e revolucionário,sendo pois necessário educa-lo,organiza-lo e conduzi-lo para estas tarefas.A burguesia reformista queria resolver sua contradição com o

imperialismo sem mudar a estrutura social e a liderança revisionista mais uma vez 'não compreendeu' que essa contradição é secundaria e nunca poderia chegar a uma forma de antagonismo,pois a contradição fundamental reside entre o capital e o trabalho,sobre as forças que produzem as riquezas 9os operários) e aquelas que detem os meios de produção(os patrões),entre o caráter social da produção e a apropriação individual dos produtos do trabalho,e que com o avanço do movimento de massas os setores mais reacionários da burguesia procurariam cortar esse processo antes que surgisse do seio da massa uma nova liderança capaz de dirigir-la para objetivos superiores aos da reforma dentro da estrutura capitalista.

MOVIMENTO OPERARIO APÓS 64

Após 64,com o golpe militar de direita,o reformismo,representado pela 'burguesai nacional' e cujos órgãos PTB,PCB,PSB,Sindicatos,etc,eram sua base social,é alijado praticamente doc enario político.Desencadeia-se no Pais uma campanha 'fascistoide' de perseguição aos elementos tidos como subversivos.Muitos fugiram,outros caíram presos,houve aqueles que foram assassinados.

O governo teve nesse primeiro momento a intenção de golpear profundamente a classe operaria.No entanto,impossibilitado de realizar tal política,eis que não tinha base social de sustentação (a pequena burguesia que dois meses antes tinha marchado com deus,pela família e pela liberdade,abandonou Castelo Branco sozinho na Praça da Sé no primeiro de Maio).

E além disso,tendo em vista a necessidade de órgãos que sirvam de válvulas de escape aos reclamos do povo,numa tentativa de evitar a organização clandestina da classe,permite eleições nos sindicatos.A liderança que teve condições de participar das primeiras eleições sindicais foi apenas aquela que trazia as mesmas posições conciliadoras de antes de 64.Agora havia uma diferença: não tinha mais a burguesia reformista para se apoiar e o proletariado,devido às amargas experiências do passado,aprendeu a lição.

A primeira tentativa dessa 'nova liderança' nos entido de poder aparecer perante a massa como alguém que luta por seus interesses foi na campanha pró-estabilidade e contra o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço.Uma outra coisa foi a resistência que os trabalhadores fizeram para não assinaem a 'nova lei',percebendo,inclusive,as razões pelas quais os patrões tanto se interessaram na opção pelo FGTS.A experiência ensina à classe que se o patrão diz que determinada lei é benéfica aos operários,o correto é exatamente o inverso da moeda,isto é,o que é bom aos olhos do patrão é nocivo aos trabalhadores.A queda da estabilidade,que havia sido conseguida à custa de luta,contrariou,profundamente os operários,porem,os pelegos não organizaram as massas,daí não se ter tido condições para movimentos capazes de derrubar o FGTS.

O arrocho slarial já fazia sentir as suas conseqüências funestas para os trabalhadores.O desemprego e arbitrariedades patronais acentuavam-no.A classe movimenta-se sem encontrar ainda uma centralização.Surge nova oportunidade de os pelegos aparecerem perante a massa.É criado o MIA órgão inter sindical de luta contra o arrocho.Porém,os pelegos são derrotados macio e seus métodos de luta conciliadores,portanto insuficientes para conduzir a luta de classe,tais como abaixo-assinados, telegramas,entrevistas com as autoridades,etc.Em cada concentração operaria, a vanguarda surgida nas fabricas aparece com palavras de ordem de organização pela base através de comitês de empresa pregando a greve como forma de luta contra ao rrocho.Essa vanguarda aglutinou-se objetivamente em torno do sindicato dos Metalúrgicos de Osasco.

Os metalúrgicos de Belo Horizonte responderam a essas palavras de ordem com a greve de onze dias, que se iniciou na Belgo-Mineira,estendendo-se a 16.000 operarios.

O surgimento da vanguarda operaria nas fabricas,merece um estudo mais profundo,pois ela é produto da necessidade da massa nesta etapa,apesar de exprimir-se ainda de maneira obscura.Como vimos,a liderança pelega não convenceu.A contradição entre o caráter social da produção e o caráter individual de sua apropriação,isto é,a necessária concentração de operários para produzirem em grande escala e de forma organizada, onde cada um cumpre a sua função, e a maneira desorganizada de como os produtos são distribuídos na sociedade,onde a minoria patronal fica com os lucros,gera uma luta constante e intensa entre os operários e patrões que vai desde as formas mais simples até os choques mais diretos e violentos,em torno dos inúmeros problemas que variam desde as reivindicações especificas de cada secção até as lutas que atingem toda a classe.

A massa com seus inúmeros problemas encontra as mais variadas formas de exprimi-los,que vão desde os contatos individuais até as formas coletivas e mais amplas de de discussões nas fabricas.De lutas como a preservação do 13° salário em 64,por problemas específicos em cada favrica (segurança,higiene,etc) levando os operários à greves parciais, inclusive,logo após o golpe,surgem aqueles que por melhor absorverem e entenderem as necessidades da classe e por se destacarem na condução destas lutas, passam a merecer a sua confiança e a partir disso são impulsionados a conduzi-la para a solução de suas necessidades e problemas do momento.Esse processo de luta é a "escola de guerra".

Nas reivindicações da classe operaria manifestam-se sempre as contradições dela com sua antagônica no poder. Neste processo, a vanguarda ,tem consciência que o que interessa a classe operaria não são apenas as concessões dos exploradores,na medida que continuará sendo explorada, mas a destruição de toda a estrutura social que possibilita a exploração.Entretanto,a vanguarda organiza a classe,a educa,e ganha sua confiança nestas lutas parciais.As vitórias obtidas nestas lutas estimulam a classe a prosseguir com reivindicações mais avançadas e dá confiança a esta emsma vanguarda, que compreende,também, a necessidade de uma organização da classe que vise a tomada do poder pela classe,com uma visão do contexto social capaz de avaliar as forças e capaz de conduzir a classe em todos os níveis de sua luta até a tomada do poder.

A tradição da luta da classe operaria brasileira é quase que só em torno do movimento sindical e,a vanguarda que surge,dada a ausência de uma organização de classe sob um programa revolucionário capaz de desenvolver as formas de luta que a conduz ao poder,acerca-se dos sindicatos e ai então surge o choque entre as direções sindicais pelegas e aquelas que têm ligações com a classe.São as chamadas oposições sindicais.

As oposições sindicais lançam as palavras de ordem de organização pela base e através dos C.E. empreendem vigorosa campanha contra os pelegos sindicais.Muita coisa já se conseguiu de concreto com o trabalho das oposições,principalmente,nas assembléias anti-arrocho programadas pelo MIA e na comemoração do último Primeiro de Maio na Praça da Sé. Essas palavras de ordem,por não virem acompanhadas de uma teoria programática que apresentasse concretamente as perspectivas e a concepção de tais formas de organização na pratica,caem no vazio.Nos setores onde existem os C.E.,estes não funcionam como devem,isto porque foram formados na 'base' da improvisação,contendo uma serie de desvios,o que prejudica muito a objetividade de luta.temos vários exemplos que demonstram por um lado o espírito de luta e o sentido revolucionário da vanguarda e por outro mostra a sua imaturidade política e inexperiência na organização da classe.

A GREVE DE OSASCO – BALANÇO CRITICO

Antes de analisarmos o que foi a greve de Osasco e o que ela representou para o M.O.,é necessário definir o que é uma greve.

O operário recebe um salário pelo trabalho que executa para o patrão.É lógico que o interesse do patrão é pagar menos salários para que seu lucro seja maior.Por outro lado, o operário,que só tem a sua força de trabalho para vender,procura vende-la pelo preço mais alto.Um operário isoladamente não tem condições de fazer frente á ambição patronal e a única forma de evitar que seu salário seja rebaixado ou conseguir que estes sejam aumentados é unir-se com outros operários que são vitimas da mesma exploração.A forma de se encaminhar esta luta é paralizando o trabalho para conseguir as reivindicações.

As greves surgem da própria sociedade capitalista,é uma forma bem simples em que se expressa a luta de classes.As greves mostram aos operários a sua força e também as do patrão.Mostram que o patrão é o seu principal inimigo e que o governo protege sempre os patrões e que também a policia existe para impedir as greves ou evitar as suas conseqüências.

A colocação da palavra de ordem 'greve',mostrou para a vanguarda operaria de Osasco o estado de revolta da classe,motivado pelas conseqüências do arrocho salarial e alta constante do custo de vida e que realmente haviam as condições objetivas para deflagrar o movimento.Todos lançaram-se na organização da greve empiricamente.Os C.E.,recém-organizados,com exceção dos da Cobrasma, tinham a principal responsabilidade nessa tarefa.Reivindicava-se aumento salarial de 38%,aumento de três em três meses do acordo com a elevação do custo de vida,contrato coletivo de trabalho por dois anos,e reivindicações especificas de cada fabrica.

A vanguarda baseava-se nas necessidades imediatas da massa,por isso as reivindicações acima citadas,mas,por outro lado,se explicava que o sentido mais importante da greve era o político, na medida em que se lutava contra a lei do arrocho salarial e contra a própria lei de greve e que aquela ação era apenas uma parte da longa luta pela derrubada da ditadura dos patrões.

Evidencia-se inexperiência dessa nova liderança na medida em que essa não soube conduzir no mesmo nível a propaganda junto às massas e a organização da vanguarda.Este descompasso entre a propaganda e a organização precipitou as condições objetivas para a greve.Empolgada com a receptividade das massas a vanguarda acaba por ficar a reboque destas, e ao invés de proceder uma analise do moemto político nacional,baixou a palavra de ordem de greve e de ocupação das fabricas,sem estar subjetivamente em condições,antecipando mesmo uma posição anterior de se tirar a greve por ocasião de dissídio coletivo.dado o caráter ainda bastante limitado dos C.E.,visto que funcionavam sem uma perspectiva clara e definida,estes passaram a se apoiar mais no aparelho sindical do que na organização da massa.A falta de clareza teórica causada pela falta de discussão política levou a vanguarda a não se preocupar em organizar uma estrutura clandestina paralela ao sindicato para dar continuidade à luta na clandestinidade.Na pratica,subestimou as forças da repressão,achando que o governo iria negociar e não reprimir violentamente,inclusive,intervindo imediatamente no sindicato.

Comparou-se o M.O. que tem conseqüências imediatas na economia e prepara a classe revolucionaria para assumir a direção do pais, e por isso é bastante temível pela reação,com movimentos de setores da pequena burguesia (estudantes,artistas,etc) que por maiores perigos à classe dominante.Esse imediatismo foi sentido em todos os momentos posteriores e que obrigou a improvisações.A ocupação das fabricas devido à falta de clareza,à não planificação foi também improvisada,deu a greve um caráter insurrecional,quando a mesma era localizada e feita a partir de reivindicações da classe e não a partir de imposições que a colocasse num enfrentamento definitivo com aburguesia.Com isso não queremos dizer que nas próximas lutas a tática de ocupação de fabricas não deva ser utilizada.

No passado,antes de 64,a pelegagem decretava greves e mandava os operários para suas casas.Agindo assim desmobilizavam a classe evitando que ela mantivesse unida e discutindo problemas que lhe estavam afetos,para que os conchavos com os

patrões não encontrassem resistência nas bases operarias.A outra importância da ocupação está no fato que as greves com ocupações de fabricas,experiências recém iniciada no Brasil,ultrapassam os limites das reivindicações normais dentro do capitalismo.Independentemente das reivindicações grevistas a ocupa~ção temporária das empresas acerta um golpe no ídolo da propriedade capitalista.Toda greve de ocupação,independente do objetivo reivindicatório que a determinou,coloca na pratica o problema de saber quem é o dono da fabrica: o patrão ou os operários.A ocupação poderia se dar com prazo determinado,objetivando discussão política com toda a massa nos entido de se ter consciência do próprio significado das ocupações,sobre os objetivos da greve e a necessidade de sua extensão a outras fabricas.Quando as fabricas fossem desocupadas a massa deveria sair mobilizada para ações praticas como piquetes,panfletagem,etc,em outras fabricas ainda não em greve,e através da organização por bairros permaneceria em constante mobilização,objetivando discussão política,em grupos pequenos se assim o exigissem as condições de segurança.A greve de Osasco mostrou que é possível conduzir a classe para um enfrentamento com a ditadura patronal,sendo para isso necessário organiza-la.Significa uma nova e grande experiência para todo o movimento revolucionário brasileiro.

Apesar de ter sido propragado pela imprensa burguesa e alguns oportunistas de 'esquerda' que a greve de Osasco não havia conseguido nenhum de seus objetivos,há fatos que falam bem alto para a massa: os aumentos recebidos pelos operários de varias fabricas (Cobrasma de 15 à 35%. Cimaf 10%,etc),indenização aos companheiros demitidos,e o atendimento das reivindicações especificas como : higiene,segurança,insalubridade,enfermaria,etc,que vem se dando à partir da greve,deixa claro aos operários que: isto são vitórias parciais da greve;a greve é uma forma de luta para conseguirmos as nossas reivindicações;pois se obtemos melhores resultados em nossa luta necessitamos elevar o nosso nível de organização,e aumentar as discussões políticas para despertar a consciência de luta nos mais amplos setores da massa.

Com a greve,o sindicato caiu na mão de policiais,centenas de companheiros foram presos,dezenas perderam seus empregos,grande parte perdeu seus dias de trabalho,muitos companheiros estão na ilegalidade e apesar disso tudo ninguém se arrependeu de ter aderido à greve,aqueles que não aderiram ao movimento são desprezados pelos companheiros,o que não significa que para as próximas lutas não se deva discutir,e aprofundar com eles nos entido de que avancem e participem do movimento.

Ficou claro para as lideranças que:

1) Apesar da repressão brutal que impossibilitou a extensão e continuidade da greve,a demonstração do nível da luta de classe,fez os patrões cederem em varias reivindicações.
2) A brutalidade da repressão foi prejudicial para o movimento em si,porém benéfica a longo prazo,dado o avanço político da massa,com o desmacaramento da ditadura,deixando claro que reprimirá violentamente qualquer luta justa da classe trabalhadora.
3) Na luta a classe elevou o seu nível de cosnciencia devido a realização de assembléias, discussão política possibilitando maior aceitação das palavras de ordem das lideranças, e o surgimento de novas lideranças o que facilitou a organização dos mais amplos setores da massa,que vem se dando através da formação de núcleos clandestinos para discussão política e realização de ações praticas.

Apesar de tudo o que houve a disposição de luta continua e isso nos permite dizer que 'os homens que se sujeitam e resistem a tais calamidades para quebrar a resistência de meia dúzia de burgueses, saberão sem duvidas também quebrar a força de toda a burguesia".

PERSPECTIVA PARA O FUTURO DA LUTA

Os setores conscientes da classe operaria,sua vanguarda,não podem ter mais duvidas quanto à existência das condições objetivas de se fazer greves.Só falta criar condições subjetivas,que se resumem na organização da classe.Aproxima-se o dissídio coletivo para todas as categorias, sabemos que dentro das leis do arrocho o aumento não corresponde nem a metade da elevação do custo de vida no ano de 68,isso sem contar o que perdemos nos anos anteriores.Os pelegos sindicais, percebendo a disposição da classe,mais uma vez farão, manobra para engana-la,dizendo que 'não entraremos em dissídio,exigiremos um aumento salarial digno e se não for concedido entraremos em greve".Essa tática oportunista já é velha e também conhecemos a sua saída.Se o sindicato não entra em dissídio o patrão entra,e daí eles dirão que 'não estamos preparados para a greve,que ninguém tem o direito de,numa aventura,jogar pais de família no abismo,etc".

Os pelegos para sobreviverem se apóiam na desorganização da classe.A vanguarda para ser a direção autentica da classe deve organiza-la e apoiar-se na sua organização.O arrocho salarial está ai´.A tatica para combate-lo é a greve.No processo das greves ,a vanguarda amadurecerá como direção e a classe compreenderá que o arrocho é apenas uma faceta de poder patronal e que só ficará livre dos arrochos quando derrubar esse poder numa luta prolongada,debaixo de um programa socialista revolucionário de libertação.

A tarefa da vanguarda de cada categoria,de cada fabrica é preparar as condições subjetivas de organização,para com ou apesar dos pelegos,lutarmos concretamente por o aumento salarial menos injusto.Desde já deve-se iniciar a formação dos comitês de greves por secção, por fabricas e por municípios.Não devemos nos iludir nesta etapa com uma greve geral.Devemos sim,concentar nossas forças nas fabricas onde existam melhores condições de greve.Lembrem-se que a greve de 16.000 metalurgicos mineiros,até o 6° dia só acontecia na Belgo Mineira e em Osasco,a greve iniciou-se em quatro fabricas,estendendo-se só a partir do dia seguinte.Uma greve apavora os patrões para trabalharem para eles próprios na medida em que lutam por seus interesses,ela coloca em duvida aqueles que se julgam senhores onipotentes dos meios de produção,ela leva os patrões a fazerem concessões e arrasta companheiros de outras fabricas à adesão,não somente em solidariedade,mas porque são vitimas da mesma exploração e são encorajados a tomar posição.

Os grevistas de Osasco e a sua vanguarda levam as seguintes reivindicações de caráter geral e as propomos a outras categorias na certeza de que vão ao encontro dos interesses de toda a classe:

a) aumento salarial de acordo com a elevação do custo de vida.
b) Contrato coletivo de trabalho,isto como forma do combate ao desemprego.
c) Aumento salarial de três em três meses.

As reivindicações especificas de cada fabrica devem ser levantadas 'in loco' pelos companheiros,pois ajudará muito na mobilização da massa.

PARALIZAÇÃO

A paralização de cada fabrica deve apoiar-se na organização dos Comandos Clandestinos internos.A forma da paralização através de piquetes nas portas de fabrica está superada,o piquete deve ser fator de estimulo para que outros adiram ao movimento e não como fator de imposição no sentido de se aderir à greve.A pratica demonstrou que a forma mais correta e educativa para a massa é a greve partindo da organização interna através dos comandos clandestinos de cada secção,parando uma a uma,com a massa de cada secção para engrossar as

fileiras e indo parar as outras.isso funciona se existir organização,estimula os vacilantes e impede a identificação dos lideres.A saída das fabricas deve ser em amssa pois grupos isolados tornam-se fáceis para a repressão.
Os comandos clandestinos da greve devem ser organizados ao nível de cada secção, cada fabrica, cada município. Com o avanço do processo, será necessário a formação de comandos gerais a fim de coordenar a luta em nível nacional.

Esta é a experiência dos trabalhadores de Osasco.O objetivo deste documento é fornecer dados de analise a toda vanguarda revolucionaria brasileira na luta pela transformação social, pelo socialismo.

JOSE´ IBRAHIN
JOSÉ CAMPOS BARRETO

OUTUBRO DE 1968.

6.CEDAC- CONTRIBUIÇÃO PARA UM PROGRAMA DE AÇÃO SINDICAL
(Seminário de Cachoeira de Macacu-RJ,maio de 1980)

1- dentro da crise de governo que estamos presenciando, que é reflexo dos índices da crise econômica do sistema imposto pelo golpe militar de 1964, e que no Brasil é mais acentuada por sua condição de pais dependente,cujo modelo econômico transformou o pais em paraíso das multinacionais,aumentando a exploração dos trabalhadores.E,no momento em que a greve do ABCD mais uma vez pôs a nu e desmacarou na pratica a chamada 'abertura' da ditadura,mostrando que são as lutas sociais que impulsionam o avanço democrático, impõe-se a urgência que o movimento sindical,para ser fiel à tradição histórica do Movimento Operário Brasileiro,intensifique sua atividade pela transformação da atual estrutura sindical vertical,antidemocrática e antioperaria a serviço do Estado e das multinacionais,em uma estrutura autônoma,independente,democrática a serviço dos trabalhadores em geral.

2- A realização deste objetivo está condicionada pelo conhecimento concreto que tivermos da situação sindical do Brasil.Em primeiro lugartemos que enfrentar dirigentes pelegos ou acomodados,inteiramente a serviço do Governo.A situação sindical,também, é dificultada pela atitude por vezes irracional de intolerância e sectarismo de certos setores ligados ao movimento sindical.Há também a posição de diretores que se dizem de oposição,mas que não levam adiante um trabalho de base com o objetivo de transformar a estrutura sindical atual,preferindo os conchavos de cupula.

Na perspectiva do novo sindicalismo estão os sindicalistas autênticos e combativos que, a partir de reivindicações concretas da base, lutam para mudar a situação sindical do paie.
O conhecimento dessa situação concreta das varias correntes presentes no movimento sindical, ajuda a nos situarmos concretamente na luta.O êxito deste trabalho está ligado à capacidade de se conduzir a campanha pela organização de mais e mais comissões nos locais de trabalho e moradia,frações e coordenações locais,estaduais e nacionais.Este trabalho deve ser realizado simultaneamente com a discussão do programa do movimento sindical, visando alcançar a unidade para a ação política da classe,pela conquista das reivindicações permanentes,mediatas e imediatas do movimento operário e camponês.

3- Entendemos como 'tarefas permanentes' e questões principais do programa,aquelas que são válidas em qualquer regime,tenha ele a cor que

tiver,tais como: autonomia com relação aos Partidos,sejam eles de esquerda ou de direita; independência com relação ao Estado e ao Governo;incompatibilidade do exercício de cargo dirigente em qualquer Partido,e ao mesmo tempo no Sindicato ou qualquer uma de suas organizações de infraestrutura.

4- Como 'tarefas mediatas' do programa,entendemos aquelas cujas conquistas dependem da transformaão sem entido democrático do atual regime e,implicam na criação de coordenações locais de Sindicatos,confederações estaduais agrupando as federações e as Confederações estaduais unidas nacionalmente por meio de uma Confederação Geral dos Trabalhadores do Brasil (CGTB).Como para o Sindicato,igualmente nas Federações e Confederações,todos os cargos eletivos devem ser preenchidos pelo voto direto dos trabalhadores sindicalizados.

O fato da execução destas tarefas dependerem da queda do regime,não significa que não se deva lutar por elas desde já.Mas devemos levar em conta que se trata de meio de educação e propaganda da classe trabalhadora, e não de tarefas de ação imediata,porque nos levaria ao sindicalismo paralelo,o que seria um desastre.

Para a luta da transformação democrática do regime, o movimento sindical deve se relacionar com as lutas mais amplas da sociedade,isto é,a luta por uma Assembléia Constituinte livre e soberana,especialmente convocada para elaborar uma nova Constituição,que assegure: o fim da Lei de Segurança Nacional, a nacionalização do capital estrangeiro,medidas de encaminhamento da Reforma Agrária com a participação dos assalariados e camadas não assalariadas do campo e a nível propriamente sindical,a eliminação da CLT,substituindo-a por um Código do trabalho,sendo fundamental que seja elaborado pelo Movimento Sindical,devendo-se pressionar os Partidos a endossar este projeto.

4- Como 'tarefas imediatas'entendem-se as lutas pelas reivindicações do 'dia a dia' de certas empresas,categoria ou município e,as de âmbito nacional e de interesse de todos os trabalhadores: liberdade sindical,luta pela estabilidade no emprego,luta contra a política salarial do Governo,pela Convenção Coletiva de Trabalho,diretamente negociada com os patrões,pelo direito de greve,pelo salário desemprego,pelo pagamento (?),pela Previdência Social de todas as despesas dos Sindicatos nos serviços de assistência medico-dentaria e, o emprego desses recursos pelo Sindicato na organização de escolas de aprendizado profissional,cursos e seminários para a formação de quadros sindicais,serviços de divulgação e informação,pela moralização da Previdência Social,visando coloca-la a serviço dos seus contribuintes,campanha de sindicalização,e pela jornada de 40 horas,pela proibição do 'trafego moderno de mão de obra' (bóias frias e trabalhadores temporários e sublocados na cidade).

É intensificando as lutas por estas tarefas que o movimento sindical vai criando suas formas de luta e de organização autônomas,como as comissões nos locais de trabalho e de bairro,as comissões sindicais de base no campo.Este é o processo de acumulação de forças para alterar o poder político na sociedade.

6-Claro que cada bloco destas questões, no fogo dos debates com as massas que devem ser os mais amplos e democráticos,sem prejuízo das normas de segurança,muitas outras questões serão propostas e deverão ser incorporadas ao programa.

7- Diante do trabalho que temos pela frente, propomos que todos os grupos,núcleos e comissões do Movimento de Oposição contra a Estrutura Sindical Atual, discutam este documento,façam as emendas que julgarem necessárias, organizem seus Encontros regionais, elejam seus delegados e encaminhem suas resoluções ao Encontro Nacional.

8- A ação sindical no campo deve ser encaminhada numa perspectiva de unidade entre trabalhadores agrícolas e trabalhadores urbanos.
Os trabalhadores agrícolas organizados nos Sindicatos, devem lutar coletivamente pela legalização da posse,plantando e construindo tudo o que assegure a permanência na terra;defesa dos minifúndios e pequenas propriedades,pela defesa e uso coletivo das terras devolutas.
Os pequenos produtores agrícolas,colaborando com os trabalhadores urbanos e as cooperativas populares devem lutar contra os atravessadores e intermediários, conseguindo assim, justo preço para a produção.
Frente à situação dos bóias frias e demais assalariados agrícolas,devemos lutar pela conquista da estabilidade no emprego,justo salário e condições nimimas de trabalho e de vida.
O fortalecimento do sindicalismo independente e combativo,exige de nós a dinamização da informação ,a formação política dos trabalhadores e a criação de uma articulação nacional, unindo as experiências de base e os sindicatos combativos.

9- Diante da corrida armamentista e do risco de uma nova guerra mundial reafirmamos nossa adesão ao principio de solidariedade internacional entre os trabalhadores,apoiamos a política dos paises não-alinhados que sustentam a luta pela autonomia entre as nações, por uma nova ordem econômica internacional e pela eqüidistância com relação aos blocos político-militares.

Rio, 5/ 1980

Bibliografia FGM:

- Frank Giorgi.”Soufflons Nous-Memes Notre Forge.Une histoire de la fédération de la métallurgie CFTC-CFDT.1920-1974”.Les éditions Ouvriérés.1991

- Pierre COURS-SALIES. “La CFDT.Un passé porteur d’avenir.pratiques syndicales et débats stratégiques depuis 1946”.La Bréche.Paris.1988

- Hervé Hamon/Patrick Rotman.”La Deuxiéme gauche.histoire intellectuelle et politique de la CFDT”.Editions Ramsay.1982

- Michel Branciard.”Histoire de la CFDT.soixante-dix ans d’action syndicales”.éditions la découverte.1990

- Michel Branciard. “La CFDT”.’que sais-je?’.PUF.1986

-“La CFDT”. Éditions du Seuil.1971

- La CFDT em questions.Gallimard.1984

- Paul Vignax.”de la CFTC à la CFDT.syndicalisme et socialisme.’Reconstruction(1946-1972)”.Les éditions Ouvrieres.1980

- Paul Vignaux.”tradicionalisme et Syndicalisme.essai d’Histoire sociale (1844-1941).éditions de la Maison Française.New York.1943

- Paul Vignaux.Un intellectuel Syndicaliste.Syros.1988

- jules Zirnard.”Cinquante Années de Syndicalisme Chrétien”.éditions SPES.Paris.1937

- Lê Mouvement Ouvrier.Cfdt réflexion.1978

- “La cfdt, qu’est-ce que c’est ?”.cfdt-information.1978

- “Positions et orientations de la cfdt”.cfdt-reflexion.1978

- ‘L’autogestion”.cfdt-information.1978

- Analiser les conditions de travail.cfdt/pratique syndicale.1978

- CFDT.Les dégats du progrés.éditions du Seuil.1977

- Edmond Maire.”CFDT.pour um socialisme democratique.contribuition de la CFDT”.epi éditeurs.1971

- Edmond Maire.”Reconstruire l’espoir”.éditions du Seuil.1980

- Edmond Maire.”Demain l’autogestion”.Segher.1976

- Fredo Krumnow.”CFDT au Coeur”.Syros.1977

- Eugene Descamps. “Militer”. Fayard.1971

- A.Detraz,F.Krumnow,E.Maire.”La CFDT et l’autogestion”.cerf.1973

- Daniel Mothé.”Autogestion y condiciones de trabajo”.zero.1979

- Daniel Mothe.”Autogestion et Conditions de travail”.cerf.1976

- Daniel Mothé. “Militant chez Renault”Éditions du Seuil.1965

- Daniel Mothé. “Le métier de militant”.Seuil.1973

- Michel Branciard. “Syndicats et Partis.Autonomie ou dépendance.1879-1947.Tome 1.Syros.1982

- Michel Branciard.”Syndicats et Partis.1948-1981.Tome 2.editions Syros.1982

- Jeanne Bouvier.Mes mémoires.Une syndicaliste féministe.1876-1935”.La Decourverte/Maspero.1983

- Jeannette Laot.”Stratégie pour les femmes”.Stock.1981

- ‘notre arme c’est la gréve’.la gréve chez Renault-Cléon.cahiers libres.françois maspéro.1968

- Robert Brécy.”La Greve Générale em France”.EDI Paris.1969

- “dês Soviets à Saclay ?”.cahierslibres.FM.1968

- “La gréve à Flins”.cahiers libres.FM.1968

- "La Section Syndicale d'Entreprise.CFDT".N.spécial HA.CUI.TEX.sd.

- D.Bleitrach et A.Chenu."L"Usine et l aVie.Luttes régionales: Marseille et Fos".FM.1979

- Georges Douart."L'Usine et l'homme".Plon.1967

- "Ouvriers – étudiants un seul combat!". "Partisans" Mai-Juin 1968

- Simone Weil."La Condition Ouvriére".Gallimard.1951

- Maurice Halbwachs."L'evolution des Besoins dans les classes ouvriéres".Librarie Felix Alcan.1933

- Charles Piaget."LIP".Stock.1973

- Flora Tristan."Promenades dans Londres ou l'aristrocratie & les proletaires anglais".FM.1978

- Flora tristan."Union Obrera'.editorial fontamara.1977

- Georges Lefranc."Juin 36."l'explosion sociale' du front Sociale.Collection archives Julliard.1966

- Daniel Guerin."front populaire révolution manquée.temoignage militant".FM.1970

- Daniel Guerin."autobiographie de jeunesse".P.belfond.1972

- Denis Berger,Henry Weber,Jean-Marie Vincent. "La V Republique á bout de souffle".galilée.1977

- Edgar Mourin."Autocritique".Seuil.1970

- Robert Mencheri."Guerre Froide greves Rouges".Sylepse.1998

- Jacques Ranciere."La nuit dês proletaires.Archives du revê ouvrier".Hachette Fayard.1981

- La parole ouvriére 1830-1851.UGE.Collection 10/18.1976

- Alain Bihr."Da Grande Noite à Alternativa.O movimento operario europeu em crise".Boitempo.1998

- Jean lojkine."O tabu da gestão.a cultura sindical entre contestação e proposição".DP&A editora.1996

- G.couffignal,r.mouriaux.m.revelli,etc.
"Les syndicats européans et la crise".P.U.Grenoble.1981

- "Luttes ouvriéres em espagne",1972-1973.CCOO.Nouvelles editions Populaires.

- D.Grisioni.H.Portelli.”luttes ouvriéres em Italie de 1960 à 1976”.aubier Montaigne.1976

- Lucio Magri.”considerazioni sui Fatti di maggio”.de Donato editore.1968

- “L’experience portugaise.Un bilan aprés lê 25 novembre 1975”.Cedetim/FM.1977

- F.Oliveira Baptista.”Portugal 1975 – os campos”.Afrontamento.1978

- Georges Couffignal.Les sybdicats italiens et la politique.P.U.Grenoble.1978

- “Esprit”.La france des français.dec.1957

- Henri Arvon.”Lê gauchisme”.PUF.1974

- Henri Arvon.”L’autogestion”.PUF.1980

- Manifeste du parti socialiste unifié.controler aujourd’hui pour décider demain.tema édition.1972

- ‘L’utopie realiste.une autre logique économique pou la gauche”.PSU.C.Burgois Editeur.1977

- André Gorz.”Reforme et Révolution”.éditions du Seuil.1969

- André Gorz. “estratégia obrera y neocapitalismo”ERA.1969

- Serge Mallet.”La nouvelle classe ouvriere”.editions du Seuil.1969

- Serge Mallet.”Le Pouvoir Ouvrier.bureaucratie ou démocratie ouvriére”.editions anthropos.1971

- Pierre Belleville.”Une Nouvelle Classe Ouvriere”.Julliard.1963

- FGM Une strategie d’action pour les métallurgistes.36 congres fgm-cfdt.grenoble 25-28 avril 1974.

- 36e Congress confederal cfdt.nantes du 30 mai au 3 juin 1973.Syndicalisme cfdt

- 41e Congrés.Strasbourg 1988.Syndicalisme cfdt.

- La CFDT répond a treize questions sur l”autogestion.Syndicalisme Magazine,nov. 1972

- Les droits nouveax.cfdt.1982

- La revue de la CFDT.Dossiê CFDT-CUT uma solidariedade sindical em ato.2005

- Scott Mainwaring.”A JOC e o surgimento da igraja de base (1958-1970).”vozes.

FIM !